

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Programa de Pós-Graduação em História  
Doutorado em História

Álvaro Saluan da Cunha

**As batalhas através dos periódicos: a guerra contra o Paraguai e as trajetórias de  
Henrique Fleiuss e Angelo Agostini na imprensa entre 1864-1870**

Juiz de Fora

2023

ÁLVARO SALUAN DA CUNHA

**As batalhas através dos periódicos: a guerra contra o Paraguai e as trajetórias de  
Henrique Fleiuss e Angelo Agostini na imprensa entre 1864-1870**

Juiz de Fora

2023

ÁLVARO SALUAN DA CUNHA

**AS BATALHAS ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS: A GUERRA CONTRA O  
PARAGUAI E AS TRAJETÓRIAS DE HENRIQUE FLEIUSS E ANGELO AGOSTINI  
ENTRE 1864-1870**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da  
Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito final para  
obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maraliz de Castro Vieira Christo

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

da Cunha, Álvaro Saluan.

As batalhas através dos periódicos : a guerra contra o Paraguai e as trajetórias de Henrique Fleiuss e Angelo Agostini na imprensa entre 1864-1870 / Álvaro Saluan da Cunha. -- 2023.  
489 p. : il.

Orientadora: Maraliz de Castro Vieira Christo

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2023.

1. Guerra contra o Paraguai. 2. Imprensa ilustrada. 3. Angelo Agostini. 4. Henrique Fleiuss. 5. Século XIX. I. Christo, Maraliz de Castro Vieira, orient. II. Título.



ÁLVARO SALUAN DA CUNHA

**AS BATALHAS ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS: A GUERRA CONTRA O  
PARAGUAI E AS TRAJETÓRIAS DE HENRIQUE FLEIUSS E ANGELO AGOSTINI  
ENTRE 1864-1870**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: História, Cultura e Poder.

Aprovada em 4 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maraliz de Castro Vieira Christo - Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Mota Barbosa  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Kluck Stumpf

Universidade de São Paulo

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucia Maria Bastos Pereira das Neves  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Joaquim Marçal Ferreira de Andrade  
Biblioteca Nacional

Juiz de Fora, 04/12/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Silvana Mota Barbosa, Professor(a)**, em 05/12/2023, às 15:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Maraliz de Castro Vieira Christo, Professor(a)**, em 05/12/2023, às 18:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Lucia Kluck Stumpf, Usuário Externo**, em 06/12/2023, às 15:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Lucia Maria Bastos Pereira das Neves, Usuário Externo**, em 17/12/2023, às 13:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, Usuário Externo**, em 10/01/2024, às 19:04, conforme horário oficial

de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1586365** e o código CRC **1AD70EF6**.

*Nayara e Álvinho: obrigado por trazerem mais cor ao meu  
mundo.  
Vó Zelina (in memoriam) e mãe: se não fosse por vocês, eu  
jamais chegaria até aqui.*

## **Agradecimentos**

Escrever essa tese foi, talvez, uma das tarefas mais hercúleas da minha vida. No entanto, ela nem se compara a árdua, mas prazerosa missão de ser pai. E, no meio de gravuras, livros e escrita, a vida me desafiou com essa tarefa. Desta maneira, o meu agradecimento mais que especial vai para a minha companheira, Nayara, que me aturou por meses à fio no estresse desta epopeia, e meu amado filho, Álvino. Neste período de conclusão do processo de doutoramento, poder dormir e acordar ao lado de vocês foi essencial para que eu me lembrasse dos motivos que me fizeram acreditar e relembrar não só nos meus estudos e nos impactos que eles tiveram em minha vida, mas também em novamente me ver como um professor, um formador, um pesquisador. Nayara e Álvaro: vocês são a minha vida, e nenhum agradecimento será o suficiente para expressar minha gratidão.

Digo isso, pois, ao passarmos por um longo período pandêmico, não só nossa sanidade, mas todos os outros aspectos da nossa vida foram testados. E, em vários momentos, confesso ter me sentido inferior, incapaz, desinteressante e uma fraude. Creio que todos tiveram problemas assim, mas durante a tese essas crises e incertezas foram extremamente complexas. Mas, dentro de mim, sempre havia uma voz me dizendo que esse era o caminho a ser seguido. “Não desista”, ela dizia. A essa voz, esse ímpeto constante dentro de mim, também faço o meu agradecimento. Afinal de contas, só nós sabemos as dores e as delícias desses quase cinco anos intensos. E sim, a voz sou eu mesmo.

E, corroborando com ela, estavam ao meu lado, virtualmente ou não, diversas pessoas, que, por sorte (ou azar), posso chamar de amigos. Uns mais próximos, outros nem tanto, mas sempre presentes quando a dificuldade aperta.

Ironicamente, a graduação e as pós-graduações em História me trouxeram bons e desafiadores amigos. E, em meio a jocosidade masculina, agradeço imensamente aos meus queridos companheiros de EPHIS, João Victor (ex-New) Callegari, Edmo Videira e Luís Roberto, que sempre trouxeram diferentes perspectivas sobre teoria, história e várias outras coisas. Do jeitinho peculiar de vocês, acabaram me ajudando. Amo vocês.

Através deles, outros personagens entraram em nossa sitcom da vida real, sempre engrandecendo os debates, mas antes trazendo toda a ironia do mundo. Raphael, Ricardo, Helena, Felipe e Henrique, agradeço a vocês por fazerem parte deste coro de loucos, sempre apresentando novos pontos para nossos infundáveis debates. Vocês são demais.

Além deles, agradeço também aos meus amigos samolenses, Guizão, Camurça, Pedrinho, Hugo, René, Deb, Guido e Matheuzinho, que sempre tiveram paciência (ou melhor...

fingiram ter) em ouvir minhas lamúrias sobre este trabalho que não parecia ter fim (e que realmente não tem).

Marlon, Renan e Lucas, grandes vozes na minha cabeça durante a pandemia, que me fizeram companhia virtual ao longo de quase dois anos de jogatina e muitas conversas. Vocês apareceram no momento que eu mais precisava. Agradeço demais por toda a preocupação durante esses últimos anos, meus amigos.

Agradeço também a minha amada mãe, que sempre me incentivou nesta caminhada, mesmo sem entender muito bem qual trajeto eu percorria, me aconselhando a seguir adiante, sempre. E digo o mesmo de minha falecida avó, Dona Zelina, que sempre zelou pelos estudos dos seus netos. Muito obrigado.

Aos meus irmãos, Felipe e Gabriel, que sempre me incentivaram a seguir esse caminho, mesmo sabendo que ele não seria nada fácil.

Gostaria de agradecer também a vários dos pesquisadores que tive a oportunidade de conversar ao longo destes anos pesquisando o conflito contra o Paraguai e outros aspectos da História da Arte: Raphael Braga, Paulo Knauss, Aldeir Faxina, Lúcia Stumpf, Carlos Lima, Arthur Valle, dentre outros. Vocês foram e são inspiração para mim. Muito obrigado.

Agradeço também a professora Silvana, que logo após minha qualificação no mestrado, me “cercou” no corredor e sugeriu que eu fizesse a seleção de doutorado, prevendo que dias piores chegariam. E chegaram. Se não fosse pelo seu empurrão, eu talvez não estivesse aqui.

Aproveito também para mencionar os companheiros e companheiras do Laboratório de História da Arte (LAHA), ao longo destes últimos oito anos e, mais ainda, a professora Maraliz Christo, que aceitou a tarefa (que não deve ser nada fácil), de me orientar. Agradeço eternamente a você por ter acreditado em mim quando nem eu mesmo acreditava.

À Biblioteca Nacional, responsável pela Hemeroteca Digital, que teve todo o cuidado de salvaguardar e digitalizar todas as fontes utilizadas neste trabalho, permitindo que, mesmo com a pandemia, a pesquisa pudesse seguir.

Aos diversos autores aqui citados. Cada um de vocês é parte essencial deste trabalho e de vários outros. Obrigado por compartilharem seus conhecimentos.

Por fim, menciono também a CAPES, que foi essencial para que esta pesquisa fosse executada, o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, que sempre prestou a devida assistência e a própria Universidade Federal de Juiz de Fora, que foi, é, e sempre será minha segunda casa. Sou imensamente grato por ter vivido os 12 anos mais incríveis da minha vida podendo fazer parte dela. A educação, através da universidade,

transformou radicalmente minha vida, me levando a lugares que eu sequer poderia imaginar chegar.

*Nunca houve uma guerra boa nem uma paz ruim.*  
Benjamin Franklin



## **Resumo**

A guerra contra o Paraguai, ocorrida entre 1864 a 1870, teve uma série de desdobramentos, não só na história brasileira, mas também na região compreendida como o Cone Sul. E um desses desenvolvimentos se refere à imprensa ilustrada da época, que tinha como objetivo narrar os acontecimentos ocorridos no Sul, mas de maneira visual, mudando a relação dos espectadores com as imagens. Assim, artistas como Henrique Fleiuss e Angelo Agostini, foram essenciais para a difusão de uma cultura visual no país, enfatizando-se aqui os exemplos de Rio de Janeiro e São Paulo. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa consiste em analisar as trajetórias de ambos os artistas no período do conflito, bem como suas produções visuais, sendo esta uma forma de compreender suas diferentes perspectivas e posicionamentos ao longo da guerra sobre questões como o Império, o alistamento militar e o próprio confronto em si. Além disso, serão observados os principais momentos cobertos por ambos os periódicos, que serão confrontados com fontes primárias e a historiografia sobre o conflito e os próprios artistas, buscando interpretar os acontecimentos e as diferentes perspectivas adotadas por eles.

**Palavras-chave:** Guerra contra o Paraguai, imprensa ilustrada, Angelo Agostini, Henrique Fleiuss, gravuras.

## **Abstract**

The war against Paraguay, which took place between 1864 and 1870, had a series of developments, not only in Brazilian history, but also in the specific region such as the Southern Cone. And one of these developments was referred to the illustrated press of the time, which aimed to narrate the events that took place in the South, but in a visual way, changing the spectators' relationship with the images. Thus, artists such as Henrique Fleiuss and Angelo Agostini were essential for the dissemination of visual culture in the country, emphasizing examples from Rio de Janeiro and São Paulo. Therefore, the objective of this research is to analyze the trajectories of both artists during the conflict period, as well as their visual productions, this being a way of understanding their different perspectives and positions throughout the war on issues such as the Empire, conscription military and the confrontation itself. Furthermore, the main moments covered by both newspapers will be presented, which will be presented with primary sources and the historiography about the conflict and the artists themselves, seeking to interpret the events and the different perspectives imposed by them.

**Keywords:** War against Paraguay, illustrated press, Angelo Agostini, Henrique Fleiuss, engravings.

## Lista de ilustrações

**Figura 1:** Sr. Dr. Semana, a sua valiosa e autorizada saudação, é pra mim o que o dinheiro é para os avaros: uma verdadeira preciosidade. Farei por acompanhá-lo na brilhante carreira que leva, no empenho de premiar a virtude de castigar o vício. **O Cabrião**, 11 de novembro de 1866, n. 7.

**Figura 2:** “– Embora derrotado, hei de continuar a sustentar a minha candidatura pela imprensa. Se for preciso escreverei no próprio “Times”, e se mais mundo houver lá chegarei. ‘Dr. Semana’ – Oh! Aquele é o tal do “Cabrião”? Se pretende nos amolar como diz, decididamente tomo-o a minha conta. ‘Moleque’ – Faz bem, nhônhô, porque ele é sofrivelmente feio. **O Cabrião**, 23 de junho de 1867, n. 38.

**Figura 3:** Igualdade perante a lei, com a pequena diferença que a justiça é para todos, mas os favores só aos amigos. Quem te viu e quem te vê: *casse-trop et aussi Adé*. **Semana Ilustrada**, 12 de maio de 1867, n. 335.

**Figura 4:** A verdadeira imparcialidade não tem limite. **O Cabrião**, sem data, n. 2.

**Figura 5:** Obrigadíssimo, estimável colega, obrigadíssimo: suas amigáveis palavras encheram-me as medidas. **O Cabrião**, sem data, n. 2.

**Figura 6:** Expulsão de um incendiário. 3 de agosto – Some-te monstro da discórdia. Teu facho incendiário nunca produziu o malvado intento. Entre nós e os heróis da pátria reinou sempre a mais perfeita harmonia. Somos todos interessados na desafronta da honra nacional e no engrandecimento do Império. **Semana Ilustrada**, 8 de março de 1868, n. 378.

**Figura 7:** Cópia fidelíssima da passagem de Humaitá, publicada pela *Semana Ilustrada*. **Vida Fluminense**, 28 de março de 1868, n. 13.

**Figura 8:** Combate e Passagem de Humaitá Episódio Naval. **Suplemento da Semana Ilustrada**, 22 de março de 1868.

**Figura 9:** Por cima e por baixo do rio Paraguai. Por cima: os homens esfregam-se como se fossem peixes vorazes. Por baixo: os peixes folgam e banqueteam-se como se fossem homens civilizados. **A Vida Fluminense**, 4 de abril de 1868, n. 14.

**Figura 10:** Um pesadelo horrível. **A Vida Fluminense**, 11 de abril de 1868, n. 15.

**Figura 11:** Bernardino, rei dos práticos. Episódio da guerra do Paraguai, passado a bordo do encouraçado Lima Barros na ocasião da abordagem do dia 2 de março. **Semana Ilustrada**, 5 de abril de 1868, n. 382.

**Figura 12:** Episódio da guerra do Paraguai a bordo do *Lima Barros* durante a abordagem de 2 de março. (copiado fielmente da *Semana Ilustrada*). Por engano, em vez da torre do

encouraçado fizeram o chapéu do Sr. C. Ottoni! **A Vida Fluminense**, 11 de abril de 1868, n. 15.

**Figura 13:** Um acesso de Vida-Fluminensite aguda. – Tenha paciência, nhonhô. Confie em papai Lindo que é um ótimo enfermeiro. Tome este requentado de Cuevas, Mercedes, Riachuelo, Humaitá e outros adstringentes; tome que há de ficar mais aliviadosinho e talvez ainda possa viver cem mil anos. Quem diria, nhonhô, que em tão pouco tempo havia de ficar neste estado? Que moléstia danada! Nhonhô andava tão gordinho e forte... **A Vida Fluminense**, 9 de maio de 1868, n. 19.

**Figura 14:** A última transformação do Dr. Semana. **A Vida Fluminense**, 20 de junho de 1868, n. 25.

**Figura 15:** Os suplementos para crianças. Conhecendo que já não pode mais agradar à gente sensata, contenta-se a Semana Illustrada em divertir os meninos. **A Vida Fluminense**, 4 de julho de 1868, n. 27.

**Figura 16:** Vista geral do theatro da guerra: feita a voo de pássaro por James Allen. **Suplemento da Vida Fluminense**, 1868.

**Figura 17:** Vista geral do theatro da guerra: feita a voo de pássaro por James Allen. Tecido estampado, 69 x 79 cm. Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.

**Figura 18:** À força de suplementos para – crianças – os assinantes da Semana Lustrada convenceram-se que tinham voltado aos primeiros anos de sua infância, pelo que foram, e comissão, pedir ao cabeludo que lhes fornecesse amas secas. **A Vida Fluminense**, 3 de outubro de 1868, n. 40.

**Figura 19:** – As iguarias estão duras, custa engolir-se. – Que esta empada já lhe não agradaria estava eu certa, como estou certíssima de não ser para seus dentes esta costeletta que aqui trago... em todo o caso experimente-a e verá se lhe fica ou não atravessado o osso na garganta. **Semana Illustrada**, 18 de outubro de 1868, n. 410.

**Figura 20:** As apoquentações do Dr. Semana. Desenho para crianças, por Angelo, (que não copiou de nenhum jornal alemão). **A Vida Fluminense**, 24 de outubro de 1868, n. 43.

**Figura 21:** Um me traz água gelada, outro me resguarda a tez; esta enxota a mosquitada, aquele rega-me os pés. Os insetos zumbidores podem zumbir a fartar; pode o sol os seus furores contra mim desencadear; e, como não sou herege, venha o diabo também; minha sombra me protege, vivo alegre e passo bem. **Semana Illustrada**, 1 de novembro de 1868, n. 412.

**Figura 22:** Um me traz água gelada, outro me resguarda a tez; esta enxota a mosquitada, aquele rega-me os pés. Os insetos zumbidores podem zumbir a fartar; pode o sol os seus furores contra

mim desencadear; e, como não sou herege, venha o diabo também; minha sombra me protege, vivo alegre e passo bem. **A Vida Fluminense**, 14 de novembro de 1868, n. 46.

**Figura 23:** Na fazenda de S. Francisco de Paula há uma grande espiga que está para morrer, queimada pelo sol. Para ver se a podem salvar, os negrinhos da fazenda regam-lhe o pé, enxotam os insetos zumbidores e cobrem de gordo estrume as raízes. (Nota: os insetos zumbidores de que fala o poeta são as constantes queixas do público contra a *Semana*.) Uma pergunta muito inocente. Porque será que o Dr. *Semana* gosta tanto... estar no meio de moleques? **A Vida Fluminense**, 14 de novembro de 1868, n. 46.

**Figura 24:** Meu Doutor – aquilo não é mante de retalhos, come o seu mapa: - é trabalho perfeito e tirado de uma só pedra. Não coleí a 4ª página do *Jornal do Commercio* à roda, é verdade: como todo o mundo é assinante do jornal, julguei inútil essa patacoada. Confundido, vencido e enraivecido, o cabeludo Doutor ao chegar à casa festeja a molecada com uma boa dose de variados pontapés e manda a toda a pressa entregar o decantado mapa aos infelizes assinantes, antes que eles se risquem. O moleque procura fazer-lhe observações, mas o impagável Doutor grita-lhe com toda a força dos pulmões: Oh! Moleque do diabo! Queres que tudo isso vá pelos ares? Queres que eu quebre? Queres a minha ruína? **A Vida Fluminense**, 6 de fevereiro de 1869, n. 58.

**Figura 25:** Moleque: - Nhonhô, os assinantes não querem receber o mapa, dizem todos que está cheio de erros; que os anúncios são muito feios... e... Dr. *Semana*: - Arrrrrschafsqrerfffchach! (pede-se ao leitor que espirre e escarre prolongadamente). Muleca você é uma purro! Diga a esses pôpos d'assinantes que minha mape está muito exate, que foi feita pelos esgotos, e que podem invocar o testemunha de todos os assinantes da *Fida Vluminense*, que viram eu entrar no cano e sair na mar. Esta prova é mais evidente e eu já por ela fiquei muito agradecida à redação da *Fida Vluminense*. Vá, muleca, não faz mal que eles descompõem você, contanto que o paguem. **A Vida Fluminense**, 20 de fevereiro de 1869, n. 60.

**Figura 26:** Sobre o mapa da *Semana Illustrada*. **A Vida Fluminense**, 20 de fevereiro de 1869, n. 60.

**Figura 27:** Muleca, que tal achas meu novo suplemento? Olhe, nhonhô: a cara do general não se parece nada, o braço é muito comprido, as borlas da banda parecem um espanador, e além disso não compreendo a razão porque a espada está partida pelo meio. Quanto ao cavalo: à primeira vista parece um gafanhoto – o corpo é curto em relação às pernas que, vão por aí além, as orelhas são tão pontudas que trazem à ideia as lanças da grade do Passeio Público... e aquele inchaço no peito é algum papo, nhonho? *Batéta*: confesso que é um grande borgaria, borém os

nossos assinantes tem inculido bilulas icuaes a esta e a maior parte deles há de achar isto pouco. (Aparte). Este moleca compreende desenho melhor do que eu. **A Vida Fluminense**, 27 de março de 1869, n. 65.

**Figura 28:** Moleca, mete-te dentro dessa vidro. Mape não pegou e se os altos e poderosos da época não vierem em nossa auxílio damos com os purrinhos n'água. **A Vida Fluminense**, 10 de abril de 1869, n. 67.

**Figura 29:** Moleque, que invasão é esta? É o progresso, nhonhô, que vem desalojar o carrancismo: eis o que por aí dizem nossos inimigos. Com que então põem-nos no olho da rua?!... Deixa estar moleque, hei de escangalhar o tal progresso na minha Semana... **A Vida Fluminense**, 4 de setembro de 1869, n. 88.

**Figura 30:** Cemitério particular do Dr. Cabeludo. Ele e seu moleque não podem deixar de cumprir o dever de visitar o lugar onde repousarão seus ex-assinantes, vítimas da terrível moléstia semanilustrisarlequite (?). **A Vida Fluminense**, 6 de novembro de 1869, n. 97.

**Figura 31:** Dr. Semana – *Jam proximus ardet Ucalego*: quer dizer: Quem vê as barbas de seu vizinho arder, ponha as suas de molho. Compenetre-se disto, e fiquem bem certos de que, para conquistar o Prata, é necessário escrever as notas diplomáticas com penas molhadas em (ilegível) de ouro. Só é dado à Grã-Bretanha escrever com cabelos do seu leão. Moleque – Pois eu penso diversamente: se eu estivesse no lugar do Sr. Almirante, começava já a aplicar pílulas de ferro, cujo efeito seria mais eficaz. Dr. Semana – Sempre mostras que és moleque, e por consequência capoeira: queres levar tudo às cabeçadas. Moleque – O que nhonhô quiser: mas há muita gente que, sem ser capoeira, dá boas cabeçadas. **Semana Ilustrada**, 1 de maio de 1864, n. 177.

**Figura 32:** O pampeiro: Debalde o traidor pampeiro, aliado à causa dos blancos montevidianos, tenta impedir o trânsito a missão especial. A garrida Amazonas, jubilosa com a ideia de casar-se com o Rio da Prata, zomba da fúria dos elementos e continua a sua marcha alterosa. **Semana Ilustrada**, 22 de maio de 1864, n. 180.

**Figura 33:** Os problemas com a República Uruguaia. **Semana Ilustrada**, 31 de julho de 1864, n. 190.

**Figura 34:** Linda embajada! **Semana Ilustrada**, 31 de julho de 1864, n. 190.

**Figura 35:** Soliloquio do Rio da Prata. – Que pêrros são estes que habitam as minhas margens! Não há lição que lhes aproveite, não há generosidade que os contenha, não há dinheiro que os farte! São sempre – *los mismos perros*! Querem que as ondas argentinas, com que os banho, tinjam-se de sangue! Querem que o meu leite de prata seja leite de lodo! Malvados! Maldição sobre eles! **Semana Ilustrada**, 28 de agosto de 1864, n. 194.

**Figura 36:** Cães com diferentes coleiras. Dr. Semana – Vamos-lhe acima com vento fresco. Moleque – Para que, nhonhô? Eles ladram mais do que mordem! Dr. Semana – É mesmo para que não ladrem e não mordam que convém dar-lhes uma esfrega mestra. Avante, Brasil! Debandemos essa matilha de modo que percam a vontade de incomodar-nos. **Semana Ilustrada**, 25 de dezembro de 1864, n. 211.

**Figura 37:** Galeria de pessoas celebres na Campanha do Sul. I – Fidelis Paz da Silva. Digno e valente Rio-Grandense. II – D. Venancio Flores. Comandante em chefe do exército colorado. **Semana Ilustrada**, 22 de janeiro de 1865, n. 215.

**Figura 38:** Campanha do Sul. III – General Caraballo. Valente chefe colorado que vai reunir-se ao general Flores para atacarem Montevidéu. **Semana Ilustrada**, 29 de janeiro de 1865, n. 216.

**Figura 39:** Episódios da Campanha do Uruguai. (O 1º Tenente d'Armada Augusto Netto de Mendonça, entregando ao almirante Barão de Tamandaré uma bandeira e 46 prisioneiros, dizendo): - EIS AQUI O MEU TRIBUTO DE COMBATE. **Semana Ilustrada**, 19 de fevereiro de 1865, n. 219.

**Figura 40:** Episódios da Campanha do Uruguay – N. 2. Últimos momentos do bravo tenente d'armada Henrique Francisco Martins. Morreu no posto, como sabem morrer aqueles que cumprem o sagrado dever do soldado! Morreu, matando, defendendo a vida, para triunfo da pátria tão querida. Quem morre desta sorte lega à história, proclama fama de imortal memória. **Semana Ilustrada**, 26 de fevereiro de 1865, n. 220.

**Figura 41:** Episódios da Campanha do Uruguai – N. 3. O Coronel Resin. De quatro ferimentos gotejou-lhe o sangue generoso; um chuveiro de balas mata-lhe o cavalo, e criva-lhe os arreios. O bravo, porém, sempre em frente de seus comandados, brandido a invencível espada, guia-se a vitória. **Semana Ilustrada**, 12 de março de 1865, n. 222.

**Figura 42:** Episódios da Campanha do Uruguai – N. 4. Um imperial marinheiro mata um *blanco*. Depois, sem fazer cabedal das balas que choviam, atravessa por elas, descalça o morto, calça as botas dele, trava da arma e volta a seu posto, dizendo com a mais imperturbável paz de espírito e sangue frio: - Quem quer botas? Vá busca-las como eu fui. (Comunicado pelo 1º tenente Barros). **Semana Ilustrada**, 12 de março de 1865, n. 222.

**Figura 43:** Episódios da campanha do Uruguai n. 5. No mais quente da peleja, os Srs. Phillipe Saldanha da Gama e Sebastião Raymundo Ewerton, tendo necessidade de se mudar um ponto de ataque, não quiseram deixar no campo um soldado ferido, e foram conduzindo-o nos braços, apesar da chuva de balas que se cruzavam. **Semana Ilustrada**, 26 de março de 1865, n. 224.

**Figura 44:** Episódios da Campanha do Uruguai, n. 6. O denodado Sargento *Mil-Ideias*, ao ficar sem a divisa, que o julgavam ferido: - “Não é nada, camaradas: as divisas foram-se, mas o sargento ficou”. **Semana Ilustrada**, 2 de abril de 1865, n. 225.

**Figura 45:** A tomada de Paysandú. **Semana Ilustrada**, 8 de janeiro de 1865, n. 213.

**Figura 46:** Cópia do esboço de Paysandú e suas fortificações, levantado pelo 1º tenente da armada A. S. Teixeira. Oferecido ao sr. capitão de mar e guerra José Segundino de Gomensoro. **Semana Ilustrada**, 8 de janeiro de 1865, n. 213.

**Figura 47:** Tomada de Paysandú. **Semana Ilustrada**, 29 de janeiro de 1865, n. 216.

**Figura 48:** Ilha em frente de Paysandú aonde se refugiaram as famílias residentes na cidade. **Semana Ilustrada**, 12 de março de 1865, n. 222.

**Figura 49:** Acampamento de Infantaria Brasileira diante de Paysandú: no fundo as canhoneiras e a ilha para a qual se retiraram muitos habitantes de Paysandú (Tirado do Natural em fotografia). **Suplemento da Semana Ilustrada**, c. 1864.

**Figura 50:** Três bravos de Paysandú, feridos na ação do ataque. O tenente Antonio de Campos Mello do batalhão 12 de infantaria, ferido por uma bala. O alferes Colatino Teixeira de Azevedo, do 6º batalhão de infantaria (faleceu). O tenente Manoel Verissimo da Silva, do batalhão 12 de infantaria, ferido por uma bala. (Os três retratos foram oferecidos ao Exmo. Sr. Conselheiro José Maria da Silva Paranhos). **Semana Ilustrada**, 30 de abril de 1865, n. 229.

**Figura 51:** Episódio da guerra do sul. O capitão João Antonio de Oliveira Valporto, tendo ocupado um ponto muito exposto ao inimigo, diante de Paysandú, tornou-se digno de honrosa menção, como um dos oficiais que mais se distinguiram na vitória que obteve o exército. (Comunicação oficial) – O meu guarda-marinha (Gregorio Ferreira de Paiva) era tal que, quando a bala inimiga nos levou o cabo Motta e o chefe de peça, ele, tomando a mesma bala, que ficou junto a nós, introduziu-o na peça e falou: - Vou vingar-lhes a morte com o mesmo instrumento; a pontaria não me faltará desta vez. **Semana Ilustrada**, 18 de junho de 1865, n. 236.

**Figura 52:** O Capitão Francisco Frederico Figueiredo de Mello, Major comandante do 6º Corpo de Voluntários da Pátria (cearenses) distinguiu-se na tomada de Paysandú. O 2º Tenente da armada Julio Teixeira Pinto, morto no combate de Riachuelo. O 1º Tenente da Marinha Nacional João Gonçalves Duarte. Distinguiu-se em Paysandú, comandando uma força de marinheiros. **Semana Ilustrada**, 22 de outubro de 1865, n. 254.

**Figura 53:** Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil. Diante de um inimigo feroz, que invade nosso território, que cala nossos campos, que exerce toda a sorte de crueldades, não há, nem deve haver duas opiniões. Em face de um tirano, que envergonha a grande América meridional, as

paixões nacionais desaparecem, ódios e rivalidades mesquinhas fundem-se em uma só aspiração: a Guerra ao Despotismo. Quem não pugna pela honra da nação, é inimigo da pátria, quem, em mente das hostes estrangeiras não abraça o adversário político, não ama o seu país, menospreza os laços da família e desconhece seus próprios interesses. Na balança do patriotismo, pesam igualmente em tais demonstrações as ideias divergentes dos partidos, ressentimentos pessoais desses corações. A glória do Brasil, o triunfo da honra e da dignidade nacional. Brasileiros, união concórdia! Salvemos o grande império do Brasil! **Semana Ilustrada**, 25 de junho de 1865, n. 237.

**Figura 54:** O Dr. Semana cheio de indignação. Dr. Semana: - Moleque, escreve, escreve já. Moleque: - O que? O que, meu nhonhô? Dr. Semana: - Escreve a S. Santidade que mande excomungar incontinentemente esses padres paraguaios, que profanam a religião Santa de Jesus Cristo, e zombam do Porteiro Celeste, dando passaportes aos soldados, e declarando-lhes que eles podem entrar no céu!... Oh! Tanta hipocrisia, astúcia e fanatismo indignam o homem mais indiferente!... Mas breve tudo pagará esse selvagem, causa de tantos males!... **Semana Ilustrada**, 2 de julho de 1865, n. 238.

**Figura 55:** Fatos históricos - Bispo: - O soldado paraguaio que morre pela causa da pátria, ressuscita em Assunção! (calorosos aplausos). Lopez: - Será fuzilado todo aquele que, morto em combate, não se apresentar em Assunção! (agitação prolongada). **Semana Ilustrada**, 2 de julho de 1865, n. 238.

**Figura 56:** Frei Mariano em Miranda. – Olhai, meus valentes: os padres paraguaios dizem que aquele povo é um povo de Aquiles; estamos provando contra as nossas flechas nem há calcanhar invulnerável. **Semana Ilustrada**, 9 de julho de 1865, n. 239.

**Figura 57:** - Moleque, este quadro encerra uma grande lição. Ele prova que o asno é sempre asno, por mais que procure embrulhar-se em pele de leão. A orelha fura sempre. Medita e lucrarás. Traz a tua família para mostrares aos teus, que quem é cágado, não deve pretender a botas. “*Ne sutor ultra crepidum*”, como dizia um almanaque antigo. **Semana Ilustrada**, 16 de janeiro de 1865, n. 214.

**Figura 58:** S. SEBASTIÃO guiando o Brasil contra os inimigos da pátria. **Semana Ilustrada**, 22 de janeiro de 1865, n. 215.

**Figura 59:** Coimbra – As Termópilas brasileiras. Eram poucos, é certo, mas contra os poucos, armados os *selvagens* lá pugnavam (Magalhães). **Semana Ilustrada**, 29 de janeiro de 1865, n. 216.



**Figura 60:** A Lopez e seus mastins. Inocência, velhice, enfermidade. Nada poupaste, sanguinário perro. Não tardará nossa exemplar vingança. Quem com ferro ferir, morre com ferro. **Semana Ilustrada**, 12 de fevereiro de 1865, n. 218.

**Figura 61:** BRASILEIROS! ÀS ARMAS! Todas as províncias, com estes três à frente, marcham para a desafronta da pátria. Em quanto houver uma gota de sangue, um braço e uma espada, a dignidade do Brasil não será ultrajada pelo estrangeiro. Briosas irmãs! Ao combate! Ao combate! Ao combate! **Semana Ilustrada**, 19 de fevereiro de 1865, n. 219.

**Figura 62:** - Vou escrever os artigos para a Semana... – Olhe, nhonhô: hoje é domingo de carnaval. Tem assumpto... – Cala a boca, pateta. Agora não há carnaval. Estes dias são os dias da pátria. Não quero divertir-me quando a esta hora lá está no Sul um punhado de bravos que verte o seu sangue por mim, por ti, por todos os brasileiros! **Semana Ilustrada**, 26 de fevereiro de 1865, n. 220.

**Figura 63:** A PRIMEIRA NOTICIA. Ao chegar a primeira notícia da entrega de Montevideú, o povo, justamente entusiasmado, rodeou o carro do Imperado Sua Majestade, comovido ante essa prova de amor, correspondeu afetuosamente à manifestação pública. **Semana Ilustrada**, 12 de março de 1865, n. 222.

**Figura 64:** Barros sem pavor. A bala, que passa e o chapéu arrebatou. A bala, que arroja o binóculo ao chão. Não assusta o bravo, não fere, não mata. Respeita do bravo e leal coração. **Semana Ilustrada**, 12 de março de 1865, n. 222.

**Figura 65:** O 1º TENENTE MARIZ E BARROS. O povo o toma nos braços como ao filho querido da vitória. Doce recompensa que encheria a alma do valente, se ela já não estivesse cheia pela consciência do dever. **Semana Ilustrada**, 12 de março de 1865, n. 222.

**Figura 66:** – Não tenhas medo, meu amigo, expõe-te ao fogo, e verás como de tenente passas logo a capitão. – O conselho é de – patriota de palavra, porque eu sei bem que tenente morto nunca é promovido. **Semana Ilustrada**, 12 de março de 1865, n. 222.

**Figura 67:** O Dr. Semana, o seu moleque e D. Negrinha oferecem também ao ilustrado cirurgião-mór da armada uma boa quantidade de fios para os feridos da *guerra oriental*. **Semana Ilustrada**, 19 de março de 1865, n. 223.

**Figura 68:** O FESTIM DE BALTHAZAR. O Balthazar paraguaio esquece-se, nas delícias e na orgia, que há alguma força acima dele. Aparece uma mão oculta que escreve na parede o *Mané, Thekel, Pharés*, do seguinte modo: GUERRA, QUEDA, EXÍLIO! **Semana Ilustrada**, 19 de março de 1865, n. 223.

**Figura 69:** Montevideú. Nem sempre os lírios dão flores. **Semana Ilustrada**, 19 de março de 1865, n. 223.

**Figura 70:** - Que é isto, nhonhô? Nunca vi cousa igual. – É o correio de Mato Grosso. Graças à diligência e zelo do Albino, chegou a esta corte, tendo sabido de lá no dia 12 de janeiro. Não te admires, moleque, porque segundo as suas próprias palavras, o tal senhor foi *fazer eleições*, e então não se lembrou de mais nada. Também os tempos não exigem pressa; que importa que os paraguaios entrem em nossa casa? Cousas desta terra!!! **Semana Ilustrada**, 26 de março de 1865, n. 224.

**Figura 71:** PROFECIA. JUDAS LOPEZ apanhado depois da derrota dos paraguaios e da tomada de Assunção, fica elevado pelos soldados à altura que lhe compete. **Semana Ilustrada**, 16 de abril de 1865, n. 227.

**Figura 72:** “-Tu dormes, “Brutus” e Mato-Grosso geme na escravidão?! – Pois que ha? Estará o inimigo na Capital? Mandaram-nos que esperássemos aqui o inimigo. – Nada, a caminho, que os bravos não dormem”. **Diabo Coxo**, 23 de julho de 1865, série 2, n. 1.

**Figura 73:** As delicias da Capua ou vista interior de uma barraca de oficial no acampamento d’Agua-Branca. **Diabo Coxo**, 30 de julho de 1865, série 2, n. 2.

**Figura 74:** O acampamento d’Agua Branca. **Diabo Coxo**, 30 de julho de 1865, série 2, n. 2.

**Figura 75:** Planta do Salto Grande no rio Uruguai, levantada durante a viagem do vapor – Taquary – em 19 de agosto de 1865. A – Frade grande. B – 3 Marias. C – frade pequeno. AB – Derrota seguida pelo *Taquary*. **Semana Ilustrada**, 19 de novembro de 1865, n. 258.

**Figura 76:** O *Diabo Coxo* sem pretensões a literato oferece contudo a empresa do teatro de S. José uma nova peça: as armas casam-se com as letras: para aumentar o estrondo da orquestra, reforçar o repertorio, e amedrontar os paraguaios, julga-se que é esta uma boa peça. **Diabo Coxo**, 12 de agosto de 1865, série 2, n. 4.

**Figura 77:** Antonio Luiz von Hoonholtz. 1º tenente da armada; comandante da canhoneira Araguay, e desenhista dos importantes quadros, que se publicam na *Semana Ilustrada*, 10 de setembro de 1865, n. 248.

**Figura 78:** As conquistas. Na corte. Se é mais nobre sofrer as delícias de um baile ou na campanha. Tomar armas contra um mar de infortúnios (Shakespeare – Hamlet). **Semana Ilustrada**, 8 de outubro de 1865, n. 252.

**Figura 79:** O EMBARQUE DOS SOLDADOS PARA O SUL. – Adeus, bravos soldados! Parti galhardamente e voltai coroados de glória! **Semana Ilustrada**, 1 de janeiro de 1865. N. 212.

**Figura 80:** Espécimen dos designados da Guarda Nacional. **Diabo Coxo**, 31 de dezembro de 1865, série 2, n. 12.

**Figura 81:** “– Que diabo de tramoia é essa Pipelet? – Estou apanhando pássaro para o meu viveiro de substitutos. É tempo da designação dos guardas, e eu preparo-me para enriquecer. –

Enriquecer como? Estás doudo? – A cousa é simples, apanha-se o sujeitinho por uma tutaméia e depois impinge-se a substituição por três ou quatro tantos mais ao filado, que tem a corda no pescoço e quer safar-se com os dedos, embora fiquem os anéis. – Mas, com os trezentos! Isso é uma infâmia! – Isso lá não sei! O tal pregador de moral, muito alto, muito magro e um pouco feio, que conhecemos bem, fez muita cousinha neste gosto, ganhou muitos bons cobres e ninguém por isso o meteu no CHILINDRÓ”. **O Cabrião**, 18 de novembro de 1866, n. 8.

**Figura 82:** Leilão de substitutos. “Um conto de réis! Um conto de réis! Um conto de réis! Não há mais quem lance! Um conto de réis! Eu bato. Um conto de réis! Uma, duas, três. Pam!”. **O Cabrião**, 2 de dezembro de 1866, n. 10.

**Figura 83:** O cidadão José de Souza Breves, que, depois de ter a dignatária da Rosa por importantes donativos feitos ao Estado, acaba de libertar mais dez escravos e oferece-los, fardados, para a defesa do país. Atos tão patrióticos não se comentam, aplaudem-se. **Semana Ilustrada**, 20 de janeiro de 1867, n. 319.

**Figura 84:** O comendador Mathias Rôxo e seus filhos Augusto e Frederico, fazem de seus escravos cidadãos e dos cidadãos soldados. O coração do Imperador e a voz da pátria, os apontam como exemplo a seguir. **Semana Ilustrada**, 23 de dezembro de 1866, n. 315.

**Figura 85:** A Bahia a seus filhos. – Ide, meus filhos –, esta capela cingirá os vivos, as minhas orações acompanharão os mortos: o mortos ou vivos, e Brasil espera, e eu mando, que cada um de vós cumpra o seu dever. **Semana Ilustrada**, 5 de novembro de 1865, n. 256.

**Figura 86:** Ardendo em patriotismo, a nobre, invicta, Bahia. Para a sangrenta porfia, traz mais quinhentos heróis. E diz: “Ó pátria recebe-os! Manda-os ao campo da glória! Honrarão a pátria história, honrando ilustres avós!”. **Semana Ilustrada**, 28 de abril de 1867, n. 333.

**Figura 87:** Eia leões do norte! Sús a guerra! Esqueçam-se queixas e dolorosas feridas! Do passado lembremo-nos apenas das nossas glórias. Voemos, pernambucanos, em defesa da terra que é berço comum de nós todos. Vamos levar a nossos irmãos do Sul sangue e braços! À guerra! **Semana Ilustrada**, 23 de abril de 1865, n. 228.

**Figura 88:** Unidas, vinte províncias, de um império de gigantes. **Semana Ilustrada**, 14 de outubro de 1866, n. 305.

**Figura 89:** Adeuses e embarque do 1º batalhão de voluntários do Rio de Janeiro. Leva-os, ó mar. A glória. Espera-os. Não se abate. Quem compra com seu sangue o louro da vitória. E vai tranquilo à morte e vai rindo ao combate. **Semana Ilustrada**, 12 de março de 1865, n. 231.

**Figura 90:** OS VOLUNTÁRIOS DO CEARÁ. No grande banquete da coragem e galhardia do exército brasileiro nos campos do Paraguai o Ceará almoçará em Humaitá glória, jantará em

Assunção vitórias e ceará coroas de louros em CEARÁ! **Semana Illustrada**, 7 de maio de 1865, n. 230.

**Figura 91:** – Que fim levou o Juca? – Pois não sabes? O Pimentel prendeu-o para voluntario. **Semana Illustrada**, 5 de fevereiro de 1865, n. 217.

**Figura 92:** “INSPECTOR DE QUARTEIRÃO – Se não quer ir pra S. Paulo assentar praça, há de casar com minha tia. RECRUTA – Só se Vmc. Me der um mês pra pensar. SUBDELEGADO – Meu caro, nós estamos precisando de gente. Se os solteiros fogem para o mato, não há remédio se não vir à cama dos casados. As ordens que temos são apertadas!”. **O Cabrião**, 23 de dezembro de 1866, n. 13.

**Figura 93:** OS VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA. Despedindo-se de pais, de mães, e de noivas, correm de todas as partes do Império os Voluntários para onde os chama a honra nacional. A vitória os precede, há de agrinaldar-lhes as frentes. Abençoados pelos que deixam e pela pátria, com tais corações, nunca poderá ela correr perigo. **Semana Illustrada**, 19 de fevereiro de 1865, n. 219.

**Figura 94:** A despedida do 5º batalhão de voluntários da pátria no Rio Grande do Sul. A população da cidade do Rio Grande do Sul, apreciando no mais elevado grau o procedimento nobre e digno que teve o 5º batalhão de voluntários da pátria, durante o tempo que ali estacionou; oferece-lhe este simples emblema, como um testemunho sincero do seu reconhecimento e dirige este fraternal adeus, partido dos seios d’alma, repassado de saudades e esperanças. Vivam os bravos do 5º batalhão de voluntários da pátria! **Semana Illustrada**, 7 de maio de 1865, n. 230.

**Figura 95:** Partida da primeira brigada, ao mando do coronel Galvão, de Ouro Preto para Mato-Grosso. (Fotografia do natural, enviada obsequiosamente pelo Sr. José Maria da Silva Paranhos Junior). **Semana Illustrada**, 9 de julho de 1865, n. 239.

**Figura 96:** Belona faz voltar o 7º Batalhão de Voluntários e os guia à vitória nos campos do Sul. **Diabo Coxo**, 30 de julho de 1865, série 2, n. 2.

**Figura 97:** “Espécimen de voluntários para o novo regimento dos ‘*Cent gardes*’, que vão formar-se n’um país descoberto por Gulliver”. **Diabo Coxo**, sem data, 1865, série 1, n. 9.

**Figura 98:** O VOLUNTARIO OBRIGADO – Vou ser voluntario para ver-me livre de ti, meu bem. **Semana Illustrada**, 26 de fevereiro de 1865, n. 220.

**Figura 99:** FATO HISTÓRICO. – Estou casado: agora leve o diabo, ou quem quiser, a minha mulher: VOU SER VOLUNTÁRIO. **Semana Illustrada**, 26 de março de 1865, n. 224.

**Figura 100:** – Sabe, minha senhora, que acabo de alistar-me como voluntario? – O que te levou a semelhante extravagancia? – O desejo de mostrar-te, que também devo ter vontade. **Semana Ilustrada**, 12 de março de 1865, n. 222.

**Figura 101:** Cenas da roça. – Sra. Anninha, está recrutada. – Deixe-me, Sr. Antonico, que modo é esse? – Há de casar comigo. – Mece está mangando, não quero. – Há de casar, senão recrutam-me a mim para me matarem a tiro na guerra. Quer que eu morra, meu bem? – Então nesse caso, caso. – Prima Josepha, empresta-me o seu vestido para ir casar-me amanhã? – Ele deve estar um pouco amarrotado porque no dia que eu casei, emprestei-o à vizinha Quiteria, depois à Joaquina, depois à Chica Farinha, à Maricas do Brejo, à Paulina e às três filhas da vizinha Porciúncula. – Vosmecê há de casar comigo sinhá Chica. – Como! Eu! Tão velha e com dez filhos e mece tão moço. – É por isso mesmo: casando-me com mece fico pai de dez filhos, e tenho isenção de recrutamento. **Semana Ilustrada**, 26 de março de 1865, n. 224.

**Figura 102:** RECRUTAMENTO FORÇADO. Recrutador: - É pena que este sujeito não possa ser recrutado: havia de ser uma boa ponta de fileira. Mas a corda o salve. **Semana Ilustrada**, 27 de agosto de 1865, N. 246.

**Figura 103:** – Choras então porque o Alfredo e o Pedro foram-se embora? Não te restam ainda o Julio, o Guilherme e o Carlos? – Que queres?... O meu amor é tamanho, que o meu coração é capaz de abranger um batalhão inteiro de voluntários de Cupido. **Semana Ilustrada**, 7 de maio de 1865, n. 230.

**Figura 104:** “Que defensor da Pátria!!!”. **Diabo Coxo**, sem data, 1865, série 1, n. 10.

**Figura 105:** Caça de patriotas para Voluntários involuntários. **Diabo Coxo**, 3 de setembro de 1865, série 2, n. 7.

**Figura 106:** “– Marche para o quartel, Snr. Malandro. – Pelo amor de Deus, sr.; leve antes aquele surrão de saúde, que mofa do governo e da lei. – Aquele foi declarado incapaz de servir e v. mc. não”. **Diabo Coxo**, 3 de setembro de 1865, série 2, n. 7.

**Figura 107:** Entrada de recrutas na capital. Que escândalo...! **Diabo Coxo**, 15 de outubro de 1865, série 2, n. 11.

**Figura 108:** “Bárbaros paraguaios! Aqui vos trago uma coorte de voluntários, para libertar-vos”. **Diabo Coxo**, 31 de dezembro de 1865, série 2, n. 12.

**Figura 109:** “É surdo, idiota e mais o que se vê; e apesar de tudo foi remetido de Bragança como guarda nacional designado para a guerra! Minha opinião é que seja antes enviado para o Museu, não esquecendo-se a Presidência de *agradecer comme il faut*, a quem mandou-lhe tão curioso presente”. Guarda nacional. **O Cabrião**, 9 de dezembro de 1866, n. 11.

**Figura 110:** O Tenente-Coronel dos Botocudos, à frente de um punhado de bravos, vem oferecer-se para marchar contra o Lopes. Desta vez o Paraguai leva o diabo!!... O Cabrião não tem palavras para louvar e admirar semelhante ato porque compreende muito bem, que o verdadeiro amor da pátria revela-se por FATOS e não por meros palanfrórios e pedantescas patriotagens. **O Cabrião**, 16 de dezembro de 1866, n. 12.

**Figura 111:** “– Pois não está vendo, Snr. Cabrião? Estamos fabricando braços para a guerra. – Santo Deus!... Antes fossem destinados para a agricultura. Já não necessitamos de braços para a guerra, exm. snr.: o que falta-nos é uma boa cabeça”. **O Cabrião**, 23 de dezembro de 1866, n. 13.

**Figura 112:** Efeito produzido na Guarda Nacional de S. Paulo, pelo decreto de 13 do corrente mês, que pede mais 8,000 homens para a guerra. **O Cabrião**, 24 de março de 1867, n. 25.

**Figura 113:** – Tem paciência, mulher: em tempo de guerra é preciso fazer sacrifícios, deixar a família.... e andar fugido pelo mato. – Vamos! Vamos! Que a escolta não tarde!... **O Cabrião**, 5 de maio de 1867, n. 31.

**Figura 114:** Em razão do recrutamento ainda veremos os homens metidos no mato/E os bichos habitando a Cidade. **O Cabrião**, 15 de setembro de 1867, n. 49.

**Figura 115:** Amostra dos últimos defensores da Pátria que foram agarrados, enfardados, e enviados para o teatro da guerra, para defenderem ali a honra nacional!!! Estamos asseados!!! **O Cabrião**, 26 de maio de 1867, n. 34.

**Figura 116:** Então, estás com medo de marchar para a guerra? Deixa-te de sustos! Lá nem todos morrem... não estás vendo que estou eu de volta? **O Cabrião**, 5 de maio de 1867, n. 31.

**Figura 117:** Ainda em comissão de arranjar voluntários para a guerra! **O Cabrião**, 22 de setembro de 1867, n. 50.

**Figura 118:** Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil. Diante de um inimigo feroz, que invade nosso território, que cala nossos campos, que exerce toda a sorte de crueldades, não há, nem deve haver duas opiniões. Em face de um tirano, que envergonha a grande América meridional, as paixões nacionais desaparecem, ódios e rivalidades mesquinhas fundem-se em uma só aspiração: a Guerra ao Despotismo. Quem não pugna pela honra da nação, é inimigo da pátria, quem, em mente das hostes estrangeiras não abraça o adversário político, não ama o seu país, menospreza os laços da família e desconhece seus próprios interesses. Na balança do patriotismo, pesam igualmente em tais demonstrações as ideias divergentes dos partidos, ressentimentos pessoais desses corações. A glória do Brasil, o triunfo da honra e da dignidade nacional. Brasileiros, união concórdia! Salvemos o grande império do Brasil! **Semana Ilustrada**, 25 de junho de 1865, n. 237.

**Figura 119:** Estamos aviados! Enquanto estávamos no prego vivíamos ao menos livres do risco e dos receios de marchar para o Paraguai, o que agora é bem possível, mais dia menos dia. Desgraça! Desgraça! Fomos solenemente codilhados?!. **O Cabrião**, 16 de junho de 1867, n. 37.

**Figura 120:** Plano da batalha naval do Riachuelo, dada a 11 de junho de 1865. Entre a esquadra paraguaia protegida pela artilharia e fuzilaria das barrancas e a 2ª divisão da esquadra brasileira, que se cobria de glória derrotando completamente os inimigos, depois das 9 horas sucessivas de encarniçado combate. (Levantado pelo 1º tenente d'armada A. L. v. Hoonholtz, comandante da canhoneira *Araguary* oferecido à *Semana Illustrada*). Explicações: A. vapor paraguaio *Tacuary*; B. *Igurey*; C. *Marquês de Olinda*; D. *Salto*; E. *Paraguay*; F. *Ipora*; G. *Gejuí*; H. *Iberá* (hélice); B'. *Paraguay* depois de perdido; Z. Cavernas de um brigue perdido no banco; X. vapor brasileiro *Jequitinhonha* depois de encalhado. As letras minúsculas designam as chatas, cada uma das quais montava um magnífico rodízio de 60 ou de 80, e era tripulada por 40 homens. Estas chatas vinham atulhadas de munições bélicas que serviram para novamente suprir os nossos paióis. Além das tripulações dos navios e chatas, trazia a esquadra paraguaia mais 1700 homens de abordagem, escolhidos entre os melhores de Humaitá, e todos ricamente armados. **Semana Illustrada**, 13 de agosto de 1865, n. 244.

**Figura 121:** Episódios do dia 11 de junho de 1865. Combate naval de Riachuelo. A Fragata *Amazonas* com o pavilhão do Chefe Barroso e o comandado pelo Capitão de Fragata, Brito, metendo a pique um vapor. (Feita por Hoonholtz). **Semana Illustrada**, 17 de setembro de 1865, n. 249.

**Figura 122:** Episódios. Os nossos bravos soldados que, na batalha naval de Riachuelo, ficaram de novo senhores do vapor *Marquês de Olinda*, tão covardemente roubado, içaram logo nele o pavilhão nacional. A ousadia do ditador começa a ficar humilhada, e o império vai vingando a honra ofendida. **Semana Illustrada**, 23 de julho de 1865, n. 241.

**Figura 123:** Teatro da guerra. Combate naval do dia 11 de junho de 1865 (Combate naval do Riachuelo). **Semana Illustrada**, 6 de agosto de 1865, n. 243.

**Figura 124:** Teatro da guerra. Combate naval do dia 11 de junho de 1865 (Combate naval do Riachuelo). **Semana Illustrada**, 6 de agosto de 1865, n. 243.

**Figura 125:** Episódios do dia 11 de junho de 1865. Às 5 horas da tarde. *Araguary*, *Taotaby*, *Yporã*, *Igurey*, *Iberá*. A canhoneira *Araguary*, comandante Hoonholtz, dando caça aos quatro vapores de guerra paraguaios que fugiam rio acima e perseguindo-os até ao escurecer. O fogo vivo e certo do rodízio de proa fazia-lhes um estrago horrível, chegando a quebrar a roda de

estibordo da capitania inimiga, que se viu obrigada a seguir a reboque do *Igurey*. **Semana Ilustrada**, 29 de outubro de 1865, n. 255.

**Figura 126:** Em Corrientes. Lopez plantando batatas. Lopez colhendo metralhas. **Semana Ilustrada**, 13 de agosto de 1865, n. 244.

**Figura 127:** O Gulliver brasileiro e a esquadra paraguaia. **Semana Ilustrada**, 14 de maio de 1865, n. 231.

**Figura 128:** O encouraçado TAMANDARÉ. Caiu ao mar, no dia 28 de junho, abundantemente regado pelo suor das nuvens, o primeiro dos vapores encouraçados que o Brasil está construindo. Essa data deve ser histórica. Quanto ao nome escolhido, é o do almirante invulnerável, o encouraçado Achilles. Um viva aos dois Tamandarés! **Semana Ilustrada**, 2 de julho de 1865, n. 238.

**Figura 129:** Braconnot e Level. Os construtores do encouraçado *Tamandaré*. Houve só Jove, que vibrava raios. Contra gigantes, de furor tomados; O Brasil tem dois Joves destinados, A Lopez fulminar e aos paraguaios. **Semana Ilustrada**, 27 de agosto de 1865, N. 246.

**Figura 130:** Episódios do dia 13 de junho de 1865. Combate naval de Riachuelo. Os vapores *Ypiranga* (com Alvaro de Carvalho), *Mearim* (com Barboza), *Araguary* (com Hoonholtz) e *Iguatay* (com Coimbra), trabalhando em desencalhar o *Jequitinhonha*, quando às 2 horas da tarde as baterias de Riachuelo romperam de novo o fogo sobre eles, sendo respondido de modo tal pela artilharia de bordo, que às 5 horas tiveram os inimigos de calar-se. **Semana Ilustrada**, 15 de outubro de 1865, n. 253.

**Figura 131:** Episódios da campanha do Sul. O vapor *Jequitinhonha*, incendiado pelo guardião do *Amazonas* Pedro Tape. **Semana Ilustrada**, 27 de novembro de 1865, n. 259.

**Figura 132:** O convés do “*Parnahyba*”. O capitão tenente GARCINDO, comandante da canhoneira *Parnahyba*, manda pôr fogo ao paiol do seu navio, na batalha do Riachuelo. Pela água levará serras de fogo. Para abrasar-lhe quanta armada tenha (Camões). **Semana Ilustrada**, 9 de julho de 1865, n. 239.

**Figura 133:** Episódios da guerra com o Paraguai – Batalha naval de Riachuelo. O jovem e denodado guarda-marinha Greenhalg, opondo-se à que a mão infame de um paraguaio arriasse da *Parnahyba* a bandeira nacional. **Semana Ilustrada**, 1 de outubro de 1865, n. 251.

**Figura 134:** Episódios do dia 11 de junho de 1865. Combate naval de Riachuelo. O vapor *Ypiranga*, comandante Alvaro de Carvalho, batendo o vapor de guerra paraguaio – *Salto* (4 horas da tarde). (Desenhado por Antonio Luiz von Hoonholtz, Comandante da *Araguary*). **Semana Ilustrada**, 3 de setembro de 1865, n. 247.



**Figura 135:** Episódios do dia 11 de junho de 1865. Combate naval de Riachuelo. A canhoneira *Araguary* aprisionando as chatas paraguaias na noite de 11 de junho de 1865. **Semana Ilustrada**, 24 de setembro de 1865, n. 250.

**Figura 136:** A pátria agradecida. Aos bravos de Riachuelo. Honra, glória imarcescível! Bençãos da pátria que aplaude. Seu valor inexcedível! Legando os homens à história. Que entusiasmos os vindouros, Nem da inveja letal bafo. Pode murchar-lhes os louros. Salve, bravos marinheiros. Filhos do Império da Cruz. Cujas fronteiras das vitórias, cerca o diadema de luz! Um brado, que em si resulta. Assonância de outros mil. Vos proclama for dos bravos. Dentro e fora do Brasil. **Semana Ilustrada**, 9 de julho de 1865, n. 239.

**Figura 137:** Vapor “Araguary” no combate de Riachuelo (episódio). O Comandante Antonio Luiz von Hoonholtz disse: - Preciso de seis homens valentes para uma comissão arriscada: quem o for salte à canoa. – Foi uma confusão. Todos queriam ir; escolhidos seis marinheiros e mais o guardião Antonio de Souza, partiu a canoa, por entre uma chuva de balas, a lançar fogo ao navio inimigo. A guarnição ficou a orar por eles. Deus ouviu-a. Voltaram incólumes e cobertos de glória. **Semana Ilustrada**, 16 de julho de 1865, n. 240.

**Figura 138:** Episódio do dia 17 de junho de 1865. Combate naval de Riachuelo. A canhoneira *Araguary*, comandante Hoonholtz, incendiando o vapor Marquês de Olinda. **Semana Ilustrada**, 10 de setembro de 1865, n. 248.

**Figura 139:** O Guarda-Marinha Francisco José de Lima Barros, morto a bordo do “Jequitinhonha” defendendo a bandeira. Teus dias foram curtos, mas tão cheios. De glória no combate se findaram, Que os anjos da vitória entre epinícios. Aos céus teu que exército entregaram. O Guarda-Marinha Antonio Augusto de Araujo Torreão nascido em Pernambuco, morto a bordo da “Mearim”. Morrer matando, defendendo a vida. Em prol da pátria, que os heróis produz, É viver na memória agradecida. Deste vasto país da Santa Cruz. **Semana Ilustrada**, 16 de julho de 1865, n. 240.

**Figura 140:** O nosso desenhista A. L. von Hoonholtz, comandante da canhoneira *Araguary*, passando as baterias de Cuevas e desenhando-as com o maior sangue frio. **Semana Ilustrada**, 24 de setembro de 1865, n. 250.

**Figura 141:** FLORES: Safa, que poeira, que lama, que lodo; felizmente já varri o lado direito deste rio, vou agora com os meus bravos companheiros varrer também o lado esquerdo. E ainda agora estou no corredor, mas brevemente conto chegar à sala. **Semana Ilustrada**, 17 de setembro de 1865, n. 249.

**Figura 142:** Batizado. Mergulhe-se a nobre fronte, nas águas deste Jordão; chamava-se ontem Barroso, hoje chama-se – barão. **Semana Ilustrada**, 21 de janeiro de 1866, n. 267.

**Figura 143:** Coincidências. – Com tua valentia herdei teu nome. – Com tua fortaleza herdei teu nome. **Semana Ilustrada**, 28 de janeiro de 1866, n. 268.

**Figura 144:** Palavras do General Mitre, Presidente da República Argentina, ao receber a notícia da declaração de guerra do cacique Lopez: “Em três dias nos quartéis, em quinze no acampamento, em três meses em Assunção”. Praza a Deus que a fortuna seja propícia a tão bravo aliado. **Semana Ilustrada**, 14 de maio de 1865, n. 231.

**Figura 145:** “...A questão do dia é a guerra. Debelar esta guerra, guerra empreendida contra todos os direitos divinos e humanos, guerra inaugurada com a espoliação, o roubo e o assassinato; debelar uma tal guerra é o grande programa do governo”. **Semana Ilustrada**, 21 de maio de 1865, n. 232.

**Figura 146:** TRÍPLICE ALIANÇA. O Brasil, a Confederação Argentina e o Estado Oriental assinam o solene tratado, por meio do qual dentro de pouco tempo, um povo ficará libertado e um tirano será punido. **Semana Ilustrada**, 28 de maio de 1865, n. 233.

**Figura 147:** O que o ministério de 31 de agosto quis e o que o ministério de 12 de maio quer. Enquanto existe um Lopez, tal será o programa de qualquer ministério brasileiro, porque é este o sentimento de todo o país. **Semana Ilustrada**, 4 de junho de 1865, n. 234.

**Figura 148:** O General em chefe do exército brasileiro e seu estado maior. 1. Brigadeiro, Manoel Luiz Ozorio, general em chefe do exército. 2. Capitão Bibiano, secretário do general Ozorio. 3. Francisco de Assis Trajano de Menezes, ajudante d’ordens. 4. Dr. Platão Regout, médico do quartel general. 5. Tenente Antonio Germano de Andrade Pinto, ajudante d’ordens. 6. Dr. Manoel José de Oliveira, médico do quartel general. 7. Dr. Polycarpo de Barros, chefe do corpo de saúde. (Estes retratos foram-nos enviados obsequiosamente, oferecidos pelo Sr. comendador Espírito-Santo). **Semana Ilustrada**, 25 de junho de 1865, n. 237.

**Figura 149:** O juramento dos três suíços. Em 1307, a Suíça foi forçada a reclamar sua independência e liberdade. Numa noite juntaram-se três chefes, Walter Fuerst, Arnold von Melchtal e Werner Stauffacher e juraram por si e por seus companheiros uma união indissolúvel. A Suíça foi por eles libertada. Em 1865 uniram-se o Brasil, o Uruguai e Buenos Aires para libertar o Paraguai. Como os três chefes suíços, eles só devem depor as armas depois de realizados os intuitos da aliança. **Semana Ilustrada**, 17 de dezembro de 1865, n. 262.

**Figura 150:** Sítio da cidade de Uruguaiana. Levantada pelo Sr. Alferes de Estado Maior de 1ª Classe Fountura. 1. Quartel General em chefe do Barão de Porto-Alegre. 2. Quartel General do General Flores. 3. Quartel General da Divisão Canavarro. 4. Quartel General da Divisão Jacuhy. 5. Quartel General da Divisão Argentina Paunero. A. Brigada de cavalaria da Divisão Canavarro. B. 1º Batalhão de Voluntários. C. 2º batalhão d’Infantaria. D. Baterias d’artilharia.

E. 10º Batalhão d'Infantaria. F. 5º Corpo de Voluntários. G. Baterias a cavalo. H. Brigada de prontidão (1). I. Batalhões Orientais. J. Artilharia Oriental. K. Brigada Kelly (12ª Brasileira do Exército Osório). L. Batalhão Argentino. M. Brigada de prontidão da 2ª Divisão. N. Dita da 1ª Divisão. O. Batalhão Argentino. P. Baterias Argentinas. Q. Vapor Taquary. R. Dito Araguay. S. Dito Maracanã. T. Dito Tramandaky. U. Chatas artilhadas. V. Cemitério. X. Matriz. Y. Praça do desembarque. Z. Casinhas. **Semana Ilustrada**, 5 de novembro de 1865, n. 256.

**Figura 151:** VIAGEM IMPERIAL. Santa Maria, deslizando-se pelas águas do Guanabara, ouve os votos de um povo inteiro em favor da próspera viagem dos augustos passageiros, à bem da realização das largas vistas de S. M. I. e pelo seu triunfante regresso a esta corte, que admira o ato da dedicação imperial, mas não pode esquivar-se ao sentimento de profunda saudade. Santa Maria, que sempre orou pela felicidade do Brasil, continuará a orar pela segurança, glória e ventura do Imperador. **Semana Ilustrada**, 16 de julho de 1865, n. 240.

**Figura 152:** Patriotismo. Concórdia. Rio Grandenses! Falo-vos como pai, que zela a honra da família Brasileira; estou certo de que procedereis como irmãos, que se amam ainda mais quando qualquer deles sofre. (Proclamação de Sua Majestade o Imperador aos habitantes do Rio Grande). **Semana Ilustrada**, 6 de agosto de 1865, n. 243.

**Figura 153:** S. M. o Imperador e S. A. o Sr. Duque de Saxe em traje de campanha. **Semana Ilustrada**, 10 de setembro de 1865, n. 248.

**Figura 154:** Episódios da guerra contra o Paraguai. Sua Majestade o Imperador, não obstante o intenso frio que fazia, tira dos ombros a capa e cobre com ela um soldado, que estava inteiriçado. **Semana Ilustrada**, 8 de outubro de 1865, n. 252.

**Figura 155:** O Leônidas paraguaio. Moleque: - Diga-me, nhonhô, o Estica-barriga\* não parodiou com jeito o dito do heroico espartano? Dr. Semana: - Distingo. A Uruguaiana nada tem de Termópilas, com 8.000 paraguaios, nem os aliados são Xerxes com 18.000 homens. Moleque: - Então o negócio cheira a fanfarronada de guarani? Dr. Semana: - Cheira a chouriço ou a linguiças, que gostam muito de fumaça. \*Estigarribia. **Semana Ilustrada**, 1 de outubro de 1865, n. 251.

**Figura 156:** O coronel paraguaio Antonio Estigarribia. Copiado de uma fotografia dos Srs. v. Nyvel e Guimarães. **Semana Ilustrada**, 15 de outubro de 1865, n. 253.

**Figura 157:** Dr. Semana – Donde vens tu, moleque? Moleque – Nhonhô, eu saí a ver se dava uma cabeçada no Estigarribia. Dr. Semana – Deveras? Pois não me há de sair mais. Desprezemos o homem, mas respeitemos o inimigo vencido; e nada de molecagem, Sr. Moleque... Vai buscar um charuto lá dentro! **Semana Ilustrada**, 5 de novembro de 1865, n. 256.

**Figura 158:** Moleque: Eu moleque da Semana, a ti Lopez Periquito, mostro n'este papelito. A queda de Uruguaiana; e, por ter pena de ti, não te falo de Yatahy. Lopez: - Que me dizes? Foi-se tudo! Oito mil homens vencidos: Eis os créditos perdidos. De Lopez, o façanhudo! A culpa é de Lopez pai! Ai de mim! Ai! Ai! Ai! Ai! **Semana Ilustrada**, 15 de outubro de 1865, n. 253.

**Figura 159:** Episódios da entrega de Uruguaiana. – Prove desta cerveja, camarada, é legítima paraguaia. – Nem por isso, acho melhor a de Mata-cavalos. – Mas o exército brasileiro não deve usar dessa, por que então fica sem cavalaria. – Por quanto me vende um cálix de licor, Sr. Furriel. – Beba, que lhe há de custar menos do que no Rio de Janeiro, pois V. M. bem sabe que o Sr. Tello Barreto, Inspetor da Alfândega de Uruguaiana, não nos quis esperar para receber os direitos. **Semana Ilustrada**, 15 de outubro de 1865, n. 253.

**Figura 160:** – Então o que é isso, Sr. Padre Duarte, está tremendo de medo? – Qual de medo, Sr. General: é de prazer pela lembrança de que V. Ex. me vai arranjar um lugar de capelão no exército brasileiro. **Semana Ilustrada**, 15 de outubro de 1865, n. 253.

**Figura 161:** Paralelo. Como são tratados os prisioneiros no Paraguai e no Brasil. **Semana Ilustrada**, 19 de novembro de 1865, n. 258.

**Figura 162:** O boneco Lopez. Apesar dos protestos e contraprotostos está terminada a questão de Uruguaiana, e já se começou a questão de Assunção. A comédia do cacique vai agora mudar-se em tragédia na sua própria casa, onde ele há de representar o principal papel de boneco de engonço, pois não passa disso. **Semana Ilustrada**, 29 de outubro de 1865, n. 255.

**Figura 163:** Desembarque de Sua Majestade o Imperador na cidade do Rio Grande do Sul no dia 1º de novembro de 1865. (Copiado de uma fotografia dos Srs. Sucini & Irmão). **Semana Ilustrada**, 27 de novembro de 1865, n. 259.

**Figura 164:** Arsenal de guerra de Porto Alegre. Festejo militar por ocasião do regresso de S. M. o Imperador depois da entrega de Uruguaiana. **Semana Ilustrada**, 3 de dezembro de 1865, n. 260.

**Figura 165:** Natal na campanha. Alerta, pobre soldado! Alerta, meu coração! Manda, manda ao teto amado, um suspiro magoado, de saudade e de oração. Do natal na grande festa, tudo além se alegra e ri; que felicidade é esta! Mal haja a hora funesta, que me trouxe a errar aqui... Mas não! Se a triste memória, blasfemou, minha razão. Aponta-me outra vitória; a estrela da nossa glória, sai das sombras da opressão. **Semana Ilustrada**, 24 de dezembro de 1865, n. 263.

**Figura 166:** Explosão de uma chata paraguaia (com uma peça de 68) no dia 25 de março, às 3 horas da tarde, causada por uma bomba do *Tamandaré*, dirigida à pontaria pelo comandante Barros. **Semana Ilustrada**, 29 de abril de 1866, n. 281.

**Figura 167:** Segundo reconhecimento do Alto Paraná até o ponto de Itati, no dia 23 de março de 1866, pelos navios *Tamandaré*, *Mearim* e *H. Martins* acompanhados pelo *Cysne* a cujo bordo se achavam o general Mitre e o seu estado maior, conselheiro Octaviano e pessoas de sua comitiva e o visconde de Tamandaré com seu estado maior. O *Cysne* por seu menor calado seguia junto à margem correntina, ainda ao alcance do inimigo, caindo-lhe uma bala a seis braças de distância. **Semana Ilustrada**, 29 de abril de 1866, n. 281.

**Figura 168:** 2ª divisão da esquadra ao mando do chefe José Maria Rodrigues, bloqueando a entrada do rio Paraguai, composta dos seguintes navios: *Iguatemy*, *Ivahy*, *Parnahyba* e *Barroso* (de bordo da *Apa*, 28 de março de 1866). **Semana Ilustrada**, 29 de abril de 1866, n. 281.

**Figura 169:** História para crianças. Três gatos andavam a caça de uma grande porção de ratos que tinham infestado um certo território; os ratos mal descobriram os gatos, puseram cebo às canelas. Mas havia um lugar chamado Passo da Pátria uma pequena ponte, e eles querendo ir todos de uma vez, foram ficando aqui e ali em grandes lotes, até que os referidos gatos, com três ou quatro tabefes, deram cabo deles todos. **Semana Ilustrada**, 27 de novembro de 1865, n. 259.

**Figura 170:** Passo da Pátria. Para não perder mais tempo, vou à vela pelo espaço. Perguntar aos nossos bravos, quando passarão tal passo! **Semana Ilustrada**, 22 de abril de 1866, n. 280.

**Figura 171:** O tenente-coronel José Carlos de Carvalho, plantando o pavilhão nacional no território paraguaio. O tenente-coronel João Carlos de Villagran Cabrita, heroico defensor da ilha de Carvalho, e que sucumbiu 6 horas depois de uma brilhante vitória. **Semana Ilustrada**, 6 de maio de 1866, n. 282.

**Figura 172:** Heróis, que faleceram no combate do dia 10 de abril de 1866, na ilha do Carvalho. Luiz Fernandes de Sampaio, Major do Estado maior de artilharia. O menino Torres, 2º cadete do 1ª batalhão de artilharia. Carlos Luiz Woolf, Alferes secretário do comandante Cabrita. **Semana Ilustrada**, 13 de maio de 1866, n. 283.

**Figura 173:** Episódio do combate na ilha do Carvalho. **Semana Ilustrada**, 13 de maio de 1866, n. 283.

**Figura 174:** Últimos momentos do heroico 1º tenente – Mariz e Barros – comandante do encouraçado Tamandaré. **Semana Ilustrada**, 29 de abril de 1866, n. 281.

**Figura 175:** Nos gravíssimos atuais momentos a nobre imagem da pátria deve unir em fraternal abraço ministeriais e oposicionistas, apontando-lhes para as margens do Paraná, dizendo-lhes: - Lá se combate, lá se morre heroicamente. Aguarde a nação, em silêncio solene o brado vitória para aplaudi-la ou o grito desastres para remedia-los (Jornal do Commercio de 20 de abril). É o que a situação reclama do verdadeiro patriotismo, condenando o falso, que promove

discussões estereis, exuma (ilegível) e ateia o facho da discórdia. **Semana Illustrada**, 6 de maio de 1866, n. 282.

**Figura 176:** Interior da barraca do capitão A. G. de Andrade Pinto, secretário militar do comando em chefe do Exército Imperial. 18 de março de 1866. Barraca e ramada do general M. L. Osório no acampamento do Tala-Corá, distante três léguas do Passo da Pátria. **Semana Illustrada**, 6 de maio de 1866, n. 282.

**Figura 177:** O general Osório, primeiro do exército aliado que na passagem do Passo da Pátria pisou o território paraguaio à frente de doze brasileiros. **Semana Illustrada**, 13 de maio de 1866, n. 283.

**Figura 178:** O Marquês de Caxias, novo chefe do exército brasileiro. **Semana Illustrada**, 21 de outubro de 1866, n. 306.

**Figura 179:** Mitre e Caxias – Ao que parece, o Caxias já anda a desconfiar de minhas tramóias... é preciso redobrar de precauções!... o velhinho é finório! **O Cabrião**, 1º de setembro de 1867, n. 47.

**Figura 180:** A arte paraguaia. (Outro specimen de gosto artístico dos paraguaios, copiado fielmente do jornal *Cabichuy* do mês de dezembro passado). Caxias – V. es um desvergonzado, um canalla y um miserable!... (ilegível) estar, que yo le haré entrar em su deber. Mitre – Si Señor; pero perdóneme Vuestra Merced: entretanto yo voy a ver si puedo passar eso de su valor militar. **Semana Illustrada**, 26 de janeiro de 1868, n. 372.

**Figura 181:** No Teatro da guerra – Meus amigos, como vocês não querem pegar-se às deveras, e estão há tanto tempo amolando meio mundo, venho disposto a ensinar-vos como se acaba com semelhante história em um instante!... Se não se decidem, ponho mãos à obra!... É sim ou não!.. Vejam em que ficava... **O Cabrião**, 12 de maio de 1867, n. 32.

**Figura 182:** Caxias faz revista às tropas. – Precisam de purgantes. Antes d'isso não posso decidir-me sobre o assalto. Precisam de sabão. Sem isso não posso decidir-me. **O Cabrião**, 7 de abril de 1867, n. 27.

**Figura 183:** A guerra continuará em quanto este GRANDE AMOLADOR não tiver afiado, como pretende todas as baionetas do Exército brasileiro. **O Cabrião**, 17 de fevereiro de 1867, n. 20.

**Figura 184:** Como o General, que aos cinco anos foi cadete, conserva os valentes do Exército Brasileiro em podre imobilidade, o manhoso Generalito Paraguaio diverte-se em tirar vistas fotográficas do acampamento. **O Cabrião**, 24 de fevereiro de 1867, n. 21.

**Figura 185:** “VICTORIA – Se a cousa vae assim meu Marte, já estou vendo que quando deixarmos a campanha estaremos de cabelos brancos! MARTE – Que queres minha filha?! O

general não decidiu-se ainda; esta instruindo-se nos livros... agora mesmo lá está ele agarrado ao D. Quixote; ainda lhe falta ler a história de cento e tantos heróis. VICTORIA – Os soldados brasileiros são valentes, e eu tenho grande desejo de acompanhá-los aos combates... mas se a amolação continua... raspo-me...”. **O Cabrião**, 24 de março de 1867, n. 25.

**Figura 186:** “MERCURIO – Venho pedir a v. ex. que volte para o teatro da guerra; os brasileiros não tem razão para desejarem seu prolongamento e são capazes de ajustar a paz, mais dia menos dia... MITRE – Mas quem vos disse que desejo prolongar a guerra? MERCURIO – Ora! Aqui entre nós, v. ex. que guardar reservas!? Pois não sabe que eu também sou mitrado?! Nada! Nada! É preciso voltar para a campanha: empenho-me com o Deus do comércio, dos especuladores, etc, etc., em favor das vossas e das algibeiras de vossos governados... é necessário que continue a pepineira!” **O Cabrião**, 31 de março de 1867, n. 26.

**Figura 187:** Extenuado de forças, sempre envolvido nas lutas dos partidos, que debalde intenta acalmar, eis a posição do Brasil em relação a guerra do Prata. **O Cabrião**, 31 de março de 1867, n. 26.

**Figura 188:** – CAXIAS – Venho agradecer-lhe a agradável surpresa que causou-me o vantajoso bombardeamento que o seu “Diário” fez ao forte do Curupaity. Realmente só por esse modo podia realizar-se aquele feito d’armas. Peço-lhe que continue até Assumpção – LOPEZ – Em consequência da terrível mortandade que tive, ocasionada pelo bombardeamento do seu jornal sobre Curupaity, venho pedir-lhe um armistício de quinze dias para enterrar os mortos. Confesso que antes quero lidar com o Caxias do que com o Senhor. **O Cabrião**, 19 de maio de 1867, n. 33.

**Figura 189:** Últimas notícias da guerra. **O Cabrião**, 26 de maio de 1867, n. 34.

**Figura 190:** *Au clair de la lune, Mon ami Pierro, Prête moi la plume Pour ecrire um mot... Ma chandelle est morte... Je n’ai plus de feu... Ouvre moi ta porte Pour l’amor de Dieu.* **O Cabrião**, 2 de junho de 1867, n. 35.

**Figura 191:** Rio de Janeiro, 22 de Maio. – Então, sr. Polydoro, traz-nos importantes novas? – Importantíssimas, meu Senhor. O valente marquês está por um zaz não zaz a dar o bote... Conta com o maldito Lopez no papo com tanta segurança, como se já o tivesse engolido.. Segundo afirma o valente marquês, é isso questãozinha de 4 a 6 meses mais ou menos... **O Cabrião**, 2 de junho de 1867, n. 35.

**Figura 192:** Residência de S. Ex. o Sr. Marquez de Caxias em Tuyuty, República do Paraguai. **Semana Ilustrada**, 9 de junho de 1867, n. 339.

**Figura 193:** – Pois olhe, senhor Inverno, estimo sua chegada, e cordialmente desejo que demore-se pelo acampamento: sua presença é desculpa magnífica a demora da batalha decisiva.

– Nada! Nada! Senhor Marquês; se me pusesse às suas ordens, arriscava-me a ficar por aqui eternamente. Não me pilha!... **O Cabrião**, 30 de junho de 1867, n. 39.

**Figura 194:** – Se não fosse o mate, morria de cinismo! É bem difícil esperar... eternamente! Ando a desconfiar que o Caxias deliberou vencer-me não pelas armas, não pela fome e pelos horrores de um bloqueio em regra, mas pelo tédio, pela amolação, pelo aborrecimento! Há de ser curioso, mas pode acontecer, que veja-me obrigado a dar parte de aborrecido, amoladíssimo, etc., etc., pedindo a paz em consequência, se o homem prossegue no sistema. **O Cabrião**, 30 de junho de 1867, n. 39.

**Figura 195:** – Vá enchendo, vá enchendo, sr. Caxias. Olhe que minha espada é pesada, bem sabe disso, e eu não a vendo senão a peso de ouro. – Lá vae, lá vae, sr. Lopes; o que quero é que me deixe os louros da vitória, e ao meu país os cômodos da paz. – Então, amigo Mitre, o que tu diz d’esta pepineira do Lopez? – Homem, compadre Flores. Eu digo – que muito bem! O que nos vale é que, ainda desta vez, não somos nós os que pagamos o pato. **O Cabrião**, 14 de julho de 1867, n. 40.

**Figura 196:** Últimas notícias da guerra. **O Cabrião**, 28 de julho de 1867, n. 42.

**Figura 197:** O anjo da vitória mostra ao Brasil um raio luminoso nas trevas que o cercam. **O Cabrião**, 11 de agosto de 1867, n. 44.

**Figura 198:** Em Buenos Aires. – Caramba! Non puedo quedar-me assi! Quiero volver al Paraguai! Usted non vêe que el viejo marquez de Caxias me saca, uma a uma, todas las palmas de la victoria? – Não se aflija, meu amiguinho! A guerra há de acabar sem o valioso auxílio de seus estratagemas! – Acabar-se la guerra?!... Pero no lo quiero yo! **A Vida Fluminense**, 18 de abril de 1868, n. 16.

**Figura 199:** Barraca e mangrullo do Exm. Marquês de Caxias em Parê-cuê segundo um desenho com que fomos obsequiados pelo distinto Coronel de Engenheiros José Joaquim Rodrigues Lopes. **A Vida Fluminense**, 5 de dezembro de 1868, n. 49.

**Figura 200:** Entusiasmo popular. O general Caxias, depois de passar tanto tempo a sitiá Lopez, vê-se por seu turno sitiado pelo general Navarro. **A Vida Fluminense**, 27 de fevereiro de 1869, n. 61.

**Figura 201:** “Bem se vê que o Caxias não é mais gerente da guerra! Aí está... chegam notícias e nada de entusiasmo! Abençoada gente: - ela pensa como eu: prefere ver o estandarte do povo e os foguetes aí para um canto cobertos de poeira a desenrolar o primeiro e queimar os segundos em honra de outro que não seja padrinho”. **A Vida Fluminense**, 11 de setembro de 1869, n. 89.

**Figura 202:** Planta das posições das forças beligerantes no dia 2 de maio, no Estero Bellaco. **Semana Illustrada**, 27 de maio de 1866, n. 285.



**Figura 203:** Episódios da guerra do sul. O tenente-coronel Salustiano Jeronymo dos Reys, comandante da 14ª brigada na batalha de Tuyuti, vê cair o filho, alferes Salustiano Jeronymo Fernandes Reys, moço de 17 anos, ferido por um foguete a congrêve. O pai recebe moralmente o golpe, mas o soldado sufocou o pai. O coronel dá ordem de avançar, e à frente dos seus bravos mostra quanto pede a consciência do dever. **Semana Ilustrada**, 19 de agosto de 1866, n. 297.

**Figura 204:** Ferimento grave. – Pois eu fui um dos feridos na batalha de 24 de maio; levei três balas; uma matou-me o cavalo, a outra levou-me a patrona e a terceira carregou-me o boné. **Semana Ilustrada**, 30 de setembro de 1866, n. 303.

**Figura 205:** Paz única. Paz assim é desejável; paz assim será durável; paz de outra qualquer feição. É paz de degradação. **Semana Ilustrada**, 12 de abril de 1867, n. 332.

**Figura 206:** – Ainda estas poucas pinceladas, e o retrato ficará pronto. Como o achas, moleque? – Perfeito. E os nossos assinantes, nhonhô, hão de dizer o mesmo e ficarão contentes, por possuir a efigie do valente Polydoro. **Semana Ilustrada**, 19 de agosto de 1866, n. 297.

**Figura 207:** Murinelly e seus filhos. 1. Dr. José Arthur de Murinelly, tenente de estado-maior de 1ª classe. 2. Dr. Luiz Francisco de Murinelly, médico do corpo de saúde, faleceu em 18 de abril de 1866. 3. Murinelly (pai). 4. Arnaldo Murinelly, 1º tenente. **Semana Ilustrada**, 27 de maio de 1866, n. 285.

**Figura 208:** Os cinco irmãos Tamborins que se acham todos no campo da batalha contra o Paraguai, onde já se tem distinguido em diversas ocasiões. Antonio, 1º tenente d'armada. Sebastião, capitão d'artilharia. Miguel, alferes do 6º d'infantaria. Secundino, capitão d'infantaria. Emiliano, tenente do 9 d'infantaria. **Semana Ilustrada**, 13 de janeiro de 1867, n. 318.

**Figura 209:** Plano da Passagem de Curupaity, efetuada pela esquadra encouraçada sob o mando do almirante Joaquim José Ignacio a 15 de agosto de 1867. Este desenho foi remetido à redação da *Semana Ilustrada* pelo Exm. Sr. Barão de Inhaúma, almirante da esquadra em operações no Paraguai. **Semana Ilustrada**, 24 de novembro de 1867, n. 363.

**Figura 210:** Passagem de Curupaity. O Brasil com o almirante na frente da esquadra. **Semana Ilustrada**, 7 de junho de 1868, n. 391.

**Figura 211:** Barranca de Curupaity e seus arredores. 1. Barranca; 2. Margem do Chaco; 3. Margem paraguaia, ficando à vanguarda o segundo corpo do Exército; 4. Barroso; 5. Silvado, com o pavilhão do chefe Alvim; 6. Herval; 7. Magé; 8. Cabral; 9. Chatas. (os navios formam a vanguarda da esquadra). **Semana Ilustrada**, 11 de agosto de 1867, n. 348.

**Figura 212:** A canhoneira encouraçada – *Tamandaré* – depois do combate de Curupaity. A corveta encouraçada – *Brasil* – depois do combate de Curupaity. (Mandados pelo Exm. Sr. Almirante Joaquim José Ignacio). **Semana Ilustrada**, 15 de setembro de 1867, n. 353.

**Figura 213:** Na campanha (à céu aberto). – O que se fará a esta hora na corte? – Deus o sabe! Na câmara, certamente, dão de língua os deputados. – Pudera! É tão bom conversar numa poltrona... – Por falar em poltrona, se amolássemos as canelas?! – E a pátria que nos – olha? – Olha?... o tempo – está tão escuro. **Semana Ilustrada**, 30 de junho de 1867, n. 342.

**Figura 214:** Dia 14 de março, aniversário natalício de S. M. a Imperatriz. A esquadra brasileira, ao mando do digno e bravo almirante Joaquim José Ignacio, festeja aquele memorável dia – salvando-o, à uma hora da tarde, com 21 tiros do estilo. Desta feita, porém, não foram as peças carregadas com pólvora seca, senão com balas enviadas para as trincheiras de Curupaity, transportando a última delas os exemplares da proclamação dirigida aos paraguaios contra o déspota da República. **Semana Ilustrada**, 4 de abril de 1867, n. 331.

**Figura 215:** Deus, a pátria, o monarca, a nossa glória! **Semana Ilustrada**, 3 de fevereiro de 1867, n. 321.

**Figura 216:** Notícias do Rio da Prata. 1º - O vapor Marcílio Dias que saiu do Passo da Pátria no dia 3 deste mês nada trouxe. 2º - Continua a revolta em Santa Fé. 3º - O cólera morbus faz estragos, sempre mais estragos. 4º - Dizem que Lopez abriu comunicação pelo Chaco. 5 – O dito manda fuzilar todos quantos lhe cabem nas mãos. 6º - Com 200000 diabos! Se eu o tivesse nas unhas como tenho a você – a guerra estava acabada! **Semana Ilustrada**, 2 de fevereiro de 1868, n. 373.

**Figura 217:** O Dr. Semana esperando ansiosamente notícias do Sul. **Semana Ilustrada**, 9 de fevereiro de 1868, n. 374.

**Figura 218:** Curiosidades paraguaias. Estes desenhos foram-nos obsequiosamente fornecidos pelo distinto coronel de engenheiros José Joaquim Rodrigues Lopes. Molinete que servia para retesar as correntes, que atravessavam o rio Paraguai, em frente a Humaitá. Medalha dada por Lopes aos seus soldados, que participaram do combate naval do Riachuelo. Pia batismal da igreja de Humaitá. Acabará, peça de artilharia encontrada em Humaitá. **A Vida Fluminense**, 26 de setembro de 1868, n. 39.

**Figura 219:** Mapa demonstrativo da marcha empreendida pelos exércitos aliados. Posição que ocupam. Caminho seguido pelo general Mitre para reunir-se a eles. **O Cabrião**, 25 de agosto de 1867, n. 46.

**Figura 220:** Posição da esquadra em Humaitá/Campo de operações dos exércitos aliados contra o Paraguai por um oficial do exército brasileiro. **O Cabrião**, 29 de setembro de 1867, n. 51.

**Figura 221:** Planta topográfica mostrando as fortificações de Humaitá, a passagem da divisão encouraçada e a posição dos outros encouraçados que protegeram a mesma passagem. **A Vida Fluminense**, 14 de março de 1868, n. 11.

**Figura 222:** Mapa topográfico explicativo dos últimos movimentos militares com as posições do exército aliado, da primeira e segunda divisões encouraçadas e do quarto corpo de exército, acampado no Chaco; com o fio elétrico que liga a fortaleza de Humaitá à bateria do Timbó, e com a lagoa descoberta pelo primeiro tenente Etchebarne, pela qual a divisão encouraçada do barão da Passagem se comunica com o primeiro corpo do exército. Desenho obsequiosamente remetido por um oficial de marinha italiano, testemunha dos últimos acontecimentos. **A Vida Fluminense**, 23 de maio de 1868, n. 21.

**Figura 223:** Suplemento da *Semana Illustrada*. Plano do sítio de Humaitá pelo Chaco. Levantado por ordem de S. Ex. o Sr. Vice-Almirante Visconde de Inhaúma. Por I. M. Guimarães. **Semana Illustrada**, 2 de agosto de 1868, n. 399.

**Figura 224:** Planta de Humaitá levantada pela comissão de engenheiros do 2º corpo do exército, composta dos oficiais seguintes: Major Sebastião de Souza Melo, 1º Tenente Guilherme Carlos Lassance, e 2º Tenente Emilio Carlos Jourdan. Oferecida obsequiosamente aos proprietários da *Vida Fluminense* e pelo Illm. e Ex. Sr. Coronel de Engenheiros Conselheiro José Joaquim Rodrigues Lopes. Esta planta é a única exata que até hoje se tem publicado. Além da minuciosidade, com que foram indicados todos os edificios, baterias, redutos e caminhos do baluarte paraguaio, o leitor poderá ver, marcados com a maior exatidão, os lugares onde se fizeram os reconhecimentos de 16 de julho e o caminho que o exército seguiu para chegar até às trincheiras, bem como o ponto que do Chaco serviu de refúgio ao inimigo, e o lugar onde ele foi obrigado a render-se. **A Vida Fluminense**, 6 de março de 1869, n. 62.

**Figura 225:** Brasil. – Que importa que sejas um arsenal vivo? Ali vem o precursor da tua queda. Basta, enfim, de vexar os teus povos, incomodar os teus vizinhos e envergonhar a humanidade! Lopes (aparte, com dor de barriga: - Adeus, coroa do Paraguai. **Semana Illustrada**, 2 de abril de 1865, n. 225.

**Figura 226:** Em remuneração das muitas tinezas, que o Brasil tem recebido do Paraguai, a armada e o exército brasileiro pretendem dar, muito em breve em Humaitá, um baile ao marechal Solano Lopez. Nessa festa há de haver muita profusão de balas de estalo, de bombões em bandejas encouraçadas, de foguetes, depois de várias contradanças, valsas e polkas, para as quais já estão convidados os necessários pares. Há de terminar tudo com um fogo natural, modelado pelo incêndio de Tróia. Lopez presta-se a arremedar Hector. Aquiles não faltam ao exército e à armada do Império. **Semana Illustrada**, 27 de agosto de 1865, n. 246.

**Figura 227:** – Não tens que fazer, moleque: que rabiscos são esses? – Rabiscos chama-lhe vm.; nhonhô? Não senhor, estou engendrando o esboço de um lindo quadro para a futura exposição nacional, que me parece há de ser chibatante, pois vejo por toda a parte preparativos para essa grande festa da indústria, e estou certo que desta vez o Brasil há de mostrar ao velho mundo quanto vale o novo (cantando). A exposição será brilhante: permite, nhonhô, que eu já a cante. **Semana Ilustrada**, 10 de março de 1866, n. 274.

**Figura 228:** Tenho fé profunda de que este ponto quase imperceptível no mapa da América do Sul, contra o qual se tem quebrado todos os esforços do Império, vai agora cessar de resistir. A espada vitoriosa do Marquês de Caxias há de fazer cair uma por uma as pedras de Curupaity e de Humaitá. Proteja o Deus dos exércitos o valente salvador da pátria! **Semana Ilustrada**, 4 de novembro de 1866, n. 308.

**Figura 229:** Mitre e Caxias. Caxias – Ora muito bem, Snr. Mitre. V. Exc. Chegou à hora justinha da papança. Eis aí está quentinha e preparada a petisqueira; esforcei-me, e acredito que não ficará descontente. Recomendo-lhe este magnifico pastelão... Mas cuidado com algum osso... se V. Exc. engasgar-se é por sua conta. **O Cabrião**, 25 de agosto de 1867, n. 46.

**Figura 230:** Aos heróis da passagem de Humaitá. Capitão tenente Arthur Silveira da Motta, comandante do encouraçado Barroso. Capitão tenente Joaquim Antonio Cordovil Maurity, comandante do monitor Alagoas. Chefe de divisão Delphim Carlos de Carvalho, barão da Passagem. **A Vida Fluminense**, 7 de março de 1868, n. 10.

**Figura 231:** Passagem de Humaitá efetuada na noite de 19 de fevereiro de 1868, pelos encouraçados *Barroso*, *Bahia* e *Tamandaré*, levando a reboque os monitores *Rio Grande*, *Alagoas* e *Pará*. 1º - *Silvado*; 2º - *Lima Barros*; 3º - *Alagoas* vindo águas abaixo por ter uma bala inimiga cortado o (ilegível) que o prendia ao *Bahia*; 4º - *Tamandaré* rebocando o *Pará*; 5º - *Bahia*; 6º - *Barroso* rebocando o *Rio Grande*; 7º - Ponta do Chaco; 8º igreja de S. Carlos; 9º - armazéns; 10º - barbeta com sete peças; 11º - (ilegível) na barranca por onde passam as correntes; 12º - bateria casamatada de Londres com dezesseis peças; 13º - onde estiveram montadas duas peças que no dia 4 de setembro fizeram fogo contra o encouraçado *Lima Barros*. **A Vida Fluminense**, 14 de março de 1868, n. 11.

**Figura 232:** Vista de uma parte das baterias, fortificações e armazéns de Humaitá, tomada de bordo do encouraçado Lima Barros, no dia 5 de setembro de 1867. Vista das barrancas e fortificações do Curupaity, tomada de bordo do vapor *Princesa*. **A Vida Fluminense**, 21 de março de 1868, n. 12.

**Figura 233:** Interior de Humaitá. Estas vistas foram-nos obsequiosamente oferecidas pelo coronel José Joaquim da Lima e Silva. Casa do general Lopez. Bateria de Londres, casamatada.

Em cima dela, o batalhão de engenheiros demolindo-a e arrasando por ordem do general em chefe. Tem 15 casamatas. **Semana Ilustrada**, 13 de setembro de 1868, n. 405.

**Figura 234:** Interior de Humaitá, perfil das baterias descobertas. Casamatas de Londres, perfil pelo eixo de uma canhoneira. **Semana Ilustrada**, 16 de agosto de 1868, n. 401.

**Figura 235:** Desmaio jornalístico. A imprensa europeia ao receber a notícia de Humaitá terá um desmaio e cai do seu trono. Todos os jornais publicaram um artigo assim: “Parece que o gabinete do Rio de Janeiro untou as mãos do telégrafo.” Que dirá ela quando lhe mandarmos, em vez de uma notícia o próprio Lopez? **Semana Ilustrada**, 29 de março de 1868, n. 381.

**Figura 236:** Às 2 horas da madrugada, comoção que sentiram os pacíficos habitantes da corte ao receberem a notícia da queda de Humaitá. **A Vida Fluminense**, 8 de agosto de 1868, n. 32.

**Figura 237:** Humaitá. General Marquês de Caxias e General Visconde do Herval. **A Vida Fluminense**, 15 de agosto de 1868, n. 33.

**Figura 238:** Assassinato do general D. Venancio Flores, nas ruas de Montevideu no dia 19 de fevereiro próximo passado. (Copiado fielmente de um desenho feito em Montevideu pelo correspondente da – Vida Fluminense). **A Vida Fluminense**, 7 de março de 1868, n. 10.

**Figura 239:** À memória de D. Venâncio Flores em 19 de fevereiro de 1868. **Semana Ilustrada**, 8 de março de 1868, n. 378.

**Figura 240:** Planta do Rio Paraguai. Ancoradouro da divisão naval, (ao mando do Barão da Passagem), e outros lugares ocupados pelo exército brasileiro; fortaleza Timbó, etc. Pelo bravo capitão-tenente Eduardo Wandenkolk. **Semana Ilustrada**, 24 de maio de 1868, n. 389.

**Figura 241:** Esboço da Fortaleza do Timbó. 1 – Casa do comandante do ponto. 2 – Oficinas. 3 – Currais. 4 – Guindaste. 5 – Casa da telegrafia. 6 – Guarda do Timbó. 7 – Lugar onde foi a pique o *Igurá*. 8 – Lugar onde o *Alagoas* foi abordado. 9 – Campo santo. 10 – Bocas de fogo encontradas e tiradas pelo batalhão de engenheiros. 11 – Acampamento. 12 – Casas. 13 – Quartéis. 14 – Linhas de abatizes e bocas de lobo. 15 – Fio telegráfico. 16 – Estrada de comunicações. 17 – Piquetes. 18 – Lugar para bocas de fogo. 19 – Barrancas. Esboço feito pelo Sr. Tenente-coronel Conrado da Silva Bitancourt e obsequiosamente oferecido a *Semana Ilustrada* pelo Sr. Marechal de exército José Maria da Silva Bitancourt. **Semana Ilustrada**, 27 de setembro de 1868, n. 407.

**Figura 242:** Canoas paraguaias dando abordagem ao monitor *Alagoas*, nas proximidades das baterias do Timbó. **A Vida Fluminense**, 14 de março de 1868, n. 11.

**Figura 243:** A Glória. Poesia de Rozendo Muniz Barreto. Distribuída como suplemento da *Semana Ilustrada* na terça-feira passada. **Semana Ilustrada**, 15 de março de 1868, n. 379.

**Figura 244:** Planta topográfica de uma parte do Paraguai, mostrando a posição da cidade de Assunção e as fortificações que a defendem. **A Vida Fluminense**, 28 de março de 1868, n. 13.

**Figura 245:** Onde estará o Lopez? **Semana Illustrada**, 15 de março de 1868, n. 379.

**Figura 246:** Guerra do Paraguai. Onde estará Lopez?! Onde estará Lopez?! Onde estará Lopez?!!!! **A Vida Fluminense**, 11 de abril de 1868, n. 15.

**Figura 247:** Guerra do Paraguai, episódio da madrugada de 2 do corrente. Os encouraçados *Silvado, Brasil, Maris e Barros e Herval*, metralhando os paraguaios que, protegidos pela noite, vieram em canoas dar abordagem ao *Cabral e Lima Barros*. **A Vida Fluminense**, 28 de março de 1868, n. 13.

**Figura 248:** Bernardino, rei dos práticos. Episódio da guerra do Paraguai, passado a bordo do encouraçado *Lima Barros* na ocasião da abordagem do dia 2 de março. **Semana Illustrada**, 5 de abril de 1868, n. 382.

**Figura 249:** Joaquim Rodrigues da Costa, capitão de mar e guerra, comandante da 2ª divisão de encouraçados, morto em 2 de março de 1868, na abordagem do *Lima Barros*. João de Gomensoro Wandenkolk, falecido no dia 10 de março em consequência dos ferimentos recebidos na abordagem do *Cabral* em 2 do mesmo mês. **Semana Illustrada**, 5 de abril de 1868, n. 382.

**Figura 250:** Primeiro tenente João de Gomensoro Wandenkolk. Capitão de fragata Fortunato Foster Vidal. (vide o texto). **A Vida Fluminense**, 9 de maio de 1868, n. 19.

**Figura 251:** Este desenho foi feito segundo uma planta oferecida à *Vida Fluminense* pelo distinto capitão-tenente Eduardo Wandenkolk, e completado com informações do intrépido capitão de fragata Arthur Silveira da Motta. Fortificações do Tebiquary, vistas de bordo do monitor *Piauí*, em 25 de julho de 1868. **A Vida Fluminense**, 22 de agosto de 1868, n. 34.

**Figura 252:** Fortificações paraguaias na foz do Tebiquary (desenho remetido pelo Sr. Delamare Filho). **A Vida Fluminense**, 18 de julho de 1868, n. 29.

**Figura 253:** Glorioso combate dos encouraçados brasileiros *Barroso* e monitor *Rio Grande*, atacados pelos paraguaios na noite de 9 de julho de 1868. **Semana Illustrada**, 2 de agosto de 1868, n. 399.

**Figura 254:** Parte do rio Tebiquary por onde se efetuou a passagem do exército desde 1 de setembro (data em que foi o reduto abandonado) até 6 de setembro. Desenhada e remetida pelo guarda-marinha Affonso Augusto Rodrigues de Vasconcellos. A. Reduto paraguaio. B. Estradas para S. Fernando. C. Fossos onde foram depositados os cadáveres dos revoltosos paraguaios, degolados e fuzilados. D. Ponte construída sobre chatas para transporte de cavalaria e trens. E. Cural. F. Chata para condução de gado. T. Continuação do fosso da trincheira

coberto de abatizes. G. Forças Brasileiras. H. Forças de cavalaria. I. Ranchos paraguaios. 1. Couraçado *Bahia*. 3. Monitor *Rio Grande*. 4. Monitor *Alagoas*. 5. Monitor *Piauí*. 6. Monitor *Ceará*. 8. Monitor *Pará*. 2. Canhoneira *Henrique Martins*. 7. Canhoneira *Greenhalg*. 9. Navios Mercantes. **Semana Ilustrada**, 15 de novembro de 1868, n. 414.

**Figura 255:** Divisão avançada da esquadra passando em frente das baterias do Tebiquary no dia 23 de julho de 1868, às 3 horas da tarde. Bateria com 3 peças de 68 e uma raiada de 32. Mangrullo. Encouraçado *Bahia* e monitor *Alagoas*. Encouraçado *Silvado*. Bateria com 8 peças de calibre 68 e 3 menores. Baluarte onde está a bandeira. Piragua metida a pique na foz do rio. Foz do Tebiquary. Monitor *Piauí*. Monitor *Rio Grande*. Duas grossas estacas, em que os paraguaios tentaram firmar uma corrente. Encouraçado *Barroso*. **A Vida Fluminense**, 22 de agosto de 1868, n. 34.

**Figura 256:** Esboço do Rio Paraguai. **Semana Ilustrada**, 4 de outubro de 1868, n. 408.

**Figura 257:** Esboço da parte do Rio Paraguai navegada pelo encouraçado *Silvado* no dia 7 de setembro de 1868 quando forçou as baterias do Itapirú. Rio Paraguai, parte do rio em que o encouraçado *Silvado*, tendo encontrado encalhada a canhoneira americana *Wasp*, não pode dar caça aos três vapores paraguaios: segundo o desenho do comandante do mesmo encouraçado. **A Vida Fluminense**, 17 de outubro de 1868, n. 42.

**Figura 258:** Últimas notícias da guerra. **A Vida Fluminense**, 15 de agosto de 1868, n. 33.

**Figura 259:** Mudança de... trastes. Últimas notícias do Paraguai. **A Vida Fluminense**, 19 de setembro de 1868, n. 38.

**Figura 260:** À força de paciência e perseverança consegue sempre a aranha prender em sua teia o desvairado mosquito. **A Vida Fluminense**, 26 de setembro de 1868, n. 39.

**Figura 261:** Vistas do Paraguai obsequiosamente oferecidas à *Semana Ilustrada* pelo capitão de mar e guerra Bernardo Alves de Moura. **Semana Ilustrada**, 25 de outubro de 1868, n. 411.

**Figura 263:** Os marechalitos da Rua do Ouvidor, no intuito de bem empregarem algumas horas de ócio, abrem caminho pelo Chaco, atravessam lagoas e banhados a pé enxuto, sitiam Angostura e tomam Villeta, aprisionam Lopez, passam a guarnição a fio... de língua e reestabelecem a paz! Isto a seiscentas léguas de distância e enquanto o diabo esfrega um olho! E dizem que não temos gente!... **A Vida Fluminense**, 5 de dezembro de 1868, n. 49.

**Figura 264:** Últimas notícias da guerra. Posições atuais dos exércitos beligerantes, segundo um desenho feito pelo correspondente especial do *Diário do Rio de Janeiro*. **A Vida Fluminense**, 19 de dezembro de 1868, n. 51.

**Figura 265:** O ano de 1868 não quis retirar-se do mundo sem arquivar mais um brilhante feito d'armas (Ponte de Itororó). **A Vida Fluminense**, 26 de dezembro de 1868, n. 52.

**Figura 266:** Episódio da passagem e tomada da ponte sobre o arroio Itororó, no dia 6 de dezembro de 1868. **A Vida Fluminense**, 2 de janeiro de 1869, n. 53.

**Figura 267:** Planta autêntica da batalha de Itororó. **A Vida Fluminense**, 10 de abril de 1869, n. 67.

**Figura 268:** Episódio do dia 11 de dezembro de 1868. O bravo general Osório apesar de ferido no maxilar inferior esquerdo por uma bala de fuzil continua à frente de sua cavalaria na perseguição dos paraguaios fugitivos. **Semana Ilustrada**, 3 de janeiro de 1869, n. 421.

**Figura 269:** Episódio da guerra do Paraguai (21 de dezembro de 1868). Retomada da peça de 32, Withworth, que nos foi arrebatada no combate de 3 de novembro em Tuyuty e bem assim mais duas que perdemos em 2 de maio de 1866, as quais chegaram outra vez ao nosso poder. **Semana Ilustrada**, 17 de janeiro de 1869, n. 423.

**Figura 270:** Últimas notícias do Paraguai. Reorganização do exército “d’El Supremo”. **A Vida Fluminense**, 30 de janeiro de 1869, n. 57.

**Figura 271:** A bomba, que o Marquês de Caxias dirigiu para Angostura, veio parar aqui na Praça do Comércio, onde os seus efeitos foram tão horríveis, como na Angostura. **Semana Ilustrada**, 17 de janeiro de 1869, n. 423.

**Figura 272:** Tinha bastiões possantes, muros por todas as partes; tinha férreos baluartes, soldados, brônzeos canhões; Mas já prostrado e vencido, jaz o inimigo por terra; vitória imensa que encerra, a honra de três nações. (Alegoria da vitória da Tríplice Aliança pisando em uma cobra com Angostura ao fundo). **Semana Ilustrada**, 24 de janeiro de 1869, n. 424.

**Figura 273:** Notícias do Sul. Já não tem mais onde pôr os pés! **A Vida Fluminense**, 16 de janeiro de 1869, n. 55.

**Figura 274:** Vista de uma parte da cidade de Assunção tirada de bordo de um dos monitores pelo 2º tenente José Carlos de Carvalho, imediato do monitor *Rio Grande*. 1. Palácio do P. López. 2. Palácio do velho López. 3. Igreja de S. Francisco. 4. Alfândega. 5. Arsenal. 6. Teatro. 7. Forte com 5 peças pequenas. 8. Bateria acasamatada. 9. Vapor em construção. 10. Vapor em conserto. 11. Escunas Italiana prisioneira. 12. Chalanas com torpedos. **Vida Fluminense**, 9 de janeiro de 1869, n. 54.

**Figura 275:** Notícias do Sul. Tendo dado cabo de tudo quanto havia de bípedes no Paraguai, o El Supremo, que tem muita paciência acha ainda meio de reorganizar um novo exército de quadrúpedes a quem faz a seguinte proclamação... (Por falta de espaço pedimos ao leitor que leia no Diário do Povo onde será publicada hoje) à qual os soldados entusiasmados respondem: Hau! Hau! Hau! Miau! Hau! Miau! **A Vida Fluminense**, 6 de fevereiro de 1869, n. 58.



**Figura 276:** Bellona e Marte, deuses da guerra, não tendo mais que matar, matam o tempo jogando uma partida de bisca. O Paraguai assiste, mas não ousa meter-se no jogo. **A Vida Fluminense**, 13 de março de 1869, n. 63.

**Figura 277:** S. A. o Snr. Conde d'Eu. **A Vida Fluminense**, 7 de maio de 1870, n. 123.

**Figura 278:** Inhaúma! Enquanto os mares sulcar a nave guerreira, enquanto aos ecos da história falar a voz brasileira, teu nome será lembrado, teus nobres feitos serão para chefes e soldados, um modelo e um brasão! **Semana Ilustrada**, 21 de março de 1869, n. 432.

**Figura 279:** O almirante visconde de Inhaúma e o seu biógrafo. – Está preenchido meu fim. Paguei devido tributo à memória de um dedicado servidor do Império, de um homem do mar completo, de um cidadão sem mácula na vasta série de serviços prestados ao Estado. (A. J. Victorino de Barros). **Semana Ilustrada**, 20 de março de 1870, n. 484.

**Figura 280:** Visconde de Inhaúma. **A Vida Fluminense**, 20 de março de 1869, n. 64.

**Figura 281:** Se os brasileiros recebem os paraguaios à baioneta calada, consta que para as mulheres há outra espécie de recepção mais de acordo com as leis da galanteria do exército de Santa Cruz. **A Vida Fluminense**, 15 de maio de 1869, n. 72.

**Figura 282:** General João Manoel Menna Barreto, morto gloriosamente em 12 de agosto de 1869, na batalha de Pirebebuy, junto de Ascurra. **Semana Ilustrada**, 5 de setembro de 1869, n. 456.

**Figura 283:** Esboço Memorial da Praça de Piribebuy atacada e tomada a viva força a 12 de agosto de 1869. Desenhado pelo coronel Conrado Maria da Silva Bitancourt e obsequiosamente oferecido pelo marechal de Exército Conselheiro José Maria da Silva Bitancourt (vide as explicações no texto). **Semana Ilustrada**, 24 de outubro de 1869, n. 463.

**Figura 284:** Os preparativos para a chegada do Conde d'Eu. **A Vida Fluminense**, 30 de abril de 1870, n. 122.

**Figura 285:** A chegada a esta Capital de S. A. o Snr. Conde d'Eu. **A Vida Fluminense**, 7 de maio de 1870, n. 123.

**Figura 286:** Paraguai. Estação central da estrada de ferro em Assunção, segundo uma fotografia que nos foi obsequiosamente oferecida pelo Exm. Sr. Dr. Homem de Mello. Na estação se achava aquartelado o 46º de voluntários, sob o comando do coronel Francisco Lourenço. No sobrado, à direita, estava aquartelado o batalhão de engenheiros, comandado pelo coronel Alencastre. **A Vida Fluminense**, 26 de junho de 1869, n. 78.

**Figura 287:** Paraguai, palácio de Lopez, em Assunção. **A Vida Fluminense**, 17 de julho de 1869, n. 81.

**Figura 288:** Moleque: - Nhonhô, esta guerra não tem fim? Dr. Semana: - Não há bem que sempre dure, nem mal que não acabe. Moleque: - Mas Nhonhô, o dinheiro acabou-se, o financeiro quebrou, o general retirou-se, e o diplomata espichou-se... Dr. Semana: Nesta terra ninguém quebra, ninguém se retira (volta um pouco apressado) e ninguém se espicha; há para todos uma reabilitação possível. Moleque: - Isto não acaba sem o nosso concurso. *Allons enfants de la patrie. Le jour de gloire est arrivé* (trecho da Marselhesa). **Semana Ilustrada**, 15 de agosto de 1869, n. 453.

**Figura 289:** Atual posição do Lopes (segundo as últimas notícias da guerra). **A Vida Fluminense**, 28 de agosto de 1869, n. 87.

**Figura 290:** O príncipe conde d'Eu comandando os exércitos aliados nas batalhas de Pirebebuy e Caraguatay. **Semana Ilustrada**, 5 de setembro de 1869, n. 456.

**Figura 291:** Sua alteza o Sr. Gaston d'Orleans, conde d'Eu e o seu estado-maior na vila do Rosário (Paraguai) em 13 de janeiro de 1870. **Semana Ilustrada**, 27 de fevereiro de 1870, n. 481.

**Figura 292:** Sua Alteza o Sr. Gaston D'Orleans, Conde D'Eu, e o seu estado-maior na Villa do Rosário (Paraguai), em 13 de janeiro de 1870. **L'Illustration: journal universel**, 4 de junho de 1870, Vol. LV, nº 1.423.

**Figura 293:** Conde D'Eu e oficiais do Estado na Vila do Rosário. 13 de janeiro de 1870. Carlos César/Trebbi/Meyerhoff. Fotografia em preto e branco, 15,7 cm x 11,8 cm. Museu Mariano Procópio.

**Figura 294:** O atual palácio del Supremo Lopes nas cordilheiras. **A Vida Fluminense**, 13 de novembro de 1869, n. 98.

**Figura 295:** Tempo: Surges hoje a vida. Entendes a visão, que está diante de ti? São os meus desejos. Se diligenciares cumpri-los, ficarás distinto, entre os teus predecessores, serás contado como época notável, terás a benção de todos. Então o Brasil, livre dos flagelos que o oprimem poderá levantar-se da prostração em que jaz e caminhar na senda do progresso. **A Vida Fluminense**, 1 de janeiro de 1870, n. 105.

**Figura 296:** Paraguai. Nossos soldados continuam a perseguir tenazmente Lopes e seu destroçado exército (extraído de todas as partes oficiais todos os telegramas e todos os jornais). **A Vida Fluminense**, 29 de janeiro de 1870, n. 109.

**Figura 297:** O que dizem nossos soldados no Paraguai. – Lá vem mais cinco ou seis prisioneiros. – A este respeito dirão os jornais lá na corte: passaram-se mais cinco mil famílias. – A contar-se os paraguaios que dizem terem morrido em nossos combates, e aqueles que se passaram para nossas fileiras até hoje, é de se supor que vai em perto de 10 milhões, e que não

deve haver um só paraguaio com o Lopes. – Mas então, o que diabo estamos fazendo aqui? – Esperamos que seguindo o exemplo de seu povo, o Lopes se passe para nosso exército. **A Vida Fluminense**, 29 de janeiro de 1870, n. 109.

**Figura 298:** Chico Diabo atravessando com uma lança o monstro mais bárbaro e hediondo, que tem visto o mundo – o execrando Francisco Solano Lopez, destruidor de sua própria pátria! **Semana Ilustrada**, 27 de março de 1870, n. 485.

**Figura 299:** O Diabo ajuda os seus. – Meu Chico devo-te a reanimação, devo-te a vida... não sei como te hei de recompensar... **Semana Ilustrada**, 10 de abril de 1870, n. 487.

**Figura 300:** O marechal de campo José Antonio Corrêa da Camara, Visconde de Pelotas, sob cujo comando feriu-se a última batalha, em que foi morto o tirano Francisco Solano Lopez. **Semana Ilustrada**, 27 de março de 1870, n. 485.

**Figura 301:** Marte e Bellona ao deixarem o Paraguai. – Irra! Depois de uma vida gloriosa durante milhares de anos, estávamos arriscados a morrer aqui de velhice. – Antes de deixarmos o terreno de nossas proezas, será bom atacar este foguetinho em sinal de regozijo. – É ato político, e que muito agrada ao Brasil onde o foguete goza da maior consideração. **A Vida Fluminense**, 21 de maio de 1870, n. 125.

**Figura 302:** ... É como lhe disse, 400 réis diários; é pouco? Dr. Semana – Mas esta quantia chega para o necessário? ... Oh! Se chega! Temos casa de graça, o feijão também não é caro... pode-se até economizar ainda. Dr. Semana – Olha, Moleque, estes pobres infelizes são mais felizes, do que muitos ricos. Moleque – Nhonhô quer trocar com eles? **Semana Ilustrada**, 7 de março de 1869, n. 430.

**Figura 303:** Arco Triunfal mandado erguer no arsenal da marinha da corte pelo Sr. conselheiro de guerra, chefe de esquadra Jesuino Lamego Costa, para recepção heroica da primeira brigada de Voluntários da Pátria, no dia 23 de fevereiro. **Semana Ilustrada**, 6 de março de 1870, n. 482.

**Figura 304:** Entrada triunfal dos Voluntários da Pátria na tarde de 23 de fevereiro de 1870. **A Vida Fluminense**, 26 de março de 1870, n. 117.

**Figura 305:** – Parem! Heróis sublimes, deuses da vitória, filhos da glória e da terra de Santa Cruz. O tirano, o tigre, a onça jaz na terra banhada com o sangue, enfim morreu o Neves! Não, quero dizer, morreu o López! (e assim vai durante uma hora e meia pelo menos!!!) - Não seria um ato de filantropia atirar com um ovo podre num pedante desses? É preciso ter muita audácia e presunção para mandar parar um batalhão de 500 e tantas praças, e mais 3 ou 4 mil pessoas que o acompanharam para dizer uma enxurrada de asneiras com o único fim de brilhar. – Reflexões de um voluntário: – Eu lhes afianço que antes queria ver-me diante de uma peça a

lançar metralha, do que aguentar um discurso de duas horas. – Os voluntários das ruas: – A polícia não achará um meio de impedir que esta sucia de capoeiras, malandros, escravos e vagabundos, a escória da sociedade, enfim, se meta em toda a parte diante dos batalhões, por entre as companhias, empurrando o povo fazendo desordem e tirando por esse modo o caráter sério e digno de uma manifestação popular? **A Vida Fluminense**, 9 de abril de 1870, n. 119.

**Figura 306:** Chegada dos Voluntários ao quartel: – Estou quase morto com as tais ovações! Se o povo soubesse o que é marchar com mochilas as costas... – E ficar 12 horas sem beber uma gola d’água?! O que vale é já estarmos acostumados! **A Vida Fluminense**, 9 de abril de 1870, n. 119.

**Figura 307:** Reúne-se a respeitável mesa para discutir e resolver se o frontispício da Câmara vitalícia deve ou não... ser ornado com a bandeira nacional! Apoiados. Depois de maduríssima reflexão, animadíssima discussão, apartes discursos, apoiados e não apoiados, resolveu-se pedir emprestado (visto serem muito caras para se comprar) três bandeirinhas sendo uma nacional, uma argentina e outra oriental pelo que mandou-se logo uma mensagem para aqui, outra para ali. O que fez uma porção de escriturários e amanuenses se puseram em movimento borrando pelo menos 2 ½ resmas de papel! Mas, conseguiu-se o grande *desiratum*. **A Vida Fluminense**, 5 de março de 1870, n. 114.

**Figura 308:** - O providente ministro da Guerra compreendeu generosamente os sacrifícios que fizemos, e em recompensa manda-nos botar nos limites da província de Minas, o que nos obriga para chegar até casa, a galga 30, 40 e mais léguas a pé! Naturalmente esta marcha forçada é para fazer-nos descansar das fadigas da guerra! (Felizmente para esses bravos, o Presidente da União e Indústria reparou a previdência ministerial, pondo a disposição dos voluntários todos os carros da companhia). **A Vida Fluminense**, 12 de março de 1870, n. 115.

**Figura 309:** - Tomem lá o seu dinheiro e vão-se embora; (À parte) com esta gente não quero brincadeiras. **A Vida Fluminense**, 12 de março de 1870, n. 115.

**Figura 310:** Quase mortos de cansaço! Mas também é preciso considerar que em poucos dias receberam-se, festejaram-se, despacharam-se e pagaram-se 1500 homens!!! Parece impossível!!! **A Vida Fluminense**, 12 de março de 1870, n. 115.

**Figura 311:** A volta de um voluntário. Ele partiu para a guerra, deixando a noiva: “Ai, adeus! Levem-me vozes da pátria; guarde-te e bençãos dos céus”. E ele partiu para a guerra, deixando a mãe: “Vai, amor! Corre em defesa da pátria, emudeça minha dor”. E foi nos campos da morte vingar a pátria. Vingou! O nas páginas da história seu nome eterno gravou. Mas, quando voltou da guerra, corre aos braços maternos: “Minha mãe! Mudo a interroga. Vais vê-la, meu filho,

vais”. Havia lágrimas tristes na promessa. A mãe conduz trêmulo o herói: “Ei-la, filho! Dorme à sombra dessa cruz”. **Semana Ilustrada**, 10 de abril de 1870, n. 487.

**Figura 312:** Notícias diversas ilustradas. **A Vida Fluminense**, 2 de abril de 1870, n. 118.

**Figura 313:** – Nhonhô, a semana santa não podia cair em melhor ocasião: agora que estão regressando os bravos defensores da honra nacional, é que se deve fazer a distribuição das palmas. – A todos caberá uma palma, por que todos porfiaram em bem-merecer da pátria. **Semana Ilustrada**, 10 de abril de 1870, n. 487.

**Figura 314:** – Então meu amigo como se deu lá no Paraguai? – Não entiendo lo que usted me quiere. – Oh diabo! Pois não sabe mais falar português? – Que admiracion! Tiengo ficado cinco ãnos e médio n’el Sul. – Naturalmente falava essa língua com os paraguaios? – Não! Com los paraguaios hablava esta. **A Vida Fluminense**, 14 de maio de 1870, n. 124.

**Figura 315:** - Vou escrever uma carta de agradecimento aos jornais de Londres, que tomaram parte no nosso regozijo pelo fim da guerra, principalmente ao redator do Westminster Review. – E eu, Nhonhô, vou escrever ao editor do Times, Pall-mail e Saturday Review nos seguintes termos: – “Mylords and Gentlemen. – Pensam Vmcs. Talvez que tem o rei na barriga, enganam-se; há muito tempo que conheço o John Bull, e sei como morre de amores por nós... God dam... Se Vmcs. Estivessem aqui, dar-lhes-ia em cada um uma cabeçada, que os punhos tontos, e a fugir gritando: – “Aqui d’El-Hei! E honni soit qui mal y pense!”. **Semana Ilustrada**, 22 de maio de 1870, n. 493.

**Figura 316:** A Brasília. Em 1869: Da guerra o facho aceso em prol da honra, derrama o sangue seu, visando a glória; sem forças, exaurida, as veias frouxas, não cansa; que alcançar há de a vitória! Em 1870: Hoje, cheia de vida, esperançosa. As feridas esquece mal curadas. Dançando espalha flores, canta, e brinca. E alegre vai nos dando – arqui-pancadas! **Semana Ilustrada**, 10 de julho de 1870, n. 500.

**Figura 317:** A volta de S. A. R. o Sr. Conde d’Eu. Da pátria que adotou, vingando a afronta. Sereno lidador, só visa a glória. Esposa, sogro, povo, eia! Saudai-o! O jovem general bradou: Vitória! **Semana Ilustrada**, 24 de abril de 1870, n. 489.

**Figura 318:** Trago-te flores para que festejes com o entusiasmo devido a entrada triunfal do Príncipe, que soube levar a fim vitorioso essa luta gigantesca trovada pelo Brasil contra o tirano do Paraguai. **A Vida Fluminense**, 7 de maio de 1870, n. 123.

**Figura 319:** Recepção feita ao Coronel Dr. Pinheiro Guimarães. Não faltaram flores nem entusiasmo, mas os discursos foram tantos! Tantos! Tantos! Mesmo tantos! Que... Sítio em regra, que sofreu S. Alteza o Conde d’Eu desde que chegou até hoje, pelas senhoras

fluminenses, sociedades, corporações, clubes. S. Alteza duvida ainda que a paz tenha sucedido a guerra. **A Vida Fluminense**, 14 de maio de 1870, n. 124.

**Figura 320:** Suplemento da *Semana Illustrada*. Vista geral do teatro da guerra: feita a voo de pássaro pelo aeronauta americano o sr. James Allen. **Semana Illustrada**, 27 de junho de 1868. n 26.

**Figura 321:** O intrépido capitão d'engenheiros Conrado de Niemeyer. Membro da comissão d'engenheiros do 2º corpo de exército, destacado em serviço de sua profissão na vanguarda das forças brasileiras no Paraguai. Por diversas vezes foi encarregado de, por meio do balão, fazer reconhecimentos militares. **Semana Illustrada**, 3 de novembro de 1867, n. 360.

**Figura 322:** Uma ideia das posições que ocupam os beligerantes no Paraguai. Pelo Capitão D'Engenheiros Conrado de Niemeyer. **Imperial Instituto Artístico**, setembro de 1867.

**Figura 323:** Forma geral do TORPEDO PARAGUAIO, mostrando as quatro alavancas compensoras (g) e as pontas dos pistões (h), as boias (i) e a pedra que empilha o torpedo em certa profundidade. DIMENSÕES DO TORPEDO. Comprimento do caixão 4 palmos e seis polegadas. Altura 3 palmos e 2 polegadas. Comprimento das faces laterais 3 palmos e 2 polegadas. Espessura dos caixões 1 polegada. – A, tamanho natural do tubo. – B, corte do tubo mostrando o pistão(a) e o frasquinho fulminante (b), envolto em algodão (c). – C, corte do torpedo mostrando o primeiro caixão de madeira (d) e o segundo também de madeira (e) e o terceiro de zinco (f) que contém a pólvora. **Semana Illustrada**, 15 de julho de 1866, n. 292.

**Figura 324:** Um outro torpedo paraguaio. No dia 26, ao amanhecer, conforme o louvável costume dos paraguaios e a moda atual apareceu o torpedo, que acessado pelos escaleres da sonda, chegou-nos as mãos e passo a descreve-lo. Compõe-se de dois caixões, um de zinco e outro de madeira e duas caixas de zinco nas faces do caixão externo, que é de madeira. Sobre a caixa de zinco da face superior do caixão, existem dois martelos, como os de artilharia e dois tubos de ferro, que terminam no caixão de zinco, servindo de ouvidos. Na outra caixa, há duas pistolas, comunicando-se também com o caixão interior. Sobre as outras faces existem tubos para receberem condutores de máquinas elétricas. O torpedo repousa sobre uma canoa, carregada de pedras para melhor mergulhar-se. As cordas, que vês sair das caixas de zinco, passando pois, dois sustentáculos, presos à canoa, são o que chamamos – fiéis, e servem para fazer bater o martelo sobre a espoleta, que existe no tubo e disparar as pistolas. J. Wandenkolk. **Semana Illustrada**, 29 de julho de 1866, n. 294.

**Figura 325:** Moleque: - Nhonhô, cá está mais um. Dr. Semana: - Suspende-o moleque, e vai-te divertindo nesta pescaria. Moleque: - Mas nhonhô, não vá algum arrebentar a barriga! Eu tenho meus receios. Dr. Semana: - Simplório! Esta sucia de torpedos há de ficar inutilizada;

eles só fazem explosões longe de nós, mas havemos de ter o gostinho de pesca-los um por um.

**Semana Ilustrada**, 3 de novembro de 1867, n. 360.

**Figura 326:** Os beneméritos construtores LEVEL E BRACONNOT oferecem os planos de seis novos encouraçados ao Sr. Ministro da Marinha, que por seu turno os oferece à pátria. Honra aos três distintos brasileiros! **Semana Ilustrada**, 23 de dezembro de 1866, n. 315.

## **Lista de quadros e tabelas**

Tabela 1 – Número de exemplares consultados – 1864 a 1870

Tabela 2 – Número de imagens encontradas – 1864 a 1870



## Sumário

Agradecimentos .....	9
Resumo .....	13
Lista de ilustrações .....	14
Lista de quadros e tabelas .....	52
<b>Sumário</b> .....	<b>53</b>
1. Introdução e questões da pesquisa.....	55
1.1. Origens da pesquisa .....	55
1.2. O processo de modernização do Império .....	57
1.1. Cultura visual e consumo .....	61
1.4. A construção da imagem no Brasil na segunda metade do século XIX: questões historiográficas .....	63
1.5. Estudar o conflito .....	73
1.6. A “Maldita Guerra” e suas diferentes fases.....	76
1.7. As fontes primárias.....	79
1.8. Estado da arte: principais referências .....	81
1.9. Questões teórico-metodológicas.....	85
2. A produção visual sobre a guerra contra o Paraguai nas trajetórias de Henrique Fleiuss e Angelo Agostini.....	91
2.1. O cenário ilustrado, as críticas e conflitos entre Agostini e Fleiuss .....	92
2.2. O pré-guerra: o conflito no Uruguai .....	124
2.3. A tomada de Paysandú .....	140
2.4. O aprisionamento do <i>Marquês de Olinda</i> , a invasão paraguaia e o início da guerra .....	153
2.5. A Guarda Nacional e os voluntários “involuntários” .....	178
2.6. A batalha do Riachuelo.....	216
2.7. A assinatura do tratado da Tríplice Aliança .....	240
2.8. A chegada do imperador ao Sul e a rendição de Uruguaiana.....	248
2.9. A batalha do Passo da Pátria e a entrada do exército aliado no Paraguai.....	268
2.10. A entrada de Caxias no comando e a reorganização do Exército brasileiro.....	280
2.11. A guerra de posições (1866-1867).....	306
2.12. “Delenda, Humaitá!” .....	326
2.13. A morte de Venancio Flores, movimentações da esquadra brasileira e outras batalhas.....	353
2.14. A Dezembrada .....	377
2.15. A entrada de conde d’Eu, o caminho até Assunção e a Campanha da Cordilheira.....	393
2.16. O regresso dos soldados ao Brasil .....	424
2.17. As tecnologias implementadas no conflito .....	446
3. Conclusões: uma guerra, várias perspectivas .....	454

Referências bibliográficas .....	461
Periódicos .....	471
Documentos e cartas .....	474
Apêndice – Cronologia da guerra contra o Paraguai .....	476
O período pré-guerra .....	476
Início da Guerra .....	477
O pós-guerra .....	488
Anexo I – Projeto de Resolução – Pelo qual se cria uma Comissão de Verdade e Justiça no PARLASUR em relação à Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) .....	489

## 1. Introdução e questões da pesquisa

### 1.1. Origens da pesquisa

O processo de produção desta pesquisa surgiu ainda em 2016, com os estudos sobre a gravura *Rendição de Uruguaiana*, baseada em esboço de Pedro Américo. Ao longo da análise da imagem, foi descoberto que ela fazia parte de uma coleção, intitulada *Quadros históricos da guerra do Paraguai*. A partir dela, a ideia inicial era a de observar as relações da litografia com criações congêneres do autor e também de artistas franceses que abordavam a temática da rendição. Através de um artigo relacionado ao leilão do Paço Imperial (Santos, 1940, p. 151-316) e de alguns trechos encontrados em pesquisas na imprensa oitocentista, foi possível verificar a existência de uma possível pintura e do esboço que deram origem a essa gravura. Posteriormente, a pesquisa foi levada adiante, transformando-se em um projeto de mestrado e em dissertação (Cunha, 2019) elaborada para a aquisição do título de Mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob a orientação da professora doutora Maraliz de Castro Vieira Christo.

Inicialmente lançada em fascículos a partir do início da década de 1870 e posteriormente transformada em álbum, a coleção *Quadros históricos da guerra do Paraguai* foi uma produção editorial que tinha como objetivo narrar os principais pontos do conflito contra o Paraguai. Contava com nove gravuras e textos assinados por diversos artistas e intelectuais da segunda metade do século XIX. Vale ressaltar que a partir desta pesquisa, percebemos diversas lacunas nos estudos sobre a iconografia do conflito, espaço este que nos levou a esta investigação, focando-se especificamente nas trajetórias de Angelo Agostini e Henrique Fleiuss entre 1864 e 1870.

Esta pesquisa, concluída em 2019, teve como objetivo trazer à luz aspectos da coleção e suas litografias e textos. Nela, foram abordadas questões relacionadas a sua editoração, produção e circulação; os artistas e escritores envolvidos e a análise iconográfica de cada uma das gravuras. Paralelamente, foram também tratadas algumas questões relacionadas ao cenário da imprensa brasileira da década de 1870, destacando e comparando as litografias da coleção com as produções artísticas e dos periódicos ilustrados da última metade do século XIX. Nesse momento, ocorria um grande avanço tanto na produção de arte, quanto na difusão da imprensa por uma ainda limitada parcela da população. Isso se deve ao fato de o império atravessar um período de grande evolução, buscando inserir-se no *hall* das nações ditas “civilizadas”, termo constantemente cunhado nas publicações da segunda metade do século XIX.

Porém, para se compreender melhor o contexto do objeto estudado e seu principal espaço de circulação, o Rio de Janeiro, foi necessário contextualizar as constantes mudanças do Oitocentos, enfatizando-se o desenvolvimento e modernização da Corte. A imprensa, um mercado crescente do período, consolidava-se gradativamente como um ponto de convergência das esferas públicas, levando uma série de questões sociais, políticas e culturais para as páginas dos jornais e fomentando ainda mais a opinião pública<sup>1</sup>, ao se tornar território de densos embates, incluindo discussões sobre as próprias artes produzidas no momento.

Ainda sobre as questões artísticas, os periódicos também tiveram um papel importante na divulgação de várias obras através das litografias, potencializando assim o poder pedagógico das pinturas históricas daquele período. Desta maneira, foram analisadas algumas produções acerca da guerra feitas ao longo do conflito e posteriormente, indo até a década de 1880. Este recorte foi feito para observar possíveis aproximações entre as criações contemporâneas aos eventos da guerra e o conteúdo produzido posteriormente, utilizando informações presentes nos periódicos e em outras fontes, além de aspectos iconográficos das primeiras para complementar a compreensão das criações pós 1870, como é o caso da coleção.

Assim, de forma breve, foram também observados alguns aspectos da modernização vivida pela sociedade brasileira durante a segunda metade do século XIX. As histórias e representações narradas pela coleção analisada trouxeram à luz questões como, por exemplo, alguns relatos sobre os feitos dos agora conhecidos patronos das armas brasileiras<sup>2</sup> e outros personagens, além de batalhas que dão nome a tantas ruas e praças no país e que pouco são conhecidas pelos populares.

O processo desta investigação foi de extrema importância para se compreender uma série de questões da imprensa do século XIX, sendo possível entender como tais gravuras e fascículos circulavam pela capital da Corte e até mesmo por outras localidades. Mais do que isso, também foi possível captar as dinâmicas e valores culturais e econômicos das litogravuras para responder uma série de perguntas, que seguiam surgindo com a constante descoberta das novas fontes, através de variados anúncios em periódicos.

---

<sup>1</sup> Ver mais em: MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

<sup>2</sup> Alguns exemplos: o Duque de Caxias é o patrono do Exército Brasileiro; o brigadeiro Antônio de Sampaio é o patrono da Infantaria; o general Osório é o patrono da Cavalaria; o almirante Tamandaré é o patrono da Marinha, etc.

Desta forma, através da pesquisa de dissertação e os levantamentos feitos, percebemos que, embora existam diversos estudos relacionados aos cenários da imprensa e da iconografia do século XIX, nenhum deles sistematizava a trajetória de Henrique Fleiuss e Angelo Agostini, responsáveis por considerável parte da produção do período, no âmbito da guerra contra o Paraguai, período primordial para uma revolução na cultura visual do Brasil.

Portanto, a partir deste estudo prévio, surgiu o desejo em elaborar esta tese, visando compreender tanto a biografia e a trajetória destes artistas, quanto suas produções relacionadas ao conflito, que são os objetos principais desta pesquisa. Em paralelo, ao nos aprofundarmos nas leituras dos periódicos, tornou-se impossível não levar em consideração as rugas tidas entre ambos os personagens através das páginas, de forma a dedicarem trechos e gravuras como forma de aquecer essa rivalidade, que não era apenas pessoal, mas também mercadológica, visto que os jornais da época disputavam espaço em um crescente mercado tipográfico e também no cenário político, algo nitidamente perceptível através das opiniões expressadas pelas imagens e textos.

Assim, com base nestas observações, veio o desejo de tentar nos aprofundar de forma mais detalhada nos motivos que os levaram a essa rivalidade através das páginas de seus jornais, sobretudo durante um período tão delicado como uma guerra que, embora distante, impactava diretamente a vida de milhares de pessoas na Corte e no restante do país.

Entretanto, antes de nos aprofundarmos na guerra e suas inúmeras questões, precisamos ressaltar a perspectiva adotada sobre o conflito. Lúcia Stumpf (2019, p.32) traz em sua tese um ponto de extrema importância: “é preciso delimitar a guerra sobre a qual se faz menção”. O maior conflito ocorrido na América do Sul é conhecido por diversos nomes e analisado por várias perspectivas: no caso brasileiro, é costumeiramente nomeado pela historiografia clássica e livros didáticos como “Guerra do Paraguai”. Já na Argentina e no Uruguai (e até mesmo em parte da historiografia brasileira), é denominada como “Guerra da Tríplice Aliança”. No Paraguai, é conhecida como “*Guerra Guasú*” ou “Guerra Grande”. Corroborando com a reflexão de Stumpf, este trabalho abordará a contenda como “guerra contra o Paraguai”, sobretudo por analisar o conflito e as produções iconográficas nacionais pela perspectiva das produções da imprensa brasileira, sendo o nome dado ao acontecimento essencial para a sua definição e entendimento.

## **1.2. O processo de modernização do Império**

Para abordarmos o cenário das gravuras no Brasil imperial, torna-se necessária a compreensão do processo de modernização da época, reflexo da própria evolução do Estado no cenário sul-americano. Tal avanço teve ligação com a circulação de trabalhadores liberais, artistas e intelectuais estrangeiros que traziam consigo não só novas tecnologias, mas também novos conceitos e práticas. No entanto, há muito mais a ser observado neste gradativo processo, e trataremos dos pontos mais relevantes para esta pesquisa nesta parte.

Johan Huizinga (2017, p. 115) explicita que “a violência sangrenta só em pequena medida pode caber nas formas elevadas de cultura” algo perceptível nas pinturas históricas brasileiras e em algumas das gravuras analisadas neste trabalho. No caso das imagens estudadas nesta tese, torna-se possível perceber, ainda que em tons de claro e escuro, a necessidade de se mostrar a representação de uma realidade dos campos de batalha, ainda que com um grau de violência mais moderado que o observado nas pinturas históricas, que também contava com uma limitação na explicitação da crueldade da guerra. Fernanda Deminicis de Albuquerque e Marcello José Gomes Loureiro (Albuquerque, 2018, p. 58-72), em artigo sobre *A Passagem do Humaitá*, pintura de Victor Meirelles, explicam que arte é

capaz de fomentar os sentidos humanos por meio de diferentes estímulos (...) se apresenta como artifício para despertar o aproveitamento estético aos partícipes de uma determinada coletividade, além de **viabilizar a elaboração de registros materiais que se prestem à permanência da glória, e que ambicionem a construção ou continuação de determinada memória** (grifo nosso).

O caso dos objetos de estudo desta investigação ilustra uma questão pouco observada de forma sistematizada pela historiografia da arte: as gravuras veiculadas pela imprensa relacionadas ao conflito contra o Paraguai. Essas imagens trazem consigo diferentes percepções, narrativas e discursos sobre a guerra, colocando esses desenhos como meio de propagar muito mais do que aspectos estéticos, mas também discursos específicos e suas múltiplas realidades, sendo uma linguagem totalmente nova e revolucionária para o período.

No caso das imagens analisadas aqui, será possível perceber as perspectivas de Angelo Agostini, Henrique Fleiuss e suas respectivas equipes, indo da parte editorial até a elaboração das gravuras. Analisar tais pontos torna-se necessário para entendermos as possíveis inclinações políticas, sociais e mercadológicas dos envolvidos e seus periódicos.

Muito mais do que uma maneira de levar a notícia visualmente aos consumidores deste crescente mercado, tais imagens foram determinantes para a consolidação de uma cultura visual nacional, que se firmavam graças ao avanço tecnológico das reproduções em escalas cada vez maiores. As gravuras demonstram os êxitos de uma determinada cultura, dos seus padrões estéticos e comportamentais. Tornam-se mais do que meios de propaganda ou informação. São símbolos de um Império que teve algum sucesso em suas empreitadas bélicas e, como costumeiramente era veiculado na época, no processo “civilizatório” do Cone Sul e, conseqüentemente, de parte considerável da América do Sul.

O Brasil se via em meio a um processo de modernização desde a década de 1840, sendo cada vez mais evidente através de aspectos como o constante ingresso de imigrantes em território nacional, o desenvolvimento das regiões urbanas e o início de algumas atividades industriais e artísticas. Com o aumento de profissionais liberais, acarretado por esse fluxo imigratório, percebe-se também a presença de talentosos artistas e gravadores, que atendiam a um tímido mercado, em um país ainda marcado pela escravidão e a desigualdade social, além da questão do analfabetismo de mais de dois terços da população. Desta forma, vale ressaltar que as imagens se fixam como linguagem também por esse motivo, mesmo não podendo ser adquiridas pela maior parte do povo. Contudo, podiam ser observadas diretamente através de vitrines e periódicos; ou indiretamente, através da oralidade, que traduzia as imagens e informações, sendo repassadas aos populares, aumentando ainda mais o raio de influência não só da gravura, mas também das informações narradas por ela.

Produzidas em número bem reduzido na década de 1840, as artes visuais sofreram uma virada brusca, perceptível nos anos de conflito e no pós-guerra. Além disso, entre as décadas de 1860 e 1870, o financiamento das pinturas históricas pelo Império e seus ministérios foi constante. Victor Meirelles, Pedro Américo e Eduardo De Martino, por exemplo, receberam diversas encomendas no período. Como se sabe, o gênero histórico, estilo já consolidado na França no período das guerras napoleônicas, ganharia maior espaço no Brasil justamente por conta da guerra contra o Paraguai.

Neste período e posteriormente, foram encomendadas e produzidas diversas obras que narravam os principais confrontos brasileiros no teatro de guerra. Aquecia-se o mercado das artes com a produção de grandes telas, que participavam constantemente de diversas exposições nacionais e internacionais. Via-se no conflito e em suas reproduções artísticas um papel pedagógico, objetivando forjar a manutenção da ordem, exaltando as

virtudes dos homens do Império e seus êxitos bélicos e políticos (Oliveira, 2017, p. 33-34). Ao mesmo tempo, a imprensa ilustrada crescia e difundia imagens em uma escala jamais vista. Transformava-se assim a cultura visual brasileira, retirando as imagens de seus lugares ritualísticos como museus e exposições, espaços muito restritos ao olhar de grande parte da população, as levando para as páginas de periódicos e estampas, acessíveis a um maior número de pessoas. Desta maneira, uma nova linguagem se expandia aos olhos de milhares de espectadores.

No entanto, vale ressaltar que, mesmo com suas limitações, as exposições auxiliaram de forma extremamente vertical no estabelecimento de novos hábitos na prática do olhar, conduzindo seus visitantes na leitura de diversas narrativas imagéticas, algumas vezes sendo auxiliados por textos produzidos em catálogos. Nestes espaços, enfatiza-se uma influência dos grandes salões e museus europeus, sobretudo franceses, fomentadas pelo *bon goût* das elites da Corte e seu desejo infindável em transformar o Brasil em uma “Europa dos trópicos”. Com isso, ao mesmo tempo em que se ritualizava a pintura no contexto nacional, especialmente se observarmos as variadas críticas circuladas nos periódicos, suas ilustrações e a limitada exposição em museus<sup>3</sup>, ela era desritualizada através das gravuras.

Corroborando com o raciocínio acima, Pierre Bourdieu (Bourdieu; Darbel, 2003) cita que a função da arte, ressaltando o contexto da pintura, reside em distinguir socialmente a elite e afirmar uma divisão de classe, sendo a arte apropriada como representação simbólica do poder pela ação política das classes superiores, cujo o objetivo principal é o de representar uma nação civilizada e moderna, buscando tecer uma ordem social e, além disso, elaborar discursos que levem a uma identidade nacional unificada, aspecto constantemente buscado pelo Império no período.

No campo das gravuras, ressaltando as produções desenvolvidas pela imprensa, com o sentido principal de informar e ilustrar os acontecimentos, elas geralmente eram feitas de forma mais contemporânea aos fatos, trazendo aos seus leitores um senso de imediaticidade, cujo a velocidade da informação e sua qualidade era amplamente disputada pelos periódicos. E eles dispunham cada vez mais de informantes presentes no *front*, que enviavam relatos, esboços, fotografias e cartas relacionadas aos acontecimentos no decorrer da campanha. Esses materiais, geralmente remetidos aos jornais pelos navios que circulavam do Sul até o Rio de Janeiro, contribuía para a elaboração de desenhos e

---

<sup>3</sup> Ver mais em: PEREIRA, Walter Luiz. **Óleo Sobre Tela, Olhos Para a História**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, 2013.



notícias e poderiam ser transferidos para a prensa litográfica e veiculados em maior escala, cumprindo tanto o seu papel informativo quanto de propaganda da guerra para a população. Contudo, ainda que com maior grau de circulação, tais imagens também seguiam uma hierarquização, sendo também produzidas de forma verticalizada, reproduzindo discurso de elites políticas e letradas, ou até mesmo de personagens ligados aos anseios da monarquia brasileira. Contudo, também haviam gravuras críticas ao cenário bélico e político nacional.

### 1.1.Cultura visual e consumo

Na segunda metade do século XIX, os brasileiros observavam um crescimento gradual de uma cultura letrada, que agora adquiria novas formas também através das imagens, que se tornavam parte presente no cotidiano popular. No entanto, em comparação com as pinturas, ainda restritas a um círculo muito limitado, as litogravuras estavam expostas em vitrines e em páginas de jornais, revolucionando o olhar da época como nunca visto outrora. Segundo Ana Maria de Almeida Camargo, na edição fac-símile do *Diabo Coxo*, a

**litografia democratizou a imagem, tornando-a popular** (grifo nosso). O fascínio pela imagem e o desejo de estar próximo das coisas, no tempo e no espaço, estavam satisfeitos. Todos passaram a ler imagens. Todas as semanas. Por \$500 réis apenas, o preço de um almoço (...). Todos, até os menos letrados ou de menor poder aquisitivo, podiam agora ter acesso ao mundo através do mundo encantado das imagens (Camargo, 2005, p. 13).

Este trecho traduz como era o cenário da imagem impressa em algumas localidades brasileiras na segunda metade do século XIX. No caso específico, o texto traz o exemplo da emergente imprensa paulista, podendo ser também utilizado no contexto da capital da Corte, o Rio de Janeiro, que apresentava uma produção mais avançada, mas com valores similares. O “fascínio pela imagem” se dá através da novidade de uma emergente cultura visual no território brasileiro, que colocava as imagens cada vez mais próximas da população.

Neste período, a imprensa, sobretudo a carioca, devido ao *status* de capital, crescia consideravelmente a partir dos métodos de tradução e criação de imagens, enfatizando-se aqui a técnica litográfica. Este processo, inventado por Alois Senefelder no final do século XVIII, apresentava um procedimento químico novo, econômico e mais rápido do que os outros meios conhecidos na época, como a xilogravura.

De forma resumida, esta técnica consiste em uma forma de impressão que utiliza uma matriz de pedra polida com uma imagem pressionada contra o suporte, geralmente de papel. Os desenhos são elaborados com materiais que possuem gordura em sua composição. Posteriormente, a pedra passa por diversos processos químicos que, pressionados no papel, culminam na gravura. Com o advento da litogravura através de um rolo impressor, a velocidade de produção tornou-se ainda maior, permitindo que periódicos, livros e imagens fossem elaborados em maior escala, revolucionando o cenário visual e letrado do período.

Desta forma, a técnica de Senefelder simplificou não só a elaboração do jornal ilustrado, mas teve papel fulcral na divulgação das imagens, que também eram veiculadas em estampas. Não que a tarefa de se preparar uma pedra litográfica fosse simples, mas exigia menos especialistas no processo. Além disso, era mais rápida e econômica, com suas matrizes suportando a produção de grandes tiragens, podendo inclusive serem reaproveitadas para outras gravuras. A xilogravura, por exemplo, exigia a reprodutibilidade da própria matriz, pois ela tinha um tempo de vida um pouco mais limitado, se desgastando ao longo da reprodução de outras imagens.

Os periódicos ilustrados, ainda que restritos a um grupo letrado e de maior poder aquisitivo, circulava de formas indiretas, por meio da exposição em vitrines de casas litográficas e até mesmo por via oral. Isso era possível pois as imagens estabeleciam uma relação de linguagem com boa parte da população iletrada que consumia indiretamente esse material. Juntamente disso, havia também a comunicação interpessoal sobre as informações divulgadas. Assim, seus impactos na opinião pública não devem ser ignorados ou minimizados.

Contudo, devemos compreender a circulação das notícias e a própria noção de opinião pública deste período como um fenômeno extremamente verticalizado, sendo a informação um monopólio das elites letradas do efervescente capitalismo editorial<sup>4</sup>. E com o conflito contra o Paraguai, momento em que a imprensa se consolidava enquanto mercado e fonte de informação não seria diferente, sendo a guerra não só uma nova origem de informações, buscada pela população da Corte e de outras localidades, mas também mais uma forma de lucro para os editores, que buscavam constantemente novidades e narrativas para figurar em suas gazetas.

---

<sup>4</sup> Ver mais em: ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

#### **1.4. A construção da imagem no Brasil na segunda metade do século XIX: questões historiográficas**

Ao abordarmos a iconografia do período, precisamos captar o momento em que estamos executando a pesquisa. Contemporaneamente, a relação dos indivíduos com as imagens é nitidamente naturalizada. Nascemos bombardeados por fotografias, desenhos e todo o tipo de produção visual possível, de forma a acreditarmos na cultura visual como algo simplesmente dado, e não produto de um longo processo na história da humanidade. Afinal, com poucos toques, hoje conseguimos captar e produzir diversos fragmentos visuais através das lentes de nossos aparelhos eletrônicos.

Desta forma, faz-se importante entender de que tal envolvimento nem sempre se deu desta forma, havendo toda uma trajetória advinda desde o período pré-histórico, com vários desenhos rupestres sendo feitos ao redor do globo. Destes tipos de expressão visual aos celulares e fotografias atuais, a difusão das imagens é essencial para se perceber e ilustrar as transformações do homem no tempo e no espaço, sendo um bom ponto de reflexão para se analisar como a humanidade chegou aonde está. Não só isso, elas são extremamente úteis aos historiadores e historiadoras como fontes, dando formas aos discursos de determinados períodos e grupos, se constituindo como uma ampla linguagem, com diversos símbolos, signos e sentidos polissêmicos.

Através dos esforços de pesquisadores como Erwin Panofsky, Giulio Argan, Aby Warburg, Michael Baxandall, Georges Didi-Huberman, Martine Joly e tantos outros, sendo estes alguns dos mais canônicos na História da Arte, tais criações puderam ser melhor compreendidas e interpretadas por meio de diversas metodologias, algumas delas serão utilizadas nesta pesquisa de forma adaptada, não ignorando a diferenciação das fontes analisadas e seus devidos contextos.

Inicialmente, as imagens eram utilizadas na historiografia apenas como ilustração ou suporte, desconhecendo-se o seu contexto de criação e os respectivos conjuntos que poderiam formar. Contudo, gradualmente foi se transformando não só na concepção da sociedade, mas também no arcabouço teórico-metodológico do historiador, enfatizando-se aqui o período da Nova História Cultural, surgida na Escola dos Annales, e seus constantes diálogos com outros campos como a Antropologia, a Sociologia, as Letras e o estudo das Artes, que trataram de entender as produções para além do produto, mas como uma linguagem, com signos e símbolos.

Contemporaneamente, os estudos sobre as gravuras e o mercado editorial no século XIX estão mais aprofundados e serão melhor observados em uma análise do estado

da arte desse e de outros assuntos que serão desenvolvidos nesta tese. Porém, vale ressaltar nesta parte o trabalho de pesquisadores como Rafael Cardoso, Paulo Knauss e Rogéria de Ipanema, que desenvolveram e ainda desenvolvem estudos sobre as produções e imagens do período. Tais autores serão de suma importância para o desenvolvimento desta tese.

Entre 1864 a 1870, a produção visual brasileira debruçava-se sobre o conflito contra os paraguaios, com os intuitos de ilustrar e informar o público da corte e das províncias distantes do Sul sobre os acontecimentos no teatro de operações. Conseqüentemente, essa vasta produção iconográfica veio a construir uma memória visual não só da participação brasileira no conflito, mas também do envolvimento e a própria vitória da Tríplice Aliança contra os paraguaios, considerada por diversos contemporâneos ao evento como a “vitória da civilização contra a barbárie<sup>5</sup>” Não obstante, criou um imaginário estigmatizado dos paraguaios na cultura nacional, que persiste até a contemporaneidade.

Os editores e artistas tinham um objetivo maior além da informação: o de se estabelecer e obter lucros através da imprensa, um mercado emergente e cada vez mais consumido pela população. Porém, vale ressaltar que em alguns momentos, é natural que o pesquisador desvie seu olhar do capitalismo emergente do final do século XIX e foque apenas na questão artística e ignore um aspecto tão crucial para o cenário ilustrado. No entanto, ao investigar personagens como Henrique Fleiuss e Angelo Agostini, dois grandes nomes da imprensa da época, a questão mercadológica torna-se bastante evidente através dos traços, discursos e até mesmo de suas trajetórias, tendo ambos considerável parte da vida dedicada aos trabalhos na imprensa ilustrada.

Desta forma, mesmo instaurada pela Constituição, a liberdade de imprensa ainda era cerceada por agentes políticos. Segundo Francisco Ricardo Rüdiger, tal situação manteve progressivamente um conceito político-partidário de jornalismo opinativo, que foi além do século XIX, se perpetuando também no século XX. Ao mesmo tempo em que os pasquins e periódicos ilustrados foram se tornando problemáticos ao cenário político, eles também acabavam servindo como pretextos para findar esse conturbado regime (Rüdiger, 1998), em que, por diversas vezes, os conflitos saíam das páginas e ocupavam

---

<sup>5</sup> Este tipo de narrativa era comumente observável nos periódicos da época. Nossa pesquisa de mestrado aborda brevemente esta questão. Ver mais em: CUNHA, Álvaro Saluan da. **As litografias da coleção “Quadros históricos da guerra do Paraguai” na década de 1870: projeto editorial e imagens.** Dissertação (História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

as ruas, levando, por exemplo, conservadores e liberais a entrarem em conflito no papel e também fisicamente.

Por conta disso, em algumas ocasiões, era possível ver em alguns periódicos do Segundo Reinado, a figura de D. Pedro II e outros políticos sendo constantemente alvo de caricaturas e críticas. Portanto, compreender a liberdade de imprensa no século XIX, ainda que de forma resumida, torna-se essencial para esta tese.

A produção de imagens baseadas no conflito contra Solano López e a República do Paraguai foi uma temática constante dos jornais entre 1860 e 1870, ilustrando as páginas dos jornais e informando ao seletivo grupo de leitores/espectadores com uma latência muito curta de tempo entre o acontecimento e a informação. Com isso, as gravuras paulatinamente iam se constituindo como uma nova e revolucionária linguagem, dando aos consumidores dimensões visuais jamais imaginadas de acontecimentos e batalhas travadas em um território muito distante. Contudo, vale ressaltar que as imagens produzidas no período não tratavam apenas do conflito em si, mas traziam assuntos cotidianos, notícias do exterior, crimes locais, moda e outros tantos aspectos que usavam e abusavam da linguagem visual e seu apelo não apenas pelo novo, mas pela modernização.

Ao longo do século XIX, do outro lado do Atlântico, a imprensa europeia se organizava ao perceber que o recurso visual tornava o produto impresso mais receptivo, sobretudo aos iletrados. Este fenômeno também ocorreria, mas de forma mais lenta no Brasil, sobretudo pelos embargos colocados pela coroa portuguesa, como a censura e o controle das publicações. Luiz Marcelo Resende (2017) esclarece que a “imagem combinada ao texto contribuiu para novas formas de leitura”, sendo o encontro entre o texto e a imagem observado como uma linguagem amplamente instigadora da crescente indústria visual. O autor complementa que “esses encontros tecnológicos aproximaram *métiers*, criaram novas profissões e remodelaram a indústria gráfica”. Desta forma, gravuristas, escritores e editores reuniam-se então para publicar um novo tipo de material.

Outro aspecto que deve ser tratado como relevante na difusão das imagens e informações na época é o aprimoramento nos transportes, que facilitou os processos de circulação de ideias, algo que culminou em um maior raio de alcance destes materiais em um espaço de tempo mais curto, sobretudo a partir da segunda metade do século. Os navios à vapor da segunda metade do século XIX faziam uma viagem do Brasil para a Itália em um período entre 20 a 30 dias. Tal evolução, além de culminar no

desenvolvimento do capitalismo e no processo de globalização, foi essencial para a propagação dessa produção.

Sobre a recepção dos periódicos de uma maneira geral, Marco Morel e Mariana Monteiro de Barros citam um período anterior ao estudado aqui, entre as décadas de 1820 e 1830, mas que pode ser utilizado como forma de ilustrar um possível cenário na década 1870, guardadas as devidas proporções e diferenças. Ao abordar os leitores, os autores os dispõem em duas categorias: ativos e passivos. Os primeiros, os leitores ativos, são aqueles com que alguns periódicos priorizavam o diálogo, visto pelos autores como “os membros da República das Letras”, cujo interesse era de interagir com os grupos dirigentes, desejando a consolidação de classes letradas, formando assim uma camada privilegiada que buscava aproximar as elites culturais das dominantes (Morel, 2003, p. 38-39).

Já o público passivo, não era necessariamente ausente da sociedade ou da política. Muito pelo contrário, estavam apenas fora dos grupos de poder, sendo uma classe idealizada, tida como pobre, rude, iletrada e com pouca ou até mesmo sem instrução alguma, caindo em uma generalização banal das elites em vários períodos históricos. Ou seja, essas pessoas eram observadas pelos letrados como o alvo dos esforços culturais um grupo da elite que não queria escrever apenas para os seus pares, mas que tinham como objetivo aumentar a “República das Letras” (Morel; Barros, 2003, p. 40) e, conseqüentemente, os seus consumidores, exemplo perceptível nas produções de Fleiuss e Agostini.

Além da passividade acima referida, pode-se cogitar ainda mais um motivo para a expansão das imagens, ainda que fossem uma linguagem em definição, porém muito apreensíveis ao olhar. Isso fica mais nítido quando observamos a questão da alfabetização no Brasil do século XIX. A taxa de analfabetismo em 1820 alcançava quase 2/3 dos brasileiros, ou seja, cerca de 64,9% da população acima de quinze anos não sabia ler (Ferraro, 2003, p. 195-207). Nos números levantados nos censos entre 1872 a 1890<sup>6</sup>, o analfabetismo crescia, girando em torno de 82,5% (Ferraro, 2012, p. 33), um dado alarmante. Atribui-se que o crescimento do analfabetismo ocorreu por, pela primeira vez, libertos e escravos serem incluídos nas estatísticas censitárias, expandindo consideravelmente o número de habitantes da amostragem.

---

<sup>6</sup> Nessas ocasiões não foram especificadas idades para o levantamento do analfabetismo.

Devem também ser levados em consideração os diferentes tipos de comunicação presentes no período, que expandiam ainda mais o raio de alcance das notícias e ideias difundidas pelos periódicos. Segundo Peter Burke (Burke; Briggs, 2004), o costume de ler em voz alta para diversas pessoas era bastante corriqueiro no século XIX e até mesmo anteriormente,

pelo menos como ideal, como atestam muitas imagens. É provável que os textos (...) que circularam em regiões onde o analfabetismo era alto, fossem lidos em voz alta nas *villées*, ocasião em que vizinhos se encontravam para passar parte da noite trabalhando ou ouvindo esses textos.

A partir do raciocínio acima, retirado de um contexto europeu, mas também ocorrido no Brasil<sup>7</sup>, é possível crer que as pessoas de menor instrução acabavam por receber as informações difundidas pela imprensa por meio da oralidade, que amplificava o poder de alcance das notícias, as levando para um maior público e em diferentes regiões. Este momento pode ser considerado como o início de um processo de globalização da informação, levando em conta os avanços e proporções da época. Tal reflexão pode ser endossada também por uma correspondência encontrada no periódico *O Universal*<sup>8</sup>, em 11 de novembro de 1831:

(...) O Arraial de S. José onde fui testemunha do patriotismo com que aqueles habitantes enfiados de sofrer a demora de Periódicos pelos Tropeiros concorreram para haver um Correio pago à custa dos moradores desta Aplicação, e como a Ilustre Câmara do Ouro Preto propôs um Correio entre eles e por isso dispensável o seu, julgaram empregar as expensas oferecidas a assinaturas de Periódicos para todos desta Aplicação ler; e mesmo para aqueles que não saibam ler pedirão ao Cidadão José Gonçalves do Amaral que exerce o emprego de mestre particular no dito Arraial para ler em certas horas: este compelido pelo amor da civilização, cedeu oferecendo-se pronto.

Em circunstâncias também diferentes, mas também demonstrando o senso de comunidade, este trecho mostra o auxílio dado pelo cidadão José Gonçalves do Amaral aos iletrados, dispondo-se para ler os periódicos para eles em certas horas, sendo o leitor visto pelo escritor d'*O Universal* como “compelido pelo amor da civilização”, prestando um favor de enorme valia para a comunidade do pequeno Arraial de São José. Tal comportamento certamente era possível de se ocorrer em diversas localidades do Império, sobretudo por conta do alto índice de analfabetismo da sociedade.

---

<sup>7</sup> Ver mais em: ABREU, Márcia. **Práticas de Leituras**: história e modalidades. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Campo Grande, 2001. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio6.html>.

<sup>8</sup> *O Universal (MG)*, 2 de novembro de 1831, nº 667.

As gravuras, por sua vez, também podem ser consideradas como forma facilitadora de se fixar ideias e discursos, sendo mais fáceis de serem consumidas, interpretadas e, por conseguinte, guardadas na memória de seus espectadores. Ao tratar as gravuras e todo o seu processo de produção, Rogéria de Ipanema explicita que elas são

(...) **fonte expandida de estudo, porque é arte e aplicação** (grifo nosso). Encontra seu lugar na lógica da dispersão, porque é arte e é produto, e como tal executa projetos definidos em diversos programas, em frente de ações constituídas das necessidades de informação promovidas pela comunicação visual. Reproduzir é próprio de sua natureza. Natureza profana vivificada no uso, dentro de um universo que se fez cada vez mais cotidiano e necessário, dimensionada na própria história da cultura humana (Ipanema, 2007, p. 2-3).

Desta maneira, a autora mostra que as gravuras vão se consolidando no cotidiano não só como produtos, mas também como uma forma de arte, dessacralizando-a do círculo restrito das exposições artísticas e as colocando em circulação para um número muito maior de espectadores que provavelmente não teriam acesso à ideia original, no caso das traduções de pinturas e outras artes.

No que tange o mundo da imprensa, a gravura tem em seu processo uma forma distinta de ser elaborada, sendo feita exatamente para grandes públicos e em maior número, priorizando a ilustração da informação e não apenas a questão estética. Giulio Carlo Argan, historiador e teórico italiano, enfatiza que “(...) a cultura artística europeia desenvolveu-se em grande parte, através das reproduções de obras de arte por meio da gravura (...) (Argan, 2004, p. 16)”. Tal questão é melhor ilustrada a partir de uma carta de Delaroche e Robert Fleury relacionada à necessidade de se existirem as gravuras, sendo a carta endereçada a Adolphe Goupil:

Esta preocupação era constante, pode-se dizer quase aguda. **Sua mente naturalmente dolorosa tinha a ansiedade do futuro pelo menos tanto quanto a do presente.** Ele entendeu que **o futuro de um pintor só vai para a multidão por meio da difusão pelas gravuras, e que a multidão hoje é posteridade amanhã.** Por fim, ele sentiu que **a gravura era o único meio de garantir sua glória contra o desaparecimento de suas obras, a aniquilação pelo fogo ou simplesmente a aquisição por amadores cujas galerias são necessariamente fechadas ao público.** Muitas vezes ele repetiu a respeito que **ele queria, através da gravura, levantar, durante sua vida, um monumento à sua memória** (grifos nossos)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> “*Cette préoccupation était constante, l’on pourrait dire presque aiguë. Son esprit naturellement chagrin avait l’inquiétude de l’avenir au moins autant que celle du présent. Il comprenait que l’avenir d’un peintre ne va à la foule qu’au moyen de la diffusion par la gravure, et que la foule, aujourd’hui, c’est la postérité demain. Il sentait enfin que la gravure était le seul moyen de garantir sa gloire contre la disparition de ses oeuvres, leur anéantissement par le feu, ou simplement leur acquisition par les amateurs dont les galeries sont nécessairement fermées au public. Il répétait souvent à ce propos qu’il voulait, par la gravure, élever, de son vivant, un monument à sa mémoire*”. Carta de Joseph Nicolas Robert-Fleury à Adolphe Goupil, 30



Entretanto, faz-se necessário compreender que, ao contrário das gravuras de tradução, as imagens veiculadas na imprensa ilustrada tinham valor autoral, mas com o objetivo de alcançar um grande público, diferindo-se das pinturas. Ou seja, não só na questão estética, mas havia diferença também na valoração, algo essencial para se compreender o mundo das artes. A imagem é dessacralizada não só no sentido de tirar pinturas, fotografias e outras representações visuais de um meio restrito, mas também a inserindo em realidades cujo elas eram distantes.

No Brasil, as gravuras não são colocadas no mesmo âmbito das chamadas belas-artes, sendo consideradas como uma “arte industrial” ou “arte ofício”. Elas tiveram pouco espaço nas Exposições Gerais de Belas Artes e até mesmo dentro da própria Academia. Contudo, contavam com grande aceitação por parte do público para o qual elas eram direcionadas.

Henrique Fleiuss, um dos protagonistas desta tese, chegou a insistir para que existisse uma cadeira de xilografia na Academia, vendo a necessidade de se aumentar ainda mais a produção visual da época, que sofria com uma série de questões, sendo uma das principais a falta de mão de obra qualificada. Porém, não obteve êxito em sua empreitada. Em relação a criação desta cadeira na Academia Imperial de Belas Artes, Rafael Cardoso explica a partir do decreto n. 8.802, de 16 de dezembro de 1882, o cenário que viviam as gravuras, onde se buscava

**a criação de uma cadeira de ‘xilographia’ em substituição à gravura de medalhas e pedras preciosas.** O então diretor, Antônio Nicolau Tolentino, manifestou-se contra a mudança, **declarando que a gravura de medalhas era mais importante em uma academia de belas-artes** (grifos nossos), e a congregação conseguiu arrastar os pés até 1884 quando foi obrigada a elaborar um programa de concurso para a nova cadeira. O governo alterou este programa, suprimindo as provas de desenho a pena e de composição histórica como requisitos, ação que estimulou a comissão de professores encarregada do concurso a redigir uma carta de protesto. Os autores dessa carta questionaram se o legislativo tinha mesmo por intenção *substituir o ensino de um ramo das bellas-artes por outro meramente industrial*, desfalcando assim a congregação da Academia por retirar *um artista para collocar nella um mesteiral*<sup>10</sup>. A nova cadeira jamais foi lecionada e a polêmica em torno da xilogravura continuou até o restabelecimento da gravura de medalhas com os novos estatutos de 1890 (Cardoso, 1998, 181-195).

---

de julho de 1878, no quadro do processo de oposição à família Delaroche-Vernet à Goupil, citado por P.-L. Renié, Delaroche por Goupil, retrato do pintor artista popular, em Nantes, Montpellier 1999-2000, p. 194.

<sup>10</sup> Atas – Sessões da Presidência do Diretor 1882-1890. [livro A.05; Museu D. João VI], p. 1, 6-8, 61.

O que se percebe neste momento é que as gravuras eram vistas apenas como reproduções, feitas por ‘mesterais’, artífices, reforçando uma espécie de preconceito recorrente até a contemporaneidade, baseado num ideal de arte como estrutura hierarquizada. Mesmo com a Reforma Pedreira, ocorrida após a nomeação de Araújo Porto-Alegre, em 1854, que teve como objetivo implantar, sem muito sucesso, o ensino dessas técnicas na Academia, pode-se perceber que, mais de vinte anos depois, essa questão seguiria sendo debatida, mas sem êxito.

Neste caso, torna-se interessante perceber os esforços de Henrique Fleiuss para o ensino dessas técnicas no Brasil, mesmo não conseguindo a efetuação da cadeira de xilogravura na AIBA. Fleiuss, através de sua oficina, sua equipe e o Imperial Instituto Artístico, ensinou tais técnicas a diversas pessoas<sup>11</sup> que, em contrapartida compunham a equipe da oficina, tendo ele um papel extremamente relevante na consolidação e na capacitação de gravuristas no Rio de Janeiro. Tal importância artística e social de Henrique Fleiuss geralmente é negligenciada por considerável parte da historiografia. Muito provavelmente isso ocorra por conta de sua proximidade ao imperador e a própria monarquia, cujo a *Semana Illustrada* evitava fazer comentários negativos. Tal questão será mais aprofundada adiante, quando sua trajetória tratada.

Para explicar melhor a influência francesa ao analisar o estado das gravuras na época, Joaquim Marçal de Andrade mostra que no século XVIII,

o enciclopedismo iluminista classificara **cinco áreas de criação (pintura, escultura, arquitetura, poesia e música) como ‘belas-artes’, relegando todo o resto a um patamar de inferioridade implícita. As outras formas de criação plástica passaram a ser designadas por termos como artes ‘aplicadas’, ‘decorativas’, ‘utilitárias’ ou o temível ‘artes menores’** (grifos nossos), instaurando uma dicotomia com as supostas ‘artes maiores’ que perduraria até o século 20, e que, ainda hoje, ronda a distinção essencialmente arbitrária que se faz entre arte e design (Andrade, 2011, p. 180-191).

Com base nesta ideia iluminista, que ia na contramão do que Delaroche e Fleury acreditavam, pensando nas perspectivas de sucesso e mercado, o cenário brasileiro seguia reproduzindo essas questões entre as belas-artes e as artes aplicadas, decorativas e utilitárias que, por vezes, acabavam sendo citadas e tratadas como artes menores. Todavia, este amplo debate não reduz a importância observada contemporaneamente nas gravuras, que hoje são sólidas fontes para se interpretar o passado e suas inúmeras possibilidades narrativas.

---

<sup>11</sup> *Semana Illustrada*, 31 de maio de 1863, n. 129.

Vale ressaltar que tal preconceito vem sendo problematizado na contemporaneidade em trabalhos como o de Joaquim Marçal Ferreira de Andrade. Desta forma, através de diversas investigações e suas perspectivas, gradativamente este ponto vai sendo problematizado, desfazendo essa ideia hierarquizada de “arte maior” ou “menor”, as contextualizando e dando a importância necessária, não só como fonte, mas como arte em si.

Nesta tese, pode-se observar justamente diversos níveis de análise, que perpassam a produção da gravura em si, os variados agentes que as produzem, o contexto histórico, a análise iconográfica e, por último, mas não menos importante, a historiografia, que serve como forma de confrontar todas essas informações, explicando ao leitor como tais aspectos estão ligados a diferentes discursos e perspectivas. Assim, a ideia de hierarquização da arte perde sua força, mostrando como as gravuras e outras formas de expressão são importantes e até mesmo mais presentes da realidade popular do que as outras formas de artes tidas como mais relevantes segundo os cânones da História da Arte, tais como, por exemplo, pintura e escultura.

Ao abordar a produção e a difusão das imagens, Argan cunha o termo ‘gravura de tradução’ para explicar o processo entre a obra de arte, o olhar do artista que a traduzia e o resultado final, que produz um objeto distinto do original, ainda que com ideias similares. Essas gravuras de tradução eram entendidas não como cópias, tampouco como uma subespécie de réplica, implicando em uma questão totalmente diferente,

que tem a sua importância para a história da teoria e da crítica da arte. **A réplica e a cópia pressupõem simplesmente a ideia de que determinado procedimento operativo que produziu certo resultado possa ser repetido dando lugar a um resultado idêntico; se, no entanto, a qualidade da réplica ou da cópia parecer inferior àquela da invenção inicial, esse fato é imputado à escassa habilidade ou precisão do executante, e não ao princípio de que a obra de arte seja, por sua própria natureza, irrepetível** (Argan, 2004, p. 16, grifo nosso).

Ao observarmos o contexto das gravuras inseridas nos periódicos, em parte dos casos elas não são tradução de outras imagens, mas criações autorais. Porém, existem também gravuras baseadas em fotografias, outras obras ou croquis enviados pelos informantes presentes no *front*, tal como estuda Joaquim Marçal em sua tese (Andrade, 2011). Assim, vale destacar a impossibilidade de se reproduzir uma obra em sua plenitude. Argan explica que essas imagens são como traduções feitas, em que

**a justa interpretação da arte é aquela que é dada pelo artista, e que, portanto, a reprodução por gravura nos dá a obra reproduzida**

**como arte vista pelo artista** (grifo nosso) (...). Mas o método da boa leitura ou da justa interpretação deve ser buscado na metodologia operacional do gravurista, ou seja, na sua técnica. (...) o que se coloca é o problema de traduzir em valores de claro e escuro as qualidades específicas das cores percebidas como elementos construtivos da forma (Argan, 2004, p. 19).

Rogéria de Ipanema observa que Argan considera que toda a produção visual constituída – ainda que possa parecer uma reprodução – esteja pautada no processo de criação, sendo um problema da crítica da arte, onde original e autoral são fontes da expressão cultural da humanidade<sup>12</sup>.

Portanto, ao compreendermos as gravuras inseridas nos periódicos, elas foram justamente elaboradas para serem reproduzidas em escala, com objetivos diferentes das pinturas do período. A imprensa trazia as imagens com o intuito de informar o leitor, o colocando diante de uma representação visual do ocorrido. Porém, ela não era mero suporte aos textos. Muito pelo contrário, elas eram tão essenciais quanto a parte escrita, constituindo-se como uma linguagem para se comunicar com o público, tendo diferentes usos e objetivos, seja através de charges, mapas de guerra, narrações de acontecimentos, retratos, etc.

Sobre esse assunto, Paulo Knauss analisa que a necessidade de atenção para o fato de que, desde que se fixou a palavra escrita na humanidade, ela não surgiu com o objetivo de substituir a imagem, sendo a convivência entre ambas muito aproximada, as tornando importantes para se narrar determinado acontecimento. Isto fica ainda mais explícito ao observar que, diferentemente da palavra escrita, a imagem se identifica com grupos sociais variados (Knauss, 2006, p. 99), ainda que polissêmica, tal como a própria escrita.

De toda forma, percebe-se que, no período, as oficinas litográficas e os artistas já tinham total consciência do papel das gravuras nas relações socioculturais do século XIX, haja vista que, frequentemente, elas serviam como suporte para acaloradas discussões entre críticos e intelectuais da arte. Em diversos momentos, as próprias gravuras serviram como suporte para sátiras de grandes obras da história da arte brasileira.

Por fim, essas imagens se constituem como fontes históricas de suma importância não só para a compreensão dos assuntos do período, mas para se compreender como se dava o consumo, e através de quais formas se encaixavam nos discursos pedagógicos do Império e da imprensa, os quais visavam a criação de uma identidade nacional. Esse efeito

---

<sup>12</sup> Ver mais em: IPANEMA, Rogéria Moreira de. **A arte da imagem impressa**: a construção da ordem autoral e a gravura no Brasil do século XIX. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, 2007.

assimila-se ao que pode ser observado na arte francesa, influente no Brasil desde a chegada da missão francesa e a consolidação da Academia Imperial de Belas Artes, com o seu ensino pautado majoritariamente no academicismo advindo destes personagens.

Contudo, vale ressaltar que, embora haja de fato essa influência europeia na arte nacional, seria tolice acreditar não haver uma arte dita brasileira no período. Se levarmos em consideração que em alguns momentos os artistas que aqui trabalhavam improvisavam em materiais e técnicas justamente para driblar tanto os atrasos das artes em território sul-americano, quanto a demora para a chegada ou a escassez de materiais. Pintores como Pedro Américo e Victor Meirelles, por exemplo, tendiam em alguns momentos a pintar no exterior justamente por esses e outros tantos motivos como a proximidade de referenciais artísticos variados e o fácil acesso aos melhores materiais do período.

### **1.5. Estudar o conflito**

Há na sociedade brasileira um desconhecimento latente sobre o conflito contra os paraguaios, que é considerado o maior da América do Sul. Quando o assunto é citado, ainda permanece um pensamento advindo da historiografia dos anos 70, que cunhava a Inglaterra como a grande culpada pela guerra, temendo o avanço paraguaio ante as nações da região do Cone Sul. Sobre isso, é necessário explicitar que, durante o período da ditadura militar brasileira, o jornalista Júlio José Chiavenato, em *Genocídio americano: a guerra do Paraguai* (Chiavenato, 1988), via através de sua obra uma forma de atacar as bases das Forças Armadas ao utilizar as questões historiográficas citadas acima e também o termo “genocídio”, que dava um maior sentido de culpa ao Brasil pelo acontecimento do confronto. No entanto, tal questão já foi rechaçada pela historiografia contemporânea, conhecida como a “Nova História da Guerra do Paraguai”<sup>13</sup>. Esta corrente historiográfica rejeitou a perspectiva levantada nas duas décadas anteriores, que elencava como principal causa da guerra a intervenção da Inglaterra, creditando ao Paraguai um poderio econômico e tecnológico que nunca existiu.

Os intelectuais envolvidos na “Nova História da Guerra do Paraguai” tinham entre si uma série de divergências. Dos nomes brasileiros mais conhecidos desta corrente,

---

<sup>13</sup> Elaborada por meio de acadêmicos dos quatro países envolvidos no conflito, essa corrente historiográfica, chamada de “neorrevisionista” por seus críticos, iniciou-se na década de 1980, logo após os processos de reabertura democrática na América Latina, que até então era dominada por regimes militares ditatoriais. Tal empreitada, teve como base uma série de arquivos inéditos, essenciais para se compreender uma infinidade de detalhes da guerra.

temos Francisco Doratioto, autor de *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai* (Doratioto, 2022) e Ricardo Salles, autor de *A Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército* (Salles, 1990). Entre eles, havia um desentendimento no motivo que deflagrou o conflito. O primeiro entende que a declaração de guerra dos paraguaios é um marco para o início da guerra. Já Salles, identifica como a causa do início da peleja a decisão do império brasileiro em intervir na guerra civil uruguaia, apoiando os colorados em agosto de 1864.

A questão essencial nesta discordância é que ambos os autores trazem diferentes perspectivas que, ao contrário do que possa parecer, enriquecem ainda mais as percepções sobre as múltiplas possibilidades não só do início da guerra, mas também do seu decorrer, não sendo completamente antíteses umas das outras, podendo ser ambas observadas como complementares e essenciais para o debate.

De toda forma, vale ressaltar que esta tese está diretamente amparada por esta “Nova História” e seus desdobramentos desde a década de 1980, reconhecendo que tal corrente também necessita ser observada de forma crítica, sobretudo pelo aparecimento de novas fontes e outras possibilidades de ver e narrar a guerra. Em março de 2022, Francisco Doratioto relançou a obra anteriormente citada, *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*, também por este motivo, sendo ela uma das principais referências historiográficas deste trabalho, juntamente com algumas obras memorialísticas e outras fontes primárias.

Ainda sobre a importância de Doratioto no que tange a historiografia da guerra, ele explica em diversos momentos e entrevistas as motivações que levaram Chiavenato, jornalista ligado a essa escrita anterior ao movimento da “Nova História da Guerra do Paraguai” a assumir tais posturas revisionistas, analisando o posicionamento deste autor como uma afronta ao governo ditatorial brasileiro, ocorrido entre 1864 a 1985. No entanto, tal perspectiva se alastrou parcialmente no senso comum, sobretudo pela guerra em si ser tratada como parte do Segundo Reinado, não tendo o devido destaque e, por conta disso, acaba por ser pouco problematizada. Assim, cria-se uma lacuna no ensino de História sobre um episódio tão relevante para a formação da população brasileira<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Alguns trabalhos de André Mendes Salles abordam o ensino da guerra contra o Paraguai em sala de aula, apresentando os principais problemas observados em livros didáticos, currículos e cronogramas escolares. Ver mais em: SALLES, André Mendes. O lugar da Guerra do Paraguai em práticas curriculares de professores de História de escolas da educação básica no Brasil e no Paraguai. In: *SÆCULUM – Revista de História*, v.26, n.45. João Pessoa, jul./dez de 2021, pp. 189-202.

Sobre a problemática educação brasileira, que por vezes parece ignorar o conflito ou trata-lo como nota de rodapé, juntamente de todos os seus desdobramentos que refletem até os dias atuais, Edgley Pereira de Paula discorre acerca da dificuldade da população em aceitar termos como “conflito” ou “guerra” na cultura, pautada na mitologia do “povo pacífico”, acolhedor, simpático e gentil, perspectiva que claramente não combina com o *ethos* da guerra, tão brutal e marcante para a história do Brasil e dos Estados nela inseridos (Paula, 2020, p. 16).

Compreender o conflito contra o Paraguai e seus desdobramentos na realidade do Brasil se faz extremamente necessário, sobretudo se analisarmos os impactos perceptíveis à longo prazo, como o fortalecimento das Forças Armadas e suas constantes intervenções na política brasileira desde a proclamação da República até os dias atuais.

O período pós-guerra tem uma ligação direta com o papel da população negra no Brasil e na Corte. Através dos periódicos, é possível perceber que o Rio de Janeiro sofreu um acréscimo populacional devido ao fluxo de soldados que retornavam do *front* e por lá ficavam, seja por interesse pessoal ou por simplesmente não ter para onde voltar. Isso ocorria também pelo fato da capital ser um dos portos de referência para o regresso das tropas.

Se tratando da questão do negro no período após o conflito, tal parcela da população brasileira, agora liberta, não foi absorvida pela sociedade, preferindo as lideranças do período entregarem terras a imigrantes com o objetivo de suprir a falta da mão de obra escrava, ao invés de incorporar os negros no novo sistema. Isso também é atribuído ao projeto nefasto de embranquecimento da população vigente desde o final do século XIX até a metade do século XX, sendo uma ideia completamente falha e falsamente justificada por pseudocientistas. A este processo de eugenia<sup>15</sup>, podemos atribuir a estigmatização e pobreza sofridas pela população afrodescendente no Brasil até a contemporaneidade. Estes são apenas alguns dos principais aspectos que podemos observar como reflexos de um conflito e de um período tão distante cronologicamente, mas tão perto na realidade dos brasileiros e brasileiras na atualidade, tão desigual.

Levando a questão para os números do conflito, ainda há uma dificuldade em elencar o número de soldados brasileiros envolvidos na guerra por conta da ausência de fontes comprobatórias ou até mesmo estimativas da época. Desta maneira, a partir da historiografia e alguns poucos dados existentes, acredita-se que o Império enviou para a

---

<sup>15</sup> Sobre a questão da eugenia, ver mais em: DIWAN, Pietra. **Raça Pura**: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

guerra entre 100 e 200 mil homens ao longo dos quase 6 anos de conflito. Destes, acredita-se que cerca de 50 mil morreram.

Contudo, vale ressaltar a dificuldade da monarquia em estruturar suas forças armadas, que contavam com um número limitado de homens no início do conflito. Por conta disto, ocorreram nas províncias diversos recrutamentos forçados, que levaram aos populares da época a cunhar a frase “Deus é grande, mas o mato é maior”, fazendo alusão às diversas fugas destas tentativas de alistamento, que atingia principalmente aos mais pobres e escravizados que, por sua vez, resultaram em cerca de 7 a 10% nas tropas imperiais (Doratioto, 2002, p. 456-462), sendo posteriormente libertos em um país despreparado para recebe-los de volta.

Porém, mais caótica ainda era a situação paraguaia. Após o conflito, o historiador argentino Luc Capdevila (2010) estima que cerca de 60% da população do país tenha perecido. Desses, 80% eram homens maiores de 10 anos. Outras estatísticas contabilizam a morte de cerca de 100 a 150 mil pessoas, reforçando a informação de que a maior era composta homens em idade entre 10 e 60 anos necessários para as forças produtivas da época. Além disso, o território paraguaio foi devastado e a economia necessitou de mais de um século para tentar se reerguer. No entanto, contemporaneamente, ainda está longe de ser um país desenvolvido ante os seus vizinhos.

A morte, observada em ambos os lados do confronto, foi majoritariamente causada por doenças diversas, enfatizando-se o cólera, constantemente citado em memórias e notas do período, sendo facilmente disseminada entre os soldados e populares por conta das condições insalubres do *front*, a má nutrição dos envolvidos na guerra e o desconhecimento das formas de contágio, salientando-se mais uma vez o cenário de miséria e devastação vivido nos acampamentos.

Podemos concluir a partir destas breves explicações, que vão além da dicotomia da luta do bem contra o mal, ou da “civilização” contra a “barbárie”, termos observáveis na imprensa brasileira no período, que a interpretação de uma guerra não é uma tarefa simples, tampouco limitada a uma única obra. Desta forma, esta tese se focará em analisar tanto os artistas, periódicos e gravuras de forma crítica e paralela à historiografia, algo que nos permitirá ampliar a contextualização das imagens e os objetivos dos artistas envolvidos.

## **1.6. A “Maldita Guerra” e suas diferentes fases**



A historiografia mais recente, especificamente a obra do já citado Francisco Doratioto (2022), que nos serve enquanto fonte essencial para a compreensão do conflito em sua totalidade, trata a guerra contra o Paraguai a partir de um ordenamento cronológico que, embora não seja totalmente seguido por nós, vale ser ressaltado. A primeira divisão ocorre com a “ofensiva paraguaia”, entre dezembro de 1864 e setembro de 1865, quando os soldados de Lopez invadem o território brasileiro e ocupam as províncias do Mato Grosso, em dezembro de 1864, e do Rio Grande do Sul, em maio de 1865. Além disso, os paraguaios também invadem o território argentino de Corrientes, no dia 13 de abril de 1865, sendo este aspecto essencial para a posterior formação da Tríplice Aliança.

Entre 1866 e 1867, o conflito entra em um novo momento, conhecido como “guerra de posições”, desta vez no território paraguaio, invadido pelos aliados em abril de 1866. Neste momento, aconteceram as batalhas mais sangrentas: a de Tuiuti, em 24 de maio de 1866 e a de Curupaiti, em 22 de setembro de 1866. Juntas, as batalhas somam por volta de 15 mil mortos entre paraguaios e soldados aliados. Não por acaso, neste mesmo período, a opinião popular sobre o conflito sofreu uma drástica mudança, sendo o império duramente criticado pela longa duração da guerra e também por tomar decisões ruins em alguns momentos cruciais, algo perceptível graças aos periódicos e as informações advindas do *front*, essenciais para não só manter a população informada, mas também para parte a formação da opinião pública sobre o embate.

A partir de julho de 1867, inicia-se a terceira fase do conflito, em que os exércitos da Tríplice Aliança seguiram em “marcha para Assunção”, ocorrida logo após a passagem e vitória sobre a fortaleza<sup>16</sup> de Humaitá, ocorrida em 25 de julho de 1868. Esta fortaleza, juntamente com os problemas logísticos e o desconhecimento aliado sobre o território paraguaio, foram algumas das causas que atrasaram a tomada da capital paraguaia. A fortaleza de Humaitá era tida pelos militares como praticamente impossível de ser transposto, contando com um forte sistema de defesas à beira do rio Paraguai, além de correntes que atrasavam a passagem das embarcações, as tornando alvos fáceis. Além disso, ficava em uma curvatura em “U”, que colocava as embarcações em situação de fragilidade ante os canhões paraguaios. Contudo, os aliados tiveram êxito e ultrapassaram as barreiras, chegando à Assunção.

---

<sup>16</sup> Aqui, vale explicitar a distinção entre fortaleza e forte. A primeira é composta por duas ou mais baterias de artilharia, colocadas em obras independentes, com largo intervalo entre si. Já o forte é composto de uma ou mais baterias na mesma obra.

Após este grande êxito dos aliados, iniciou-se uma série de batalhas conhecida como “Dezembrada”. Os conflitos deste período ocorreram em Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Angostura, sendo eles cruciais para a derrota militar dos paraguaios que, totalmente fragilizados, ainda seguiam a defender Solano Lopez. Por fim, no dia 1º de janeiro de 1869, Assunção foi ocupada pelos brasileiros sem oferecer qualquer resistência. Porém, ao contrário do que se espera em uma guerra ocorrida naquele período, mesmo após a tomada da capital, o conflito seguiu. Contrariando o comando do exército e da marinha brasileira, D. Pedro II se declinou a proclamar a vitória brasileira. Isso ocorreu pois o monarca acreditava ser essencial a capitulação de Solano Lopez.

Neste mesmo período, o Marquês de Caxias, também discordando da continuidade da guerra, abre mão do comando em chefe do exército, que é entregue ao Conde d’Eu, trazendo consigo uma série de polêmicas na opinião pública da Corte, que via no comando do francês um sério problema, temendo a possibilidade de que o genro de D. Pedro II perpetuasse seu poder no Império. Desta forma, inicia-se a última fase da guerra, a “perseguição a Solano Lopez”, culminando em mais um ano de batalhas, em um período em que crianças, mulheres e idosos paraguaios foram enviados aos campos de batalha para resguardar a fuga de Lopez, culminando em uma verdadeira chacina.

A batalha de Campo Grande, conhecida também como batalha de *Los Niños* ou batalha de Acosta Ñu pelos paraguaios, é talvez uma das mais cruéis, devido ao uso de crianças e adolescentes no campo de batalha. Elas foram duramente massacradas pelas forças aliadas e, por conta disso, o Dia das Crianças passou a ser celebrado no Paraguai em 16 de agosto, sendo um feriado nacional em memória das crianças mortas neste confronto, ainda que a criação da data tenha sido feita em governos ditatoriais. No dia 1º de março de 1870, Francisco Solano Lopez foi morto na batalha de Cerro Corá ou Aquidabã, à nordeste de Assunção, dando fim ao conflito. Contudo, vale ressaltar que, mesmo assim, o Paraguai ainda ficou sob tutela do império brasileiro até 1876, se tornando algo próximo a um protetorado, tendo sua autonomia política totalmente anulada. Além disso, o Brasil manteve mobilizados de forma permanente em Assunção cerca de 2 mil homens. Assim, desde o final do conflito, o Paraguai sofre com as enormes dificuldades deixadas pela guerra, refletidas até a contemporaneidade.

Todas as imagens que serão aqui observadas, referências narrativas e memorialísticas de uma guerra cruel, trazem consigo alguns dos olhares de cidadãos brasileiros sobre um conflito que pode ser considerado como um dos responsáveis pela configuração geopolítica da região sul de nosso continente, também conhecida como

Cone Sul. Não obstante, tal evento ainda é motivo de celeuma entre os países envolvidos. No dia 15 de julho de 2022, foi debatido durante o PARLASUR (Parlamento do Mercosul), através uma comissão criada para analisar “eventuais crimes contra a humanidade e genocídio<sup>17</sup>”, levantando a possibilidade de uma reparação histórica aos paraguaios por conta dos danos causados pela Tríplice Aliança durante a guerra. Esta comissão, encaminhada para a Subcomissão de Verdade e Justiça do PARLASUR em 30 de novembro de 2020, foi aceita em 4 de abril de 2022, trazendo consigo um novo debate sobre um antigo tema. Desta forma, podemos observar e reafirmar os impactos causados na população paraguaia, que sofre com reflexos até a contemporaneidade, sendo essencial a reabertura de um debate entre os envolvidos e a reescrita da história da região sul.

### **1.7. As fontes primárias**

Ao longo do levantamento das fontes primárias, foram encontradas através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional todos os periódicos digitalizados, algo que agilizou o processo em períodos pandêmicos, mesmo com a queda temporária do serviço em 2021. No entanto, vale ressaltar que esta tese não analisará todas as imagens computadas na tabela 1 e tampouco conseguiu reunir todas as imagens produzidas nos referidos periódicos. Isso se deve a alguns fatores que serão explicitados a seguir. O primeiro deles foi a elaboração e levantamento de fontes durante o período da pandemia da COVID-19, que fechou arquivos e museus por quase dois anos, impedindo a cobertura das lacunas encontradas através das buscas virtuais. Outro ponto se refere à questão desta forma de pesquisa já ter angariado um grande número de imagens desses periódicos, de maneira que tal análise proposta por este trabalho consegue ser elaborada sem maiores problemas, visto que as os objetivos propostos podem ser atingidos através das fontes elencadas.

Como se sabe, o trabalho do historiador é diretamente ligado aos seus anseios, não sendo a fonte a principal resposta, mas ao contrário. O desejo do pesquisador em interpretar as fontes, é o que dá origem às questões propostas e, a partir de suas interpretações, sempre calcadas no material encontrado e na própria historiografia prévia, é possível conjecturar as possibilidades de investigação, de forma a colocar o leitor à par não só da temática de uma maneira geral, mas também do que está sendo analisado. E se tratando de imagens, as possibilidades são ainda mais amplas, tendo elas um senso

---

<sup>17</sup> O documento oficial pode ser encontrado na íntegra no Anexo I.

polissêmico, sobretudo se levarmos em consideração o período cujo elas foram produzidas, estando distante de nossa realidade e, assim, possibilitando novas formas de ler e ver.

**Tabela 1: Número de exemplares consultados – 1864 a 1870**

<b>Artista</b>	<b>Periódico</b>	<b>Nº periódicos</b>
Angelo Agostini	<i>A Vida Fluminense</i>	331
	<i>O Cabrião</i>	51
	<i>Diabo Coxo</i>	24
Henrique Fleiuss	<i>Semana Illustrada</i>	468
	<b>Total</b>	874

**Tabela 2: Número de imagens encontradas – 1864 a 1870**

<b>Artista</b>	<b>Periódico</b>	<b>Nº imagens sobre o tema</b>
Angelo Agostini	<i>A Vida Fluminense</i>	191
	<i>O Cabrião</i>	58
	<i>Diabo Coxo</i>	20
Henrique Fleiuss	<i>Semana Illustrada</i>	512
	<b>Total</b>	781

Como se percebe a partir da tabela 1, o número de periódicos consultados é considerável, chegando a 874 no total, abarcando o período entre 1864 a 1870. Já as imagens elencadas na tabela 2, neste mesmo período, chegam a 781, possibilitando uma série de diálogos não só com a historiografia do conflito, mas também com as formas de se pensar a produção das visual a partir da História da Arte, perspectiva esta que deu origem aos objetivos propostos por este trabalho.

Como será possível perceber ao longo da primeira parte, a trajetória de Angelo Agostini e Henrique Fleiuss é distinta, mas mostra que ambos tiveram uma grande produção acerca do conflito contra o Paraguai. Todavia, vale ressaltar que as imagens que serão utilizadas para análise neste trabalho não serão apenas de autoria destes dois autores, sendo estendidas as suas equipes. Esta escolha foi tomada por algumas questões como a ausência de identificação em diversos desenhos e ao interesse em se analisar as posições defendidas pelos periódicos em que eles estavam inseridos.

No caso de Fleiuss, que era diretamente ligado à liderança da *Semana Illustrada*, esse tipo de observação torna-se mais fácil de ser feita, pois através de seu envolvimento com a monarquia, o desenhista, editor e redator acabava por evitar grandes divergências sobre a política imperial e, conseqüentemente, acerca da guerra e as diversas tomadas de decisões que nela ocorreram. Assim, observar as diferentes nuances na produção de ambos os personagens também pode ser atrelada mais uma vez à historiografia, que explicita as oscilações da opinião pública sobre o conflito contra os paraguaios e não só isso, mas também sobre a própria relação entre o império brasileiro e as repúblicas que compunham a Tríplice Aliança, algo também abordado pelas imagens.

Outro aspecto que deve ser observado, no que tange as fontes primárias utilizadas, é a ausência de diversos suplementos produzidos por alguns desses periódicos. Isso se deve à inexistência da sistematização desse material por parte dos arquivos consultados. Desta maneira, os suplementos que foram encontrados ao longo do levantamento serão utilizados, mas de forma identificada para não serem confundidos com a produção elaborada especificamente para a composição dos periódicos, sendo duas produções veiculadas pela imprensa da época, mas com propostas diferenciadas.

Vale ressaltar que tais suplementos, materiais extras adquiridos de forma avulsa ou disponíveis para determinados assinantes, contam com um processo de produção distinto. Geralmente, estas estampas eram feitas em papéis de gramatura mais densa e, embora com teor igualmente informativo e ilustrativo, contavam com maior acurácia nos traços. Além disso, eram feitos de forma específica, visando ressaltar um determinado evento ou temática, como é o caso inicial da coleção *Quadros historicos da guerra do Paraguai*, desenvolvida inicialmente em fascículos suplementares, posteriormente elencados e vendidos como um álbum temático<sup>18</sup>.

### **1.8. Estado da arte: principais referências**

Os estudos relacionados aos aspectos simbólicos, culturais e materiais do Segundo Reinado brasileiro, enfatizando-se aqui a guerra contra o Paraguai, é vasto e bastante diversificado. No entanto, um estudo mais sistematizado sobre as produções de Henrique Fleiuss e Angelo Agostini ao longo do conflito é uma novidade apresentada por nós nesta tese.

---

<sup>18</sup> Ver mais em: CUNHA, Álvaro Saluan da. **As litografias da coleção “Quadros historicos da guerra do Paraguai” na década de 1870**: projeto editorial e imagens. Dissertação (História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

Desta maneira, ao trabalharmos com diversos temas transversais como os periódicos, fontes primárias essenciais para a elaboração desta pesquisa, precisaremos também compreender uma série de aspectos referentes ao momento estudado: a historiografia da guerra, da imprensa e outros tantos trabalhos relacionados ao tema. Para isso, foi essencial um levantamento bibliográfico do estado da arte destes assuntos, sendo este processo, juntamente com a leitura, primordiais para a construção desta tese. Afinal de contas, a partir de diversos destes trabalhos foi possível compreender e contextualizar não só o período estudado, mas suas dinâmicas e questões.

Antes de darmos prosseguimento ao estado da arte, torna-se interessante ressaltar a importância de nossa dissertação, *As litografias da coleção “Quadros históricos da guerra do Paraguai” na década de 1870: projeto editorial e imagens* (Cunha, 2019), sendo este trabalho e os esforços que o deram vida essenciais para compreender o cenário da imprensa e das gravuras no século XIX, que se constituíam como um mercado cada vez mais consolidado, enfatizando-se aqui a capital da Corte como pano de fundo. Através da elaboração desta pesquisa, foi possível se conhecer melhor os mecanismos e sociabilidades da época, bem como foi a inspiração para o amadurecimento e criação das ideias desta tese.

Essencial para se compreender como o conflito se delimitou na região sul, trazendo pontos importantes e detalhados, o livro *História do Cone Sul* organizado por Amado Luiz Cervo e Mario Rapoport (1998) é elucidativo, trazendo uma acurada revisão crítica da história dos países envolvidos na guerra. Mais interessante ainda é poder perceber a geopolítica e a sociedade do período a partir da perspectiva de cinco autores brasileiros e três argentinos, que explicitam muito bem as forças regionais da região, apresentando um rico panorama do século XIX, explicitando como as relações entre Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai se desenrolavam, num jogo de forças constante. Como será percebido na segunda parte desta tese, analisaremos de forma breve a questão da guerra civil no Uruguai, trazida pela imprensa através de uma série de gravuras, o envolvimento brasileiro no conflito, que é uma das causas do embate paraguaio contra a Tríplice Aliança, que culminou na invasão de territórios brasileiros e argentinos por parte dos guaranis.

Em um contexto historiográfico mais amplo, apresentando aspectos econômicos, sociais e culturais do Brasil do século XIX, *Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade*, organizado por José Murilo de Carvalho e Lúcia Maria Bastos P. Neves (2009), apresenta percepções sobre o período, resultado de dois

seminários do projeto “Nação e cidadania no Império: novos horizontes”. A obra *A Construção Nacional: 1830-1889* (Carvalho, 2012), coordenada por José Murilo de Carvalho, também traz uma série de artigos que investigam as particularidades da consolidação do Brasil enquanto Estado moderno. Desta forma, analisa boa parte do século XIX através de questões culturais, sociais e políticas, incluindo um panorama geral da guerra contra o Paraguai.

Outra obra essencial para a compreensão do Segundo Reinado é *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, de Lilia Moritz Schwarcz (2010). A autora cria uma nova narrativa sobre o Segundo Reinado, através de seus simbolismos ao articular variadas fontes, sobretudo imagéticas, para analisar o reinado de D. Pedro II e seus acontecimentos.

Ao abordarmos a historiografia do conflito contra o Paraguai, a obra de Francisco Doratioto, *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*, lançada originalmente em 2002, mas com uma nova edição revisada feita em 2022 (Doratioto, 2022), é a maior referência, sendo este trabalho a base para as questões históricas gerais sobre o conflito. Em sua obra, Doratioto apresenta a partir de uma sólida base de fontes primárias encontradas em quinze anos de pesquisas em arquivos e bibliotecas do Brasil, do Rio da Prata e da Europa todo o contexto através do processo histórico regional, rejeitando a interpretação historiográfica revisionista dos anos 60 e 70, de que o imperialismo inglês seria o grande responsável pela guerra.

Complementando as fontes históricas, foi imprescindível a leitura de duas narrativas autobiográficas do período: as *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, de Dionísio Cerqueira (1980) e *A Retirada da Laguna*, de Alfredo Maria Adriano d’Escragolle Taunay (2019), o Visconde de Taunay. Ambas as obras relatam detalhes vividos pelos personagens ao longo da campanha contra o Paraguai, sendo tais fontes ricas em detalhes que, por vezes, não são citadas em obras com um sentido mais amplo.

No que tange a biografia e produção artística de Henrique Fleiuss, as pesquisas de Joaquim Marçal Ferreira de Andrade foram essenciais. Na primeira, *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900* (Andrade, 2004), foi possível conhecer além da trajetória de Fleiuss, compreendendo a maneira como o artista utilizava-se de fotografias para a elaboração de suas gravuras.

Já em sua tese, *A Semana Illustrada e a guerra contra o Paraguai: primórdios da fotorreportagem no Brasil*, o pesquisador se aprofunda mais na vida e obra de Fleiuss, enfatizando-se aqui a análise elaborada da *Semana Illustrada* (Andrade, 2011). Graças a

essas duas obras, foi possível conhecer um pouco mais da vida e obra de Henrique Fleiuss, enfatizando-se aqui o período por nós estudado, a guerra contra o Paraguai.

Sobre Angelo Agostini, podemos citar como uma das principais referências o trabalho de Marcelo Balaban (2009), *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*. Sua produção, focada em analisar a trajetória de Agostini no Brasil, apresenta também interpretações da vida política do artista ao analisar suas imagens e os impactos por ela causados na sociedade paulista e carioca no século XIX, sendo esta talvez a obra mais aprofundada sobre o italiano.

Outro biógrafo da vida de Agostini é Gilberto Maringoni. Analisando toda a trajetória do artista no Brasil em *Angelo Agostini: A Imprensa Ilustrada da Corte à Capital Federal: 1864-1910*, Maringoni (2011) apresenta um panorama da vida e obra do artista italiano, ressaltando aspectos de sua produção e os impactos na sociedade do período.

Especificamente sobre sua trajetória em São Paulo, Ana Maria de Almeida Camargo (2005) dirige uma edição fac-similar do *Diabo Coxo*, que apresenta não apenas os números disponíveis do periódico, mas alguns textos sobre a vida e obra de Agostini. Outra edição fac-similar, desta vez a do *Cabrião* (Agostini; Campos; Reis, 2000), traz também os números do periódico integralmente, além de mais informações sobre o artista e seus parceiros de empreitada.

De uma maneira geral, ambos os artistas acima citados também figuram estudos gerais da imprensa, indo desde trabalhos canônicos a pesquisas mais recentes. Seria impossível não citar nesta tese os trabalhos de Nelson Werneck Sodr e e Herman Lima, *História da Imprensa no Brasil* (Sodr e, 1999) e *História da Caricatura no Brasil* (Lima, 1963), respectivamente. Ainda que tais obras já estejam defasadas em alguns aspectos, elas são de suma importância para conhecer todo o panorama da imprensa brasileira, enfatizando-se aqui nosso período de análise, o século XIX, e suas tradicionais caricaturas. Ambos os trabalhos são comumente citados por historiadores e pesquisadores em geral da área da imprensa ilustrada.

Trabalhos como o de Benedita de Cássia Lima Sant'Anna (2011), *D'O Brasil Ilustrado (1855-1856)   Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense* e Angela Maria Cunha da Motta Telles (2007), *Desenhando a na o: Revistas Ilustradas do Rio de Janeiro e Buenos Aires nas décadas de 1860-1870*, além de artigos organizados e escritos por Paulo Knauss, Marize Malta, Cláudia de Oliveira e M nica Pimenta Veloso (2011), em *Revistas Ilustradas: Modos de ler e ver no*



*Segundo Reinado*, são essenciais para se compreender novas perspectivas da imprensa ilustrada do século XIX de uma maneira geral. Tais visões mais ampliadas do período nos permitem refletir novas possibilidades dentro dos periódicos por nós analisados nesta tese, além de contextualiza-los num cenário onde a imprensa e as imagens estão se constituindo como nova linguagem e um potencial mercado.

Sobre as análises visuais da guerra, os trabalhos de Lúcia Klück Stumpf, Rafael Cardoso, Maraliz Christo e André Toral foram de suma importância para a elaboração desta pesquisa. O primeiro deles, *Fragmentos de guerra: Imagens e visualidades da guerra contra o Paraguai (1865-1881)* (Stumpf, 2019), nos traz uma análise aprofundada dos registros visuais produzidos durante a guerra, compreendendo as imagens analisadas a partir do regime de visualidade em que estavam inseridas. Os trabalhos de Rafael Cardoso, *Impresso no Brasil, 1808-1930* (Cardoso, 2009) e *O design brasileiro antes do design* (Cardoso, 2005), elucidaram questões voltadas para a crescente indústria gráfica no Brasil e suas instituições entre os séculos XIX e XX.

Maraliz Christo, em diversos trabalhos, enfatizando-se aqui sua tese de doutoramento, *Pintura, história e heróis no século XIX: Pedro Americo e "Tiradentes Esquartejado"* (Christo, 2005), apresentou análises pictóricas de parte das produções do período, enfatizando-se aqui o contexto da pintura histórica, essencial para a elaboração desta tese, a qual ela é orientadora. Há também o rico trabalho de André Toral (2001), *Imagens em desordem*, que traz uma pesquisa abrangente, em que buscou compilar uma análise da iconografia produzida sobre a o conflito contra o Paraguai a partir das diferentes perspectivas visuais dos países envolvidos, apresentadas de forma ampla.

Todos os trabalhos acima citados são de suma importância para os debates que serão elaborados dentro desta tese. Embora a imprensa e as imagens por ela produzidas sejam o verdadeiro foco, tais trabalhos contam com uma série de questionamentos que são de suma importância para se compreender e interpretar esta vasta produção.

### **1.9. Questões teórico-metodológicas**

A imprensa ilustrada brasileira nos serve para compreender parte do pensamento vigente do período, no qual a opinião pública em torno dos periódicos crescia cada vez mais, atingindo ainda mais pessoas. Considerável parte dos estudos sobre a produção da imprensa do século XIX parecem se debruçar mais sobre questões relacionadas à formação da identidade nacional, dando a estes periódicos uma relevância para a difusão de um discurso geralmente advindo da Coroa.

De fato, a imprensa tem um papel fulcral não só para informar e dar contornos aos acontecimentos do conflito, mas também para reforçar alguns destes aspectos da nação, que se via novamente aproximada devido a invasão e o conflito com uma ameaça externa. Como é possível de se perceber, a guerra é um fator agregador, pois ao criar um inimigo em comum, une a população com o objetivo de vencê-lo. Porém, se analisarmos à fundo, alguns dos periódicos analisados nesta pesquisa, mesmo que apoiem uma vitória brasileira, também destilam uma série de críticas a questões como o alistamento forçado, problemas e atrasos no avanço das tropas e navios, dentre outras tantas questões envolvendo a guerra e as políticas do Império.

Portanto, ao ter um importante papel na questão da identidade cultural da nação, a imprensa e as imagens por ela veiculadas, podem ser consideradas um privilegiado objeto de análise, tendo um papel – ainda que limitado pelo analfabetismo e outras questões sociais – ativo na mediação dos discursos da época, não sendo apenas um “pano de fundo” para os discursos da época.

Desta forma, é importante analisar tais fontes a partir de um estudo interdisciplinar, tal como é observado na história cultural, que nos permite uma forma de interpretação do passado a partir das fontes primárias, enfatizando-se aqui o caso das imagens. A análise histórica e cultural dos periódicos desta época nos permite aprender as mudanças nas práticas de leitura e nas representações socioculturais, em que eles são parte fundamental na construção e consolidação.

Destarte, vale ressaltar que não só a imprensa, mas o próprio processo de criação e reprodução das gravuras configuram um laboratório das transformações da linguagem e da informação no século XIX. O jornal não é só apenas um núcleo transformador da escrita no período, mas também da cultura visual, algo pouco levado em consideração em boa parte dos trabalhos. A imagem, ao contrário do que é pensado pelo senso comum, não é mero suporte do texto – e vice-versa. Ambos, conectados ou não, são essenciais no contexto em que estão inseridos, sendo ambas linguagens em constante renovação. No caso da imagem, através de seus sinais e signos, ela pode ser considerada ainda mais abrangente, sobretudo em uma nação em que o analfabetismo e a oralidade ainda eram fortemente presentes.

Portanto, como explicita Dominique Kalifa<sup>19</sup>, a imprensa além de criar práticas culturais, traz também produtos culturais carregados de sentidos. Desta forma, o autor cunha o nascimento de uma “cultura midiática”, mostrando o exemplo francês, em que a cultura de massa amplifica o papel midiático que aparece por volta de 1830, sendo o jornal *locus* privilegiado para a formação da modernidade cultural. Tal exemplo também pode ser facilmente perceptível e aplicado, não em sua totalidade, no Brasil da segunda metade do século XIX, em que a imprensa se expandia e chegava de diferentes maneiras a parte da população. Aliás, ao utilizarmos o contexto francês como perspectiva de comparação é algo de todo o sentido – apesar de algumas latências e particularidades –, pois a constituição do cenário artístico nacional é diretamente influenciada por eles através da criação da Academia Imperial de Belas Artes e a chamada “Missão Artística Francesa” ou “Colônia Lebreton”. Este grupo de artistas franceses foi trazido por D. João VI justamente com o objetivo de se consolidar o ensino acadêmico da arte no Brasil. André Caparelli (2012) alega que, por este motivo, a França tem um papel extremamente relevante na história das transferências culturais não só nas artes, mas também na imprensa brasileira.

Isso fica explícito ao observarmos que a imprensa buscava não só provar um senso de autenticidade em suas produções, mas também de mostrar ao resto do mundo que o país tinha potencial, podendo figurar entre as nações ditas “civilizadas” do período. Aliás, a própria guerra valia-se desta característica, ao alegar que ela era a luta da civilização contra a barbárie, palavras comumente presentes nos impressos daquele período. Mas esse exemplo não é válido apenas para questões bélicas, mas também no ramo das variedades, em que o Brasil mais uma vez pautava-se em exemplos estrangeiros para informar uma infinidade de assuntos nacionais e internacionais, em que os editores ou a equipe, a partir de um pseudônimo, também fazia questão de comentar, dotando-se assim de um certo ar de intelectualidade ao conhecer diversas coisas nacionais e além-mar.

Trajetórias como as de Henrique Fleiuss, Angelo Agostini e suas respectivas equipes e produções confundem-se também com outro aspecto, para além do sociocultural. Nelson Werneck Sodré nos mostra um panorama por vezes negligenciado pelos estudiosos, afirmando que “a história da imprensa é a própria história da sociedade

---

<sup>19</sup> Ver mais em: KALIFA, Dominique. **L'encre et le sang** – récits de crimes et société à la Belle Époque. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1995.

capitalista” (Sodré, 1966, p. 1), sendo este aspecto também presente neste trabalho, sobretudo ao analisar as transformações na carreira de ambos os artistas e seus projetos.

Para se compreender e contextualizar não só o cenário da imprensa entre 1864 a 1870, mas também os acontecimentos narrados pelas imagens, vale ressaltar que a renovação historiográfica advinda da Nova História Cultural, destaca as abordagens políticas e culturais, colocando a imprensa como um local importante de análise, sendo ela considerada como fonte documental onde diversos agentes agiram e produziram artefatos culturais. Assim, ela abandona a perspectiva positivista da oficialidade da fonte, que limita a ampliação da perspectiva de análise do historiador. Portanto, vale ressaltar que este trabalho analisará de forma crítica a chamada “Nova História da guerra contra o Paraguai” e as respectivas fontes primárias, tendo como objetivo contextualizar ao leitor não só a imagem, mas a narrativa histórica do conflito. Como descreve Bronislaw Baczko,

Em qualquer conflito social grave – uma guerra, uma revolução – não serão as imagens exaltantes e magnificentes dos objetivos a atingir e dos frutos da vitória procurada uma condição de possibilidade da própria ação das forças em presença? Como é que se podem separar, neste tipo de conflitos, os agentes e os seus atos de imagens que aqueles têm de si próprios e dos inimigos, sejam estes inimigos de classe, religião, raça, nacionalidade, etc.? Não são as ações efetivamente guiadas por estas representações; não modelam elas os comportamentos, não mobilizam elas as energias; não legitimam elas as violências? (...) Não será que o imaginário coletivo intervém em qualquer exercício do poder e, designadamente, do poder político? (Baczko, 1895, p. 298).

Ao colocar a análise de Baczko diante dos acontecimentos e produções relacionadas ao conflito, sobretudo na criação da imagem do “eu” e do “outro”, diretamente influenciada pelas imagens e pautada em questões políticas, utilizando-se dos discursos e até mesmo da estética em si, a imprensa influenciou o imaginário coletivo do período ao tratar a “barbárie” como característica dos “selvagens” paraguaios. Tais termos, estritamente pejorativos, figuraram em diversos momentos não só nos textos, mas também nas próprias representações visuais, em que os paraguaios são vistos seminus, maltrapilhos e derrotados, ao passo em que os Aliados encontram-se trajados em seus fardões azuis e quase sempre em posições altivas ou de autoridade – embora Pedro Américo<sup>20</sup> em algumas de suas pinturas históricas tenha feito justamente o contrário – algo que a imprensa não trouxe ao retratar o conflito, mas ao mostrar problemas como

---

<sup>20</sup> Pedro Américo tinha um hábito de retratar acontecimentos em algumas de suas pinturas históricas que fugiam do cânone, colocando personagens heroicos em circunstâncias que o despiam totalmente deste heroísmo, vide a *Batalha de Campo Grande* e a *Batalha do Avaí*. Outro exemplo, ainda que fora do contexto do conflito, é a obra *Tiradentes Esquartejado* ou *Tiradentes Supliciado*.

alistamento compulsório, marchas que não levariam a lugar algum, dentre outros pontos isolados, mas jamais equiparados aos inimigos.

Na primeira parte, este trabalho enfatizará a trajetória de Henrique Fleiuss e Angelo Agostini, enfatizando-se aqui o período e a produção sobre a guerra contra o Paraguai, entre 1864 a 1870. Desta forma, seria impossível não observar também as dinâmicas dos respectivos periódicos em que eles estavam inseridos. O caso de Agostini é ainda mais denso, pois o artista circulou por diversas empreitadas tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo, onde deu início a sua carreira no Brasil. Sendo assim, torna-se essencial conhecer os detalhes dos diversos projetos em que ele esteve inserido. O mesmo caso se aplica a Fleiuss, embora neste período ele tenha executado trabalhos apenas na *Semana Illustrada*.

Portanto, entender como funcionavam as dinâmicas destes periódicos atreladas às suas equipes e aos personagens acima citados nos permite compreender de forma mais clara as gravuras por eles elaboradas e veiculadas em seus jornais. Isso torna-se possível, pois através da análise de posições políticas e outras atitudes tomadas, conseguimos compreender suas posturas ante o conflito e as questões sociais, políticas, econômicas e culturais que ele acarretava.

A segunda parte será delimitada de acordo com os acontecimentos da guerra e as respectivas produções feitas sobre eles, tendo um tom mais ensaístico do que a primeira parte. As singularidades das gravuras analisadas serão estudadas como pequenos fenômenos, conectando-se assim a um maior movimento da história, tal como é observável no paradigma indiciário cunhado por Carlo Ginzburg (1989) que, em suma, consiste em uma série de princípios e procedimentos com a proposta de um método heurístico centrado em detalhes, aspectos marginais, resíduos tomados enquanto pistas, alguns indícios, sinais ou até mesmo vestígios. Além deste trabalho, as análises iconográficas de Michael Baxandall (1991) são inspirações para esta tese, que busca, tal como Ginzburg, analisar as imagens a partir de aspectos econômicos, sociais e políticos, não sendo elas apenas objeto observável através do prisma cultural. Este autor propõe que a observação de imagens seja feita individualmente e no cenário em que estão inseridas, possibilitando assim uma análise ao mesmo tempo abrangente e pormenorizada.

Contudo, esta pesquisa conta com um grande arcabouço de imagens, ultrapassando as 300 só no corpo deste texto. Desta forma, não será possível se debruçar em longas análises e descrições em todas elas. No entanto, isso não significa que elas ficarão à deriva para o leitor. Todas serão brevemente contextualizadas e, em alguns

casos, até mesmo mais esmiuçadas, sobretudo em temáticas que contam com mais produções e investigações, que facilitam o processo de compreensão e de descrição dos acontecimentos. Sendo assim, reforça-se aqui a ideia de que esta tese não tem necessariamente o objetivo de esgotar tais fontes, mas, sobretudo, tem o objetivo de apresentá-las em uma ordem narrativa compreensível aos leitores e leitoras e que faça sentido para os objetivos desta investigação.

Por fim, ainda nesta parte, torna-se essencial explicitar a inspiração em dois autores essenciais para esta tese e também em nossa formação: Maraliz Christo e Jorge Coli. A partir de ambos foi possível conhecer não só diversos autores da História da Arte, mas também a aplicabilidade e a versatilidade das metodologias para a análise das imagens que serão utilizadas neste trabalho. É interessante de se ressaltar que estes pesquisadores também analisaram a iconografia da guerra contra o Paraguai, focando-se sobretudo nas pinturas históricas.

## **2. A produção visual sobre a guerra contra o Paraguai nas trajetórias de Henrique Fleiuss e Angelo Agostini**

A guerra contra o Paraguai eclodiu em um momento onde não só o discurso de modernidade se tornava cada vez mais vigente na sociedade, mas também seus impactos já eram sentidos pela população, sendo a imprensa e o desenvolvimento das técnicas de imagem parte deste novo fenômeno. Desta maneira, o conflito foi nitidamente utilizado para fomentar ainda mais esse discurso, atrelando-se a ideia de luta da “civilização” contra a “barbárie”, parte de um amplo debate ocorrido durante o século XIX. Assim, em um primeiro momento, a invasão do território brasileiro e o início do conflito trouxeram consigo um sentimento de pertencimento nacional – ainda que de forma limitada, mas sentida através dos periódicos de diferentes partes do Brasil.

Portanto, a guerra contra os paraguaios, em um primeiro momento, veio a calhar perfeitamente como uma maneira de unir a população nacional e, além disso, exaltar a monarquia e sua figura maior, D. Pedro II. Todavia, ao ter se prolongado, gerando mortes e dívidas aos cofres públicos, a peleja contra os paraguaios pode ser considerada também como o início do fim do período monárquico. Um dos principais motivos, que reflete até hoje em nossa cultura política, foi o fortalecimento da Marinha e do Exército, que passaram a integrar diretamente o cenário político nacional, culminando no golpe que depôs a monarquia em 15 de novembro de 1889.

Tais questões acima citadas podem ser percebidas através da imprensa e seu alcance em criar diferentes imaginários para parte do povo. Seja unindo o povo através de discursos visuais que ressaltassem a necessidade de retaliação ante o novo inimigo ou demonstrando as crueldades da guerra e dos alistamentos forçados, durante os embates destas perspectivas via-se também a construção de diferentes concepções relacionadas ao conflito e até mesmo na construção imaginária de diversos “Brasis”, configurando tais produções em conflitos narrativos que ecoam nos anais da História até a contemporaneidade, suscitando frutíferas discussões e novas perspectivas para a historiografia da guerra e da cultura visual que era criada naquele momento.

Para entendermos o contexto da guerra contra o Paraguai e as diversas possibilidades que levaram as quatro nações ao conflito, as imagens se configuram como *locus* privilegiado, enfatizando-se novamente a questão da perspectiva adotada por esta pesquisa, que analisa o conflito a partir das imagens produzidas pela imprensa brasileira. Portanto, faz-se necessário enfatizar esta perspectiva, embora, de uma maneira geral, não só através da historiografia utilizada, mas também do distanciamento do período, seja

possível cunhar uma análise mais crítica não só sobre a própria guerra, mas também relacionada à produção e os diferentes discursos adotados.

Assim sendo, nesta parte serão apresentadas imagens e análises de eventos diretamente ligados ao conflito e a algumas das motivações antecedentes que nele culminaram. Portanto, a cobertura desta tese se iniciará no período pré-guerra, onde o império brasileiro acabou por se envolver na Guerra do Uruguai, apoiando os colorados, motivo observado por Ricardo Salles<sup>21</sup> como uma das razões que levaram Solano Lopez a declarar guerra ao Brasil, deflagrando no conflito entre a Tríplice Aliança e o Paraguai.

Desta forma, serão colocados em uma ordem ditada não só através da cronologia do conflito, ponto que será levado em consideração, mas também de aspectos relevantes como o período de alistamento ao longo da guerra, os embates travados por Agostini e Fleiuss, a forma cujo a imprensa brasileira via a os paraguaios e a família de Solano Lopes, dentre outros aspectos, seguindo de acordo com as fontes iconográficas elencadas.

Portanto, as passagens do conflito serão observadas de forma cronológica, ao contrário da produção visual. Ou seja, se uma determinada batalha ou acontecimento forem lembrados através das imagens anos após terem ocorrido, serão integrados de forma cronológica, seguindo o que dita a historiografia e que pode ser observado no apêndice disponível no final do trabalho, que resume os principais acontecimentos de forma ordenada. Além disso, tais aspectos serão explicitados através do próprio texto e das legendas das imagens, dado valioso e útil para se compreender e aprofundar nos sentidos das imagens.

## **2.1. O cenário ilustrado, as críticas e conflitos entre Agostini e Fleiuss**

A *Semana Illustrada* constantemente figurava, através da imagem do caricato Dr. Semana, nas páginas da *Vida Fluminense*. Em diversas ocasiões, Angelo Agostini e companhia acusavam Henrique Fleiuss e sua equipe de estarem copiando desenhos de revistas europeias, que eram praticamente inacessíveis ao grande público no Brasil. Porém, este não é o único tipo de denúncia percebida contra a *Semana Illustrada*: Agostini buscava também criticar os traços de Fleiuss, levando o debate a uma questão mais estética; além de acusa-lo de receber subsídios por parte da Coroa para sua publicação. Por fim, indo um pouco mais além, o italiano radicado no Brasil explicitava que a *Semana Illustrada* também fazia apologia à monarquia brasileira (Maringoni, 2011, p. 68).

---

<sup>21</sup> Ver mais em: SALLES, Ricardo. **A Guerra do Paraguai**: escravidão e cidadania na formação do Exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.



De certo, a última afirmativa de Agostini e sua equipe pode ser realmente levada em consideração. Como observado na primeira parte deste trabalho, Henrique Fleiuss e seus respectivos sócios tinham uma proximidade com a monarquia e suas lideranças, evitando assim a crítica mais densa aos problemas que tocavam a política de Estado brasileira. Porém, ao contrário do que possa parecer, a *Semana Illustrada* fazia críticas e sátiras aos políticos locais através de gravuras e textos que ironizavam uma série de problemas de uma capital cada vez mais conturbada.

Contudo, ao mesmo tempo em que Agostini e a *Vida Fluminense* faziam questão de acusar a *Semana Illustrada* de receber benefícios por parte da Coroa, torna-se imprescindível citar aqui uma descoberta feita em nossa dissertação<sup>22</sup>, que mostrava como a sociedade Almeida, Castro & Angelo, formada por Agostini, Antônio Pedro Marques de Almeida e Augusto de Castro receberam uma série de encomendas da coleção *Quadros históricos da guerra do Paraguay*. A partir destas informações, obtidas através dos *Balanços da Receita e Despesa do Imperio*<sup>23</sup> entre 1872 a 1881, foi possível atestar o recebimento de 15:500\$000 de réis, colocando em xeque a crítica de Agostini. É fato que a imprensa precisa vender e lucrar para se manter, mas há uma certa hipocrisia na perspectiva de Agostini ao alegar que seu rival recebia incentivos, sendo que seu próprio periódico estava ligado diretamente a compras de diversos ministérios.

No entanto, no período citado, torna-se interessante de se perceber que Angelo Agostini já estava em outra de suas muitas empreitadas, abandonando a *Vida Fluminense* e indo para *O Mosquito* como colaborador entre 1869 a 1875. Todavia, esta mudança de ares não o impedia de seguir na confecção desta coleção, que anunciava Agostini como desenhista principal<sup>24</sup>, algo que não foi concretizado na consolidação dos fascículos desta coleção.

Todavia, antes dessa rivalidade, a relação entre Agostini e Fleiuss era diferente. No dia 28 de outubro de 1866, a *Semana Illustrada* emitia em suas páginas uma mensagem de boas-vindas ao novo colega de imprensa, o Sr. Cabrião, personagem do periódico cujo Agostini fazia parte na província de São Paulo. Na ocasião, o Dr. Semana saúda o novo colega de ofício “com 21 tiros” e “um aperto de mão”, honrando o novo jornal caricato no mercado editorial. Além disso, elogia o empreendimento de Agostini,

---

<sup>22</sup> Ver mais em: CUNHA, Álvaro Saluan da. **As litografias da coleção “Quadros históricos da guerra do Paraguai” na década de 1870: projeto editorial e imagens.** Dissertação (História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

<sup>23</sup> **Balanço da Receita e Despesa do Imperio.** Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875-1883.

<sup>24</sup> **Jornal da Tarde (RJ)**, 28 de janeiro de 1871, n. 24.

afirmando que ele é “jovem, cheio de vida, alegre como uma noiva”. Por fim, alega também que os esforços da nova folha não sucumbam às perseguições, devendo manter a coragem e “respeitando sempre – a tua consciência”.

Antes de entrar na comunicação das novidades da semana, devo cumprir uma obrigação, que já devia ter sido cumprida há 8 dias.

É a saudação do novo colega o Sr. Cabrião, que, no mês passado, nasceu na capital da província de S. Paulo, e que, pelas suas qualidades, merece ser anunciado à corte do Império com 21 tiros.

Jovem, cheio de vida, alegre como uma noiva, severo como um juiz municipal, justo mais do que o Sr. Justo de S. P... o, espirituoso e satírico como se tivesse sido batizado com sal ático, receba o Sr. Cabrião um aperto de mão de um amigo velho e colega o Dr. Semana, que se consola de ter achado um colega na imprensa, que de braço dado vai descobrir as fraquezas humanas e rir-se de tudo e de todos os que dão motivo para isso.

E como o Cabrião vai desenvolver-se, tomando posse da humanidade e pé firme na terra de Santa Cruz, achará igualmente o apoio do Dr. Semana, representante da nação inteira e advogado especial de *quem quer que seja*.

Menino, toma na tua testa este beijo e lembra-te de que, rodeado do bem e do mal, e atacado talvez fortemente, não deves perder a coragem; e apesar de todos os obstáculos, que podes encontrar no teu caminho, há de viver longamente, respeitando sempre – a tua consciência<sup>25</sup>.

E, como forma de retribuir os elogios e as boas vindas de Fleiuss, no dia 11 de novembro de 1866, *O Cabrião* estampa em sua capa (Figura 1) seu personagem homônimo executando justamente o aperto de mãos citado no trecho acima, colocando também o Pipelet e o Moleque, respectivos escudeiros dos narradores.



**Figura 1:** Sr. Dr. Semana, a sua valiosa e autorizada saudação, é pra mim o que o dinheiro é para os avaros: uma verdadeira preciosidade. Farei por acompanhá-lo na brilhante carreira que leva, no empenho de premiar a virtude de castigar o vício. *O Cabrião*, 11 de novembro de 1866, n. 7.

<sup>25</sup> *Semana Ilustrada*, 28 de outubro de 1866, n. 307.

Não obstante, além da gravura veiculada em sua capa, o periódico de Agostini em São Paulo emite uma nota elogiando os redatores “simpáticos, espirituosos e independentes” da *Semana Illustrada*, alegando que a imprensa da época “diz o que não deve, e cala o que deve dizer”, criticando indiretamente outros periódicos da Corte. Além disso, agradeceu a saudação veiculada no dia 28 de outubro de 1866 no periódico de Fleiuss e a veiculou integralmente em suas páginas, dizendo que os assinantes que não possuem a *Semana Illustrada* cometem um “crime de lesa bom gosto”.

SEMANA ILLUSTRADA – O Sr. Dr. Semana, o tipo dos redatores simpáticos, espirituosos e independentes, nesta época em que a imprensa, diz o que não deve, e cala o que deve dizer, saudou o nascimento do *Cabrião* com frases tão eloquentes, que merecem uma honrosa menção das páginas deste jornal.

O aperto de mão dado pelo distinto Sr. Dr. Semana ao *Cabrião*, é um grito de *avante!* partido das risonhas plagas do Guanabara, é o juramento solene de uma *dúplice aliança*, que deve reinar sempre entre dois soldados que militam sob o mesmo estandarte, entre dois *crayons* que retratam os grandes homens, e caricaturam os homens pequenos.

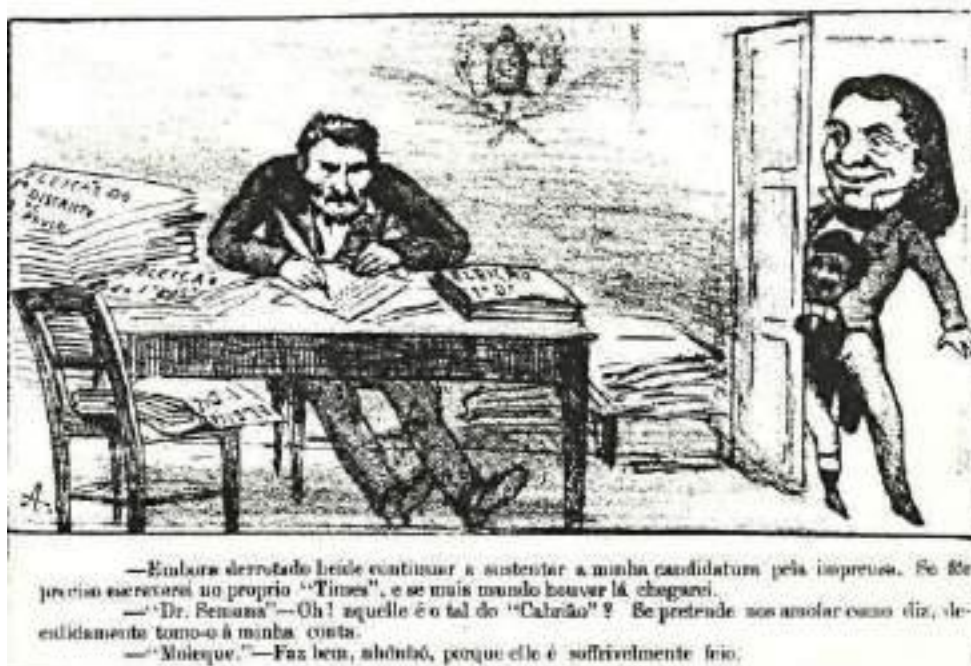
O *Cabrião* orgulha-se em ter merecido a saudação do Sr. Dr. Semana e não recuará ante sacrifício algum, afim de viver longamente, respeitando sempre a sua consciência.

A aqueles dos nossos assinantes, que não possuem a *Semana Illustrada*, (crime de lesa bom gosto), oferecemos o artigo à que aludimos (texto citado acima da **Semana Illustrada**, 28 de outubro de 1866, n. 307)<sup>26</sup>.

Em 23 de junho de 1867, *O Cabrião* cita novamente o Dr. Semana e o Moleque em uma gravura (Figura 2), mostrando os anseios do personagem homônimo desenhado por Agostini. Na imagem, compreendemos através da legenda que o *Cabrião* se empenha em sua “candidatura pela imprensa”, alegando que fará o possível para seguir. Ao mesmo tempo, observamos por trás de uma porta aberta, a dupla de personagens da *Semana Illustrada* analisando o protagonista da folha de Agostini. O Moleque ainda diz que, caso ele os amole como pretende, o tomará por sua conta. Esta imagem pode gerar uma série de interpretações, mas observando o cenário cordial ainda existente entre Agostini e Fleiuss, é possível entender a brincadeira ao mostrar que o *Cabrião* está disposto a chegar ao patamar do Dr. Semana na imprensa, sendo que este personagem já existia desde 1861.

---

<sup>26</sup> **O Cabrião**, 11 de novembro de 1866, n. 7.



**Figura 2:** “— Embora derrotado, hei de continuar a sustentar a minha candidatura pela imprensa. Se for preciso escreverei no próprio “Times”, e se mais mundo houver lá chegarei. ‘Dr. Semana’ – Oh! Aquele é o tal do “Cabrião”? Se pretende nos amolar como diz, decididamente tomo-o a minha conta. ‘Moleque’ – Faz bem, nhônô, porque ele é sofrivelmente feio. **O Cabrião**, 23 de junho de 1867, n. 38.

Porém, as cordialidades entre Fleiuss e Agostini cessam por aí, dando espaço para críticas e polêmicas na imprensa quando o desenhista e editor italiano chega ao Rio de Janeiro. Mas antes de prosseguirmos, podemos perceber que o formato ilustrado e satírico d’*O Cabrião* em muito se assemelha ao observado na *Semana Illustrada*, que na altura era um dos principais periódicos ilustrados e satíricos do Brasil, servindo talvez como inspiração aos primeiros projetos de Agostini. Todavia, ambos os personagens e suas equipes mantinham as similaridades apenas no gênero de imprensa que faziam, tendo um deles seus respectivos posicionamentos políticos e formas distintas de abordar os temas do momento. E é claro, vale frisar que neste momento, escreviam em localidades e realidades distintas (Balaban, 2009, p. 145-146).

Com ambos na Corte, começam as batalhas, feitas por ataques dirigidos diretamente por Agostini. Desta forma, o Dr. Semana e o Moleque figuraram em algumas capas da *Vida Fluminense* sendo ironizados de diversas maneiras. A esta postura, contrária ao que se viu quando Agostini estava em São Paulo, é possível crer que, pela similaridade satírica e visual de ambos os periódicos, eles lutavam pela sobrevivência no mercado editorial da corte, usando de todos os artifícios possíveis, que vão desde inovações, notícias e fontes inéditas a polêmicas e críticas a outros personagens para buscar mais leitores e, assim, alavancar as vendas.

Embora Fleiuss não citasse ou sequer desse espaço aos reclames e críticas de Agostini, ele tinha algumas questões com outros periódicos que circulavam no Rio de Janeiro que, por sua vez, figuraram em algumas de suas gravuras críticas de forma negativa ou positiva, dependendo da ocasião.

Em um dos casos analisados, de 12 de maio de 1867, a *Semana Illustrada* publica uma gravura (Figura 3) criticando a falta de justiça na divulgação de informações oficiais – vindas dos órgãos do Império – reclamando que alguns periódicos como o *Jornal do Commercio* e o *Diario do Rio de Janeiro* tinham acesso privilegiado às informações. Ou seja, embora Fleiuss fosse contido em suas críticas, ele ainda as fazia, ainda que raramente.



IGUALDADE PERANTE A LEI.  
mas a pequena diferença que a justiça é para todos, mas os favores só aos amigos. Quem te viu e quem te vê: casse-trop et aussi Adé.  
Goussier et Arné J.B.

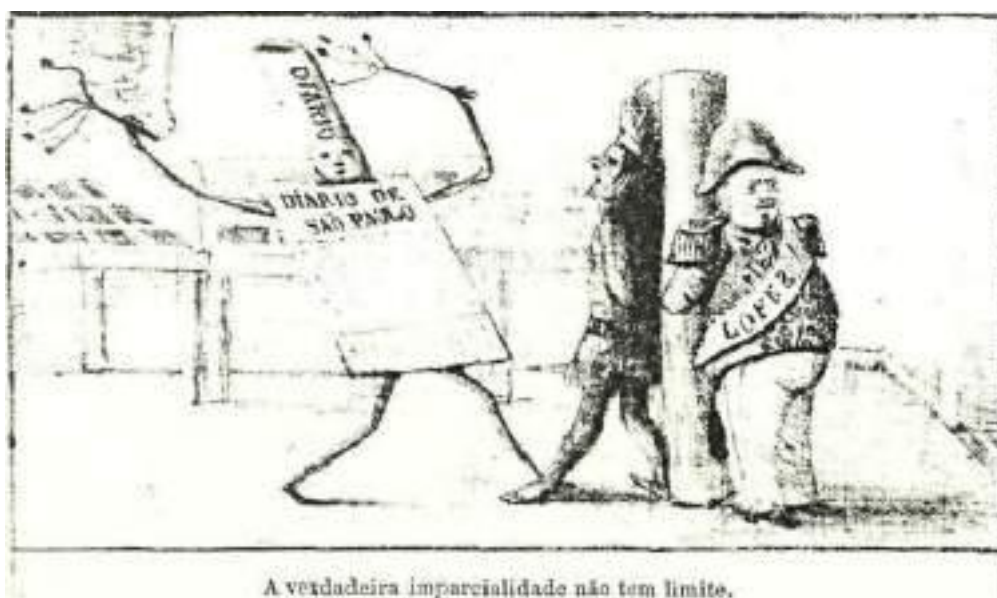
**Figura 3:** Igualdade perante a lei, com a pequena diferença que a justiça é para todos, mas os favores só aos amigos. Quem te viu e quem te vê: *casse-trop et aussi Adé*. *Semana Illustrada*, 12 de maio de 1867, n. 335.

Em outro caso, toma partido em um conflito entre o *Correio Mercantil* e o *Jornal do Commercio*, acusando o primeiro de caluniador<sup>27</sup>. O trecho completa que o *Mercantil* ainda havia alegado que o governo tinha se utilizado da caricatura para combater os seus adversários. Segundo a lógica defendida por Fleiuss, este tipo de acusação seria uma

<sup>27</sup> *Semana Illustrada*, 2 de fevereiro de 1868, n. 373.

afronta aos jornais ilustrados. Ao mesmo tempo, ele reafirma que a *Semana Illustrada* e o Dr. Semana não servem de “testa de ferro” ao governo, algo que, a partir de uma análise mais distanciada se prova inconsistente. Afinal de contas, embora não tenha sido necessariamente “testa de ferro”, teve um papel interessante na defesa do império.

Já Agostini tecia críticas a outros periódicos e adotava uma postura um pouco mais diferente desde quando estava em São Paulo. Na primeira delas, o número 2 d’*O Cabrião* criticava as posturas tomadas pelo *Diário de São Paulo*, que açoitava de maneira igual o Brasil, figurado como um indígena e Solano López, estando ambos amarrados em um tronco. A legenda alegava que “a verdadeira imparcialidade não tem limite”, dando a entender que o *Diário* criticava a tudo e todos, sobretudo no momento da guerra. Ironicamente, tal postura crítica seria adotada pelo próprio Agostini posteriormente, ao criticar os alistamentos compulsórios e outras questões brasileiras durante o período da guerra contra o Paraguai.



**Figura 4:** A verdadeira imparcialidade não tem limite. *O Cabrião*, sem data, n. 2.

Em outra ocasião, veiculada no mesmo número d’*O Cabrião*, era possível ver o personagem cumprimentando o *Correio Paulistano*<sup>28</sup> diante da sede do *Diário*, um de seus rivais (Figura 5). Ao que tudo indica, o agradecimento é feito devido a uma recepção feita pelo *Correio* no dia 30 de setembro de 1866, em seu número 3106. Nela, cita na sessão Folhetim a chegada do “jornalzinho de caricaturas intitulado *Cabrião*” que “quer assentar praça nas fileiras do jornalismo paulistano”. Além disso, alega que no periódico de Agostini os leitores irão encontrar “uma distração inocente, risonha, galhofeira,

<sup>28</sup> *Correio Paulistano*, 30 de setembro de 1866, n. 3106.



satírica, útil, e digna de figurar no meio de vós”. Por fim, ressalta que o periódico deve se manter na devida altura, não injuriando ninguém de forma individualizada ou pessoal. E, caso siga desta maneira, o desejará um “mar de rosas – vento e popa – e próspera viagem”.



**Figura 5:** Obrigadíssimo, estimável colega, obrigadíssimo: suas amigáveis palavras encheram-me as medidas. *O Cabrião*, sem data, n. 2.

Agora, indo às primeiras críticas feitas por Agostini e a equipe da *Vida Fluminense* aos concorrentes editoriais da *Semana Illustrada*, no dia 28 de março de 1868. Neste trecho escrito presente logo na introdução, os editores reconhecem que a *Vida Fluminense* é ainda muito nova, mas está gradativamente crescendo, superando suas crises iniciais e reafirmando seus objetivos de serem críticos às publicações literárias, em produzir grandes feitos da Marinha e Exército em terra e mar, além de desejarem ser a principal folha do Império. No final, concluem que farão “enfim, com que a *Vida Fluminense*... não seja uma *Semana Illustrada*<sup>29</sup>”, aproveitando os êxitos do início para atizar ainda mais Fleiuss e sua equipe. Além disso, reforçam as futuras publicações sobre o conflito, como forma de demonstrar ao seu público a preocupação em cobrir cada passo dado pela Tríplice Aliança no teatro de guerra. E, como é possível de se perceber em sua vasta produção, Agostini e companhia fizeram o que propuseram ao seu público.

Se, por um lado, Fleiuss alegava não ser “testa de ferro” do Império brasileiro, por outro lado, deixava claramente seu nacionalismo explícito através das imagens. No dia 8 de março de 1868, o *Correio Mercantil*, o *Moleque*, o *Dr. Semana*, *Caxias*, *Osório* e

---

<sup>29</sup> A *Vida Fluminense*, 28 de março de 1868, n. 13. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

outros personagens do período surgem expulsando o *Anglo-Brasilean Times*, visto por eles como um “incendiário” (Figura 6), que busca enfraquecer as relações entre eles e os personagens brasileiros que estavam no Sul, alegando reinar nestas relações a “mais perfeita harmonia”, vendo a missão deste periódico em trazer instabilidade ao cenário impresso e político brasileiro.



Expulsão de um incendiário.  
 3 de agosto — Some-te monstro da discórdia. Teu facho incendiário nunca produziu o malvado intento. Entre nós e os heróis da pátria reinou sempre a mais perfeita harmonia. Somos todos interessados na desafronta da honra nacional e no engrandecimento do Império.

**Figura 6:** Expulsão de um incendiário. 3 de agosto – Some-te monstro da discórdia. Teu facho incendiário nunca produziu o malvado intento. Entre nós e os heróis da pátria reinou sempre a mais perfeita harmonia. Somos todos interessados na desafronta da honra nacional e no engrandecimento do Império. *Semana Illustrada*, 8 de março de 1868, n. 378.

E, ao contrário do que alegava anteriormente, a *Semana Illustrada* resalta sua preocupação no “engrandecimento do Império”. Em um momento como a guerra contra o Paraguai, a preocupação em se reunir a nação em prol de um único objetivo em comum, o de vencer o inimigo, traz à tona a exacerbação do nacionalismo através da imprensa, algo que a *Semana Illustrada* sempre deixou explícito. Aliás, vale perceber que a própria *Vida Fluminense* torcia pelo êxito brasileiro no conflito, apesar de tecer uma série de críticas à forma cujo ele era tocado pelos políticos e militares. Afinal, eles também eram



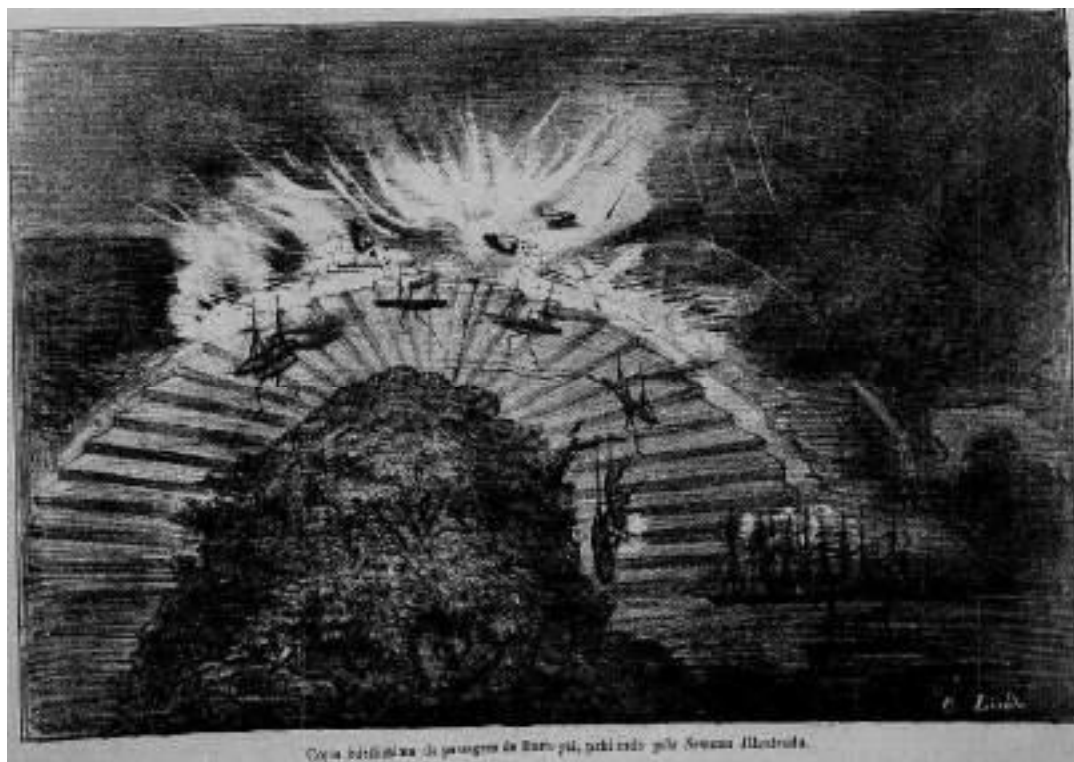
brasileiros e viram que o discurso nacionalista poderia também ser lucrativo. Contudo, abordaram esta perspectiva de uma forma mais crítica e até mesmo ácida.

Em 14 de março de 1868<sup>30</sup>, novamente *A Vida Fluminense* faz questão de citar mais uma vez a *Semana Illustrada*, mas por uma razão de defesa. Na ocasião, criticam o anúncio do periódico de Fleiuss, que alega ser a *Semana* o único jornal a receber documentos oficiais da guerra, chamando de “fantasistas” os que apresentam desenhos relativos a ela. Sentindo-se atingido pela declaração, que não tratava de nomear nenhum periódico, os editores d’*A Vida Fluminense* responderam a afronta, chamando a declaração de “leviana”, convidando aos espectadores e leitores a ir ao escritório deles para ver as plantas e esboços enviados por alguns membros da esquadra e, para trazer uma prova, apresentaram, no mesmo número uma detalhada planta topográfica da passagem de Humaitá, que foi prometida pelo periódico rival apenas para a próxima semana, sendo inclusive o desenhista nomeado, Carlos Linde, elogiado pelo editor da *Vida Fluminense*, dizendo que o desenho dele será de bom agrado, ao contrário do que se espera do “desenhista especial” deste periódico, que, no caso, era Fleiuss. Por fim, aceitam o epíteto de serem fantasistas, zombando do Dr. Semana e da passagem do Curupaiti feita por Fleiuss.

E, no dia 28 de março, *A Vida Fluminense* (Figura 7) remete a tal “fidelíssima gravura” sobre a passagem do Humaitá feita pela *Semana Illustrada* (Figura 8), de autoria de Linde, mantendo inclusive a assinatura do artista. No desenho, escuro e mais confuso, é possível perceber que o rio conta com degraus, sendo esta uma forma de zombar de sua disposição na imagem original e, com isso, também criticar o estilo do desenho de Carlos Linde, que havia sido citado dias atrás.

---

<sup>30</sup> **A Vida Fluminense**, 14 de março de 1868, n. 11.



**Figura 7:** Cópia fidelíssima da passagem de Humaitá, publicada pela *Semana Illustrada*. **Vida Fluminense**, 28 de março de 1868, n. 13.



**Figura 8:** Combate e Passagem de Humaitá Episódio Naval. **Suplemento da Semana Illustrada**, 22 de março de 1868.

Observando ambas as gravuras, percebemos exageros na reprodução de Agostini e companhia. A imagem de Linde, de fato, tem uma perspectiva um pouco forçada, mas

nada tem a ver com os “degraus” apresentados n’*A Vida Fluminense*. Seguindo a premissa de apresentar o evento no horário em que ocorreu, ao longo da madrugada, a imagem apresenta-se mais escura, mas é possível visualizar as embarcações, bem como a fortaleza, que é a fonte principal de iluminação, por estar em chamas, e a sinuosidade do rio Paraguai.

Posteriormente, a *Vida Fluminense* caçoa, em desenho assinado por Angelo Agostini, dos acontecimentos da guerra, especificamente nos rios (Figura 9). Trazendo criaturas subaquáticas antropomórficas, satiriza os homens, que lutam como “peixes vorazes”, ao passo em que “os peixes banqueteiavam-se como se fossem homens civilizados”, com o que cai dos conflitos. Na imagem, além de Solano Lopez, que aparece na parte superior direita, sendo mordiscado por peixes e segurando-se nas folhagens para não afundar, tal como o Paraguai durante o conflito, também se encontra, de forma discreta, o Dr. Semana. O personagem da *Semana Illustrada* aparece sendo levado por um vendedor, localizado uma pouco mais abaixo de Lopez, sendo chamado de “sardinha”. Nesta gravura, podemos perceber como Agostini ironiza o conflito e, ao mesmo tempo, busca uma brecha para ironizar seu concorrente.



**Figura 9:** Por cima e por baixo do rio Paraguai. Por cima: os homens esfregam-se como se fossem peixes vorazes. Por baixo: os peixes folgam e banqueteiavam-se como se fossem homens civilizados. **A Vida Fluminense**, 4 de abril de 1868, n. 14.

Lembrando traços de Hieronymus Bosch, Agostini narra também em parte textual o preparo dos animais para receberem os corpos paraguaios que cairão ao iniciar o

conflito, ansiosos para o banquete. Em um dos diálogos, o robalo, ao fazer um discurso, brinda a raça humana que, por conta de suas vaidades, é profícua para os seres submersos. O trecho se trata de uma crítica direta ao conflito e sua longa duração, um incômodo para os populares<sup>31</sup>.

Agora, voltando seu lápis litográfico de volta para a *Semana Illustrada*, Agostini assina mais um desenho (Figura 10), retratando o Dr. Semana e o Moleque tendo pesadelos com *A Vida Fluminense*, carregada por diversos diabretes, remetendo a um pesadelo sofrido por ambos os personagens. Isto se deve pelo fato de que a *Vida Fluminense* estava alcançando considerável êxito desde a sua estreia, angariando cada vez mais um público cativo, sendo cada vez mais lida e vista nos domicílios do Rio de Janeiro, mostrando que sua ideia de superar as folhas rivais era possível. Ressaltamos aqui um pequeno demônio prestes a puxar os pés do Dr. Semana que, com uma expressão de terror, se vê em uma situação complicada.



**Figura 10:** Um pesadelo horrível. *A Vida Fluminense*, 11 de abril de 1868, n. 15.

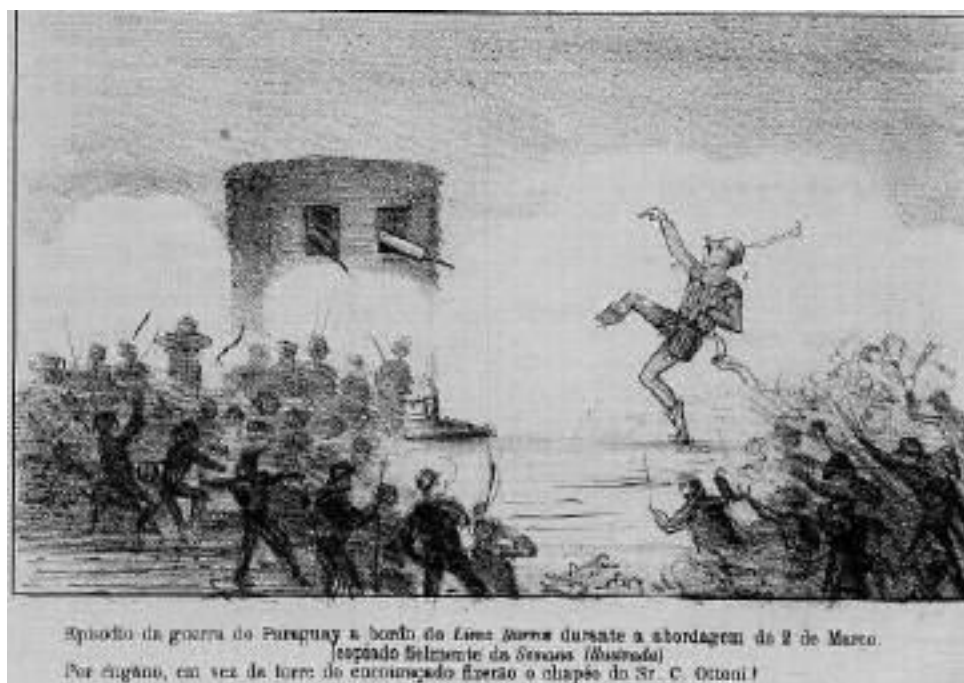
As críticas à *Semana Illustrada* estavam longe de acabar. No dia 11 de abril de 1868, novamente estavam sendo criticados nas páginas d'*A Vida Fluminense* os desenhos de Fleiuss e sua equipe (Figura 11). Desta vez, é satirizada uma gravura sobre uma passagem do encouraçado *Lima Barros* (Figura 12), ocorrida no dia 2 de março de 1868.

<sup>31</sup> *A Vida Fluminense*, 4 de abril de 1868, n. 14.

Na imagem em questão, Agostini ironiza o desenho do periódico rival, alegando que este parece “o chapéu do Sr. C. Ottoni”.



**Figura 11:** Bernardino, rei dos práticos. Episódio da guerra do Paraguai, passado a bordo do encouraçado Lima Barros na ocasião da abordagem do dia 2 de março. *Semana Illustrada*, 5 de abril de 1868, n. 382.



**Figura 12:** Episódio da guerra do Paraguai a bordo do Lima Barros durante a abordagem de 2 de março. (copiado fielmente da Semana Illustrada). Por engano, em vez da torre do encouraçado fizeram o chapéu do Sr. C. Ottoni! *A Vida Fluminense*, 11 de abril de 1868, n. 15.

De fato, a escolha nos traços de Fleiuss não foi das mais exitosas. Além da torre do encouraçado estar realmente parecendo um chapéu, a posição do soldado paraguaio

que vai dar combate à embarcação é cômica, não condizendo com o objetivo proposto do desenho. Agostini, que já estava habituado a fazer suas constantes críticas ao jornal rival, aproveita-se da situação para provocar, fazendo uma sátira das escolhas tomadas por Fleiuss e sua equipe. Ou seja, ignora-se na segunda imagem toda a carga histórica e informativa em troca da jocosidade tão cara a Agostini e aos anseios d'*A Vida Fluminense*.

Em mais uma ocasião, o Dr. Semana e o Moleque figuram nas páginas d'*A Vida Fluminense* (Figura 13). Desta vez, o protagonista da *Semana Illustrada* aparece com um “acesso de Vida-fluminensite aguda”, onde o seu fiel companheiro carrega consigo uma enorme seringa com a palavra “suplemento”, referida pelo menino como um “requentado de Cuevas, Mercedes, Riachuelo, Humaitá e outros adstringentes”, criticando a elaboração de suplementos elaborados por Fleiuss e sua equipe meses ou até anos após os acontecimentos.



**Figura 13:** Um acesso de Vida-Fluminensite aguda. – Tenha paciência, nhonhô. Confie em papai Lindo que é um ótimo enfermeiro. Tome este requentado de Cuevas, Mercedes, Riachuelo, Humaitá e outros adstringentes; tome que há de ficar mais aliviadosinho e talvez ainda possa viver cem mil anos. Quem diria, nhonhô, que em tão pouco tempo havia de ficar neste estado? Que moléstia danada! Nhonhô andava tão gordinho e forte... *A Vida Fluminense*, 9 de maio de 1868, n. 19.

Em uma capa d'*A Vida Fluminense* do dia 20 de junho de 1868, temos estampados o Dr. Semana, caracterizado como Hermes, o deus mensageiro, carregando em seu caduceu o Moleque (Figura 14). No entanto, não há nenhum texto explicativo no



periódico que demonstre o motivo da zombaria que tomou a capa. Porém, através dos textos e de outra gravura presente no mesmo número, onde o Dr. Semana é transformado em um “paio para agradar linguíça”, há algum motivo para zombar do conteúdo criado pelo periódico de Fleiuss. Muito provavelmente, o que se deseja com a imagem é mostrar que a *Semana Illustrada* é um jornal de mensagens e banalidades, enquanto o jornal de Agostini é focado em informações relevantes sobre a capital, a guerra e o mundo.



**Figura 14:** A última transformação do Dr. Semana. *A Vida Fluminense*, 20 de junho de 1868, n. 25.

No dia 4 de julho de 1868, o lápis litográfico de Angelo Agostini novamente volta a atacar (Figura 15), desta vez criticando a elaboração dos suplementos divulgados pela *Semana Illustrada*, os classificando como feitos para crianças. Na mesma imagem, figura um homem segurando uma imagem baseada em um suplemento da *Vida Fluminense* com a vista geral do teatro de guerra (Figura 15). Mais uma vez, observamos Agostini, que assina a gravura, a atacar as produções de Fleiuss e equipe, as menosprezando em uma narrativa dicotômica. Vale ressaltar que a estampa veiculada pelo suplemento da *Vida Fluminense* é reconhecida até os dias atuais. No período, foi inclusive transposta para outros tipos de suporte como, por exemplo, em um lenço que se encontra no Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora (Figura 17).



**Figura 15:** Os suplementos para crianças. Conhecendo que já não pode mais agradar à gente sensata, contenta-se a Semana Illustrada em divertir os meninos. *A Vida Fluminense*, 4 de julho de 1868, n. 27.



**Figura 16:** Vista geral do theatro da guerra: feita a voo de pássaro por James Allen. *Suplemento da Vida Fluminense*, 1868.





**Figura 17:** Vista geral do teatro da guerra: feita a voo de pássaro por James Allen. Tecido estampado, 69 x 79 cm. Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.

Tal piada com as publicações da *Semana Illustrada* foram novamente levantadas por Angelo Agostini meses depois, no dia 3 de outubro de 1868 (Figura 18). Na ocasião, Agostini retrata os leitores da “*Semana Lustrada*” requisitando ao Dr. Semana e ao Moleque amas secas, dando a entender que o público do periódico tinha voltado para um estágio infantil em que eram necessárias babás. Ao mesmo tempo, podemos perceber que Fleiuss praticamente ignora o rival em suas páginas, buscando não cair no jogo jocoso de Agostini.



**Figura 18:** À força de suplementos para – crianças – os assinantes da Semana Lustrada convenceram-se que tinham voltado aos primeiros anos de sua infância, pelo que foram, e comissão, pedir ao cabeludo que lhes fornecesse amas secas. **A Vida Fluminense**, 3 de outubro de 1868, n. 40.

Em outra situação, a *Semana Illustrada* retrata um banquete entre duas alegorias: a Brasília e a imprensa europeia (Figura 19). No banquete, a brasileira serve diversos pratos para a primeira, remetendo as vitórias da Tríplice Aliança no conflito. E, ao servir a de Angostura, fortificação que seria tomada em 30 de dezembro de 1868, prepara a convidada para o possível risco de que essa costeleta “pode não ser para os seus dentes” e possivelmente poderá ficar “atravessado o osso na garganta”.

Essa cena remete ao criticismo europeu sobre o conflito contra o Paraguai, em que constantemente se reprovavam as ações brasileiras, obrigando a personagens como o futuro barão de Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos Júnior, de defender o Brasil nas folhas francesas. Como se sabe, ele remetia croquis e informações das batalhas para o jornal francês *L'Illustration* (Cunha, 2019, p. 102).

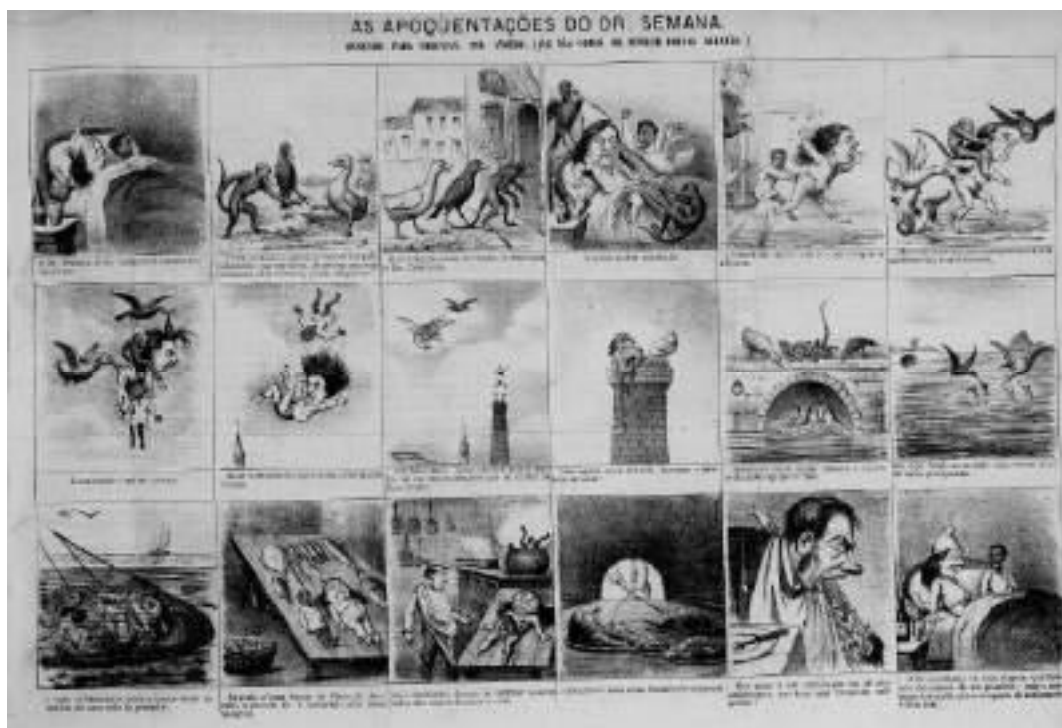


— As iguarias estão duras, custa engolir-se.  
 — Que esta empada já lhe não agradaria estava eu certa, como estou certíssima de não ser para seus dentes esta costeleta que aqui trago... em todo o caso experimente-a e verá se lhe fica ou não atravessado o osso na garganta.

**Figura 19:** – As iguarias estão duras, custa engolir-se. – Que esta empada já lhe não agradaria estava eu certa, como estou certíssima de não ser para seus dentes esta costeleta que aqui trago... em todo o caso experimente-a e verá se lhe fica ou não atravessado o osso na garganta. *Semana Illustrada*, 18 de outubro de 1868, n. 410.

Durante o ano de 1868, que marcou a estreia d'*A Vida Fluminense*, Agostini não poupou espaço em sua folha para seguir caçoando do concorrente. Agora, cria *As apoquentações do Dr. Semana* (Figura 20), considerada pelo autor como uma publicação voltada para o público infantil, narrando as aventuras dos personagens da *Semana* em uma noite de pesadelo.

Porém, o ponto mais relevante na publicação são os parênteses, que carregam a frase “que não copiou de nenhum jornal alemão”, uma acusação costumeiramente feita a Fleiuss e sua equipe, acusados de transcreverem gravuras e desenhos estrangeiros em suas páginas, sobretudo por tais materiais serem desconhecidos do grande público brasileiro.



**Figura 20:** As apoquentações do Dr. Semana. Desenho para crianças, por Angelo, (que não copiou de nenhum jornal alemão). *A Vida Fluminense*, 24 de outubro de 1868, n. 43.

No entanto, se levarmos em consideração a possibilidade, negada por Henrique Fleiuss e seus companheiros de empreitada, o uso de gravuras com autorias distintas não era algo criminoso, sendo boa parte das litogravuras da guerra presentes nos jornais reproduzidas através de fotografias, esboços e outras fontes. E, em alguns casos, tais materiais sequer citavam sua procedência, algo ocorrido com ambos os periódicos, ainda que, quando citadas as fontes, tal artifício trazia ao leitor mais veracidade do que lhe era narrado. Desta maneira, percebemos que Agostini não poupa, em momento algum, o folhetim rival, exagerando e dedicando espaços enormes aos protagonistas da *Semana Ilustrada*.

A estes acontecimentos, podemos pensar algumas questões plausíveis para que Agostini e sua equipe despendessem tanto tempo e espaço aos caricatos personagens e ao periódico dos irmãos Fleiuss e de Carlos Linde. Um possível motivo seria a falta de notícias do *front*, algo que costumeiramente poderia ocorrer, sobretudo com a incerteza dos envios prometidos por soldados, diplomatas e outros personagens que estavam no teatro de guerra. Há também a questão de que, possivelmente, poucos navios possam ter aportado no Rio de Janeiro neste período, que foi crucial para o conflito. Outro aspecto que pode ser levado em consideração é o uso da polêmica para buscar atrair o olhar de mais leitores, algo que culminaria em um maior lucro aos envolvidos. Ambas as hipóteses são bem plausíveis, se levarmos em conta o *modus operandi* de alguns jornais ilustrados

e humorísticos daquele período e suas equipes. Além disso, a ideia do lucro é importante para levarmos em conta que esses estabelecimentos necessitavam do máximo de dinheiro possível, sobretudo ao analisarmos que muitos assinantes mantinham seus vencimentos atrasados, sendo essa questão constantemente anunciada nas páginas de ambos jornais.

Porém, em 5 de novembro de 1868, vemos um editorial da *Vida Fluminense* questionando as acusações de outros periódicos como o *Brasil Historico* e o *Correio Mercantil*<sup>32</sup>. Em diversas acusações, A. de C., possivelmente Augusto de Castro, membro da sociedade responsável pela publicação da *Vida Fluminense*, se defende de críticas como não saber história; desconhecer línguas, incluindo a portuguesa; de ser um plagiário, acusação que muitas vezes sua folha fazia a *Fleuss*; e de ser um bestalhão. Nitidamente irritado, o personagem tenta responder o que dele falam, mas acaba mesmo criando um artigo sobre o *Correio Mercantil*.

A principal acusação, a de plagiário, não chega nem a ser desmentida, desferindo Augusto de Castro à Hórus, certamente um pseudônimo, uma série de críticas. Desta forma, observamos que na guerra travada pelos impressos daquele período, esta era uma das poucas vezes em que a *Vida Fluminense* foi acusada de plágio. E a *Semana Illustrada* segue sem retrucar o lápis cruel de Agostini.

No dia 14 de novembro de 1868, novamente temos o Dr. Semana sendo retratado jocosamente em duas imagens veiculadas pela *Vida Fluminense* (Figura 22). Na ocasião, zomba-se de um poema e uma gravura (Figura 21) divulgados no número 412 da *Semana Illustrada*. Na cena em questão, o Dr. Semana encontra-se sob os cuidados de diversos amos escravos, que lhe afastam os maus agouros, chegando a desafiar até mesmo o diabo. A imagem em questão pode representar muito bem a tranquilidade dos responsáveis pelo periódico em relação as críticas sofridas não só pela *Vida Fluminense*, mas por outros jornais de posicionamento político e opiniões distintas.

---

<sup>32</sup> A *Vida Fluminense*, 5 de novembro de 1868, n. 45.



Um me trax agua gelada,  
outro me resguarda a tez;  
esta enxota a mosquitada,  
aquele rega-me os pés.

Os insetos zumbidores  
podem zambir a fartar;  
pode o sol os seus furores  
contra mim desencadear.

e, como não sou herege,  
venha o diabo também;  
minha sombra me protege,  
vivo alegre e passo bem.

**Figura 21:** Um me traz água gelada, outro me resguarda a tez; esta enxota a mosquitada, aquele rega-me os pés. Os insetos zumbidores podem zambir a fartar; pode o sol os seus furores contra mim desencadear; e, como não sou herege, venha o diabo também; minha sombra me protege, vivo alegre e passo bem.

**Semana Illustrada**, 1 de novembro de 1868, n. 412.

Abaixo, situa-se uma “cópia fiel” à gravura (Figura 22) divulgada pela *Semana Illustrada*, buscando traduzir a essência da imagem, bem como reproduzir perfeitamente o texto que complementa a cena. Aqui, vale ressaltar a distinção dos traços dos artistas de ambos os periódicos, onde Agostini acaba por se ressaltar pela melhor definição de seus desenhos, podendo ser considerado um melhor desenhista do que Henrique Fleiuss ao observarmos não só esta situação, mas todo o conjunto da obra. Nem por isso Fleiuss é um artista de menor importância, sendo ambos essenciais para a imprensa ilustrada do período.



**Figura 22:** Um me traz água gelada, outro me resguarda a tez; esta enxota a mosquitada, aquele rega-me os pés. Os insetos zumbidores podem zumbir a fartar; pode o sol os seus furores contra mim desencadear; e, como não sou herege, venha o diabo também; minha sombra me protege, vivo alegre e passo bem. *A Vida Fluminense*, 14 de novembro de 1868, n. 46.

Porém, a imagem não seria apenas reproduzida por um simples acaso, e a resposta seguiria logo abaixo, em outra gravura. Esta, trata de mostrar a explicação d’*A Vida Fluminense* sobre o que realmente havia por trás da imagem do periódico rival. Desta vez, o Dr. Semana aparece como uma espiga prestes a morrer, sendo castigada pelo sol à pino, identificado como a própria *Vida Fluminense*, e por insetos zumbidores, representando as constantes queixas do público (Figura 23). E, por último, os responsáveis pelo periódico questionam: “Porque será que o Dr. Semana gosta tanto... estar no meio de moleques?”, acentuando ainda mais a polêmica com o folhetim rival e alegando que este questionamento é “inocente”.





**Figura 23:** Na fazenda de S. Francisco de Paula há uma grande espiga que está para morrer, queimada pelo sol. Para ver se a podem salvar, os negrinhos da fazenda regam-lhe o pé, enxotam os insetos zumbidores e cobrem de gordo estrume as raízes. (Nota: os insetos zumbidores de que fala o poeta são as constantes queixas do público contra a Semana.) Uma pergunta muito inocente. Porque será que o Dr. Semana gosta tanto... estar no meio de moleques? *A Vida Fluminense*, 14 de novembro de 1868, n. 46.

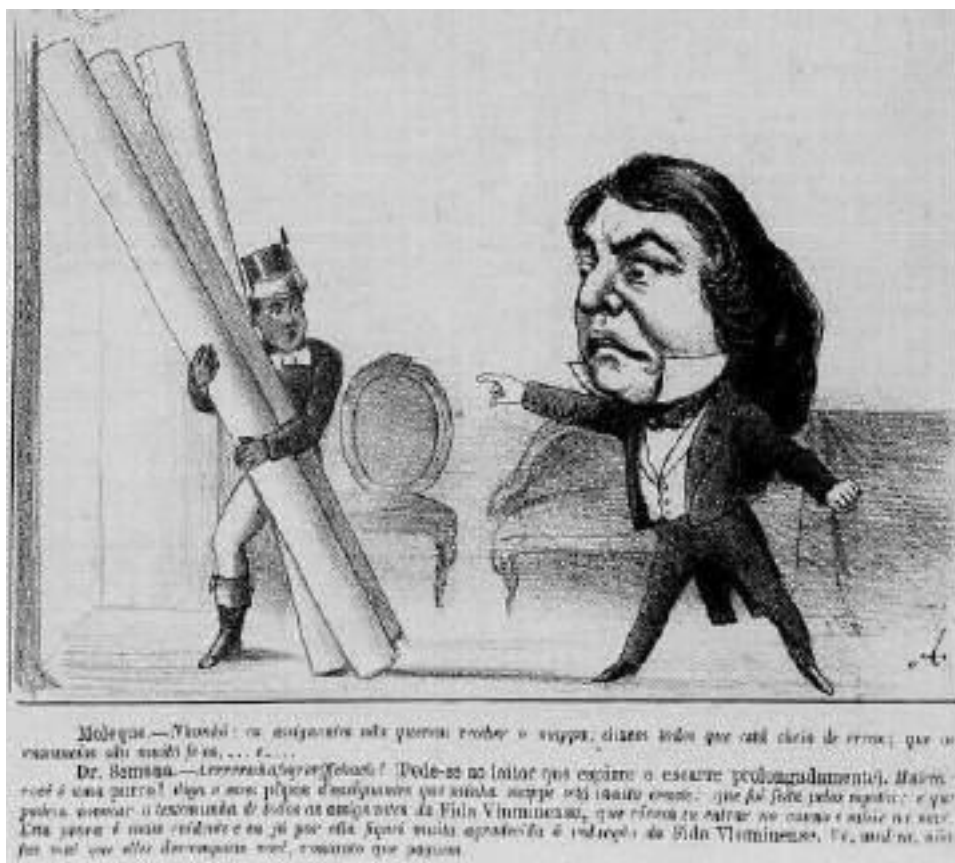
Mais uma vez, a necessidade de se buscar polêmica apresenta n' *A Vida Fluminense* parece exceder o bom senso. Se o artista escolhesse criticar o posicionamento político de Fleiuss e equipe ou até mesmo questões ligadas ao pensamento escravocrata da época, seria algo muito mais pertinente. Todavia, parece-nos novamente que Agostini deseja justamente criar uma nova polêmica com a folha rival com o intuito de agitar o cenário ilustrado do período e, conseqüentemente, gerar mais vendas, usando da jocosidade e da polêmica para lucrar. Tal hipótese vai ficando cada vez mais perceptível através de cada uma das imagens que são analisadas aqui, majoritariamente de autoria de Angelo Agostini e equipe. Contudo, um assunto nítido nas imagens, a questão da escravidão, é simplesmente ignorado, sendo o traço o único problema apontado.

E no ano de 1869, Agostini seguiria a perturbar o Dr. Semana e o Moleque. Desta vez, tudo por conta de um mapa. Em duas ocasiões diferentes, em 6 e 20 de fevereiro, as páginas d' *A Vida Fluminense* voltavam a caçoar do periódico rival. Na ocasião, um personagem compara um mapa comercial do Rio de Janeiro feito pela Litografia Rensburg com outro mapa feito pela *Semana Illustrada* (Figura 24), apontando que aquilo que está diante dele que é um verdadeiro mapa, sendo o do Dr. Semana um monte de





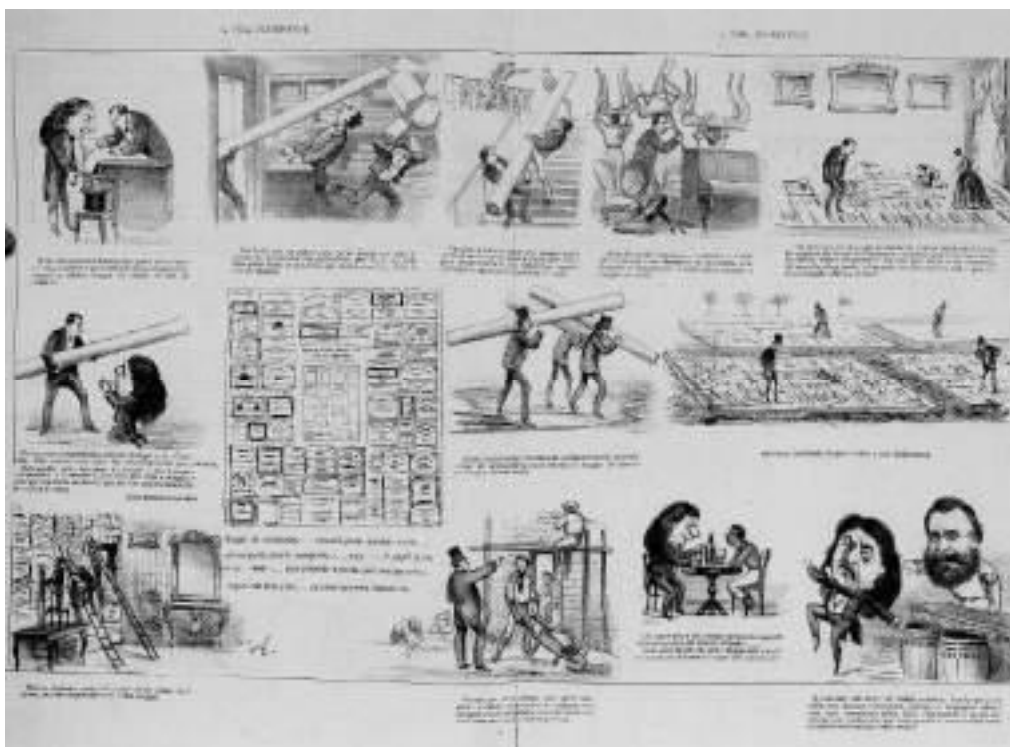
mais críticas, o enfurecido Dr. Semana trata de cala-lo, retrucando que o pajem diga aos assinantes que o mapa está em perfeitas condições, pois “foi feito pelos esgotos” e que os leitores da “Fida Vluminense” são testemunhas de que o viram entrar no esgoto e sair pelo mar. No final, diz ao Moleque que, contanto que seja pago, os assinantes podem reclamar o quanto quiser, levando a crer que a redação da *Semana Illustrada* não se importa com os leitores, mas com os lucros recebidos através deles.



**Figura 25:** Moleque: - Nhonhô, os assinantes não querem receber o mapa, dizem todos que está cheio de erros; que os anúncios são muito feios... e... Dr. Semana: - Arrrrrschafsqrerfffchach! (pede-se ao leitor que espirre e escarre prolongadamente). Muleca você é uma purro! Diga a esses pôpos d’assinantes que minha mape está muito exate, que foi feita pelos esgotos, e que podem invocar o testemunha de todos os assinantes da Fida Vluminense, que viram eu entrar no cano e sair na mar. Esta prova é mais evidente e eu já por ela fiquei muito agradecida à redação da Fida Vluminense. Vá, muleca, não faz mal que eles descompõem você, contanto que o paguem. **A Vida Fluminense**, 20 de fevereiro de 1869, n. 60.

Na mesma edição, Agostini segue a crítica à feitura de tal mapa, que não conseguimos encontrar, sendo possivelmente um material suplementar. Em uma narrativa apresentada em pequenos quadros, tal como as HQs contemporâneas, mostra como o material foi elaborado, desde a negociação de anúncios até a recusa dos leitores e anunciantes em seguir com o material (Figura 26). Na história, observamos uma série de críticas ao mapa: o seu tamanho enorme; o excesso de anúncios, essenciais para que a folha lucre; a insatisfação dos assinantes que acabam tendo de ficar com um enorme mapa, que mal cabe dentro de uma casa; dentre outras questões menores. O ponto é que

Agostini utiliza-se de suas páginas por três vezes para falar do tal fracasso do mapa da *Semana Illustrada*. Novamente, nos questionamos se não haveria naquele momento algo mais relevante que não fosse criticar o seu rival, seja na sociedade carioca ou até mesmo no teatro de guerra. Porém, nos parece novamente que Agostini, aproveitando-se do fracasso e, possivelmente, das diversas críticas na opinião pública, usa do acontecimento para, mais uma vez, se promover em cima da ridicularização do rival.



**Figura 26:** Sobre o mapa da *Semana Illustrada*. *A Vida Fluminense*, 20 de fevereiro de 1869, n. 60.

Em 27 de março de 1869, mais um suplemento da *Semana Illustrada* é alvo do lápis de Agostini. Mais uma vez ocupando a capa d'*A Vida Fluminense*, temos o Dr. Semana e o Moleque debatendo sobre o mais novo material (Figura 27). O Moleque, ao ser questionado pelo doutor sobre o que achou da estampa, vai apontando uma série de problemas estéticos e de anatomia, trazidos de forma detalhada pelo pajem. O Dr. Semana concorda com o menino e alega que, se o público já está habituado a consumir outros materiais de seu periódico, certamente aceitará este sem nenhum problema, acreditando inclusive que a maior parte deles achará o suplemento bem bonito. E, na conclusão, traz uma fala do Dr. Semana, que reconhece que o Moleque conhece muito mais de arte do que ele mesmo, depois de apontar tantas imprecisões na obra. Agostini se aproveita das constantes tiradas do Moleque para fazê-lo, mais uma vez, por em xeque a figura do Dr. Semana.

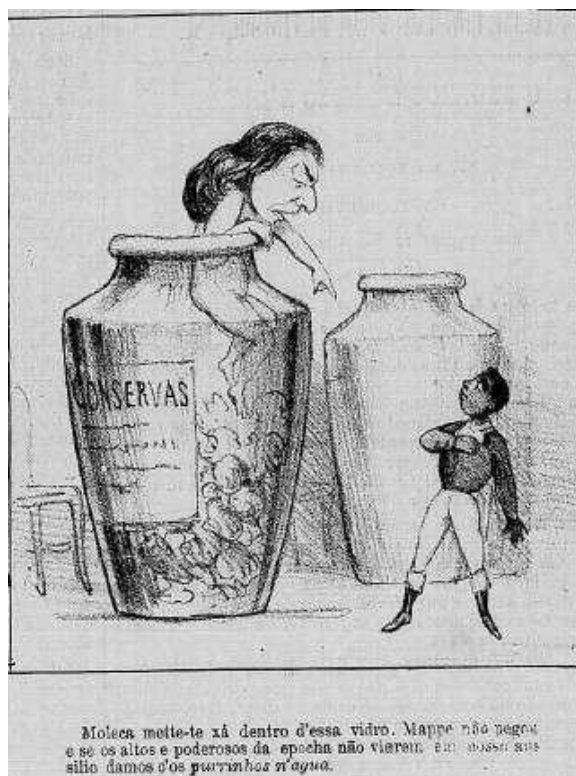
O Moleque, um pajem negro, que vive fazendo favores ao protagonista da *Semana Ilustrada*, mas sem deixar de cutuca-lo, remete exatamente ao pensamento vigente do século XIX: um período em que a escravidão era vigente e a população negra era colocada sempre em cargos subalternos, como o de pajem. Porém, neste ponto, Agostini e até mesmo Fleiuss, em alguns momentos, colocam o menino como uma figura esperta, não sendo retratado como um ignorante. Se somarmos isso à perspectiva de Agostini, que se tornava cada vez mais um abolicionista, o Moleque seria o personagem perfeito para alfinetar seu patrão, que representava exatamente o *status quo* daquele momento, sendo um homem branco, estrangeiro e com título de “doutor”, que se colocava em suas próprias charges como pajeadado por diversos escravos, mostrando exatamente como era boa parte de sua redação.



**Figura 27:** Muleca, que tal achas meu novo suplemento? Olhe, nhonhô: a cara do general não se parece nada, o braço é muito comprido, as borlas da banda parecem um espanador, e além disso não compreendo a razão porque a espada está partida pelo meio. Quanto ao cavalo: à primeira vista parece um gafanhoto – o corpo é curto em relação às pernas que, vão por aí além, as orelhas são tão pontudas que trazem à ideia as lanças da grade do Passeio Público... e aquele inchaço no peito é algum papo, nhonho? Batêta: confesso que é um grande borgaria, borém os nossos assinantes tem inculido bilulas icuaes a esta e a maior barte deles há de achar isto pem ponito. (Aparte). Este muleca gomprende desenho melhor do que eu. **A Vida Fluminense**, 27 de março de 1869, n. 65.

Ainda sobre a questão do mapa, em 10 de abril de 1869, o Dr. Semana aparece sendo retratado em um enorme pote de conservas (Figura 28), alegando para o Moleque

que, como o mapa não teve êxito, se os ricos e poderosos não forem ao auxílio da *Semana Illustrada*, eles darão com os “purrinhos n’água”. Agostini insiste em crer que a questão do tal mapa poderia decretar o possível fim do periódico concorrente, algo que não se concretizou, indo ele até o ano de 1875. Um detalhe interessante é que, em algumas charges, Agostini e equipe narram o sotaque alemão do Dr. Semana de uma forma estereotipada.



**Figura 28:** Moleca, mete-te dentro dessa vidro. Mape não pegou e se os altos e poderosos da época não vierem em nossa auxílio damos com os purrinhos n’água. *A Vida Fluminense*, 10 de abril de 1869, n. 67.

No dia 4 de setembro de 1869, a dupla da *Semana Illustrada* figura na capa da *Vida Fluminense* (Figura 29). Agora, o assunto abordado é o progresso, que Agostini retrata como se fosse o inverso do que representa o Dr. Semana. O personagem, indagando ao Moleque sobre o que está acontecendo, tem como resposta a vinda do progresso para retirar dali o “carrancismo”, algo dito pelos inimigos do periódico. O Dr. Semana responde ao seu pajem alegando que escangalhará tal progresso. Esta analogia feita por Agostini retrata a *Semana Illustrada* como uma folha conservadora, presa a um estilo de publicação e até mesmo na perspectiva política atrasada, arcaica, sendo o progresso algo temível.



**Figura 29:** Moleque, que invasão é esta? É o progresso, nhonhô, que vem desalojar o carrancismo: eis o que por aí dizem nossos inimigos. Com que então põem-nos no olho da rua?!... Deixa estar moleque, hei de escangalhar o tal progresso na minha Semana... **A Vida Fluminense**, 4 de setembro de 1869, n. 88.

Em 6 de dezembro de 1869, novamente os protagonistas da *Semana* figuram na capa da *Vida Fluminense*. Desta vez, somos apresentados ao Cemitério Particular do Dr. Cabeludo, um dos vários apelidos dados ao Dr. Semana (Figura 30). Na ocasião, ele e o Moleque visitam os seus ex-assinantes, retratados como vítimas de suas próprias falhas. Na lápide central, está jazido o “finado espírito da *Semana Desillustrada*”. Mais uma vez, parece haver uma insistência dos responsáveis pela *Vida Fluminense* de que os dias do Dr. Semana e do Moleque estão contados, utilizando-se agora do artifício do decréscimo dos assinantes para tentar pensar no fim do periódico concorrente, algo que só aconteceria em 1875, sendo a *Semana Illustrada* um dos periódicos de maior duração no século XIX.



**Figura 30:** Cemitério particular do Dr. Cabeludo. Ele e seu moleque não podem deixar de cumprir o dever de visitar o lugar onde repousarão seus ex-assinantes, vítimas da terrível moléstia semanilustrisarlequite. *A Vida Fluminense*, 6 de novembro de 1869, n. 97.

Nesta parte, podemos perceber a insistência de Angelo Agostini e sua equipe em tentar atingir os concorrentes da *Semana Illustrada* a todo custo. Fleiuss e seus companheiros, por sua vez, parecem pouco se importar com as diversas vezes em que foram citados no periódico rival. Aliás, a própria questão da rivalidade aqui parece não existir, sendo algo muito mais arquitetado pela equipe da *Vida Fluminense* do que realmente um fato. Isso fica claro pois, se analisarmos as diferentes perspectivas de ambos os jornais, sabemos que ambos possuem públicos distintos. O periódico de Fleiuss, mais ligado aos simpatizantes da monarquia e do regime escravocrata, destoam totalmente do que era visto na produção de Agostini e da *Vida Fluminense*, que se colocavam como críticos da monarquia e, posteriormente, cada vez mais favoráveis à abolição.

Dentro desta distinção, podemos perceber que Agostini e companhia estavam mais interessados em fomentar polêmicas possivelmente para que os assinantes se deleitassem com as rusgas criadas em suas páginas. Além disso, é bem possível que a postura dos membros da *Vida Fluminense* tenha sido criada também para vender ainda mais números avulsos ou até mesmo para angariar novos assinantes. Tal preocupação com a questão financeira era comum aos jornais da época, que necessitavam de cada tostão para manter funcionários, materiais e, conseqüentemente, a continuidade de seus periódicos na praça. Nesta época, era comum as folhas publicarem em seus espaços

pedidos para que os signatários acertassem os valores de suas subscrições, de modo a não correr o risco de falência, algo que ocorreu com vários outros jornais da época, que sucumbiam por questões financeiras e até mesmo de ausência de conteúdos, algo que atrapalhava até mesmo a periodicidade prometida.

De qualquer forma, percebemos que os conflitos entre Agostini e Fleiuss não necessariamente aconteceram, sendo uma narrativa inventada pela perspectiva do desenhista italiano, que buscava criar polêmica para tentar levantar ainda mais o nome da *Vida Fluminense*, um periódico recente, ante a opinião popular. De fato, o periódico teve um considerável êxito, mesmo com a saída de Agostini em 1869. A isso, podemos atribuir a constante preocupação na cobertura da guerra, as críticas feitas aos outros órgãos de imprensa e, de certa forma, ao *status quo* vivido na monarquia. Porém, ao contrário do que era observado nas produções de Agostini no período em que esteve em São Paulo, suas críticas eram mais contidas, talvez por receio de sofrer com os mesmos problemas que provavelmente o levaram a abandonar a capital paulista.

## **2.2. O pré-guerra: o conflito no Uruguai**

Segundo Francisco Doratioto, a história do Paraguai esteve ligada ao Brasil e a Argentina, sendo estes dois polos importantes das relações internacionais no Rio da Prata. Até 1840, período em que os paraguaios abriram relações com o Império Brasileiro, o Paraguai vivia em uma política de isolamento, evitando a possibilidade de argentinos e brasileiros tentarem influenciarem o cenário político local. Apenas em 1850 os paraguaios se aproximaram da Confederação Argentina. Já em 1860, Solano López teve como um dos seus objetivos uma participação mais ativa na região platina. Por conta disso, o líder paraguaio aproximou-se dos *blancos* uruguaios, que rivalizavam com os *colorados*, apoiados pela Argentina e pelo Brasil (Doratioto, 2002, p. 23). Assim, paraguaios, argentinos e brasileiros entravam em uma relação complexa que culminou em tensões regionais e, conseqüentemente, na guerra, que teve início com a invasão paraguaia no Mato Grosso. Portanto, torna-se importante compreender o cenário do conflito para a formação dos Estados nacionais do Cone Sul e suas fronteiras.

O ano de 1862 foi uma época marcada por diversas transformações internas nos Estados envolvidos. Os paraguaios viam Francisco Solano López chegar ao poder; na Argentina, ocorreu a reunificação nacional, encabeçada por Buenos Aires; já no Brasil, a única monarquia da região, o Partido Liberal substituiu o Conservador, transformando a política nacional. Além disso, na década anterior, findou-se a moratória para a definição



dos limites estabelecida entre Paraguai, Brasil e Argentina anos antes. Somado à questão do conflito entre *blancos* e *colorados* no Uruguai e os respectivos apoios de Brasil, Argentina e Paraguai, iniciava-se o conflito e, posteriormente, a criação da Tríplice Aliança, advinda após o sucesso dos *colorados* na guerra civil uruguaia (Doratioto, 2002, p.38-39).

Vale ressaltar aqui a questão da política paraguaia antecedente, advinda desde o governo de Carlos Antonio López, falecido em 10 de setembro de 1862. O pai de Francisco Solano López, antes de morrer, deixava ao filho a preocupação constante com a região. Por conta disso, alegou que o Paraguai “tem muitas questões pendentes, mas não busque resolvê-las pela espada, mas sim pela caneta, principalmente com o Brasil”, deixando a entender que, de fato, existiam as tensões e que elas poderiam causar problemas sérios aos países envolvidos (Doratioto, 2002, p. 41) – enfatizando-se aqui o Paraguai, um país comparativamente inferior ante Argentina e Brasil, mais desenvolvidos economicamente e, além disso, com maior poder de influência política na região, algo acentuado justamente pela postura isolacionista paraguaia nos anos anteriores e a ausência de um corpo diplomático que aproximasse o Paraguai de seus vizinhos. No entanto, diferentemente de seu pai, Solano López desconhecia os limites de seu poder, agindo constantemente de forma tirânica, comportamento que também pode ser observado como uma das causas da guerra.

O Paraguai herdado por Francisco Solano López era unificado, sem dívidas e, graças aos estrangeiros trazidos ao longo do governo de Carlos Antonio López, com alguns avanços tecnológicos. Contudo, vale ressaltar que o Paraguai não era como a historiografia revisionista dos anos 70, que alegava que o Estado paraguaio era extremamente desenvolvido e que, por conta disso, causava incômodos aos ingleses. Ainda que fosse uma nação em desenvolvimento, o Paraguai precisaria de uma série de fatores para se tornar um Estado de fato relevante no cenário do Cone Sul. A modernização observada no Paraguai era de caráter militar, ao passo que, na agricultura, ainda utilizava técnicas arcaicas. Cerca de 80% do comércio interno e externo eram estatais. Desta forma, para o desenvolvimento paraguaio seguir em um ritmo crescente de desenvolvimento, precisava ampliar sua presença no comércio externo. Contudo, por ser um Estado geograficamente situado no meio do continente, sem saídas para os oceanos Pacífico e Atlântico, dependia da livre navegação do Rio da Prata que, por sua vez, era fortemente influenciada por Brasil e Argentina, outra causa do conflito. O

império brasileiro era hegemônico na navegação dos rios da região, sendo este mais um incômodo a Solano López (Doratioto, 2002, p. 44).

A partir de uma série de conflitos no campo político vividos no Cone Sul, tendo o Paraguai como contrário aos ideais brasileiros e argentinos, enfatizando-se a intervenção de ambos no Uruguai, Solano López acreditava que tal movimentação era uma espécie de afronta ao Paraguai, que alegava que a anexação de parte do território uruguaio pelo império era a justificativa desta intervenção. Ao mesmo tempo, o líder paraguaio, erroneamente acreditava que o governo argentino, ao ter êxito no Uruguai, se voltaria contra o Paraguai (Doratioto, 2002, p. 70-71). Essa série de equívocos podem ser atribuídos a alguns fatores: as dificuldades da diplomacia paraguaia em se envolver com os países vizinhos, sobretudo se levarmos em consideração anos de isolamento político. Além disso, com os desejos de Solano López para o projeto de expansão e influência paraguaia na região, pareciam atrapalhar o pensamento do líder que, em diversos momentos, tomou decisões que levaram ao fracasso paraguaio no conflito.

Atacar a Argentina e o Brasil, por exemplo, foi uma medida estrategicamente errônea, se observarmos também do ponto de vista geográfico, onde o Paraguai estava praticamente cercado, obrigando o exército a lutar em duas frentes contra um inimigo em comum: a Tríplice Aliança. A inexistência de uma política descentralizada paraguaia também estava ligada aos equívocos destas decisões, sendo as decisões tomadas somente por Solano López. Desta forma, não havia uma análise mais complexa das possibilidades militares e dos impactos sociais e econômicos da guerra. Através do distanciamento histórico, torna-se ainda mais nítida a percepção de qualquer impossibilidade de os paraguaios vencerem o conflito. Tampouco estimava-se a destruição que a guerra causaria, trazendo diversos impactos perceptíveis até a contemporaneidade. Assim, podemos interpretar que as decisões tomadas unilateralmente por Solano López culminaram no insucesso das relações políticas com o Cone Sul e, conseqüentemente, da guerra.

Por sua vez, devemos levar em consideração o papel do Brasil no Cone Sul que, tal como alegado por Ricardo Salles (1990), deve ser levado em consideração, sobretudo por ser hegemônico na região e, conseqüentemente, exercer uma influência imperialista, tendo anteriormente chegado às vias de fato com argentinos e uruguaio. Isso fica explícito nas ações brasileiras no Uruguai, criando um sistema de financiamento pelo Banco Mauá, que emprestaria quantias aos *colorados* e levaria forças militares ao território uruguaio, juntamente da Argentina, para intervir e desbancar os *blancos*,

apoiados pelos paraguaios<sup>33</sup>. Tal aspecto não deve ser ignorado, sendo também uma forma de influência que, tal como alega Salles, teve impacto nas ações de López.

A *Semana Illustrada*, no dia 1º de maio de 1864 trazia em sua capa o Dr. Semana e o Moleque a bordo de um navio com o almirante Tamandaré e outras personalidades da época, em um diálogo que cita a questão do Prata e a conseqüente guerra civil no Uruguai (Figura 31). Enquanto o doutor tinha uma preocupação diplomática com a situação, o Moleque já pensava na aplicação de “pílulas de ferro”, remetendo aos projéteis presentes na embarcação. Como já explicitado acima, o Brasil apoiou os *colorados* durante o conflito, enviando tropas para Montevideú. Tais notícias sobre a situação entre *blancos* e *colorados* estampariam os periódicos do Rio de Janeiro até que fossem resolvidas e, posteriormente rememoradas durante a guerra contra o Paraguai.



DR. SEMANA.—Jam proximis ardet Ucalego: quer dizer: Quem vê as barbas de seu vizinho arder, ponha as suas de molho. Compenetre-se disto, e fiquem bem certos de que, para conquistar o Prata, é necessário escrever as notas diplomáticas com penas molhadas em aquelles de ouro. Só é dado à Grã-Bretanha escrever com cabelos do seu leão.  
 MOLEQUE.—Pois eu penso diversamente: se eu estivesse no lugar do Sr. Almirante, começava já a aplicar pílulas de ferro, cujo effeito seria mais effez.  
 DR. SEMANA.—Sempre mostras que és moleque, e por consequencia capoeira: queres levar tudo às cabeçadas.  
 MOLEQUE.—O que nhonhô quiser: mas há muita gente que, sem ser capoeira, dá boas cabeçadas.

**Figura 31:** Dr. Semana – *Jam proximis ardet Ucalego*: quer dizer: Quem vê as barbas de seu vizinho arder, ponha as suas de molho. Compenetre-se disto, e fiquem bem certos de que, para conquistar o Prata, é necessário escrever as notas diplomáticas com penas molhadas em (ilegível) de ouro. Só é dado à Grã-Bretanha escrever com cabelos do seu leão. Moleque – Pois eu penso diversamente: se eu estivesse no lugar do Sr. Almirante, começava já a aplicar pílulas de ferro, cujo efeito seria mais eficaz. Dr. Semana – Sempre mostras que és moleque, e por consequência capoeira: queres levar tudo às cabeçadas. Moleque – O que nhonhô quiser: mas há muita gente que, sem ser capoeira, dá boas cabeçadas. *Semana Illustrada*, 1 de maio de 1864, n. 177.

Já no dia 22 de maio, era noticiado no mesmo periódico a traição dos pampeiros, que se aliaram aos *blancos*, sendo considerados traidores por tentarem impedir o trânsito da embarcação *Amazonas*, mas sem êxito. A imagem (Figura 32) exalta o sucesso da

<sup>33</sup> Ver mais em: CERVO, Amado Luiz Cervo; RAPOPORT, Mario (orgs.). *História do Cone Sul*. Revan: Rio de Janeiro e Editora UnB: Brasília, 1998, pp. 185-190.

viagem que encara a “fúria dos elementos” e segue até o Rio da Prata para missão especial da diplomacia brasileira. Meses depois, em 31 de julho, a *Semana Illustrada*<sup>34</sup> anunciava o fracasso nas negociações de paz no Estado oriental, onde personagens como Rufino de Elizalde, Ministro das Relações Exteriores da Argentina; o diplomata britânico Edward Thornton; Venancio Flores, futuro presidente do Uruguai, e José Antônio Saraiva, advogado e político brasileiro estiveram envolvidos. Na ocasião, também são citados os crimes ocorridos contra os estancieiros gaúchos na região divisa com o Uruguai, representados pelo corpo diplomático nacional.

Na imagem, o governo brasileiro fez inúmeras reclamações contra as violações de fronteiras ocorridas. Contudo, Atanasio de la Cruz Aguirre Aguado ignorava as reclamações, levando os diplomatas a romperem as negociações e a levarem um ultimato ao presidente uruguaio. Posteriormente, as relações foram rompidas, levando o Brasil a entrar no conflito, sendo este um dos motivos alegados pelo império para se aliar aos *colorados*, visando defender os interesses imperiais na região.



© PANPEIRO.  
Debalde o traidor pampeiro, aliado à causa dos brancos montevidenses, tenta impedir o trânsito à missão especial. A garrida Amazonas, jubilosa com a ideia de casar-se com o Rio da Prata, zomba da fúria dos elementos e continua a sua marcha alterosa.

**Figura 32:** O pampeiro: Debalde o traidor pampeiro, aliado à causa dos brancos montevidenses, tenta impedir o trânsito a missão especial. A garrida Amazonas, jubilosa com a ideia de casar-se com o Rio da Prata, zomba da fúria dos elementos e continua a sua marcha alterosa. *Semana Illustrada*, 22 de maio de 1864, n. 180.

<sup>34</sup> *Semana Illustrada*, 31 de julho de 1864, n. 190.

No mesmo dia, a *Semana* também lançava uma página focada em narrar a situação entre brasileiros e uruguaios, mostrando de forma irônica como Saraiva e companhia lidariam com a situação, colocando armas figurativamente assimiladas a objetos ordinários como sementes, binóculos, bombas e outros itens (Figura 33). A ideia central era ridicularizar a situação, mostrando que o governo já estava preparado para agir em território estrangeiro. Porém, após uma série de conflitos e capitulações, a guerra civil uruguaia seria resolvida de forma rápida em 20 de fevereiro de 1865, colocando no poder Venancio Flores, líder dos *colorados*.



Figura 33: Os problemas com a República Uruguaia. *Semana Illustrada*, 31 de julho de 1864, n. 190.

Na mesma edição, a *Semana Illustrada* estampa outra imagem, com o título *Linda embajada!*, que apresenta um diálogo entre o Conselheiro Saraiva e Aguirre (Figura 34). O primeiro, alega ao presidente que pense antes de tomar alguma atitude mais drástica, o



buscando auxiliar os caudilhos da região<sup>35</sup>, rivalizando assim com brasileiros e argentinos. Sete dias depois, a mesma folha anunciava a entrada de tropas brasileiras no Uruguai para apoiar o general Flores na tomada de Montevideu por terra e mar, dando a entender previamente um cenário vitorioso<sup>36</sup>, algo que se concretizaria posteriormente.



**SOLILÓQUIO DO RIO DA PRATA.**  
 — Que pêrros são estes que habitam as minhas margens! Não há lição que lhes aproveite, não há generosidade que os contenha, não há dinheiro que os farte! São sempre — *los mismos perros!* Querem que as ondas argentinas, com que os banho, tinjam-se de sangue! Querem que o meu leito de prata seja leito de lodo! Malvados! Maldição sobre eles! *Semana Ilustrada*, 28 de agosto de 1864, n. 194.

**Figura 35:** Soliloquio do Rio da Prata. — Que pêrros são estes que habitam as minhas margens! Não há lição que lhes aproveite, não há generosidade que os contenha, não há dinheiro que os farte! São sempre — *los mismos perros!* Querem que as ondas argentinas, com que os banho, tinjam-se de sangue! Querem que o meu leito de prata seja leito de lodo! Malvados! Maldição sobre eles! *Semana Ilustrada*, 28 de agosto de 1864, n. 194.

Mais uma vez, o recurso da alegoria é utilizado, e, novamente, o Brasil é retratado como um indígena ao lado do Dr. Semana e do Moleque (Figura 36). Na ocasião, a imagem do dia 25 de dezembro de 1864, tratava o avanço das tropas brasileiras contra os *blancos*, que “mais ladram do que mordem”, sendo os últimos representados como cães em fuga. O tom ufanista da imagem mostra a preocupação da *Semana Ilustrada* em

<sup>35</sup> *Semana Ilustrada*, 23 de outubro de 1864, n. 202.

<sup>36</sup> *Semana Ilustrada*, 30 de outubro de 1864, n. 203.

exaltar os feitos brasileiros ante os inimigos, algo que tomaria proporções ainda maiores no conflito contra o Paraguai.



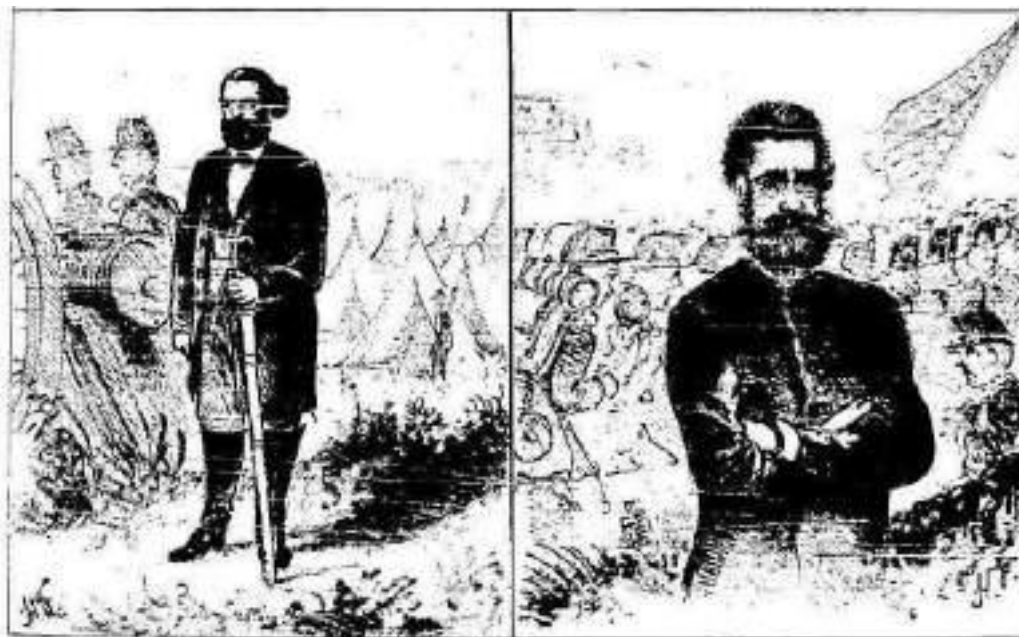
Cães com diferentes coleiras.

Dr. SEMANA.—Vamos-lhe acima com vento fresco.  
MOLEQUE.—Para que, nhonhô? Eles ladram mais do que mordem.  
Dr. SEMANA.—É mesmo para que não ladrem e não mordam que convém dar-lhes uma esfrega mestra. Avante, Brasil! Debandedmos essa matilha de modo que percam a vontade de incomodar-nos.

**Figura 36:** Cães com diferentes coleiras. Dr. Semana – Vamos-lhe acima com vento fresco. Moleque – Para que, nhonhô? Eles ladram mais do que mordem! Dr. Semana – É mesmo para que não ladrem e não mordam que convém dar-lhes uma esfrega mestra. Avante, Brasil! Debandedmos essa matilha de modo que percam a vontade de incomodar-nos. *Semana Illustrada*, 25 de dezembro de 1864, n. 211.

Nos dias 22 e 29 de janeiro de 1865, a *Semana Illustrada* colocava em suas páginas três personagens célebres da Campanha do Sul. Eram eles Fidelis Paz da Silva, D. Venancio Flores e o general Caraballo (Figuras 37 e 38). Nas imagens, todos os personagens aparecem pousando para o espectador de diferentes formas, provavelmente sendo suas gravuras baseadas em fotografias. No entanto, vale ressaltar que o cenário feito ao redor da figura central é apenas uma representação do *front*, dando ainda mais importância para os personagens mostrados, os aproximando ainda mais da guerra e de seus papéis diante dela.





**GALERIA DE PESSOAS CELEBRES NA CAMPANHA DO SUL.**

<p>I.</p> <p>FIDELIS PAZ DA SILVA.</p> <p>Digno e valente Rio-Grandense.</p>	<p>II.</p> <p>D. VENANCIO FLORES.</p> <p>Comandante em chefe do exército colorado.</p>
--	--

**Figura 37:** Galeria de pessoas celebres na Campanha do Sul. I – Fidelis Paz da Silva. Digno e valente Rio-Grandense. II – D. Venancio Flores. Comandante em chefe do exército colorado. **Semana Illustrada**, 22 de janeiro de 1865, n. 215.



**CAMPANHA DO SUL.**

III.

GENERAL CARABALLO.

Valente chefe colorado que vai reunir-se ao general Flores para atacarem Montevideo.

**Figura 38:** Campanha do Sul. III – General Caraballo. Valente chefe colorado que vai reunir-se ao general Flores para atacarem Montevideo. **Semana Illustrada**, 29 de janeiro de 1865, n. 216.

Além de personagens importantes, a *Semana Illustrada* também apresentou uma série com seis passagens da campanha brasileira no Uruguai, intitulada *Episódios da Campanha do Uruguay*. Desta forma, era possível levar ao povo da Corte alguns dos

acontecimentos ocorridos em territórios distantes, mostrando a importância nacional nas questões do Cone Sul, além de enfatizar os êxitos dos militares, reforçando assim o papel destes no conflito contra o Paraguai. Outro aspecto fortemente levantado por estas representações são os atos tidos como “heroicos” por parte de alguns militares.

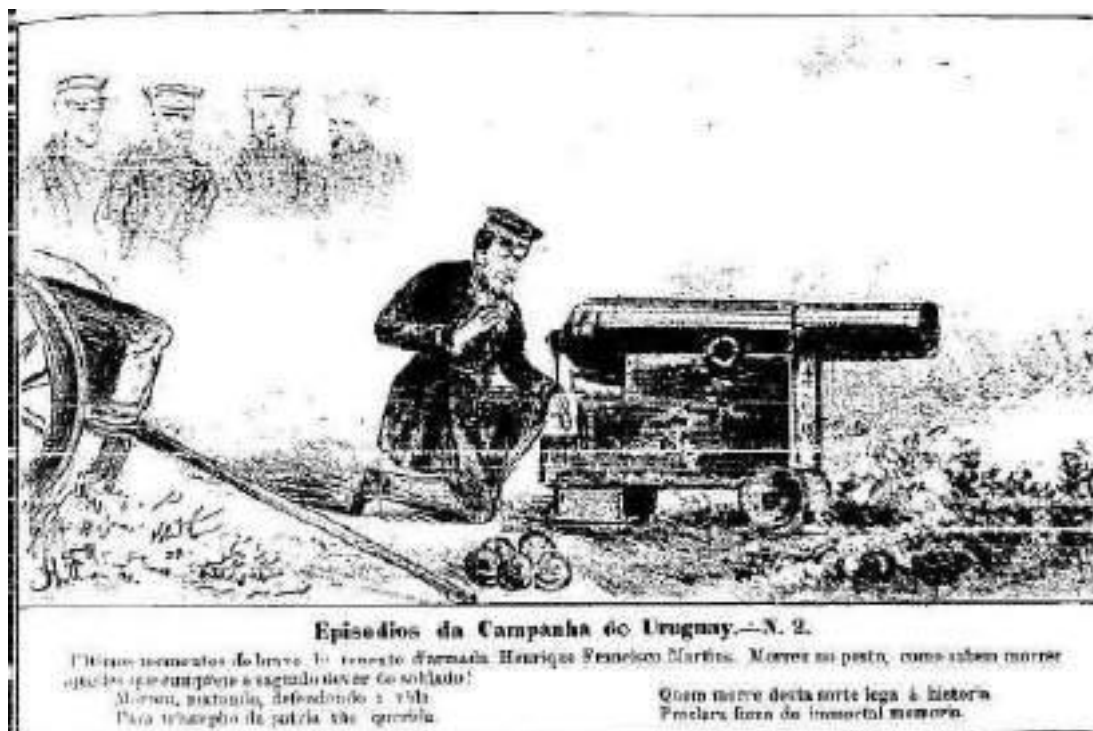
Na primeira representação (Figura 39), observamos como figura central o 1º tenente d’Armada, Augusto Netto de Mendonça. O destaque ao personagem fica explícito através da elaboração dos traços de seu rosto, muito mais bem trabalhado do que o de todos os outros personagens secundários presentes na gravura. Como a legenda sustenta, Netto de Mendonça entrega ao Barão de Tamandaré – Joaquim Marques Lisboa, o futuro Marquês de Tamandaré, conhecido por seus feitos na Armada Imperial Brasileira durante a guerra contra o Paraguai – uma bandeira e 46 prisioneiros. Tal ato, considerado heroico na história militar, coloca o tenente em posição privilegiada.



**Figura 39:** Episódios da Campanha do Uruguay. (O 1º Tenente d’Armada Augusto Netto de Mendonça, entregando ao almirante Barão de Tamandaré uma bandeira e 46 prisioneiros, dizendo): - EIS AQUI O MEU TRIBUTO DE COMBATE. *Semana Illustrada*, 19 de fevereiro de 1865, n. 219.

A capitulação da bandeira tem um papel predominante na guerra, demonstrando a posse de um material de forte valor simbólico para o inimigo. Além disso, os prisioneiros apresentados expressam o êxito da incursão feita pelo 1º tenente da Armada e seus homens. Em paralelo, podemos perceber a figura do almirante Tamandaré, ainda na posição de Barão, sendo o receptor dos êxitos, o configurando como figura importante da Armada Imperial Brasileira antes mesmo de seus êxitos em batalha contra o Paraguai.

No segundo episódio narrado da campanha no Uruguai (Figura 40), somos colocados diante dos últimos momentos de vida de mais um tenente d’armada, Henrique Francisco Martins. Segundo o relato apresentado na legenda, “morreu no posto, como sabem morrer aqueles que cumprem o sagrado dever do soldado”.



**Figura 40:** Episódios da Campanha do Uruguai – N. 2. Últimos momentos do bravo tenente d’armada Henrique Francisco Martins. Morreu no posto, como sabem morrer aqueles que cumprem o sagrado dever do soldado! Morreu, matando, defendendo a vida, para triunfo da pátria tão querida. Quem morre desta sorte lega à história, proclama fama de imortal memória. *Semana Illustrada*, 26 de fevereiro de 1865, n. 220.

Tal legenda transmite um senso de dever comum nas páginas da *Semana Illustrada*, que sempre que tem a oportunidade, busca ressaltar aspectos tido como gloriosos na vida dos soldados. Este aspecto ainda é ressaltado pelos versos que seguem a legenda, buscando ressaltar que o feito do tenente será lembrado pela história, estando presente para sempre na memória. No entanto, como é perceptível através da historiografia do conflito no Uruguai, Martins é apenas mais um soldado a falecer defendendo o Império brasileiro, não tendo grande destaque, a não ser por essa gravura, veiculada em um dos periódicos mais vendidos na Corte.

Diante deste acontecimento, torna-se interessante uma breve análise da romantização da vida do soldado, que contemporaneamente é bastante criticada, sendo normalmente utilizada de forma duramente enviesada no cenário político atual. Não há glória na guerra, embora a história da humanidade e a própria geopolítica global sofram

diretamente com suas consequências, como é o caso do próprio Cone Sul, como é possível de se observar através dessas gravuras.

No terceiro episódio narrado (Figura 41), somos apresentados ao drama do coronel Resin durante uma das batalhas na campanha do Uruguai. Ferido quatro vezes e tendo seu cavalo morto por uma “chuveirada de balas”, o coronel segue comandando seu batalhão, os guiando rumo a vitória. Sabe-se que o personagem não pereceu nesta peleja, pois durante o conflito contra o Paraguai, Resin foi líder de uma das brigadas da 1ª Divisão, a 10ª (Costa, 2021), sendo um dos responsáveis pelo êxito em Tuiuti juntamente do general Argolo, do coronel Guimarães, Osório e outros.

Na gravura em questão, segue-se o padrão de exaltar o sacrifício do soldado em combate, não abandonando a sua posição mesmo sendo ferido por quatro vezes. Sua posição central demonstra exatamente o momento em que ele e seu cavalo são atingidos pelas balas, trazendo toda a dramaticidade possível para o momento, em que ele se encontra envolto por seus homens, que seguem avançando a todo custo contra o inimigo. Com tal gesto, a vitória, que já traz aspectos positivos, é ainda mais ressaltada através do ato heroico do coronel em seguir comandando seus homens.



Episódios da Campanha do Uruguay.—N. 3.

O coronel Resin.

De quatro ferimentos goteja-lhe o sangue generoso; um chuvereiro de balas mata-lhe o cavalo e criva-lhe os arreios. O bravo, porém, sempre em frente de seus comandados, brandindo a invencível espada, guia-se à vitória.

**Figura 41:** Episódios da Campanha do Uruguai – N. 3. O Coronel Resin. De quatro ferimentos gotejou-lhe o sangue generoso; um chuvereiro de balas mata-lhe o cavalo e criva-lhe os arreios. O bravo, porém, sempre em frente de seus comandados, brandindo a invencível espada, guia-se a vitória. **Semana Ilustrada**, 12 de março de 1865, n. 222.

O quarto episódio (Figura 42) já narra um acontecimento pouco abordado, mas certamente muito comum no *front*. Um marinheiro, desta vez sem identificação, mata um

inimigo *blanco* e, ignorando o tiroteio travado, vai até o corpo e retira as botas do falecido. Como se percebe na imagem, o soldado em questão está descalço, nos levando a crer que já neste momento, os soldados brasileiros já pelejavam em condições precárias, tendo que pegar dos inimigos vestimentas e até mesmo víveres para seguirem em condições mínimas durante a campanha. Nesta gravura, vale ressaltar um aspecto distinto das outras, onde não há glória alguma no feito, mas uma emergência vivida pelos soldados no Sul. A imagem, feita através de um comunicado enviado pelo 1º tenente Barros, mostra uma face da guerra pouco abordada, sobretudo se analisarmos a maior parte das representações em gravuras ou em pinturas históricas, que buscam enfatizar grandes feitos. Desta vez, a *Semana Illustrada*, mais com o objetivo de informar do que propriamente em tecer uma crítica, sai de sua fórmula e apresenta parte de uma realidade comumente observada em relatos como os do Visconde de Taunay ou de Dionísio Cerqueira, em que é possível perceber de forma mais aproximada as mazelas vividas pelos soldados brasileiros.



Episódios da Campanha do Uruguay.—N. 4.

Um imperial marinhheiro mata um blanco. Depois, sem fazer cabedal das balas que choviam, atravessa por ellas, descalça o morto, calça as botas d'elle, trava da arma e volta a seu posto, dizendo com a mais imperturbavel paz de espirito e sangue frio: — Quem quer botas? Vá buscal-as como eu fui. [Comunicado pelo 1º tenente Barros.]

**Figura 42:** Episódios da Campanha do Uruguai – N. 4. Um imperial marinhheiro mata um *blanco*. Depois, sem fazer cabedal das balas que choviam, atravessa por elas, descalça o morto, calça as botas dele, trava da arma e volta a seu posto, dizendo com a mais imperturbável paz de espírito e sangue frio: - Quem quer botas? Vá buscal-as como eu fui. (Comunicado pelo 1º tenente Barros). *Semana Illustrada*, 12 de março de 1865, n. 222.

Retornando ao padrão narrativo, a *Semana Illustrada* demonstra no quinto episódio (Figura 43) o ato heroico dos soldados Phillippe Saldanha da Gama e Sebastião Raymundo Ewerton, que se recusaram a deixar em campo um soldado ferido, indo ambos

ao encontro do companheiro, apesar das balas inimigas. Na imagem, somos convidados a ser espectadores de um feito dramático, onde ambos os soldados carregam o terceiro, ferido e sem condições de se locomover sozinho, estando ambos em situação de risco.

O semblante sofrido do soldado carregado traz uma carga de dramaticidade ainda maior a gravura, algo que, por sua vez, é ignorado nos soldados que o carregam. No caso de Saldanha da Gama, que carrega o homem pelos braços, ainda percebemos o seu olhar focado no espectador, sendo o seu rosto muito provavelmente traduzido de uma fotografia, algo que acaba por tirar qualquer tentativa de verossimilhança com o acontecimento. Como dito anteriormente, neste período era bastante comum o uso de fotografias para a elaboração de gravuras, sobretudo ao buscar evidenciar o personagem em questão.



**Episódios da campanha do Uruguay n. 5.**  
No mais quente da peleja, os Srs. Phillippe Saldanha da Gama, e Sebastião Raymundo Ewerton, tendo necessidade de mudar um ponto de ataque, não quiseram deixar no campo um soldado ferido, e foram conduzindo-o nos braços, apesar da chuva de balas que se cruzavam.

**Figura 43:** Episódios da campanha do Uruguai n. 5. No mais quente da peleja, os Srs. Phillippe Saldanha da Gama e Sebastião Raymundo Ewerton, tendo necessidade de se mudar um ponto de ataque, não quiseram deixar no campo um soldado ferido, e foram conduzindo-o nos braços, apesar da chuva de balas que se cruzavam. **Semana Illustrada**, 26 de março de 1865, n. 224.

No sexto episódio (Figura 44), somos apresentados ao caso do sargento conhecido como Mil-Ideias, que ficou sem sua divisa após ser atingido por um tiro. Geralmente fixadas na parte superior do braço esquerdo, como mostra o soldado em destaque, a frente do grupo, as divisas são responsáveis por distinguir as patentes dos militares em campo de batalha. O sargento aponta aos soldados incrédulos que não foi ferido, mas que o tiro lhe custou parte do uniforme, sendo este um momento incomum em campo de batalha, tendo provavelmente virado um episódio da série justamente por ser um fato insólito.



Episódios da Campanha do Uruguai n. 6.  
O denodado Sargento *Mil-Ideias*, ao ficar sem a divisa, que uma bala, roçando-lhe o braço, carregára.  
Olsem nos seus camaradas, que o julgavam ferido: - "Não é nada, camaradas: as divisas foram-se, mas o sargento ficou."

**Figura 44:** Episódios da Campanha do Uruguai, n. 6. O denodado Sargento *Mil-Ideias*, ao ficar sem a divisa, que o julgavam ferido: - "Não é nada, camaradas: as divisas foram-se, mas o sargento ficou".  
*Semana Illustrada*, 2 de abril de 1865, n. 225.

Com essa cobertura, a *Semana Illustrada* dava início à sua campanha editorial com as notícias advindas do Cone Sul, trazendo ao público os principais acontecimentos dos soldados brasileiros ao longo da participação da Campanha do Uruguai, que culminou na vitória dos *colorados* e na posse do novo presidente, Venâncio Flores, depondo o *blanco* Atanasio Cruz Aguirre. E, como dito anteriormente, este envolvimento das forças brasileiras nas questões do Uruguai foram uma das causas apontadas para o início da invasão paraguaia no Mato Grosso e no Rio Grande do Sul.

No entanto, ao longo do texto, será perceptível a diferença deste tipo de cobertura, muito mais similar ao trabalho dos *special artists* da Guerra da Secessão, que eram artistas de diferentes especialidades e técnicas incumbidos de cobrir a guerra, trazendo os soldados como figuras centrais das narrativas. No Brasil, o que acontecia na maior parte dos casos era justamente o contrário, tendo apenas figuras centrais o devido destaque nas imagens. Além disso, torna-se necessário explicar que boa parte dos croquis, desenhos e relatos feitos *in loco*, eram enviados para as redações dos periódicos, que, por sua vez, tratavam de produzir a imagem de acordo com seus anseios. Em alguns casos, os editores enfatizavam que a gravura divulgada era "cópia" do material enviado. Em outros, também eram enfatizados o uso de referências advindas do Sul, sendo as obras criadas pelos desenhistas em suas respectivas redações.



### 2.3. A tomada de Paysandú

A passagem conhecida como o cerco e, posteriormente a tomada de Paissandu, se deu em 3 de dezembro de 1864, durante a participação brasileira, comandada pelo marquês de Tamandaré e por Venancio Flores, na guerra entre *blancos* e *colorados* no Uruguai. Esta parceria entre ambos os países foi possível através do Acordo de Santa Lúcia, assinado por Tamandaré e Flores. Os termos do tratado estavam de acordo com as instruções dos representantes do império. Segundo Doratioto (2022, p. 63-64), “sem esse acordo, Flores não teria condições de ser bem sucedido na luta, pois dispunha de apenas 1500 homens, mal armados e pior fardados, e carecia de capacidade de recrutar mais soldados”. Pior ainda, o exército de Flores não tinha fardamento decente, tampouco depósitos de armamentos e munições, sendo extremamente carente de recursos até para sua subsistência. Os canhões eram de pouco calibre e não tinham capacidade de atacar a cidade, algo que se confirmaria posteriormente durante as tentativas de tomada *coloradas*.

Até o dia 3 de dezembro, a armada brasileira mantinha um bloqueio a cidade com uma corveta e quatro canhoneiras (Schneider, 2009, p. 65-70; Maia, 1975, p. 264). A guarnição dos *blancos* na vila de Paysandú, região bem guarnecida e com artilharia (Doratioto, 2022, p. 63-64), por sua vez, contava com cerca de 1250 homens e 15 canhões, sendo comandada pelo coronel Leandro Gómez (Fragoso, 2009, p. 152). Na linha, o Brasil tinha 1695 infantes, 195 artilheiros, 320 marinheiros e 30 canhões (Alves, 1979, p. 106-107), que se somavam aos 800 infantes *colorados* e 7 canhões (Schneider, 2009, p.70-71; Maia, 1975, p. 264). Desta forma, brasileiros e *colorados* ofereceram a oportunidade de rendição para Gómez e seus homens, que se recusaram a entregar a cidade. Assim, de 6 a 8 de dezembro, Venancio Flores e seus homens tentaram invadir a cidade, mas sem êxito (Maia, 1975, p.265). Com dificuldades, Flores e Tamandaré decidiram aguardar reforços, algo que também aconteceu com a cidade sitiada, que recebeu 3 mil homens e 4 canhões.

Durante o período de cerco, o coronel Gómez decapitou 40 *colorados* (Barroso, 1935, p. 206) e 15 presos brasileiros, pendurando suas cabeças acima das trincheiras, expostas aos olhares de seus compatriotas (Whigham, 2002, p. 458). Com ânimos exaltados, brasileiros e *colorados* retomaram os ataques em 31 de dezembro. Com isso, as tentativas de tomada da cidade se deram até o dia 2 de janeiro de 1865, com a vitória dos membros do Acordo de Santa Lúcia (Fragoso, 2009, p. 154-455). Gómez foi capturado e entregue a Flores e seus soldados, sendo morto juntamente de outros três de seus oficiais por Gregorio Suárez (Bormann, 1907, p. 202-203). No entanto, segundo o historiador



estadunidense Thomas L. Whigham, “*Suárez’s actions were not really unexpected, as several members of his immediate family had fallen victim to Gómez’s wrath against the colorados*”<sup>37</sup>.

Assim, dando continuidade à sua cobertura dos eventos no Sul, a *Semana Ilustrada* tratou com destaque a passagem da tomada de Paysandú, um dos feitos celebrados até os dias atuais pelas Forças Armadas do Brasil. No dia 8 de janeiro de 1865<sup>38</sup>, o periódico de Henrique Fleiuss anunciou novidades sobre a situação dos soldados brasileiros no Uruguai e as tentativas de tomar a cidade, defendida por Leandro Gomez e seus homens. Na ocasião, a *Semana* trata Gomez e seus homens não como “quaisquer canibais do molde dos lestrigões, de que fala a *Odisseia*, ou dos caraíbas, de que trata Robinson Crusoé. antropófagos de mais abominável canibalismo”. Tal comparação com características de selvageria também foi bastante comum com os rivais paraguaios em diferentes momentos. Ainda, o editor ilustra os atos feitos pelos inimigos, que, depois de matar um prisioneiro brasileiro degolado, “fincaram-lhe a cabeça coberta com o boné de imperial marinheiro em uma estaca, expondo este artefato de demência sangüinária aos olhos dos brasileiros sitiadores de Paysandú!”. E conclui a partir deste acontecimento que “não há povo, por mais bárbaro que seja, que cobice semelhante registro nas páginas de sua história”. Tal notícia certamente chocou seus leitores que, não obstante, estavam preocupados com a questão da invasão paraguaia e os outros conflitos, onde o território brasileiro via-se em risco. Neste mesmo texto, é anunciada a agressão de Solano López ao território argentino, atentando contra a autonomia do “ilustrado governo de Buenos Aires”.

Por fim, vale ressaltar que no início do texto está anexado um desenho do Dr. *Semana* segurando em riste uma espada em direção ao forte de Paysandú (Figura 45), que já se encontrava sitiado pelos brasileiros, como relatado no texto.

---

<sup>37</sup> “As ações de Suárez não eram realmente inesperadas, como vários membros de sua família imediata foram vítimas da ira de Gómez contra os colorados”. Tradução nossa. WHIGHAM, Thomas L. **The Paraguayan War: causes and early conduct**. Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press, 2002, p. 459.

<sup>38</sup> **Semana Ilustrada**, 8 de janeiro de 1865, n. 213.



**Figura 45:** A tomada de Paysandú. *Semana Illustrada*, 8 de janeiro de 1865, n. 213.

Como parte da cobertura visual do conflito, os periódicos da época buscavam através de contatos na Marinha e no Exército algumas informações mais precisas como plantas topográficas e outros detalhes mais técnicos, para além das informações, imagens e relatos. Em um destes casos, em um material suplementar, a *Semana Illustrada* apresentou a “Cópia do esboço de Paysandú e suas fortificações, levantado pelo 1º tenente de armada A. S. Teixeira” (Imagem 46). O material havia sido oferecido ao capitão de mar e guerra José Secundino de Gomensoro, um dos correspondentes na região, juntamente com Joaquim José Inácio, posteriormente conhecido como o Visconde de Inhaúma, Antônio Luiz Von Hoonholtz e Alfredo d’Escragnolle Taunay (Silveira, 2009, p. 144-145).

Na imagem, é possível perceber um alto nível de detalhamento, contando com uma extensa legenda numérica que indica os principais pontos, que abordam desde localizações de construções até a posição de peças, trincheiras, inimigos e agrupamentos brasileiros e *colorados*. Desta forma, o leitor poderia compreender de maneira mais precisa o andamento do conflito em uma região tão distante, sendo tal tipo de informação uma rica novidade na imprensa brasileira que se tornaria cada vez mais comum durante a guerra contra o Paraguai.

Cópia do esboço de Paysandú e suas fortificações, levantado pelo 1º tenente da armada A. S. Teixeira.

OFERECIDO AO SR. CAPITÃO DE MAR E GUERRA JOSÉ SEGUNDINO DE GOMENSORO.



Figura 46: Cópia do esboço de Paysandú e suas fortificações, levantado pelo 1º tenente da armada A. S. Teixeira. Oferecido ao sr. capitão de mar e guerra José Segundino de Gomensoro. *Semana Ilustrada*, 8 de janeiro de 1865, n. 213.

No dia 29 de janeiro de 1865, é anunciada a tomada de Paysandú, colocando o Marquês de Tamandaré e Venancio Flores segurando a bandeira do império brasileiro (Figura 47). Juntamente da imagem, segue um poema que ressalta o triunfo de brasileiros e colorados, ressaltando a relação de amizade entre as nações. Nos textos, o periódico elogia os vencedores, desejando “honra e galardão aos que venceram e deram inequívocas provas de denodo, assoberbando o cruzar das balas, a saraiva da metralha, o troar dos canhões, as nuvens de fumaça, tudo de envolto com os arrancos dos moribundos (...). Glória imarcescível a esses<sup>39</sup>”.

<sup>39</sup> *Semana Ilustrada*, 29 de janeiro de 1865, n. 216.

Com a campanha no Uruguai indo para sua fase final, restando apenas a tomada de Montevideú, o periódico agora crava o desejo dos brasileiros: “Paraguaios! Paraguaios! Não há na carta outra coisa. Uns querem paraguaios fritos, outros, ensopados, outros, assados. Mas todos só querem paraguaios. A gana é grande”<sup>40</sup>.



**TOMADA DE PAYSANDU.**  
 Victórias sobre as forças desta gente  
 Ultrajados e julgados de sua gloria.  
 A uniga liberdade o impio liberta,  
 No momento sublime da victoria.  
 Era de paz em terras de alevanta  
 Após tanta bravura nacional;  
 E sobre nesta guerra grande e santa  
 A todo de império a fronte Oriental.

**Figura 47:** Tomada de Paysandú. *Semana Illustrada*, 29 de janeiro de 1865, n. 216.

Após o episódio da tomada, foi veiculada em 12 de março de 1865, uma gravura (Figura 48) mostrando uma ilha em frente a Paysandú, sendo muito provavelmente a Isla Caridad, onde as famílias residentes na cidade se realocaram. Ao fundo percebe-se os navios brasileiros e, no primeiro plano, pessoas que aparentam ser da elite devido as vestes desenhadas por Henrique Fleiuss.

<sup>40</sup> *Semana Illustrada*, 29 de janeiro de 1865, n. 216.



**Figura 48:** Ilha em frente de Paysandú aonde se refugiaram as famílias residentes na cidade. **Semana Illustrada**, 12 de março de 1865, n. 222.

Em um suplemento de 1864 (Figura 49), muito provavelmente do mês de dezembro, início do cerco, temos outra perspectiva adotada. Desta vez, a perspectiva vem do outro lado do rio Uruguai, no acampamento brasileiro, apresentado em primeiro plano. Já no segundo plano estão os navios que sitiavam por mar a cidade. Por último, como consta na legenda, está a ilha para onde se retiraram os habitantes de Paysandú. A imagem em questão foi traduzida de uma fotografia tirada ao natural, como a própria legenda anuncia. Embora a primeira imagem citada não tenha necessariamente esse tipo de citação, é bem possível que ela também seja inspirada em uma fotografia, algo muito comum na cobertura da *Semana Illustrada*, como alega Joaquim Marçal de Andrade<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Ver mais em: ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **A Semana Illustrada e a guerra contra o Paraguai: primórdios da fotorreportagem no Brasil**. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2011.



**Figura 49:** Acampamento de Infantaria Brasileira diante de Paysandú: no fundo as canhoneiras e a ilha para a qual se retiraram muitos habitantes de Paysandú (Tirado do Natural em fotografia). **Suplemento da Semana Illustrada**, c. 1864.

A *Semana Illustrada*, buscando demonstrar que o ataque a Paysandú teve consequências, divulgou a imagem de três soldados (Figura 50), feita com base nas fotografias enviadas pelo conselheiro José Maria da Silva Paranhos. Na gravura podemos perceber o tenente Antonio de Campos Mello, o alferes Colatino Teixeira de Azevedo, que faleceu posteriormente, e o tenente Manoel Verissimo da Silva feridos e em posição moribunda. No entanto, é interessante frisar que a imagem, mesmo que não coloque os personagens em posição heroica, tal como nas pinturas históricas, põe diante deles, encostadas em seus leitos, suas respectivas espadas, como um sinal de bravura e dedicação de ambos os soldados, sendo uma maneira de homenagear os soldados, que se doaram bravamente ao conflito.



**Tres bravos de Paysandú**  
**FERIDOS NA ACÇÃO DO ATTAQUE.**

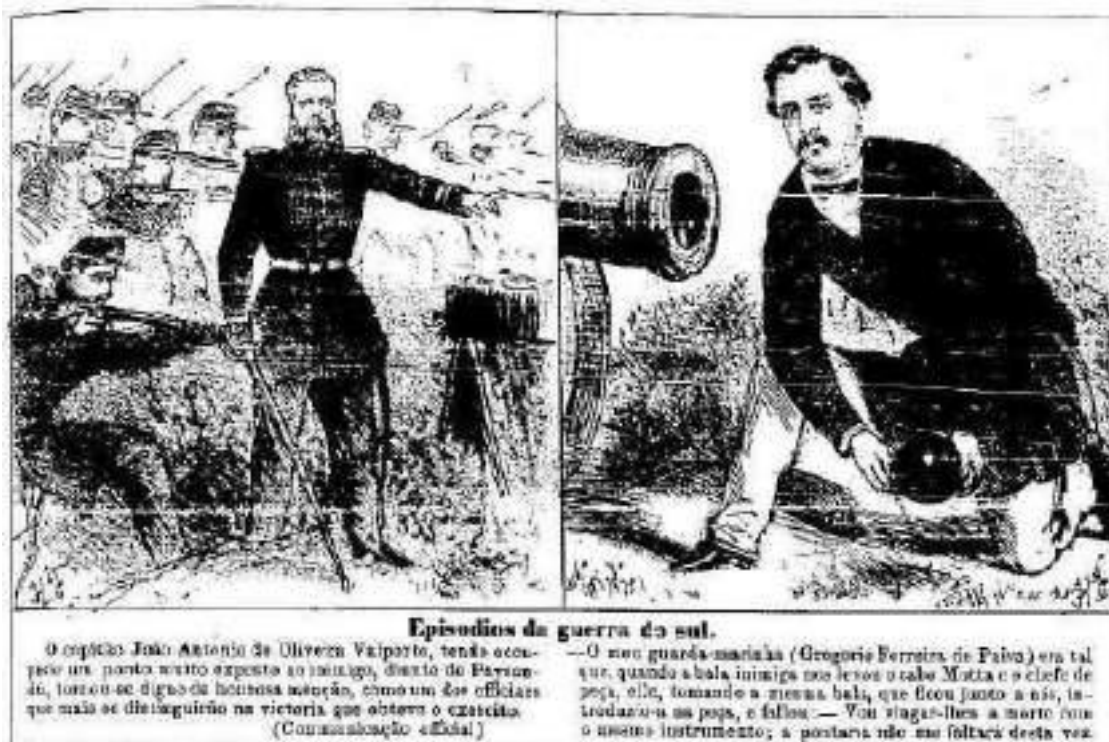
<p>O tenente Antonio de Campos Mello do batalhão 12 de infantaria, ferido por uma bala.</p>	<p>O alferes Colatino Teixeira de Azevedo, do 6º batalhão de infantaria. (Faleceu).</p>	<p>O tenente Manoel Verissimo da Silva, do batalhão 12 de infantaria, ferido por uma bala.</p>
---	---	--

(Os tres retratos foram offerecidos ao Exmo. Sr. Conselheiro José Maria da Silva Paranhos.)

**Figura 50:** Três bravos de Paysandú, feridos na ação do ataque. O tenente Antonio de Campos Mello do batalhão 12 de infantaria, ferido por uma bala. O alferes Colatino Teixeira de Azevedo, do 6º batalhão de infantaria (faleceu). O tenente Manoel Verissimo da Silva, do batalhão 12 de infantaria, ferido por uma bala. (Os três retratos foram oferecidos ao Exmo. Sr. Conselheiro José Maria da Silva Paranhos). **Semana Ilustrada**, 30 de abril de 1865, n. 229.

Seguindo uma ideia similar aos “Episódios da campanha do Uruguay” demonstrados no capítulo antecedente, temos duas gravuras (Figura 51) narrando momentos de tensão. O primeiro, advindo de uma comunicação oficial do governo, mostra o capitão João Antonio de Oliveira Valporto diante de seus homens, se expondo em uma localização arriscada diante dos defensores de Paysandú.

A legenda da imagem, além de narrar brevemente a passagem, ressalta que o oficial foi digno de honrosa menção, sendo um dos responsáveis pela vitória. Já o outro quadro mostra o guarda-marinha Gregorio Ferreira de Paiva reutilizando uma bala inimiga que havia atingido fatalmente o cabo Motta e o chefe de peça, prometendo vingalhes a morte.

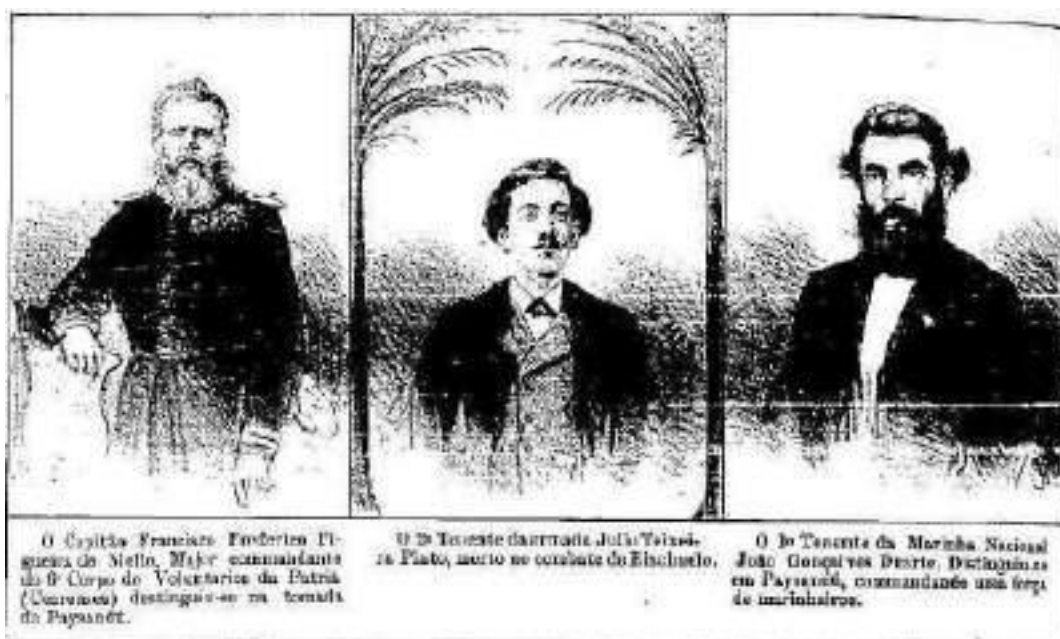


**Figura 51:** Episódio da guerra do sul. O capitão João Antonio de Oliveira Valporto, tendo ocupado um ponto muito exposto ao inimigo, diante de Paysandú, tornou-se digno de honrosa menção, como um dos oficiais que mais se distinguiram na vitória que obteve o exército. (Comunicação oficial) – O meu guarda-marinha (Gregorio Ferreira de Paiva) era tal que, quando a bala inimiga nos levou o cabo Motta e o chefe de peça, ele, tomando a mesma bala, que ficou junto a nós, introduziu-o na peça e falou: - Vou vingalhes a morte com o mesmo instrumento; a pontaria não me faltará desta vez. *Semana Illustrada*, 18 de junho de 1865, n. 236.

Em 22 de outubro de 1865, a *Semana Illustrada* apresentava, em um formato que esteve presente em diversas outras edições – e que não serão todos demonstrados neste trabalho – três gravuras de personagens participantes dos conflitos no Uruguai e contra os paraguaios (Figura 52). São eles o capitão Francisco Frederico Figueiredo de Mello, participante do sítio de Paysandú, o 2º tenente da armada Julio Teixeira Pinto, vítima fatal do combate de Riachuelo e o 1º tenente da Marinha Nacional, João Gonçalves Duarte, que comandou uma força de marinheiros em Paysandú.

Diferentemente das gravuras acima, que expunham os personagens em ação ou feridos após o conflito, temos neste modelo, provavelmente advindo de fotografias, os respectivos homens em poses enquadradas de maneira a ressaltar suas faces e a parte superior do corpo. Essa forma de notícia, além de narrar passagens do conflito, também homenageava diversos personagens relevantes para os esforços de guerra, sendo também um possível incentivo para que outros brasileiros se voluntariassem aos postos.





**Figura 52:** O Capitão Francisco Frederico Figueiredo de Mello, Major comandante do 6º Corpo de Voluntários da Pátria (cearenses) distinguiu-se na tomada de Paysandú. O 2º Tenente da armada Julio Teixeira Pinto, morto no combate de Riachuelo. O 1º Tenente da Marinha Nacional João Gonçalves Duarte. Distinguiu-se em Paysandú, comandando uma força de marinheiros. *Semana Illustrada*, 22 de outubro de 1865, n. 254.

Posteriormente, uma alegoria coloca D. Pedro II apontando para a fortaleza de Humaitá, ponto chave das defesas paraguaias (Figura 53). Em suas mãos, carrega uma balança com os bustos representando respectivamente os políticos conservadores e liberais em perfeita simetria. Abaixo, a legenda evoca a seguinte frase: “quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil”, referindo-se que a guerra é responsabilidade de toda a população, independentemente do lado político, não devendo haver “duas opiniões”. Desta forma, crava que “na balança do patriotismo, pesam igualmente em tais demonstrações as ideias divergentes dos partidos, ressentimentos pessoais desses corações”. Tais evocações foram muito mais comuns nas páginas da *Semana Illustrada*, que sempre tratava a perspectiva da guerra de forma situacionista, tecendo poucas críticas ao imperador ou aos superiores no *front* de batalha.



**Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil.**  
 Diante de um inimigo feroz, que invade nosso território, que cala nossos campos, que exerce toda a sorte de crueldades, não há, nem deve haver duas opiniões. Em face de um tirano, que envergonha a grande América meridional, as paixões nacionais desaparecem, ódios e rivalidades mesquinhas fundem-se em uma só aspiração: a Guerra ao Despotismo. Quem não pugna pela honra da nação, é inimigo da pátria, quem, em mente das hostes estrangeiras não abraça o adversário político, não ama o seu país, menospreza os laços da família e desconhece seus próprios interesses. Na balança do patriotismo, pesam igualmente em tais demonstrações as ideias divergentes dos partidos, ressentimentos pessoais desses corações. A glória do Brasil, o triunfo da honra e da dignidade nacional. Brasileiros, união concórdia! Salvemos o grande império do Brasil! **Semana Illustrada**, 25 de junho de 1865, n. 237.

**Figura 53:** Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil. Diante de um inimigo feroz, que invade nosso território, que cala nossos campos, que exerce toda a sorte de crueldades, não há, nem deve haver duas opiniões. Em face de um tirano, que envergonha a grande América meridional, as paixões nacionais desaparecem, ódios e rivalidades mesquinhas fundem-se em uma só aspiração: a Guerra ao Despotismo. Quem não pugna pela honra da nação, é inimigo da pátria, quem, em mente das hostes estrangeiras não abraça o adversário político, não ama o seu país, menospreza os laços da família e desconhece seus próprios interesses. Na balança do patriotismo, pesam igualmente em tais demonstrações as ideias divergentes dos partidos, ressentimentos pessoais desses corações. A glória do Brasil, o triunfo da honra e da dignidade nacional. Brasileiros, união concórdia! Salvemos o grande império do Brasil! **Semana Illustrada**, 25 de junho de 1865, n. 237.

No dia 2 de julho de 1985, a *Semana Illustrada* divulga em sua capa e em outra gravura duas questões envolvendo o clero paraguaio (Figuras 54 e 55). Na primeira, que estampa a capa do jornal, o Dr. Semana aparece indignado pedindo ao Moleque que escreva que a Sua Santidade excomungue os padres paraguaios que profanam o

catolicismo, zombando do Porteiro Celeste, “dando passaportes aos soldados e declarando-lhes que eles podem entrar no céu”. A crítica demonstra o posicionamento exagerado a favor do Brasil, ignorando que do outro lado também existem homens a lutar por sua pátria, enviesando a própria questão divina. Concluindo, distinguem os inimigos como selvagens, como a própria legenda menciona López e seus homens.

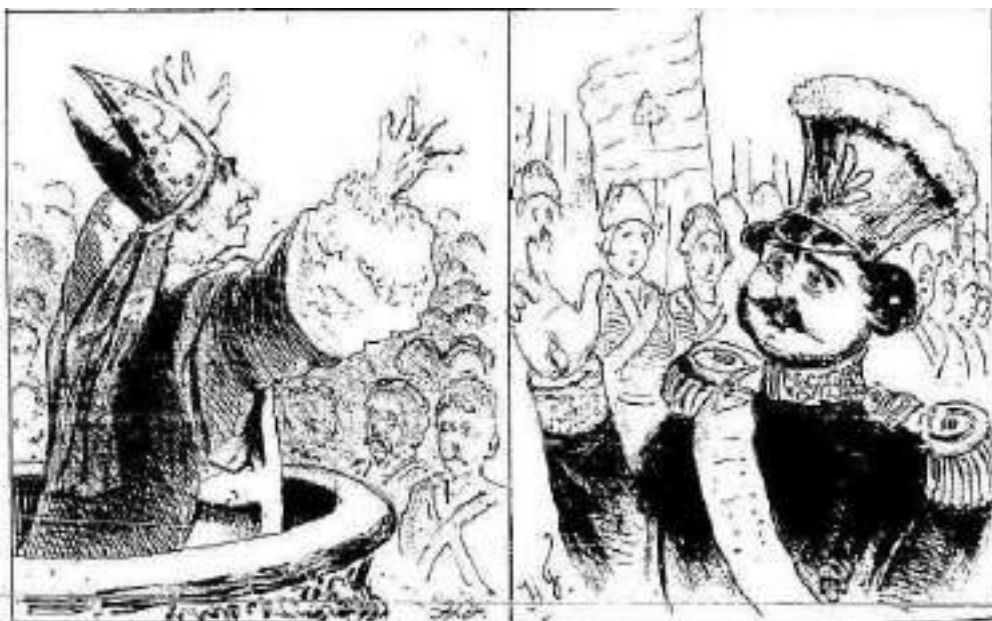


**O Dr. Semana cheio de indignação.**

DR. SEMANA:— Moleque, escreve, escreve já.  
 MOLEQUE:— O que? o que, meu nhonhô?  
 DR. SEMANA:— Escreve a S. Santidade que mande excomungar incontinenti esses padres paraguaios, que profanam a religião Santa de Jesus Christo, e zombam do Porteiro Celeste, dando passaportes aos soldados, e declarando-lhes que elles podem entrar ao céu!... Oh! tanta hypocrisia, astucia e fanatismo indignam o homem mais indifferente!... Mas breve tudo pagará esse selvagem, causa de tantos males!...

**Figura 54:** O Dr. Semana cheio de indignação. Dr. Semana: - Moleque, escreve, escreve já. Moleque: - O que? O que, meu nhonhô? Dr. Semana: - Escreve a S. Santidade que mande excomungar incontinente esses padres paraguaios, que profanam a religião Santa de Jesus Cristo, e zombam do Porteiro Celeste, dando passaportes aos soldados, e declarando-lhes que eles podem entrar no céu!... Oh! Tanta hipocrisia, astúcia e fanatismo indignam o homem mais indiferente!... Mas breve tudo pagará esse selvagem, causa de tantos males!... **Semana Illustrada**, 2 de julho de 1865, n. 238.

Na sequência, são apresentados “fatos históricos” em dois momentos. No primeiro, o bispo paraguaio alega que o soldado que morre pela causa de seu país ressuscita em Assunção, a capital. No outro, confrontando de forma a ironizar as perspectivas, surge Solano Lopez alegando que “será fuzilado todo aquele que, morto em combate, não se apresentar em Assunção!”. Desta maneira, usam do humor e da ironia para criticar o clero e os exageros de López em seu alistamento militar, tendo ele criado o serviço militar obrigatório pouco antes do conflito, em fevereiro de 1864 (Hooker, 2008, p. 24). Não só por isso, a imprensa brasileira por vezes fazia questão de retrata-lo nas páginas dos periódicos como um líder cruel com seus próprios soldados, matando os desertores e todos que fossem contrários aos seus pensamentos. Tais perspectivas sobre o presidente paraguaio na imprensa nacional serão analisadas posteriormente, em capítulo tratando das suas representações, de sua esposa, Elisa Lynch e seus familiares.



Fatos históricos.

Bispo: — O soldado paraguaio que morre pela causa da pátria, ressuscita em Assunção! (calorosos applausos). [O soldado paraguaio].

Lopez: — Será fuzilado todo aquele que, morto em combate, não se apresentar em Assunção! (agitação prolongada). [Agitação prolongada].

**Figura 55:** Fatos históricos - Bispo: - O soldado paraguaio que morre pela causa da pátria, ressuscita em Assunção! (calorosos aplausos). Lopez: - Será fuzilado todo aquele que, morto em combate, não se apresentar em Assunção! (agitação prolongada). **Semana Illustrada**, 2 de julho de 1865, n. 238.

Sequencialmente, no dia 9 de julho de 1865, Fleiuss representa o Frei Mariano, representante do bispo paraguaio em Miranda, atual Bodoquena (Figura 56). Nascido a 19 de janeiro de 1820, em Bagnaia, na Província de Viterbo, Itália. Frei Mariano havia vindo inicialmente para missão no Brasil, em março de 1847. Dois meses depois, é enviado para ser missionário no Mato Grosso, atuando por três anos na região de Cuiabá. Em dezembro do mesmo ano, é enviado para Albuquerque junto aos indígenas Terena, Quinquinau e Guaicuru. Toma posse em Miranda em dezembro de 1869. Em janeiro de 1879, torna-se vigário em Corumbá, permanecendo até 1886 (Campestrini, 2014). Na imagem, o Frei Mariano, segurando a bandeira do império brasileiro, guia diversos indígenas ao apontar para a retaguarda de outros soldados, conhecidos pelos padres paraguaios como “um povo de Aquiles”. Assim, alega que estão provando realmente isso com suas flechas, mostrando que não há nenhum calcanhar invulnerável.

Como se sabe através da mitologia grega, a mãe de Aquiles mergulhou a criança no rio Estige, com o intuito de que o filho fosse imortal. Contudo, ao imergi-lo, ela segurava seu calcanhar que, por esse motivo, ficou vulnerável. Assim, ao lutar na Guerra de Troia, Aquiles morre atingido no calcanhar por uma flecha envenenada, atirada por Pária, o filho do rei da Etiópia.



Frei Mariano em Miranda.  
— Olhai, meus valentes: os padres paraguayos dizem que aquelle povo é um povo de Achilles; estamos provando que contra as nossas flechas nem há calcanhar invulnerável.

**Figura 56:** Frei Mariano em Miranda. – Olhai, meus valentes: os padres paraguayos dizem que aquele povo é um povo de Aquiles; estamos provando contra as nossas flechas nem há calcanhar invulnerável. *Semana Illustrada*, 9 de julho de 1865, n. 239.

#### **2.4. O aprisionamento do *Marquês de Olinda*, a invasão paraguaia e o início da guerra**

No dia 25 de dezembro de 1864, a *Semana Illustrada*<sup>42</sup> anunciava, em um texto nomeado “Guerra do Rio da Prata”, direcionado aos seus assinantes, o aprisionamento do vapor *Marquês de Olinda* pelos paraguayos. Tal acontecimento, ocorrido em 12 de novembro do mesmo ano, em Potrero-Poña, no rio Paraguai, onde o navio mercante brasileiro e sua tripulação foram capturados, dentre eles o recém-nomeado presidente do Mato Grosso. A ação paraguaia foi tomada por Solano Lopez em repressão aos acontecimentos em território uruguaio, ainda que Brasil e Paraguai não estivessem oficialmente em guerra. O líder paraguaio acreditava cegamente na ideia de que o Brasil fosse entrar em conflito contra seu país a qualquer momento. Segundo Francisco Doratioto (2002, p. 69), López teve o conhecimento de que o *Amazonas* e mais duas embarcações brasileiras estavam navegando o rio Paraguai rumo ao Mato Grosso,

<sup>42</sup> *Semana Illustrada*. 25 de dezembro de 1864, n. 211.

conduzindo armamentos. Desta forma, o líder paraguaio caracterizou tal movimento como uma maneira de preparar belicamente a província. Assim, Solano López deu início aos preparativos para a invasão do Mato Grosso, que aconteceria posteriormente, em 15 de novembro, 3 dias após a tomada da embarcação.

No anúncio, os editores da *Semana* informavam sobre o conflito que se iniciava, alegando que os acontecimentos ocorridos no Cone Sul são de enorme importância para a glória nacional. Desta forma, prometem cobrir o conflito através de notícias e suplementos ilustrados, que irão descrever o conflito de forma detalhada, sendo o primeiro deles o Ataque de Paysandú. Segundo os próprios editores, os desenhos serão fiéis aos esboços e relatos enviados do *front* pelos “amigos” oficiais da Marinha e do Exército, sendo inclusive enfatizada a questão da periodicidade das publicações, sendo este um compromisso com o patriotismo da população.

Não ironicamente, na sequência, outra coluna, nomeada “Ao patriotismo e dedicação aos brasileiros” relata aos leitores as medidas de “selvageria” e “barbárie” tomada pelo “governo despótico” do Paraguai no Sul do continente. Assim, os leitores são convidados a “vingar a injúria” inimiga, erguendo espadas contra uma nação indigna de se estar no rol dos “povos civilizados”. Assim, os brasileiros são convocados a irem às armas, enfatizando-se aqui o Exército e a Guarda Nacional, que terão como objetivo lutar contra o “Attila caricato do Paraguai”, “indigno da república”, mostrando o Brasil para as nações “civilizadas”. As ofensas aos inimigos vão além, mas nos furtaremos a apenas as já citadas.

Desta forma, no período entre dezembro de 1864 e setembro de 1865, o Paraguai esteve envolvido em um movimento ofensivo, trazendo, em duas colunas, tropas para o território brasileiro nas regiões do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul, capitulando algumas cidades. A ideia central de Solano López era uma guerra rápida que, caso tivesse êxito, mudaria totalmente as relações de poder no Cone Sul, transformando toda a geopolítica da conturbada região. Contudo, os militares paraguaios não se aproveitaram do fator surpresa, perdendo gradativamente sua força, até que fossem repelidos, mortos ou presos pelos exércitos aliados (Doratioto, 2002, p. 98).

Assim, envolvido em uma guerra inesperada, ao contrário do que acreditava López, o Brasil foi surpreendido pelos inimigos. O caso do Mato Grosso, por exemplo, mostra como o território do Império era enorme e sofria com as dificuldades de comunicação com a capital da Corte. Doratioto mostra que antes do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul serem atacados, em diversos momentos lideranças políticas já alertava

sobre a ausência de segurança nas fronteiras, além do nítido despreparo militar brasileiro. O senador Ferraz e o senador Silveira da Motta alertavam sobre esses problemas. O primeiro alegou ao ministro da Guerra o estado de abandono das forças terrestres no Rio Grande do Sul, onde não haviam quartéis, obrigando os homens a se abrigarem em barracas e choças. Já Silveira alegava que as belonaves da Marinha não estavam aptas para uma possível guerra no Prata.

Outro denunciante da situação, o *Correio Mercantil* alegava que os paraguaios já estavam se preparando com navios encouraçados e artilharia, além de estarem preparando um exército. Assim, solicitavam que a marinha enviasse ao rio Paraguai algumas canhoneiras para defender o Mato Grosso ou qualquer outra região que estivesse ao alcance dos inimigos. Ou seja, o ataque sofrido no Mato Grosso poderia ter sido repellido, mas os brasileiros deram aos inimigos o fator surpresa, algo que não foi aproveitado e culminou no fracasso da invasão (Doratioto, 2002, p. 98).

Porém, antes do conflito iniciar, vale ressaltar que toda essa tensão em torno do rio da Prata levou os governantes brasileiros a proporem, em abril de 1864, o aumento do efetivo do limitado Exército brasileiro em tempos de paz para cerca de 22 mil homens. A proposta foi aprovada pela Câmara dos Deputados, mas no final de 1864, o Brasil tinha apenas 18 mil soldados profissionais espalhados por todo território nacional. Regressando ainda mais na cronologia, em 1863, o próprio ministro da Guerra via como essencial conservar soldados no Mato Grosso, alegando que seria “imprevidência” enviar forças militares a esta província apenas em circunstâncias inesperadas. A pior previsão ocorreu e, a província de 75 mil habitantes, que contava apenas com 875 soldados efetivos, que deveria ter por volta de 3900 homens, estava completamente vulnerável ao ataque inimigo por puro despreparo político e estratégico. Isso fica ainda mais nítido ao observarmos que a região recebia grande montante de armamentos e munições, mas sem nenhum aumento no seu contingente. É importante ressaltar que tais erros de estratégia por parte dos brasileiros são facilmente observáveis na historiografia (Doratioto, 2002, p. 98). Ou seja, reforçando o que já foi dito anteriormente, o Brasil não tinha planejamento algum em entrar em confronto com os paraguaios, embora os atritos na região do Prata fossem cada vez maiores.

E em 1º de janeiro de 1865, a *Semana Illustrada*<sup>43</sup> anunciava o “Embarque da tropa para o Rio da Prata e a despedida do Imperador”, ocorrido no dia 26 de dezembro

---

<sup>43</sup> *Semana Illustrada*, 1 de janeiro de 1865, n. 212.

de 1864. Os vapores *Oyapock* (ou *Oiapoque*) e *Cruzeiro do Sul* saíam da capital da Corte às 9 da manhã, levando o 1º batalhão de artilharia a pé, o 1º e o 7º batalhões de infantaria e o de engenheiros, além de diversos jovens oficiais alunos da escola militar, que iam voluntariamente ao combate. Os militares despediam-se da figura do Imperador e de diversas outras personalidades políticas em uma cerimônia narrada pela folha como um momento emocionante, em que os soldados, com lágrimas nos olhos, iam defender o Brasil do inimigo. Ao mesmo tempo, o periódico também não deixava de exaltar a figura do Imperador, descrito como um grande líder para os soldados e o povo.

No dia 8 de janeiro de 1865, a *Semana*<sup>44</sup> noticiava em suas páginas que o território argentino havia sido invadido e que o vapor *Salto* tinha sido apreendido pelos paraguaios, sem qualquer declaração de guerra prévia. Diante desta situação, o pseudônimo Dr. Semana indaga os argentinos: “terá a mesma condescendência o estimável Sr. Mitre ou ainda a *Nacion* e *El Pueblo* apregoarão a política de não intervenção e neutralidade?”. Porém, já respondendo a própria questão levantada, o Dr. Semana diz confiar na dignidade de Mitre e do povo argentino. Além disso, aproveita para sugerir uma união do Império com Buenos Aires, em um momento que ambos devem reivindicar suas honras tão brutalmente ofendidas, não devendo ambos darem trégua aos “despostas”: “Nada de tréguas a López”. Tal união se consolidaria posteriormente através do Tratado da Tríplice Aliança.

Com a guerra cada vez mais definida, a *Semana Illustrada* estava a todo vapor em sua produção iconográfica. No dia 16 de janeiro, o periódico traz em sua capa uma gravura narrando um diálogo entre o Dr. Semana e o Moleque (Figura 57). Na ocasião, o doutor explica ao seu pajem o significado de uma pintura, onde é possível perceber a alegoria do Brasil pisando em um corpo seminudo que representa o Paraguai. Assim, o protagonista explica que o quadro traz uma grande lição: “não vás, sapateiro, além da chinela”. Ou seja, para o Dr. Semana, o Paraguai foi longe demais com a ideia de invadir o Brasil. Todavia, este era apenas o início do conflito, e mal sabiam Fleiuss e os membros da equipe da *Semana Illustrada* que a peleja iria ter fim apenas 5 anos depois.

---

<sup>44</sup> *Semana Illustrada*, 8 de janeiro de 1865, n. 213.





—Moleque, este quadro encerra uma grande lição. Elle prova que o asno é sempre asno, por mais que procure embulhar-se em pelle de leão. A orelha fura sempre. Medita e lucrarás. Traz a tua família para mostrares aos teus, que quem é cágado, não deve pretender a botas. “*Ne sutor ultra crepidum*”, como dizia um almanach antigo.

**Figura 57:** - Moleque, este quadro encerra uma grande lição. Ele prova que o asno é sempre asno, por mais que procure embulhar-se em pele de leão. A orelha fura sempre. Medita e lucrarás. Traz a tua família para mostrares aos teus, que quem é cágado, não deve pretender a botas. “*Ne sutor ultra crepidum*”, como dizia um almanaque antigo. **Semana Illustrada**, 16 de janeiro de 1865, n. 214.

Já no dia 22 de fevereiro de 1865, o mesmo periódico traz em suas páginas a figura de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, ao lado da alegoria do Brasil, guiando ambos a população rumo à vitória (Figura 58). A esta imagem, vale ressaltar novamente o uso da alegoria brasileira como uma mulher indígena segurando uma lança e um escudo com o brasão do Império. Além disso, a questão de se utilizar São Sebastião como um guia espiritual no conflito certamente se dá pelo motivo já citado, de ser padroeiro da cidade e, além disso, por conta do catolicismo, religião oficial do Império. Ao atrelar a imagem santa ao conflito, o periódico apela para a fé do povo.



S. SEBASTIÃO.  
GUIANDO O BRASIL CONTRA OS INIMIGOS DA PÁTRIA.

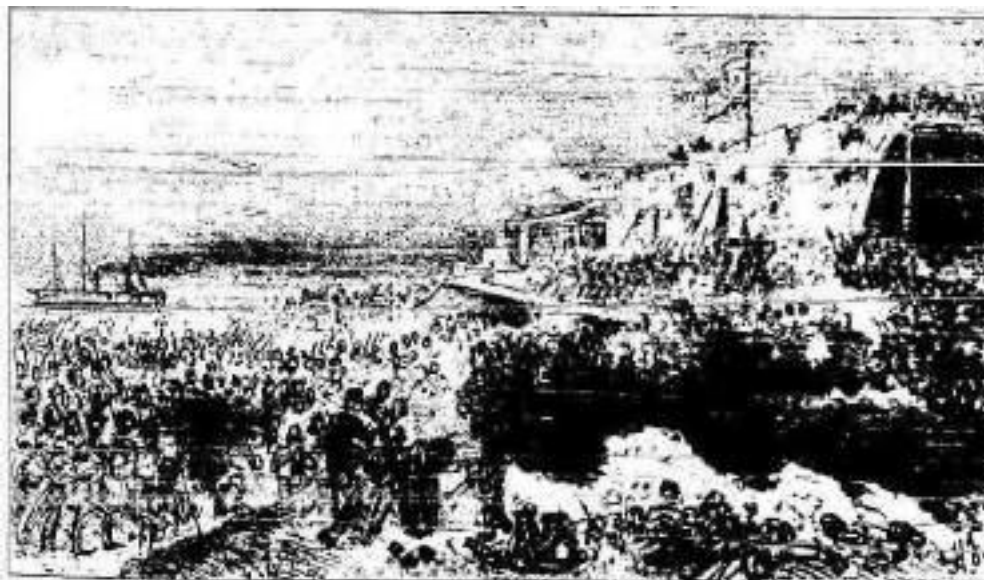
Com pouco feroz e a mais valente armada,  
Somos, guai-nos-lhe no ato da glória,  
Vem invadir! Toma a tua espada,  
Dá-lhe-le ao campo e anota a vitória!

**Figura 58:** S. SEBASTIÃO guiando o Brasil contra os inimigos da pátria. *Semana Illustrada*, 22 de janeiro de 1865, n. 215.

Dando sequência aos acontecimentos, a *Semana Illustrada* apresenta o forte de Coimbra como as “Termópilas brasileiras”, que resistiram enquanto puderam ao avanço dos paraguaios (Figura 59). A referência é baseada nas Guerras Médicas ocorridas em 480 a.C., colocando espartanos e persas em conflito, narrados pelo historiador grego Heródoto. Na ocasião histórica, os espartanos, em minoria considerável, resistiram bravamente aos inimigos, mas acabaram por sucumbir. A legenda da imagem corrobora com a comparação, alegando que “eram poucos, é certo; mas contra os poucos, armados os *selvagens* lá pugnavam”. A frase é uma paráfrase à obra de Domingos José Gonçalves de Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades* (Magalhães)<sup>45</sup>, publicado pela primeira vez

<sup>45</sup> MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. **Suspiros Poéticos e Saudades**. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/suspiros\\_poeticos.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/suspiros_poeticos.pdf). Acessado em 30/01/2023.

em 1836, que traz a frase “eram poucos, é certo; e contra os poucos Armadas as Nações aqui pugnavam!”, narrando a campanha de Napoleão em Waterloo. Essas referências são constantes ao se abordar a guerra. Nesta ocasião, cruza-se o conflito grego com uma obra acerca da guerra dos Cem Dias, requerendo certa erudição por parte do leitor/espectador.



**COIMBRA—AS THERMOPYLAS BRASILEIRAS**

Éram poucos, é certo, e contra os poucos  
Armadas as selvagens lá pugnavam.

(Magalhães)

**Figura 59:** Coimbra – As Termópilas brasileiras. Eram poucos, é certo, mas contra os poucos, armados os *selvagens* lá pugnavam (Magalhães). *Semana Ilustrada*, 29 de janeiro de 1865, n. 216.

Em 5 de fevereiro de 1865, as “Novidades da Semana<sup>46</sup>” destacam o início do conflito, alegando que o Brasil, “país agrícola e comercial, terra fadada a grandes destinos, não aspirava os foros de nação guerreira”, atrelando a causalidade da guerra ao povo paraguaio. Outros aspectos como a dignidade do povo contra o Paraguai e o patriotismo brasileiro, são abordados pela fala do pseudônimo assinado pelo Dr. Semana. Além disso, defendem os altos custos do império com a compra de “meios de triunfo”, citando as “arguições gratuitas de um ou outro pessimista, para os quais não há governo possível senão saído da *grey* do pessimismo”. Por fim, conclui o texto dizendo que “para isso enfim a nação se levanta. Causa, por sua natureza justa e santa, entrega tais recursos de defesa, não pode deixar de ser coroada do mais completo sucesso como o espera”. Portanto, percebemos logo no início da guerra a posição dos responsáveis pela *Semana Ilustrada*, que não só apoiavam os esforços de guerra, mas também achavam pertinente a defesa do império e os crescentes gastos que culminaram em diversas dívidas.

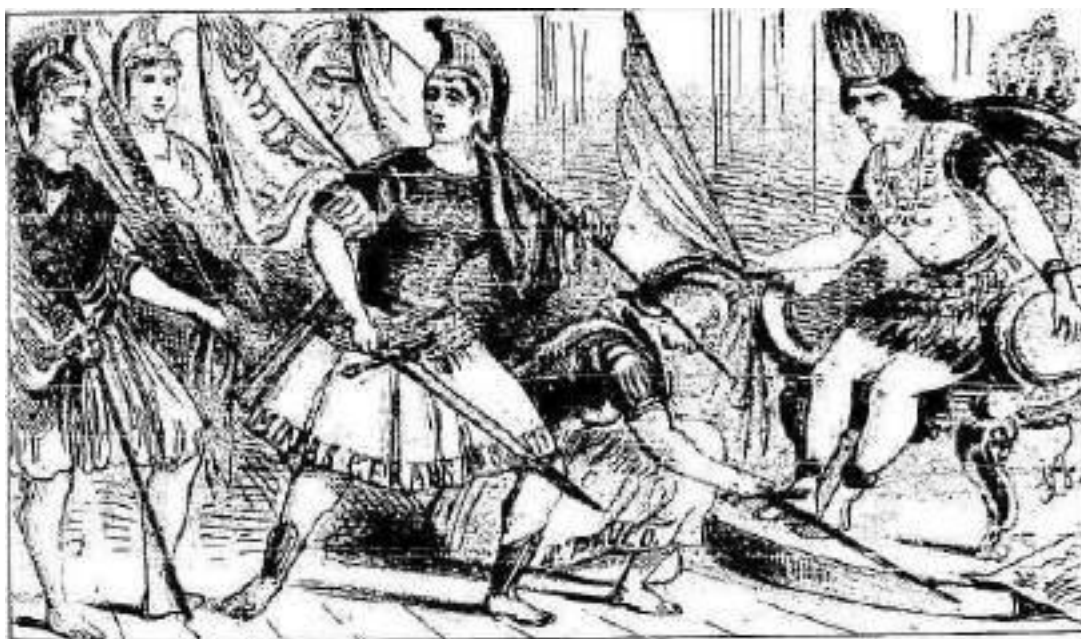
<sup>46</sup> *Semana Ilustrada*, 5 de fevereiro de 1865, n. 217.

Com as animosidades cada vez mais acirradas entre brasileiros e paraguaios, a *Semana Illustrada* apresenta mais uma gravura, intitulada “A López e seus mastins” (Figura 60). Nela, critica o ataque ao Mato Grosso, onde não poupou “inocência, velhice, enfermidade”, colocando a figura do presidente paraguaio centralizada na imagem, prestes a estocar uma criança com sua baioneta. Ao seu redor, o caos toma conta: pessoas caídas por todos os lados, enquanto os paraguaios encontram-se em posição de ataque, espalhando o terror em meio a mulheres, crianças e idosos. A uma imagem como essa podemos atribuir um fator importante para o sentimento nacional durante a guerra: pela primeira vez a população via, através das páginas dos periódicos, seus patrícios serem trucidados por um inimigo. Construía-se assim a guerra da “civilização” brasileira contra a “barbárie” paraguaia, explicitada através de um ataque desumano aos populares do Mato Grosso.



**Figura 60:** A Lopez e seus mastins. Inocência, velhice, enfermidade. Nada poupaste, sanguinário perro. Não tardará nossa exemplar vingança. Quem com ferro ferir, morre com ferro. *Semana Illustrada*, 12 de fevereiro de 1865, n. 218.

Com a guerra se desenhando, a *Semana Illustrada* apresenta mais uma imagem em sua capa (Figura 61), chamando os brasileiros às armas. Na imagem em questão, somos apresentados à alegoria brasileira, sentada em trono em posição privilegiada, tendo diante de si diversos soldados, que representam as províncias. Através desta imagem, percebemos que a guerra se torna um interesse comum nacionalmente, cuja participação de todos é crucial para o sucesso da campanha.



**BRASILEIROS! ÀS ARMAS!**

Todas as províncias, com estes três à frente, marcham para a defesa da pátria. Em quanto houver uma gota de sangue, um braço e uma espada, a dignidade do Brasil não será ultrajada pelo estrangeiro. Briosas irmãs! no combate! no combate! no combate!

**Figura 61: BRASILEIROS! ÀS ARMAS!** Todas as províncias, com estes três à frente, marcham para a defesa da pátria. Em quanto houver uma gota de sangue, um braço e uma espada, a dignidade do Brasil não será ultrajada pelo estrangeiro. Briosas irmãs! Ao combate! Ao combate! Ao combate!

**Semana Illustrada**, 19 de fevereiro de 1865, n. 219.

Ao mesmo tempo em que se dava o conflito contra os paraguaios, ainda corria a questão do Uruguai. No dia 26 de fevereiro de 1865, a *Semana Illustrada*<sup>47</sup> anunciava em texto que Montevideú ainda não havia caído, embora estivesse sitiada desde o dia 31 de janeiro. A cidade era o destino de boa parte dos soldados que saíam do Brasil. A folha alegava que Aguirre havia se agarrado a “última tábua de salvação” e que Carreras já queria “pôr-se às carreiras”, dando a entender que a derrota dos *blancos* já estava praticamente definida. A situação no Uruguai teria fim apenas em 20 de fevereiro do mesmo ano. Assim, o Brasil se via diante de um turbilhão de acontecimentos, ao passo em que seu limitado exército precisava lidar com as invasões paraguaias e o combate em território uruguaio. No dia 5 de março era então anunciada a queda de Montevideú<sup>48</sup>, “o último baluarte da perfídia *blanca*”. No final da notícia, o editor brada “Agora ao Paraguai! Ao Paraguai! E mais tremenda lição recebam o cacique dessa tribo de feras e as feras ao serviço desse abominável cacique!”.

Seguindo o fervor patriótico da peleja, o Dr. Semana e o Moleque novamente estampam a capa da *Semana Illustrada* do dia 26 de fevereiro de 1865. Na cena (Figura

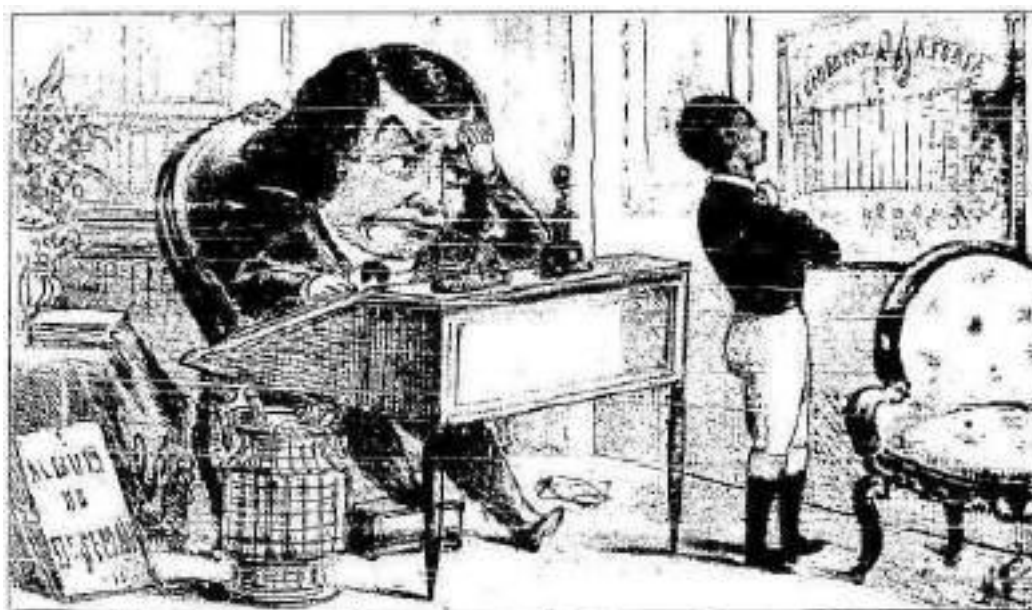
<sup>47</sup> *Semana Illustrada*, 26 de fevereiro de 1865, n. 220.

<sup>48</sup> *Semana Illustrada*, 5 de março de 1865, n. 221.



62) em questão, o protagonista do periódico anuncia que irá trabalhar durante o domingo de carnaval, algo que chama a atenção do Moleque, que acha estranho o comportamento do patrão, que logo o responde rispidamente: “Cala a boca, pateta. Agora não há carnaval. Estes dias são os dias da pátria. Não quero divertir-me quando a esta hora lá está no Sul um punhado de bravos que verte o seu sangue por mim, por ti, por todos os brasileiros!”. Tal demonstração do personagem nos leva a compreender novamente o papel cujo o periódico de Henrique Fleiuss e companhia acreditava ter na cobertura do conflito. Mais do que isso, a equipe da folha se via como incumbida de seguir trabalhando ao invés de festejar, já que diversos soldados estão em campo de batalha dedicando suas vidas em prol da nação.

O comportamento altruísta narrado pela gravura de Fleiuss certamente tem um impacto positivo na população, sobretudo nos assinantes situacionistas e a favor do conflito. Neste ponto, vale ressaltar que a reprovação da guerra nos momentos iniciais era ainda tímida se compararmos aos anos seguintes, onde Agostini e outros tantos usavam e abusavam do espaço da imprensa para tecer duras críticas ao governo e aos monarcas.



— Vou escrever os artigos para a *Semana*...  
 — Olhe, nhonhô: hoje é domingo de carnaval. Tem assumpto...  
 — Cala a boca, pateta. Agora não há carnaval. Estes dias são os dias da pátria. Não quero divertir-me quando a esta hora lá está no sul um punhado de bravos que verte o seu sangue por mim, por ti, por todos os brasileiros!

**Figura 62:** - Vou escrever os artigos para a *Semana*... – Olhe, nhonhô: hoje é domingo de carnaval. Tem assumpto... – Cala a boca, pateta. Agora não há carnaval. Estes dias são os dias da pátria. Não quero divertir-me quando a esta hora lá está no sul um punhado de bravos que verte o seu sangue por mim, por ti, por todos os brasileiros! **Semana Illustrada**, 26 de fevereiro de 1865, n. 220.

No número 222 da *Semana*, era divulgada uma gravura (Figura 63) que narrava o momento em que a população da Corte era avisada da tomada da capital uruguaia. Segundo a imagem e sua legenda, com tal acontecimento, o carro de D. Pedro II foi

cercado por populares, que se manifestavam afetosamente ao monarca e ao ocorrido no Sul. Com o êxito em território uruguaio, chegava a hora do Império se focar apenas no Paraguai.



A PRIMEIRA NOTICIA.  
Ao chegar a primeira notícia da entrega de Montevideu, o povo, justamente entusiasmado, rodeou o carro do Imperador Sua Majestade, comovido ante essa prova de amor, correspondeu afetosamente à manifestação pública.

**Figura 63:** A PRIMEIRA NOTICIA. Ao chegar a primeira notícia da entrega de Montevideu, o povo, justamente entusiasmado, rodeou o carro do Imperador Sua Majestade, comovido ante essa prova de amor, correspondeu afetosamente à manifestação pública. *Semana Illustrada*, 12 de março de 1865, n. 222.

O sentimento esboçado pelo pseudônimo Paraguayophago neste mesmo número da *Semana Illustrada* trazia um ódio latente em parte da população naquele momento, sendo este um aspecto de extrema importância para se criar um sentimento de nacionalidade e pertencimento a uma causa que, no caso, era vingar as invasões e vencer os paraguaios. Segundo o misterioso Paraguayophago, Coimbra, Corumbá, Dourados, Miranda e Albuquerque, localizações invadidas no Mato Grosso, deveriam ser reedificadas com madeira e materiais da cidade de Assunção, capital inimiga. Segundo o personagem, “é preciso que o Paraguai tinja-se de sangue, desse sangue venenoso, que correu nas veias de Almagro e nas dos galés de Castela e Aragão, sangue que não degenerou e carece de pronta purificação”. Por fim, o rancoroso pseudônimo destila todo seu ódio aos paraguaios ao citar que “A página da nossa história, em que se ler – o ano de 1865 foi o último ano da existência do Paraguai – será a página mais gloriosa de todas as histórias do mundo, porque o extermínio do Paraguai é imenso serviço à humanidade e à civilização”.

Assim, podemos considerar que neste primeiro momento, a sede de vingança mobilizou parte dos brasileiros a irem para o *front*. Contudo, tal sentimento não deve ser

generalizado, algo que será observado a seguir no que chamamos de “voluntários involuntários”, homens levados contra sua vontade para a batalha, aspecto denunciado em diferentes momentos da guerra pela imprensa do período.

Em 12 de março de 1865, a *Semana* aborda por duas vezes um importante personagem das guerras no Uruguai e contra os paraguaios: o então 1º tenente Antônio Carlos de Mariz e Barros, identificado na primeira imagem (Figura 64) apenas como “Barros” e na segunda como “Mariz e Barros”. Participante da Campanha do Uruguai, esteve presente no ataque e na capitulação da praça forte de Paissandu. Na primeira imagem, o militar é retratado exatamente no momento em que acaba de ser atingido de raspão por uma bala inimiga, tendo seu chapéu e seu binóculo arremessados ao chão pelo impacto. Contudo, o tiro não o fere, algo exaltado não só pela legenda, “Respeita do bravo e leal coração”, mas também na posição como se encontra na gravura, altivo e bradando o braço para o alto, parecendo segurar na mão direita uma espada. Tal situação de risco traz um teor heroico ao personagem, que também se tornaria conhecido pelos feitos contra o Paraguai, onde comandou por diversas vezes o encouraçado *Tamandaré* (Andréa, 1955). Durante a batalha do no Passo da Pátria, Mariz e Barros foi atingido com uma na altura do joelho, o levando a amputar a perna (Mendonça, 1866).

Na segunda imagem (Figura 65), somos apresentados ao regresso do 1º tenente ao Rio de Janeiro, especificamente na Praça do Comércio, algo perceptível através de uma placa presente atrás da turba. Sendo carregado pelos populares, seus feitos no Uruguai são comemorados com glórias pelo povo. Na legenda, a *Semana Illustrada* exalta ainda mais o personagem, que é recompensado por seus próprios êxitos pela pátria e pela recepção, uma “doce recompensa que encheria a alma do valente”.





**Figura 64:** Barros sem pavor. A bala, que passa e o chapéu arrebatá. A bala, que arroja o binóculo ao chão. Não assusta o bravo, não fere, não mata. Respeita do bravo e leal coração. *Semana Illustrada*, 12 de março de 1865, n. 222.



**Figura 65:** O 1º TENENTE MARIZ E BARROS. O povo o toma nos braços como ao filho querido da vitória. Doce recompensa que encheria a alma do valente, se ela já não estivesse cheia pela consciência do dever. *Semana Illustrada*, 12 de março de 1865, n. 222.

Ainda no número 222, somos brindados com o humor de Fleiuss e sua equipe, em um diálogo entre dois conhecidos (Figura 66). Na oportunidade, um homem à paisana fala ao soldado que, para subir de patente, basta se expor ao fogo do inimigo. Com isso,

ele certamente subiria de tenente ao cargo de capitão. O conselho, dado por um “patriota de palavra”, logo vem com uma ironia: “porque eu sei bem que tenente morto nunca é promovido”. Ou seja, para crescer na guerra, o risco é necessário. Na imagem, percebemos a posição estática do soldado enquanto o “amigo” o cumprimenta, segurando-lhe o ombro esquerdo com uma expressão um tanto conveniente para a gravura. Como observado acima, feitos heroicos e momentos de quase morte como o de Mariz e Barros e diversos homens, sobretudo os de patente superior, servem de exemplo de motivação e patriotismo ante as folhas da *Semana*. Contudo, a gravura abaixo parece caçoar um pouco da realidade dos soldados, que só terão êxito na carreira caso se exponham ao risco da morte pelas mãos do inimigo.



— Não tenhas medo, meu amigo, expõe-te ao fogo, e verás como de tenente passas logo a capitão.  
 — O conselho é de — patriota de palavras, porque eu sei bem que tenente morto nunca é promovido.

**Figura 66:** – Não tenhas medo, meu amigo, expõe-te ao fogo, e verás como de tenente passas logo a capitão. – O conselho é de – patriota de palavras, porque eu sei bem que tenente morto nunca é promovido. *Semana Ilustrada*, 12 de março de 1865, n. 222.

No número seguinte, o mesmo periódico traz em sua capa o Dr. Semana, o Moleque e a D. Negrinha, mais um gesto de patriotismo dos personagens, que dão voz a equipe do jornal (Figura 67). Desta vez, os personagens são retratados entregando uma série de doações ao cirurgião-mor da armada brasileira, identificado no canto inferior direito como “J. C. S. de Meireles”, Joaquim Cândido Soares de Meireles. Meireles foi condecorado por sua participação na Guerra do Paraguai com a Medalha Comemorativa do rendimento da divisão de Exército do Paraguai que ocupava a Vila de Uruguaiana.

As doações podem ser observadas como mais uma atitude patriótica da *Semana Illustrada* ante o conflito, mostrando que também tem o papel de contribuir de outras formas além da produção de gravuras e informações advindas da “guerra oriental”. Tal papel é enfatizado pelo fato de que a cena narrada se encontra na página de capa do jornal, que era consumido indiretamente por diversos transeuntes da cidade do Rio de Janeiro em um momento em que parte considerável da população se via diante de um fervor patriótico na luta contra um inimigo em comum.



O Dr. Semana, o seu moleque e D. Negrinha oferecem também ao ilustrado cirurgião-mór da armada uma boa quantidade de fios para os feridos da guerra oriental.

**Figura 67:** O Dr. Semana, o seu moleque e D. Negrinha oferecem também ao ilustrado cirurgião-mór da armada uma boa quantidade de fios para os feridos da guerra oriental. *Semana Illustrada*, 19 de março de 1865, n. 223.

Ainda no dia 19 de março de 1865, outro desenho aborda a guerra, colocando Solano López como o rei Baltazar (Figura 68). A passagem do “Festim de Baltazar<sup>49</sup>”, narrada no capítulo 5 do livro de Daniel, no Velho Testamento da Bíblia, narra a história do filho de Nabucodonosor, que faz uma opulenta festa para mil convidados com o dinheiro roubado do Templo de Jerusalém, local sagrado segundo as escrituras. E, repentinamente, uma mão invisível surge e escreve na parede “*Mané, Thekel, Pharés*” (ou *Menê, Tequel e Perês*), que significam respectivamente Deus contou {os anos} de teu reinado e nele põe um fim; foste pesado na balança e considerado leve demais; e, por último, teu reino vai ser dividido e entregue aos medos e persas. E, de fato, a profecia foi

<sup>49</sup> O Festim de Baltazar também é conhecido por uma obra de mesmo nome feita pelo pintor holandês Rembrandt no ano de 1635. O óleo sobre tela, exposto na National Gallery, em Londres, conta com 209,2 x 167,6 cm. A gravura em questão se inspira parcialmente nesta pintura barroca.

cumprida, com Baltazar sendo morto e a Babilônia sendo tomada por Ciro e entregue a Dario, o Meda.

A passagem bíblica é aqui apropriada colocando Solano López no lugar do tirânico Baltazar, sendo também avisado pela mão misteriosa, mas com outra mensagem: “Guerra, Queda, Exílio”. Desta maneira, o “Baltazar paraguaio”, que “esquece-se, nas delícias e na orgia, que há alguma acima dele”, tem como futuro desejado pela *Semana Ilustrada* o mesmo que teve o filho de Nabucodonosor, ao passo em que o Paraguai também sofrerá as consequências assumidas por seu líder. Nesta gravura, vale também ressaltar um outro ponto: durante o século XIX, o Brasil tinha como religião oficial o catolicismo e, ao se utilizar de uma passagem bíblica, os editores do jornal se aproximam ainda mais da realidade de seu público, sendo esta mais uma tática e até mesmo um diferencial das duras críticas que seriam feitas posteriormente por Angelo Agostini e sua equipe.



**O FESTIM DE BALTHAZAR.**  
O Baltazar paraguayo esquece-se, nas delicias e na orgia, de que ha alguma força acima d'elle. Apparece uma mão occulta que escreve na parede o *Mané, Thekel, Pharés*, do seguinte modo:  
GUERRA, QUEDA, EXILIO!

**Figura 68:** O FESTIM DE BALTHAZAR. O Baltazar paraguaio esquece-se, nas delícias e na orgia, que há alguma força acima dele. Aparece uma mão oculta que escreve na parede o *Mané, Thekel, Pharés*, do seguinte modo: GUERRA, QUEDA, EXÍLIO! *Semana Ilustrada*, 19 de março de 1865, n. 223.

Ao mesmo tempo em que a guerra parece cada vez mais próxima contra o Paraguai, o mesmo número da *Semana Ilustrada* apresenta uma gravura sobre a situação no Uruguai, com a legenda “Nem sempre os lírios dão flores” (Figura 69). Esse trocadilho diz respeito ao nome de Venâncio Flores, que se encontra na gravura pendurado em um

mastro, que sustenta a cidade de Montevidéu. Ao seu redor, ele é puxado em direção ao solo pelo corpo diplomático, formado por países como França, Inglaterra e Itália, sinalizados no texto. Do lado direito, por sua vez, temos um outro personagem desconhecido, assinando um documento nomeado “Entrega de Montevidéu”. Desta forma, a imagem mostra como estava caótica a situação política da região, que agora atrairia ainda mais os olhares de nações estrangeiras, que sempre tiveram interesses econômicos no rio da Prata, essencial para a mercantilização de produtos no Cone Sul. Contudo, a situação ficaria ainda pior com a eclosão da guerra contra o Paraguai, que aumentou ainda mais as hostilidades nesta área.



*Sem sempre os lírios dão flores.*

**Figura 69:** Montevidéu. Nem sempre os lírios dão flores. *Semana Ilustrada*, 19 de março de 1865, n. 223.

A *Semana Ilustrada*, no dia 26 de março de 1865, estampava em sua capa uma crítica contundente sobre a lerdeza na comunicação da capital da Corte com a província do Mato Grosso (Figura 70). Na gravura em questão, o correio da longínqua província é

caracterizado por uma tartaruga, demonstrando a dificuldade na troca de informações. Pior ainda, o Dr. Semana e o Moleque criticam a preocupação dos políticos em se importarem mais em fazer eleições do que com a segurança da província, que estava bem próxima das tensões do Prata. Ironizando a situação, o Dr. Semana diz que “os tempos não exigem pressa; que importa que os paraguaios entrem em nossa casa? Cousas desta terra!!!”. Neste momento, o Brasil ainda carecia de estradas e linhas férreas. Além disso, estava longe de se construir linhas de telégrafo para agilizar a comunicação da capital com as províncias. Portanto, as informações ainda circulavam através de diligências, levando com que a comunicação entre a capital e as províncias mais distantes levassem longos dias, algo que um país em guerra não se pode dar ao luxo.

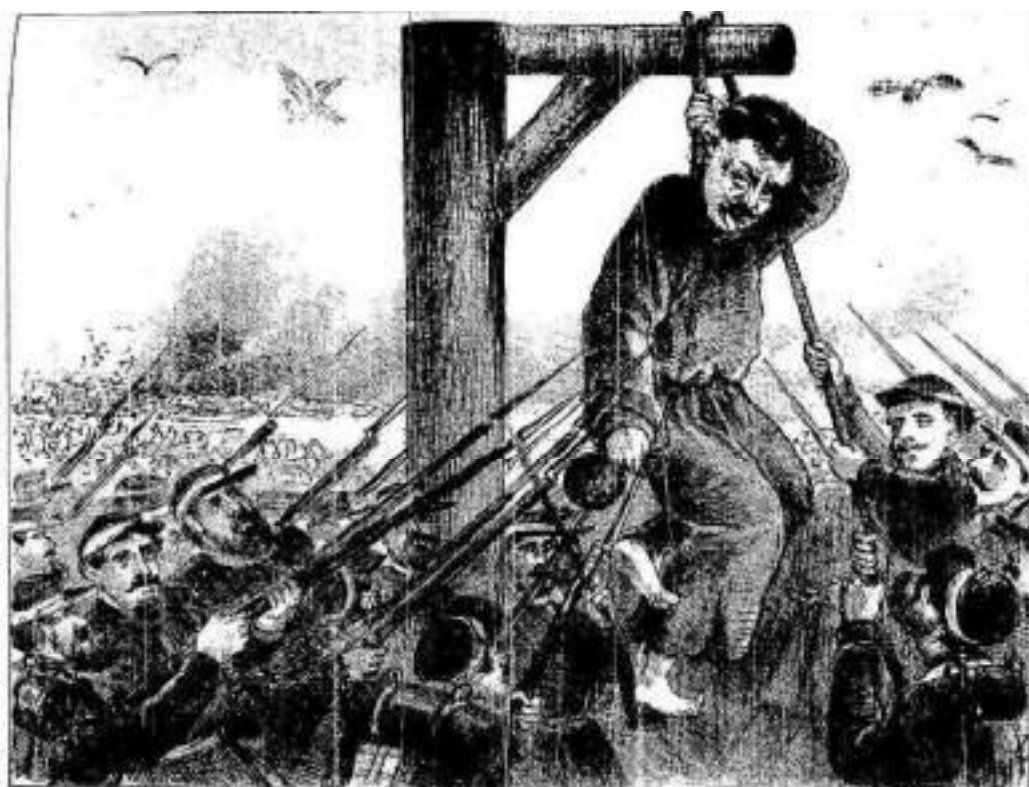


— Que é isto, nhonhô? Nunca vi cousa igual.  
 — É o correio de Mato Grosso. Graças à diligência e zelo do Albino, chegou a esta corte, tendo sabido de lá no dia 12 de Janeiro. Não te admires, moleque, porque segundo as suas próprias palavras, o tal senhor foi *fazer eleições*, e então não se lembrou de mais nada. Também os tempos não exigem pressa; que importa que os paraguaios entrem em nossa casa?  
 Cousas desta terra!!!

**Figura 70:** - Que é isto, nhonhô? Nunca vi cousa igual. – É o correio de Mato Grosso. Graças à diligência e zelo do Albino, chegou a esta corte, tendo sabido de lá no dia 12 de janeiro. Não te admires, moleque, porque segundo as suas próprias palavras, o tal senhor foi *fazer eleições*, e então não se lembrou de mais nada. Também os tempos não exigem pressa; que importa que os paraguaios entrem em nossa casa?  
 Cousas desta terra!!! *Semana Illustrada*, 26 de março de 1865, n. 224.

Ainda no segundo ano da guerra, a *Semana Illustrada* já profetizava em suas páginas a apreensão de Solano Lopez, chamado na imagem de Judas, referenciando o apóstolo traidor de Jesus. Na ocasião retratada no dia 16 de abril de 1865 (Figura 71), o líder paraguaio encontra-se pendurado pelo pescoço, enquanto soldados brasileiros apontam suas baionetas em sua direção. A legenda complementa o contexto, explicando o contexto da gravura, cujo a derrota paraguaia ocorre e a capital Assunção é tomada, colocando Lopez “à altura que lhe compete”. Como se sabe, esta profecia não foi

perfeitamente acertada, tendo a guerra findado em apenas em março de 1870, com a morte de Solano Lopez na batalha de Cerro Corá.



PROFECIA.  
JUDAS LOPEZ.  
apanhado depois da derrota dos Paraguaios e da tomada de Assunção, fica elevado pelos soldados à altura que lhe compete.

**Figura 71:** PROFECIA. JUDAS LOPEZ apanhado depois da derrota dos paraguaios e da tomada de Assunção, fica elevado pelos soldados à altura que lhe compete. *Semana Ilustrada*, 16 de abril de 1865, n. 227.

Posteriormente, em 23 de julho de 1865, em desenho assinado por Agostini, o *Diabo Coxo* estampa em suas páginas uma gravura sobre a situação do Mato Grosso, que havia sido parcialmente invadido pelos paraguaios (Figura 72). A narrativa mostra três soldados, onde a figura central parece entrar de rompante no alojamento e acordar os outros dois, questionando por qual motivo ambos dormem enquanto “o Mato Grosso geme na escravidão”. Um dos soldados alega que foi ordenado que se esperasse outras ordens, sendo rechaçado pelo personagem central, que diz: “Nada, a caminho, que os bravos não dormem”, dando ordens aos homens de se porem de pé para seguir rumo a província tomada.





—Tu dormes, „Brutus,” e Mato-Grosso geme na escravidão?!  
 —Pois que ha? estará o inimigo na Capital? Mandarão-nos que esperássemos aqui o inimigo.  
 —Nada, a caminho, que os bravos não dormem.

**Figura 72:** “-Tu dormes, “Brutus” e Mato-Grosso geme na escravidão?! – Pois que ha? Estará o inimigo na Capital? Mandaram-nos que esperássemos aqui o inimigo. – Nada, a caminho, que os bravos não dormem”. *Diabo Coxo*, 23 de julho de 1865, série 2, n. 1.

Com o tom jocoso habitual e que fez Angelo Agostini se tornar um dos personagens mais icônicos da imprensa brasileira, o *Diabo Coxo* do dia 30 de julho de 1865 apresenta “as delícias de Capua ou vista interior de uma barraca de oficial no acampamento d’Água-Branca<sup>50</sup>” (Figura 73), ironizando a produção das vistas de acampamentos e outras paisagens bastante comuns na iconografia do século XIX, feitas por artistas como Debret, Rugendas, Thomas Ender e vários outros, tendo inclusive Agostini confeccionado, possivelmente através de fotografias e relatos, uma vista deste mesmo acampamento, mas de forma totalmente diferente da primeira. Nesta, o espectador é apresentado ao interior de uma da barraca de um oficial, onde é possível se perceber o consumo de álcool e prostituição, indo totalmente ao contrário das produções de periódicos de situação como a *Semana Illustrada*, que objetivava trazer um lado mais glorioso do conflito, sem fazer críticas tão fortes como as observadas na carreira de Agostini.

No mesmo jornal, havia um pequeno diálogo na sessão “Quintilhas pescadas a gancho”, que dizia: “(Os voluntários da Água-Branca). - Que vem buscar tanta gente.

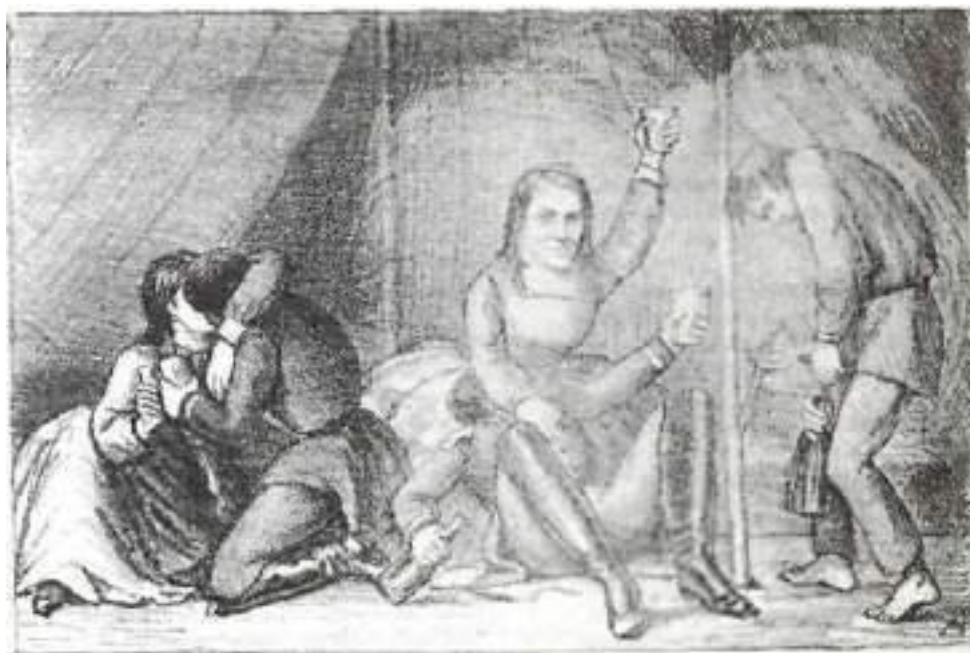
<sup>50</sup> O acampamento de Voluntários da Pátria referido nesta notícia muito provavelmente ficava na província de São Paulo, sendo contemporaneamente um bairro da cidade.



Neste mareio acampamento? - Os famintos: o rancheiro. A Madalena: dinheiro. Os parvos: seu alimento”. Este texto acaba por complementar a gravura, que não conta com maiores informações dos oficiais envolvidos ou maiores detalhes. Contudo, uma parte nos chama a atenção, ao chamar as mulheres de “Madalena”, mais uma vez valendo-se de personagens bíblicos para criar comparações. A ideia de Agostini é criticar os acampamentos de voluntários que, enquanto a guerra ocorria, tornavam-se fonte de entretenimento para os soldados, tendo um tom extremamente crítico focando-se sobretudo nos oficiais, que exerciam papel de liderança no conflito.

Na imagem a seguir, realmente uma vista geral do acampamento (Figura 74), Agostini apresenta em tom mais sério e condizente com as vistas apresentadas na imprensa. A partir da gravura, temos a dimensão de como era o local, mostrado através de uma perspectiva panorâmica, com alguns soldados e mulheres postados, auxiliando na dimensão de escala da imagem. Na parte central, mais alinhado à margem direita da imagem, temos o que é possivelmente as barracas dos oficiais, constando uma bandeira na parte superior, possivelmente sendo a do império.

Neste caso de Água-Branca, torna-se interessante ver como Agostini joga com a jocosidade e com a seriedade em duas imagens distintas que revelam vistas de um mesmo local, mas com perspectivas completamente diferentes, apresentando o exterior do acampamento e o interior de uma barraca, dando uma dimensão aproximada do que realmente poderia acontecer nesses assentamentos de voluntários, constantemente retratados como grandes heróis da pátria, visão que até o próprio Agostini corroboraria ao longo de sua produção visual.



As delícias de Capua na vista interior de uma barraca de oficial no acampamento d'Agua-Branca.

**Figura 73:** As delícias da Capua ou vista interior de uma barraca de oficial no acampamento d'Água-Branca. **Diabo Coxo**, 30 de julho de 1865, série 2, n. 2.



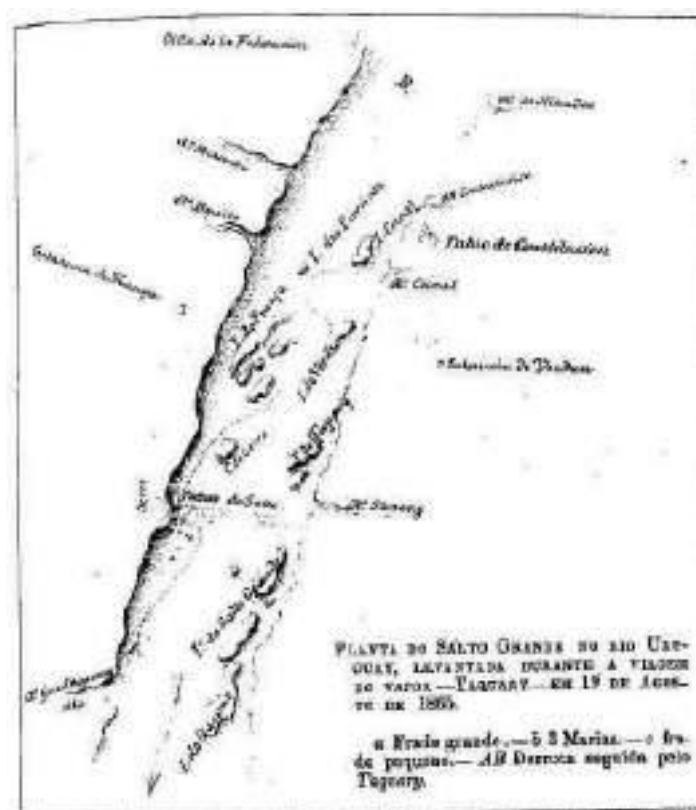
O acampamento d'Agua-Branca.

**Figura 74:** O acampamento d'Água Branca. **Diabo Coxo**, 30 de julho de 1865, série 2, n. 2.

Algo comum na cobertura da *Semana Ilustrada*, d'*A Vida Fluminense* e em alguns outros periódicos ilustrados, eram as representações de esquemas e mapas sobre as guerras. Na ocasião abaixo, no dia 19 de novembro de 1865, o periódico apresenta uma planta da região do Salto Grande, no rio Uruguai (Figura 75). Como nos mostra a legenda,

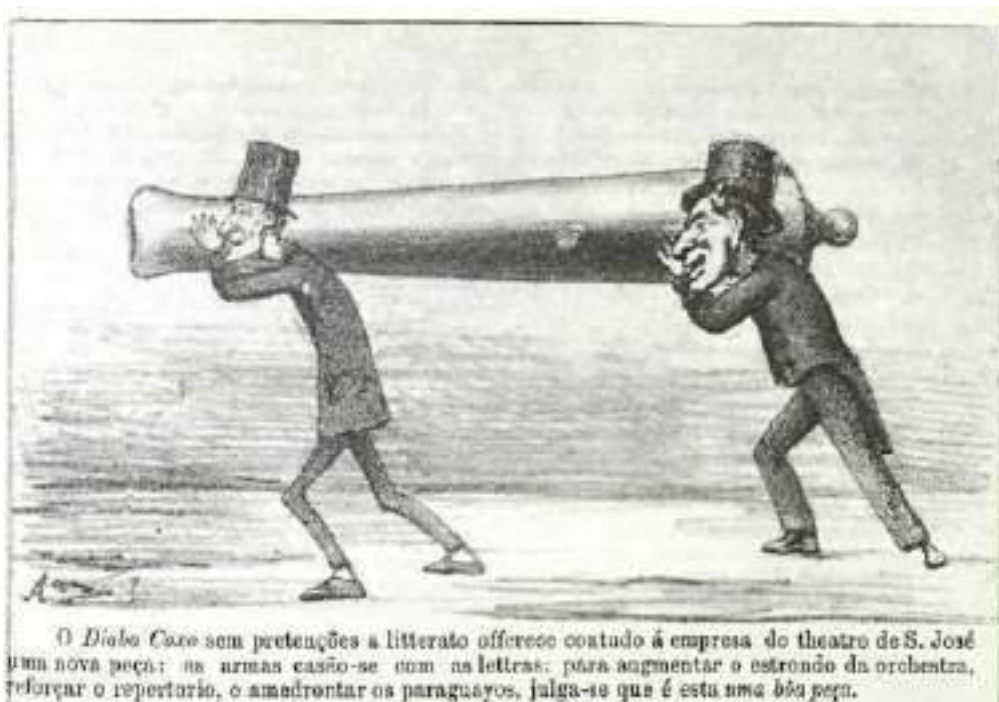
esta representação foi levantada durante a viagem do vapor *Taquary* em 19 de agosto de 1865 para esta localização. Na imagem, percebemos o trajeto do vapor, representado por uma linha pontilhada. Esse tipo de informação levava um alto nível de detalhamento das campanhas brasileiras no Sul, de forma que o público estivesse cada vez mais aproximado dos acontecimentos.

As gravuras davam finalmente contornos ao que anteriormente era apenas lido, modificando a relação da população com as imagens, revolucionando assim toda a cultura visual da época. Essas informações eram enviadas do Sul por soldados, diplomatas brasileiros e outros representantes do Império que, por cartas, faziam chegar as informações nas redações da capital da Corte.



**Figura 75:** Planta do Salto Grande no rio Uruguai, levantada durante a viagem do vapor – *Taquary* – em 19 de agosto de 1865. A – Frade grande. B – 3 Marias. C – frade pequeno. AB – Derrota seguida pelo *Taquary*. *Semana Ilustrada*, 19 de novembro de 1865, n. 258.

Em 12 de agosto de 1865, o *Diabo Coxo* aparece junto com seu companheiro, o Sr. Thomaz, carregando uma peça de canhão ao teatro de S. José (Figura 76). Contudo, ao contrário do uso bélico, esta arma une-se às letras para “aumentar o estrondo da orquestra, reforçar o repertório, e amedrontar os paraguaios”, sendo esta uma boa peça, seja em batalha ou no acompanhamento do rufar dos tambores no teatro.



**Figura 76:** O *Diabo Coxo* sem pretensões a litterato oferece contudo a empresa do teatro de S. José uma nova peça: as armas casam-se com as letras: para aumentar o estrondo da orchestra, reforçar o repertorio, e amedrontar os paraguayos, julga-se que é esta uma boa peça. *Diabo Coxo*, 12 de agosto de 1865, série 2, n. 4.

Um dos personagens conhecidos por enviar informações visuais do *front* era o 1º tenente da armada, Antonio Luiz von Hoonholtz. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que a *Semana Illustrada*, através de Fleiuss e sua equipe, tinha boas relações com a monarquia e as forças armadas, algo que fica explícito não só através de sua vasta cobertura do conflito, estampando quase que em todas as edições novas informações da guerra, mas também ao explicitar alguns de seus enviados, os exaltando como na gravura abaixo. Nela, somos apresentados a von Hoonholtz, conhecido posteriormente como Barão de Teffé.

Na publicação, o desenho de Fleiuss ressalta a importância de von Hoonholtz, que envia seus desenhos para a redação, sendo eles publicados nas páginas da *Semana*. Na imagem, provavelmente traduzida de uma fotografia e com um fundo criado, somos apresentados ao 1º tenente em posição altiva, como se estivesse posando, mas dentro da canhoneira *Araguary* (Figura 77). No entanto, em diversos momentos, os desenhos recebidos do Sul e apresentados nos periódicos nem sempre deram os devidos créditos aos responsáveis, algo muito comum na imprensa daquele período, que parecia não ter grandes preocupações em citar ou não suas fontes. Outros desenhos de von Hoonholtz foram devidamente creditados a ele, mas outros tantos não foram, algo que foi

previamente levantado na pesquisa de Joaquim Marçal Ferreira de Andrade (2011) ao tratar a fotorreportagem no periódico de Fleiuss e companhia.



**Figura 77:** Antonio Luiz von Hoonholtz. 1º tenente da armada; comandante da canhoneira Araguay, e desenhista dos importantes quadros, que se publicam na *Semana*. *Semana Illustrada*, 10 de setembro de 1865, n. 248.

No dia 1º de outubro de 1865, a *Semana Illustrada*<sup>51</sup> apresenta em sua sessão “Novidades da semana” diversos suplícios da população brasileira. Em um deles é o “Suplício dos mato-grossenses”, que retrata o cenário após os soldados brasileiros repelirem os paraguaios de Corumbá e Coimbra. O relato mostra que a população local sofre com a fome, não tendo bois, tampouco sal para o tempero, custando um “boi cansado” 200\$ e o sal 100\$, um valor alto para tais produtos. Porém, além da questão de subsistência dos mato-grossenses, há uma “questão teológica” levantada, faltando uma “matéria prima para um sacramento importante”, estando a população local ameaçada por uma “geração pagã” por não haver sal para o batismo. O escritor conclui ainda que esta população passa por um duplo suplício: o de estômago e de consciência, mostrando a *Semana Illustrada* o seu posicionamento católico para seus leitores.

No próximo número, no dia 8 de outubro de 1865, a *Semana* apresenta duas gravuras, apresentando dois personagens em momentos distintos, mostrando “se é mais

<sup>51</sup> *Semana Illustrada*, 1 de outubro de 1865, n. 251.

nobre sofrer as delícias de um baile ou tomar armas contra um mar de infortúnios” (Figura 78). Na primeira imagem, observamos um homem cortejando uma mulher em um baile na corte, ao passo que na segunda, temos um soldado centralizado em meio à batalha, segurando o pavilhão brasileiro. Ambos estão atrás de diferentes conquistas, parafrazeando uma citação do Ato III, Cena I, de *Hamlet*, obra de William Shakespeare, escrita entre 1599 e 1601: “Ser ou não ser, eis a questão: O que é mais nobre para o espírito? *Sofrer os dardos e as setas de um ultrajante fardo, ou tomar armas contra um mar de calamidades*, para pôr lhes fim, resistindo?”. Esta passagem, juntamente das gravuras, mostra um pouco do *zeitgeist*, ou seja, o espírito da época, onde uma sociedade patriarcal comparava as os cenários dos bailes com os campos de batalha, sendo a conquista, tal como a própria produção literária da época, pautada no Romantismo francês.



**Figura 78:** As conquistas. Na corte. Se é mais nobre sofrer as delícias de um baile ou na campanha. Tomar armas contra um mar de infortúnios (Shakespeare – Hamlet). *Semana Ilustrada*, 8 de outubro de 1865, n. 252.

## 2.5. A Guarda Nacional e os voluntários “involuntários”

Com a guerra se iniciando, o Brasil e a futura Tríplice Aliança ainda não tinham um sólido contingente de soldados, estando completamente despreparados para uma guerra. Para se ter uma dimensão, somadas, as forças militares do Brasil, Argentina e Uruguai eram muito menores que as do Paraguai. A Argentina tinha aproximadamente 8500 soldados e um esquadrão naval de quatro vapores e um goleta, uma escuna de



pequeno porte. Já o Uruguai entrou na guerra com menos de dois mil homens, sem nenhuma marinha. Já o Brasil, contava com 16 mil soldados, que majoritariamente estavam localizados na região Sul (Scheina, 2003, p. 133).

Os primeiros soldados a partirem do Brasil, saíram logo no final de 1864, do Rio de Janeiro, ato demonstrado na capa da *Semana Ilustrada* de 1º de janeiro de 1865. Na gravura, o Dr. Semana, o Moleque e o povo despedem-se dos barcos que rumam ao Sul, para intervir nas questões do Prata e contra o Paraguai (Figura 79). “*Delenda Paraguai*”, era uma frase comumente utilizada ao falar da campanha, traduzindo do latim “destrutível, delével, apagável” Paraguai. Ainda sem preparo, estava o Brasil iniciando a se movimentar contra Solano Lopez.



**Figura 79:** O EMBARQUE DOS SOLDADOS PARA O SUL. – Adeus, bravos soldados! Parti galhardamente e voltai coroados de glória! *Semana Ilustrada*, 1 de janeiro de 1865. N. 212.

Desta forma, o Imperador D. Pedro II a expediu dois decretos: a convocação da Guarda Nacional no dia 21 de janeiro de 1865, feita de acordo com os artigos 117 e 118 da lei nº 602, de 1850, sendo mais acolhida nas províncias da Bahia, Pernambuco, Maranhão e Rio de Janeiro, onde a guarda já estava bem instaurada (Duarte, 1983) e o decreto nº 3.371<sup>52</sup>, de 7 de janeiro de 1865, que decretava a criação do corpo de Voluntários da Pátria, no qual ele foi o primeiro voluntário.

<sup>52</sup> Decreto nº 3.371, de 7 de janeiro de 1865. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3371-7-janeiro-1865-554492-publicacaooriginal-73111-pe.html>. Acessado dia 30/01/2023.

Segundo Ricardo Salles (2003, p.38), estima-se que cerca de 146000 brasileiros lutaram na guerra, dentre eles cerca de 56000 Voluntários da Pátria e 60000 Guardas Nacionais. Somam-se a eles sendo 10000 militares do exército estacionados em território uruguaio em 1864, 2050 que estavam no Mato Grosso, 8570 ex-escravizados que foram libertados para comporem o esforço de guerra e 9177 marinheiros. No Brasil ficaram destacados 18 mil Guardas Nacionais para defender o território de eventuais riscos.

Contextualizando, a Guarda Nacional, foi uma força paramilitar organizada por lei no Brasil em agosto de 1831, durante o período regencial. Tendo caráter civil, ela era subordinada apenas aos Juízes de Paz, aos Juízes Criminais, aos presidentes de Província e ao Ministro da Justiça (Ribeiro, 2001). Contudo, o único cenário em que a Guarda Nacional faria parte da estrutura militar de 1ª linha, era nos períodos de guerra, sendo destacados para atuarem juntamente do Exército, que foi justamente o caso ocorrido na guerra contra o Paraguai. Durante o conflito, a guarda continha “440972 homens, subordinados a 239 comandos superiores, sendo 48 607 na cavalaria, 6474 na artilharia, 310585 na infantaria e. na reserva, 75306 (Doratioto, 2002, p. 112-113)”. Todavia, esse número não representava necessariamente força militar, pois os soldados mal tinham preparo, sendo este cargo mais ligado a serviços parapoliciais internos do que a funções de defesa. Em boa parte das províncias a cota de soldados não foi preenchida por conta desta resistência dos homens em cumprirem o chamado imperial.

Por conta disso, diversos guardas enviaram substitutos em seu lugar, devido a uma prática regulamentada no decreto 3509, de 12 de setembro de 1865, onde era possível estabelecer esse tipo de contrato (Nabuco, 1899). No entanto, essa substituição só era possível para guardas que tivessem recursos financeiros. O substituto teria o compromisso de servir por 9 anos na Guarda Nacional, estando dispensado do serviço militar. Além disso, o contrato estabelecia que toda pessoa substituída seria responsável por seu substituto durante um ano, em caso de deserção (Doratioto, 2002, p. 113). Por conta dessas substituições e outros atos de alistamento da Guarda Nacional, Agostini logo tratou de caçar dos batalhões formados (Figura 80), em charge veiculada em 31 de dezembro de 1865, onde apresenta alguns soldados maltrapilhos, descalços, idosos e até mesmo sem parte de uma perna, demonstrando como os locais na província de São Paulo valiam-se de mecanismos para se esquivarem do alistamento.





**Figura 80:** Espécimen dos designados da Guarda Nacional. **Diabo Coxo**, 31 de dezembro de 1865, série 2, n. 12.

Ainda sobre os substitutos, em duas ocasiões Agostini apresentaria, agora n' *O Cabrião*, críticas sobre a questão. Na primeira imagem (Figura 81), tempos Pipelet, escudeiro do Cabrião, criando arapucas para apanhar substitutos, os comparando com pássaros prestes a cair em uma armadilha – algo endossado pela gravura e seu tom satírico para tratar um tema sério. Ao lado de Pipelet, encontram-se diversos sacos de dinheiro, remetendo a prática de pagar aos substitutos para tomarem o lugar no esforço de guerra, escancarando mais uma vez a desigualdade da sociedade brasileira naquele período.

Já na segunda gravura (Figura 82), temos um leilão de substitutos afiançados, que mostra, mais uma vez, que até na empreitada da substituição na guerra haviam pessoas a lucrar com a questão dos recrutamentos, feitos de maneira extremamente arbitrária, atendendo interesses de representantes do Estado na província de São Paulo. Desta forma, Agostini utilizou-se de seus desenhos para criticar problemas que estavam nítidos a toda a gente da região, chamando a atenção das autoridades locais, que se viam criticadas e expostas através dessas denúncias.



—Que diabo de tramoia é essa Pipelet?  
 —Estou apanhando pássaro para o meu viveiro de substitutos. É tempo da designação dos guardas, e eu preparo-me para enriquecer.  
 —Enriquecer como? Estes dedos?  
 —A cousa é simples, apanha-se o sujeitinho por uma tutaméia e depois impinge-se a substituição por três ou quatro tantos mais ao filado, que tem a conta ao pescoço que safar-se nem se dá, embora fiquem os anéis.  
 —Mas, como se faz isso? Isso é uma infâmia!  
 —Não se sabe! O tal pregador de moral, muito alto, muito magro e um pouco feio, que conhecemos bem, fez muita cousinha neste gosto, ganhou muitos bons cobres e ninguém por isso o meteu no CHILINDRÓ”.

**Figura 81:** “– Que diabo de tramoia é essa Pipelet? – Estou apanhando pássaro para o meu viveiro de substitutos. É tempo da designação dos guardas, e eu preparo-me para enriquecer. – Enriquecer como? Estás doudo? – A cousa é simples, apanha-se o sujeitinho por uma tutaméia e depois impinge-se a substituição por três ou quatro tantos mais ao filado, que tem a conta ao pescoço que safar-se com os dedos, embora fiquem os anéis. – Mas, com os trezentos! Isso é uma infâmia! – Isso lá não sei! O tal pregador de moral, muito alto, muito magro e um pouco feio, que conhecemos bem, fez muita cousinha neste gosto, ganhou muitos bons cobres e ninguém por isso o meteu no CHILINDRÓ”. **O Cabrião**, 18 de novembro de 1866, n. 8.



Um conto de réis! Um conto de réis! Um conto de réis! Não há mais quem lance!  
 Um conto de réis! Eu luto. Um conto de réis! Uma, duas, três. Pam!...

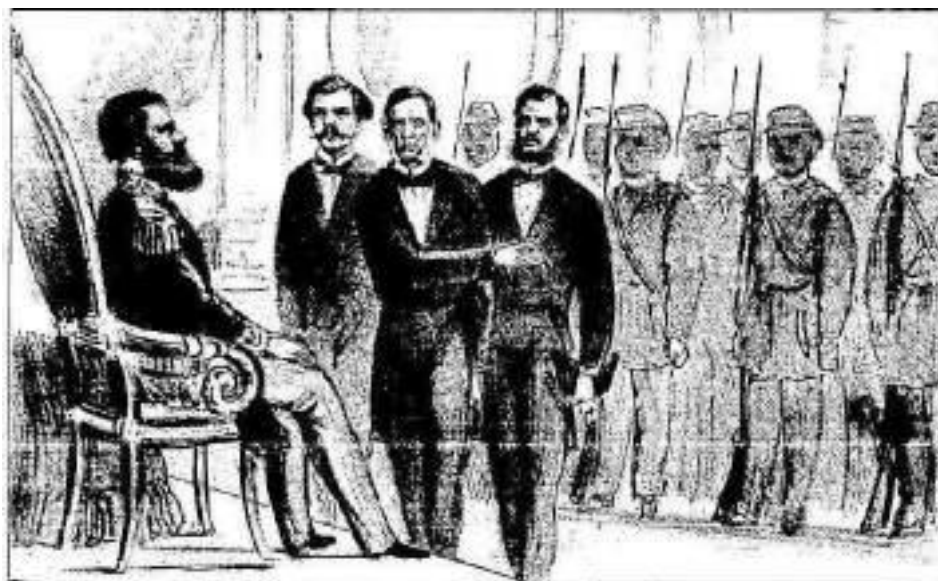
**Figura 82:** Leilão de substitutos. “Um conto de réis! Um conto de réis! Um conto de réis! Não há mais quem lance! Um conto de réis! Eu bato. Um conto de réis! Uma, duas, três. Pam!”. **O Cabrião**, 2 de dezembro de 1866, n. 10.

Não obstante, era comum que pessoas economicamente mais favorecidas, como José de Souza Breves, Mathias Rôxo e seus filhos Augusto e Frederico, libertassem seus escravizados e os enviassem fardados para a guerra, figurando em páginas de periódicos como a *Semana Illustrada* como grandes exemplos de cidadãos, cujo “atos tão patrióticos não se comentam, aplaudem-se” (Figuras 83 e 84). Este tipo de alistamento em troca de liberdade também auxiliou a engrossar os batalhões brasileiros durante o conflito, sendo sempre vistos como atos heroicos dos senhores, atos esses ligados também a questões financeiras, pois neste período, com as diversas leis contra o tráfico, aumentava substancialmente o preço da mão-de-obra escravizada.



**Figura 83:** O cidadão José de Souza Breves, que, depois de ter a dignatária da Rosa por importantes donativos feitos ao Estado, acaba de libertar mais dez escravos e oferece-los, fardados, para a defesa do país. Atos tão patrióticos não se comentam, aplaudem-se. **Semana Illustrada**, 20 de janeiro de 1867, n.

319.



O comendador Mathias Rôxo e seus filhos Augusto e Frederico, fazem de seus escravos cidadãos e dos cidadãos soldados. O coração do Imperador e a voz da pátria, os apontam como exemplo a seguir.

**Figura 84:** O comendador Mathias Rôxo e seus filhos Augusto e Frederico, fazem de seus escravos cidadãos e dos cidadãos soldados. O coração do Imperador e a voz da pátria, os apontam como exemplo a seguir. *Semana Ilustrada*, 23 de dezembro de 1866, n. 315.

Segundo Francisco Doratioto (2002, p. 114-118), o Império teve dificuldade em mandar soldados da Guarda Nacional para o Sul, tendo sido esta falta suprida pelo decreto dos Voluntários da Pátria. Neste corpo, poderiam se alistar, por livre vontade, cidadãos entre dezoito e cinquenta anos. Como estímulo para o alistamento, o Império oferecia além do soldo normal recebido pelos soldados das forças regulares, de \$500 réis diários, uma gratificação de 300 mil réis, recebida ao darem baixa no findar da guerra. Além disso, os Voluntários teriam acesso a terras em diversas colônias militares e agrícolas existentes pelo Brasil, totalizando 49500 m<sup>2</sup>.

Os voluntários também tinham a garantia de receber promoções por bravura e meio soldo em caso de invalidez. Já em caso de morte, uma pensão no mesmo valor ficaria para algum herdeiro indicado. Vale ressaltar que em agosto de 1865, essas vantagens se estenderam aos soldados da Guarda Nacional presentes no teatro da guerra, representado um aumento de meio soldo. Esses benefícios demonstravam a grande carência de soldados, onde os cidadãos geralmente eram relutantes à ideia de ir para o campo de batalha. A elite, representada através da Guarda Nacional era a que mais resistia a essa ideia. No setor popular, ocorreu inicialmente um entusiasmo patriótico, alistando-se cerca de 10000 voluntários, quantidade suficiente para o governo, que suspendeu o recrutamento da Guarda Nacional.

Neste ponto do alistamento, vale ressaltar o papel do Norte e do Nordeste. Como exemplo, a Bahia, que teve um considerável número de voluntários, lotando quartéis e outros edifícios públicos de Salvador, tendo uma parte destes homens sido recusador por ordem do governo imperial, embora esta medida tenha sido difícil de ser colocada em prática por conta da pressão popular. Outro ponto relevante advindo da população baiana na guerra foram as doações para o esforço bélico, que chegaram a 200000\$000. O primeiro contingente baiano chegara ao Rio de Janeiro próximo do dia 24 de setembro de 1865, sendo anunciado na *Semana Illustrada* (Figura 85): “São todos homens robustos, dispostos, ardentes de encarar os inimigos e honrar o nome brasileiro. O Dr. Semana dá um abraço apertado em todos esses bravos, a que profetisa muitas coroas de glória!<sup>53</sup>”. Desta forma, o povo baiano foi homenageado em algumas gravuras, sendo a alegoria da província uma mulher coroada.



A Bahia a seus filhos.  
— Ide, meus filhos —, esta capela cingirá os vivos, as minhas orações acompanharão os mortos: o mortos ou vivos, e Brasil espera, e eu mando, que cada um de vós cumpra o seu dever. *Semana Illustrada*, 5 de novembro de 1865, n. 256.

**Figura 85:** A Bahia a seus filhos. – Ide, meus filhos –, esta capela cingirá os vivos, as minhas orações acompanharão os mortos: o mortos ou vivos, e Brasil espera, e eu mando, que cada um de vós cumpra o seu dever. *Semana Illustrada*, 5 de novembro de 1865, n. 256.

<sup>53</sup> *Semana Illustrada*, 24 de setembro de 1865, n. 250.

Sobre os soldados voluntários da Bahia, em 7 de outubro de 1866, a *Semana Illustrada* anunciava novamente o envio de novas remessas de tropas para o teatro de guerra, exaltando novamente os feitos do povo baiano não só para soldados, mas para o mercado e a vida política brasileira:

Partiu há dias um batalhão baiano, porque a Bahia, depois de ter ocupado tão brilhante lugar na primeira leva, quis logo adiantar-se às suas nobres irmãs sendo a primeira a reunir novas tropas.  
Um viva à Bahia!  
Já se reparou no que vale esta província?  
Desde as mais pequenas coisas, a Bahia manda-nos tudo. Os cocos, os doces, as laranjas, as mercadorias das ditas, são remessas baianas.  
Quer-se então soldados? A Bahia dá-nos ministros, e da primeira ordem<sup>54</sup>.

Por fim, em 1867, mais uma vez a Bahia surge, agora cumprimentando a alegoria do Brasil (Figura 86), ornada de vestes que remetem aos povos originários, acompanhada de um poema que exalta a chegada de mais 500 soldados ao Rio de Janeiro, que seguem partindo para os campos de batalha no Sul, honrando a “pátria história” e também aos seus “ilustres avós”. Ao fundo da gravura, percebemos um vapor aportado, remetendo o embarque dos soldados, enquanto no primeiro plano, as duas alegorias conversam sob o olhar de um pássaro.



Ardeando em patriotismo,  
A sobre, invicta Bahia,  
Para a sangrenta guerra,  
Traz mais quinhentos heróis.

E diz: « O' patria, corcho-en!  
Manda-os no campo da gloria!  
Honrando a patria historia,  
Honrando illustres avós!

<sup>54</sup> *Semana Illustrada*, 7 de outubro de 1866, n. 304



**Figura 86:** Ardendo em patriotismo, a nobre, invicta, Bahia. Para a sangrenta porfia, traz mais quinhentos heróis. E diz: “Ó pátria recebe-os! Manda-os ao campo da glória! Honrarão a pátria história, honrando ilustres avós!”. **Semana Illustrada**, 28 de abril de 1867, n. 333.

Já em Pernambuco, alistaram-se 1300 homens. Esse alto número de voluntários se deu muito provavelmente por estes homens acreditarem que a guerra duraria pouco, sendo esta uma oportunidade de se melhorar de vida por conta das vantagens oferecidas. Por conta deste acontecimento, *A Semana Illustrada* expõe em sua capa (Figura 87) uma alegoria desta província em primeiro plano, reiterada pelo brasão com os dizeres “Província de Pernambuco”, saudando os soldados que vão em direção a um navio a vapor. Ao seu lado, situa-se uma coruja pousada sobre o que parece ser a coroa do imperador, remetendo a presença monárquica na região e a uma questão de sabedoria. Os leões do norte, citados na legenda da gravura, remetem ao apelido dado ao povo pernambucano devido ao Leão neerlandês desenhado no escudo de armas de João Mauricio de Nassau.



Eia leões do norte! Sús a guerra! Esqueçam-se queixas e dolorosas feridas! Do passado lembrem-nos apenas das nossas glórias. Voemos, pernambucanos, em defesa da terra que é berço comum de nós todos. Vamos levar a nossos irmãos do Sul sangue e braços! À guerra!

**Figura 87:** Eia leões do norte! Sús a guerra! Esqueçam-se queixas e dolorosas feridas! Do passado lembrem-nos apenas das nossas glórias. Voemos, pernambucanos, em defesa da terra que é berço comum de nós todos. Vamos levar a nossos irmãos do Sul sangue e braços! À guerra! **Semana Illustrada**, 23 de abril de 1865, n. 228.

Por último, em 1866, a *Semana Illustrada* reúne as vinte províncias de um “império de gigantes”, cumprimentando-se e demonstrando a união entre diferentes partes de um país de proporções continentais (Figura 88). Sobre esta imagem, podemos refletir que os esforços do Império através das artes e da imprensa em criar uma unidade

nacional com base na guerra foi uma ideia viável e inteligente, sobretudo em um momento no qual o povo via-se agredido com as invasões paraguaias no Mato Grosso e no Rio Grande do Sul. Essa ideia, de utilizar-se das artes visuais para criar uma possível identidade da nação, remete muito ao que Napoleão Bonaparte executava ao longo das chamadas guerras napoleônicas, em que seu governo se valia de momentos de glória e de união para demarcar e criar uma identidade francesa através das pinturas históricas e gravuras.



**Figura 88:** Unidas, vinte províncias, de um império de gigantes. *Semana Illustrada*, 14 de outubro de 1866, n. 305.

Contudo, Doratioto (2002, p. 114-118) afirma que parte dos voluntários abriram mão dos benefícios, lutando em prol do país em uma demonstração de patriotismo. Estes dados são encontrados nos relatórios do Ministério da Guerra de 1865 e 1866<sup>55</sup>, que apresentam também doações financeiras de instituições e particulares para custear as

<sup>55</sup> Boa parte dos relatórios está disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/relatorio-ministerio-guerra/720950>. Acessado dia 30/01/2023.



despesas dos Voluntários da Pátria. Esse esforço inicial se deu por conta do sentimento de agressão sentido por grande parte da população brasileira naquele momento.

A imagem a seguir mostra o 1º Batalhão de Voluntários da Pátria partindo do Rio de Janeiro (Figura 89), misturando civis e militares em uma narrativa de despedida, com queques ao alto, mãos acenando e um vapor, que seguirá seu rumo ao Sul. Em meio a esse amalgama de pessoas, observamos o pavilhão do império hasteado na parte central, sendo carregado pelo corpo de soldados, que se encontra organizadamente perfilado, destoando da desordem popular ao seu redor.



**Figura 89:** Adeuses e embarque do 1º batalhão de voluntários do Rio de Janeiro. Leva-os, ó mar. A glória. Espera-os. Não se abate. Quem compra com seu sangue o louro da vitória. E vai tranquilo à morte e vai rindo ao combate. **Semana Ilustrada**, 12 de março de 1865, n. 231.

Uma grande parcela dos Voluntários da Pátria, por vir de uma região quente, sofreu ao chegar no *front*, encontrando um ambiente completamente diferente, com um frio intenso no inverno. Sem vestimentas adequadas, cerca de 400 soldados advindos do Pará morreram de frio. Outro aspecto levantado brevemente por Doratioto é a questão da alimentação dos soldados, com os hábitos de ingerir carne fresca e, principalmente, água de fontes variadas, propícias para gerarem problemas de saúde nas tropas. No exemplo abaixo (Figura 90), temos os voluntários do Ceará sendo retratados em banquetes após as

futuras vitórias em Humaitá, Assunção e o retorno ao Ceará, onde Fleiuss utiliza o nome do estado como verbo no futuro do presente.



**Figura 90:** OS VOLUNTÁRIOS DO CEARÁ. No grande banquete da coragem e galhardia do exército brasileiro nos campos do Paraguai o Ceará almoçará em Humaitá glória, jantará em Assunção vitórias e ceará coroas de louros em CEARÁ! *Semana Ilustrada*, 7 de maio de 1865, n. 230.

Contudo, o processo de alistamento foi arbitrário, sendo abordado por Angelo Agostini em seu período em São Paulo. Gilberto Maringoni, um dos biógrafos do desenhista, alega que questões como os recrutamentos violentos, o retorno de soldados mutilados, as mortes ocorridas no *front* e diversas consequências da guerra foram os pontos mais abordados pelo artista. Todavia, embora crítico a esta série de acontecimentos, ele era favorável à vitória ante o Paraguai (Maringoni, 2011, p. 56-57).

*O Cabrião*, assim como outros periódicos, tinha como objetivo demonizar a figura de Francisco Solano Lopez. Contudo, o fazia de forma menos maniqueísta (Maringoni, 2011, p. 58) – algo que mudaria em sua cobertura n’*A Vida Fluminense*.

Embora a cobertura da *Semana Ilustrada* fosse muito menos crítica ao sistema de alistamento militar, a publicação teceu uma crítica discreta através de uma gravura, que relata o diálogo de dois homens em uma mesa de café, alegando que um homem havia sido preso para ser voluntário (Figura 91). Desta forma, o aprisionamento de pessoas para serem levadas de maneira forçada para o *front* era também acontecia na Corte. Contudo, Fleiuss e sua equipe não abordaram mais detalhes deste acontecimento, tampouco tocavam no assunto com frequência, ao contrário do que fazia Agostini.

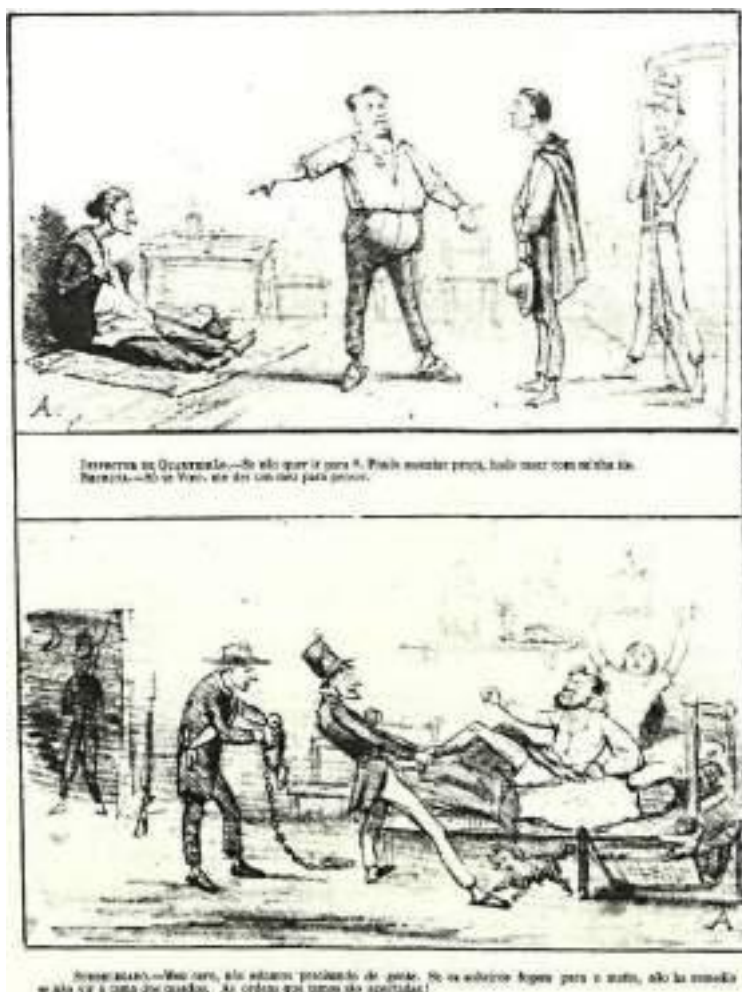


**Figura 91:** – Que fim levou o Juca? – Pois não sabes? O Pimentel prendeu-o para voluntario. **Semana Illustrada**, 5 de fevereiro de 1865, n. 217.

Agostini também aproveitaria posteriormente para denunciar a situação a partir de sua perspectiva satírica. Em 23 de dezembro de 1866, *O Cabrião* apresentava duas gravuras em conjunto (Figura 92), trazendo a questão do alistamento através de um favor incomum, em que o inspetor de quartirão paulista oferece uma saída para o possível recrutado de não ir ao conflito, casando-se com sua tia, uma mulher de muito mais idade do que o recruta. No quadro a seguir, um homem, já casado e, portanto, protegido pela ordem das leis de alistamento, é arrastado de sua cama pelos pés, onde encontra-se deitado com sua esposa. Assim, o comportamento do soldado é reforçado pelo subdelegado que diz que “Se os solteiros fogem para o mato, não há remédio se não vir à cama dos casados. As ordens que temos são apertadas!”, mostrando que as constantes fugas do povo da província de São Paulo e outras localidades criava a necessidade de se procurar homens com laços matrimoniais, que acreditavam estar amparados pela terceira colocação do artigo 121, da lei nº 602 de 19 de setembro de 1850<sup>56</sup>, que colocava homens casados em situação favorável.

---

<sup>56</sup> Lei nº 602 de 19 de setembro de 1850. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-602-19-setembro-1850-559843-publicacaooriginal-82255-pl.html#:~:text=Art.,das%20Pra%C3%A7as%2C%20Fronteiras%20e%20Costas.> Acessado dia 05/02/2023.



**Figura 92:** “INSPECTOR DE QUARTEIRÃO – Se não quer ir pra S. Paulo assentar praça, há de casar com minha tia. RECRUTA – Só se Vmc. Me der um mês pra pensar. SUBDELEGADO – Meu caro, nós estamos precisando de gente. Se os solteiros fogem para o mato, não há remédio se não vir à cama dos casados. As ordens que temos são apertadas!”. **O Cabrião**, 23 de dezembro de 1866, n. 13.

Já no dia 19 de fevereiro de 1865, a *Semana* veiculara uma imagem retratando a despedida dos Voluntários da Pátria de seus familiares (Figura 93), em uma cena carregada de expressões de tristeza, onde soldados e familiares dão o último adeus antes de irem para o conflito. No canto superior direito, observamos a bandeira do império brasileiro, ao passo que, logo abaixo, quase que fora do plano, uma menina carrega uma bandeira branca, símbolo universal da paz. Esta cena, de pura inocência, distancia-se de todo o drama onde jovens soldados ajoelham-se em prantos diante de suas famílias temendo nunca mais os ver novamente, fardo este esperado por todo soldado que parte para a guerra. Por fim, vale ressaltar que, mesmo com toda a cena de tristeza, a legenda da imagem busca também exaltar a questão do chamado da “honra nacional”, sendo estes homens responsáveis pela pátria nunca correr perigo.



**OS VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA.**  
 Despedindo-se de pais, de mães, e de noivas, correm de todas as partes do Império os Voluntários para onde os chama a honra nacional. A vitória os precede, há de agrinaldar-lhes as frentes. Abençoada pelas que deixam e pela pátria, com tais corações, nunca poderá ela correr perigo.

**Figura 93:** OS VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA. Despedindo-se de pais, de mães, e de noivas, correm de todas as partes do Império os Voluntários para onde os chama a honra nacional. A vitória os precede, há de agrinaldar-lhes as frentes. Abençoada pelas que deixam e pela pátria, com tais corações, nunca poderá ela correr perigo. *Semana Illustrada*, 19 de fevereiro de 1865, n. 219.

Seguindo um tom mais sério, outras imagens remetendo a despedidas também foram divulgadas em 1865. Uma delas apresenta a despedida dos soldados pertencentes ao 5º batalhão de Voluntários da Pátria, composto pela Guarda Nacional do Rio de Janeiro e pelo 1º Batalhão de Fuzileiros de Niterói, que estiveram temporariamente estacionados no Rio Grande do Sul (Figura 94). Na gravura, dividida por soldados de um lado e a população local, representada por mulheres com vestidos longos e coroas de flores na direita e, na esquerda, o corpo de soldados perfilados e em posição de “sentido”, encontram-se na despedida, ao passo que o pavilhão brasileiro posto em uma lança juntamente de uma faixa com os seguintes dizeres “A cidade do Rio Grande – Ao Vº batalhão de Voluntários”, situa-se na parte central unindo estes componentes.

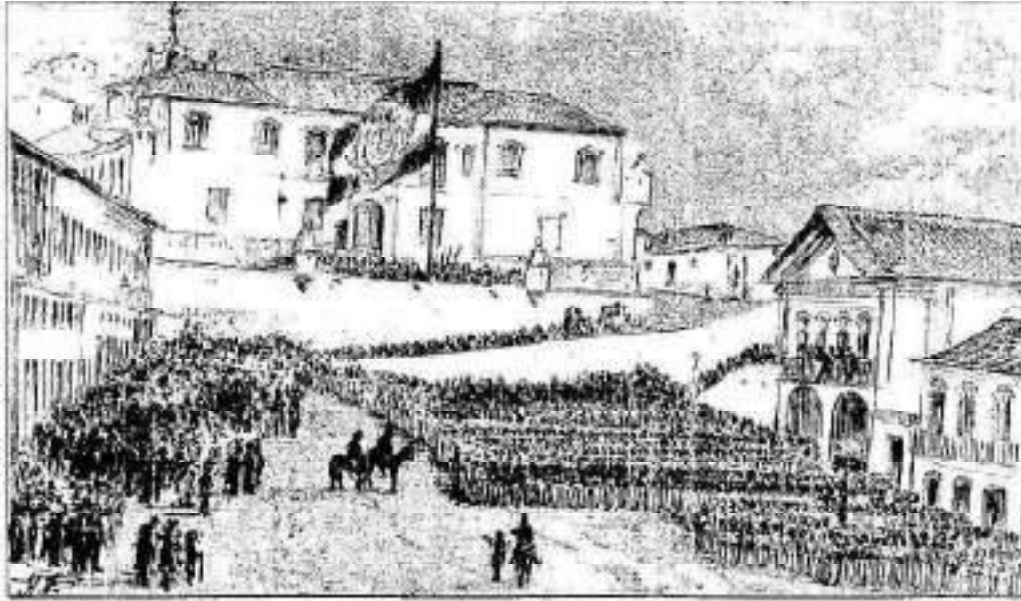


**A despedida do 5º batalhão de voluntários da pátria no Rio Grande do Sul.**  
 A população da cidade do Rio Grande do Sul, apreciando no mais elevado grau o procedimento nobre e digno que teve o 5º batalhão de voluntários da pátria, durante o tempo que ali estacionou; oferece-lhe este simples emblema, como um testemunho sincero do seu reconhecimento e dirige este fraternal adeus, partido dos seios d'alma, repassado de saudades e esperanças.  
 Um dos bravos do batalhão de voluntários da pátria!

**Figura 94:** A despedida do 5º batalhão de voluntários da pátria no Rio Grande do Sul. A população da cidade do Rio Grande do Sul, apreciando no mais elevado grau o procedimento nobre e digno que teve o 5º batalhão de voluntários da pátria, durante o tempo que ali estacionou; oferece-lhe este simples emblema, como um testemunho sincero do seu reconhecimento e dirige este fraternal adeus, partido dos seios d'alma, repassado de saudades e esperanças. Vivam os bravos do 5º batalhão de voluntários da pátria! *Semana Illustrada*, 7 de maio de 1865, n. 230.

A imagem a seguir (Figura 95) mostra a partida da primeira brigada, de Ouro Preto, liderada pelo coronel Galvão. Contudo, ao contrário dos grupos citados acima, estes soldados rumam ao Mato Grosso, região que se encontrava sob o controle paraguaio. Na gravura, baseada em fotografia tirada do natural, os soldados encontram-se centralizados na Praça da Independência, conhecida atualmente como Praça Tiradentes, um dos principais pontos turísticos da cidade, nomeada assim em 1894, após a construção do Monumento em homenagem a Tiradentes. Porém, é possível de se perceber que a construção ao fundo, o atual Museu da Inconfidência, antigo prédio da onde funcionava a Casa de Câmara e Cadeia, estava com suas características físicas diferentes da contemporaneidade, como é possível de se observar na imagem. Por fim, na legenda, é assinalada que a fotografia chegou à redação da *Semana Illustrada* através de doação do Sr. José Maria da Silva Paranhos Junior, que posteriormente se tornaria o Barão de Rio Branco. Na época, o filho do Visconde do Rio Branco – diplomata responsável por parte das relações internacionais no Sul, tendo inclusive participado das negociações no conflito no Uruguai – iniciava carreira nas letras (Pereira, 2012, p. 19-27), sendo um dos informantes do periódico de Fleiuss e companhia.





SAÍDA DA PRIMEIRA BRIGADA, AO MUNDO DO OESTE GALTAS, DE OUTRO LADO PARA MATO-GROSSO.  
(Fotografia do natural, enviada obsequiosamente pelo Sr. José Maria da Silva Paranhos Junior).

**Figura 95:** Partida da primeira brigada, ao mando do coronel Galvão, de Ouro Preto para Mato-Grosso. (Fotografia do natural, enviada obsequiosamente pelo Sr. José Maria da Silva Paranhos Junior). **Semana Ilustrada**, 9 de julho de 1865, n. 239.

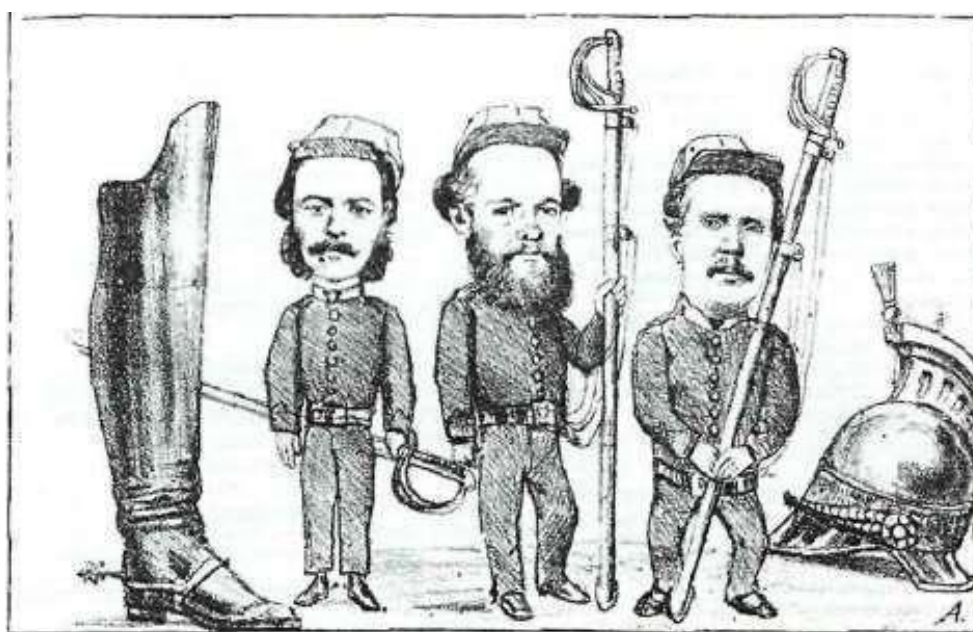
Utilizando-se de um tom mais heroico, Angelo Agostini estampa em sua narrativa Belona, deusa da guerra na mitologia romana, guiando o 7º batalhão de Voluntários da Pátria, das províncias de São Paulo e Paraná, perfilados em marcha rumo ao Sul (Figura 96). Como já foi dito anteriormente, por mais que as gravuras de Agostini tivessem um tom jocoso e crítico ao alistamento forçado, ele também ressaltava seu apoio aos homens que realmente se voluntariassem ao conflito, se posicionando favoravelmente ao conflito, mas sem deixar de criticar os problemas observados na província de São Paulo.



Belona faz voltar o 7º Batalhão de voluntários e os guia à victoria nos campos do Sul.

**Figura 96:** Belona faz voltar o 7º Batalhão de Voluntários e os guia à vitória nos campos do Sul. **Diabo Coxo**, 30 de julho de 1865, série 2, n. 2.

No número 9 de 1865<sup>57</sup>, o *Diabo Coxo* mostra a espécie de voluntários que irá compor o corpo dos *cent gardes* (cem guardas), no país descoberto por Gulliver, personagem do romance satírico de Jonathan Swift (Figura 97). Este protagonista era um médico inglês, cirurgião em navios comerciais, que após alguns naufrágios aportou em lugares estranhos, sendo a metáfora perfeita para os soldados brasileiros que iriam adentrar o território paraguaio, uma terra de gigantes desconhecidos. A imagem retrata os soldados segurando espadas maiores que eles mesmos, ao lado de uma grande bota e um capacete, dando a dimensão diminuta de Gulliver aos brasileiros. Essa forma de retratar os brasileiros também remete ao cenário de despreparo das forças armadas.



Specimen de voluntarios para o novo regimento dos «Cent gardes», que vão formar-se n'um país descoberto por Gulliver.

**Figura 97:** “Espécimen de voluntários para o novo regimento dos ‘Cent gardes’, que vão formar-se n’um país descoberto por Gulliver”. **Diabo Coxo**, sem data, 1865, série 1, n. 9.

Contando também com a veia satírica em meio ao caos da guerra, a *Semana* costumava relatar algumas cenas familiares ligadas aos homens que se voluntariavam para o conflito. Nestas ocasiões, observamos personagens fictícios fugindo de seus compromissos matrimoniais utilizando-se do pretexto da guerra. Na primeira gravura (Figura 98), o soldado sorri e diz para a esposa que vai ser voluntário para se ver livre dela. Na segunda (Figura 99), o homem foge da mulher, entregando-a ao diabo ou a quem quiser, indo se voluntariar. Por fim, a última (Figura 100) mostra um casal conversando,

<sup>57</sup> Não é possível precisar a data de publicação do periódico, que não consta oficialmente em suas páginas.



onde o homem diz que decidiu se alistar, surpreendendo a esposa, que chama o ato julga o ato como extravagante. Assim, o personagem a responde que tomou a decisão para mostra-la que também tem vontade, mais uma vez colocando o casamento como algo negativo, onde o homem não exerce seus desejos. Este tipo de humor, datado e comum nas gravuras dos periódicos da segunda metade do século XIX, aparece em vários outros momentos.



O VOLUNTARIO OBRIGADO.  
— Vou ser voluntario para vêr-me livre de ti, meu bem.

**Figura 98:** O VOLUNTARIO OBRIGADO – Vou ser voluntario para ver-me livre de ti, meu bem. *Semana Illustrada*, 26 de fevereiro de 1865, n. 220.



FATO HISTÓRICO.  
— Estou casado: agora leve o diabo, ou quem quiser, a minha mulher: VOU SER VOLUNTARIO.

**Figura 99:** FATO HISTÓRICO. – Estou casado: agora leve o diabo, ou quem quiser, a minha mulher: VOU SER VOLUNTÁRIO. *Semana Illustrada*, 26 de março de 1865, n. 224.



**Figura 100:** – Sabe, minha senhora, que acabo de alistar-me como voluntario? – O que te levou a semelhante extravagancia? – O desejo de mostrar-te, que também devo ter vontade. **Semana Illustrada**, 12 de março de 1865, n. 222.

Em uma cena em três quadros (Figura 101), a *Semana Illustrada* apresenta um outro lado do casamento, onde casais consentem em casar-se justamente para que o homem fuja da obrigatoriedade do alistamento militar, que tinha uma ordem de chamada que colocava os homens casados entre os últimos a serem chamados. Segundo o artigo 121, da lei nº 602 de 19 de setembro de 1850<sup>58</sup>, responsável pela nova formação da Guarda Nacional:

Se o número de voluntários não for suficiente para completar o contingente exigido, serão designados os Guardas que hão de fazer parte dos Corpos destacados dentre os compreendidos na lista do serviço ativo, que não estiverem dispensados em virtude desta Lei, classificando-se todos na ordem seguinte: **1º. Os solteiros, 2º. Os viúvos sem filhos, 3º. Os casados sem filhos, 4º Os casados com filhos, 5º Os viúvos com filhos** (grifos nossos).

Contudo, nenhuma dessas classes citadas estava isenta de ser chamada, com exceção dos amparados pelos artigos 14 e 15 da lei acima citada. Eram estes:

Art. 14. Serão dispensados de todo o serviço da Guarda Nacional, não obstante acharem-se alistados, quando voluntariamente se não prestem: 1º Os Deputados a Assembleia Geral Legislativa, e os Membros das Assembleias Provinciais.

<sup>58</sup> Lei nº 602 de 19 de setembro de 1850. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-602-19-setembro-1850-559843-publicacaooriginal-82255-pl.html#:~:text=Art.,das%20Pra%C3%A7as%20Fronteiras%20e%20Costas.> Acessado dia 05/02/2023.

2º Os Juizes de Órfãos, Promotores Públicos, e Inspetores de Quarteirão.

3º Os Professores, e os Estudantes matriculados nos Cursos Jurídicos, Escolas de Medicina, Seminários Episcopais, e outras Academias, ou Escolas públicas, com tanto que efetivamente as frequentem.

A mesma isenção poderá o Governo conceder a bem dos Colégios, ou Escolas particulares, que lhe parecerem dignos dela.

4º As pessoas efetivamente empregadas no serviço interno dos Hospitais, e outros Estabelecimentos de Caridade, podendo o Governo limitar o número das dispensadas quando seja excessivo.

5º Os Officiaes Honorários do Exército e do Corpo de Municipais permanentes da Côrte, os das extintas Milicias que não vencerem soldo, os de Ordenanças, e os da Guarda de Honra, que não tiverem legalmente perdido assuas Patentes, bem como os Guardas de Honra, salvo o caso previsto no Art. 56 da presente Lei.

Art. 15. Serão dispensados do serviço ativo, não obstante pertencerem à lista respectiva, quando voluntariamente se não prestem:

1º Os Vereadores efetivos das Câmaras Municipais durante o quadriênio, e os seus Suplentes em quanto os substituírem.

2º Os Empregados das Administrações e Agencias dos Correios nas Cidades e Villas.

3º O proprietário, ou um administrador, ou feitor de cada fábrica, ou fazenda rural, que contiver 20 ou mais trabalhadores efetivamente empregados.

4º Um vaqueiro, capataz, ou feitor de cada fazenda de gado, que produzir 50 ou mais crias anualmente.

5º Até três caixeiros de cada uma casa de comercial nacional ou estrangeira, conforme a sua importância.



Scenas da roça.

— Sr. Antonio, está recrutado.  
— Deixem-me, Sr. Antonio, que modo é esse?  
— Há de casar comigo.  
— Mece está mangando, não quero.  
— Há de casar, senão recrutam-me a mim para me matarem a tiro na guerra. Quer que eu morra, meu bem?  
— Então nesse caso, caso.  
— Não se esqueça a tiro na guerra. Quer que eu morra, meu bem?  
— Não se esqueça a tiro na guerra.

— Prima Josepha, empresta-me o seu vestido para ir casar-me amanhã!  
— Ele deve estar um pouco amarrotado porque no dia que eu casei, emprestei-o à vizinha Quiteria, depois à Joaninha, depois à Chica Farinha, à Maricas do Brejo, à Paulina e às três filhas da vizinha Porciúncula.  
— É de um filho da vizinha Porciúncula.

— Vocemê há de casar comigo sinhá Chica.  
— Como! Eu! Tão velha e com dez filhos e mece tão moço.  
— É por isso mesmo: casando-me com mece fico pai de dez filhos, e tenho isenção de recrutamento.

**Figura 101:** Cenas da roça. – Sra. Anninha, está recrutada. – Deixe-me, Sr. Antonio, que modo é esse? – Há de casar comigo. – Mece está mangando, não quero. – Há de casar, senão recrutam-me a mim para me matarem a tiro na guerra. Quer que eu morra, meu bem? – Então nesse caso, caso. – Prima Josepha, empresta-me o seu vestido para ir casar-me amanhã? – Ele deve estar um pouco amarrotado porque no dia que eu casei, emprestei-o à vizinha Quiteria, depois à Joaninha, depois à Chica Farinha, à Maricas do Brejo, à Paulina e às três filhas da vizinha Porciúncula. – Vosmecê há de casar comigo sinhá Chica. – Como! Eu! Tão velha e com dez filhos e mece tão moço. – É por isso mesmo: casando-me com mece fico pai de dez filhos, e tenho isenção de recrutamento. **Semana Illustrada**, 26 de março de 1865, n. 224.

Desta forma, cada um dos casos citados, os homens beneficiam-se do casamento como forma de fugir do alistamento em um primeiro momento, sobretudo o último, que se aproveitará para tornar-se “pai de dez filhos”.

Em cena semelhante, intitulada “Recrutamento forçado” (Figura 102), somos apresentados a um homem, sendo provavelmente o recrutador, por conta de suas vestimentas, e uma mulher, posicionados de maneira lateral. Contudo, só conseguimos compreender a totalidade do contexto através da legenda, que traz uma fala do recrutador, dizendo que uma terceira pessoa, provavelmente o marido desta mulher, foi salvo justamente pela estrutura do recrutamento, dizendo que ele “havia de ser uma boa ponta de fileira. Mas a *corda* o salvou”, referenciando assim o matrimônio entre ambos.



**Figura 102:** RECRUTAMENTO FORÇADO. Recrutador: - É pena que este sujeito não possa ser recrutado: havia de ser uma boa ponta de fileira. Mas a corda o salvou. **Semana Ilustrada**, 27 de agosto de 1865, N. 246.

E seguindo as representações de questões familiares e de despedidas, no dia 7 de maio de 1865, Fleiuss narra um diálogo de três mulheres (Figura 103), que dialogam sobre as partidas dos parceiros de uma delas, alegando que ela ainda tem vários outros. Como resposta, ela alega que o amor dela é tamanho, que o “coração é capaz de abranger um batalhão inteiro de voluntários de Cupido”. Este tipo de conteúdo dá continuidade ao que foi visto acima, refletindo a percepção de uma sociedade extremamente patriarcal, em uma concepção completamente machista que corrobora com a distinção dos papéis de gênero.



**Figura 103:** – Choras então porque o Alfredo e o Pedro foram-se embora? Não te restam ainda o Julio, o Guilherme e o Carlos? – Que queres?... O meu amor é tamanho, que o meu coração é capaz de abranger um batalhão inteiro de voluntários de Cupido. *Semana Illustrada*, 7 de maio de 1865, n. 230.

Após satirizar e exaltar a ida dos soldados ao front, a *Semana Illustrada* reforçou seu posicionamento favorável à monarquia e ao esforço de guerra abordando a questão do recrutamento, ressaltando sua necessidade para vencer a guerra. No trecho, de 20 de agosto de 1865, intitulado “O recrutamento”<sup>59</sup>, o periódico reforça que considera o recrutamento de soldados um meio legal do qual o “governo serve-se para engrossar as fileiras do exército e obrigar o patriotismo tardo e egoístico a pagar o necessário e imperioso tributo de sangue, que os voluntários, sem a menor coação, estão pagando (...)”. Seguindo sua linha editorial, a *Semana* segue exaltando aspectos como o amor à pátria, “primeira das virtudes cívicas e origem de todas as outras”, deve vir de forma espontânea, ressaltando mais uma vez a necessidade de o governo utilizar-se de tal método, visto que muitos homens se colocaram a fugir ou a se resguardar do chamamento, tal como foi observado nas gravuras acima.

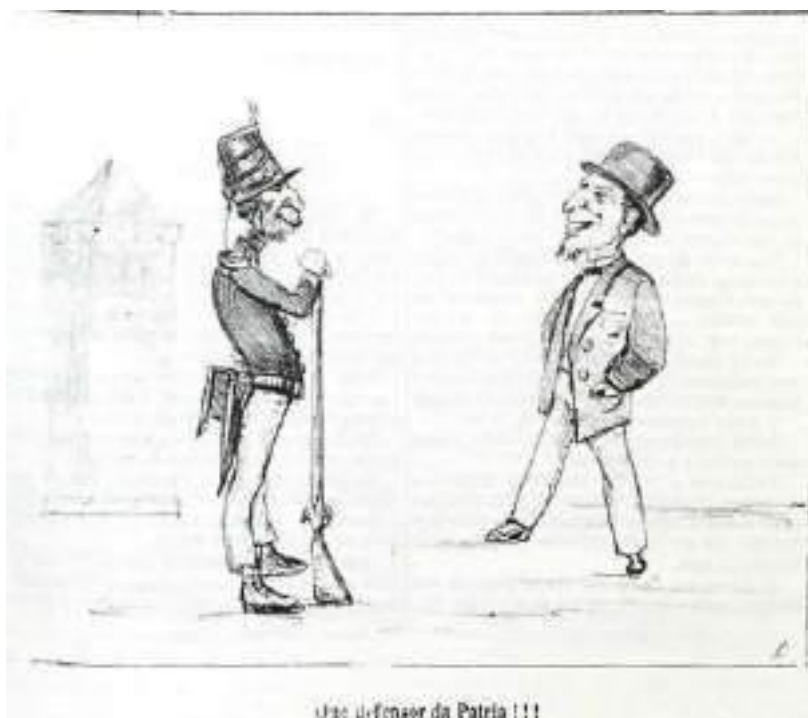
Logo em sequência, na mesma edição, narra algumas cenas de recrutamento, alegando que os encarregados de tal tarefa “têm feito algumas pequenas violências da natureza das que são próprias do ato”, e trata novamente de se colocar como favorável, mesmo que nestas circunstâncias, “legal sem dúvida sobretudo nos tempos atuais (1865)”. Em uma destas cenas, narradas textualmente, um recrutador aborda um homem trajado de preto, mas “com uma volta ao pescoço indicativa de que era pelo menos um clérigo de ordens menores”, algo não percebido pelo embargante, que solicitou ao possível recruta

<sup>59</sup> *Semana Illustrada*, 20 de agosto de 1865, n. 245.

os documentos de isenção do trabalho militar. Prontamente, o homem de preto o responde, retirando o chapéu em um cumprimento, “mostrando-lhe no alto da cabeça a mais redonda e tonsurada coroa de padre, que tem saído das navalhas do Sr. Ferreira, da rua Quitanda”. Tal situação causou constrangimento ao recrutador, que segundo a folha “ficou sem tugar nem mugir”.

Esta condição de alistamento feita por uma abordagem severa, se dava por conta da evasão dos homens em condição e idade de voluntariar-se, que quando não fugiam, utilizavam-se dos meios prescritos na lei para irem para a parte de trás da fila. No caso do padre, ele já era um dos isentos de se apresentar. Contudo, pela desatenção do embargante, não percebeu as vestes do eclesiástico, criando uma situação de mal estar.

O *Diabo Coxo*, por sua vez, ironiza a situação do alistamento na província de São Paulo (Figura 104), colocando seu protagonista diante de um dos voluntários angariados ao longo do processo, aparentando ter muito mais idade do que era permitido, ou seja, maior de 18, e menor de 60 anos. A legenda ainda aumenta a ironia ao desenho, com o Diabo e seu sorriso caricato exclamando: “que defensor da Pátria!!!”.



**Figura 104:** “Que defensor da Pátria!!!”. **Diabo Coxo**, sem data, 1865, série 1, n. 10.

A abordagem do alistamento defendida pela *Semana Illustrada*, toma formas ainda mais autoritárias na província de São Paulo, onde *O Cabrião* de 2 de dezembro de 1866, teceu duras críticas à forma violenta cujo ele era feito:

Recrutamento - *O Cabrião* vota pelo recrutamento, porque deseja a honrosa terminação da guerra. **Mas não vota pela violação das leis,**

**pelos despotismos cometidos e pela laqueação da boa-fé com que o exmo. Governo transmite suas ordens** (grifo nosso). O cinismo tem chegado ao ponto de recrutar-se um indivíduo duas vezes, depois de ter ele apresentado sua isenção legal! Outros têm sido perseguidos dentro do asilo do cidadão, outros...<sup>60</sup>

Tal como o periódico da Corte, *O Cabrião* também era a favor do recrutamento, mas desde que este não violasse as leis, agindo de má-fé com os populares, alegando que erros como, por exemplo, o recrutamento do mesmo indivíduo por duas vezes, mesmo apresentando sua isenção do serviço. E, tal como narrado na gravura acima, há a denúncia de que alguns homens estavam sendo perseguidos dentro do asilo e em outros lugares, dando as reticências que findam texto, margem para o leitor interpretar os exageros dos embargantes paulistas.

E, corroborando com a informação, Angelo Agostini veiculou diversas gravuras com cenas de alistamento forçado, chamando os homens capturados de “voluntários involuntários”, mostrando como tais personagens eram levados coercitivamente, sendo praticamente caçados, tal como a legenda da imagem abaixo explicita. Na cena abaixo (Figura 105), observamos homens armados carregando outros, os involuntários, algemados, de maneira brusca. Na linguagem corporal das figuras em primeiro plano, é possível perceber uma resistência para seguir ao alistamento, visto que o medo de ir ao conflito fez com que eles fugissem para o mato. A frase “Deus é grande, mas o mato é maior”, remete justamente a essas diversas fugas dos alistamentos, que atingia principalmente aos mais pobres e escravizados, cerca de 7 a 10% do contingente das tropas imperiais (Doratioto, 2002, p. 456-462).

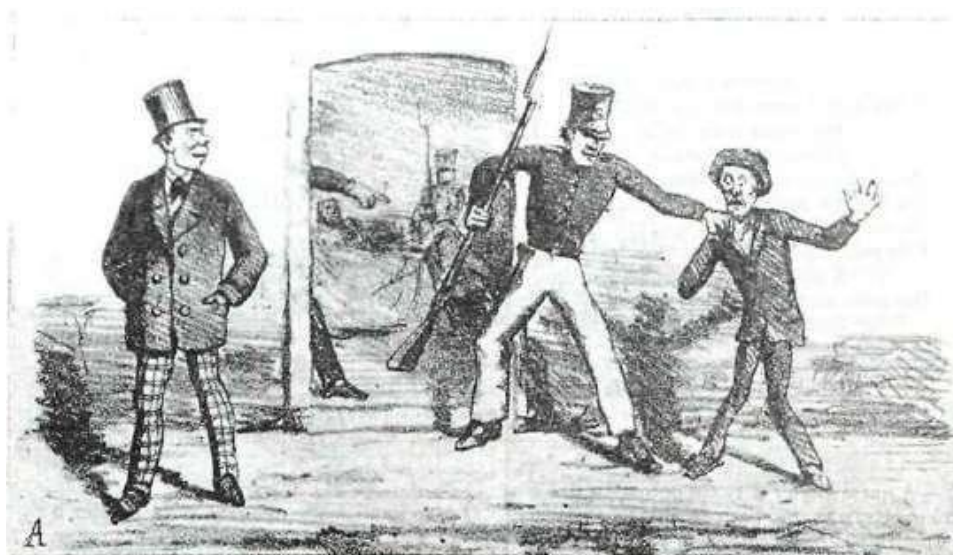


**Figura 105:** Caça de patriotas para Voluntários involuntários. *Diabo Coxo*, 3 de setembro de 1865, série 2, n. 7.

<sup>60</sup> *O Cabrião*, 2 de dezembro de 1866, n. 10.



Em outra cena do *Diabo Coxo*, observamos novamente a truculência do alistamento (Figura 106), apresentando a gravura um soldado armado pegando a força o “malandro”, ao passo que, logo na margem esquerda, um homem de vestes mais abastadas, robusto e com melhor aparência, assiste a cena, embora ambos ostentem porte para servir no conflito. A narrativa de Agostini busca mostrar a desigualdade no alistamento militar, onde os poderes locais parecem não entrar em divergência, beneficiando assim o homem “que mofa do governo e da lei”, considerado pelos responsáveis como “incapaz de servir”. Assim, percebe-se que a lógica do alistamento, apesar de contar com regras regidas pela letra da lei, era socialmente desigual, agindo favoravelmente em detrimento das elites, ficando tal afirmação explícita no uso do termo “malandro” para definir o personagem capturado, que transmite uma expressão de espanto e insatisfação com a situação.



—Marche para o quartel, snr. malandro.  
 —,Pelo amor de Deos, sr.; leve antes aquelle surrão de saude, que mofa do governo e da lei.  
 —Aquelle foi declarado incapaz de servir e v. mc. não.

**Figura 106:** “– Marche para o quartel, Snr. Malandro. – Pelo amor de Deus, sr.; leve antes aquele surrão de saúde, que mofa do governo e da lei. – Aquele foi declarado incapaz de servir e v. mc. não”. *Diabo Coxo*, 3 de setembro de 1865, série 2, n. 7.

Observados pelo *Diabo Coxo*, diversos recrutas são guiados a entrar na capital da província de São Paulo acorrentados entre si, com os soldados, montados ao fundo, os levando. Essa “cena liberal” (Figura 107), carrega consigo diversas questões. Primeiramente, ao prender os recrutas tal como fossem escravizados, os forçando a um destino incerto no front. O escândalo apontado pelo protagonista do periódico remete justamente a isso, ao nível em que chegou o processo de alistamento, que mais parecia uma verdadeira caça. Outro ponto forte da imagem é que dos personagens levados



coercitivamente, apenas a mulher, que segue na dianteira do grupo, está sem as correntes e com um bebê em seu colo. Esta cena, ainda que fosse na província de São Paulo, corrobora com um trecho de Dionísio Cerqueira (1870, p. 99), militar participante do conflito que escreveu as *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, narrando diversas passagens do conflito em tom autobiográfico:

As enfermidades e os desastres nos iam levando camaradas e abrindo claros nas fileiras. Em compensação surgia, às vezes, um novo habitante para aumentar a população das *aldeias*. Não era muito raro ouvir à noite depois do toque de silêncio um vagido de criança, que nascia. Na manhã seguinte, fazia sua primeira marcha amarrada às costas de alguma china caridosa ou da própria mãe, que, com a cabeça envolvida num lenço vermelho, cavalgava magro *matungo*, cuja sela era uma barraca dobrada, presa ao lombo por uma *guasca*. Esses **filhos do regimento** (grifo nosso) criavam-se fortes e, livremente, cresciam nos acampamentos, espertinhos e vestidos de soldadinhos, com um gorro velho na cabeça e comendo a magra *boia* que com eles e a mães, repartiam os pais, brutais às vezes, mas quase sempre amorosos e bons.

Assim, podemos perceber que esta cena, embora não da mesma forma, tenha ocorrido também no *front*, com mulheres sempre presentes nas marchas acompanhando seus maridos ou familiares, embora não fossem permitidas de se alistar enquanto soldados, algo autorizado oficialmente apenas em 1980. Todavia, elas também aderiram ao voluntariado como enfermeiras, nos “hospitais de sangue”.

Mas, vale ressaltar também que, embora negligenciadas pela história, mulheres como Ana Néri, Jovita Feitosa, Maria Curupaiti, Florisbela e tantas outras foram essenciais para o esforço de guerra, tendo algumas delas inclusive pego em armas durante algumas batalhas, ao contrário do que a historiografia oficial alega, trazendo em seus números apenas os homens investidos no combate.



**Figura 107:** Entrada de recrutas na capital. Que escândalo...! **Diabo Coxo**, 15 de outubro de 1865, série 2, n. 11.

Parecendo dar continuidade a imagem anterior, o *Diabo Coxo* apresenta novamente uma gravura com homens acorrentados sendo conduzidos por um soldado, que alega aos “bárbaros” paraguaios que traz consigo “uma coorte de voluntários, para libertar-vos” (Figura 108). A ironia ao chamá-los de voluntários, juntamente com a brutalidade do açoite de um possível fugitivo dão um tom fortemente crítico a esta imagem, sobretudo se levarmos em consideração o uso do termo “bárbaros” para com os inimigos, sendo a própria forma coercitiva de levar homens ao *front* uma verdadeira barbaridade. Não obstante, estes homens presos por correntes são incumbidos de libertar os paraguaios, apresentando mais uma vez o uso da ironia para mostrar os excessos dos brasileiros na questão do voluntariado involuntário.

A imagem, assinada por Agostini, não só mostra a condição de uma parte dos soldados brasileiros na época, mas também da própria instituição escravocrata vigente no Brasil em 1865 (Figura 108). A essa situação, Agostini também constantemente tecia críticas, sendo um conhecido nome da causa, dedicando parte de suas produções sobre o conflito a condenar justamente as práticas de alistamento, que tinham como uma de suas bases a escravidão, que se encontrava imbricada na sociedade brasileira. Angelo Agostini tinha ligação com a Confederação Abolicionista, que o convidou a naturalizar-se brasileiro em 26 de agosto de 1888 (Balaban, 2009, p. 62-63), convite este prontamente aceito.

Desta forma, podemos observar ao longo da trajetória do gravurista que seus desenhos, mesmo que de forma indireta, faziam menção a questão escravocrata no Brasil, sendo as correntes, o açoite, a escolha de homens negros em momentos específicos uma escolha de sua parte para ressaltar as mazelas trazidas por esta cruel instituição à sociedade brasileira que, ao mesmo tempo que se defendia “civilizada”, buscava dar a alcunha de “bárbara” aos paraguaios e, simultaneamente mantinha um sistema de alistamento desigual e calcado na escravidão.



Barbaros paraguayos! Aquí vos trago una cohorte de voluntarios, para libertar-vos  
**Figura 108:** “Bárbaros paraguayos! Aquí vos trago uma coorte de voluntários, para libertar-vos”. **Diabo Coxo**, 31 de dezembro de 1865, série 2, n. 12.

A situação do alistamento voluntário e do assentamento dos Guardas Nacionais seguia ainda na imprensa ilustrada, apresentando ainda mais casos insólitos, como o da imagem abaixo, em que um homem “surdo, idiota e o que mais se vê”, é remetido de Bragança para assentar praça na capital paulista (Figura 109). Desta forma, o Cabrião mostra ao Pipelet a figura e sugere que o homem seja remetido para um museu, mas sem esquecer de agradecer adequadamente a que enviou “tão curioso presente”. Esse tipo de gravura segue sugerindo situações de desigualdade e de oportunismo, onde pessoas seguiam utilizando-se do poderio político e econômico para serem substituídas por quem não tivesse condições mínimas.



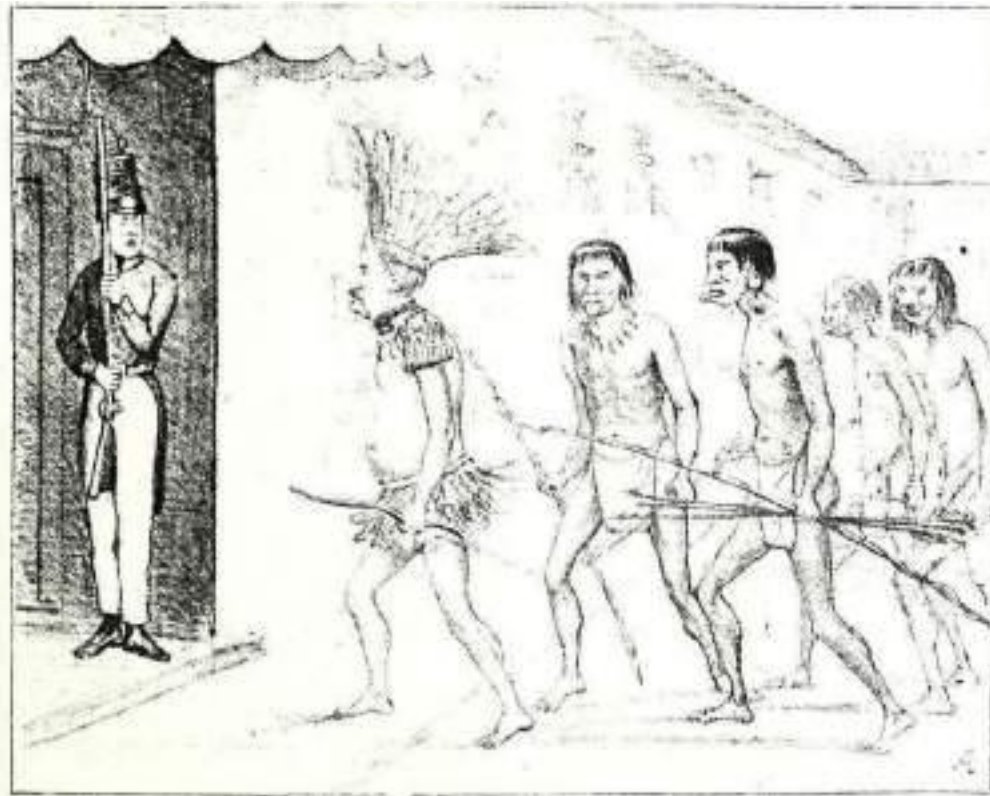
**Figura 109:** “É surdo, idiota e mais o que se vê; e apesar de tudo foi remetido de Bragança como guarda nacional designado para a guerra! Minha opinião é que seja antes enviado para o Museu, não esquecendo-se a Presidência de agradecer *comme il faut*, a quem mandou-lhe tão curioso presente”. *Guarda nacional. O Cabrião*, 9 de dezembro de 1866, n. 11.

Contudo, embora a questão do alistamento fosse duramente criticada por Agostini em seus periódicos, ele também defendia a questão do patriotismo de quem se alistasse de bom grado. No dia 16 de dezembro de 1866, na sessão “Gazetilha”, os responsáveis pelo *Cabrião* oferecem aos voluntários não quantias em dinheiro, como em outros lugares, mas duas coleções encadernadas de exemplares com imagens de quem desejasse ir ao conflito. Os editores do periódico estavam convencidos de que “esta oferta há de ser tão procurada, como os centos de mil réis que por aí se ofereceram a quem quiser servir voluntariamente<sup>61</sup>”. Desta forma, em meio a ironias, havia nos editores a questão patriótica de que através do voluntariado a guerra seria vencida.

No mesmo número, também foi apresentada a notícia de que, do interior da província de São Paulo vinham em marcha “mil e tantos índios, de diversas tribos, com o intuito de oferecer suas flexas e tacapes contra os paraguaios<sup>62</sup>”, algo endossado pela gravura abaixo (Figura 110). Nela, aparece o tenente-coronel dos Botocudos liderando outros indígenas para se alistarem na peleja contra os paraguaios, algo considerado pelos responsáveis d’*O Cabrião* como algo louvável e admirável, onde “o verdadeiro amor da pátria revela-se por fatos e não por meros palanfrorios e pedantescas patriotagens”.

<sup>61</sup> *O Cabrião*, 16 de dezembro de 1866, n. 12.

<sup>62</sup> *O Cabrião*, 16 de dezembro de 1866, n. 12.



O Tenente-Coronel dos Botocudos, à frente de um punhado de bravos, vem oferecer-se para marchar contra o Lopes. Desta vez o Paraguai leva o diabo!!... O Cabrião não tem palavras para louvar e admirar semelhante ato porque compreende muito bem, que o verdadeiro amor da pátria revela-se por FATOS e não por meros palanfrorios e pedantescas patriotagens.

**Figura 110:** O Tenente-Coronel dos Botocudos, à frente de um punhado de bravos, vem oferecer-se para marchar contra o Lopes. Desta vez o Paraguai leva o diabo!!... O Cabrião não tem palavras para louvar e admirar semelhante ato porque compreende muito bem, que o verdadeiro amor da pátria revela-se por FATOS e não por meros palanfrorios e pedantescas patriotagens. **O Cabrião**, 16 de dezembro de 1866, n. 12.

Agostini e companhia seguiam criticando a questão da continua e incessante busca por voluntários na província de São Paulo. Desta vez, o Cabrião é retratado dentro de uma fábrica de “braços para a guerra” (Figura 111). Crítico contumaz da situação, o personagem alega que esses braços antes deveriam ir para a agricultura, já que o esforço de guerra estava exigindo demais do povo local e nacional, alegando que a província precisava mesmo era de uma “boa cabeça” para reger a situação.





**Figura 111:** “– Pois não está vendo, Sr. Cabrião? Estamos fabricando braços para a guerra. – Santo Deus!... Antes fossem destinados para a agricultura. Já não necessitamos de braços para a guerra, exm. sr.: o que falta-nos é uma boa cabeça”. *O Cabrião*, 23 de dezembro de 1866, n. 13.

Contraditoriamente, meses depois, as páginas d’*O Cabrião* anunciavam as “forças para a guerra”: “La seguirão em diversas turmas, a engrossar fileiras do exército, seiscentos e tantos Paulistas! É mais uma prova de que a Província de S. Paulo não tem desmentido, como querem fazer crer alguns pessimistas, o seu passado glorioso<sup>63</sup>”. Ironicamente, Agostini criticava justamente os exageros no alistamento e até o excesso de homens destacados para assentar praça, algo demonstrado na gravura veiculada em 27 de março de 1867, com a grande bomba do decreto nº 3.809, do dia 13 de março de 1867<sup>64</sup>, que pedia mais 8 mil homens para a guerra (Figura 112):

Chama para o serviço de guerra mais 8.000 praças da Guarda Nacional do Município Neutro, das Capitais das diversas Províncias e Municípios a elas próximas.

Atendendo à urgente necessidade de aumentar as forças do nosso exército em operações contra o Governo do Paraguai, principalmente depois da retirada de grande parte do exército Argentino, motivada pelos últimos acontecimentos que perturbaram a paz de algumas Províncias da Confederação. (...) Detalhe das praças da Guarda Nacional com que tem de concorrer o Município Neutro e as diversas Províncias, na forma do Decreto nº 3809 de 13 de março de 1867 (...) **São Paulo: 500** (grifo nosso).

<sup>63</sup> *O Cabrião*, 6 de janeiro de 1867, n. 14.

<sup>64</sup> Decreto nº 3.811, do dia 13 de março de 1867. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3809-13-marco-1867-553947-publicacaooriginal-72286-pe.html>. Acessado dia 02/02/2023.

Contudo, como é possível perceber no fragmento acima, eram necessários para São Paulo 500 soldados, sendo o contingente total advindo deste e de mais 14 províncias e municípios neutros. De toda forma, São Paulo recentemente tinha enviado 600 homens para o *front*, sendo constantes os problemas relacionados ao alistamento e recrutamento.



Efeito produzido na Guarda Nacional de S. Paulo, pelo decreto de 13 do corrente mês, que pede mais 8,000 homens para a guerra.

**Figura 112:** Efeito produzido na Guarda Nacional de S. Paulo, pelo decreto de 13 do corrente mês, que pede mais 8,000 homens para a guerra. **O Cabrião**, 24 de março de 1867, n. 25.

Diante desta situação, em 5 de maio Agostini narrava a ida de um soldado rumo ao mato, ao invés de ir para a guerra. Na cena (Figura 113), o possível recruta, vendo-se diante de uma nova leva de homens para o esforço de guerra diz: “– Tem paciência, mulher: em tempo de guerra é preciso fazer sacrifícios, deixar a família.... e andar fugido pelo mato”. A fala claramente ironiza outras situações narradas por esses periódicos cujo as despedidas eram justamente pra ir para a guerra, e não para dela fugir, sendo esta uma forma de Angelo Agostino criticar novamente não só o alistamento, mas também a própria situação do Império, que incessantemente lançava ordens para suas províncias.



**Figura 113:** – Tem paciência, mulher: em tempo de guerra é preciso fazer sacrifícios, deixar a família... e andar fugido pelo mato. – Vamos! Vamos! Que a escolta não tarde!... **O Cabrião**, 5 de maio de 1867, n. 31.

Outra imagem satiriza a situação (Figura 114), alegando que “em razão do recrutamento, ainda veremos os homens metidos no mato/e os bichos habitando a cidade”, mostrando que a situação fazia com que a população masculina e até mesmo seus familiares fugissem para localizações remotas para evitar o recrutamento forçado.



**Figura 114:** Em razão do recrutamento ainda veremos os homens metidos no mato/E os bichos habitando a Cidade. **O Cabrião**, 15 de setembro de 1867, n. 49.

E, se não fugissem, os novos homens destacados para o Paraguai eram apresentados por Agostini no dia 26 de maio de 1867, como a “amostra dos últimos defensores da Pátria que foram agarrados, enfiados, e enviados para o teatro da guerra”. Na gravura (Figura 115), somos apresentados a diferentes tipos, todos eles com feições trágicas, sendo o objetivo do gravurista o de justamente mostrar o baixo nível dos homens recrutados diante de tais demandas excessivas da província e da Coroa. Diante desta situação, certamente o leitor se questionava na efetividade destes soldados diante dos inimigos, indo praticamente de encontro à morte.





**Figura 115:** Amostra dos últimos defensores da Pátria que foram agarrados, enfardados, e enviados para o teatro da guerra, para defenderem ali a honra nacional!!! Estamos asseados!!! **O Cabrião**, 26 de maio de 1867, n. 34.

Contudo, se não morressem, poderiam retornar para o Brasil. Todavia, em diversas ocasiões, os sobreviventes voltavam mutilados, como mostra a gravura abaixo (Figura 116). Nesta, um homem sem parte das pernas e um dos braços alega ao outro para não ter medo da guerra. Afinal de contas, assim como ele “lá nem todos morrem... não está vendo que estou de volta?”, utilizando-se da ironia a partir do infortúnio de diversos soldados que foram vitimados no conflito, como este exemplo.



**Figura 116:** Então, estás com medo de marchar para a guerra? Deixa-te de sustos! Lá nem todos morrem... não estás vendo que estou eu de volta? **O Cabrião**, 5 de maio de 1867, n. 31.

Em setembro de 1867 a situação de alistamentos forçados seguia duramente na província de São Paulo, levando aos responsáveis a irem atrás de quem estivesse fugido

para o mato. Assim, Agostini narra um homem rodando o laço, tal como se fosse apreender um animal, enquanto diversos homens correm ao fundo, desesperados e temendo serem laçados e, conseqüentemente, levados para o Paraguai (Figura 117). Essa era a perspectiva dos alistados, que se viam em uma situação de vulnerabilidade incontestável, já que os ataques vinham justamente do Estado que deveria protegê-los. Porém, Agostino mostrava em várias ocasiões que isso não acontecia. Neste ponto, devemos enfatizar a coragem do desenhista em criticar as autoridades locais de maneira tão direta, utilizando-se das ilustrações como armas críticas ao que estava acontecendo. Graças a vários de seus desenhos, enfatizando-se aqui suas denúncias, conseguimos capturar um pouco do *zeitgeist* dos anos de guerra, ainda que por sua perspectiva.

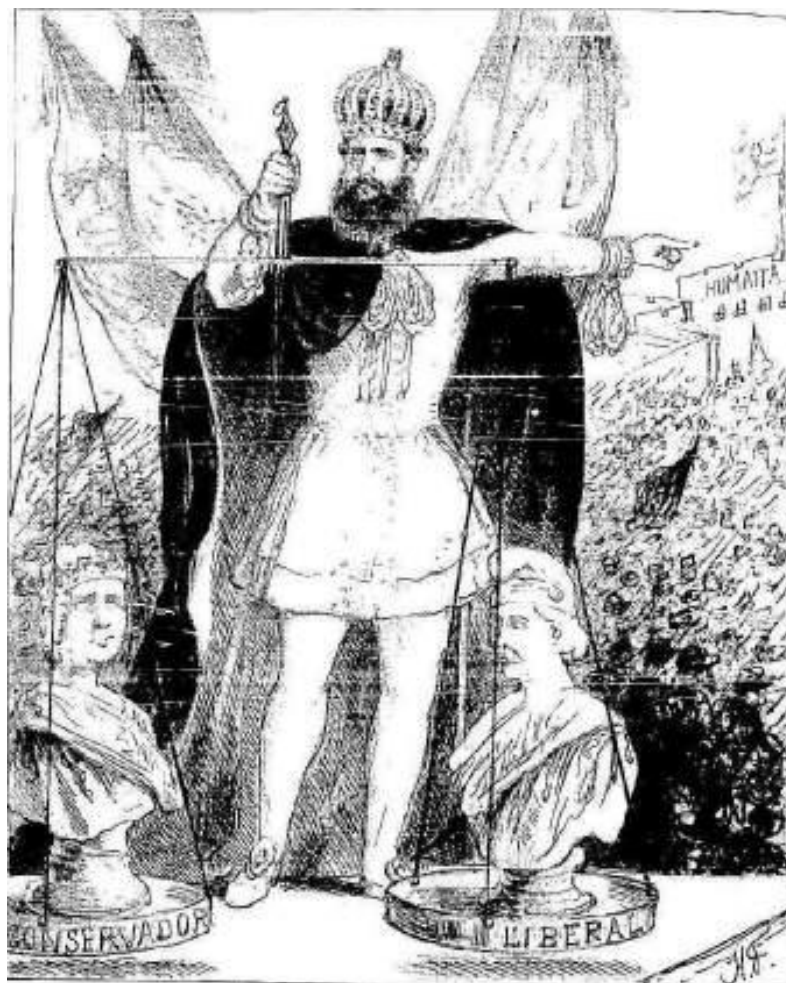


Ainda em comissão de arranjar voluntários para a guerra! ...

**Figura 117:** Ainda em comissão de arranjar voluntários para a guerra! *O Cabrião*, 22 de setembro de 1867, n. 50.

Por último, no dia 25 de junho de 1865, temos uma representação de D. Pedro II, carregando uma balança em suas mãos, com pesos iguais, representando conservadores e liberais, as principais forças políticas do período (Figura 118). Intitulada “Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil”, somos colocados diante de um juízo da brasilidade acima da política do período, que tinha influência direta na tomada de decisões do conflito. Na ocasião, o imperador brasileiro aponta em direção a fortaleza de Humaitá, bastião principal das defesas paraguaias, enquanto diversos soldados rumam em direção a ela, com o objetivo de tomá-la, feito consolidado três anos depois, em 1868. A gravura também clama ao povo brasileiro a luta contra o despotismo paraguaio, alegando que “quem não pugna pela honra da nação, é inimigo da pátria”. O pedido e a crítica são feitos em um período em que o alistamento forçado tomava cada vez mais força, aspecto este

ignorado pela gravura, que clamava a prontidão dos homens aptos para irem ao conflito defender a honra e a glória da dignidade nacional.

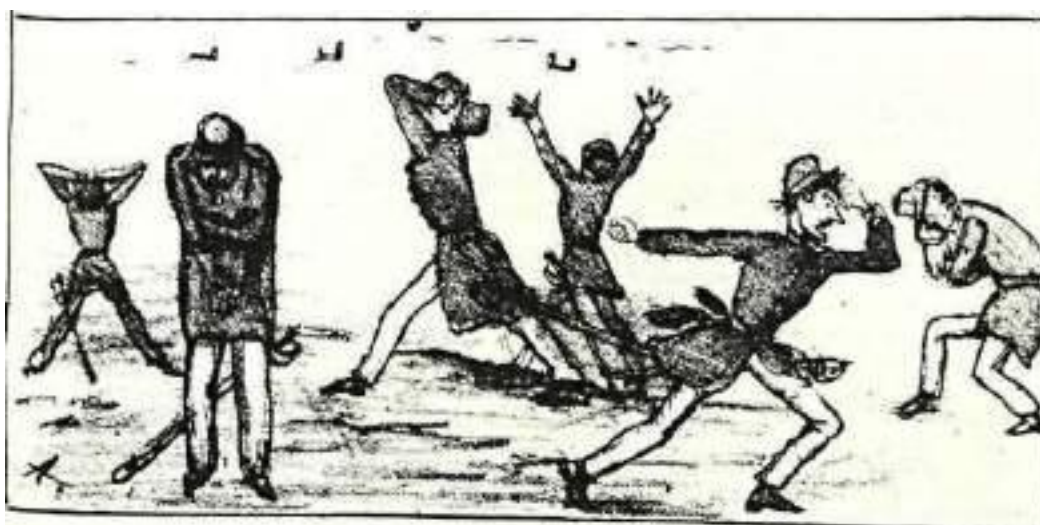


**Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil.**  
 Diante de um inimigo feroz, que invade nosso território, que cala nossos campos, que exerce toda a sorte de crueldades, não há, nem deve haver duas opiniões. Em face de um tirano, que envergonha a grande América meridional, as paixões nacionais desaparecem, ódios e rivalidades mesquinhas fundem-se em uma só aspiração: a Guerra ao Despotismo. Quem não pugna pela honra da nação, é inimigo da pátria, quem, em mente das hostes estrangeiras não abraça o adversário político, não ama o seu país, menospreza os laços da família e desconhece seus próprios interesses. Na balança do patriotismo, pesam igualmente em tais demonstrações as ideias divergentes dos partidos, ressentimentos pessoais desses corações. A glória do Brasil, o triunfo da honra e da dignidade nacional. Brasileiros, união concórdia! Salvemos o grande império do Brasil! **Semana Illustrada**, 25 de junho de 1865, n. 237.

**Figura 118:** Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil. Diante de um inimigo feroz, que invade nosso território, que cala nossos campos, que exerce toda a sorte de crueldades, não há, nem deve haver duas opiniões. Em face de um tirano, que envergonha a grande América meridional, as paixões nacionais desaparecem, ódios e rivalidades mesquinhas fundem-se em uma só aspiração: a Guerra ao Despotismo. Quem não pugna pela honra da nação, é inimigo da pátria, quem, em mente das hostes estrangeiras não abraça o adversário político, não ama o seu país, menospreza os laços da família e desconhece seus próprios interesses. Na balança do patriotismo, pesam igualmente em tais demonstrações as ideias divergentes dos partidos, ressentimentos pessoais desses corações. A glória do Brasil, o triunfo da honra e da dignidade nacional. Brasileiros, união concórdia! Salvemos o grande império do Brasil! **Semana Illustrada**, 25 de junho de 1865, n. 237.

Por fim, já em 16 de junho de 1867, *O Cabrião* apresenta diversos Guardas Nacionais paulistas em desespero, sendo retirados dos pregos, onde ficavam pendurados, ao passo em que outros eram recrutados forçosamente ou não no seu lugar (Figura 119). A situação do alistamento tornou-se tão crítica, que até pessoas que gozavam de um pouco mais de direitos tiveram de ser levadas ao *front* para completar o contingente. E os

Guardas Nacionais que se aproveitavam das situações narradas anteriormente, se indagavam: “Fomos solenemente codilhados!?”. Ou seja, será que eles foram trapaceados pelas próprias leis que os protegiam?



Estamos aviados! enquanto estávamos no prego vivíamos ao menos livres do risco e dos receios de marchar para o Paraguai, o que agora é bem possível, mais dia menos dia. Desgraça! desgraça! Fomos solenemente codilhados?!...

**Figura 119:** Estamos aviados! Enquanto estávamos no prego vivíamos ao menos livres do risco e dos receios de marchar para o Paraguai, o que agora é bem possível, mais dia menos dia. Desgraça! Desgraça! Fomos solenemente codilhados?! **O Cabrião**, 16 de junho de 1867, n. 37.

Através deste capítulo, foi possível perceber como se deu o alistamento da Guarda Nacional e dos Voluntários da Pátria, tendo em ambos os casos situações de abuso de autoridade ou de poder financeiro, sendo a situação desigual do Brasil perceptível através das gravuras veiculadas pelos periódicos de Fleiuss e Agostini que, embora fossem favoráveis ao alistamento a partir do princípio do patriotismo, e não de medidas que fugissem as leis vigentes. Contudo, através de críticas bem humoradas ou relatos narrados através das imagens, podemos perceber que ambos os casos de alistamento ocorreram, sendo cada um, à sua maneira, crítico aos excessos.

Além disso, é possível de se analisar também que em diversos momentos, os esforços patrióticos existiram por parte da população, sobretudo no início do conflito, cujo o sentimento de agressão era partilhado por boa parte das províncias, que se ufanavam a favor da reação brasileira de vencer o inimigo.

## 2.6. A batalha do Riachuelo

A guerra teve uma relativa virada a partir da batalha naval do Riachuelo, ocorrida em 11 de junho de 1865, às margens do arroio do Riachuelo, uma afluente do rio Paraná próxima a Corrientes, na Argentina. Ordenado pelo Visconde de Tamandaré, o Chefe de

Divisão Francisco Manuel Barroso da Silva, conhecido também como almirante Barroso, seguiu de Montevideu em 28 de abril de 1865, a bordo da fragata *Amazonas*, para se juntar as forças navais brasileiras na região, que buscavam conter os avanços paraguaios na margem esquerda do rio (Maia, 1965). Neste momento, a Marinha brasileira, comandada por Barroso, contava com sua 2ª Divisão Naval, com a fragata *Amazonas*, a corveta *Parnaíba* e as canhoneiras *Araguari*, *Mearim* e *Iguatemi*, complementadas pela 3ª Divisão, comandada pelo Comandante Capitão de Mar e Guerra José Secundino de Gomensoro, formada pelas corvetas *Jequitinhonha* e *Beberibe*, além das canhoneiras *Belmonte* e *Ipiranga*.

Por ficar com o flanco muito vulnerável ao ter essa série de embarcações no rio Paraná, Solano López decidiu agir para capturar ou, em último caso, destruir os navios brasileiros, ato este que culminou na batalha naval do Riachuelo. Para isso, o líder paraguaio, que ordenava as ações de guerra a partir da capital paraguaia, Assunção, decidiu mover-se para a região de Humaitá, de onde deu o comando de ataque contra a esquadra imperial.

Partiam do lado paraguaio, liderados pelo Comodoro Pedro Inacio Meza, nove navios que, com exceção da corveta *Tacuari*, onde o Meza ficava, eram embarcações mercantes improvisadas, sendo uma delas o vapor brasileiro *Marquês de Olinda*, apreendido logo no início da guerra, a corveta *Paraguarí*, e os vapores *Ygurei*, *Salto Oriental*, *Yporá*, *Jejuy*, *Pirabebé* e *Rangel*. Meza levava em sua esquadra 500 homens, que faziam sorrateiramente a abordagem dos navios imperiais, além de levar consigo apoio infante e da artilharia, escondidas nas barrancas da região. No entanto, uma novidade surgia aos marinheiros brasileiros: as chatas, pequenas embarcações de 15 a 40 metros, difíceis de serem atingidas pelas armas, pois ficavam quase que totalmente imersas na água, deixando apenas a mostra os homens e a boca de seu único canhão. Essas pequenas canoas eram rebocadas em até seis unidades pelos navios maiores, pois não contavam com nenhum tipo de propulsão, ficando ancoradas a maior parte do tempo. Por conta de suas características, obrigavam assim as embarcações brasileiras a se aproximarem, pois só eram afundadas com um tiro preciso de canhão em sua pequena superfície visível. Essa aproximação era perigosa, pois as chatas contavam com canhões e, quando muito próximas dos navios, poderiam dar margem para uma abordagem (Doratioto, 2002, p. 146-151). Diante desta novidade bélica e de toda a situação, os navios brasileiros corriam sérios riscos de serem atingidos pelas 22 peças de artilharia dispostas nas barrancas, juntamente de duas baterias à “Congreve”, contendo 1200 atiradores,



comandados pelo Tenente-Coronel José María Bruguez e, ao mesmo tempo, poderiam encalhar em bancos de areia, aumentando assim a eficiência dos tiros inimigos, que atacariam um alvo estagnado e com o casco à mostra.

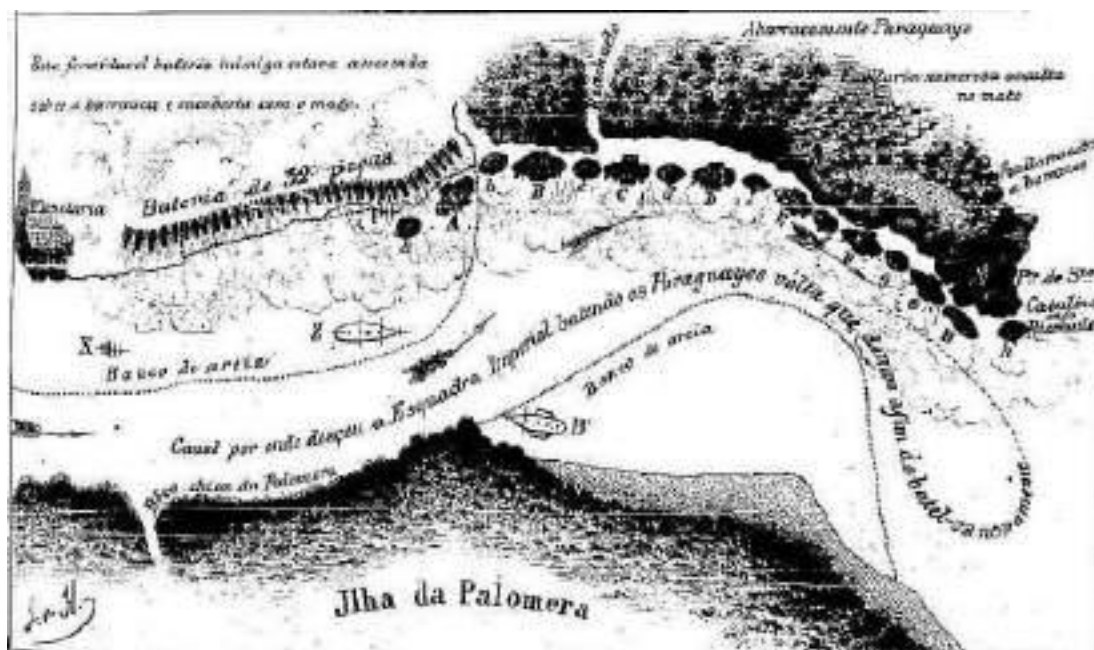
Na noite que ia de 10 para 11 de junho, os navios de Solano López, liderados por Meza desciam o rio Paraná, com a intenção de se utilizarem da penumbra noturna para surpreender os brasileiros. No entanto, o contingente paraguaio era evidentemente inferior, pois o objetivo principal da ação era capturar as peças da esquadra imperial para usa-las contra seus próprios donos no decorrer do conflito. López, um dos arquitetos do plano, tinha a ideia de que suas embarcações chegassem na região onde estavam fundeados os navios imperiais logo ao clarear do dia, dizendo: “Ide e trazei-me os navios brasileiros! (Maia, 1965, p. 156)”. Segundo Doratioto (2002, p. 146-151), a ideia do líder paraguaio era a de executar um ataque rápido, cujo as embarcações paraguaias ficariam ao lado das brasileiras, e seus soldados atirariam nos tripulantes inimigos presentes na cobertura, os anulando antes de qualquer tomada de decisão. Feito isto, o ataque passaria então para uma abordagem, onde seriam travadas lutas corporais que dariam vantagem aos paraguaios, por se utilizarem do efeito surpresa. Contudo, na hora dos preparativos, os paraguaios agiram de forma improvisada, esquecendo-se inclusive de materiais indispensáveis para a abordagem, como ganchos, escadas e outros apetrechos. Assim, boa parte dos planos já estavam em risco.

E a situação paraguaia ainda ficou mais complexa, após uma avaria no vapor *Iberá*, que não participou do ataque – juntamente do *Paraná* – atrasou a esquadra, pois Meza decidiu repara-lo antes do embate, algo que tomou tempo e retirou todo o fator surpresa planejado por López, que também atrasou a partida das embarcações da região de Humaitá para as proximidades de Corrientes. Por conta destes imprevistos, era mais prudente que Meza adiasse o ataque para o outro dia, no mesmo horário do plano, algo que não aconteceu. Às 9 da manhã do dia 11 de junho, em um domingo, os navios paraguaios se aproximaram dos brasileiros. Na ocasião, os soldados do império correram para se preparar para o combate, estando boa parte dos homens em terra recolhendo lenha para as caldeiras dos vapores, buscando assim poupar carvão. Às 9:25, as fornalhas foram acesas e apenas às 10:50 conseguiram se mover, tendo assim se iniciado a peleja, que se deu ao longo da curva do rio Paraná, logo na frente da foz do Riachuelo, em uma área de aproximadamente 6 quilômetros quadrados de extensão e 2 de largura. Na margem esquerda do rio encontrava-se uma região de barrancas elevadas conhecida como Santa Catalina; 2 quilômetros abaixo, do mesmo lado, situava-se o Rincón de Lagraña (Severo,

2012, v.2). Já ao lado oposto, estava a região plana e pantanosa conhecida como o Chaco. Por conta da formação do rio Paraná conter diversas ilhas, em meio a um canal tortuoso e estreito, as embarcações eram praticamente obrigadas a passarem mais aproximadas da margem esquerda, onde estavam canhões e soldados paraguaios, dando a eles certa vantagem, sobretudo por estarem camuflados pela vegetação.

Momentos depois, a esquadra brasileira conseguiu ter a visão completa da curva do Rincón de Lagraña, local onde estavam estacionados os navios e chatas dos paraguaios. Porém, aproveitando-se das vantagens da vegetação do terreno, os soldados e armas seguiam posicionados secretamente. Assim, Barroso decidiu investir a *Amazonas* contra os inimigos, temendo que eles fugissem. Tal medida assustou os responsáveis pelo controle dos outros navios, que ficaram indecisos com a manobra de seu líder. Assim, o *Jequitinhonha* acabou encalhando em um banco de areia, sendo alvejado pelas baterias posicionadas nas barrancas, gerando diversas avarias. A *Parnaíba* tentou auxiliar esta embarcação, mas teve o leme atingido, perdendo velocidade e dando a oportunidade de três navios paraguaios a cercarem, culminando em uma violenta luta. Por outro lado, o *Belmonte*, que seguia na frente sozinho, encalhou-se de forma proposital para não naufragar devido os danos sofridos pelas baterias inimigas.

Em um esquema, assinado por von Hoonholtz e cedido para a *Semana Illustrada* (Figura 120), podemos observar como se desenvolveu parte do conflito, tendo esta imagem o auxílio de uma detalhada legenda, que apresenta as embarcações, além dos textos e nomes presentes no próprio desenho, com o objetivo de identificar cada uma das partes relacionadas ao embate marinho. Esses esquemas trazem para a Corte uma proximidade com o conflito no Sul jamais vista na imprensa, sendo este um dos trunfos utilizados pelos periódicos, que lutavam para conseguir tais informações do teatro da guerra, algo que será perceptível também em outros capítulos desta tese.



**Plano da batalha naval do Riachuelo, dada a 11 de Junho de 1865.**

Entre a esquadra paraguaia protegida pela artilharia e fuzilaria das barrancas e a 2ª divisão da esquadra brasileira, que se cobria de glória derrotando completamente os inimigos, depois das 9 horas sucessivas de encarniçado combate.

(Levantado pelo 1º tenente d'armada A. L. v. Hoonholtz, comandante da canhoneira *Araguary* oferecido à *Semana Illustrada*.)

Explicações: A, vapor paraguaio *Tacuary*; B, *Igurey*; C, *Marquês de Olinda*; D, *Salto*; E, *Paraguay*; F, *Ipora*; G, *Gejú*; H, *Iberá* (hélice); B', *Paraguay* depois de perdido; Z, Cavernas de um brigue perdido no banco; X, vapor brasileiro *Jequitinhonha* depois de encalhado. As letras minúsculas designam as chatas, cada uma das quais montava um magnífico rodízio de 60 ou de 80, e era tripulada por 40 homens. Estas chatas vinham atulhadas de munições bélicas que serviram para novamente suprir os nossos paióis.

Além das tripulações dos navios e chatas, trazia a esquadra paraguaia mais 1.700 homens de abordagem, escolhidos entre os melhores de Humaitá, e todos ricamente armados.

**Figura 120:** Plano da batalha naval do Riachuelo, dada a 11 de junho de 1865. Entre a esquadra paraguaia protegida pela artilharia e fuzilaria das barrancas e a 2ª divisão da esquadra brasileira, que se cobria de glória derrotando completamente os inimigos, depois das 9 horas sucessivas de encarniçado combate. (Levantado pelo 1º tenente d'armada A. L. v. Hoonholtz, comandante da canhoneira *Araguary* oferecido à *Semana Illustrada*). Explicações: A, vapor paraguaio *Tacuary*; B, *Igurey*; C, *Marquês de Olinda*; D, *Salto*; E, *Paraguay*; F, *Ipora*; G, *Gejú*; H, *Iberá* (hélice); B', *Paraguay* depois de perdido; Z, Cavernas de um brigue perdido no banco; X, vapor brasileiro *Jequitinhonha* depois de encalhado. As letras minúsculas designam as chatas, cada uma das quais montava um magnífico rodízio de 60 ou de 80, e era tripulada por 40 homens. Estas chatas vinham atulhadas de munições bélicas que serviram para novamente suprir os nossos paióis. Além das tripulações dos navios e chatas, trazia a esquadra paraguaia mais 1700 homens de abordagem, escolhidos entre os melhores de Humaitá, e todos ricamente armados.

**Semana Illustrada**, 13 de agosto de 1865, n. 244.

Restou a Barroso seguir o avanço com o *Amazonas*, liderando as outras embarcações que estavam atrás do *Belmonte*, tendo logrado êxito na passagem ao longo do Rincón sob incessante fogo inimigo. Às 12:10, desceu o rio Paraná comandando seis dos nove navios disponíveis nas duas divisões estacionadas na região, buscando fazer uma manobra para retornar ao Rincón de Lagraña. Nesta primeira parte do conflito, o *Belmonte* e o *Jequitinhonha* estavam fora de combate, e o *Parnaíba* praticamente dominado pelo inimigo, colocando os paraguaios em vantagem, apesar dos planos iniciais terem saído de controle.

Porém, utilizando-se do porte e da facilidade de manobrar o *Amazonas*, único navio brasileiro movido a rodas, além das habilidades do prático argentino Bernardo Gustavino, o almirante Barroso decidiu usar a proa da embarcação, que não era reforçada



estruturalmente, como um aríete, abalroando os cascos dos navios de madeira paraguaios, mudando assim os rumos desta batalha naval, comemorada até a contemporaneidade pela Marinha Brasileira como uma data magna.

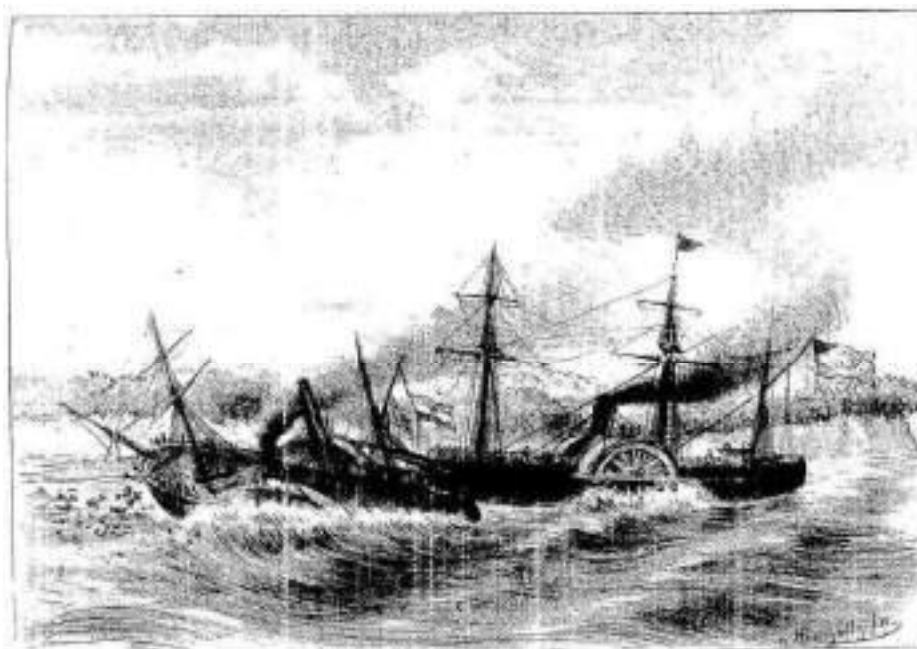
Assim, Meza, o líder da flotilha paraguaia acabaria por ser morto com um tiro de rifle, restando ao *Marquês de Olinda*, comandado pelo tenente Ezequiel Robles, guiar os paraguaios no restante da batalha. Esta embarcação, antes brasileira, que foi a responsável por dar o primeiro tiro, sendo alvejada por diversas vezes logo em seguida e, conseqüentemente, avariada. Diante da situação caótica, Robles, que estava embriagado, entrou em desespero, sem saber o que fazer, recorrendo desesperadamente ao seu engenheiro, o inglês George Gibson<sup>65</sup>.

No entanto, o *Amazonas* já havia abalroado esta embarcação, que se encalhou em um banco de areia. Gibson foi ferido por um tiro, e Robles atingido por um mastro, tendo seu braço feito em pedaços. A embarcação ficou praticamente afundada, e sua tripulação aguardava um socorro que nunca chegou. Ao contrário, no final da tarde do outro dia, uma lancha com 15 soldados armados foi o mais próximo de um socorro encontrado pelos paraguaios. O tenente Robles foi levado para o *Amazonas*, recebendo atendimento médico. Porém, ele se recusou a ser prisioneiro, preferindo a morte, algo que acabou acontecendo devido a uma hemorragia.

Na gravura abaixo, temos uma cena enviada novamente por von Hoonholtz, abordando um dos momentos do dia 11 de junho de 1865 (Figura 121). Nela, a fragata *Amazonas* aparece metendo a pique um vapor paraguaio não identificado. Neste evento, ela abalroou sozinha quatro embarcações inimigas, mudando radicalmente o destino do combate. Vale ressaltar que von Hoonholtz estava na ocasião. Ou seja, a gravura elaborada conta com uma testemunha visual do momento. No entanto, isso não significa necessariamente que a imagem seja totalmente fidedigna, ao contrário do que os editores buscavam enfatizar em seus anúncios e legendas, que tratavam de dar ênfase a origem dos desenhos como forma de sobrevalorizá-los ante os seus leitores.

---

<sup>65</sup> *The day of action* [depoimento do engenheiro de bordo do *Marquês de Olinda*, o maquinista inglês George Gibson], [junho, 1865], ANA, Sección Historia, vol. 448, doc. 1, Apud DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai**. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2002, pp. 146-151.



Episódios do dia 11 de Junho de 1865.

COMBATE NAVAL DE RIACHUELO.

A Fragata Amazonas com o pavilhão do Chefe Barroso e o comandado pelo Capitão de Fragata Brito, metendo a pique um vapor.

**Figura 121:** Episódios do dia 11 de junho de 1865. Combate naval de Riachuelo. A Fragata *Amazonas* com o pavilhão do Chefe Barroso e o comandado pelo Capitão de Fragata, Brito, metendo a pique um vapor. (Feita por Hoonholtz). *Semana Illustrada*, 17 de setembro de 1865, n. 249.

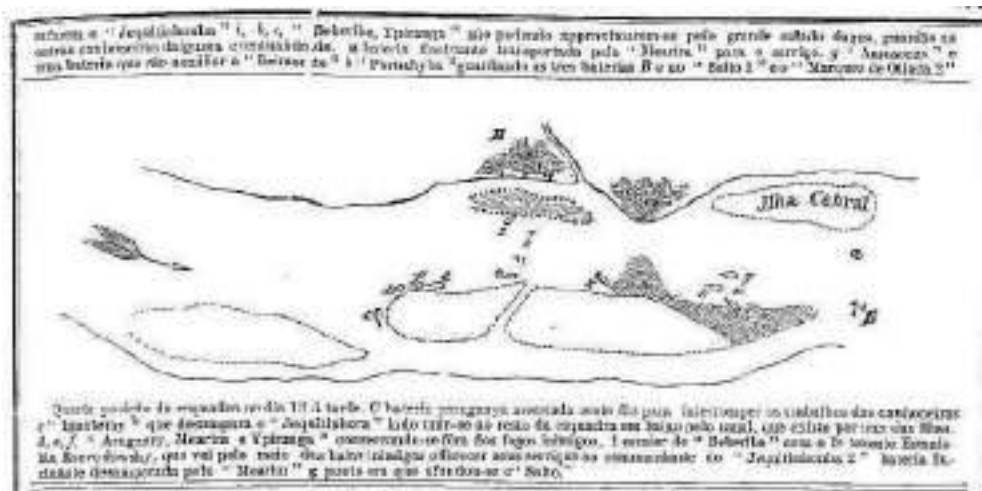
Na imagem abaixo (Figura 122), somos apresentados ao *Marquês de Olinda*, embarcação capturada pelos inimigos, em ato que foi considerado um dos *casus belli* do conflito. Na narrativa, ela já está tomada pelos brasileiros que, em uma questão de honra ao retomar um patrimônio nacional, logo trataram de içar o pavilhão nacional de volta ao seu lugar, um ato visto tanto como patriótico, mas também como uma vingança da honra ofendida.



Episódios.

Os nossos bravos soldados que, na batalha naval de Riachuelo, fizeram de novo senhores do vapor *Marquês de Olinda*, tão bravamente tomado, içando logo sobre o pavilhão nacional. A onção do dictador começa a ficar humilhada, e o imperio vai vingando a honra offendida.





**Figura 124:** Teatro da guerra. Combate naval do dia 11 de junho de 1865 (Combate naval do Riachuelo). *Semana Illustrada*, 6 de agosto de 1865, n. 243.

Desta batalha, escaparam quatro embarcações paraguaias, dentre elas o *Tacuari*, além da morte de 2 mil homens. Posteriormente, o *Paraguari*, construído na Inglaterra, foi recuperado. Esta embarcação tinha casco de ferro, mas internamente era toda de madeira, parte que ficou destruída por um incêndio. Os brasileiros, por sua vez, decidiram não seguir adiante com a perseguição aos inimigos, que batiam em retirada. Decidiram tomar essa medida, pois as embarcações imperiais sofreram diversas avarias, perdendo a *Jequitinhonha* e 124 soldados. Mesmo após a peleja, os navios brasileiros seguiam sendo ameaçados pelos canhões paraguaios situados nas margens do rio Paraná, conseguindo passar e descer até a região próxima de Bella Vista.

No entanto, em mais uma narrativa de von Hoonholtz (Figura 125), percebemos parte da perseguição aos navios inimigos que fugiam pelo rio Paraná, indo em direção a Humaitá. O *Araguary* seguia as embarcações *Taotaby*, *Yporã*, *Igurey* e *Iberá*, que sofriam com o fogo da embarcação imperial, que chegou a quebrar a capitania inimiga, que foi rebocada pelo *Igurey*.



**Figura 125:** Episódios do dia 11 de junho de 1865. Às 5 horas da tarde. *Araguary*, *Taotaby*, *Yporã*, *Igurey*, *Iberá*. A canhoneira *Araguary*, comandante Hoonholtz, dando caça aos quatro vapores de guerra paraguaios que fugiam rio acima e perseguindo-os até ao escurecer. O fogo vivo e certo do rodízio de proa fazia-lhes um estrago horrível, chegando a quebrar a roda de estibordo da capitania inimiga, que se viu obrigada a seguir a reboque do *Igurey*. *Semana Illustrada*, 29 de outubro de 1865, n. 255.

Doratioto apresenta as diferentes perspectivas de Centurión e Bittencourt. Para o primeiro, o resultado da batalha seria totalmente diferente se Meza seguisse as instruções, abordando de forma imediata os navios brasileiros, retirando-lhes a vantagem de utilizar seus canhões, que facilitavam o combate à distância. Já para Bittencourt, a abordagem das embarcações brasileiras era difícil, pois elas foram feitas para a navegação no mar, possuindo um costado alto, e Meza, provavelmente prevendo isso, juntamente da perda do fator surpresa, acabou agindo de maneira equivocada, aspecto esse essencial para o êxito brasileiro. Embora o Brasil tenha vencido o combate, tido por alguns como crucial, ele não conseguiu o domínio imediato do rio Paraguai, muito bem guardado pelas forças inimigas através de suas fortificações, algo que perdurou até o ano de 1868. Todavia, esse sucesso da Marinha permitiu o bloqueio do rio contra os paraguaios, inviabilizando assim o transporte de víveres, armamentos e outros equipamentos essenciais para a manutenção do esforço de guerra rival. Além disso, pôs fim ao avanço das forças paraguaias na região de Corrientes.

Sobre a manutenção das medidas de Meza, atribui-se na historiografia o receio do comodoro ante a possível reação de Solano López, que não reagia bem ao descumprimento de suas ordens. Doratioto (2002, p. 146-151) ressalta que o generalíssimo infundia terror em seus diversos subordinados, anulando suas iniciativas em meio as diversidades impostas pela guerra, repleta de revezes. Desta forma, Meza não adiou o ataque, perdendo todo o fator surpresa de sua tática, o levando ao fracasso. O mesmo aconteceria com Robles e seus rápidos confrontos contra as forças argentinas, em que o tenente aguardava por dias as ordens de López, frustrando assim todas as possibilidades de vitória. E como diz a máxima, em uma guerra, vence quem erra menos. Assim, os comandantes paraguaios acabavam por cometer falhas ao executar as ordens advindas do generalíssimo, custando diversas batalhas, sendo o combate naval do Riachuelo um dos casos em que o medo do líder acabou por custar uma possível vitória paraguaia.

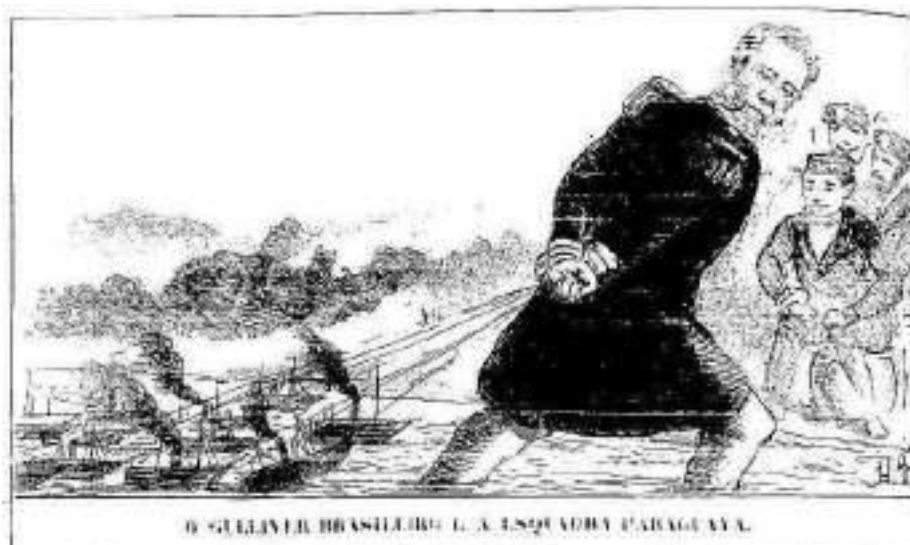
Desta forma, a situação de López após a derrota no conflito do Riachuelo não era das melhores. Buscando atacar as embarcações brasileiras, pensando na manutenção de suas forças em Corrientes, seus planos foram por água abaixo. Assim, Fleiuss caricatura o líder paraguaio plantando batatas e colhendo metralhas, algo que sucedeu aos seus fracassos na região do Riachuelo (Figura 126). Sempre apresentado com traços exagerados, o líder paraguaio era visto pelos brasileiros como uma espécie de figurão

excêntrico, que se satisfazia em meio a luxos, enquanto seu povo sofria cada vez mais com os horrores da guerra



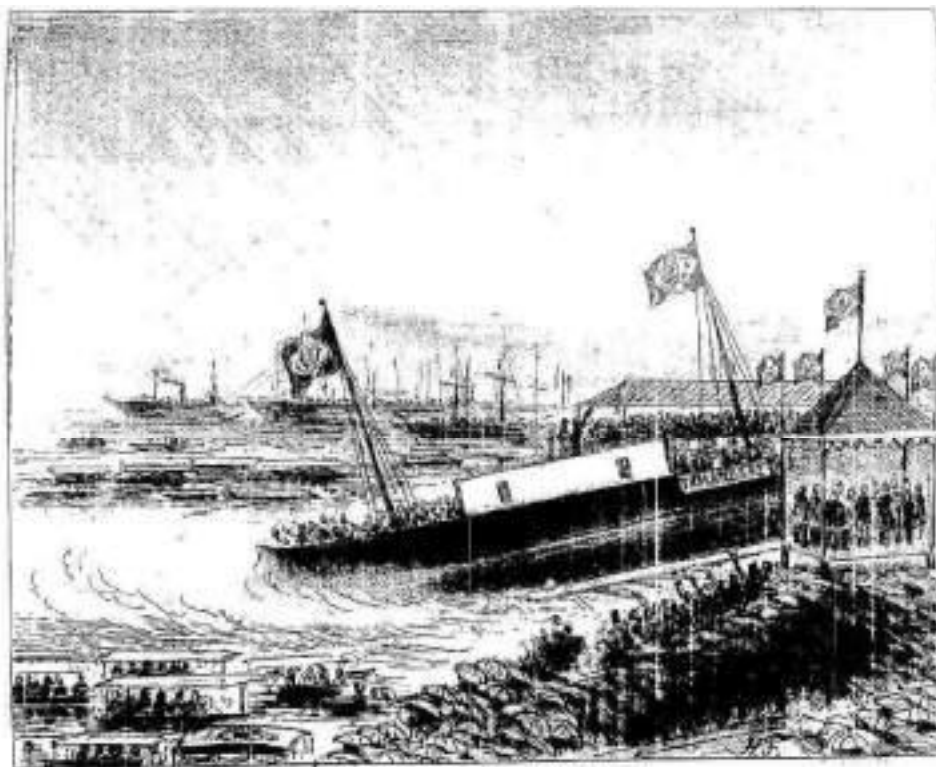
**Figura 126:** Em Corrientes. Lopez plantando batatas. Lopez colhendo metralhas. *Semana Illustrada*, 13 de agosto de 1865, n. 244.

Em 14 de maio de 1865, a *Semana Illustrada* estampava em uma de suas páginas o “Gulliver brasileiro”, apelido dado ao almirante Barroso ante seus feitos durante a batalha, baseado no personagem ávido e ambicioso dos contos de Jonathan Swift, que era um cirurgião e se tornou capitão de vários navios (Figura 127). Os feitos de foram exaltados, sobretudo por resultarem em uma vitória importante aos aliados. Contudo, percebemos o personalismo em ligar o êxito a apenas a figura do almirante que, por sua vez, contou com o auxílio de todo o corpo marinho presente na peleja.



**Figura 127:** O Gulliver brasileiro e a esquadra paraguaia. *Semana Illustrada*, 14 de maio de 1865, n. 231.

E, para homenagear o almirante Tamandaré, principal liderança da Marinha brasileira, foi lançado ao mar em 28 de junho de 1865, um navio de mesmo nome, acontecimento anunciado pela *Semana Illustrada* (Figura 128). Este foi o primeiro dos vapores encouraçados construídos pelo Brasil, reforçando assim a armada brasileira na região do Prata e, ao mesmo tempo, celebrando seu líder ainda em vida. Em outro momento (Figura 129), o mesmo periódico apresentou aos seus leitores os responsáveis pela criação do *Tamandaré*, Carlos Braconnot e Napoleão Level<sup>66</sup>, homenageados e vistos como dois jovens “destinados a López fulminar e aos paraguaios”.



O ENCOURAÇADO TAMANDARÉ.

Caiu ao mar, no dia 28 de Junho, abundantemente regado pelo suor das nuvens, o primeiro dos vapores encouraçados que o Brasil está construindo. Esta data deve ser histórica. Quanto ao nome escolhido, é o do almirante invulnerável, o encouraçado Achilles.  
Um Viva aos dois Tamandarés!

**Figura 128:** O encouraçado TAMANDARÉ. Caiu ao mar, no dia 28 de junho, abundantemente regado pelo suor das nuvens, o primeiro dos vapores encouraçados que o Brasil está construindo. Essa data deve ser histórica. Quanto ao nome escolhido, é o do almirante invulnerável, o encouraçado Achilles. Um viva aos dois Tamandarés! **Semana Illustrada**, 2 de julho de 1865, n. 238.

<sup>66</sup> Ver mais em: GREENHALG, Juvenal. Napoleão Level e Carlos Braconnot, construtores navais do Império. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. V. 244, p. 318-340, jul./set. 1959.



**Figura 129:** Braconnot e Level. Os construtores do encouraçado *Tamandaré*. Houve só Jove, que vibrava raios. Contra gigantes, de furor tomados; O Brasil tem dois Joves destinados, A Lopez fulminar e aos paraguaios. *Semana Illustrada*, 27 de agosto de 1865, N. 246.

Posteriormente, no dia 2 de julho de 1865, a *Semana* também lançou uma “Última notícia” anunciando a vitória na batalha de Riachuelo, que aconteceu no dia 11 de junho, demonstrando a latência da chegada das informações na capital da Corte. Na ocasião, alega que tal feito “será contado entre os mais gloriosos da História Brasileira”. Assim, narra de forma breve os detalhes do que ocorreu no conflito:

Às 9 horas da manhã, 8 vapores e 8 baterias flutuantes paraguaios, montando peças de 80, quiseram medir-se com a nossa briosa esquadra ao mando do valente chefe Barroso. Os nossos iam sentar-se à mesa do almoço. Proporcionou-lhes um banquete. Quatro vapores e chatas do inimigo foram a pique, e os demais buscaram na fuga a salvação; mas por tal forma danificados, que apenas serviram para levar ao cacique um triste desengano.

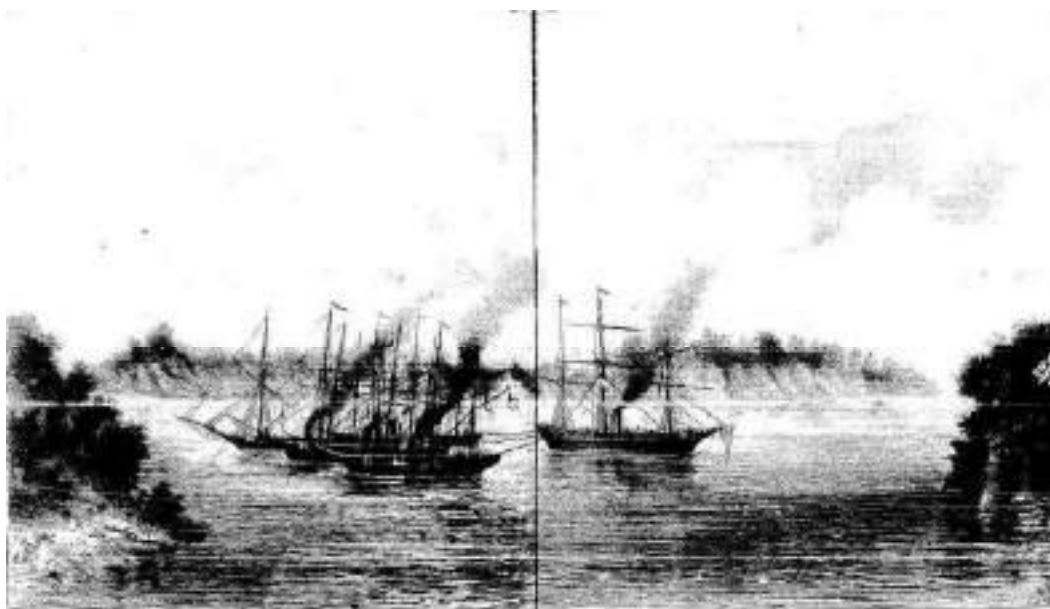
Perdemos o *Jequitinhonha*, porque encalhou, e lamentamos a morte de alguns bravos, que sustentaram valorosamente a honra do pavilhão brasileiro. Glória aos vencedores. Glória ao Brasil!<sup>67</sup>

Percebe-se no texto um tom heroico do sucesso dos marinheiros brasileiros, que “iam sentar-se à mesa do almoço” e que, no final das contas, foram brindados com a vitória, sendo esta um verdadeiro “banquete”, no qual alguns bravos pereceram, mas que colocaram Solano López, referido como “cacique”, a um triste desengano. Contudo, também citam a perda da *Jequitinhonha*, que acabou se encalhando durante a peleja. No

<sup>67</sup> *Semana Illustrada*, 2 de julho de 1865, n. 238.

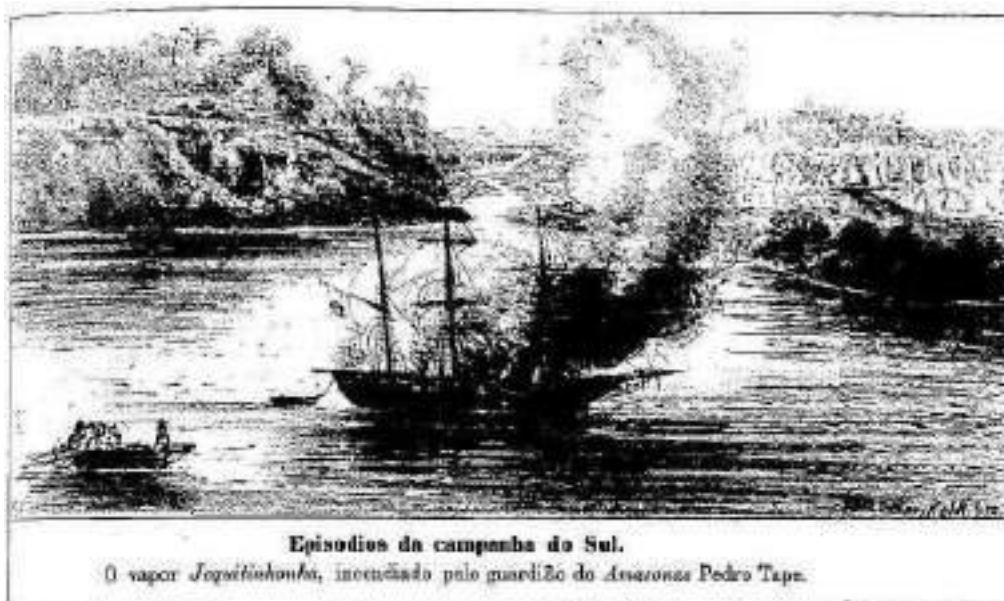


dia 15 de outubro de 1865, a *Semana Illustrada* trouxe uma gravura narrando um acontecimento do dia 13 de junho, no qual se juntaram os vapores *Ypiranga*, *Mearim*, *Araguary* e *Iguatay* para tentar desencalhar o *Jequitinhonha* (Figura 130). Contudo, como a legenda apresenta, as embarcações sofreram com as baterias das barrancas do Riachuelo, respondendo-as prontamente e obtendo o devido êxito de calá-las.



**Figura 130:** Episódios do dia 13 de junho de 1865. Combate naval de Riachuelo. Os vapores *Ypiranga* (com Alvaro de Carvalho), *Mearim* (com Barboza), *Araguary* (com Hoonholtz) e *Iguatay* (com Coimbra), trabalhando em desencalhar o *Jequitinhonha*, quando às 2 horas da tarde as baterias de Riachuelo romperam de novo o fogo sobre eles, sendo respondido de modo tal pela artilharia de bordo, que às 5 horas tiveram os inimigos de calar-se. *Semana Illustrada*, 15 de outubro de 1865, n. 253.

Contudo, os esforços para desencalhar a *Jequitinhonha* não deram certo, e no dia 13 de junho, a corveta foi incendiada por Pedro Tape, guardião da *Amazonas* (Figura 131). A medida foi tomada com base na ordem do Almirante Barroso, já que a embarcação não teria mais utilidade (Mendonça, 1959, p.150).

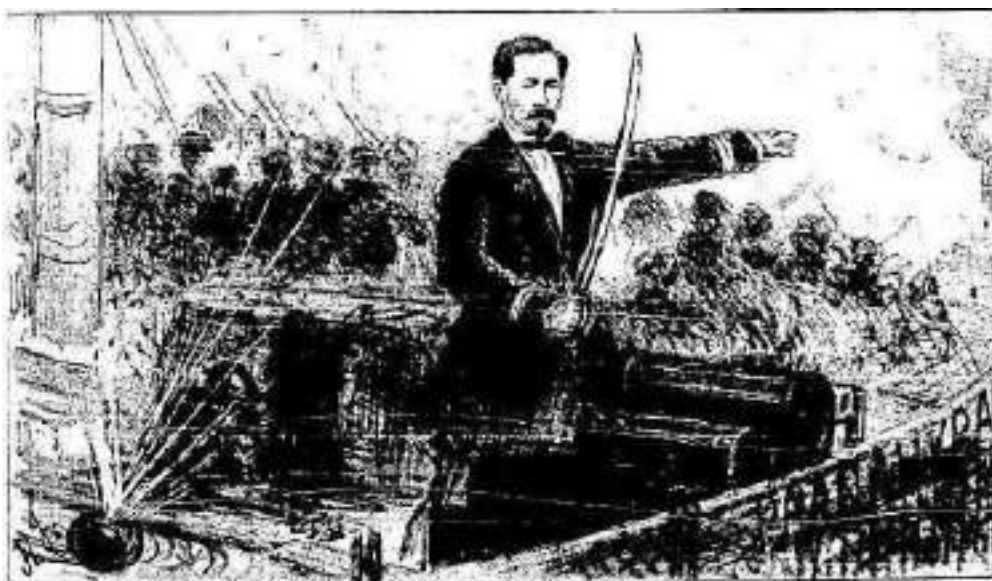


**Figura 131:** Episódios da campanha do Sul. O vapor Jequitinhonha, incendiado pelo guardião do Amazonas Pedro Tape. *Semana Ilustrada*, 27 de novembro de 1865, n. 259.

Em outra gravura, cedida pelo guarda-marinha Wandenkolk, a *Semana Ilustrada* apresenta o convés da *Parnaíba*, centralizando a figura do Primeiro-Tenente Aurélio Garcindo Fernandes de Sá, comandante da canhoneira, durante o conflito do Riachuelo (Figura 132). Na cena, é narrado o momento em que ele ordena pôr fogo ao paiol de seu navio, como ato de bravura, sendo inclusive citado um trecho de Camões, presente no Canto X, d'*Os Lusíadas*, sendo esta mais uma referência erudita de um grande expoente das artes, algo feito com constância pelas páginas dos jornais da época. Na imagem, também percebemos o exato momento em que a embarcação sofre com um tiro de canhão, presente na parte inferior direita. A embarcação, seriamente avariada por conta do conflito<sup>68</sup>, ficou encalhada, algo que não foi citado no trecho acima.

---

<sup>68</sup> PARNAÍBA, Corveta. *Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha*. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/ParnaibaCorveta1858-1868.pdf>. Acessado dia 10/02/2023.



O convés da "Parnahyba."  
 O capitão tenente GARCINDO, comandante da canhoneira *Porsolysa*, manda pôr fogo ao paiol do seu navio, na batalha do Riachuelo.  
 Pela água levada acima do fogo  
 Para abrasar-lhe quanta armada tenha. [Camões]

**Figura 132:** O convés do "Parnahyba". O capitão tenente GARCINDO, comandante da canhoneira *Parnahyba*, manda pôr fogo ao paiol do seu navio, na batalha do Riachuelo. Pela água levará serras de fogo. Para abrasar-lhe quanta armada tenha (Camões). *Semana Ilustrada*, 9 de julho de 1865, n. 239.

Durante a batalha, o *Parnaíba*, construído em Le Havre, França, sob a fiscalização do Almirante Tamandaré, recebeu 13 disparos na altura da linha d'água, que penetrou em seu casco, matando 33 tripulantes e ferindo outros 25, incluindo soldados do Exército que estavam a bordo. Entre as vítimas mais conhecidas, está o guarda-marinha João Guilherme Greenhalgh, homenageado posteriormente com a canhoneira *Greenhalg*, produzida na Ponta da Areia, em Niterói, e incorporada em 12 de dezembro de 1865<sup>69</sup>.

O guarda-marinha teve uma de suas passagens durante a batalha naval de Riachuelo narrada através de uma gravura. Na ocasião, o "jovem e denodado guarda-marinha Greenhalg" (Figura 133), luta contra um soldado paraguaio, que arriou temporariamente a bandeira brasileira, para coloca-la de volta ao seu lugar, sendo fatalmente golpeado. Nesta defesa, também estava junto de Greenhalg o Capitão do Exército Pedro Afonso Ferreira, que também foi vítima fatal dos paraguaios<sup>70</sup>.

<sup>69</sup> GREENHALG, Canhoneira. **Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha** Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/GreenhalghCanhoneira1865-1884.pdf>. Acessado dia 10/02/2023.

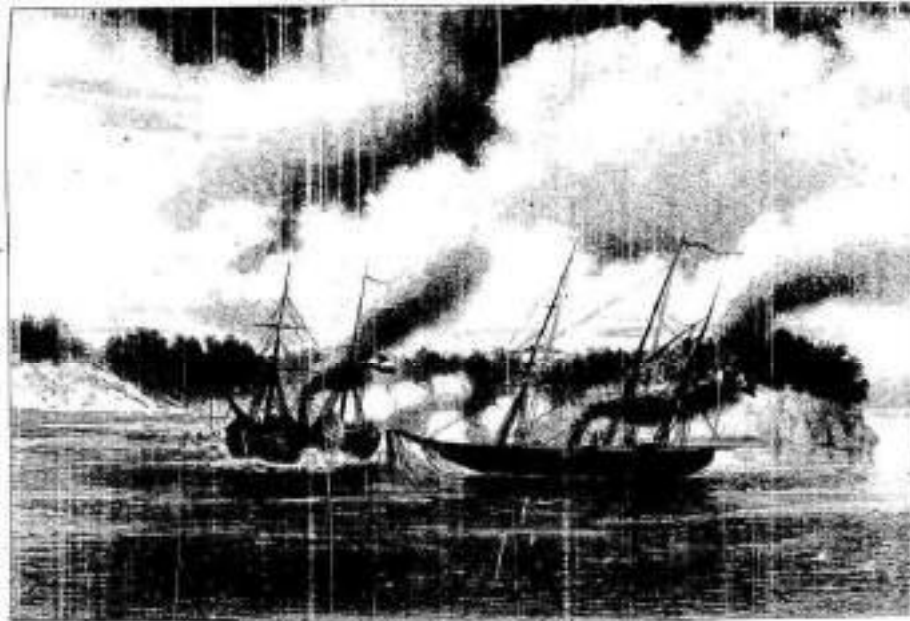
<sup>70</sup> Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM). **Revista Marítima Brasileira** (00142): 3347, 7 de agosto de 1941; **NOMAR - Notícias da Marinha, Rio de Janeiro**, SRPM, n.º 502, abr./mai/jun. 1985; n.º 686, jun. 1999. Consultado em 23 de dezembro de 2021.



RESENDA DA GUERRA COM O PARAGUAY — BATALHA NAVAL DE RIACHUELO.  
O jovem e denodado guarda-marinha Greenhalg, opondo-se à que a mão infame de um paraguaio arriasse da *Parnaíba* a bandeira nacional.  
*Morreu, batido o perfido soldado  
Do perfido tyranas derrotado.*

**Figura 133:** Episódios da guerra com o Paraguai – Batalha naval de Riachuelo. O jovem e denodado guarda-marinha Greenhalg, opondo-se à que a mão infame de um paraguaio arriasse da *Parnaíba* a bandeira nacional. **Semana Illustrada**, 1 de outubro de 1865, n. 251.

Mesmo danificado, o vapor *Parnaíba* seguiu junto do *Amazonas* na perseguição aos inimigos restantes que fugiam pelo rio, fazendo parte do assalto ao *Salto Oriental*, que culminou no seu afundamento após ser abalroado pela *Amazonas*. Parte da cena acima citada foi narrada por Antônio Luís von Hoonholtz. No entanto, o momento captado pelo marinheiro não apresenta a *Parnaíba*, mas sim o vapor *Ypiranga*, comandado pelo primeiro-tenente Alvaro de Carvalho, que também esteve presente na perseguição dos navios paraguaios que fugiam rio acima (Figura 134).



Episódios do dia 11 de Junho de 1865.  
 COMBATE NAVAL DE RIACHUELO.  
 O vapor Ypiranga, commandante Alvaro de Carvalho, batendo a vapor de guerra paraguayo — Salto  
 (4 horas da tarde).  
 (Desenhado por Antonio Luiz von Hoonholtz, Comandante da Araguay).

**Figura 134:** Episódios do dia 11 de junho de 1865. Combate naval de Riachuelo. O vapor *Ypiranga*, comandante Alvaro de Carvalho, batendo o vapor de guerra paraguaio – *Salto* (4 horas da tarde). (Desenhado por Antonio Luiz von Hoonholtz, Comandante da *Araguary*). *Semana Illustrada*, 3 de setembro de 1865, n. 247.

Em outra gravura, temos a canhoneira *Araguary* aprisionando algumas chatas paraguaias, com as barrancas ao fundo. O feito foi desenhado por M. A. de Castro Menezes. Contudo, nenhuma informação sobre o único nome presente na gravura foi encontrada. Porém, podemos perceber em mais uma gravura dos “Episódios do dia 11 de junho de 1865” (Figura 135), a semelhança com as perspectivas das outras narrativas adotadas, colocando os navios como os personagens principais do evento, sendo a gravura complementada com a legenda, que apresenta os principais nomes envolvidos nas ações das embarcações brasileiras.



Episódios do dia 11 de Junho de 1865.  
 COMBATE NAVAL DE RIACHUELO.  
 A canhoneira Araguay aprisionando as chatas paraguayas no noite de 11 de Junho de 1865.

**Figura 135:** Episódios do dia 11 de junho de 1865. Combate naval de Riachuelo. A canhoneira *Araguary* aprisionando as chatas paraguaias na noite de 11 de junho de 1865. *Semana Ilustrada*, 24 de setembro de 1865, n. 250.

Devido ao sucesso da flotilha brasileira no Riachuelo, a *Semana Ilustrada* apresentou uma homenagem a esquadra brasileira, com o título “A pátria agradecida”, apresentando uma alegoria do rio Paraná segurando o pavilhão do império, além de um vaso, jorrando as águas deste rio (Figura 136). Há também na imagem os nomes das embarcações envolvidas no conflito, enfatizando-se no canto inferior direito, a fragata *Amazonas*, comandada por Barroso, além de diversos soldados saudando a figura centralizada.



A pátria agradecida.  
 Aos bravos de Riachuelo! Honra, glória imarcescível! Benções da pátria que aplaude. Seu valor inextinguível! Legando os homens à história. Que entusiasmos os vindouros, Nem da inveja letal bafo. Pode murchar-lhes os louros. Salve, bravos marinheiros. Filhos do Império da Cruz. Cujas fronteiras das vitórias, cerca o diadema de luz! Um brado, que em si resulta. Assonância de outros mil. Vos proclama for dos bravos. Dentro e fora do Brasil.

**Figura 136:** A pátria agradecida. Aos bravos de Riachuelo. Honra, glória imarcescível! Benções da pátria que aplaude. Seu valor inextinguível! Legando os homens à história. Que entusiasmos os vindouros, Nem da inveja letal bafo. Pode murchar-lhes os louros. Salve, bravos marinheiros. Filhos do Império da Cruz. Cujas fronteiras das vitórias, cerca o diadema de luz! Um brado, que em si resulta. Assonância de outros mil. Vos proclama for dos bravos. Dentro e fora do Brasil. *Semana Ilustrada*, 9 de julho de 1865, n. 239.

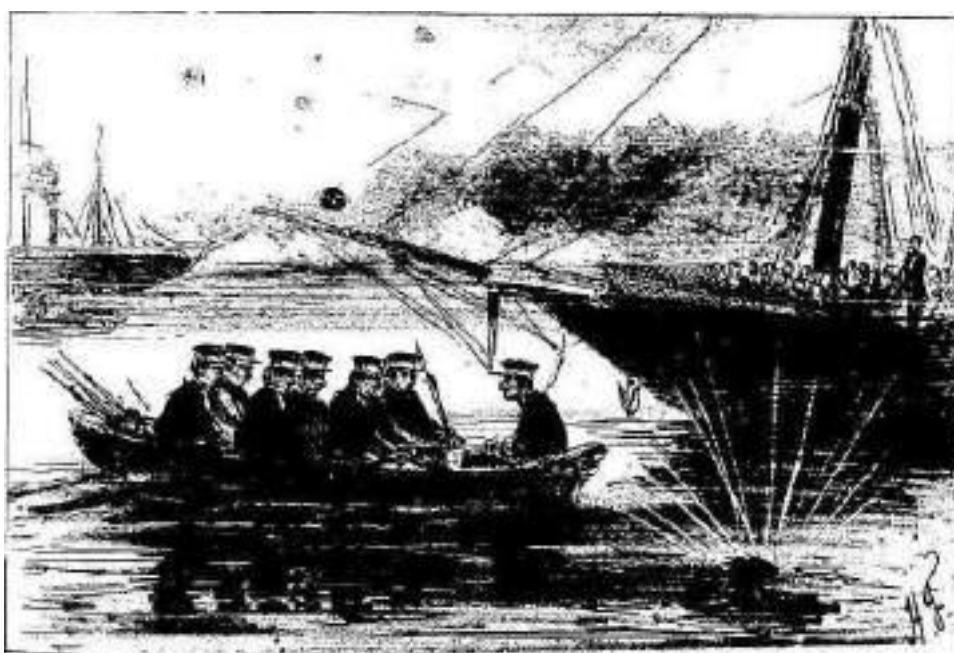
Seguindo as narrativas do conflito naval no Riachuelo, desta vez somos colocados em meio a ação do vapor *Araguari*, comandado por Antônio Luiz von Hoonholtz, posteriormente conhecido como o Barão de Teffé, que, como é possível perceber em



outros momentos deste texto, é um dos principais informantes da *Semana Illustrada*, enviando a redação do jornal esquemas e outras informações relevantes sobre a guerra.

Nesta ocasião, narra-se uma passagem do próprio von Hoonholtz (Figuras 137 e 138), que pede a seis soldados para irem em uma missão arriscada em uma canoa, tendo a prontidão de diversos homens. Escolhidos os seis, que foram juntos do guardião Antonio de Souza, passaram através de uma chuva de balas, colocando fogo em um navio inimigo, enquanto seus companheiros oravam por eles, que voltaram “incólumes e cheios de glória”, algo que os rendeu não só os louros da vitória, mas também uma gravura celebrando o feito, embora apenas dois personagens tenham tido seus nomes citados.

De qualquer forma, enfatiza-se na imagem o heroísmo dos brasileiros ao longo do conflito, algo percebido na gravura, em que se encontram rodeados de tiros de canhão rumo ao seu objetivo. Este feito foi novamente narrado em 10 de setembro de 1865, agora com uma perspectiva mais distanciada, sendo possível perceber o *Marquês de Olinda*, após recuperado pelos brasileiros, já em chamas, com a canoa regressando ao *Araguari*.

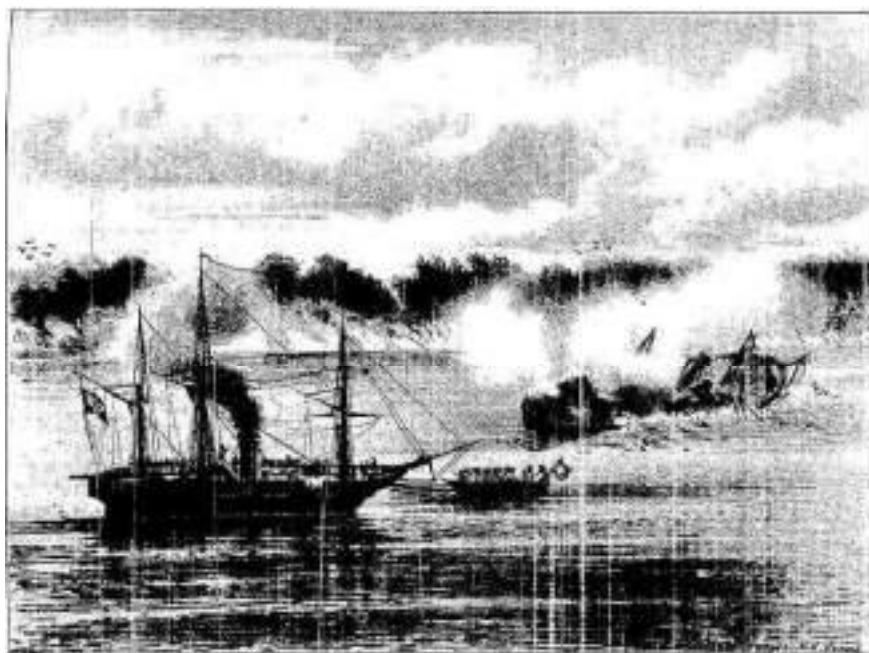


Vapor “Araguary” no combate de Riachuelo

(EPISÓDIO)

O Comandante Antonio Luiz von Hoonholtz disse: — Preciso de seis homens valentes para uma comissão arriscada: quem o for salte à canoa. — Foi uma confusão. Todos queriam ir; escolhidos seis marinheiros e mais o guardião Antonio de Souza, partiu a canoa, por entre uma chuva de balas, a lançar fogo ao navio inimigo. A guarnição ficou a orar por eles. Deus ouviu-a. Voltaram incólumes e cobertos de glória.

**Figura 137:** Vapor “Araguary” no combate de Riachuelo (episódio). O Comandante Antonio Luiz von Hoonholtz disse: - Preciso de seis homens valentes para uma comissão arriscada: quem o for salte à canoa. – Foi uma confusão. Todos queriam ir; escolhidos seis marinheiros e mais o guardião Antonio de Souza, partiu a canoa, por entre uma chuva de balas, a lançar fogo ao navio inimigo. A guarnição ficou a orar por eles. Deus ouviu-a. Voltaram incólumes e cobertos de glória. *Semana Illustrada*, 16 de julho de 1865, n. 240.



Episódio do dia 17 de Junho de 1865.

COMBATE NAVAL DE RIACHUELO.

A canhoneira Araguary, comandante Hoonholtz, incendiando o vapor Marquês de Olinda.

**Figura 138:** Episódio do dia 17 de junho de 1865. Combate naval de Riachuelo. A canhoneira Araguary, comandante Hoonholtz, incendiando o vapor Marquês de Olinda. *Semana Illustrada*, 10 de setembro de 1865, n. 248.

E, tal como em praticamente todos os conflitos ocorridos, temos as homenagens aos mortos, feridos e aos considerados heróis nas pelepas, apresentados em diversos momentos. Um dos exemplos (Figura 139) é a homenagem aos Guardas-Marinhas Francisco José de Lima Barros e Antonio Augusto de Araujo Torreão, que são laureados por um anjo. Ambos faleceram durante os conflitos do dia 11 de junho. O primeiro, foi homenageado pela Marinha em um monitor encouraçado incorporado em 3 de abril de 1866, nomeado com seu sobrenome, *Lima Barros*<sup>71</sup>.

Essas homenagens sobre o combate naval de Riachuelo, Cuevas, Mercês e outras passagens subsequentes foram narradas nos números 255, 256, 257, 262, 265, 267, 269, 272, 294 da *Semana Illustrada*.

---

<sup>71</sup> LIMA BARROS, Fragata encouraçada. **Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.** Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/LimaBarrosFragataEncoura%C3%A7ada1886-1883.pdf>. Acessado dia 20/02/2023.





**Figura 139:** O Guarda-Marinha Francisco José de Lima Barros, morto a bordo do “Jequitinhonha” defendendo a bandeira. Teus dias foram curtos, mas tão cheios. De glória no combate se findaram, Que os anjos da vitória entre epinícios. Aos céus teu que exército entregaram. O Guarda-Marinha Antonio Augusto de Araujo Torreão nascido em Pernambuco, morto a bordo da “Mearim”. Morrer matando, defendendo a vida. Em prol da pátria, que os heróis produz, É viver na memória agradecida. Deste vasto país da Santa Cruz. **Semana Illustrada**, 16 de julho de 1865, n. 240.

Após diversas contribuições relevantes para a *Semana Illustrada*, finalmente somos apresentados “ao nosso desenhista”, forma pela qual é chamado Antônio Luís von Hoonholtz pelos editores da *Semana Illustrada*. Na imagem (Figura 140), é narrada a passagem do comandante da *Araguary* pelas baterias de Cuevas, ao passo em que desenha todo o acontecimento com “o maior sangue frio”. Ao fundo, é possível de se observar o fogo das baterias passando muito próximo do desenhista e marinheiro que, em meio ao caos, mantém a pose e capta todos os momentos com seu lápis, olhando diretamente para o espectador.

Obviamente, há um exagero na imagem, que tem por objetivo dar ênfase a bravura de von Hoonholtz, uma figura fundamental para as gravuras do periódico de Fleiuss e cia., assim como Wandenkolk e outros personagens presentes no front, mas que enviam informações preciosas, esquemas e croquis para a capital da Corte, alimentando a imprensa carioca com conteúdos e narrativas advindas de quem está vendo a guerra com seus próprios olhos, o que necessariamente não significa que as gravuras são totalmente fidedignas aos acontecimentos.



O nosso desenhista A. L. von Hoonholtz, comandante da canhoneira *Araguary*, passando as baterias de Cuevas e desenhando-as com o maior sangue frio.

**Figura 140:** O nosso desenhista A. L. von Hoonholtz, comandante da canhoneira *Araguary*, passando as baterias de Cuevas e desenhando-as com o maior sangue frio. **Semana Ilustrada**, 24 de setembro de 1865, n. 250.

Com as vitórias subsequentes ao subir o rio Paraná, a retomada de Corrientes estava ficando cada vez mais próxima, sobretudo com a formação do Tratado da Tríplice Aliança, em 1º de maio de 1865. Desta forma, Flores é representado (Figura 141) varrendo o lado direito do Rio, que remete ao Brasil, Uruguai e Argentina, se preparando para varrer agora o outro lado: o Paraguai. E enquanto vai avançando, ao estar no “corredor”, espera chegar na “sala”, sendo muito provavelmente ela a capital paraguaia, Assunção, ocupada oficialmente apenas no dia 1º de janeiro de 1869.



Frente: Sala, que porão, que lazo, que ludo; finalmente si varri o lado direito deste rio, vou agora com os meus braços compostos varrer também o lado esquerdo: E ainda agora estou no corredor, mas brevemente costo chegar à sala.

**Figura 141:** FLORES: Safa, que poeira, que lama, que lodo; felizmente já varri o lado direito deste rio, vou agora com os meus bravos companheiros varrer também o lado esquerdo. E ainda agora estou no corredor, mas brevemente conto chegar à sala. *Semana Illustrada*, 17 de setembro de 1865, n. 249.

E após esses êxitos da armada brasileira, temos duas homenagens da *Semana Illustrada* ao comandante Barroso. Na primeira ocasião (Figura 142), o personagem é representado como um bebê, mas com sua face adulta, sendo batizado pelo vice-almirante Tamandaré, o comandante da marinha brasileira e seu superior, pelas águas do Amazonas, representado por uma indígena. Assim, a cena mostra o momento em que Barroso torna-se o Barão de Amazonas, algo corroborado pela imagem seguinte (Figura 143).

Nela, o então barão mostra que deu seu nome a um encouraçado e, ao mesmo tempo, recebeu este título graças à fragata *Amazonas*, que o brindou com as vitórias no rio Paraná. O encouraçado *Barroso*, feito de ferro e madeira, foi construído no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro e lançado ao mar em 4 de novembro de 1865, seguindo para o Paraguai no dia 13 de janeiro de 1866<sup>72</sup>.



<sup>72</sup> BARROSO, Encouraçado. **Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.** Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/BarrosoEncouracado1865-1881.pdf>. Acessado dia 20/02/2023.

**Figura 142:** Batizado. Mergulhe-se a nobre fronte, nas águas deste Jordão; chamava-se ontem Barroso, hoje chama-se – barão. *Semana Ilustrada*, 21 de janeiro de 1866, n. 267.



**Figura 143:** Coincidências. – Com tua valentia herdei teu nome. – Com tua fortaleza herdei teu nome. *Semana Ilustrada*, 28 de janeiro de 1866, n. 268.

## 2.7. A assinatura do tratado da Tríplice Aliança

Francisco Doratioto explica que após Mato Grosso e Corrientes serem respectivamente atacadas pelos paraguaios, o caminho para a formação da Tríplice Aliança ficou ainda mais possível, reunindo Brasil, Argentina e Uruguai contra o inimigo em comum. Contudo, a aliança entre Brasil e Argentina já havia sido pensada anteriormente por Bartolomeu Mitre antes dos ataques terem acontecido, tendo sido posta em prática uma política de cooperação na região do Prata. Desta forma, brasileiros e argentinos seguiram mantendo a hegemonia na área, abandonando parcialmente a antiga rivalidade que predominava entre ambos os países (Doratioto, 2002, p. 156). Assim, em 1º de maio de 1865, foi assinado formalmente, em Buenos Aires, o Tratado da Tríplice Aliança<sup>73</sup>. Este tratado estabelecia as condições de paz, além de ser uma base para perpetuar a paz entre Brasil e Argentina. Todavia, as relações entre essas nações seguiam ainda complexas, sendo a desconfiança das respectivas intenções no Prata fonte de receios.

Doratioto mostra que existiram indícios de que o governo da Argentina já havia pensado na hipótese de anexar o território do Paraguai, embora não tivessem um plano bem definido para tal feito. Segundo o autor, José Maria da Silva Paranhos ouviu de José

<sup>73</sup> **Tratado da Tríplice Aliança.** Disponível em: <http://www.saij.gob.ar/127-nacional-tratado-triple-alianza-lnt0002527-1865-05-24/123456789-0abc-defg-g72-52000tcanyel#>. Acessado em 30/01/2023.

Marmol, durante um almoço na capital uruguaia, que Mitre tinha o pensamento de anexar de fato o Paraguai e que tal desejo determinaria uma aliança com os brasileiros. Na altura, o ministro inglês em Buenos Aires alegou ter ouvido Mitre falar que não pensava em anexar o território naquele momento, mas também não queria se comprometer com o Brasil de não o fazer, pois as coisas poderiam ser diferentes no futuro, deixando nítida a questão da desconfiança entre essas nações (Doratioto, 2002, p. 158-159).

Argentina, Brasil e Uruguai foram respectivamente representados na assinatura do tratado por Rufino de Elizalde, Almeida Rosa e Carlos de Castro. O texto, que era secreto, e determinava que a guerra era contra o governo paraguaio, e não seu povo, tinha como base o estabelecimento de uma aliança militar e os pré-requisitos para se estabelecer a paz no Cone Sul. Contudo, havia também interesses territoriais argentinos e brasileiros, que iriam reestabelecer a fronteiras com o Paraguai, sendo esta parte do acordo previamente determinada. Por fim, havia também por parte de ambos os países citados anteriormente o interesse bélico de se fortalecerem e, mais do que isso, suprirem as suas diversas falhas de organização militar (Doratioto, 2002, p. 158). Também estava previsto nos termos deste tratado que os países envolvidos só poderiam abandonar o conflito caso chegassem em comum acordo e depois da queda de Solano López, vedando qualquer decisão de paz tomada separadamente. López era visto pelo Império como aliado aos federalistas argentinos e dos *blancos* do Uruguai, sendo sua deposição uma questão de segurança para a região. Sobre essa medida, percebe-se que, de fato, D. Pedro II e o Império decidiram levar os termos a sério, findando os trâmites bélicos apenas após a morte do líder paraguaio.

Estava determinado pela Tríplice Aliança que o comando em chefe dos exércitos seria feito por Mitre, enquanto a guerra ocorresse em território argentino ou paraguaio. Tal escolha foi um ato político tomado pelo governo imperial que, segundo Doratioto (2002, p. 150-161), caso colocasse um brasileiro no comando, ia ser visto como uma ameaça por outros países. Porém, o cargo tinha mais um papel nominal do que prático, pois Mitre tomava boa parte das medidas em conjunto com os outros comandantes. Em caso de conflitos no Brasil e no Uruguai, o comando era repassado aos líderes dos respectivos países. Já na parte naval, praticamente toda do Brasil, ficou sob o comando do vice-almirante Tamandaré. Inicialmente, as forças terrestres brasileiras ficaram com o general Osório e as uruguaias com o presidente Flores.

Após o conflito, que dizimou a população paraguaia em proporções avassaladoras, estima-se que o Paraguai tenha perdido em torno de 280.000 pessoas. No entanto, como

alega Doratioto, é impossível precisar o número de atingidos por não haver na época um censo sólido que conseguisse abarcar toda a população e suas respectivas perdas, ocorridas majoritariamente por doenças e fome. Além de ter que lidar com as perdas humanas e materiais por conta do conflito, os paraguaios tiveram de lidar com uma dívida de guerra com os três rivais que não foi totalmente paga. Portanto, o tratado também estabelecia que o governo que substituísse López deveria assim indenizar todos os gastos no esforço de guerra por parte dos aliados, e os danos causados pela guerra às propriedades públicas e particulares através das invasões paraguaias no Brasil e na Argentina. Mas em 5 de maio de 1943, o então presidente brasileiro Getúlio Vargas acabou por perdoar a dívida através do decreto-lei nº 5.458<sup>74</sup>, considerando as políticas de solidariedade americana entre as repúblicas, a afinidade e boas relações, dentre outros pontos.

A imprensa brasileira, antes mesmo de repercutir a assinatura do tratado, trouxe as diferentes reações através das ações bélicas tomadas pelo Paraguai. A *Semana Ilustrada* representou a reação de Mitre ao saber da declaração de guerra feita por Solano López (Figura 144). Surpreendido, o líder argentino falou: “Em três dias nos quartéis, em quinze no acampamento, em três meses em Assunção”. Isto dá a entender que os argentinos acreditavam que, assim como os brasileiros, a guerra não duraria muito tempo. Contudo, a partir dos números levantados, os argentinos enviaram para a *front* apenas 30 mil soldados, enquanto o Brasil ultrapassaria os 200 mil. De toda forma, neste momento, o Brasil, já invadido pelos inimigos, e a Argentina, próximo alvo paraguaio, já começavam a delinear uma aliança estratégica. O Uruguai, por ter tido a influência de ambos governos para colocar Flores no poder, também participaria da aliança, mas com um contingente bem menor, não chegando a 6 mil soldados.

---

<sup>74</sup> Decreto-lei nº 5.458, de 5 de maio de 1943. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5458-5-maio-1943-415508-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado dia 29/01/2023.





Palabras de General Mitre, presidente de República Argentina, ao receber a notícia de  
declaração de guerra do cacique Lopez:  
"En tres dias nos cuarteis, en quinze no acampamento, em três meses em Assunção".  
Pasa a Deus que a fortuna seja propicia a tão bravo aliado.

**Figura 144:** Palavras do General Mitre, Presidente da República Argentina, ao receber a notícia da declaração de guerra do cacique Lopez: “Em três dias nos quartéis, em quinze no acampamento, em três meses em Assunção”. Praza a Deus que a fortuna seja propícia a tão bravo aliado. **Semana Ilustrada**, 14 de maio de 1865, n. 231.

Posteriormente, o periódico de Henrique Fleiuss também apresentava uma gravura representando o “programa do gabinete”, trazendo a alegoria brasileira, sempre representada por uma mulher indígena, empunhando uma espada e uma tocha, rodeada por soldados e suas baionetas, sendo ela a figura centralizada da cena (Figura 145). A ideia, apresentada pela legenda, mostra um trecho do próprio programa, acreditando ser esta uma “guerra empreendida contra todos os direitos divinos e humanos, (...) inaugurada contra a espoliação, o roubo e o assassinato”, perspectiva tida a partir das invasões do Mato Grosso e do Rio Grande. Desta maneira, para o gabinete do Império, debelar “tal guerra é o grande programa do governo”.

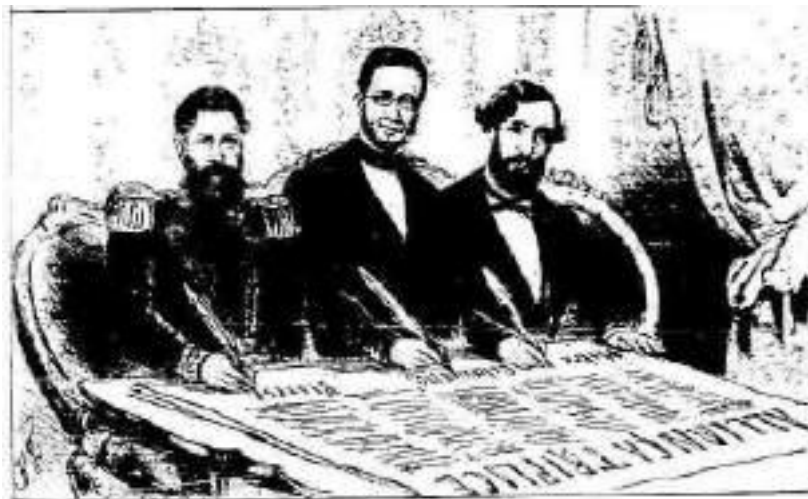


O programma do gabinete.

"...A questão do dia é a guerra. Debelar esta guerra, guerra empreendida contra todos os direitos divinos e humanos, guerra inaugurada com a espoliação, o roubo e o assassinato; debelar uma tal guerra é o grande programma do governo."

**Figura 145:** "...A questão do dia é a guerra. Debelar esta guerra, guerra empreendida contra todos os direitos divinos e humanos, guerra inaugurada com a espoliação, o roubo e o assassinato; debelar uma tal guerra é o grande programa do governo". *Semana Illustrada*, 21 de maio de 1865, n. 232.

No dia 28 de maio de 1865, a *Semana Illustrada* apresentava oficialmente a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, apresentando respectivamente Francisco Octaviano de Almeida Rosa, pelo Brasil; Dom Carlos de Castro, pelo Uruguai; e Dom Rufino Elizalde, pela Argentina (Figura 146). O documento, assinado oficialmente em 1º de maio de 1865, mudaria os rumos da guerra ao aliar três nações contra um inimigo em comum, sendo este um grande marco para a geopolítica do Cone Sul.



TRÍPLICE ALIANÇA

O Brasil, a Confederação Argentina e o Estado Oriental assinam o solene tratado, por meio do qual dentro de pouco tempo, um povo ficará libertado e um tirano será punido.

**Figura 146:** TRÍPLICE ALIANÇA. O Brasil, a Confederação Argentina e o Estado Oriental assinam o solene tratado, por meio do qual dentro de pouco tempo, um povo ficará libertado e um tirano será punido. *Semana Illustrada*, 28 de maio de 1865, n. 233.



Seguindo o clima de revanchismo, o periódico de Fleiuss buscava mostrar que a política, independente de qual lado fosse, estava realmente disposta a guerrear, colocando os Ministérios de 31 de agosto e 12 de maio com o mesmo objetivo: vencer López (Figura 147). É interessante de se perceber que, de fato, este era um dos objetivos da própria aliança formada, que lutava contra o governo de López, e não contra os paraguaios. Contudo, a Tríplice Aliança foi responsável pela morte de incontáveis pessoas, algo que não pode ser apagado da memória do conflito.



**Figura 147:** O que o ministério de 31 de agosto quis e o que o ministério de 12 de maio quer. Enquanto existe um Lopez, tal será o programa de qualquer ministério brasileiro, porque é este o sentimento de todo o país. *Semana Illustrada*, 4 de junho de 1865, n. 234.

Com o anúncio da Tríplice Aliança e os anseios dos gabinetes brasileiros de diferentes períodos, chegara a vez da *Semana Illustrada* apresentar aos seus leitores o General em Chefe do Exército Brasileiro e seu Estado Maior. Na gravura (Figura 148), baseada em retratos enviados pelo Comendador Espírito-Santo, são representados: 1. Brigadeiro, Manoel Luiz Osório, general em chefe do exército; 2. Capitão Bibiano, secretário do general Osório; 3. Francisco de Assis Trajano de Menezes, ajudante d'ordens; 4. Dr. Platão Regout, médico do quartel general; 5. Tenente Antonio Germano de Andrade Pinto, ajudante d'ordens; 6. Dr. Manoel José de Oliveira, médico do quartel general; e 7. Dr. Polycarpo de Barros, chefe do corpo de saúde.



**Figura 148:** O General em chefe do exército brasileiro e seu estado maior. 1. Brigadeiro, Manoel Luiz Ozorio, general em chefe do exército. 2. Capitão Bibiano, secretário do general Ozorio. 3. Francisco de Assis Trajano de Menezes, ajudante d'ordens. 4. Dr. Platão Regout, médico do quartel general. 5. Tenente Antonio Germano de Andrade Pinto, ajudante d'ordens. 6. Dr. Manoel José de Oliveira, médico do quartel general. 7. Dr. Polycarpo de Barros, chefe do corpo de saúde. (Estes retratos foram-nos enviados obsequiosamente, oferecidos pelo Sr. comendador Espírito-Santo). *Semana Illustrada*, 25 de junho de 1865, n. 237.

Ainda sobre a assinatura do tratado e os países que dele fazem parte, a *Semana Illustrada* os compara com o processo de libertação e unificação da Suíça, ocorrido por volta de 1307, sendo este um dos mitos fundadores do país, com o Juramento do Rütli, que uniu os cantões de Uri, de Schwyz e de Unterwalden. Na imagem, Venâncio Flores, D. Pedro II e Bartolomeu Mitre tomam o lugar de Walter Fuerst, Arnold von Melchtal e Werner Stauffacher, jurando entre si uma “união indissolúvel” (Kreis, 2004). Por fim, o texto ainda alega que a aliança só deverá depor as armas quando seus objetivos forem cumpridos, algo que se mostrou inconstante durante a guerra, cujo argentinos e uruguaios cogitaram sair antecipadamente.

A comparação feita pela gravura (Figura 149) mostra que a imprensa tinha também como objetivo colocar o conflito contra os paraguaios e a assinatura da aliança como mitos importantes da história brasileira e também do Cone Sul, unindo nações que outrora já foram rivais contra um inimigo em comum. Este sentimento de união e pertencimento também foi amplamente aproveitado pelas pinturas históricas elaboradas no pós-guerra por artistas como Victor Meirelles e Pedro Américo. Tal *modus operandi* destes artistas remete muito ao que os artistas franceses faziam durante o período das Guerras Napoleônicas, que enfatizavam os êxitos do exército francês contra seus

inimigos. E, de fato, é perceptível que a própria monarquia buscou utilizar a guerra como um pretexto para a criação de uma identidade nacional que englobasse toda a pátria, sendo a guerra uma das melhores maneiras de unir os cidadãos de uma nação.



**O juramento dos três suíços.**  
 Em 1307 a Suíça foi forçada a reclamar sua independência e liberdade. Numa noite juntaram-se três chefes, Walter Furst, Arnold von Melchtal e Werner Stauffacher, e juraram por si e por seus companheiros uma união indissolúvel. A Suíça foi por eles libertada.  
 Em 1865 entraram o Brasil, o Uruguai e Buenos Aires para libertar o Paraguai. Como os três chefes suíços, eles só devem depor as armas depois de realizados os intuitos da aliança.

**Figura 149:** O juramento dos três suíços. Em 1307, a Suíça foi forçada a reclamar sua independência e liberdade. Numa noite juntaram-se três chefes, Walter Furst, Arnold von Melchtal e Werner Stauffacher e juraram por si e por seus companheiros uma união indissolúvel. A Suíça foi por eles libertada. Em 1865 uniram-se o Brasil, o Uruguai e Buenos Aires para libertar o Paraguai. Como os três chefes suíços, eles só devem depor as armas depois de realizados os intuitos da aliança. **Semana Ilustrada**, 17 de dezembro de 1865, n. 262.

Em sua seção “Novidades da Semana”, a *Semana Ilustrada* do dia 24 de dezembro de 1865 apresentou parte de uma carta<sup>75</sup> enviada por Solano López aos aliados. Satirizada pelo narrador, sendo comparada com “um pasquim, uma página miserável da sua história”, a carta pode ter tido, segundo o colunista, duas razões: fazer efeito na

<sup>75</sup> **Semana Ilustrada**. 24 de dezembro de 1865, n. 263.

Europa, que se encontrava dividida sobre as opiniões acerca do Brasil no conflito, tendo inclusive como um dos defensores da causa brasileira na imprensa francesa o diplomata José Maria de Paranhos Júnior.

O outro objetivo de López era o de fazer um reconhecimento da esquadra aliada. Contudo, como o próprio texto diz “veio buscar lã e saiu tosqueado”, não tendo êxito em sua empreitada. A carta, respondida por Mitre, também foi comentada pelo periódico, que considerou que esta deve ter feito “López tremer de raiva”. Mas, o jornal não trouxe anexada a carta, sendo esta provavelmente uma informação repassada pelos informantes do Exército.

## **2.8. A chegada do imperador ao Sul e a rendição de Uruguiana**

Com a invasão de Corrientes e de Uruguiana, os paraguaios avançavam agora em dois *fronts* diferentes, uma atitude pouco inteligente, se pensarmos do ponto de vista militar em ter que lutar contra dois inimigos e em lugares diferentes, sobretudo com um número limitado de soldados e armas. No entanto, para prosseguirmos para a explicação da tomada de Uruguiana e a chegada de D. Pedro II ao teatro de guerra, precisamos retornar a alguns acontecimentos antecedentes.

Solano López, contrariado com a interferência de brasileiros e argentinos na questão uruguaia, decidiu por atacar o Brasil, invadindo inicialmente o Mato Grosso, embora não tenha tido o êxito esperado. Desta forma, seguiu a ideia de invadir o Brasil por outro lugar: o Rio Grande do Sul, com o objetivo original de chegar até o Uruguai, que via *blancos* e *colorados* lutarem pelo poder, sendo os primeiros apoiados por López e os *colorados* por brasileiros. Contudo, para executar tal movimentação, o líder paraguaio solicitou a Mitre, neutro na questão uruguaia, a travessia de suas tropas por Corrientes, desejando chegar ao rio Uruguai, algo negado pelo líder argentino. Assim, Solano López deu início ao processo de invasão da região de Corrientes (Doratioto, 2002, p. 170).

Contudo, esta ação, não era planejada originalmente pelos paraguaios. López tinha como objetivo concentrar suas forças no rio Uruguai para atacar diretamente o Brasil e, assim, ir rumo ao Uruguai. Mas ao declarar guerra aos argentinos, uma medida equivocada que custou um bom número de homens, ele teria mais um percalço pelo caminho. Portanto, para buscar chegar ao seu objetivo, sitiou Corrientes e avançou ao longo do rio Paraná, reunindo suas tropas espalhadas e, assim, invadir Uruguiana. No caminho de São Borja até Uruguiana, propriedades urbanas e rurais foram pilhadas

sistematicamente pelos paraguaios, com os objetos sendo conduzidos em diversas carretas de volta para o Paraguai. Doratioto aponta que ocorreram informações de violência sexual contra mulheres que não foram escondidas por suas famílias. Porém, o autor ressalta que nem todos os saques foram feitos apenas pelos invasores, mas também por alguns moradores que se mantiveram em São Borja e se uniram aos inimigos na pilhagem (Doratioto, 2002, p. 173).

Essa escolha acabou fazendo com que López alocasse mais homens em Corrientes e em regiões menores, espalhando novamente seu contingente. A ocupação de Corrientes se deu praticamente sem luta, no dia 15 de abril de 1865. Logo após, o exército paraguaio receberia mais 25 mil homens para reforçar a segurança da região tomada em território inimigo. Na ocasião, a Argentina encontrava-se limitada de forças, não conseguindo as milícias menores lidarem com a ameaça paraguaia. Com isso, o Tratado da Tríplice Aliança foi assinado, dando o comando para Bartolomé Mitre, presidente argentino.

A cidade de Uruguaiana, fundada em 1843, tinha por volta de 6 mil habitantes às vésperas de ser tomada. Por ordem do general brasileiro David Canabarro, pouco antes da chegada dos paraguaios, a cidade deveria ser preparada para resistir a um cerco. Ela não foi totalmente fortificada, mas contava com paredes de tijolo e de tábuas, fossos, além do armazenamento de víveres, que permitiriam a vila a aguentar um longo estado de sítio. Canabarro inclusive prometeu aos locais que a cidade não seria invadida. Contudo, só dispunham de 200 guardas nacionais como defesa. Por conta de erros na construção de trincheiras, que mais ajudariam os invasores, Canabarro ordenou que elas fossem destruídas em 4 de agosto. Com isso, a população entrou em pânico, fugindo da cidade em meio ao caos. Caldwell ordenou no mesmo dia que a cidade fosse evacuada, deixando para trás dois canhões que seriam utilizados pelos paraguaios (Doratioto, 2002, p.174-175).

O general Canabarro se aproximou novamente de Uruguaiana, já sitiada, mas não tinha força suficiente para atacar a cidade, se instalando à distância e iniciando o processo de cerco, impedindo a entrada de víveres e informações exteriores. O major Pedro Duarte, paraguaio que fazia parte dos invasores, acreditava que poderia vencer as forças de Flores. Mas, para isso, deveria atacar os homens de Canabarro antes de se juntarem à divisão de Paunero. Assim, solicitou a Estigarribia reforços para tentar um ataque, tendo resposta positiva (Doratioto, 2002, p. 173-174).

Em 13 de agosto de 1865, Paunero e Simeón Paiva se reuniram junto a Flores e seus homens, com 12 mil homens no total e 32 peças de artilharia. Enquanto isso, Duarte

tinha apenas 1.980 infantes e 1.020 cavaleiros, sem qualquer artilharia (Garmendia, 1904, p. 276). Contudo, tinha a vantagem, tendo escolhido o major a região de Paso de los Libres para a luta, ocorrida em 17 de agosto de 1865, sendo conhecida com a Batalha de Jataí, que teve como vitoriosos os homens de Flores. Na ocasião, os paraguaios lutaram bravamente, mas tiveram muitas baixas e soldados aprisionados, incluindo uruguaios *blancos* que auxiliavam os paraguaios, sendo executados como traidores (Gavier, 2005, p. 38). Um fato curioso é que parte dos paraguaios aprisionados foram obrigados a lutarem contra seus compatriotas, com o objetivo de substituir o contingente aliado perdido em batalha (Pallejas, 1865, p. 98).

Assim, Canabarro e seus homens iniciavam novamente o processo do cerco de Uruguaiana, mas sem conseguir lutar contra os sitiados. Após o êxito em Jataí, a reduzida força de Manuel Marques de Sousa, o Visconde de Porto Alegre, se juntou a Flores. Em 19 de agosto, o general uruguaio enviava para o coronel Estigarribia, um dos sitiados, uma mensagem para se entregar, para não haver mais derramamento de sangue, já que suas forças estavam reduzidas e em condições precárias<sup>76</sup>. Reforçando o posicionamento dos Aliados, Mitre dizia que eles “não fizeram guerra contra o Paraguai, mas o tirano López que os governa e os trata como escravos”. E reiterava que o propósito principal era em “dar-lhes a liberdade e as instituições, dando-lhes um governo por livre escolha<sup>77</sup>”.

Posteriormente, em 5 de novembro de 1865, a *Semana Ilustrada* apresentava um panorama do sítio de Uruguaiana, feito pelo Sr. Alferes de Estado Maior de 1ª Classe Fontoura (Figura 150). O esquema, com uma visão de cima, apresenta o posicionamento dos aliados no processo. Além disso, indica a direção da cidade através de uma rosa dos ventos e o curso do rio Uruguai, representado por uma flecha. Todo o material conta com números e letras que podem ser lidos através de uma ampla legenda. A gravura dava uma dimensão aos leitores do que estava acontecendo no Sul, trazendo detalhes relevantes.

---

<sup>76</sup> **Semana Ilustrada**, 23 de julho de 1865, n. 241.

<sup>77</sup> “*Los aliados no hacemos la guerra a los paraguayos, sino al tyrano López, que los manda y los trata como á esclavos, y nosotros vamos á darles libertad e instituciones, nombrando ustedes un Gobierno por su libre elección*”. *El general Flores intima rendición al comandante en jefe de las fuerzas paraguayas de Uruguayana*. **Arquivo do General Mitre**, 1911, Tomo IV, p. 43.

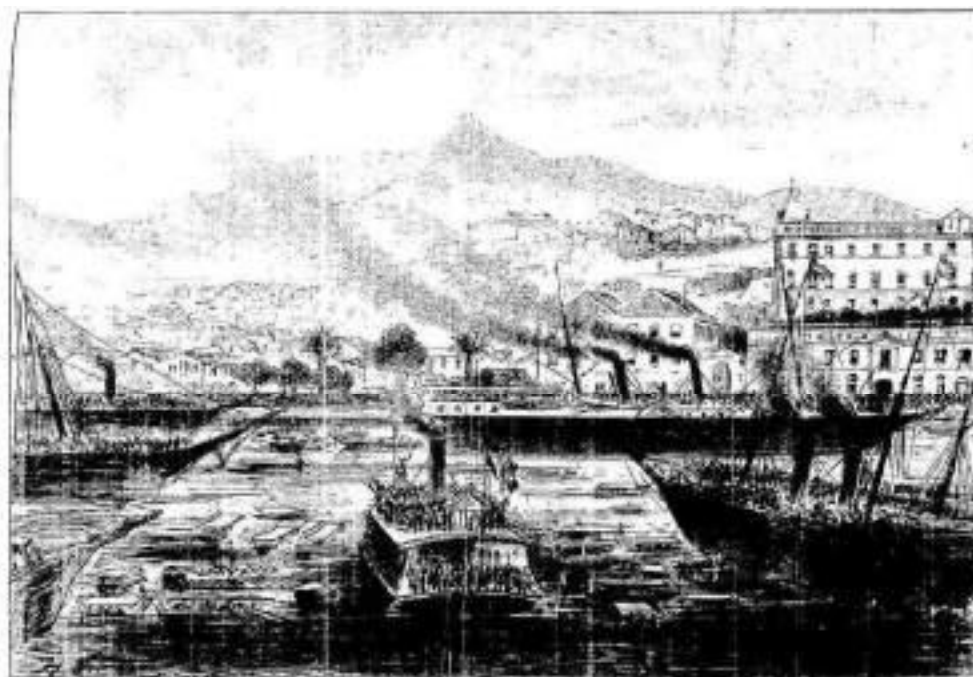




fazer aqueles que já lutaram com os soldados de Vossa Excelência nas pontas de Mbutin<sup>78</sup>.

Os Aliados buscavam, ainda assim, tentar evitar o conflito, enviando por outras vezes mensagens ao coronel, que respondia com tom arrogante, acreditando ele estar incumbido de atos heroicos contra seus rivais. Contudo, depois diversas negociações<sup>79</sup>, após ver seu exército cair para a fome e as doenças, Estigarribia pede que os civis sejam liberados, sobrando 5.500 homens que, em boa parte, estavam enfermos.

A notícia de sua chegada fora veiculada no jornal de Fleiuss<sup>80</sup>, reforçando o “amor pátrio” de Sua Majestade, o Imperador, o primeiro voluntário da pátria, ao ir para o teatro de guerra juntar-se aos seus soldados (Figura 151). Assim, partiu para o Sul junto do Conde d’Eu e o Duque de Saxe, seus genros, sendo todos louvados por parte dos populares. Uma gravura da *Semana Illustrada* narra o momento em que o *Santa Maria* parte pelas águas do Guanabara, junto de outras embarcações.



VIAGEM IMPERIAL.  
O Santa Maria, destinado a fazer a viagem de Guanabara, com o resto de um pequeno teatro em favor da guerra, segue para o Sul, ao lado do Conde d'Eu e do Duque de Saxe, seus genros, sendo todos louvados por parte dos populares. Uma gravura da *Semana Illustrada* narra o momento em que o *Santa Maria* parte pelas águas do Guanabara, junto de outras embarcações.

<sup>78</sup> “(...) digo que defendo y sostengo la causa de la República y de la independencia de mi patria, y que como soldado de honor, no puedo ni debo aceptar proposicion de ninguna clase. Confio mucho em la nobleza y acreditado valor del soldado paraguayo, y me batiré al lado de ellos como supieron hacerlo los que pelearon ya con soldados de V. E. en las puntas de Mbutin”. **Arquivo do General Mitre**, 1911, Tomo IV, pp. 43-44.

<sup>79</sup> As diversas negociações feitas entre Flores e Estigarribia podem ser encontradas documentadas no Arquivo do General Mitre, compilado em 1911 e dividido em cinco tomos, sendo encontrados virtualmente na Biblioteca Digital do Ministério da Justiça e Direitos Humanos da Nação. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.gob.ar/>. Acessado dia 10/03/2023.

<sup>80</sup> **Semana Illustrada**, 16 de julho de 1865, n. 240.



**Figura 151:** VIAGEM IMPERIAL. Santa Maria, deslizando-se pelas águas do Guanabara, ouve os votos de um povo inteiro em favor da próspera viagem dos augustos passageiros, à bem da realização das largas vistas de S. M. I. e pelo seu triunfante regresso a esta corte, que admira o ato da dedicação imperial, mas não pode esquivar-se ao sentimento de profunda saudade. Santa Maria, que sempre orou pela felicidade do Brasil, continuará a orar pela segurança, glória e ventura do Imperador. *Semana Ilustrada*, 16 de julho de 1865, n. 240.

No dia 11 de setembro de 1865, mesmo dia no qual foram liberados os civis, chegam ao *front*, que se encontrando com Mitre e Flores, já presentes no cerco. Neste momento, o imperador coloca na liderança de suas tropas seus genros. Na altura, os aliados contavam com mais de 17 mil soldados, sendo 12.393 brasileiros, 3.802 argentinos e 1.220 uruguaios (Moreno, 2008, p. 74).

Ao chegar no Rio Grande do Sul, D. Pedro II fez um discurso para a população, narrado pela gravura “Patriotismo, concórdia”, em que aparece cerceado por seus soldados, segurando uma proclamação em mãos, com seus genros ao lado (Figura 152). As alegorias que dão nome a gravura encontram-se em primeiro plano, na parte inferior, sentadas e observando a ocasião. Por fim, a gravura apresenta parte do discurso: “Falo-vos como pai, que zela a honra da família Brasileira; estou certo de que procedereis como irmãos, que se amam ainda mais quando qualquer deles sofre”.



**Figura 152:** Patriotismo. Concórdia. Rio Grandenses! Falo-vos como pai, que zela a honra da família Brasileira; estou certo de que procedereis como irmãos, que se amam ainda mais quando qualquer deles

sofre. (Proclamação de Sua Majestade o Imperador aos habitantes do Rio Grande). *Semana Illustrada*, 6 de agosto de 1865, n. 243.

No dia 10 de setembro de 1865, a *Semana* apresentava D. Pedro II e o Duque de Saxe, ambos em trajes de campanha, com barracas, armas e soldados ao fundo, dando a entender a presença de ambos no *front* (Figura 153). Ambos os personagens foram baseados em fotografias tiradas no Sul, mas não necessariamente neste contexto. Essa ideia de aproximar o líder maior do Brasil dos soldados, tem um objetivo maior, de colocar o imperador como um personagem que está ao lado de seu povo, livrando a cidade de Uruguaiana dos inimigos de seus invasores. Há um papel simbólico neste acontecimento, no qual D. Pedro II livra o império brasileiro do mal. Isso se potencializa ainda mais com a raridade de líderes no teatro de guerra, configurando um grave risco para a estabilidade política dos países.



**Figura 153:** S. M. o Imperador e S. A. o Sr. Duque de Saxe em traje de campanha. *Semana Illustrada*, 10 de setembro de 1865, n. 248.

Em outra ocasião, o imperador brasileiro também era colocado em meio a campanha, estando ao lado de seus soldados, agora em um ato de solidariedade (Figura 154). Figura central da gravura, D. Pedro II está oferecendo sua capa para um soldado, que se encontra deitado ao chão, intrincado por conta do frio em meio a uma chuva torrencial. Enquanto isso, todos os soldados ao redor assistem ao ato de compaixão do

líder brasileiro ante a dificuldade do soldado na campanha, sendo esta a única gravura de explícita interação do monarca com seus súditos.

Esse tipo de gravura, voltado para o cotidiano dos acampamentos, pouco foi explorada pela imprensa brasileira no período. Ao contrário do que os *special artists* faziam na Guerra da Secessão, na guerra contra o Paraguai, na maior parte das imagens, os soldados e seu cotidiano eram apenas tratados de forma secundária. A própria gravura em questão só mostra os soldados para enfatizar o feito do imperador. Do contrário, raramente eram criticadas nas gravuras as condições precárias dos combatentes no *front*.



Episódios da guerra contra o Paraguay.

Sua Magestade o Imperador, não obstante o intenso frio que fazia, tira dos ombros a capa e cobre com ella um soldado, que estava inteiriçado.

**Figura 154:** Episódios da guerra contra o Paraguai. Sua Magestade o Imperador, não obstante o intenso frio que fazia, tira dos ombros a capa e cobre com ella um soldado, que estava inteiriçado. **Semana Illustrada**, 8 de outubro de 1865, n. 252.

Antes da chegada de D. Pedro II, a liderança paraguaia que fora obrigada a lutar contra seus conterrâneos enviou carta a Estigarribia, alegando não ser um traidor e acusando López de ser um líder tirânico e opressor de seu povo. No entanto, a resposta do coronel paraguaio, ao contrário das anteriores, fora totalmente diferente, demonstrando que parte de seus homens se viam abandonados por seu presidente. Na ocasião, Estigarribia disse: “(...) companheiros, vou lhes responder mais tarde. Eu tenho que consultar meus homens, cujas opiniões estão divididas (Moreno, 2008, p. 76)”. Com tal resposta, diversos paraguaios desertaram, dificultando ainda mais a defesa da cidade, agora com menos homens.

As opiniões também estavam divididas na corte, como mostra a *Semana Illustrada*. No dia 24 de setembro, o periódico anunciava que a população seguia sem

saber dos trâmites da tomada de Uruguaiana, já que os vapores iam e vinham, mas sem novidades. Além disso, a folha apresenta que as opiniões acerca da situação estavam divididas:

uns acham que devia atacar a praça, outros que não; uns são fogosos como Garibaldi, outros magnânimos como Augusto; cada qual garra-se à versão que mais lhe convém; afirmam que há ciúme entre os generais, outros que há desejo de poupar vidas, outros que só esperava o Imperador; outros que se espera mais gente. É nesta Babel, em que se confundem as opiniões, ninguém sabe a quantas anda!<sup>81</sup>

Ou seja, com a demora para que a cidade fosse retomada, a população local ficava aflita ao saber o que estava acontecendo no Sul. As notícias, que circulavam com uma velocidade totalmente diferente de nossa contemporaneidade, chegavam com uma certa latência ao Rio de Janeiro. Contudo, no *front*, as coisas estavam acontecendo.

No dia 13 de setembro de 1865, reuniu-se o Conselho de Guerra entre as lideranças, onde Mitre decidiu atacar a cidade cinco dias depois. Assim, no dia 18 do mesmo mês, o secretário militar, Miguel Lera, emitia um ultimato:

Em nome do Imperador e os generais aliados, anuncio ao V. S. que dentro de duas horas, as nossas operações começarão. Aviso ao V. S. que qualquer proposta irá funcionar, a não ser para rendição as suas tropas de forma incondicional, não serão aceitas, por causa da V. S. anteriormente rejeitado o mais honrado que foram oferecidos<sup>82</sup>.

Assim, Estigarribia concordou com a rendição, determinando algumas condições:

1. O Comandante da força paraguaia entregará a divisão de seu comando, de sargento inclusive para baixo, guardando para eles os exércitos aliados todas as regras que as leis de guerra prescrevem para os presos.
2. Os chefes, oficiais e empregados de distinção sairão da praça com as suas armas e demais bagagens, podendo escolher o ponto para onde queiram ir, cabendo ao exército aliado mantê-los e vesti-los enquanto durar a presente guerra; se escolherem outro ponto que não o Paraguai, deve ser por sua conta; se preferirem este último ponto, oriente-os.
3. Os chefes e oficiais orientais que se encontrem nesta guarnição, ao serviço do Paraguai, ficarão prisioneiros de guerra do Império, conservando-se seis todas as contraprestações que sejam credores<sup>83</sup>.

---

<sup>81</sup> **Semana Ilustrada**, 24 de setembro de 1865, n. 250.

<sup>82</sup> **Arquivo do General Mitre**, 1911, Tomo IV, p. 61.

<sup>83</sup> “1. El Comandante de la fuerza paraguaya entregará la división de su comando, desde sargento inclusive abajo, guardando los ejércitos aliados para con ellos todas las reglas que las leyes de la guerra prescriben para con los prisioneros.

2. Los jefes, oficiales y empleados de distinción saldrán de la plaza con sus armas y demás bagajes, pudiendo elegir el punto adonde quieran dirigirse, debiendo el ejército aliado mantenerlos y vestirlos mientras dure la presente guerra; si eligieren otro punto que el Paraguay, debiendo ser de su cuenta; si prefiriesen este último punto, dirigirlos.

Após seguirem negociações, as condições de Estigarribia foram aceitas, e os paraguaios se renderam aos sitiados. O coronel viveu o restante de sua vida no Rio de Janeiro, andando livremente entre os transeuntes, sendo inclusive criticado e chamado de “Estica-barriga<sup>84</sup>” pelos periódicos. Inclusive, a *Semana Ilustrada* estampou em sua capa, às vésperas da queda de Uruguaiana, um diálogo entre o Dr. Semana e o Moleque, vestido de Leônidas, fazendo uma alusão ao papel da resistência de Estigarribia e seus homens ante o exército aliado (Figura 155). Contudo, o doutor tratou de prontamente apagar a ideia do menino, mostrando que a ocasião ali nada tem a ver com a vivida pelo espartano, cheirando a “fanfarronada de guarani” e a “chouriço ou linguças”.



**Figura 155:** O Leônidas paraguaio. Moleque: - Diga-me, nhonhô, o Estica-barriga\* não parodiou com jeito o dito do heroico espartano? Dr. Semana: - Distingo. A Uruguaiana nada tem de Termópilas, com 8.000 paraguaios, nem os aliados são Xerxes com 18.000 homens. Moleque: - Então o negócio cheira a fanfarronada de guarany? Dr. Semana: - Cheira a chouriço ou a linguças, que gostam muito de fumaça. \*Estigarribia. *Semana Ilustrada*, 1 de outubro de 1865, n. 251.

Porém, sobre os outros oficiais, não se tem nenhuma informação, já que os aliados parecem não ter permitido o regresso deles ao Paraguai. Antes da rendição formal, vários soldados foram capturados pela cavalaria riograndense. Os prisioneiros escolhidos, mais jovens e de pele mais escura, foram levados para o acampamento, onde foram alimentados

3. *Los jefes y oficiales orientales que están en esta guarnición, al servicio del Paraguay, quedarán prisioneros de guerra del Imperio, guardando seies todas las consideraciones que sean acreedores.* *Arquivo do General Mitre*, 1911, Tomo IV, p. 60.

<sup>84</sup> *Semana Ilustrada*, 15 de outubro de 1865, n. 253.

e sentiam-se livres. Contudo, a maior parte deles foi levada para fora da cidade e vendidos como escravos (Garmendia, 1904, p. 276). Os rendidos estavam descalços e desnutridos, em uma situação calamitosa. Alguns morreram dias depois da rendição. Os que sobreviveram, foram alimentados e divididos entre as três partes da aliança para compor a infantaria. Além disso, uma parte foi integrada à divisão paraguaia que existia no exército aliado.

Contudo, a notícia só fora veiculada na imprensa do Rio de Janeiro dias depois. A *Semana Illustrada* apresentou o feito no dia 8 de outubro de 1865<sup>85</sup>, exaltando a retomada da cidade, desejando “Honras ao Imperador! Honras aos bravos aliados!”. Além disso, noticiava também que o coronel Estigarribia estava no Rio de Janeiro:

O coronel Antonio Estigarribia acha-se nesta corte. O *Diário do Rio*, dando notícia da sua chegada, disse que ele veria com seus próprios olhos como é que o povo brasileiro recebia os seus inimigos vencidos. E com efeito, até hoje nenhum desacato, nenhuma desatenção tem sofrido. Ao contrário, quando os garotos, para quem tudo é festa, lembram-se de fazer algazarra ao verem passar o coronel, o povo protestou contra isso. É assim que o povo compreende o que é e o que vale! No próximo número daremos um retrato do mesmo coronel.

Diante deste trecho, pode-se perceber que o periódico tinha como objetivo demonstrar o nível de “civilidade” do povo brasileiro ao receber seus inimigos derrotados, sendo reprimida toda injúria possível com o coronel, como bem narra o texto. E, como prometido, o próximo número trouxe uma gravura de Estigarribia, desenhada por Fleiuss, baseada em fotografia tirada pelos senhores von Nyvel e Guimarães (Figura 156). Nela, o coronel aparece fardado, com sua mão direita posta dentro do fardão, estando ele desarmado, mas em posição altiva, mesmo tendo sido vencido pelos brasileiros. A gravura trata o inimigo com o devido respeito, reforçando os ideais de civilização ressaltados ao longo de todo o conflito.

---

<sup>85</sup> *Semana Illustrada*, 8 de outubro de 1865, n. 252.



**Figura 156:** O coronel paraguaio Antonio Estigarribia. Copiado de uma fotografia dos Srs. v. Nyvel e Guimarães. *Semana Illustrada*, 15 de outubro de 1865, n. 253.

Tal postura de respeito ao inimigo foi narrada na capa do número 256 da *Semana Illustrada*, em mais um diálogo entre o Dr. Semana e o Moleque (Figura 157). Na ocasião, o “nhonhô” pergunta ao menino de onde ele vinha, sendo respondido prontamente pelo Moleque, que estava tentando “dar uma cabeçada no Estigarribia”, medida prontamente repreendida pelo doutor, que diz: “Desprezemos o homem, mas respeitemos o inimigo vencido”, demonstrando novamente a ser tomada contra os presos de guerra presentes no Rio de Janeiro, sobretudo os de patente mais elevada.



Dr. SEMANA.—Donde vens tu, moleque?  
MOLEQUE.—Nhonhô, eu saí a ver se dava uma cabeçada no Estigarribia.  
Dr. SEMANA.—Deveras? Pois não me há de sair mais. Desprezemos o homem, mas respeitamos o inimigo vencido; e nada de molecagem, Sr. moleque... Vá buscar um charuto lá dentro!

**Figura 157:** Dr. Semana – Donde vens tu, moleque? Moleque – Nhonhô, eu saí a ver se dava uma cabeçada no Estigarribia. Dr. Semana – Deveras? Pois não me há de sair mais. Desprezemos o homem, mas respeitamos o inimigo vencido; e nada de molecagem, Sr. Moleque... Vai buscar um charuto lá dentro! *Semana Ilustrada*, 5 de novembro de 1865, n. 256.

Um número após a queda, a *Semana* voltava a apresentar o tema, desta vez em sua capa, colocando o Moleque diante de Solano López, recebendo a notícia pelo menino da queda de Uruguaiana (Figura 158). Como se pode perceber, o líder paraguaio é retratado com traços caricatos demais, se comparado ao menino, tendo tamanho e expressões exageradas para ressaltar aspectos cômicos e também o desespero dele ao saber de mais uma derrota para os aliados. Juntamente da gravura, a legenda traz uma fala do Moleque, rimando e caçoando da derrota, sem deixar de mencionar Jataí e a perda de cerca de 8 mil homens, colocando o próprio líder paraguaio como o culpado do fracasso.





MOLEQUE.—Eu moleque da Semana,  
A ti Lopez Periquito,  
Mostro n'este papelito  
A queda de Uruguayana;  
E, por ter pena de ti,  
Não te fillo de Yatahy.

LOPEZ.—Que me dices? Foi-se tudo!  
Oito mil homens vencidos:  
Eis os créditos perdidos,  
De Lopez, o façanhudo!  
A culpa é de Lopez pai!  
Ai de mim! ai! ai! ai! ai!

**Figura 158:** Moleque: Eu moleque da Semana, a ti Lopez Periquito, mostro n'este papelito. A queda de Uruguaiana; e, por ter pena de ti, não te falo de Yatahy. Lopez: - Que me dizes? Foi-se tudo! Oito mil homens vencidos: Eis os créditos perdidos. De Lopez, o façanhudo! A culpa é de Lopez pai! Ai de mim! Ai! Ai! Ai! Ai! **Semana Illustrada**, 15 de outubro de 1865, n. 253.

O mesmo periódico também narrou algumas cenas do cotidiano em Uruguaiana após a recapitulação (Figura 159). No dia 15 de outubro de 1865, apresentou duas ocasiões: na primeira, um soldado oferece uma cerveja legítima do Paraguai ao outro, que alega preferir a do Mata-cavalos. Assim, ele recebe a resposta de que o exército não deve usar dessa, por que senão ficará sem cavalaria. Na segunda, um soldado procura saber o preço de um licor, sendo respondido que a bebida sairá mais barata do que na cidade do Rio de Janeiro, já que o “o Sr. Tello Barreto, Inspetor da Alfândega de Uruguaiana, não nos quis esperar para receber os direitos”. Em ambos os casos, os soldados estão em momento de descanso, consumindo bebidas alcoólicas, provavelmente celebrando o êxito ao retomar a cidade, sendo este tipo de cena pouco comum no período.



**Figura 159:** Episódios da entrega de Uruguaiana. – Prove desta cerveja, camarada, é legítima paraguaia. – Nem por isso, acho melhor a de Mata-cavalos. – Mas o exército brasileiro não deve usar dessa, por que então fica sem cavalaria. – Por quanto me vende um cálix de licor, Sr. Furriel. – Beba, que lhe há de custar menos do que no Rio de Janeiro, pois V. M. bem sabe que o Sr. Tello Barreto, Inspetor da Alfândega de Uruguaiana, não nos quis esperar para receber os direitos. *Semana Illustrada*, 15 de outubro de 1865, n. 253.

Com a recapitulação, os brasileiros receberam os presos políticos no Rio de Janeiro, sendo o caso de Estigarribia um dos narrados anteriormente. Todavia, além dele, uma outra figura também foi detida: Padre Duarte, um dos homens que estava junto do exército inimigo. Assim, a *Semana* narra uma passagem em que o padre trêmulo e o general se encontram (Figura 160). Ao ser indagado se está com medo, Duarte fala que está emocionado de se lembrar que certamente será alojado como capelão do exército brasileiro, fazendo uma alusão ao que aconteceu com Estigarribia e outros homens. Devido ao tom irônico da imagem, percebe-se que a opinião de Fleiuss e sua equipe começa a divergir sobre o tratamento dado aos inimigos, que já estavam convencidos de que seriam bem recebidos caso fossem capturados durante a guerra.



— Então o que é isso, Sr. Padre Duarte, está tremendo de medo?  
— Qual de medo, Sr. General: é de prazer pela lembrança da que V. Ex. me vai arranjar um lugar de capelão no exército brasileiro.

**Figura 160:** – Então o que é isso, Sr. Padre Duarte, está tremendo de medo? – Qual de medo, Sr. General: é de prazer pela lembrança de que V. Ex. me vai arranjar um lugar de capelão no exército brasileiro.

**Semana Illustrada**, 15 de outubro de 1865, n. 253.

Isso fica ainda mais explícito quando em 19 de novembro de 1865, o mesmo jornal veicula uma comparação de como os prisioneiros são tratados pelos paraguaios, apresentando a situação do coronel Frederico de Campos Carneiro, capturado juntamente do *Marquês de Olinda*, preso em uma cela em condições precárias (Figura 161). Do outro lado, como são cuidados os presos políticos pelos brasileiros, trazendo a figura de Estigarribia em meio a uma festa, com roupas de gala e bebidas disponíveis. A discrepância no tratamento começa então a incomodar a redação da *Semana Illustrada*, que via o modus operandi do Paraguai como algo incivilizado.



**Figura 161:** Paralelo. Como são tratados os prisioneiros no Paraguai e no Brasil. *Semana Illustrada*, 19 de novembro de 1865, n. 258.

Com o fim da questão em Uruguaiana, o periódico de Fleiuss começa a pensar em voos mais altos para a Tríplice Aliança, desejando a chegada a Assunção (Figura 162). Na gravura em questão, somos colocados diante de um caricato Solano López sendo segurado por um fiapo de cabelo, prestes a cair nas baionetas e alfinetes de diversos soldados aliados, sendo chamado de “cacique” e “boneco de engonço”, uma marionete. Através da imagem, é possível de se perceber que pelo menos a *Semana Illustrada* acreditava em uma rápida resolução da guerra após a retomada das cidades invadidas pelos paraguaios. Contudo, tal previsão não aconteceu.



O boneco Lopez.

Apesar dos protestos e contraprotestas está terminada a questão de Uruguiana, e já se começou a questão de Assunção. A comédia do cacique vai agora mudar-se em tragédia na sua própria casa, onde ele há de representar o principal papel de boneco de engonço, pois não passa disso. *Semana Illustrada*, 100 n.º para cima.

**Figura 162:** O boneco Lopez. Apesar dos protestos e contraprotestas está terminada a questão de Uruguiana, e já se começou a questão de Assunção. A comédia do cacique vai agora mudar-se em tragédia na sua própria casa, onde ele há de representar o principal papel de boneco de engonço, pois não passa disso. *Semana Illustrada*, 29 de outubro de 1865, n. 255.

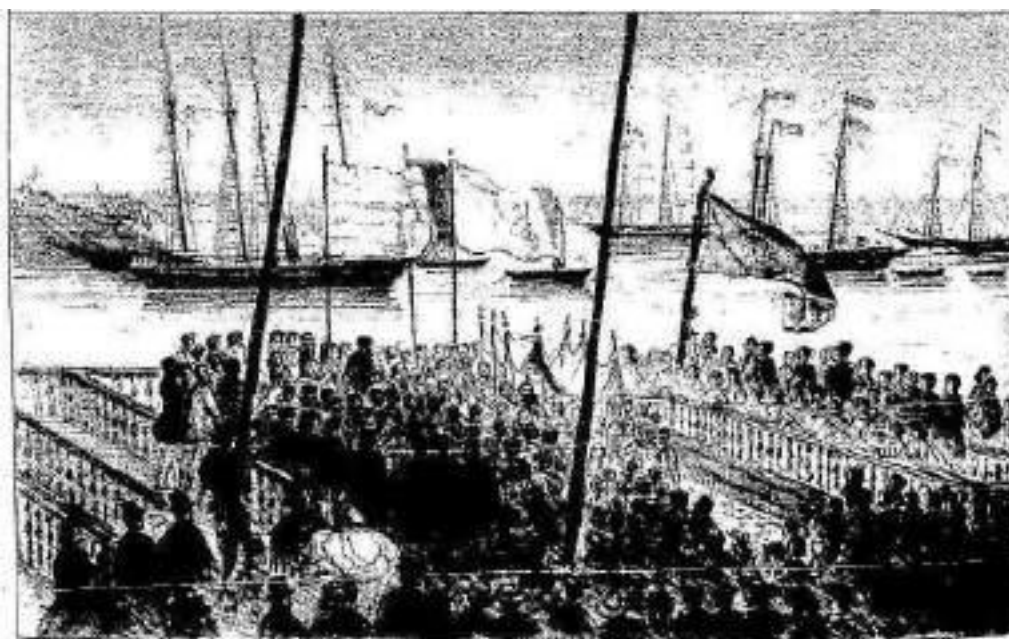
Com a resolução da questão de Uruguiana, D. Pedro II retornava ao Brasil, especificamente a cidade do Rio de Janeiro, sendo o acontecimento anunciado no dia 12 de novembro de 1865<sup>86</sup>, pela *Semana Illustrada*, com o título em latim “Venit Vidit Vicit” (ou “Vim, Vi, Venci”). No corpo do texto, o imperador é chamado de “o Primeiro Voluntário da Pátria”, “Príncipe Magnânimo e popular”, “Rei Soldado”, “Pai dos Brasileiros” e “Defensor Perpétuo do Brasil”. No número seguinte<sup>87</sup>, é detalhada a ocasião, explicando que o monarca e seus genros foram recebidos com festejos por toda

<sup>86</sup> *Semana Illustrada*, 12 de novembro de 1865, n. 257.

<sup>87</sup> *Semana Illustrada*, 19 de novembro de 1865, n. 258.

a cidade, que celebrava não só o regresso dos membros da família real, mas também a vitória em Uruguaiana e a continuidade da soberania do território brasileiro.

Contudo, antes de chegarem ao Rio de Janeiro, D. Pedro II, Conde d'Eu e o Duque de Saxe foram recebidos no Rio Grande do Sul, no dia 1º de novembro de 1865, sendo a ocasião retratada pela *Semana Illustrada*, através da fotografia tirada pelos Srs. Sucini & Irmão (Figura 163). Na imagem, é possível ver a figura real sendo recebida no porto pela população local, tendo ao fundo diversas embarcações que provavelmente auxiliaram na escolta do líder brasileiro.



Desembarque de Sua Magestade o Imperador na cidade do Rio Grande do Sul no dia 1º de Novembro de 1865.  
(Cópia de uma photographia dos Srs. Sucini & Irmão.)

**Figura 163:** Desembarque de Sua Magestade o Imperador na cidade do Rio Grande do Sul no dia 1º de novembro de 1865. (Copiado de uma fotografia dos Srs. Sucini & Irmão). *Semana Illustrada*, 27 de novembro de 1865, n. 259.

Ainda sobre a passagem do imperador pelo Rio Grande do Sul, a *Semana Illustrada* também apresentou parte dos três dias de festejos para receber os integrantes da Família Real. As duas imagens (Figura 164) apresentadas mostram o mesmo lugar, através de perspectivas diferentes. Na primeira, somos colocados diante do Arsenal de Guerra de Porto Alegre; na segunda, de costas para o edifício, observamos o porto e o oceano Atlântico.



Além disso, o escritor alega que “a paz será um fato necessário e natural, ainda que o Brasil não possa receber plena satisfação pelo grande número de ofensas que lhe tem irrogado o equilibrista D. López”. Contudo, reconhece que dificilmente isso será feito sem mais derramamento de sangue, algo que deseja para si, mas entende que na política e na guerra, a situação é diferente, sendo a paz honrosa apenas com a expulsão de López, com a delimitação dos limites do Paraguai e com o pagamento das dívidas de guerra contraídas pelo Brasil sendo feitos pelos inimigos. E, como se sabe, Solano López não se rendeu e nem as repúblicas saíram do conflito.

Com o fim da questão de Uruguiana e todas as celebrações desencadeadas, chegava o Natal, apresentado pela *Semana Illustrada* com a perspectiva da campanha, onde os soldados celebravam longe de seus familiares, sem saber os próximos passos do conflito (Figura 165). Aflitos, os homens encontravam-se em alerta em plena data comemorativa, com saudade da vida nos tempos de paz. Contudo, a poesia que acompanha o texto faz questão de frisar novamente que o esforço não será em vão, culminando na glória e no fim da opressão de Solano López.



**Figura 165:** Natal na campanha. Alerta, pobre soldado! Alerta, meu coração! Manda, manda ao teto amado, um suspiro magoado, de saudade e de oração. Do natal na grande festa, tudo além se alegra e ri; que felicidade é esta! Mal haja a hora funesta, que me trouxe a errar aqui... Mas não! Se a triste memória, blasfemou, minha razão. Aponta-me outra vitória; a estrela da nossa glória, sai das sombras da opressão.

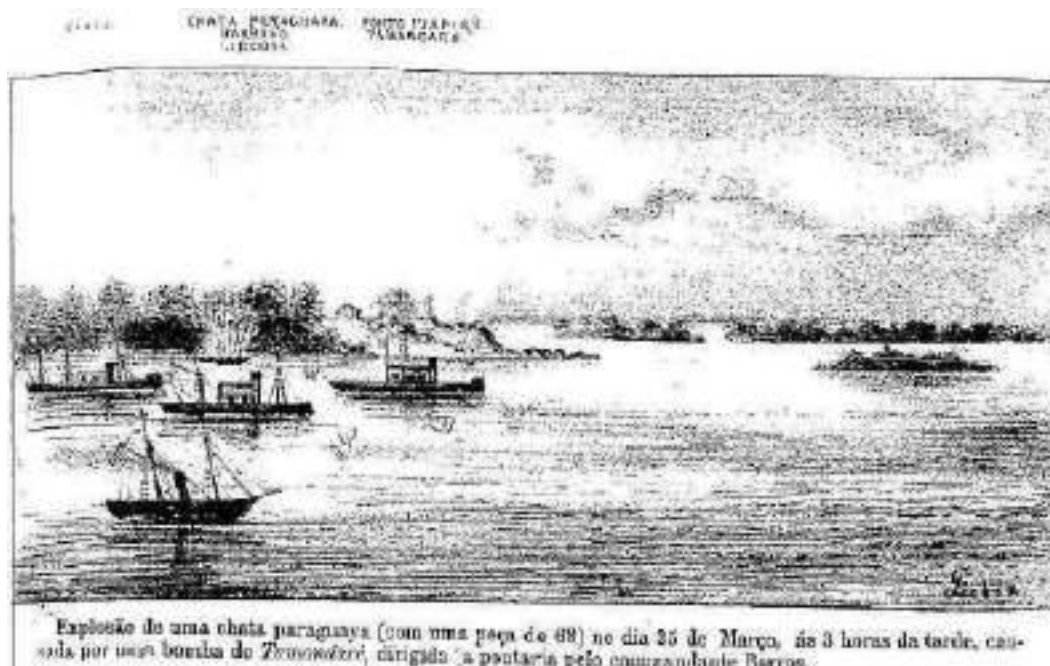
*Semana Illustrada*, 24 de dezembro de 1865, n. 263.

## 2.9. A batalha do Passo da Pátria e a entrada do exército aliado no Paraguai



A batalha do Passo da Pátria foi essencial para a entrada do exército aliado em território inimigo. Ocorrida entre 16 a 23 de abril de 1866, nas margens do rio Paraná, se desenrolou simultaneamente com a batalha de Itapiru, durante a chamada “travessia do Rio Paraná”. O Passo da Pátria era uma aldeia paraguaia, que estava localizada ao norte da Fortaleza de Itapiru. A ideia central dos aliados era da armada brasileira, comandada pelo Almirante Tamandaré, bombardear, juntamente com o exército, as posições ocupadas pelos paraguaios, os distraíndo e, assim, possibilitando uma invasão naval. Com o sucesso deste plano, os navios que transportavam os soldados brasileiros desembarcariam aproximadamente 10 mil soldados sob o comando do General Osório, na Fortaleza de Itapiru (Doratioto, 2002, p. 209).

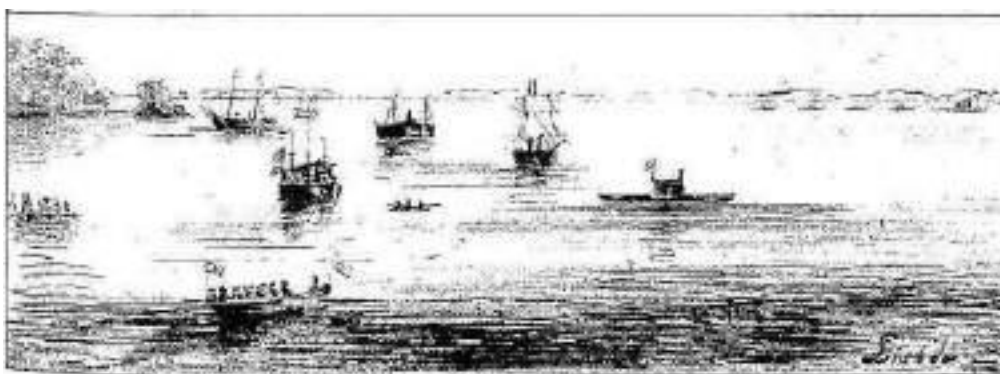
A *Semana Illustrada* narrou períodos anteriores à tomada do Passo da Pátria e do Forte de Itapiru, apresentando uma série de gravuras das embarcações brasileiras no rio Paraná em março de 1866, assinada por Lisboa, com imagens feitas *in loco*, de dentro da embarcação *Apa* (Figuras 166, 167 e 168). Nelas, somos apresentados ao reconhecimento do rio Paraná, com a explosão de uma bomba atirada pelo *Tamandaré*, pelo segundo reconhecimento do Alto Paraná até o Itati, com o estado-maior do general Mitre e do Tamandaré, até o bloqueio do rio Paraguai pela 2ª Divisão de Esquadra, comandada por José Maria Rodrigues. Esses momentos anteriores tiveram a devida importância para permitir os aliados a executarem seus próximos passos. Ademais, o bloqueio do rio Paraguai travava qualquer ameaça naval por parte do inimigo, já levando a crer os próximos passos do conflito e a ida da guerra para o território inimigo.



**Figura 166:** Explosão de uma chata paraguaia (com uma peça de 68) no dia 25 de março, às 3 horas da tarde, causada por uma bomba do *Tamandaré*, dirigida à pontaria pelo comandante Barros. **Semana Ilustrada**, 29 de abril de 1866, n. 281.



**Figura 167:** Segundo reconhecimento do Alto Paraná até o ponto de Itati, no dia 23 de março de 1866, pelos navios *Tamandaré*, *Mearim* e *H. Martins* acompanhados pelo *Cysne* a cujo bordo se achavam o general Mitre e o seu estado maior, conselheiro Octaviano e pessoas de sua comitiva e o visconde de Tamandaré com seu estado maior. O *Cysne* por seu menor calado seguia junto à margem correntina, ainda ao alcance do inimigo, caindo-lhe uma bala a seis braças de distância. **Semana Ilustrada**, 29 de abril de 1866, n. 281.

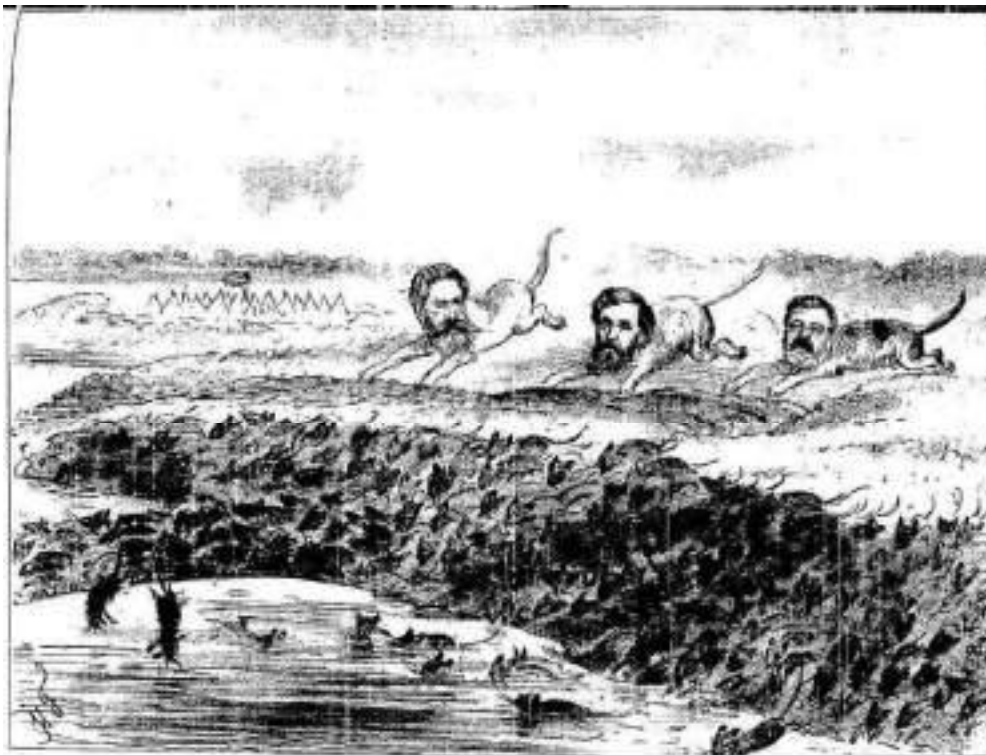


**Figura 168:** 2ª divisão da esquadra ao mando do chefe José Maria Rodrigues, bloqueando a entrada do rio Paraguai, composta dos seguintes navios: *Iguatemy*, *Ivahy*, *Parnahyba* e *Barroso* (de bordo da *Apa*, 28 de março de 1866). **Semana Ilustrada**, 29 de abril de 1866, n. 281.

Os Aliados decidiram que o rio Paraná seria o caminho mais fácil a ser percorrido, permitindo a cooperação entre forças terrestres e a esquadra imperial, que foi utilizada até o Passo da Pátria, ponto predeterminado para a invasão do território inimigo. A região situava-se na confluência dos rios Paraguai e Paraná, situando-se a um pouco mais de 40 quilômetros de Humaitá. A região do Passo da Pátria era observada pelos militares como um local de terreno ruim para se locomover. No entanto, as dificuldades seriam superadas pelo fato de ser a alternativa mais rápida de ataque, golpeando o inimigo em seu ponto mais forte (Doratioto, 2002, p. 137-138).

Antes do ataque ser concretizado, a imprensa brasileira já reverberava a possibilidade de os aliados atacarem a região, por conta de suas vantagens. Assim, os “gatos” aliados colocam os soldados paraguaios, retratados como ratos, para correr,

aglomerando-se na região do Passo da Pátria (Figura 169), onde ficariam encurralados, seriam mortos, algo explícito pela voracidade dos gatos e os afogamentos mostrados na imagem, ou tentavam uma forma de fugir. Desta forma, iniciava-se então a invasão do território inimigo pelos aliados.



**História para crianças.**  
 Três gatos andavam à caça de uma grande porção de ratos que tinham infestado um certo território; os ratos mal descobriram os gatos, puseram cebo às canelas. Mas havia um lugar chamado Passo da Pátria uma pequena ponte, e eles querendo ir todos de uma vez, foram ficando aqui e ali em grandes lotes, até que os referidos gatos, com três ou quatro tabefes, deram cabo deles todos.

**Figura 169:** História para crianças. Três gatos andavam a caça de uma grande porção de ratos que tinham infestado um certo território; os ratos mal descobriram os gatos, puseram cebo às canelas. Mas havia um lugar chamado Passo da Pátria uma pequena ponte, e eles querendo ir todos de uma vez, foram ficando aqui e ali em grandes lotes, até que os referidos gatos, com três ou quatro tabefes, deram cabo deles todos. **Semana Illustrada**, 27 de novembro de 1865, n. 259.

Em 16 de abril, os soldados paraguaios que defendiam a região do Passo da Pátria foram repelidos sob pesado fogo das embarcações brasileiras. Logo depois, travou-se combate entre as primeiras companhias que desembarcaram, do 2º de Voluntários da Pátria do Rio de Janeiro, ao mando do major Deodoro da Fonseca. Desta foram, as forças de Osório detiveram qualquer contra avanço paraguaio (Doratioto, 2002, p. 211). Os soldados paraguaios que insistiam em contra-atacar, tiveram de recuar para a região do lago Laguna-Sirena, onde também não conseguiram conter as forças brasileiras. Na noite do mesmo dia, chegaram unidades das forças uruguaias e argentinas, que engrossavam as fileiras dos Aliados. O Forte de Itapiru foi conquistado em 18 de abril. Já a posição do Passo da Pátria resistiu aos ataques e bombardeios aliados até o dia 23 do mesmo mês.

Ao vencerem os paraguaios, brasileiros, argentinos e uruguaiois começaram a adentrar o Paraguai.

Ao decorrer da invasão, a *Semana Illustrada* já estava ansiosa para saber das novidades ocorridas no Passo da Pátria (Figura 170). Esta gravura também nos serve para perceber a latência das informações, já que o Passo da Pátria caiu no dia seguinte a publicação. Nela, temos os ansiosos Dr. Semana e o Moleque querendo ir “à vela pelo espaço” saber do resultado, que se concretizou e logo foi tratado pela imprensa nacional.



Para não perder mais tempo,  
Vou à vela pelo espaço

Pergunte aos nossos bravos  
Quando passarão o tal passo!

**Figura 170:** Passo da Pátria. Para não perder mais tempo, vou à vela pelo espaço. Perguntar aos nossos bravos, quando passarão tal passo! *Semana Illustrada*, 22 de abril de 1866, n. 280.

Com a tomada do Forte do Itapiru e do Passo da Pátria, a região passou a servir de posto avançado do exército brasileiro, transformando-se em uma via essencial para o abastecimento das forças aliadas que estavam agora adentrando o Paraguai. E, tal como em outros momentos, o local contou com um leve comércio se desenvolvendo, fruto dos impactos da guerra, vista por alguns como forma de lucrar.

Com o êxito na entrada do exército no Paraguai, a imprensa brasileira logo tratou de reverberar a história. A primeira imagem narra uma “História para crianças”, cujo os aliados são retratados como gatos, ao passo que os paraguaios são desenhados como ratos desesperados em fuga, retornando para o seu território, abandonando assim o Passo da Pátria.

A imprensa brasileira logo tratou de reverberar a vitória, exaltando os feitos brasileiros e, além disso, enfatizando que o conflito agora estava em território inimigo, o

que era visto por muitos como o início do fim. Todavia, a guerra perdurou ainda por mais quatro anos. No dia 29 de abril de 1886, a *Semana Illustrada* finalmente anunciava o êxito aliado em Passo da Pátria<sup>89</sup>:

Mais uma batalha! Mais um triunfo! Vivam os voluntários da pátria! Vivam os heroicos brasileiros da Ilha do Carvalho! O feroz ditador do Paraguai mandou buscar lâ, e o seus emissários nem mesmo voltarão tosquiados, porque nem voltarão. Foram mortos, presos. 900 brasileiros, cheios de ardor pelo serviço da pátria, defenderam aquele passo com um denodo que os honra e ilustra. (...) E a esta hora, que novo lustre já não terão as armas aliadas, com a passagem do rio? Talvez mesmo que ao aparecerem estas linhas ao público, já a notícia esteja nesta corte.

O nome, Ilha do Carvalho, se dá a uma pequena porção de terra que ficava no meio do rio Paraná, fazendo fronteira com o Forte do Itapiru, também conhecida como Banco de Itapiru, Banco Purutué, Ilha Carayá, Ilha de Carvalho, Ilha do Cabrita ou Ilha da Vitória. O conflito, prévio ao do Passo da Pátria, iniciou-se com o exército brasileiro ocupando a região, extremamente importante por se situar entre o forte e ao acampamento paraguaio, sendo um ponto de apoio importante, aproximando assim as forças do território inimigo.

No dia 5 de abril de 1866, o Tenente-Coronel de engenheiros José Carlos de Carvalho, teve como missão embarcar uma bateria La Hitte de 12 e outra de 4 morteiros de 10 polegadas, além dos insumos para cobri-las. A guarnição da ilha, era composta das baterias citadas, além de 100 praças do Batalhão de Engenheiros e dos batalhões de infantaria 7º de Voluntários da Pátria e 14º de linha. Este grupo era comandado pelo Tenente-coronel João Carlos Villagran Cabrita. Como é possível de se perceber, os nomes Ilha do Carvalho e Ilha do Cabrita se deram por conta destes dois membros do Batalhão de Engenheiros (Vaz; Mendonça, 1866, p. 83-87).

E, como as homenagens comuns aos periódicos da época, Carvalho e Cabrita foram celebrados nas páginas da *Semana Illustrada* (Figura 171). O primeiro é retratado cravando o pavilhão brasileiro em território paraguaio. Já o segundo, em posição altiva, era homenageado por ter perecido 6 horas depois do conflito. Contemporaneamente, Villagran Cabrita é patrono da arma da engenharia do Exército Brasileiro, sendo celebrado a todo dia 10 de abril.

---

<sup>89</sup> *Semana Illustrada*, 29 de abril de 1866, n. 281.



**Figura 171:** O tenente-coronel José Carlos de Carvalho, plantando o pavilhão nacional no território paraguaio. O tenente-coronel João Carlos de Villagran Cabrita, heroico defensor da ilha de Carvalho, e que sucumbiu 6 horas depois de sua brilhante vitória. *Semana Ilustrada*, 6 de maio de 1866, n. 282.

Os brasileiros então tiveram êxito na tomada da ilha, servindo como um ponto privilegiado entre o território aliado e o inimigo. Contudo, às 4 horas da madrugada de 10 de abril de 1866, soldados paraguaios escondidos em chatas com arbustos e folhagens, camuflados pela escuridão, tentaram invadir a ilha, com o objetivo de remover as tropas brasileiras de sua posição. Entretanto, foram rechaçados com grandes perdas, retirando-se sob o fogo da esquadra brasileira, que também teve de se retirar diante do fogo do Forte de Itapiru, que ainda não havia sido tomado. Após o ataque, o coronel Villagran Cabrita se reuniu com seu secretário, Carlos Luiz Woolf, e outros homens, foram mortos por uma bomba disparada do Forte de Itapiru (Donato, 1996, p. 437) (Figura 172). Ironicamente, o destino parece ter-lhe pregado uma peça. Em 1845, Cabrita e parte do exército foram ao Paraguai executar uma missão de instrução, auxiliando os militares paraguaios a manusear os armamentos da época (Malan, 1988, p. 13). E, anos após o ocorrido, ele seria vitimado pelo exército que instruiu, por uma bala disparada de maneira totalmente aleatória. Outras homenagens foram feitas a mais vítimas na *Semana Ilustrada*, no número 284<sup>90</sup>.

<sup>90</sup> *Semana Ilustrada*, 20 de maio de 1866, n. 284.



**Figura 172:** Heróis, que faleceram no combate do dia 10 de abril de 1866, na ilha do Carvalho. Luiz Fernandes de Sampaio, Major do Estado maior de artilharia. O menino Torres, 2º cadete do 1ª batalhão de artilharia. Carlos Luiz Woolf, Alferes secretário do comandante Cabrita. **Semana Ilustrada**, 13 de maio de 1866, n. 283.

A imagem abaixo, embora difícil de ser compreendida por conta da cópia e até mesmo da escolha de Fleiuss em trazer maior fidedignidade ao relato, ocorrido durante a noite, apresenta o ataque paraguaio a ilha (Figura 173). Nele, soldados brasileiros repelem a ofensiva inimiga na escuridão da noite, utilizando-se de suas baionetas para o combate corpo a corpo, como é demonstrado na parte central, em que um soldado brasileiro atinge um paraguaio no peito.



Episódio do combate na ilha do Carvalho.

**Figura 173:** Episódio do combate na ilha do Carvalho. *Semana Illustrada*, 13 de maio de 1866, n. 283.

No dia 29 de abril de 1866, foi noticiada, em imagem e texto, na *Semana Illustrada* a morte do 1º Tenente Antônio Carlos Mariz e Barros, comandante do encouraçado Tamandaré.

O livro fúnebre do país já conta mais algumas negras; alguns jovens da marinha, alguns prezados combatentes do exército, já sucumbiram às balas inimigas. Mariz e Barros, o herói, o valente da guerra oriental e paraguaia, e que promete conservar e transmitir ao futuro a glória de seu pai, sucumbiu, como se sabe, nas águas do Paraná<sup>91</sup>.

Mariz e Barros morreu à 1 da manhã de 28 de março de 1866, decorrente de uma série de ferimentos resultantes da explosão provocada por um dos projéteis de canhão disparados pelo forte de Itapiru, que atingiu a uma cortina de correntes que protegia uma portinhola da casamata do *Tamandaré*. Antes de perecer, o 1º Tenente teve uma das pernas amputadas. Durante a operação, alguns relatos alegam que ele teria fumado um charuto (Andréa, 1955).

Trinta e quatro homens, entre oficiais e praças, foram vítimas do projétil e dos elos das correntes que se partiram. A gravura abaixo mostra os momentos finais da vida do personagem, que hoje dá nome a diversas ruas de cidades pelo Brasil (Figura 174). Nela, ao contrário do relato, Henrique Fleiuss retrata Mariz e Barros acamado, cercado

<sup>91</sup> *Semana Illustrada*, 29 de abril de 1866, n. 281.



de pessoas, provavelmente no momento da amputação, algo possível de se deduzir através das figuras ajoelhadas diante de sua perna esquerda. Embora o momento seja de sofrimento, Fleiuss decidiu retratar o 1º Tenente como um mártir, ativo até em seus últimos momentos, sendo esta uma escolha comum também para a pintura histórica.



Últimos momentos do heróico 1º tenente — Mariz e Barros — comandante do encouraçado Tamandaré.

**Figura 174:** Últimos momentos do heroico 1º tenente – Mariz e Barros – comandante do encouraçado Tamandaré. *Semana Ilustrada*, 29 de abril de 1866, n. 281.

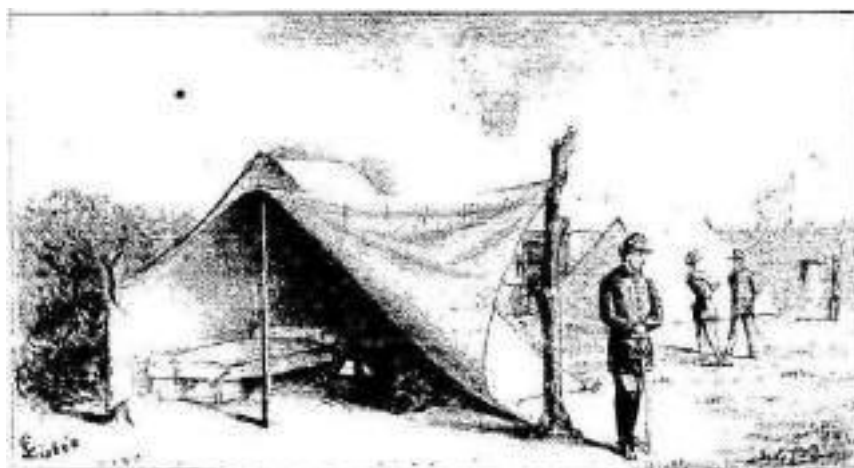
Após a morte de diversos soldados e marinheiros no rio Paraná, a *Semana Ilustrada* apresentou em sua capa do dia 6 de maio de 1866, o Dr. Semana ao lado de uma lápide com o nome de algumas das vítimas como Mariz e Barros, Vassimon, Alpoim, Silveira, Accioli, Villagran Cabrera e Sampaio (Figura 175). A homenagem “aos bravos da campanha do Sul”, mostra também um Dr. Semana indignado com os acontecimentos, alegando que a pátria deve se unir diante de tais circunstâncias, unindo-se em “fraternal abraço ministeriais e oposicionistas”. Ou seja, o personagem alega que as oposições deveriam ceder temporariamente para olhar os acontecimentos no rio Paraná e as suas vítimas, reclamando o “verdadeiro patriotismo” e “condenando o falso, que promove discussões estéreis (...) e atea o facho da discórdia”.



Nos gravíssimos actuaes momentos a nobre imagem da pátria deve unir em fraternal abraço ministeriaes e opposições...  
 — para se combate, lá se morre heroicamente. Aguarde a nação, em silêncio solenne, — brado vitória — para aplaudi-la ou o grito  
 — para desastres — para remedia-los.”  
 (Jornal do Commercio de 20 de abril)  
 É o que a situação reclama do verdadeiro patriotismo, condemnando o falso, que promove discussões estéreis, exuma (ilegivel) e ateia o  
 facho da discórdia.

**Figura 175:** Nos gravíssimos atuais momentos a nobre imagem da pátria deve unir em fraternal abraço ministeriais e oposicionistas, apontando-lhes para as margens do Paraná, dizendo-lhes: - Lá se combate, lá se morre heroicamente. Aguarde a nação, em silêncio solene o, brado vitória para aplaudi-la ou o grito desastres para remedia-los (Jornal do Commercio de 20 de abril). É o que a situação reclama do verdadeiro patriotismo, condenando o falso, que promove discussões estéreis, exuma (ilegivel) e ateia o facho da discórdia. **Semana Illustrada**, 6 de maio de 1866, n. 282.

Uma cena menos comum de ser narrada pelos periódicos, os acampamentos foram pouco abordados pela imprensa, que se focava mais em grandes acontecimentos, críticas e homenagens. Na gravura (Figura 176), assinada por Lisboa, são apresentadas as barracas de A. G. de Andrade Pinto e do general Osório em Tala-Corá, região próxima do Passo da Pátria. Na barraca em primeiro plano, podemos observar o interior da barraca do capitão e secretário militar do comando em chefe do Exército Imperial. De feitio simples, podemos perceber uma cama e um espaço mais amplo no interior da barraca, levando a entender a importância de quem a habita. Ao fundo, podemos observar fechada a barraca do general Osório.



*Interior da barraca do capitão A. G. de Andrade Pinto, secretário militar do comando em chefe do Exército Imperial. 18 de Março de 1866.* Barraca e ramada do general M. L. Osório no acampamento do Tala-Corá, distante três léguas do Passo da Pátria. *Semana Illustrada*, 6 de maio de 1866, n. 282.

**Figura 176:** Interior da barraca do capitão A. G. de Andrade Pinto, secretário militar do comando em chefe do Exército Imperial. 18 de março de 1866. Barraca e ramada do general M. L. Osório no acampamento do Tala-Corá, distante três léguas do Passo da Pátria. **Semana Illustrada**, 6 de maio de 1866, n. 282.

Em outra ocasião, Fleiuss fez uma gravura do general Osório, importante liderança do exército brasileiro adentrando o território inimigo, comandando outros doze homens (Figura 177). Portando uma lança, o general encontra-se montando um cavalo, centralizado na imagem. Francisco Doratioto (2002) alega que Osório foi o primeiro general brasileiro a pisar em solo paraguaio, enquanto Caxias e outros militares e políticos brasileiros desconfiavam da liderança de Bartolomeu Mitre, crendo que ele agia para prolongar o conflito, por conta dos ganhos financeiros da Argentina e também pelo enfraquecimento do Império brasileiro.



O GENERAL OSÓRIO.

primeiro do exército aliado que na passagem do Passo da Pátria pisou o território paraguaio à frente de doze brasileiros.

**Figura 177:** O general Osório, primeiro do exército aliado que na passagem do Passo da Pátria pisou o território paraguaio à frente de doze brasileiros. *Semana Illustrada*, 13 de maio de 1866, n. 283.

## 2.10. A entrada de Caxias no comando e a reorganização do Exército brasileiro

Caxias assumiu o comando-em-chefe das forças brasileiras no dia 19 de novembro de 1866, em um momento em que os aliados se encontravam totalmente desarticulados e sem ânimo. Desta forma, o novo líder teve que substituir o clima negativo deixado por Porto Alegre e Tamandaré em relação a Mitre, com quem ele buscou evitar conflitos, embora fosse praticamente inevitável. Havia também a necessidade de se reorganizar o exército, colocando fim nas disputas políticas entre seus chefes. Com tais questões solucionadas, seria possível vencer o conflito e, ao mesmo tempo, fortalecer o exército (Doratioto, 2002, p. 276-278). A *Semana Illustrada* anunciara a nomeação de Caxias:

O boato inventou trinta cousas, e não inventou uma, talvez por ser verdadeira, - a nomeação do Sr. Marquês de Caxias para comandar as forças brasileiras contra o Paraguai. A *Semana*, que em seu programa

de guerra, declarou aplaudir todos os que merecem, independente da opinião política, faz seus cumprimentos ao marquês<sup>92</sup>.

Em outro momento, a *Semana Illustrada* dá adeus ao marquês de Caxias, reforçando que, independentemente de seu lado político e das críticas já feitas a ele e ao governo que o nomeou, irá apoiá-lo na vingança da afronta nacional sofrida.

Depois do conselho de estado e da nomeação do Sr. Marquês de Caxias, não há notícia política de vulto. O ilustre marechal embarca no dia 22 para o rio da Prata. Já tive ocasião de dizer o que pensava sobre o ilustre marechal e o governo que o nomeou, dando prova de que não se preocupa com as procedências políticas, e apenas quer reunir todas as forças do país, sob o pensamento comum de vingar a afronta nacional. Agora resta-me dar os meus adeuses ao marquês, dizendo ao mesmo tempo às águas do oceano que respeitem aquele vulto do nosso exército, que bem pode chamar, como herói de França, *le fils cheri de la victoire!* Boa viagem, marechal<sup>93</sup>.

Chegando ao Paraguai, Caxias lidava com Mitre de forma cautelosa. Sua preocupação era tanta que, antes de deixar o Rio de Janeiro, solicitou ao marquês de Paranaguá, ministro da Guerra, conselhos para lidar com o aliado argentino, caso ele seguisse atrasando o conflito. Havia também o temor de que Mitre suspendesse as operações por conta da possibilidade de paz entre argentinos e paraguaios, além da hipótese de que o exército se retirasse por conta de possíveis revoltas em Buenos Aires. Esse clima de instabilidade preocupava Caxias que, embora não contasse com grande auxílio contingencial de homens advindos da Argentina, preocupava-se também com as questões políticas envoltas ao conflito. Paranaguá<sup>94</sup> então sugeriu que Caxias deveria “prosseguir por si só” ou “manter-se em posição que mais convier”, dando liberdade ao comandante-em-chefe de decidir por conta própria como agir. Já D. Pedro II acreditava que, caso fosse possível seguir sem Mitre, Caxias deveria então seguir sem problemas. O imperador alega que “para conseguirmos o que nossa honra exige, ou a derrota de López numa batalha ou seu rendimento sem condições”, algo também explicitado no tratado da Tríplice Aliança (Doratioto, 2002, p. 278-279).

E, logo que o marquês havia sido confirmado como chefe do exército brasileiro, a *Semana Illustrada* logo tratou de representá-lo, colocando em sua legenda um texto de teor patriótico, desejando boa sorte ao militar, bem como ansiando pela vitória ante os rivais (Figura 178). Desta forma, Caxias é colocado de maneira centralizada na imagem,

---

<sup>92</sup> *Semana Illustrada*, 14 de outubro de 1866, n. 305.

<sup>93</sup> *Semana Illustrada*, 21 de outubro de 1866, n. 306.

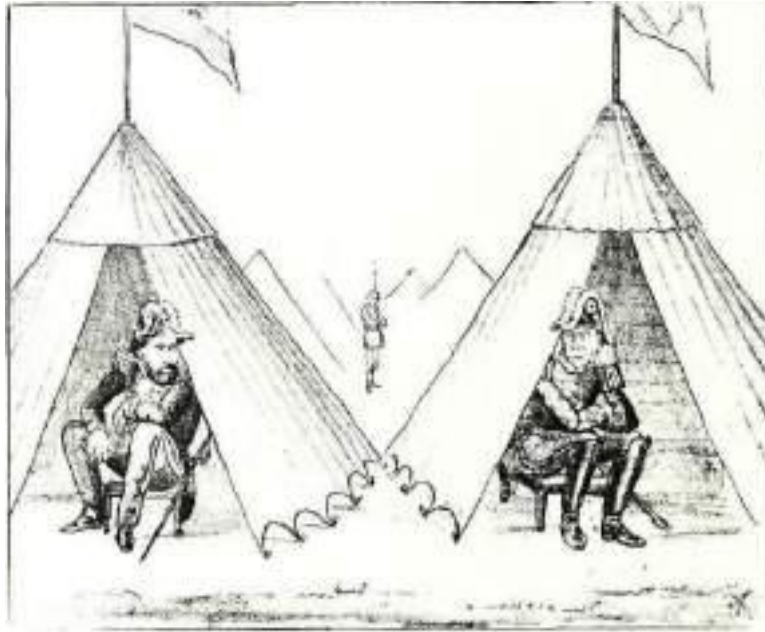
<sup>94</sup> **Paranaguá para Caxias**, Rio de Janeiro, 27/10/1866, IHGB, Coleção Marquês de Paranaguá, lata 314, pasta 2.

sendo cercado por soldados de infantaria, ao passo que apenas ele está montado em um cavalo. Por fim, o movimento do personagem central é o de “avançar”, apontando sua espada para frente, dando o comando aos seus soldados.



**Figura 178:** O Marquês de Caxias, novo chefe do exército brasileiro. *Semana Illustrada*, 21 de outubro de 1866, n. 306.

Sobre a relação entre Caxias e Mitre, *O Cabrião* apresentava uma gravura narrando o cenário de incerteza entre ambos (Figura 179). Lado a lado em suas barracas, os líderes se olham desconfiados, onde Mitre, criticado constantemente pela imprensa ilustrada, acredita que Caxias desconfia de suas tramoias, por ser um “velhinho finório”. Esta desconfiança entre ambos não chegou a gerar maiores tensões, embora causasse alguns problemas na organização dos exércitos. Contudo, vale ressaltar que a Argentina não abandonara o conflito neste período e, tampouco assinou algum tratado de paz com os paraguaios.



—Ao que parece, o Caxias já anda a desconfiar de minhas tramóias... é preciso redobrar de precauções!... o velho é finório!

**Figura 179:** Mitre e Caxias – Ao que parece, o Caxias já anda a desconfiar de minhas tramóias... é preciso redobrar de precauções!... o velho é finório! **O Cabrião**, 1º de setembro de 1867, n. 47.

Até mesmo na imprensa paraguaia circulavam as questões entre Caxias e Mitre, sendo ambos ironizados em uma gravura veiculada pela *Semana Illustrada*, retirada do *Cabichuy* (Figura 180). Percebemos na imagem como os paraguaios observavam brasileiros e argentinos, envoltos de pequenos diabretes. Além disso, a figura de Caxias é retratada pejorativamente como um negro, aspecto comum aos paraguaios, que retratavam os brasileiros de maneira racista como “macaquitos”. Além disso, Caxias é narrado como um homem gordo, provavelmente assimilando isso ao pecado da gula e a questão da opulência. Já mitre, ajoelhado, é visto como inferior ao líder brasileiro, estando ajoelhado diante dele, clamando por desculpas. Portanto, era de conhecimento geral os conflitos internos entre os aliados.



**A arte paraguaya.**  
 (Outro specimen de gosto artistico dos paraguaios, copiado fielmente do jornal *Cabichuy* do mês de dezembro passado)  
**CAXIAS** — V. es un desvergonzado, un canalla y un miserable!... digo — estar, que yo lo haré entrar en su deber.  
**MITRE** — Si Señor; pero perdóneme Vuestra Merced: entretanto yo voy a ver si puedo pasar eso de su valor militar.

**Figura 180:** A arte paraguaia. (Outro specimen de gosto artistico dos paraguaios, copiado fielmente do jornal *Cabichuy* do mês de dezembro passado). Caxias – V. es um desvergonzado, um canalla y um miserable!... (ilegível) estar, que yo le haré entrar em su deber. Mitre – Si Señor; pero perdóneme Vuestra Merced: entretanto yo voy a ver si puedo pasar eso de su valor militar. **Semana Ilustrada**, 26 de janeiro de 1868, n. 372.

Ao assumir o comando do exército brasileiro, Caxias encontrou uma força desfalcada por conta de diversos combates e também problemas de saúde, que estavam presentes em um terço dos efetivos que contava para levar à outra margem do rio Paraná. A questão da saúde era um grande problema do exército brasileiro, que contava com onze hospitais na região, sendo dois no Uruguai, dois em Buenos Aires – que acabaram sendo unificados por Caxias em Montevideu –, um em Cerrito, três em Corrientes, um no Passo da Pátria, um em Tuiuti e mais um em Itapiru.

Ao ver a situação do exército, repleto de enfermos, nomeou o doutor Francisco Pinheiro Guimarães, médico e coronel dos Voluntários da Pátria, para liderar uma comissão de saúde, responsável por inspecionar os internados nos hospitais do *front* e em Corrientes. Essa comissão tinha como objetivo remover dos hospitais homens já curados que permaneciam internados com a cumplicidade dos médicos. Em apenas quinze dias, essa comissão conseguiu descobrir 2 mil internados aptos para servir, sendo diretamente despachados para o acampamento situado na região do Tuiuti, agregando o corpo de mais de 51 mil brasileiros (Doratioto, 2002, p. 280).

A situação do cólera-mórbus foi retratada n’*O Cabrião*, sendo ela uma grande inimiga dos exércitos no período, que sofreram não só com ela, mas com outros surtos endêmicos (Figura 181). Segundo entrevista cedida pelo historiador Leonardo



Bahiense<sup>95</sup>, a cólera foi responsável por, no mínimo, 4.535 mortes durante todo o conflito. Com base em documentação presente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no primeiro semestre de 1868, 52,5% das mortes da tropa aliada ocorreram em decorrência de desidratação intensa pela bactéria *vibrio cholerae* e 3,6% de malária e outras doenças caracterizadas de forma genérica como febres. Desta maneira, boa parte dos soldados e prisioneiros paraguaios infectados eram abandonados nas estradas no deslocamento de um acampamento para outro. O visconde de Taunay descreveu em *A Retirada da Laguna*, os surtos de cólera como “o adversário oculto”, “a ninguém perdoando” (Taunay, 2019). Já Osório a via como “é a maior inimiga” (Dourado, 2011, p. 131) dos soldados. O visconde de Taunay cita também que “desde a irrupção da peste perdêramos muito mais de cem homens; uns vinte acabavam de ser enterrados no acampamento que deixáramos e com eles o tenente Guerra (Taunay, 2019, p. 134)”.



No Theatro da guerra.

Meus amigos, como vocês não querem pegar-se às deveras, e estão há tanto tempo amolando meio mundo, venho disposto a ensinar-vos como se acaba com semelhante história em um instante!... Se não se decidem, ponho mãos à obra!... É sim ou não!.. Vejam em que ficava... O

**Cabrião**, 12 de maio de 1867, n. 32.

Outro problema observado por Caxias foi a precária condição das tropas que estavam situadas no território inimigo, totalmente desorganizadas, com pouco

<sup>95</sup> FIORAVANTI, Carlos. O terror das doenças na guerra do Paraguai. In: **FAPESP Pesquisa**. Ed. 309, novembro de 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-terror-das-doencas-na-guerra-do-paraguai/>. Acessada dia 10/03/2023.

contingente e o moral baixo advindo do fracasso de Curupaiti, em que a disciplina do exército ficou comprometida. Para sanar tal problema, o governo imperial prontamente buscou a rápida punição de crimes militares, levando a Junta de Justiça Militar instalada no Rio Grande do Sul para mais próximo da frente de batalha. Caxias levou meses para reorganizar as tropas, além de treinar os novos recrutas. No entanto, na corte, a população revoltava-se com a pausa dada pelo comandante-em-chefe para preparar o exército, sendo alvo de diversas críticas na imprensa ilustrada. Neste cenário, torna-se relevante compreender a preocupação de Caxias em estabelecer o exército de maneira minimamente operável, superando as adversidades encontradas por ele ao chegar no comando em 1866, onde viu, por exemplo, que a maior parte da cavalaria estava a pé, pois boa parte dos cavalos estava comendo vegetação imprópria dos campos alagadiços, os levando a morte. Sob seu comando, o cenário mudara, com os animais sendo repostos e bem alimentados, mas por um alto custo (Doratioto, 2002, p. 280-282).

Outra questão complexa encontrada por Caxias foi a enorme distinção entre os dois corpos do exército, que contavam com critérios de promoção, contabilidade e pagamentos totalmente distintos. Isso o levou a reorganizar ambos os corpos para economizar dinheiro e disciplinar a tropa, em um período de cerca de 14 meses.

Ao obter êxito na questão disciplinar da tropa brasileira, Caxias percebeu também que era necessário melhorar as condições de higiene, que acabavam culminando em doenças, sendo elas as maiores inimigas dos soldados. Somente com a liderança de Caxias buscou-se cuidar da hospitalização de ambulâncias, vestuário, higiene, alimentação e o asseio nos acampamentos. Até sobre essa questão o comandante-em-chefe brasileiro foi criticado. Através d'*O Cabrião*, Agostini o zombava pelo excesso de zelo para com os soldados, que precisavam de purgantes e sabão, para manterem-se saudáveis (Figura 182). O purgante era utilizado como tratamento não comprovado para uma série de doenças; já o sabão, era para a questão de higiene. Contudo, Agostini dizia que sem essas requisições, Caxias não conseguia decidir-se sobre os próximos movimentos das tropas brasileiras no Paraguai. Ou seja, ao se preocupar com os soldados e prove-los o mínimo de benefícios depois de dois anos de guerra, a guerra se arrastaria por um período de paralização, sendo apenas este aspecto observado criticamente pela imprensa da corte.



**Figura 182:** Caxias faz revista às tropas. – Precisam de purgantes. Antes d’isso não posso decidir-me sobre o assalto. Precisam de sabão. Sem isso não posso decidir-me. **O Cabrião**, 7 de abril de 1867, n. 27.

Todas essas mudanças feitas por Caxias transformaram totalmente o cenário para os soldados, que agora contavam com condições mínimas para viverem acampados (Doratioto, 2002, p. 282-283). Contudo ainda tomavam água obtida em diversos buracos rasos, que era poluída e amarela, devido aos cadáveres sepultados na região; Caxias bebia água vinda do Rio de Janeiro em pipas. Essa água obtida pelos soldados era quente e, para esfria-la, Dionísio Cerqueira (1980, p. 176) cita que “para refresca-la, cavavam buracos nas barracas e nas ramadas, onde enterravam os garrafões cheios”.

Mesmo com uma série de benesses feitas por Caxias aos soldados do exército brasileiro, a imprensa criticava constantemente seus feitos, considerados por boa parte da opinião pública como melindres. Agostini e seus companheiros d’*O Cabrião* constantemente zombavam do comandante-em-chefe (Figura 183). Em uma das gravuras, Caxias era retratado como o “grande amolador”, que só seguiria com o conflito após amolar todas as baionetas do exército, postergando assim a chegada a Humaitá, vista ao fundo, enquanto seus homens trazem todas as armas para serem amoladas.



A guerra continuará enquanto este GRANDE AMOLADOR não tiver afiado, como pretende, todas as baionetas do Exército brasileiro.  
[Desenho assinado por um dos nossos!!!]

**Figura 183:** A guerra continuará em quanto este GRANDE AMOLADOR não tiver afiado, como pretende todas as baionetas do Exército brasileiro. *O Cabrião*, 17 de fevereiro de 1867, n. 20.

Em outra imagem (Figura 184), temos Solano López se aproveitando deste período de imobilidade do exército inimigo para tirar fotos de vistas do acampamento, tal como um *hobby* em um período de inércia, mostrando assim o outro lado do conflito, enquanto os aliados não tomavam nenhuma medida. Ao colocar López como espectador do “amolador”, *O Cabrião* ignorava os esforços de Caxias em reorganizar o exército, agindo de maneira imediatista, esperando logo que ele colocasse os homens novamente em ação. Se formos refletir, há alguns sentidos nesta urgência por algum acontecimento.

Da perspectiva de Agostini, com a guerra estagnada, poucas novidades surgiam do *front*, o que o obrigava a procurar alternativas para retratar o conflito, sendo a crítica ao momento de estagnação uma delas. Por outro, há também o lado da população, que desejava cada vez mais pelo fim da guerra, que, inicialmente, não tinha previsão de durar tanto tempo assim.



Plano de General, que aos cinco anos foi cadete, conserva os valentes do Exército Brasileiro em po-  
dre imobilidade, o manhoso Generalito Paraguaio diverte-se em tirar vistas fotograficas do  
acampamento.

**Figura 184:** Como o General, que aos cinco anos foi cadete, conserva os valentes do Exército Brasileiro em po-  
dre imobilidade, o manhoso Generalito Paraguaio diverte-se em tirar vistas fotograficas do  
acampamento. **O Cabrião**, 24 de fevereiro de 1867, n. 21.

Por fim, Vitória e Marte discutem a demora da guerra, enquanto o marquês encontra-se em sua barraca lendo *Dom Quixote*, tendo outras tantas histórias de heróis para ler antes de tomar alguma medida (Figura 185). Desta forma, a Vitória elogia os homens do exército brasileiro, mas, ao mesmo tempo, diz que se “a amolação continua”, ela irá embora. A partir destas gravuras, é possível de se perceber a visão crítica de Agostini e companhia quanto aos cuidados de Caxias, sendo o gravurista um ferrenho crítico desta demora na movimentação das tropas.





VICTORIA.—Se a cousa vai assim meu Marte, já estou vendo que quando deixarmos a campanha estaremos de cabelos brancos!  
 MARTE.—Que queres minha filha?! O general não decidiu-se ainda; esta instruindo-se nos livros... agora mesmo lá está ele agarrado ao D. Quixote; ainda lhe falta ler a história de cento e tantos heróis.  
 VICTORIA.—Os soldados brasileiros são valentes, e eu tenho grande desejo de acompanhá-los aos combates... mas se a amolação continua... raspo-me...  
 VICTORIA.—Os soldados brasileiros são valentes, e eu tenho grande desejo de acompanhá-los aos combates... mas se a amolação continua... raspo-me...

**Figura 185:** “VICTORIA – Se a cousa vae assim meu Marte, já estou vendo que quando deixarmos a campanha estaremos de cabelos brancos! MARTE – Que queres minha filha?! O general não decidiu-se ainda; esta instruindo-se nos livros... agora mesmo lá está ele agarrado ao D. Quixote; ainda lhe falta ler a história de cento e tantos heróis. VICTORIA – Os soldados brasileiros são valentes, e eu tenho grande desejo de acompanhá-los aos combates... mas se a amolação continua... raspo-me...”. *O Cabrião*, 24 de março de 1867, n. 25.

Em outra ocasião, após a saída temporária de Mitre do *front* em fevereiro de 1867, Mercúrio clama ao antigo líder para regressar ao conflito para retomar o controle das forças aliadas, que agora estavam nas mãos de Caxias (Hooker, 2008, p. 65) (Figura 186). E, de fato, Mitre retornara em 1º agosto do mesmo ano, retomando o comando das tropas (Doratioto, 2002, p. 298). Na gravura, o deus cita que conversará com o deus do comércio e com o deus dos especuladores em favor das suas algibeiras e a dos seus governados, levando a crer que o líder argentino e seu povo estavam lucrando com o conflito, algo pensado também pelo próprio marquês de Caxias.



Mitrcuim.—Vozto pedir a v. ex. que volte para o teatro da guerra; os brasileiros não tem mais paz dezoito em poliquaranta, e são capazes de ajustar a paz, mais dia menos dia...  
 Mitre.—Mas quem vos disse que desejo prolongar a guerra?  
 Mitrcuim.—Ora! Aqui entre nós, v. ex. quem guarda reservas!? Não não sabe que eu também sou mitrado!? Nada! Nada! É preciso voltar para a campanha; empenho-me com o Deus do comércio, dos especuladores, etc, etc., em favor das vossas e das algibeiras de vossos governados... é necessário que continue a pepineira!

**Figura 186:** “MERCURIO – Venho pedir a v. ex. que volte para o teatro da guerra; os brasileiros não tem razão para desejarem seu prolongamento e são capazes de ajustar a paz, mais dia menos dia... MITRE – Mas quem vos disse que desejo prolongar a guerra? MERCURIO – Ora! Aqui entre nós, v. ex. que guardar reservas!? Pois não sabe que eu também sou mitrado?! Nada! Nada! É preciso voltar para a campanha: empenho-me com o Deus do comércio, dos especuladores, etc, etc., em favor das vossas e das algibeiras de vossos governados... é necessário que continue a pepineira!” *O Cabrião*, 31 de março de 1867, n. 26.

*O Cabrião* acredita que a questão do atraso do desenvolvimento das incursões em território paraguaio também se dá devido a problemas de ordem política advindos da corte, como é mostrado na imagem abaixo (Figura 187). Nela, a alegoria do Brasil encontra-se enrolada em cobras com os dizeres “política saquarema”, “progressistas” e “política”, que impedem o avanço até a fortaleza de Humaitá, ponto crucial das defesas paraguaias. E, conseqüentemente, isso estava atrelado à figura de Caxias que, ao contrário, pertencia aos conservadores. Desta forma, é possível entender a imagem através da ideia de que a política e suas tomadas de decisões influenciavam diretamente no conflito, embora os reais motivos desta demora já tenham sido explicitados aqui.



Extenuado de forças, sempre envolvido nas lutas dos partidos, que debalde intenta acalmar, eis a posição do Brasil em relação à guerra do Prata.

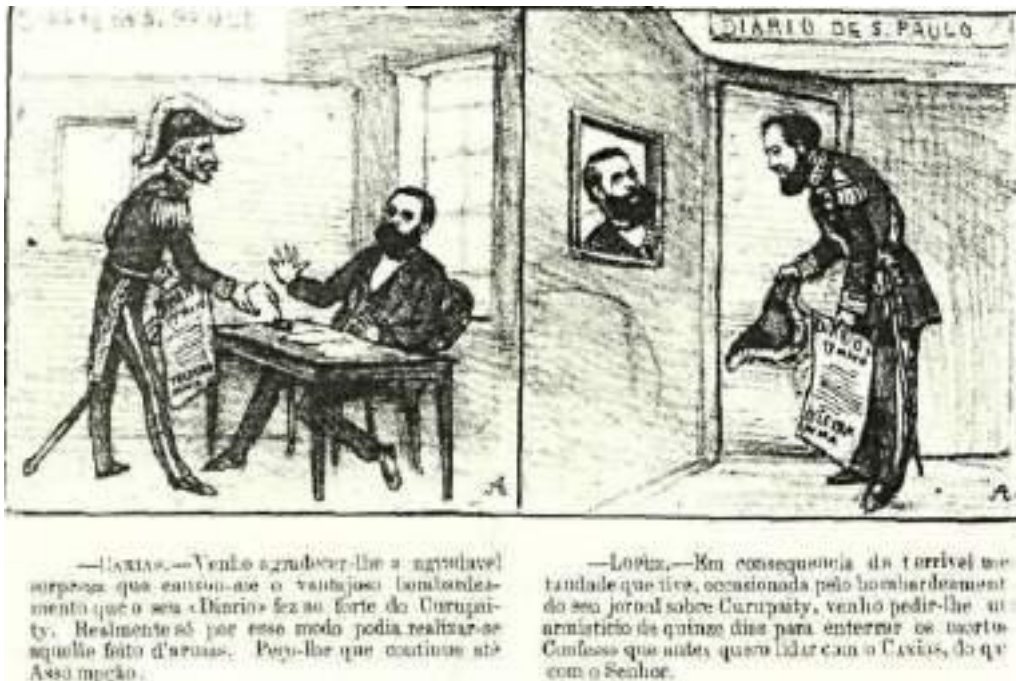
**Figura 187:** Extenuado de forças, sempre envolvido nas lutas dos partidos, que debalde intenta acalmar, eis a posição do Brasil em relação a guerra do Prata. **O Cabrião**, 31 de março de 1867, n. 26.

E Agostini seguia elaborando charges cômicas sobre a situação da guerra. Desta vez, implicava com o *Diario de São Paulo*, sobre matéria feita, provavelmente do seu número 513<sup>96</sup>, acerca da questão de Curupaity (Figura 188). Nela, criticava o posicionamento de López ante o conflito, alegando que neste momento, os paraguaios estavam exaustos “de meios, sem espírito empreendedor, e sem previdência”, tendo o líder a possibilidade de reestabelecer o país, chamando o Paraguai de “Estado despótico”, sendo fechado em si, incumbindo o dever do Brasil de “abri-lo”.

Dividida em duas partes, a gravura apresenta na primeira delas Caxias conversando com um homem, provavelmente Pedro Taques de Almeida Alvim ou Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra Júnior, responsáveis pelo periódico, agradecendo ao “bombardeio” feito ao forte de Curupaity através destas palavras. Caxias inclusive pede para que continuem os tais “bombardeios” até a chegada em Assunção. Já na outra imagem, temos retratado um cabisbaixo López, pedindo a um dos possíveis editores, um “armistício de quinze dias para enterrar os mortos”, sendo “mais fácil lidar com Caxias”.

<sup>96</sup> **Diario de São Paulo**, 3 de maio de 1867, n. 513.

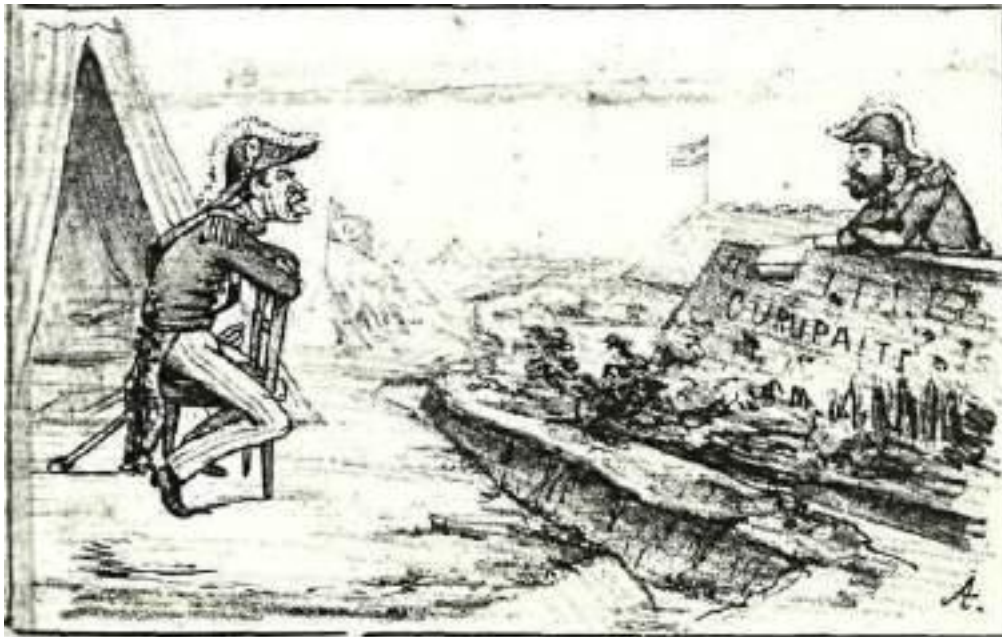




**Figura 188:** – CAXIAS – Venho agradecer-lhe a agradável surpresa que causou-me o vantajoso bombardeamento que o seu “Diário” fez ao forte do Curupaity. Realmente só por esse modo podia realizar-se aquele feito d’armas. Peço-lhe que continue até Assumpção – LOPEZ – Em consequência da terrível mortandade que tive, ocasionada pelo bombardeamento do seu jornal sobre Curupaity, venho pedir-lhe um armistício de quinze dias para enterrar os mortos. Confesso que antes quero lidar com o Caxias do que com o Senhor. **O Cabrião**, 19 de maio de 1867, n. 33.

Mesmo com a última charge, o impasse do avanço brasileiro seguia (Figura 190). A gravura *Últimas notícias da guerra*, satirizando justamente a falta de novidades, apresenta Caxias e López se encarando, mas à distância. Enquanto o líder brasileiro encontra-se sentado em seu acampamento, cena já narrada em outras críticas a suas posturas, López está por trás da fortificação de Curupaity, apenas observando a inércia brasileira no conflito. Separados não só pela fortificação, mas também por um fosso, Caxias e López seguiam em seus lugares, tal como em um jogo de xadrez. Logo depois, em 2 de junho de 1867, temos outra sátira envolvendo ambos os personagens.

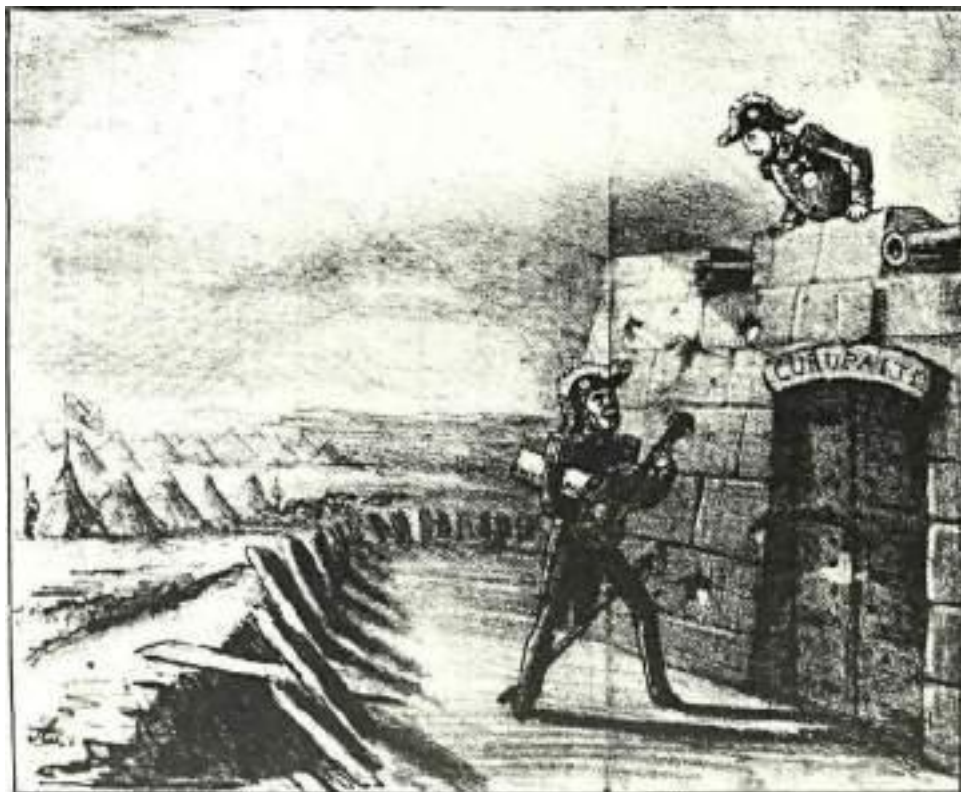
Agora, Caxias, à porta de Curupaity, faz uma serenata ao líder paraguaio, cantando em francês, desta vez com o acampamento à porta do inimigo. Os versos dizem o seguinte: “Ao luar, meu amigo Pierrot, empresta-me a caneta para escrever uma palavra... A minha vela apagou... Não tenho mais fogo... Abre-me a tua porta pelo amor de Deus”. Os versos levam a crer que, juntamente com a notícia do *Diario de São Paulo*, Caxias esperava talvez uma rendição ou evitava ao máximo partir para o conflito.



Últimas notícias da guerra.

|||||

Figura 189: Últimas notícias da guerra. *O Cabrião*, 26 de maio de 1867, n. 34.

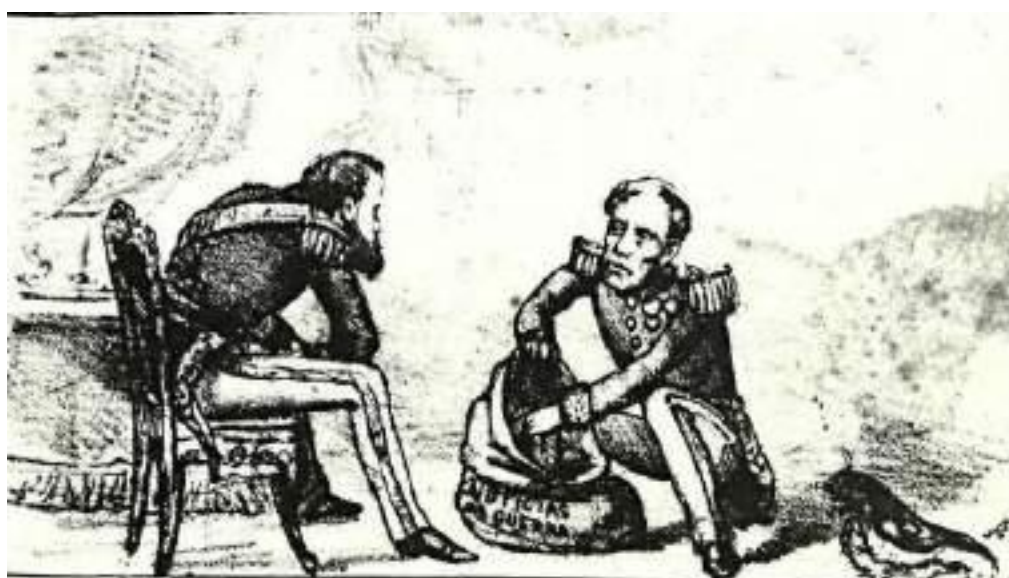


Au clair de la lune,  
Mon ami Pierro,  
Prête-moi la plume  
Pour écrire un mot...

Ma chandelle est morte...  
Je n'ai plus de feu...  
Ouvre-moi ta porte  
Pour l'amor de Dieu

Figura 190: *Au clair de la lune, Mon ami Pierro, Prête moi la plume Pour écrire un mot... Ma chandelle est morte... Je n'ai plus de feu... Ouvre moi ta porte Pour l'amor de Dieu.* *O Cabrião*, 2 de junho de 1867, n. 35.

Seguindo a linha editorial da crítica da paralização da movimentação aliada por parte de Caxias, *O Cabrião* apresenta uma conversa, ocorrida no Rio de Janeiro, datada do dia 22 de maio de 1867 (Figura 191). Nela, Polidoro leva a D. Pedro II as novidades do conflito: “O valente marquês está por um zaz não zaz a dar o bote... Conta com o maldito López no papo com tanta segurança, como se já o tivesse engolido. Segundo afirma o valente marquês, é isso questãozinha de 4 a 6 meses mais ou menos”. A fala de Polidoro leva a crer que a situação para avançar ainda demorará, sendo justamente a ironia a arma utilizada pela gravura, já que Caxias está prestes a “dar o bote”. Na imagem, vale ressaltar a figura cansada e sem postura alguma de D. Pedro II, que já começava a sofrer cada vez mais com as dívidas advindas do conflito e as críticas da opinião pública.



Rio de Janeiro, 22 de Maio.

—Então, sr. Polydoro, traz-nos importantes novas?  
 —Importantíssimas, meu Senhor. O valente marquês está por um zaz não zaz a dar o bote... Conta com o maldito Lopez no papo com tanta segurança, como se já o tivesse engolido.. Segundo afirma o valente marquês, é isso questãozinha de 4 a 6 meses mais ou menos...

**Figura 191:** Rio de Janeiro, 22 de Maio. – Então, sr. Polydoro, traz-nos importantes novas? – Importantíssimas, meu Senhor. O valente marquês está por um zaz não zaz a dar o bote... Conta com o maldito Lopez no papo com tanta segurança, como se já o tivesse engolido.. Segundo afirma o valente marquês, é isso questãozinha de 4 a 6 meses mais ou menos... *O Cabrião*, 2 de junho de 1867, n. 35.

Em outra situação, a *Semana Illustrada* apresenta parte do acampamento dos soldados no Tuiuti, colocando a residência de Caxias centralizada, estando ao lado de casas menores e barracas (Figura 192). Por conta de sua patente, certamente Caxias e os superiores tinham suas regalias e poderiam se alojar em lugares com mais benesses.





RESIDENCIA DE S. EX. O SR. MARQUEZ DE CAXIAS  
em Tuyuty, República do Paraguai.

**Figura 192:** Residência de S. Ex. o Sr. Marquez de Caxias em Tuyuty, República do Paraguai. *Semana Ilustrada*, 9 de junho de 1867, n. 339.

Seguindo as críticas ao atraso da continuação do conflito, *O Cabrião* coloca lado a lado Caxias e o Inverno a conversarem (Figura 193). Aqui, temos o marquês dizendo que a vinda do inverno poderá ser uma excelente desculpa para protelar ainda mais a continuidade da guerra, sendo ele zombado até mesmo pela própria alegoria, que se fosse pelo Caxias comandada, ficaria por ali eternamente.



**Figura 193:** – Pois olhe, senhor Inverno, estimo sua chegada, e cordialmente desejo que demore-se aqui pelo acampamento: sua presença é desculpa magnífica a demora da batalha decisiva. – Nada! Nada! Senhor Marquês; se me pusesse às suas ordens, arriscava-me a ficar por aqui eternamente. Não me pilha!... *O Cabrião*, 30 de junho de 1867, n. 39.

No mesmo número, o periódico de Agostini criticava explicitamente a demora de Caxias, alegando que se “não fosse o mate, morria de cinismo” (Figura 194). A espera

eterna mostrava a desconfiança de parte da opinião pública de que o comandante em chefe não ia ser vencido por armas, fome e horrores do conflito, mas pelo tédio, a amolação e o aborrecimento. Essa opinião também era considerada dentro do Exército, sendo um problema para Caxias que, contudo, seguia sendo o líder e tendo o devido respeito, sustentando-se no *front* até começar a adoecer.



—Se não fosse o mate, morria de cinismo! É bem difícil esperar... eternamente! Ando a desconfiar que o Caxias deliberou vencer-me não pelas armas, não pela fome e pelos horrores de um bloqueio em regra, mas pelo tédio, pela amolação, pelo aborrecimento! Há de ser curioso, mas pode acontecer, que veja-me obrigado a dar parte de aborrecido, amoladíssimo, etc., etc., pedindo a paz em consequência, se o homem prossegue no systema.

**Figura 194:** – Se não fosse o mate, morria de cinismo! É bem difícil esperar... eternamente! Ando a desconfiar que o Caxias deliberou vencer-me não pelas armas, não pela fome e pelos horrores de um bloqueio em regra, mas pelo tédio, pela amolação, pelo aborrecimento! Há de ser curioso, mas pode acontecer, que veja-me obrigado a dar parte de aborrecido, amoladíssimo, etc., etc., pedindo a paz em consequência, se o homem prossegue no sistema. **O Cabrião**, 30 de junho de 1867, n. 39.

Novamente em tom crítico, *O Cabrião* apresenta Caxias e os membros da Tríplice Aliança, Venâncio Flores e Bartolomeu Mitre (Figura 195). Os três estão diante de Solano López e uma balança, que apresenta um enorme desequilíbrio entre o dinheiro dos aliados e a pesada espada do líder paraguaio. No diálogo, López solicita que Caxias encha o seu lado de dinheiro, alegando que sua espada é muito pesada, não a vendendo senão por peso de ouro. Ele é respondido pelo brasileiro, que só quer os louros da vitória e a paz ao Brasil.

E, enquanto isso, Mitre e Flores discutem sobre a pepineira ocorrida entre López e Caxias, achando bom que, desta vez, não são eles a serem culpados pelo erro. Assim, podemos entender que a charge também retrata a série de questões ocorridas entre os três países envolvidos. Como se sabe, o Brasil já teve conflitos menores com ambos e, por isso, sempre ficava uma sensação de desconfiança entre os aliados, algo que era fomentado pela imprensa da época, que constantemente criticava os três Estados.



—Vá enchendo, vá enchendo, sr. Caxias. Olhe que minha espada é pesada, bem sabe disso, e eu não a vendo senão a peso de ouro.  
 —Lá vae, lá vae, sr. Lopes; o que quero é que me deixe os louros da vitória, e ao meu país os cômodos da paz.  
 —Então, amigo Mitre, o que tu diz d'esta pepineira do Lopez?  
 —Homem, compadre Flores. Eu digo — que muito bem! O que nos vale é que, ainda desta vez, não somos nós os que pagamos o pato. **O Cabrião**, 14 de julho de 1867, n. 40.

**Figura 195:** – Vá enchendo, vá enchendo, sr. Caxias. Olhe que minha espada é pesada, bem sabe disso, e eu não a vendo senão a peso de ouro. – Lá vae, lá vae, sr. Lopes; o que quero é que me deixe os louros da vitória, e ao meu país os cômodos da paz. – Então, amigo Mitre, o que tu diz d'esta pepineira do Lopez? – Homem, compadre Flores. Eu digo – que muito bem! O que nos vale é que, ainda desta vez, não somos nós os que pagamos o pato. **O Cabrião**, 14 de julho de 1867, n. 40.

Logo após, *O Cabrião* segue zombando a figura de Caxias. Desta vez, o líder do exército brasileiro é colocado no meio de uma chuva torrencial à frente de seus comandados (Figura 196). O título da imagem, “Últimas notícias da guerra”, complementa a crítica ao estado da guerra naquele momento, pelo qual os membros deste periódico apontavam como o principal culpado o marquês de Caxias.





Últimas notícias da guerra.

**Figura 196:** Últimas notícias da guerra. *O Cabrião*, 28 de julho de 1867, n. 42.

Contudo, em 11 de agosto *O Cabrião* apresentava uma possível solução para o exército brasileiro (Figura 197). Embora Caxias não esteja representado na imagem, podemos ver o anjo da vitória acordando a alegoria brasileira. Ou seja, o Brasil estava dormindo este tempo todo, precisando ser acordado para ter alguma reação. O anjo aponta sua espada para a fortificação de Corumbá, que lutou para manter o território brasileiro livre dos inimigos, mas sem êxito. E, ao apontar para a região, supõe-se que a ideia é a retomada do território perdido, sendo aquele um “raio luminoso” para o Brasil, diante das trevas que o cercavam.



**Figura 197:** O anjo da vitória mostra ao Brasil um raio luminoso nas trevas que o cercam. *O Cabrião*, 11 de agosto de 1867, n. 44.

E em 6 de outubro de 1867, a *Semana Illustrada*<sup>97</sup> anunciava que o marquês de Caxias estava doente. “Doente e zangado”, como frisava o periódico. Isso acontecia pois ele queria ser demitido. O editor ainda citava que Caxias e Mitre já haviam brigado, e que estavam prestes a chegar às vias de fato. O exército também solicitava, aborrecido, a sua demissão, mandando o coronel Fonseca Costa para resolver a questão. Diante da situação, o almirante Joaquim José Ignacio, o barão de Inhaúma, ficava frustrado por não poder movimentar a esquadra. A guerra agora encontrava um novo entrave na perda de seu comandante em chefe.

Além da questão de saúde, Caxias sentia-se vítima constante dos jornais liberais da Corte; além disso, sentia que o gabinete responsável pelo governo perdera a confiança em seu trabalho. Tais argumentos foram expostos pelo marquês através de carta anexa enviada juntamente ao pedido oficial (Nabuco, 1889, p. 95-97). E, corroborando com o texto do periódico de Fleiuss, ele alegava problemas de saúde para tomar tal atitude (Doratioto, 2002, p. 334). Segundo o *Anglo-Brazilian Times* (Costa, 1996, p. 251-252), periódico ligado aos liberais progressistas, em um editorial extremamente crítico ao marquês de Caxias, alegando que ele não tinha energia e poder de decisão para mover o exército brasileiro, algo que custou caro ao exército, que perdera divisões inteiras de

<sup>97</sup> *Semana Illustrada*, 6 de outubro de 1867, n. 356.



infantes e cavaleiros. A ideia dada pelo periódico era então a de colocar outros generais no lugar de Caxias, sugerindo inclusive que Osório fosse nomeado, conseguindo assim atrair uma série de voluntários, ao contrário do que ocorria com o marquês.

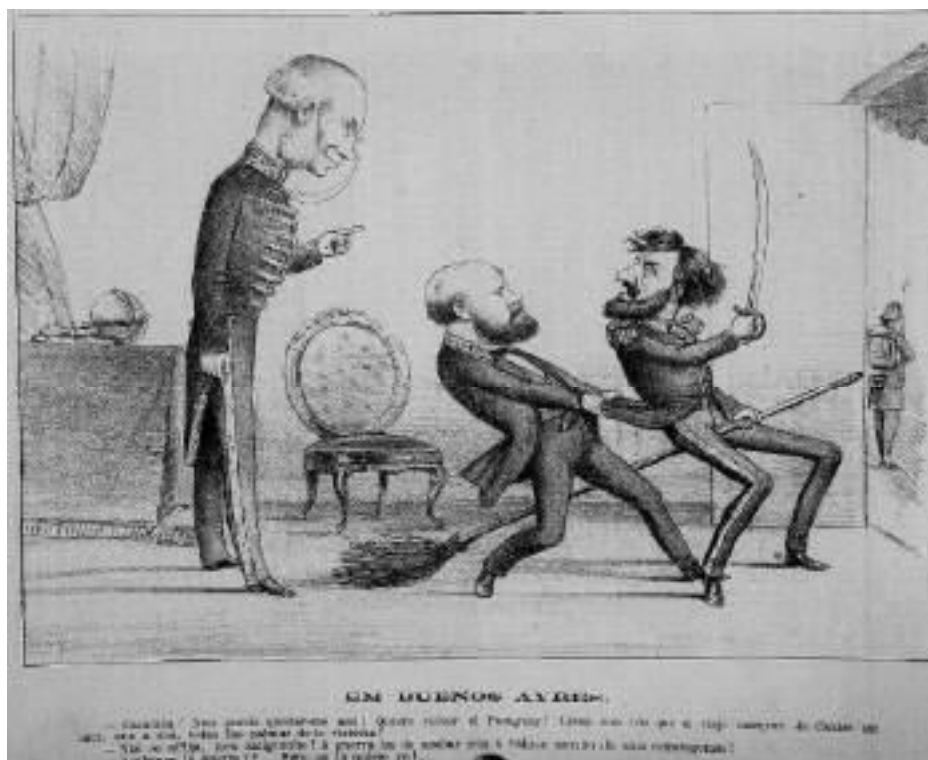
Contudo, segundo Francisco Doratioto, o gabinete liberal propôs até a sua própria renúncia para manter Caxias em seu posto. Mas ao ser consultado por D. Pedro II, o Conselho de Estado alegou ser contra qualquer uma das alternativas apresentadas e que o “mal menor” seria a saída do gabinete, algo que aconteceu. Recebendo o retorno de que não poderia se demitir, por merecer confiança do governo. Em 16 de julho, caía o gabinete liberal de Zacarias, acontecimento ocorrido durante a passagem de Humaitá, tido como o momento mais difícil do conflito.

Ou seja, mesmo com a queda, os conservadores conseguiriam executar o principal feito militar contra o Paraguai. Todavia, o evento não teve impacto positivo na opinião pública da época, que estava mais preocupada com a tomada da fortaleza, que aconteceu dia após a passagem (Doratioto, 2002, p. 335). Vale ressaltar que a manutenção de Caxias no comando em chefe dos brasileiros tinha um apadrinhamento de D. Pedro II, que segundo Joaquim Nabuco, achava-se “ansiosamente identificado com a situação militar de Caxias”<sup>98</sup>, sendo esse um dos motivos que contribuíram para a queda de Zacarias.

Com os acontecimentos ocorridos no comando de Caxias, *A Vida Fluminense* indiretamente elogia o comandante, mostrando Mitre indignado em seu gabinete, desejando voltar para o campo de batalha e, assim, colher os louros das vitórias importantes. O marquês de Caxias sacava-lhe “uma a uma as palmas da vitória”, segundo o diálogo mostrado. Na imagem, não há nenhuma identificação do personagem retratado maior que os outros. No entanto, é bem possível que seja José Maria da Silva Paranhos, o visconde do Rio Branco. É possível levantar essa hipótese, ao analisar as gravuras e fotos do período, bem como ao observarmos a fala dele na legenda, que é a única em português. Além disso, sabe-se que ele era o responsável por chefiar as missões das legações brasileiras nas repúblicas da Argentina, do Uruguai e Paraguai entre 1852 e 1869. Na gravura, o personagem, que demonstra ter grande influência na imagem, aponta para o presidente argentino, alegando que a “guerra há de acabar sem o valioso auxílio de seus estratégias”, o repreendendo de qualquer tentativa de regresso.

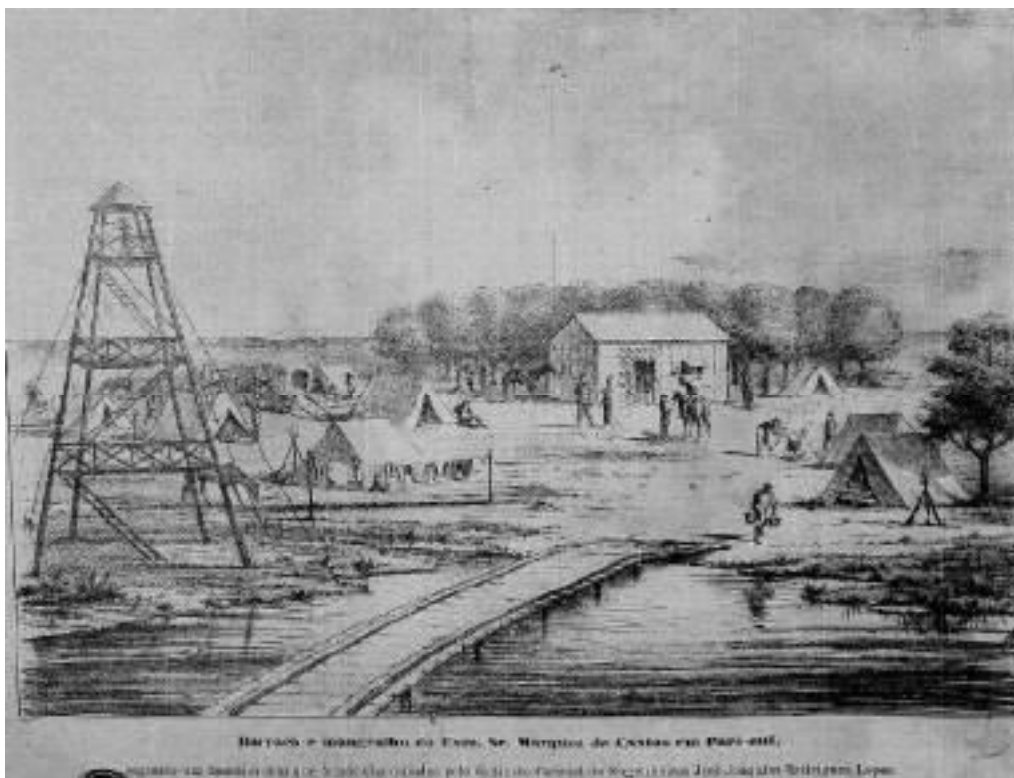
A situação deixa Mitre nervoso, segurando sua espada em riste, alegando raivoso de que a guerra não acabará: “*Acaber-se la guerra?!... Pero no lo quiero yo!*”. A situação

apresentada na gravura aponta duas questões: primeiramente, que o cenário mudara e o Brasil finalmente começava novamente a avançar na guerra, levando ao periódico a, mais uma vez, elogiar indiretamente o exército e ao marquês de Caxias. Outro ponto nítido é a desconfiança brasileira com a liderança argentina, que costumeiramente era acusada de estar se beneficiando financeiramente do conflito, pois havia enviado um pequeno contingente para o território inimigo, sobretudo se comparado ao Brasil.



**Figura 198:** Em Buenos Aires. – Caramba! Non puedo quedar-me assi! Quiero volver al Paraguai! Usted non vê que el viejo marquez de Caxias me saca, uma a uma, todas las palmas de la victoria? – Não se aflija, meu amiguinho! A guerra há de acabar sem o valioso auxílio de seus estratagemas! – Acabar-se la guerra?!... Pero no lo quiero yo! **A Vida Fluminense**, 18 de abril de 1868, n. 16.

E, para manter seus leitores informados e mais próximos do conflito no Sul, *A Vida Fluminense* apresentava uma visão do acampamento de Para-Cuê, enviada pelo coronel de engenheiros José Joaquim Rodrigues Lopes (Figura 199). Na gravura, é possível ter a vista de um mangrullo, um posto de observação situado em lugar elevado e formado de madeiras, e da barraca do marquês de Caxias. Além disso, podemos observar também outras barracas e uma ponte construída sobre um curso d'água da região que, junto da torre, demonstrava aos espectadores certa expertise do corpo de engenheiros em território inimigo.



**Figura 199:** Barraca e mangrullo do Exm. Marquês de Caxias em Parê-cuê segundo um desenho com que fomos obsequiados pelo distinto Coronel de Engenheiros José Joaquim Rodrigues Lopes. *A Vida Fluminense*, 5 de dezembro de 1868, n. 49.

Contudo, o destino do marquês de Caxias sofria uma reviravolta: na manhã do dia 17 de janeiro de 1869, em carta relatada ao ministro da Guerra, ele havia desmaiado durante missa, ficando por meia hora sem sentidos. Assim, solicitou sua retirada devido ao clima paraguaio. Desta forma, foi para Montevidéu 2 dias após, para aguardar a resposta do governo sobre a sua demissão, entregando o comando para o general Guilherme Xavier de Souza, algo documentado na ordem do dia nº 273. D. Pedro II ainda achava a presença do marquês essencial no front e, além disso, não acreditava na afirmação dele na ordem do dia que dava como terminada a guerra (Lyra, 1938, p. 511).

Segundo Doratioto (2002, p. 387), esse desejo de se retirar já era advindo de agosto de 1867. Em carta a sua esposa, Caxias pensava em, após a passagem do Humaitá ou sua impossibilidade, pedir demissão, pois já reconhecia que estava doente e abatido psicologicamente. O marquês na altura tinha 65 anos, algo que também contribuía para o seu desgaste. Ele apenas continuou no teatro de guerra por conta do pedido do ministro da Guerra, o marquês de Paranaguá, que via riscos em sua saída, podendo agravar a situação da tropa, que não era das melhores.

Porém, ao ter êxito em sua remoção do *front*, já extremamente cansado, Caxias chegara ao Rio de Janeiro completamente festejado (Figura 200). *A Vida Fluminense* do

dia 27 de fevereiro de 1869 mostrava então o ex-comandante sendo sitiado, mas agora pela população da Corte, que o saudava com “vivas” e uma banda marcial. Ou seja, o periódico aqui aproveita para mostrar como o regresso de Caxias foi festejado e, ao mesmo tempo, brinca com a situação de que o marquês não teve o sossego inicial que tanto almejava. Ou seja, esta gravura brinca com a situação, mas não faz nenhuma crítica contundente ao personagem, que finalmente estava de volta.



**Figura 200:** Entusiasmo popular. O general Caxias, depois de passar tanto tempo a sitiar Lopez, vê-se por seu turno sitiado pelo general Navarro. *A Vida Fluminense*, 27 de fevereiro de 1869, n. 61.

Por fim, no dia 11 de setembro de 1869, o periódico de Agostini observa como que as notícias pararam de circular após a saída de Caxias da guerra, levando a entender que as novidades advindas do Sul não causam mais entusiasmo no povo (Figura 201). Na imagem, há um busto de Caxias em posição centralizada, ao lado de foguetes e de um pavilhão que representa o povo. Sua mensagem mostra que parece que o conflito é exaltado apenas quando há um de seus apadrinhados no comando. Nesta altura, já estava o exército sob o comando do conde d’Eu, que foi recebido com críticas de parte da população, sobretudo por ser francês. Findava-se assim a participação da Caxias, mas Agostini e companhia sempre buscavam uma forma de critica-lo, seja de maneira pessoal, ou através da política e do Partido Conservador, onde era extremamente poderoso (Barman, 1999, p. 219).



**Figura 201:** “Bem se vê que o Caxias não é mais gerente da guerra! Aí está... chegam notícias e nada de entusiasmo! Abençoada gente: - ela pensa como eu: prefere ver o estandarte do povo e os foguetes aí para um canto cobertos de poeira a desenrolar o primeiro e queimar os segundos em honra de outro que não seja padrinho”. *A Vida Fluminense*, 11 de setembro de 1869, n. 89.

Segundo Doratioto (2002, p. 392-393), Caxias foi duramente atacado durante seu comando, mas algo totalmente exagerado por parte da imprensa, que também se demonstrava sua rival política. Para o autor, “ele foi um comandante competente, bem-sucedido, que cometeu erros, é verdade, mas que jamais perdeu uma campanha”. Boa parte de quem o criticava alegava que em seu período, o exército tinha mais recursos financeiros, algo que o dava vantagem. Contudo, isso não explica todos os êxitos do marquês em batalha, e nem no risco corrido por ele durante a batalha de Itororó, onde assumiu a frente dos seus comandados para ultrapassar a ponte. Assim, Doratioto percebe que pouquíssimas críticas de âmbito militar foram feitas, sendo a maior parte delas elaboradas justamente por motivações políticas.

Naturalmente, Caxias cometeu vários erros no conflito, algo cujo o seu cargo não o poderia livrar. Todavia, Dionísio Cerqueira (1980, p. 274) faz uma reflexão interessante sobre a participação do marquês:

A crítica, porém, aos grandes mestres é sempre fácil. A arte da guerra é aquela em que mais erros se comete. Os maiores capitães cochilaram, como o divino Homero. A guerra, na frase de um ilustre oficial francês, é uma série de erros e vence o que menos erra.

E, de fato, através da trajetória de Caxias no conflito, ao contrário do que *A Vida Fluminense* e *O Cabrião* mostram, é possível perceber uma preocupação do comandante em chefe do exército com a reformulação total da estrutura no *front*, trazendo o mínimo necessário para que seus homens pudessem suportar os avanços que se seguiram após meses se preparando. É claro, há também de se ressaltar que a historiografia oficial ou até mesmo a militar evitou ao máximo a crítica ao seu patrono no conflito contra os paraguaios e até mesmo em outros momentos, buscando transforma-lo em uma liderança sem erro algum, algo que sabemos não ser verdade. Ele era um personagem real e, ao contrário das narrativas, cometeu erros, teve posturas extremamente preconceituosas, seja na questão racial, sendo conhecido por dissolver o batalhão dos Zuavos<sup>99</sup>, ou na política, tendo uma série de conflitos com os liberais.

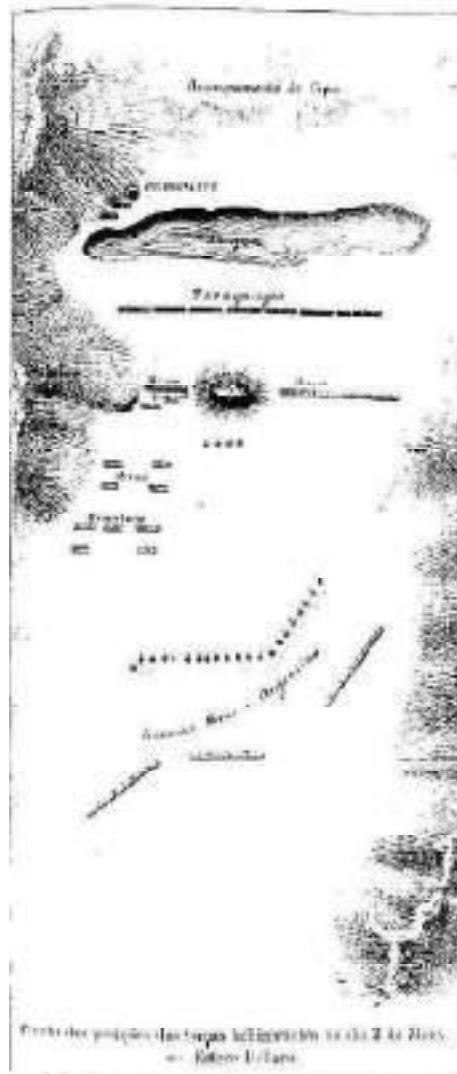
### **2.11. A guerra de posições (1866-1867)**

Entre o desembarque no Passo da Pátria até o período de ocupação das forças aliadas em Humaitá, a guerra desenvolveu-se apenas em tomadas de posições entre as forças antagonistas. Essa “guerra de posições” ocorreu nos limites da confluência entre os rios Paraná e Paraguai, e a defesa criada por Solano López, sendo um cenário totalmente novo nos conflitos internacionais, travados em guerras mais rápidas, de constante movimento e com cavalaria e artilharia tendo alto poder de decisão (Doratioto, 2002, p. 195). Juntamente da Guerra Civil Norte-Americana, ocorrida entre 1860 e 1865, a guerra contra o Paraguai também se configurou como uma “guerra total”, apresentando novos armamentos e a construção de extensas linhas de trincheiras. Com essas mudanças, os líderes da Tríplice Aliança tiveram que modificar totalmente seus modos de operar, pautados em um estilo de conflito já ultrapassado. Desta forma, os comandantes aliados não tiveram tempo hábil para estudar os feitos bélicos ocorridos nos Estados Unidos para utiliza-los na guerra no Sul, onde tiveram de aprender à duras penas como lidar com este novo formato.

---

<sup>99</sup> Ver mais em: KRAAY, Hendrik. Os companheiros de Dom Obá: os zuavos baianos e outras companhias negras na Guerra do Paraguai. In: *Afro-Ásia*, n. 46, 13 de maio de 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/afro/a/B5B73fZKZZPsetWvb5YBkbb/?format=pdf&lang=pt>.

No dia 16 de abril de 1866, finalmente as forças aliadas conseguiram adentrar no território inimigo, transpondo o rio Paraná. Para se defender, Solano López ordenou que seus homens atacassem as forças inimigas desembarcadas. No entanto, o general Osório teve êxito em repeli-los, obtendo vitórias em batalhas como a de Itaipirú e na Ilha do Cabrita. Mas antes que a Tríplice Aliança conseguisse impor maior avanço no território inimigo, os paraguaios atacaram no dia 2 de maio do mesmo ano, na batalha do Estero Bellaco, surpreendendo os brasileiros (Koliski, 1965, p. 62). Esta região era totalmente alagada, com caminhos curtos em meio à vegetação, conhecidos como passos. Todavia, não era similar aos pântanos da região do Chaco, tendo água clara e potável, mas fundo repleto de lodo, onde cresciam juncos de até três metros de altura, sendo uma região de dificuldade ímpar para se locomover (Doratioto, 2002, p. 210). O esquema abaixo (Figura 202) ilustra a localização e seus arredores.



**Figura 202:** Planta das posições das forças beligerantes no dia 2 de maio, no Estero Bellaco. **Semana Ilustrada**, 27 de maio de 1866, n. 285.



Nesta batalha, o exército paraguaio teve cerca de 2.500 baixas e trezentos homens aprisionados. Sob o comando do general José E. Díaz, os paraguaios atacaram os brasileiros de forma a surpreendê-los. De início, a ideia foi bem sucedida, mas com a insatisfação de Díaz, que queria destruir toda a tropa inimiga, a situação se inverteu. Ao avançar ainda mais sobre o acampamento aliado, os paraguaios depararam-se com um número superior de soldados, recuando em total desordem, dando assim a vantagem para a Tríplice Aliança. Isso permitiu que os aliados capturassem algumas peças de artilharia inimiga deixadas em campo no decorrer da debandada paraguaia (Lima, 2016, p. 149). Assim, por conta do erro tático de Díaz, os paraguaios deixaram uma vitória garantida escapar, embora tenham gerado por volta de 1.560 baixas nos exércitos aliados, que ainda não estavam totalmente alocados no território inimigo.

A *Semana Ilustrada* veiculou em suas páginas uma carta vinda diretamente do Estero Bellaco, do dia 31 de maio de 1866<sup>100</sup>, assinada pelo pseudônimo de Suetonio Tranquilo, personagem que viveu em Roma entre 69 d.C. a 141 d.C.. No material, são trazidas novidades do Sul. Logo no início, o remetente reclama da falta de notícias sobre o que se passava na Corte, mostrando que a dificuldade de se obter informações acontecia de ambos os lados, um problema recorrente da época. Isso ocorria sobretudo pela não implementação de telégrafos na região, restando apenas as cartas, que eram transportadas por pacotes do Sul até o Rio de Janeiro.

A isso, Suetonio Tranquilo, alega que, em parte, poderia ser atribuído aos generais de terra e mar, que não eram afeitos a escrever, ficando esta tarefa a cargo dos publicistas, que “tratam de preferência os bravos seus amigos, e esquecem-se dos bravos, que não tem homem por si”. Desta forma, reclama que diversos soldados que deveriam ser lembrados pela história acabam caindo no esquecimento por conta de escolhas pessoais.

E ao falar sobre o conflito, faz questão de ressaltar que traz informações idôneas, não sendo mais um dos “noveleiros” que, segundo ele, estavam aos montes na imprensa. Desta forma, ele inicia suas novidades ao falar dos empenhos de Solano López para o esforço de guerra: “varreu Assunção, Humaitá e Curupaiti de quanto semi-selvagem por ali encontrou em circunstâncias de pegar em arcabuz”. Além disso, ressalta a coragem dos soldados inimigos, “ébria de aguardente, coragem e de servilismo”. Também vê nos brasileiros um potencial de luta sem igual, lutando como “leões”, “combatendo até com água pelos peitos” onde “praticaram atos de bravura dignos de uma Iliada”. Outro relato

---

<sup>100</sup> *Semana Ilustrada*, 17 de junho de 1866, n. 288.

é a presença de mulheres paraguaias vestidas de homens para lutar. Segundo o personagem, tal fato foi descoberto quando os brasileiros foram verificar os prisioneiros feitos após a batalha do dia 24 de maio, apresentando fatos pouco abordados pela historiografia da guerra. A presença de mulheres no *front* era mais comum do que se fala, e isso inclui também alguns casos existentes nos exércitos aliados. No Brasil, nomes como Maria Curupaiti e Jovita Feitosa são alguns dos mais citados.

No final, ao caminhar pelo território onde aconteceu a peleja, Dionísio Cerqueira relembra em suas *Reminiscências* que o campo de batalha era um

extensíssimo tendal de cadáveres, horrivelmente mutilados e amontoados em confusão. Havia cabeças decepadas, com olhos bem abertos; umas, presas ainda ao tronco por músculos ensanguentados; outras, rachadas de meio a meio, mostrando os miolos transbordando; narizes cortados, braços mutilados, queixos partidos, peitos esburacados. Que golpes aqueles! Que talhos e estocadas! Era o caminho da morte para o inimigo e da glória para nós... Que morte gloriosa e que glória cheia de lágrimas! (Cerqueira, 1980, p. 143-144)

Desta forma, o ataque paraguaio, que poderia ter surtido muito mais efeito se não fosse pela teimosia do comandante Díaz, acabou se tornando uma grande derrota, em que os soldados paraguaios trilharam um caminho de morte e, ao mesmo tempo, trazia aos aliados o que Cerqueira chama de “caminho da glória”. Porém, vale perceber que nesta glória traçada a golpes e tiros, os aliados perderam um grande número de soldados. E eles precisavam dar prosseguimento ao conflito, encaminhando-se para a região do Tuiuti.

Ao perceber a movimentação e o assentamento das forças aliadas na região, López acreditou na possibilidade de aniquilar seus inimigos com uma das maiores ofensivas da guerra, levando 25.000 homens paraguaios para lutar contra 35.000 aliados, no embate conhecido como a batalha de Tuiuti, ocorrida a 24 de maio de 1866, no sudoeste do Paraguai, estando bem próxima do Estero Bellaco, tendo inclusive a mesma vegetação complexa, sendo uma espécie de defesa natural. Esta batalha é tida como a mais sangrenta da história da América Latina (Doratioto, 2002, p. 201). Neste episódio, os aliados frustraram o plano de López, tendo resistido bravamente aos ataques, tendo ênfase a artilharia brasileira, que foi decisiva para a vitória, contando com 28 canhões raiados do tipo La Hitte comandados por Émile Louis Mallet, responsável pelo comando do 1º Regimento a Cavalos brasileiro (Santos, 2017, p. 19-20).

A imagem abaixo (Figura 203) narra um dos acontecimentos da batalha do Tuiuti, retratando o tenente-coronel Salustiano Jeronymo dos Reys, comandante da 14ª brigada. No episódio, ele vê seu filho de 17 anos cair ao chão, ferido por um foguete Congreve.

Contudo, ao invés de acudi-lo, ele segue dando ordens para seus homens seguirem avançando, em uma atitude em que “o soldado sufocou o pai”. O relato traz uma mensagem relevante aos moradores da Corte, ao mostrar o soldado priorizando a causa brasileira, não se deixando levar pelo ocorrido com seu filho.



Episódios da guerra do sul.

O tenente-coronel Salustiano Jerônimo dos Reis, comandante da 14ª brigada na batalha de Tuyuti, vê cair o filho, alferes Salustiano Jerônimo Fernandes Reis, moço de 17 anos, ferido por um foguete a congrêve. O pai recebe moralmente o golpe, mas o soldado sufocou o pai. O coronel dá ordem de avançar, e à frente dos seus bravos mostra quanto pede a consciência do dever.

**Figura 203:** Episódios da guerra do sul. O tenente-coronel Salustiano Jerônimo dos Reis, comandante da 14ª brigada na batalha de Tuyuti, vê cair o filho, alferes Salustiano Jerônimo Fernandes Reis, moço de 17 anos, ferido por um foguete a congrêve. O pai recebe moralmente o golpe, mas o soldado sufocou o pai. O coronel dá ordem de avançar, e à frente dos seus bravos mostra quanto pede a consciência do dever. *Semana Ilustrada*, 19 de agosto de 1866, n. 297.

Em outro relato, também apresentado pelo periódico de Fleiuss, temos um soldado contando sobre sua sorte na batalha do dia 24 de maio (Figura 204). Na ocasião, ele conta sobre o seu “ferimento grave”, que de grave mesmo, nada tem. Ao ser alvejado por três tiros, em nenhum deles foi atingido: o primeiro, matou o seu cavalo; o segundo, levou sua patrona, uma espécie de cartucheira utilizada pelos soldados; por último, a bala derrubou o seu boné. O relato, ouvido por outros três personagens, mostra a sorte que o personagem teve ante os riscos da guerra.



**FERIMENTO GRAVE.**

— Pois eu fui um dos feridos na batalha de 24 de Maio; levei três balas; uma matou-me o cavallo, a outra levou-me a patrona e a terceira carregou-me o bonet.

**Figura 204:** Ferimento grave. – Pois eu fui um dos feridos na batalha de 24 de maio; levei três balas; uma matou-me o cavalo, a outra levou-me a patrona e a terceira carregou-me o bonet. *Semana Illustrada*, 30 de setembro de 1866, n. 303.

Sobre as batalhas de Tuiuti e Curuzu, a *Semana Illustrada* apresentou no dia 9 de dezembro de 1866<sup>101</sup>, elogiando o governo Imperial e seus esforços para o alistamento militar para preencher as fileiras ante os paraguaios. Segundo o periódico

Esforços repetidos, atividade refletida e zelo digno dos maiores elogios, tem arrigentado grande numero de brasileiros, que esta hora, unidos uns seus aguerridos irmãos de armas outros prestes se lhes unirem, preparam-se para a colheita de louros na pérvida terra paraguaia, apercebem-se a vingar o imprevisto malogro de Curupaiti e a fazer tremolar com sempre galhardo, o auriverde pendão.

No relato, são citados cerca de 8 mil soldados muito bem munidos, juntamente de João Lustosa da Cunha Paranaguá, o conselheiro Paranaguá, que, graças a seus esforços enquanto Ministro da Guerra, prometeu ainda refazer o exército até o final de janeiro de 1867, “dando-lhe aspecto o mais formidável, maior número de praças e mais comodidades do que as que possuía antes de ser dizimado pelas epidemias e pela menos mortífera metralha”. Essas promessas partiam de encontro com os anseios de Caxias ao assumir o comando em chefe dos aliados, paralisando a guerra para poder preparar melhor

<sup>101</sup> *Semana Illustrada*, 9 de dezembro de 1866, n. 313.

seus homens, algo que, de fato, aconteceu. Neste mesmo momento, retornava para a Corte o visconde de Tamandaré, substituído pelo seu conselheiro Joaquim José Ignácio, o visconde de Inhaúma. Tal mudança foi elogiada pelo editor da *Semana Illustrada*, que era próximo de diversos oficiais da marinha brasileira.

Sobre a chegada de Inhaúma, o escritor não identificado comentou:

O distinto chefe Joaquim José Ignacio conhecido pela sua muito esclarecida inteligência, pelos seus créditos de militar hábil nos diversos ramos do serviço da armada, pelas suas qualidades de disciplinador discreto, pelo seu tato administrativo, além de outros atributos do homem do mar, tão diferente dos demais cabos de guerra.

Desta forma, segundo o periódico, a escolha tomada pelo Ministro da Marinha foi acertada, substituindo Tamandaré por um personagem à altura, sendo elogiado em quase toda a nota. Por fim, o trecho é encerrado com um desejo de vitória para o “cidadão dedicado ao seu país”, Joaquim José Ignácio.

Em 18 de julho, o exército paraguaio conseguiu se recuperar, derrotando as forças aliadas sob o comando de Mitre e Flores na Batalha do Boqueirão. Na ocasião, os paraguaios perderam cerca de dois mil homens, mas causaram cerca de seis mil baixas aos aliados. Na sequência, entre os dias 1º e 3 de setembro, o general Porto Alegre venceu a Batalha do Curuzu, que culminou na tomada do forte de mesmo nome, que ficava na margem leste do rio Paraguai, cobrindo a posição de Humaitá, sede defensiva do exército de López. A posição paraguaia era guarnecida com três baterias de canhão, que ficavam viradas para o rio. Além disso, contava com cerca de 900 metros de trincheiras, além de um fosso na parte frontal, com dois metros de profundidade por dois de altura, abrigando 2.500 soldados (Gonçalves, 2009, p. 27-30). A derrota deixou os paraguaios em uma situação de fragilidade. Isso se deve ao fato de o exército aliado conseguir passar uma de suas regiões fortificadas, chegando cada vez mais perto de Humaitá e, conseqüentemente, da capital. Isso forçava Solano López e seus comandados a repensarem nas táticas para se defenderem da ameaça aliada.

Por conta desta derrota, López convidou formalmente Mitre e Flores, estando também presente Polidoro Jordão, o visconde de Santa Tereza, para uma conferência na região de Yatayty Cora, que acabou os levando a um debate intenso sobre o futuro da guerra (Hooker, 2008, p. 60-62). A perspectiva de López era de que a guerra já não poderia ser mais vencida pelos paraguaios, tendo assim a ideia de assinar um possível tratado de paz com os líderes do Uruguai e Argentina. No entanto, o comandante paraguaio não conseguiu o que queria, pois Mitre gostaria que todos os artigos presentes

no Tratado da Tríplice Aliança fossem seguidos. E um deles era a rendição de Solano López, prevista no artigo 6. O líder paraguaio recusou não só esse artigo, mas também outros presentes no tratado. López não iria se entregar, pois seria destituído de seu cargo e, assim, perderia todo o seu poder político (Vasconcellos, 1970, p. 108). Este comportamento demonstra que o presidente paraguaio se preocupava mais consigo mesmo do que com a miséria e a destruição de seu povo. Desta maneira, esse comportamento corrobora com a perspectiva de que a guerra só teve continuidade por conta da resistência de López e pelo desejo dos aliados em colocarem em prática os artigos definidos no tratado.

Sobre esta eventual tentativa de paz, a *Semana Illustrada* apresentou uma gravura, comentando a situação que, de fato, poderia poupar muitas vidas, mas que, no entanto, não cumpriria com o que era previsto no tratado (Figura 205). A imagem traz as alegorias do Brasil e da paz, enquanto ao fundo, Solano López foge a cavalo. Na legenda, é possível perceber o seguinte texto: “Paz única. Paz assim é desejável; paz assim será durável; paz de outra qualquer feição. É paz de degradação”. Ou seja, a paz só seria possível se o líder paraguaio aceitasse o tratado como um todo, não valendo de nada uma paz parcial.



Paz única é desejável.  
Paz assim será durável.

PAZ ÚNICA.

Paz de outra qualquer feição.  
É paz de degradação.

**Figura 205:** Paz única. Paz assim é desejável; paz assim será durável; paz de outra qualquer feição. É paz de degradação. *Semana Ilustrada*, 12 de abril de 1867, n. 332.

Desta maneira, ao tomarem a região de Curuzu, os aliados seguiram em marcha rumo a Curupaiti, onde se situava um forte com o mesmo nome (Fragoso, 1956, p. 212). A linha defensiva paraguaia estabelecida nessa localização, a cerca de 6 quilômetros da fortaleza de Humaitá, situando-se também às margens do rio Paraguai, era formada por diversas fortificações e trincheiras posicionadas de maneira estratégica. A ala direita, fundeada sobre o rio Paraguai, tinha em sua margem vegetação fechada, que encobria todo o terreno alagado. Esta vantagem impedia que os aliados conseguissem desembarcar. Seus 35 (Donato, 1996, p. 275) canhões estavam apontados para o rio, e tinham o potencial de causar grandes danos as embarcações inimigas, impedindo o desembarque na parte superior (Doratioto, 2002, p. 235-237).

Além disso, 58 canhões estavam apontados para a terra, destacando-se aqui o obuseiro, costumeiramente confundido com um canhão, *El Cristiano*, ou “O Cristão”. O armamento, construído a partir de diversos sinos de bronze de igrejas paraguaias, motivo de seu nome, contava com 2,94 metros de comprimento e 1,34 metros de largura, pesando 12 toneladas, é até a contemporaneidade motivo de embates diplomáticos, em que o Paraguai exige o retorno da posse do troféu de guerra, tomado nesta batalha<sup>102</sup>. O obuseiro, tomado apenas em 1867 pelos brasileiros, encontra-se atualmente no pátio do Museu Histórico Nacional, do Rio de Janeiro, tendo ao seu lado outros armamentos.

Contando com sua superioridade numérica, os aliados seguiram rumo a região, realizando um ataque frontal a linha defensiva inimiga, que situava-se nas margens do rio Paraguai, tendo o apoio dos encouraçados para causarem mais impactos e, conseqüentemente, facilitar a infiltração nas fortificações. Contudo, o resultado foi totalmente diferente do esperado. Os paraguaios, comandados por José E. Díaz, general de confiança de Solano López, havia preparado suas defesas, mantendo os grupamentos destacados em suas respectivas posições, causando grande dano aos aliados, culminando na maior derrota por parte dos exércitos de D. Pedro II, Mitre e Flores. Foram vitimados mais de oito mil soldados, contra apenas 250 perdas paraguaias, demonstrando o êxito da defesa da região por Díaz (Kolinski, 1965, p. 97). Com o êxito paraguaio, encerravam-se

---

<sup>102</sup> Ver mais em: SANTOS, Wellington Corlet dos. A Questão do Canhão El Cristiano: - Reflexões. **O Tuiuti**, n. 264. Cruz Alta: AHIMTB/RS, 2018. Disponível em: <https://www.acadhistoria.com.br/otuiuti/O%20TUIUTI%20264.pdf>. Acessado dia 10/08/2023.



as ofensivas vitoriosas dos aliados, que retomaram as movimentações apenas de dez meses depois, em julho de 1867 (Hooker, 2008, p. 65).

No dia 25 de novembro de 1866, a *Semana Illustrada* apresentou uma carta escrita pelo tenente coronel Augusto Francisco Caldas em Curuzu, a 4 de outubro do mesmo ano, falando sobre o ataque a Curupaiti<sup>103</sup>. No relato, o escritor fala sobre a dificuldade de se passar pela fortificação: “Certamente minha mãe que está no céu, rodeada de meus inocentes filhos, e virtuosa esposa, rogou a Deus pelos meus dias, que por milhares de vezes estiveram para findar”.

Na carta, Caldas conta que recebeu ordens de partir às 8 da manhã, comandando dez batalhões com o objetivo de ocupar a picada à direita das fortificações paraguaias. Ao mesmo tempo, o general Albino seguia com três brigadas atacando o centro. Já Mitre, comandava os homens que avançavam pela esquerda da região. Ao avançar pela picada, viu seus homens diante de um pesado fogo de artilharia, perdendo um considerável número de soldados. Ao seguir com o avanço, observava que o ataque estava sendo fatal aos batalhões, que tinham como objetivo chegar nas fortificações para alcançar a temível metralha, que dizimava o grupo brasileiro.

No final, nem ele, nem o general Albino conseguiram transpor as defesas inimigas, “porque já nem o soldado brasileiro tinha forças para combater e nem esperança de uma vitória naquele dia”. E isso ficou ainda mais nítido quando o tenente coronel percebeu que Mitre e seus homens já haviam batido em retirada, não conseguindo atacar o flanco esquerdo com sucesso. O ataque então foi um grande fracasso, vitimando cerca de 998 aliados, com 2370 feridos, de acordo com informações oficiais de Brasil e Argentina (Doratioto, 2002, p. 245).

A derrota causou uma série de problemas dentro do exército aliado. As lideranças se culpavam mutuamente pelo fracasso. O general Porto Alegre culpava a postura do comandante, Bartolomeu Mitre, pela derrota sofrida. Ao se retirar do conflito, Porto Alegre alegou ao barão de Jaceguai, Artur Silveira da Motta: “Eis aqui o resultado do Governo brasileiro não ter confiança em seus generais e entregar os seus exércitos aos generais estrangeiros” (Motta, 2011, p. 149). As rugas entre as lideranças dos três países eram constantes e tinham impactos no decorrer do conflito, como é observado no caso de Curupaiti, onde Mitre acabou tendo um infeliz comando, que vitimou um grande número de soldados.

---

<sup>103</sup> *Semana Illustrada*, 25 de novembro de 1866, n. 311.

Porém, o próprio líder argentino também tinha fortes opiniões acerca dos brasileiros. Ao escrever para Rufino de Elizalde, alegou que não poderia mais contar com a esquadra brasileira, mostrando o quão defasada estava a relação entre ele e Tamandaré. Segundo o comandante-em-chefe argentino: “não posso, não quero, nem devo entender-me com o almirante Tamandaré, o qual considero inadequado em todos os aspectos para o posto que ocupa e inimigo da aliança por motivos pessoais, para cujo sentimento arrasta a seu primo Porto Alegre (Fragoso, 1956, p. 135-136)”. Ele alega que

O marechal Polidoro é velho (64 anos), está doente e me parece fatigado, sobretudo da hostilidade que lhe dirigem Porto Alegre e Tamandaré, que são primos, e primos até na falta de juízo e fizeram um pacto de família para monopolizar, de fato, o comando da guerra, tomando o primeiro o mando de todo o Exército de terra para subordiná-lo às operações da Esquadra. Tenho razões para crer que se Polidoro pede demissão ou fica doente, tem instruções para passar o comando dos dois Exércitos a Porto Alegre. É impossível imaginar uma nulidade militar maior do que este general, ao que se acrescenta a má influência, dominante, sobre ele de Tamandaré e o espírito negativo de ambos em relação aos aliados, devido a paixões e interesses mesquinhos. Com o conhecimento profundo que tenho dessa situação, posso assegurar que tal comando [único de Porto Alegre] será funesto não só para as armas do Brasil, como para a continuação, prática e eficaz, dos objetivos da aliança [...] <sup>104</sup>.

Através do relato de Mitre a Elizalde, percebe-se que o comandante-em-chefe observada as relações entre os “primos” com o interesse de tirar de seu caminho qualquer pessoa que fosse contrária aos seus anseios, seja na guerra ou na política. E, de fato, essa suspeita de Mitre era justificável, pois ele mesmo havia previsto na carta acima que ambos poderiam agir contra o marechal Polidoro Jordão, que posteriormente acabou sendo condenado ao ostracismo por ter apoiado o líder argentino, além de fazer parte do Partido Conservador.

Os posicionamentos de Polidoro iam na contramão do pensamento de Porto Alegre e Tamandaré, que assumiam estavam ligados ao Partido Liberal (Doratioto, 2002, p. 247). Porto Alegre chegou a fundar o Partido Progressista-Liberal na província de Porto Alegre, unindo Liberais e Conservadores. A partir deste caso, podemos perceber que as influências da política imperial também eram exercidas dentro das forças armadas durante o conflito, tendo grandes impactos na escolha das lideranças e, conseqüentemente, no *modus operandi* adotado no decorrer da guerra.

---

<sup>104</sup> **Mitre para Elizalde, Tuyuty**, 9 e 10/10/1866 [carta única]. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Departamento Editorial, 1960, pp. 309-10.

E na capa do dia 19 de agosto de 1866, a *Semana Illustrada* buscava justamente homenagear o marechal Polidoro (Figura 206). A gravura traz o Dr. Semana pintando o personagem, ao lado do Moleque. A imagem seria veiculada posteriormente para os leitores do periódico, que teriam acesso à efigie do valente marechal, constantemente defendido pelos editores, nos levando a crer em uma relação mais próxima e até mesmo política envolvendo ambos os personagens.



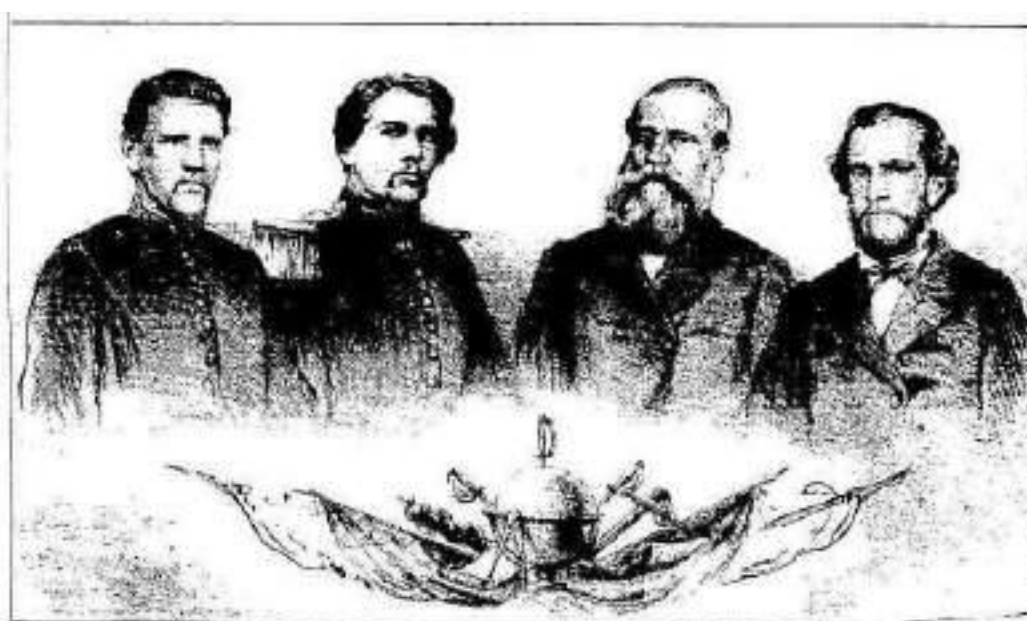
— Ainda estas poucas pinceladas, e o retrato ficará pronto. Como o achas, moleque?  
 — Perfeito. E os nossos assinantes, nhonhô, hão de dizer o mesmo e ficarão contentes, por possuir a efigie do valente Polydoro.

**Figura 206:** – Ainda estas poucas pinceladas, e o retrato ficará pronto. Como o achas, moleque? – Perfeito. E os nossos assinantes, nhonhô, hão de dizer o mesmo e ficarão contentes, por possuir a efigie do valente Polydoro. *Semana Illustrada*, 19 de agosto de 1866, n. 297.

No final de 1866, a *Semana Illustrada* trouxe um fato curioso sobre a guerra: a sublevação de 300 soldados paraguaios, tratando este acontecimento como uma tomada de juízo por parte dos vizinhos brasileiros. Estes se juntariam a mais 300 insurgentes acampados na Candelária ou em Cerro Leon. O texto diz também que “É tempo de mostrarem os paraguaios que servem para alguma coisa mais séria do que obedecer cegamente aos caprichos do chefe que ali domina”, colocando os aliados do lado tido como certo no conflito, que ceifava vidas em ambos os lados. Além disso, também é citada a emigração norte americana, observada por muitos na época com questão meramente imaginária. Segundo o relato, chegavam cerca de 200 estadunidenses ao Brasil, com previsão de mais emigrações, mostrando uma parceria entre o Império e os Estados Unidos. Parte deles tiveram influência na guerra, como os irmãos Allen, que trouxeram a tecnologia do balão de observação, empregada na Guerra da Secessão. No

texto, esses esforços de aliança são creditados ao conselheiro Antônio Francisco de Paula Sousa, que buscou intermediar a chegada dos estrangeiros para auxiliar no esforço de guerra, trazendo sua expertise para os aliados.

Em meio a guerra de posições, a *Semana Illustrada* tratou de homenagear uma família de soldados que estava defendendo o Brasil em território inimigo (Figura 207): os Murinelly. Segundo relato e gravura veiculados no dia 26 de maio de 1866, o pai, Murinelly, e seus três filhos, Dr. José Arthur de Murinelly, tenente de estado-maior de 1ª classe; Arnaldo Murinelly, 1º tenente e Dr. Luiz Francisco de Murinelly, médico do corpo de saúde, faleceu em 18 de abril de 1866, estiveram presentes, sendo homenageados pelo periódico de Henrique Fleiuss. Na edição<sup>105</sup>, a *Semana* os introduz da seguinte forma: “em desagravo da honra nacional, pelejam nos campos e rios do Paraguai, assim como folga de registo os nomes dos progenitores desses beneméritos da pátria”. Assim, apresenta uma breve biografia de cada um. Em 1867, o periódico também apresenta os Tamborins, uma família que também esteve presente nos campos de batalha da época, em diferentes ocasiões (Figura 208).



**Murinelly e seus filhos.**  
1. Dr. José Arthur de Murinelly, tenente de estado-maior de 1ª classe. 2. Dr. Luiz Francisco de Murinelly, médico do corpo de saúde, faleceu em 18 de abril de 1866. 3. Murinelly (pai). 4. Arnaldo Murinelly, 1º tenente. *Semana Illustrada*, 27 de maio de 1866, n. 285.

<sup>105</sup> *Semana Illustrada*, 27 de maio de 1866, n. 285.



**Figura 208:** Os cinco irmãos Tamborins que se acham todos no campo da batalha contra o Paraguai, onde já se têm distinguido em diversas ocasiões. Antonio, 1º tenente d'armada. Sebastião, capitão d'artilheria. Miguel, alfere do 6º d'infantaria. Secundino, capitão d'infantaria. Emiliano, tenente do 9º d'infantaria. **Semana Ilustrada**, 13 de janeiro de 1867, n. 318.

Ambas as gravuras ressaltam a participação familiar, enfatizando-se aqui as figuras masculinas. A ideia, como é possível de se perceber, é transmitir aos leitores o espírito de patriotismo advindo destes núcleos familiares, como forma de ressaltar a importância de se lutar pelo Brasil durante o conflito, e o apelo familiar, em que pais e filhos lutam pela mesma causa, mostra certo denodo.

Pouco mais de um ano depois, após a derrota desastrosa em Curupaiti, os aliados retomam marcha e buscam avançar novamente para a região. Executada a 15 de agosto de 1867, a passagem tinha como objetivo ultrapassar as defesas instaladas no forte do Curupaiti, que ficava às margens do rio Paraguai. Posteriormente, em 13 de fevereiro de 1868, foi feita uma nova passagem por alguns monitores encouraçados, que iam de encontro aos que haviam passado nesta primeira tentativa bem-sucedida.

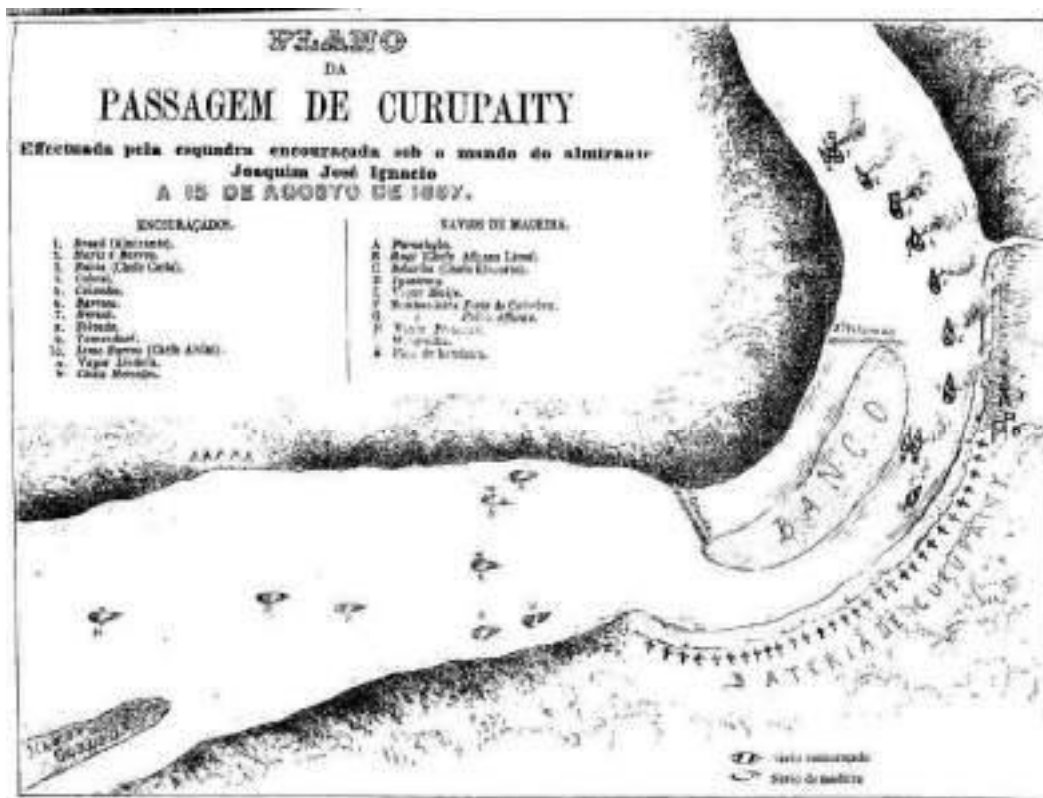
Com o objetivo de chegar a Humaitá, a marinha imperial, através de seu alto comando, protelou por muito tempo a tentativa de avançar sobre as duas regiões fortificadas, considerando os feitos como praticamente impossíveis de serem concluídos (Maestri, 2017, p. 357). Essa afirmação costumeiramente é mais atribuída para a fortaleza de Humaitá, que ficou conhecida como a maior barreira do conflito.

Curupaiti tinha sólidas defesas, como citado anteriormente, e fazia parte do complexo defensivo paraguaio da região de Humaitá, tendo posicionamento estratégico em uma curva, como é possível de se analisar nas gravuras que se seguirão. Além disso, neste ponto do rio Paraguai, havia um banco de areia que o dividia em dois canais: um mais profundo (Donato, 1996, p. 276), mas muito mais próximo das baterias inimigas e

com correnteza mais forte; e outro canal, que era mais largo, tinha como risco o encalhamento das embarcações, as deixando totalmente desprovidas de defesa, sendo alvo fácil para as baterias paraguaias. Além disso, esta parte também contava com diversos torpedos que poderiam causar danos graves nas embarcações. Joaquim José Inácio, que graças aos feitos nesta passagem foi condecorado no dia 27 de setembro do mesmo ano como barão de Inhaúma, optou por ir no canal mais próximo das baterias, colocando as embarcações de madeira para fornecer fogo de supressão enquanto os encouraçados faziam a passagem, levando cada uma delas cerca de 40 minutos para concluir o trajeto (Fragoso, 1956, p. 412).

E, como era de se esperar pelo risco da execução, a manobra teve danos colaterais, mesmo com o seu êxito. Um dos casos conhecidos foi o do tiro que penetrou a embarcação *Tamandaré*, matando e ferindo cerca de 14 homens. Seu comandante, Elisário Barbosa, perdeu o braço esquerdo nesta ocasião. Além disso, a parte mecânica do navio foi danificada, ficando à deriva diante das armas. Porém, a embarcação foi rebocada pelo *Silvado*, que conseguiu fazer a manobra através de um cabo (Assis, 1984, p. 304).

A *Semana Illustrada* divulgou um esquema detalhado sobre a área onde se concentravam as baterias de Curupaiti (Figura 209), através de uma perspectiva isométrica, narrando os acontecimentos, bem como mostrando detalhes geográficos da região. O material foi remetido ao periódico e criado pelo almirante da esquadra em operações no Paraguai, o barão de Inhaúma, que esquematizou todo o seu plano, apresentando os detalhes citados acima.



Este desenho foi remetido à Redacção da — *Semana Illustrada* — pelo Exm. Sr. Barão de Inhaúma.

**Figura 209:** Plano da Passagem de Curupaity, efetuada pela esquadra encouraçada sob o mando do almirante Joaquim José Ignacio a 15 de agosto de 1867. Este desenho foi remetido à redacção da *Semana Illustrada* pelo Exm. Sr. Barão de Inhaúma, almirante da esquadra em operações no Paraguai. **Semana Illustrada**, 24 de novembro de 1867, n. 363.

Abaixo, encontram-se outros dois desenhos divulgados pela *Semana Illustrada* sobre a passagem (Figuras 210 e 211). No entanto, nota-se que não há a mesma qualidade do plano mostrado anteriormente, indicando que além das baterias citadas anteriormente e observáveis no desenho anterior, os aliados também deveriam se preocupar com outros percalços no rio como torpedos e estacadas.





**Figura 210:** Passagem de Curupaity. O Brasil com o almirante na frente da esquadra. **Semana Ilustrada**, 7 de junho de 1868, n. 391.



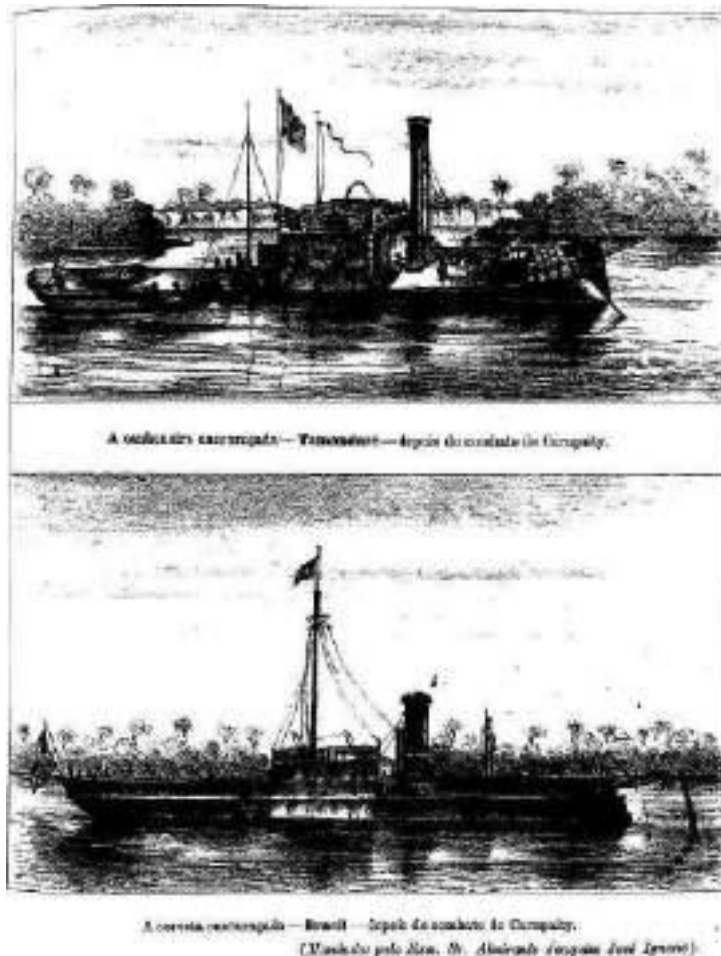
**BARRANGA DE CURUPAITY E SEUS ARREDALDES.**

1. Barranca; 2. Margem do Chaco; 3. Margem paraguaia, ficando à vanguarda o segundo corpo do Exército; 4. Barroso; 5. Silvado, com o pavilhão do chefe Alvim; 6. Herval; 7. Magé; 8. Cabral; 9. Chatas. (Os navios formam a vanguarda da esquadra).

**Figura 211:** Barranca de Curupaity e seus arredores. 1. Barranca; 2. Margem do Chaco; 3. Margem paraguaia, ficando à vanguarda o segundo corpo do Exército; 4. Barroso; 5. Silvado, com o pavilhão do chefe Alvim; 6. Herval; 7. Magé; 8. Cabral; 9. Chatas. (os navios formam a vanguarda da esquadra).

**Semana Ilustrada**, 11 de agosto de 1867, n. 348.

Ainda sobre Curupaity, os desenhos da canhoneira encouraçada *Tamandaré* e da corveta encouraçada *Brasil* foram enviados para a *Semana Ilustrada* pelo visconde de Inhaúma (Figura 212). As imagens, que apresentam as embarcações por uma perspectiva lateral, mostram o estado em que ambas se encontravam após a passagem por Curupaity. Provavelmente, ambas as imagens foram baseadas em daguerreotipo ou croquis feitos por marinheiros presentes nas respectivas embarcações, que resistiram bravamente ao episódio.



**Figura 212:** A canhoneira encouraçada – *Tamandaré* – depois do combate de Curupaity. A corveta encouraçada – *Brasil* – depois do combate de Curupaity. (Mandados pelo Exm. Sr. Almirante Joaquim José Ignácio). *Semana Illustrada*, 15 de setembro de 1867, n. 353.

Uma das raras imagens feitas pelos periódicos relatando a situação dos acampamentos é apresentada pela *Semana Illustrada* (Figura 213). Nela, um grupo de soldados se abriga em uma fogueira, pensando no que poderia estar ocorrendo na Corte naquele momento. Desta forma, um dos representados alega que certamente os deputados estão dando de língua, ou seja, discutindo sobre algo.

Diante disso, um deles sonha em se sentar em uma poltrona, um luxo bem distante da realidade vivida no *front*, algo que a própria imagem apresenta, colocando os três personagens imersos na escuridão, algo que a gravura tem certa dificuldade em mostrar, dando uma impressão de que ali se passa uma chuva torrencial. No entanto, este foi o recurso encontrado pelo desenhista para traduzir a situação dos soldados. Por fim, um deles se indaga sobre a pátria que os olha, questionando se estão mesmo sendo vistos, algo que pode ser questionado não só pela penumbra da noite, mas também por estarem bem distantes da realidade vivida no conflito, algo que jornal algum consegue descrever.



**Figura 213:** Na campanha (à céu aberto). – O que se fará a esta hora na corte? – Deus o sabe! Na câmara, certamente, dão de língua os deputados. – Pudera! É tão bom conversar numa poltrona... – Por falar em poltrona, se amolássemos as canelas?! – E a pátria que nos – olha? – Olha?... o tempo – está tão escuro. *Semana Illustrada*, 30 de junho de 1867, n. 342.

E após as investidas da guerra de posições, mais uma vez o pseudônimo Leva Arriba envia uma carta para a *Semana Illustrada*. Desta vez, o personagem envia uma carta diretamente de Curuzú, no dia 3 de março de 1867<sup>106</sup>. No entanto, ela só é reproduzida no periódico no dia 24 de março do mesmo ano. Nela, fala sobre a morte do general José Eduvigis Díaz Vera, “o melhor homem de guerra das fileiras paraguaias”, sendo ferido no bombardeamento de 2 de fevereiro, tendo ambas as pernas fraturadas, sobrevivendo por alguns dias. Além disso, Leva Arriba zomba a situação, alegando que nenhum destes homens ressuscitou em Assunção, tal como Solano López falava. Contudo, o corpo do general foi enviado para a capital para ser sepultado “com todas as honras fúnebres”. Leva Arriba cita que tal privilégio não foi dado ao general Wenceslao Robles que, acusado de não cumprir suas ordens, foi fuzilado no Acampamento de Paso da Patria em 6 de agosto de 1866 (Benítez, 1986).

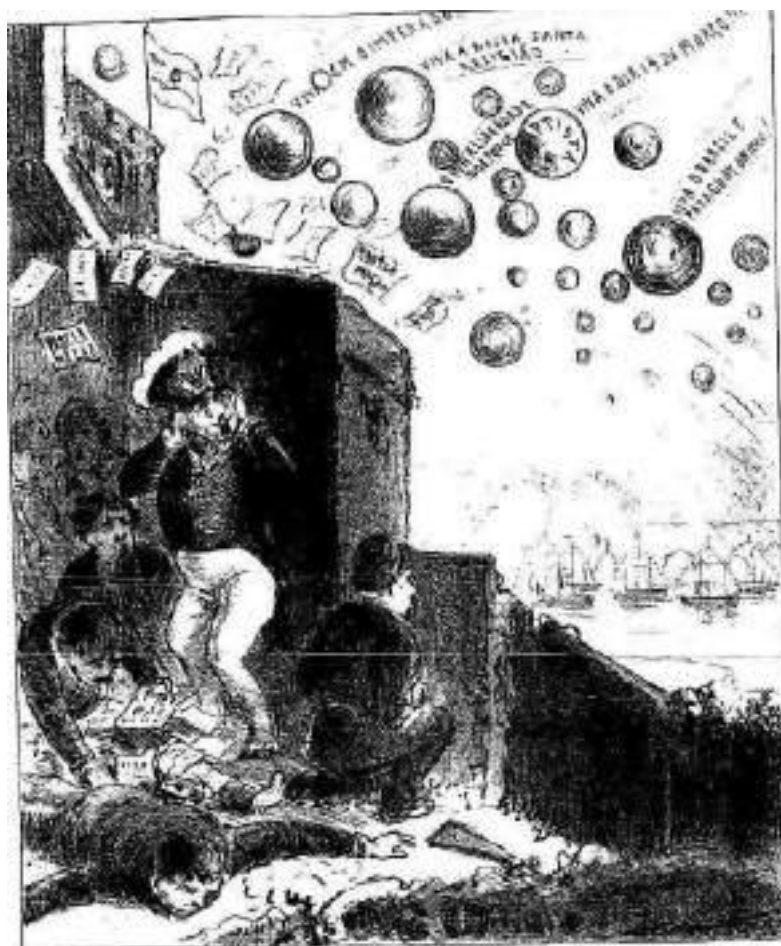
Além disso, é citado na carta os constantes bombardeios feitos pelo almirante Joaquim José Ignácio, o visconde de Inhaúma, que não mede esforços para avançar com a esquadra no território inimigo, com o objetivo de chegar a Humaitá. Leva Arriba também mostra que Inhaúma tem uma relação com os marinheiros diferenciada, preocupando-se com a não-promoção de seus homens, que “cumprem gentilmente os seus deveres como tantas vezes, no meio dos perigos”. Desta forma, lembra o exemplo de seu

<sup>106</sup> *Semana Illustrada*, 24 de março de 1867, n. 328.

falecido filho, Mariz e Barros, que mesmo frustrado por não ter sido promovido, lutou e morreu por sua pátria.

Por fim, ao relatar o terceiro bombardeio a Curupaiti, Leva Arriba enfatiza a rigidez estratégica mantida pela esquadra, “sempre em formatura regular”, levando a queda de dois povoados paraguaios, que tocaram em retirada, dando um duro golpe ao exército inimigo, em um “bonito espetáculo” de projéteis.

E em 14 de março de 1867, comemorava-se o aniversário da imperatriz Teresa Cristina. Assim, a *Semana Illustrada* a homenageava, mostrando os bombardeios feitos por Inhaúma, dando “21 tiros do estilo” para celebrá-la. Mas, ao contrário do que costumava-se fazer, dando tiros falsos, Inhaúma tratou de preencher seus canhões com balas, tendo como alvo a região de Curupaiti (Figura 214).



**DIA 14 DE MARÇO.**  
ANIVERSÁRIO NATALICIO DE S. M. A IMPERATRIZ.  
A esquadra brasileira, ao mando do digno e bravo almirante Joaquim José Ignacio, festeja aquele memorável dia – salvando-o, à uma hora da tarde, com 21 tiros do estilo. Desta feita, porém, não foram as peças carregadas com pólvora seca, senão com balas enviadas para as trincheiras de Curupaiti, transportando a última delas os exemplares da proclamação dirigida aos paraguaios contra o déspota da República. *Semana Illustrada*, 4 de abril de 1867, n. 331.

**Figura 214:** Dia 14 de março, aniversário natalício de S. M. a Imperatriz. A esquadra brasileira, ao mando do digno e bravo almirante Joaquim José Ignacio, festeja aquele memorável dia – salvando-o, à uma hora da tarde, com 21 tiros do estilo. Desta feita, porém, não foram as peças carregadas com pólvora seca, senão com balas enviadas para as trincheiras de Curupaiti, transportando a última delas os exemplares da proclamação dirigida aos paraguaios contra o déspota da República. *Semana Illustrada*, 4 de abril de 1867, n. 331.

Após os bem-sucedidos ataques da guerra de posições, o visconde de Inhaúma e Caxias estavam agora de olho no avanço até a fortaleza de Humaitá (Figura 215), conhecida como a Gibraltar da América do Sul, devido ao seu poder bélico, posição estratégica e de difícil tomada e transposição. Assim, a *Semana Illustrada* trazia ambos observando a fortificação de longe, com Caxias apontando o próximo destino dos exércitos aliados. E, de fato, após toda a campanha feita após o período da guerra de posições, a Tríplice Aliança estava cada vez mais perto da tão temida região.



Deus, a pátria, o monarca, a nossa glória!

**Figura 215:** Deus, a pátria, o monarca, a nossa glória! *Semana Illustrada*, 3 de fevereiro de 1867, n. 321.

## 2.12. “Delenda, Humaitá!”

A população estava cada vez mais ansiosa pelo final da guerra. O que era pra ser um conflito de curta duração, chegava ao seu quarto ano, preocupando toda a população brasileira. Além disso, havia também o cansaço e todo o receio dos homens que estavam atrás das linhas inimigas, passando por uma série de provações. Desta forma, a *Semana*

*Ilustrada* apresentou uma gravura, em que dois homens estão sentados à mesa, lendo as “notícias do Rio da Prata”.

A gravura (Figura 216) é dividida em seis partes, e cada notícia parece frustrar ainda mais o leitor, que gradativamente vai mudando sua feição, cada vez mais irritado. Dentre alguns dos assuntos abordados, está o problema do cólera, que fez milhares de vítimas na guerra. Segundo Dionísio Cerqueira (1980, p.192), “a cólera era mais terrível do que os milheiros de Lopez”. Para se ter uma dimensão do estrago causado pelo cólera e outras doenças como malária, varíola, pneumonia e disenteria, cerca de 70% dos Aliados podem ter morrido por conta delas<sup>107</sup>.

Além disso, López é mencionado, tendo o marechal paraguaio conseguido abrir comunicação pelo Chaco e, não obstante, ordenava o fuzilamento de todos que iam contra os seus desejos. É claro, há um certo tom de exagero na imagem, mas é sabido que o líder paraguaio já tinha cometido tais atrocidades, mandando matar seus próprios irmãos, estrangeiros e até mesmo alguns membros da elite do Paraguai. E um desses eventos de fúria por parte de López ficou conhecido como a Matança de São Fernando (*Matanza de San Fernando*) (Borga, 2015, p. 75-76).

Por fim, o personagem, já revoltado com tantas notícias ruins, agarra o outro no pescoço, dizendo: “Com 200000 diabos! Se eu o tivesse nas unhas como tenho a você – a guerra estava acabada!”. A sensação apresentada pelo personagem fictício, poderia ser facilmente atribuída a milhares de brasileiros, que já estavam exaustos da guerra. Neste aspecto, a imprensa teve um papel fulcral, sendo ela uma das grandes responsáveis por fomentar diferentes sentimentos em seus leitores e, conseqüentemente, em boa parte da opinião pública.

---

<sup>107</sup> Ler mais em: FIOVARANTI, Carlos. O terror das doenças na guerra do Paraguai. **Pesquisa FAPESP**, ed. 309, nov. 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-terror-das-doencas-na-guerra-do-paraguai/>. Acessado dia 10/10/2023.



**NOTÍCIAS DO RIO DA PRATA.**

**Figura 216:** Notícias do Rio da Prata. 1º - O vapor *Marcílio Dias* que saiu do Passo da Pátria no dia 3 deste mês nada trouxe. 2º - Continua a revolta em Santa Fé. 3º - O cólera morbus faz estragos, sempre mais estragos. 4º - Dizem que Lopez abriu comunicação pelo Chaco. 5º - O dito manda fuzilar todos quantos lhe cabem nas mãos. 6º - Com 200000 diabos! Se eu o tivesse nas unhas como tenho a você – a guerra estava acabada! *Semana Illustrada*, 2 de fevereiro de 1868, n. 373.

Tal ansiedade também foi refletida na própria capa da *Semana Illustrada*, em que o Dr. Semana e o Moleque estão de prontidão, com suas lunetas apontadas para o oceano Atlântico, esperando novas informações do conflito (Figura 217). Contudo, mal sabiam eles que um dos maiores feitos d’armas brasileiro estava prestes a acontecer: a vitória sobre Humaitá.





O Dr. Semana esperando ansiosamente notícias do Sul.

**Figura 217:** O Dr. Semana esperando ansiosamente notícias do Sul. *Semana Ilustrada*, 9 de fevereiro de 1868, n. 374.

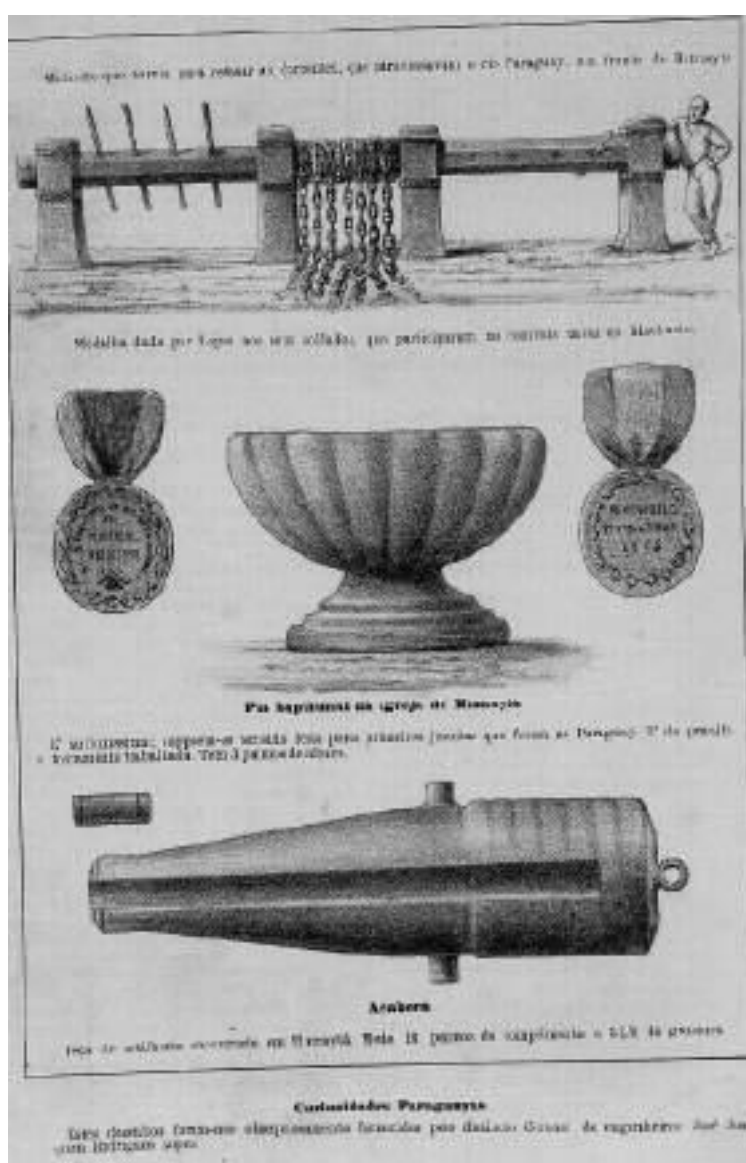
Esta era uma das principais regiões fortificadas dos paraguaios. A fortaleza de mesmo nome, chegou a abrigar boa parte do comando de guerra, tendo inclusive Solano López ficado lá por um tempo. Vista pela Marinha e Exército como praticamente intransponível por conter os avanços aliados por quase dois anos, tinha um papel estratégico relevante para o inimigo, conseguindo conter os avanços pelo rio Paraguai. Contudo, a marinha brasileira conseguiu passar pela “intransponível defesa paraguaia” no dia 19 de fevereiro de 1868<sup>108</sup>, sendo esta uma das datas da guerra contra o Paraguai celebradas pela Marinha do Brasil até a contemporaneidade.

Porém, vale ressaltar que, antes de ser considerada a manobra que levaria a esta passagem, os aliados especulavam outras formas de invadir o território inimigo. Contudo, eram tidas como opções ainda mais difíceis (Burton, 1870, p. 296). O objetivo da ação era, em suma, dar fim ao fornecimento de provisões advindas pelo rio Paraguai até a fortaleza, enfraquecendo ainda mais os inimigos. E, ao conseguir tomar a fortaleza por terra e água, em 25 de julho do mesmo ano, a armada brasileira restaurou sua reputação, levando os paraguaios a evacuar a capital, Assunção. Este feito é considerado por alguns autores como um dos principais eventos da guerra, demarcando o avanço aliado no território inimigo, o obrigando a recuar.

---

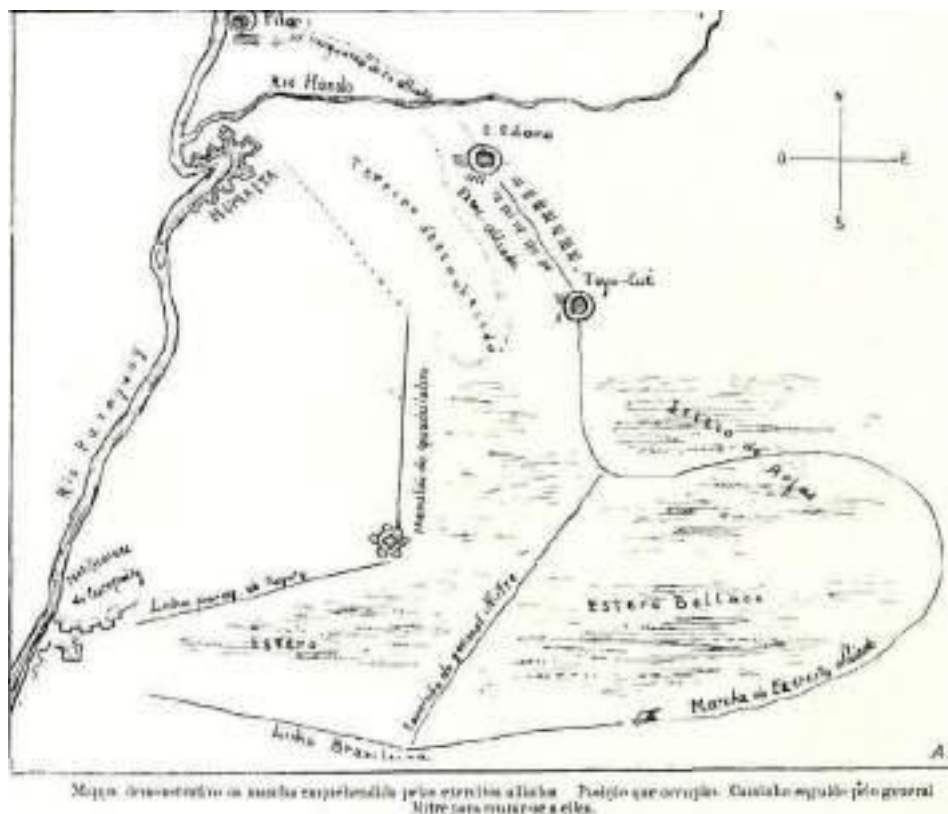
<sup>108</sup> Ver mais em: DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

A localização da fortaleza contava com uma série de defesas naturais, como barrancas mais altas nas margens e uma curva extremamente sinuosa, que obrigava as embarcações brasileiras a reduzirem a velocidade para conseguirem virar. A fortaleza ficava exatamente nesta curva, facilitando aos paraguaios atirarem nos inimigos. Além disso, foram transpostas pelo rio grandes correntes, que dificultariam ainda mais a passagem das embarcações. Elas foram representadas em algumas gravuras e detalhadas no número 39 d'*A Vida Fluminense* (Figura 218), juntamente de medalhas dadas aos soldados que participaram do combate naval de Riachuelo, a pia batismal de igreja de Humaitá, e um acaberá, peça de artilharia achada na mesma localidade. Essas informações foram remetidas pelo coronel de engenheiros José Joaquim Rodrigues Lopes.



**Figura 218:** Curiosidades paraguaias. Estes desenhos foram-nos obsequiosamente fornecidos pelo distinto coronel de engenheiros José Joaquim Rodrigues Lopes. Molinete que servia para retesar as correntes, que atravessavam o rio Paraguai, em frente a Humaitá. Medalha dada por Lopes aos seus soldados, que participaram do combate naval do Riachuelo. Pia batismal da igreja de Humaitá. Acaberá, peça de artilharia encontrada em Humaitá. **A Vida Fluminense**, 26 de setembro de 1868, n. 39.

Ainda assim, a esquadra brasileira saiu vitoriosa. *O Cabrião* traz um dos primeiros esquemas da região (Figura 219), feito por Agostini, levando aos seus leitores mais detalhes das marchas dos exércitos aliados, explicando detalhadamente onde estavam os soldados, bem como a fortaleza. O mapa também traz um detalhe interessante, mostrando um “terreno desconhecido” próximo a Humaitá e ao rio Hondo. É também possível perceber na gravura, que o exército aliado já estava prestes a ultrapassar as defesas inimigas.



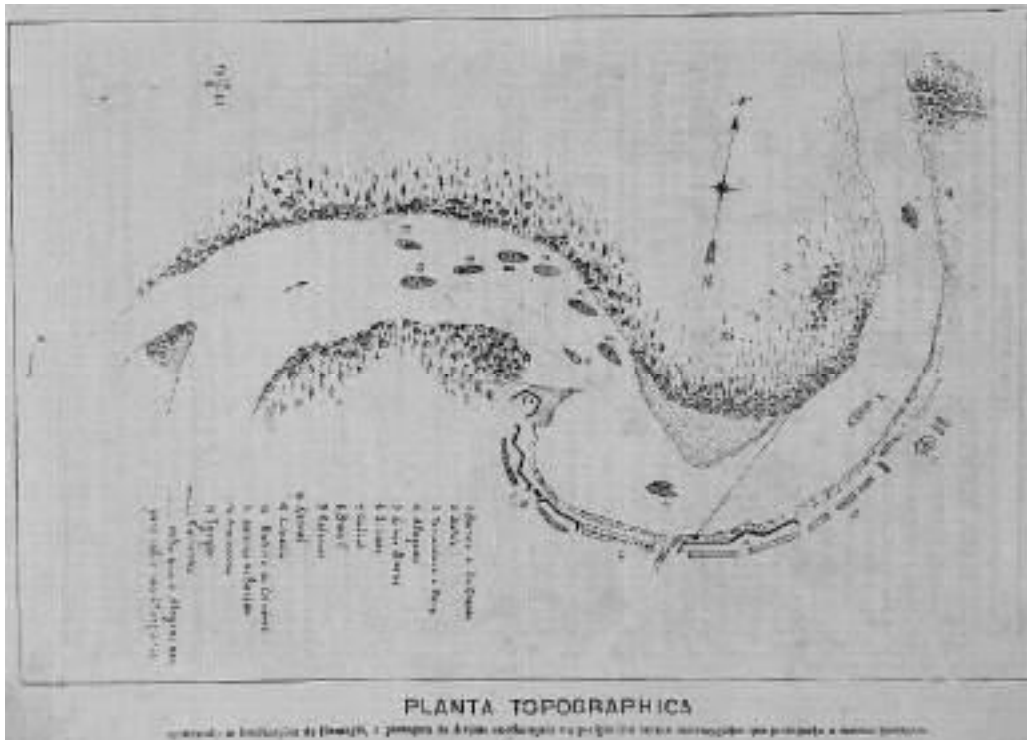
**Figura 219:** Mapa demonstrativo da marcha empreendida pelos exércitos aliados. Posição que ocupam. Caminho seguido pelo general Mitre para reunir-se a eles. *O Cabrião*, 25 de agosto de 1867, n. 46.

Posteriormente, *O Cabrião* trazia outro esquema, demonstrando a posição da esquadra, em um detalhe exposto no canto superior esquerdo (Figura 220). Além disso, era detalhado também o mesmo espaço, com direito a uma escala em milhas, o nome das localizações e boa parte do território que estava sendo desbravado pelas forças aliadas. Estas informações traziam cada vez mais dados para a população, que vivenciava esta guerra de uma maneira completamente diferente, tendo acesso a dados relevantes. Isso levava os editores a lutarem por informações advindas do *front*, algo que trazia um maior tom de veracidade aos desenhos apresentados. Na gravura abaixo, é interessante perceber que ela foi feita com base em informações vindas de um oficial do exército brasileiro, que não é identificado.



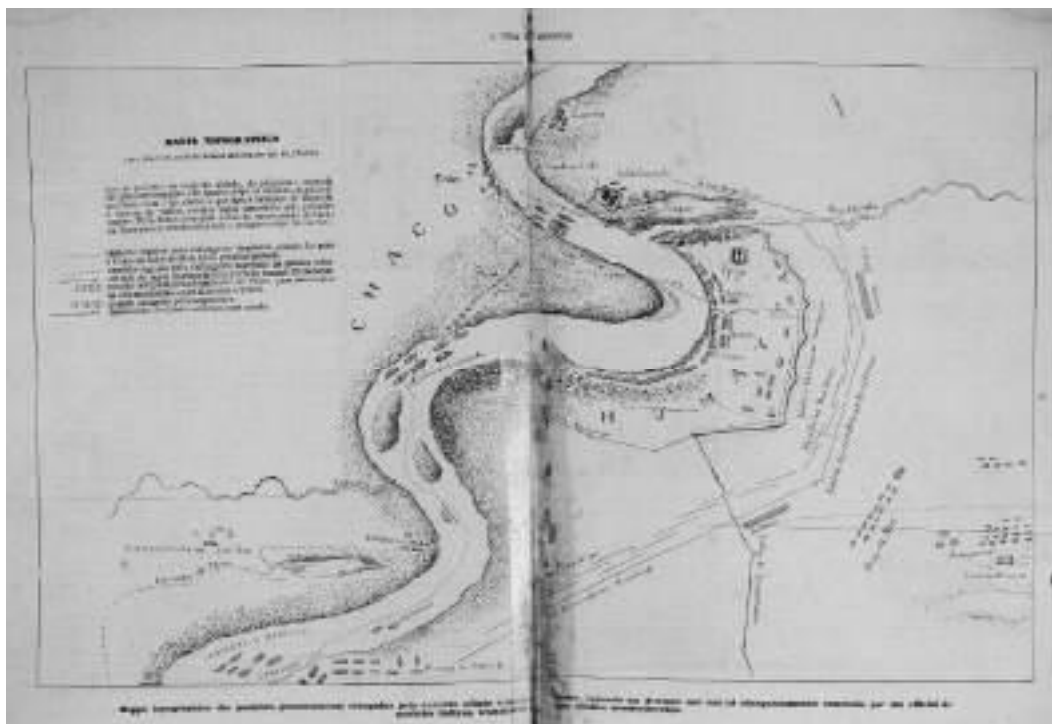
**Figura 220:** Posição da esquadra em Humaitá/Campo de operações dos exércitos aliados contra o Paraguai por um oficial do exército brasileiro. *O Cabrião*, 29 de setembro de 1867, n. 51.

A corrida por mais informações fazia surgir consigo uma série de esquemas na imprensa, algo que prosseguiu até a posteridade do conflito, seja como maneira de exaltar os feitos da guerra, mas também como produto. E em 14 de março de 1868, *A Vida Fluminense* trazia outro esquema (Figura 221), detalhando ainda mais a posição das embarcações aliadas dispostas na transposição da fortaleza de Humaitá. Em uma planta topográfica, é possível identificar a curva sinuosa da região, a fortificação e as belonaves, reconhecidas através de uma legenda. Assim, as informações trazidas anteriormente eram complementadas com novidades advindas do Sul.



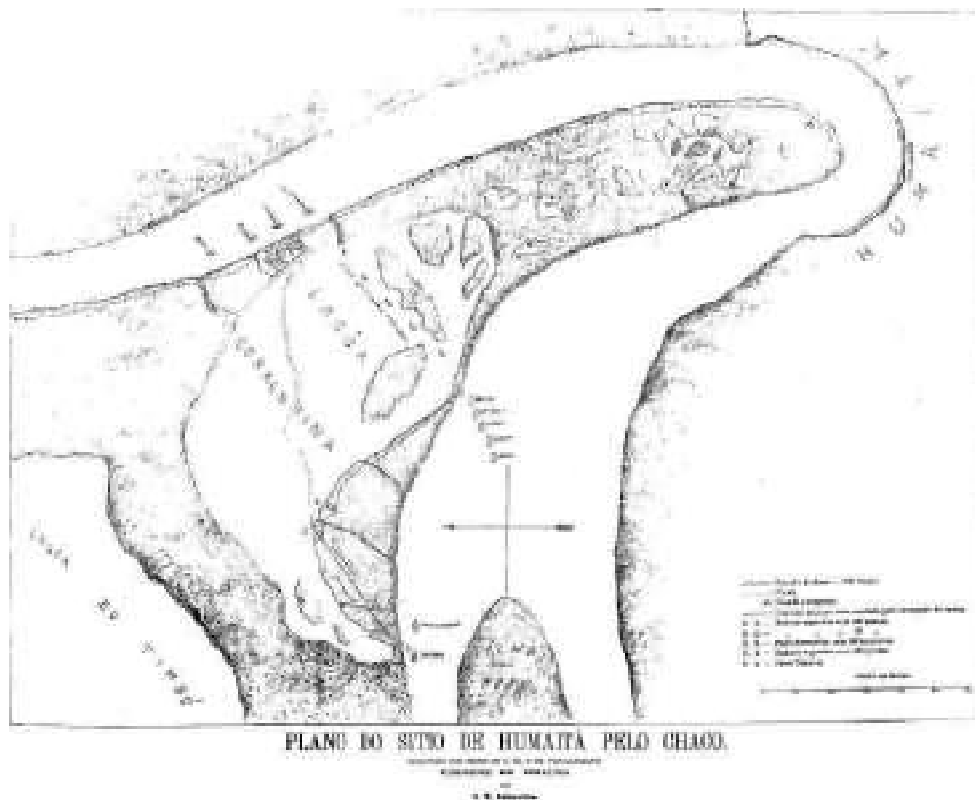
**Figura 221:** Planta topográfica mostrando as fortificações de Humaitá, a passagem da divisão encouraçada e a posição dos outros encouraçados que protegeram a mesma passagem. **A Vida Fluminense**, 14 de março de 1868, n. 11.

Em 23 de maio de 1868, outra gravura era trazida pelo periódico de Agostini e companhia (Figura 222). Focando-se em informações dos arredores da fortaleza, mostra os movimentos militares da marinha e do exército, lembrando bastante o desenho apresentado n’*O Cabrião*, mas com um grau de detalhamento mais acurado e legível ao leitor, algo que fazia toda a diferença na hora de adquirir o material. Ou seja, a questão da informação também precisava passar por um certo crivo estético. Quanto melhor e mais fácil de entender fosse o desenho, mais fácil seria vendê-lo. Por fim, vale ressaltar que a gravura foi remetida “por um oficial de marinha italiano”, também sem nome. Através de nossos conhecimentos, é possível cogitar que este oficial fosse o pintor e marinheiro Eduardo De Martino, que fez pinturas com base na própria passagem e também em outros eventos da guerra.



**Figura 222:** Mapa topográfico explicativo dos últimos movimentos militares com as posições do exército aliado, da primeira e segunda divisões encouraçadas e do quarto corpo de exército, acampado no Chaco; com o fio elétrico que liga a fortaleza de Humaitá à bateria do Timbó, e com a lagoa descoberta pelo primeiro tenente Etchebarne, pela qual a divisão encouraçada do barão da Passagem se comunica com o primeiro corpo do exército. Desenho obsequiosamente remetido por um oficial de marinha italiano, testemunha dos últimos acontecimentos. **A Vida Fluminense**, 23 de maio de 1868, n. 21.

Apresentando um esquema da mesma região a *Semana Illustrada* traz a curva do Humaitá, mostrando relatos dos exércitos aliados para compor a cena, apresentada pela perspectiva do plano de sítio ocorrido pela região do Chaco (Figura 223). Um diferencial deste esquema é a lagoa Correntina, que não havia sido mostrada nos esquemas anteriores. Contudo, percebe-se também que o primeiro esquema do periódico de Fleiuss conta com poucas informações se comparado aos elaborados pelas folhas de Agostini. Este suplemento da *Semana Illustrada* foi enviado pelo vice-almirante Visconde de Inhaúma, sendo elaborado por I. M. Guimarães.



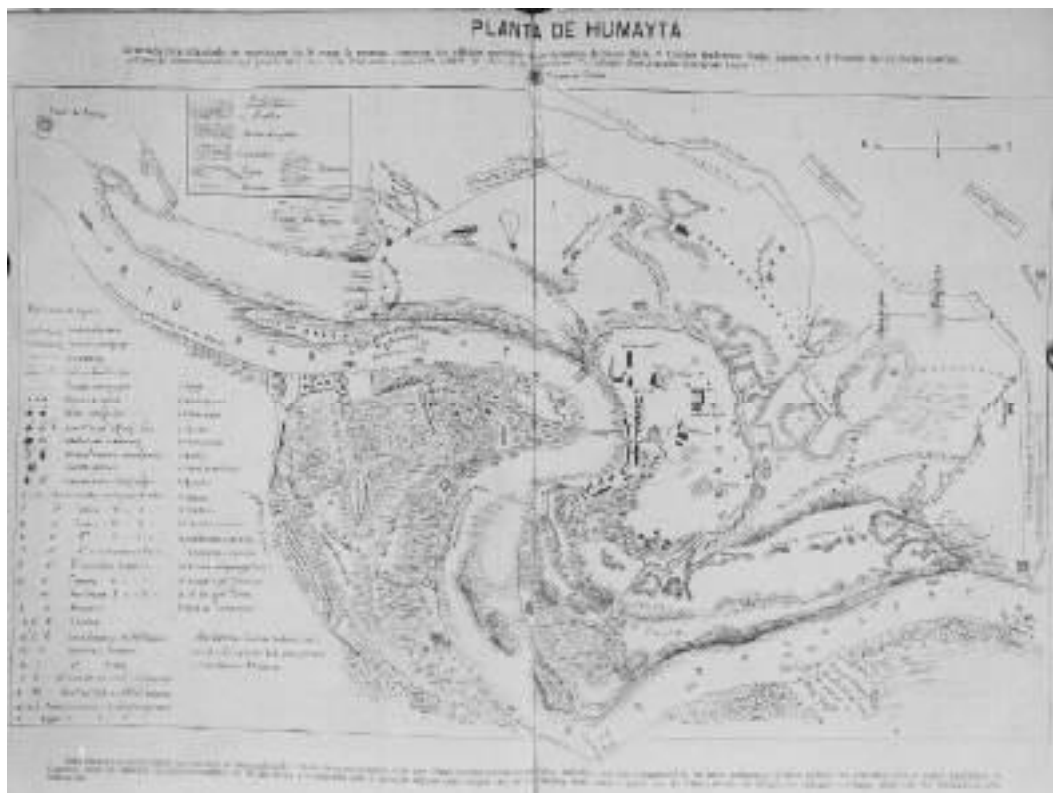
**Figura 223:** Suplemento da *Semana Illustrada*. Plano do sítio de Humaitá pelo Chaco. Levantado por ordem de S. Ex. o Sr. Vice-Almirante Visconde de Inhaúma. Por I. M. Guimarães. *Semana Illustrada*, 2 de agosto de 1868, n. 399.

Concluindo a série de esquemas apresentados na imprensa ilustrada presentes em nosso recorte, está a planta de Humaitá apresentada pela *Vida Fluminense*, em 6 de março de 1869 (Figura 224). Desta vez, Agostini e companhia mostram a mais detalhada das plantas apresentadas, feita pela comissão de engenheiros do 2º corpo do exército, através dos oficiais Major Sebastião de Souza Melo, 1º Tenente Guilherme Carlos Lassance, e 2º Tenente Emilio Carlos Jourdan e oferecida ao periódico pelo Coronel de Engenheiros Conselheiro José Joaquim Rodrigues Lopes.

Na legenda, enfatiza-se que ela é a “é a única exata que até hoje se tem publicado”, sendo esta afirmação, de fato, verídica, mostrando aos espectadores os edifícios, baterias, redutos e caminhos dos paraguaios, bem como os lugares onde se fizeram os reconhecimentos ocorridos no dia 16 de julho e o caminho que o exército aliado seguiu para chegar até às trincheiras. Além disso, está também assinalado o ponto que do Chaco serviu para refugiar os inimigos, que recuaram e, posteriormente, foram obrigados a se render. Tudo isso é apresentado através de uma ampla legenda, com um grau de detalhamento surpreendente para o período. Portanto, ao receber as informações do próprio 2º corpo de exército e seus oficiais, a gravura enfatizava assim, o crivo de seus



criadores, algo de grande valia para atestar a veracidade e todo o detalhamento proposto, constituindo esta citação como um grande trunfo para a imprensa do período.



**Figura 224:** Planta de Humaitá levantada pela comissão de engenheiros do 2º corpo do exército, composta dos oficiais seguintes: Major Sebastião de Souza Melo, 1º Tenente Guilherme Carlos Lassance, e 2º Tenente Emilio Carlos Jourdan. Oferecida obsequiosamente aos proprietários da Vida Fluminense e pelo Illm. e Ex. Sr. Coronel de Engenheiros Conselheiro José Joaquim Rodrigues Lopes. Esta planta é a única exata que até hoje se tem publicado. Além da minuciosidade, com que foram indicados todos os edifícios, baterias, redutos e caminhos do baluarte paraguaio, o leitor poderá ver, marcados com a maior exatidão, os lugares onde se fizeram os reconhecimentos de 16 de julho e o caminho que o exército seguiu para chegar até às trincheiras, bem como o ponto que do Chaco serviu de refúgio ao inimigo, e o lugar onde ele foi obrigado a render-se. **A Vida Fluminense**, 6 de março de 1869, n. 62.

Apresentando novamente a alegoria brasileira, temos um indígena afrontando Solano López, que aparece como uma arma viva, cercado de espinhos, tal como um ouriço, e em cima da fortaleza de Humaitá, ao mesmo tempo em que está com dor de barriga, dando adeus à coroa paraguaia (Figura 225). O precursor da queda de López era a belonave “Brasil”, que daria um “basta, enfim, de vexar os teus povos, incomodar os teus vizinhos e envergonhar a humanidade”. Desta forma, de maneira alegórica, a *Semana Illustrada* começava a narrar o que era observado como o “começo do fim” da guerra.



**Figura 225:** Brasil. – Que importa que sejas um arsenal vivo? Ali vem o precursor da tua queda. Basta, enfim, de vexar os teus povos, incomodar os teus vizinhos e envergonhar a humanidade! Lopes (aparte, com dor de barriga: - Adeus, coroa do Paraguai. *Semana Illustrada*, 2 de abril de 1865, n. 225.

E no número 246, do dia 27 de agosto de 1865, a capa da *Semana Illustrada* apresentava seus protagonistas, o *Dr. Semana* era narrado ao lado do Moleque, mirando uma belonave, com a ponta ornada por uma cabeça de um indígena, seguindo a alegoria brasileira do nativo, a batendo em Solano López, apresentado em queda, juntamente de uma saraivada de projéteis de canhão, com a fortaleza de Humaitá ao fundo (Figura 226). E, mais uma vez, a legenda faz um paralelo com a Grécia Antiga, apresentando López como Hector (Heitor), ao passo que a armada e o exército brasileiros são tratados como Aquiles, que irão terminar tudo “com um fogo natural, modelado pelo incêndio de Tróia”. De acordo com a mitologia grega, Heitor, foi morto por Aquiles, que brutalizou seu corpo por doze dias, vingando a morte de Patroclus. Contudo, o deus Apolo interveio para que o corpo não fosse dilacerado, e os deuses deliberam pela restituição do corpo para o cumprimento dos sacrifícios funerários.



Em remuneração das muitas tinezas, que o Brasil tem recebido do Paraguai, a armada e o exército brasileiro pretendem dar, muito em breve em Humaitá, um baile ao marechal Solano Lopez. Nessa festa há de haver muita profusão de balas de estalo, de bombões em bandejas encouraçadas, de foguetes, depois de várias contradanças, valsas e polkas, para as quais já estão convidados os necessários pares. Há de terminar tudo com um fogo natural, modelado pelo incêndio de Tróia. Lopez presta-se a arremedar Hector. Aquelles não faltam ao exército e à armada do Império.

**Figura 226:** Em remuneração das muitas tinezas, que o Brasil tem recebido do Paraguai, a armada e o exército brasileiro pretendem dar, muito em breve em Humaitá, um baile ao marechal Solano Lopez. Nessa festa há de haver muita profusão de balas de estalo, de bombões em bandejas encouraçadas, de foguetes, depois de várias contradanças, valsas e polkas, para as quais já estão convidados os necessários pares. Há de terminar tudo com um fogo natural, modelado pelo incêndio de Tróia. Lopez presta-se a arremedar Hector. Aquelles não faltam ao exército e à armada do Império. **Semana Illustrada**, 27 de agosto de 1865, n. 246.

Novamente, o Dr. Semana e o Moleque são retratados, agora diante de um desenho da queda de Humaitá, feita pelo menino (Figura 227). Na ocasião, o doutor pergunta sobre os tais rabiscos elaborados, alegando que estes são parte de um esboço de um lindo quadro para a futura exposição nacional, repleta de preparativos, sendo tida como “uma grande festa da indústria”. O Moleque alega que está “certo que desta vez o Brasil há de mostrar ao velho mundo quanto vale o novo”, ultrapassando a intransponível fortaleza e, assim, apresentando seu poder “civilizador” ao Velho Mundo. As exposições nacionais eram espaços organizados para exibir objetos técnicos que adentravam no cotidiano brasileiro, “com forte presença de produtos agrícolas, matérias-primas, minerais, madeiras entre outros recursos naturais<sup>109</sup>”.

Como o próprio Moleque cita, eram utilizadas para apresentar o progresso nacional, além de servir como *locus* de negócios e divulgação de produtos e serviços, além de apresentarem as artes criadas no período. Desta forma, objetivavam o desenvolvimento da indústria e o aperfeiçoamento das artes, engrandecendo o país ao

<sup>109</sup> Ver mais em: HEYNEMANN, Claudia Beatriz e MONTEIRO, Maria Elizabeth Brêa. Festa das Artes e da Indústria – Segunda Exposição Nacional, 1866. **Brasiliana**, 3 de abril de 2020. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=exposicao-nacional-de-1866>. Acessado dia 20/02/2023.

criar buscar estabelecer um “padrão pelo qual se pode aferir o estado de civilização e adiantamento de um povo (Rego, 1869, p. 3)”. Portanto, a gravura não só exalta os possíveis feitos vindouros do Império, mas também apresenta o cenário desta festa da indústria e das artes como um lugar privilegiado para se tratar as questões da civilização brasileira.



— Não tens que fazer, moleque, que rabiscos são esses?  
 — Rabiscos chama-lhe vm.; nhonhô?  
 Não senhor, estou engendrando o esboço de um lindo quadro para a futura exposição nacional, que me parece há de ser chibatante, pois vejo por toda a parte preparativos para essa grande festa da indústria, e estou certo que desta vez o Brasil há de mostrar ao velho mundo quanto vale o novo. (cantando)  
 A exposição  
 Será brilhante!  
 Permite, nhonhô,  
 Que eu já a cante.

**Figura 227:** – Não tens que fazer, moleque: que rabiscos são esses? – Rabiscos chama-lhe vm.; nhonhô? Não senhor, estou engendrando o esboço de um lindo quadro para a futura exposição nacional, que me parece há de ser chibatante, pois vejo por toda a parte preparativos para essa grande festa da indústria, e estou certo que desta vez o Brasil há de mostrar ao velho mundo quanto vale o novo (cantando). A exposição será brilhante: permite, nhonhô, que eu já a cante. **Semana Illustrada**, 10 de março de 1866, n. 274.

E, ao contrário do que era comumente visto nos periódicos em que Agostini fez parte, a *Semana Illustrada* demarca novamente seu posicionamento na capa do dia 4 de novembro de 1866, colocando o Dr. Semana e o Moleque diante de um globo terrestre, conversando (Figura 228). O doutor alega que tem fé de que o Paraguai, “este ponto quase imperceptível no mapa da América do Sul”, que faz o Império brasileiro quebrar “todos os esforços”, irá deixar de resistir, com a “espada vitoriosa do Marquês de Caxias” fazendo cair pedra por pedra as posições de Curupaiti e de Humaitá, colocando Caxias como o “salvador da pátria” nesta ocasião, e não como um agente que atrasou a guerra, como ele era comumente assimilado por outros periódicos. E, de fato, o preparo advindo dos esforços de Caxias ao assumir o comando em chefe brasileiro teve impactos muito mais positivos do que negativos na formação do exército ao longo do conflito, algo corroborado por Francisco Doratioto (2002) ao longo de sua obra.



Tem fé profunda de que este ponto quasi imperceptivel no mappa da America do Sul, contra o qual se tem quebrado todos os esforços do Imperio, vai agora cessar de resistir. A espada victoriosa do Marquez de Caxias ha de fazer cair uma por uma as pedras de Curupaity e de Humaitá. Proteja o Deus dos exercitos o valente salvador da patria.

**Figura 228:** Tenho fé profunda de que este ponto quase imperceptível no mapa da América do Sul, contra o qual se tem quebrado todos os esforços do Império, vai agora cessar de resistir. A espada vitoriosa do Marquês de Caxias há de fazer cair uma por uma as pedras de Curupaity e de Humaitá. Proteja o Deus dos exércitos o valente salvador da pátria! **Semana Illustrada**, 4 de novembro de 1866, n. 308.

E, ao falarmos do comandante em chefe, percebe-se em gravura apresentada pelo *Cabrião*, um encontro entre Caxias e Mitre, que chega logo à hora do banquete do marquês, que mostra que há pastéis prontos dentro de uma petisqueira, com a inscrição “Humaitá”, alegando que o líder argentino não ficará insatisfeito; contudo, o próprio marquês não se responsabiliza por eventuais ossos que forem encontrados. Nesta imagem (Figura 229), duas coisas são nítidas: Caxias dando a entender a entrega “de bandeja” do forte de Humaitá aos aliados, e as diferenças e desconfianças entre brasileiros e argentinos comumente pautada na imprensa do período. De fato, o forte foi rendido e entregue, mas apenas cerca de um ano após a divulgação da gravura. Há também uma possível crítica nos luxos de Caxias em seu período no Sul, comendo bem e sentado à mesa, algo que não é percebido em praticamente todas as gravuras que buscam mostrar a realidade dos soldados. Há certo sentido para isso, já que ele era uma das principais lideranças do conflito naquele momento. Mas, todas as possibilidades se tornam críticas através dos desenhos de Agostini.





—Caxias.—Ora muito bem, Sr. Mitre, V. Exc. chegou à hora justinha da papança. Eis aí está quentinha e preparada a petisqueira; esforcei-me, e acredito que não ficará descontente. Recomendo-lhe este magnifico pastelão... Mas cuidado com algum osso... se V. Exc. engasgar-se é por sua conta.

**Figura 229:** Mitre e Caxias. Caxias – Ora muito bem, Sr. Mitre. V. Exc. Chegou à hora justinha da papança. Eis aí está quentinha e preparada a petisqueira; esforcei-me, e acredito que não ficará descontente. Recomendo-lhe este magnifico pastelão... Mas cuidado com algum osso... se V. Exc. engasgar-se é por sua conta. **O Cabrião**, 25 de agosto de 1867, n. 46.

Sobre a questão naval na região do Humaitá e pelo rio Paraguai, a *Semana Illustrada* apresentava uma série de relatos advindos do *front*, que eram assinados pelo pseudônimo de “Leva-Arriba”, adotado por Joaquim José Inácio, o Visconde de Inhaúma (Jaceguay, 1900, p. 165). Em várias ocasiões, o futuro almirante enviava comentários para o periódico de Fleiuss e equipe. Em relato assinado do dia 29 de dezembro de 1867<sup>110</sup>, Leva-Arriba envia seus cumprimentos para o “caro doutor”, protagonista da folha, alegando estar em frente a Humaitá junto da esquadra encouraçada. A carta fora divulgada apenas 12 dias após ser escrita, um tempo consideravelmente rápido. O Visconde de Inhaúma calculava em seu relato a inquietude do povo da Corte, que esperava por mais notícias, concordando com tal ansiedade, mas explica que os que estão pelejando não estão em situação confortável, não estando em “colchões macios, comendo pão amassado pelo diabo, tendo apenas só uma consolação, a de que cumprimos o nosso dever”. Portanto, reforça que todos estão trabalhando descomunalmente com desejo de concluir logo a guerra, e de modo honroso. Outro ponto ressaltado por ele é que os paraguaios eram um povo “semi-selvagem”, chamando Solano López de “cacique

<sup>110</sup> **Semana Illustrada**, 19 de janeiro de 1868, n. 371.

guarani”, de forma totalmente pejorativa. Além disso, cita o Paraguai como território inóspito, maléfico e excepcional, “guardadas as proporções”. Através de relatos assim, juntamente das gravuras, criava-se a imagem do brasileiro e a do paraguaio. O “eu” e o “outro” eram cunhados através de relatos, que se perpetraram até a contemporaneidade.

Nesta mesma mensagem, Leva-Arriba pede paciência aos apressados, vendo ele mesmo a possibilidade de a guerra terminar logo. Aproveita o espaço para criticar indiretamente outros periódicos que direcionam notícias negativas sobre os trâmites no Sul, fazendo a defesa dos seus, mas em uma linguagem informal e repleta de expressões. A ideia de se ter um almirante como informante no Sul era um trunfo para Fleiuss e companhia, que poderiam criar melhores gravuras e, assim, transmitir notícias mais detalhadas. Talvez Inhaúma tenha criado o pseudônimo justamente para, possivelmente, poder cunhar algumas críticas e poder justamente usar este linguajar, com um tom irônico.

E, em 9 de fevereiro de 1868<sup>111</sup>, Leva-Arriba novamente remete uma grande carta para a *Semana Illustrada*. Assinada por ele em 14 de janeiro do mesmo ano, demorou um pouco mais para ser apresentada. Nela, segue falando do período à frente de Humaitá e também da região do Chaco, em que se comemorava então 5 meses de estadia, mas ainda sem ultrapassar a região. Nesta carta em especial, ele ainda frisa que o doutor “deve estar ávido de novidades para transmiti-las a seus leitores, também dispostos para as receber com sofreguidão”, entendendo seu papel ante o periódico e, conseqüentemente, com os respectivos leitores e clientes. Porém, ele alega que ainda não “lhes pode matar a sede”, mas que “há de chegar o dia”, referindo-se à passagem. E, para não deixar os leitores sem informações, conta notícias “noveleiras”, que eram alguns causos do conflito. De belas mulheres ao problema de fome entre os soldados paraguaios capturados, Inhaúma apresenta questões gerais. Por fim, nesta carta, ele mostra que a estrada intitulada Affonso Celso, no Chaco, estava ficando pronta, dando a entender que os aliados estavam chegando cada vez mais perto de seus objetivos, aproveitando também para dizer que os brasileiros não deixaram de estudar a arte da guerra.

No dia 8 de março de 1868<sup>112</sup>, dias após a bem-sucedida passagem de Humaitá, a *Semana Illustrada* logo em seu editorial celebra o feito, pedindo para os leitores que tenham fotografias ou informações sobre o feito, a enviem para o Imperial Instituto Artístico. Tendo certa urgência, os editores gostariam de litografar uma imagem sobre o tema como forma de homenagear o feito e seus envolvidos, prometendo distribuir o

---

<sup>111</sup> *Semana Illustrada*, 9 de fevereiro de 1868, n. 374.

<sup>112</sup> *Semana Illustrada*, 8 de março de 1868, n. 378.



material gratuitamente para seus assinantes. Posteriormente, a *Semana* divulgou apenas um esquema, já mostrado no início deste capítulo, de agosto de 1868.

No mesmo número, uma nova carta de Leva-Arriba era remetida ao periódico. Em tom de euforia pela conquista, Inhaúma alega que seis navios da esquadra ultrapassaram o forte, sendo eles o *Bahia*, *Tamandaré*, *Rio-Grande*, *Alagoas* e o *Barroso*. No trecho, o marinheiro conta as façanhas ocorridas, como a passagem por longo fogo inimigo, além de abordagens rechaçadas, enfatizando o papel do comandante da *Alagoas*, o capitão tenente Joaquim Antonio Cordovil Maurity, que a defendeu após ter sido retardatário por conta dos ataques inimigos. Este personagem inclusive fora homenageado pela *Vida Fluminense*, juntamente do capitão tenente Arthur Silveira da Motta, comandante do *Barroso* e do também citado na carta de Leva-Arriba, o chefe de divisão Delphin Carlos de Carvalho, o Barão da Passagem, como mostra a gravura abaixo (Figura 230).



**Figura 230:** Aos heróis da passagem de Humaitá. Capitão tenente Arthur Silveira da Motta, comandante do encouraçado Barroso. Capitão tenente Joaquim Antonio Cordovil Maurity, comandante do monitor Alagoas. Chefe de divisão Delphin Carlos de Carvalho, barão da Passagem. *A Vida Fluminense*, 7 de março de 1868, n. 10.

Procurando também parabenizar aos outros oficiais e comandantes envolvidos no feito, Inhaúma cita a si mesmo, como o “bravo e ilustrado almirante Joaquim José Ignácio, barão de Inhaúma” que passou por Curupaity e depois bombardeou Humaitá

com indômita perseverança, organizando o plano científico, que se executou no memorável 19 de fevereiro, combatendo sempre nos lugares do perigo, animando comandantes com exemplos de inimitável dedicação ao país e no magnânimo Imperador, firmou a reputação de bravo e de hábil general do mar há muito tempo adquirida. Sem que se pese aos invejosos e amesquinhadores do mérito alheio, o barão de Inhaúma é tão bom almirante como o melhor das melhores marinhas do mundo. É a ideia, é o juízo que dele fazem os dignos profissionais, de que é chefe. O Brasil deve-lhe ser grato, porque ele o tem servido nobremente e lhe deu, além de outros dias de glória, a glória de possuir heróis como os vencedores de Humaitá. Quem levou arriba tantos atos de aptidão militar, tanta intrepidez, abnegação e zelo pela causa da desafronta da honra nacional, merece os respeitos e admiração do Leva-Ariba.<sup>113</sup>.

No seu relato, praticamente autobiográfico, o vemos se colocando de forma totalmente heroica ante o evento em Humaitá, se considerando como um dos grandes responsáveis pelo sucesso da passagem, tendo ele contribuído diretamente para a esquadra brasileira também em Curupaity. Anos após o conflito, foi descoberta a identidade de seu pseudônimo, aproveitando-se do anonimato, do espaço e do feito para se colocar no panteão dos heróis do conflito, construído em grande parte pela imprensa da época. Sendo assim, torna-se interessante de se perceber o papel de Inhaúma e suas diversas cartas para a *Semana Illustrada*, sendo um informante ativo na esquadra e em constante comunicação com personagens da Corte. Destes relatos, também é possível se observar de uma maneira mais seriada a velocidade média que uma informação levava para chegar à capital, oscilando por conta das partidas e chegadas de paquetes e outras embarcações que faziam o traslado entre Rio de Janeiro e a região Sul, sendo geralmente o porto de Montevidéu o mais utilizado pelos brasileiros. Portanto, nesta equação temos que mensurar a chegada das cartas do *front* até a capital uruguaia. De toda forma, podemos notar que havia ali um acréscimo na velocidade de circulação das informações, fruto do desenvolvimento das embarcações e outros avanços.

Em 14 de março de 1868, a *Vida Fluminense* comemorava o aniversário da Imperatriz, “o anjo da guarda dos que sofrem, o símbolo da caridade e da virtude”. E, além disso, apresentava em suas páginas uma representação da passagem de Humaitá,

---

<sup>113</sup> *Semana Illustrada*, 8 de março de 1868, n. 378.

com uma legenda dando detalhes de cada uma das localizações, bem como um texto em seu editorial explicando mais detalhes do ocorrido.

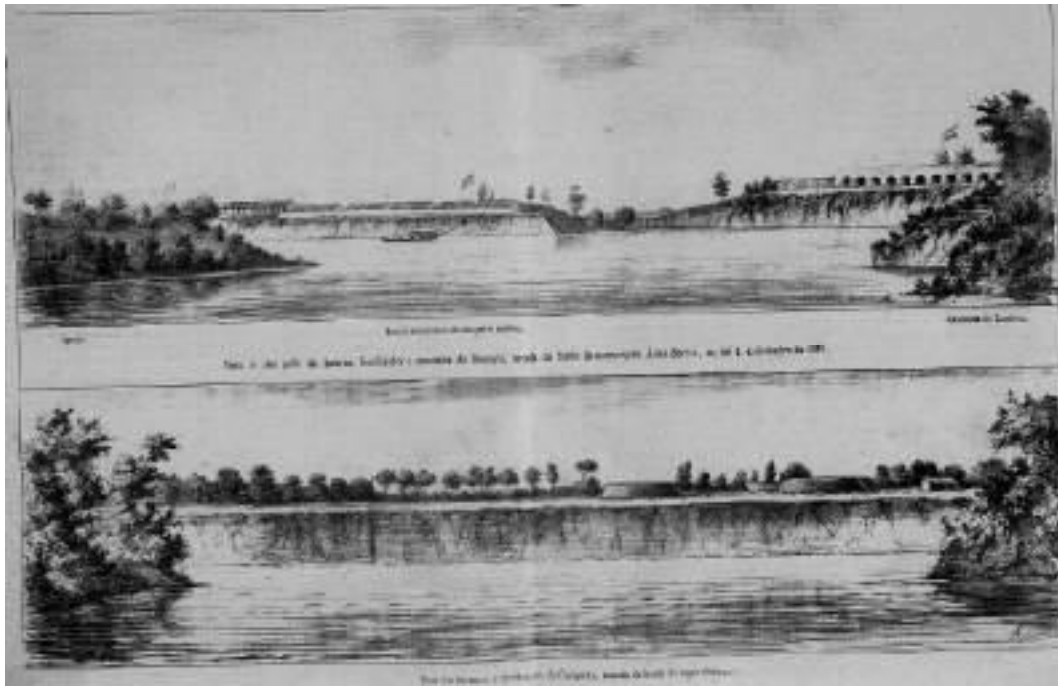
No entanto, diferente das outras imagens, esta tinha uma visão de voo de pássaro, que nos permitia ver a sinuosidade do rio Paraguai, a ponta do Chaco, todas as embarcações, que estão numeradas, a fortaleza de Humaitá, tendo todos esses pontos um nível de detalhamento maior do que os visto nos esquemas observados de cima, tratando-se de apresentar através da imagem uma narrativa informativa aos espectadores. Inclusive, Agostini, que assina a autoria, decidiu por escolher o momento preciso da passagem e, por isso, a gravura encontra-se imersa em escuridão, tendo ocorrido o evento ao longo da madrugada.

A passagem fora parcialmente facilitada por um ataque terrestre de distração, feito pelo general Argolo, que havia recebido essa ordem de seus superiores. Assim, decidiram por mudar a tática adotada em Curupaiti, cujo as embarcações foram unidas ao avanço, com o objetivo de destruir as armas inimigas (Galvão, 1922, p. 70). No caso de Humaitá, decidiu-se por se executar uma sucessão de avanços em duplas independentes ao longo da madrugada e, por isso, as embarcações estão mais espaçadas nas reproduções. Quando cada dupla passava a região, lançava um foguete de sinalização (Thompson, 1869, p. 247). Na gravura (Figura 231), podemos observar a quantidade de projéteis atirados e toda a cena acontecendo, corroborando com os relatos da época, compilados por Augusto Tasso Fragoso em *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai* (Fragoso, 1956, p. 412).



**Figura 231:** Passagem de Humaitá efetuada na noite de 19 de fevereiro de 1868, pelos encouraçados *Barroso*, *Bahia* e *Tamandaré*, levando a reboque os monitores *Rio Grande*, *Alagoas* e *Pará*. 1º - *Silvado*; 2º - *Lima Barros*; 3º - *Alagoas* vindo águas abaixo por ter uma bala inimiga cortado o (ilegível) que o prendia ao *Bahia*; 4º - *Tamandaré* rebocando o *Pará*; 5º - *Bahia*; 6º - *Barroso* rebocando o *Rio Grande*; 7º - *Ponta do Chaco*; 8º igreja de S. Carlos; 9º - armazéns; 10º - barbeta com sete peças; 11º - (ilegível) na barranca por onde passam as correntes; 12º - bateria casamatada de Londres com dezesseis peças; 13º - onde estiveram montadas duas peças que no dia 4 de setembro fizeram fogo contra o encouraçado *Lima Barros*. *A Vida Fluminense*, 14 de março de 1868, n. 11.

Após a região ter sido totalmente ocupada pelos aliados, *A Vida Fluminense* apresentou duas vistas (Figura 232): uma de parte das baterias, fortificações e do armazém de Humaitá, e outra tomada a bordo do vapor *Princesa*, mostrando as barrancas e a fortificação de Curupaiti, sendo muito provavelmente ambas baseadas em fotografia e traduzidas para gravuras, um hábito bem comum na imprensa do século XIX. Diferentemente dos cenários caóticos do conflito, temos imagens mais claras e precisas das localizações.



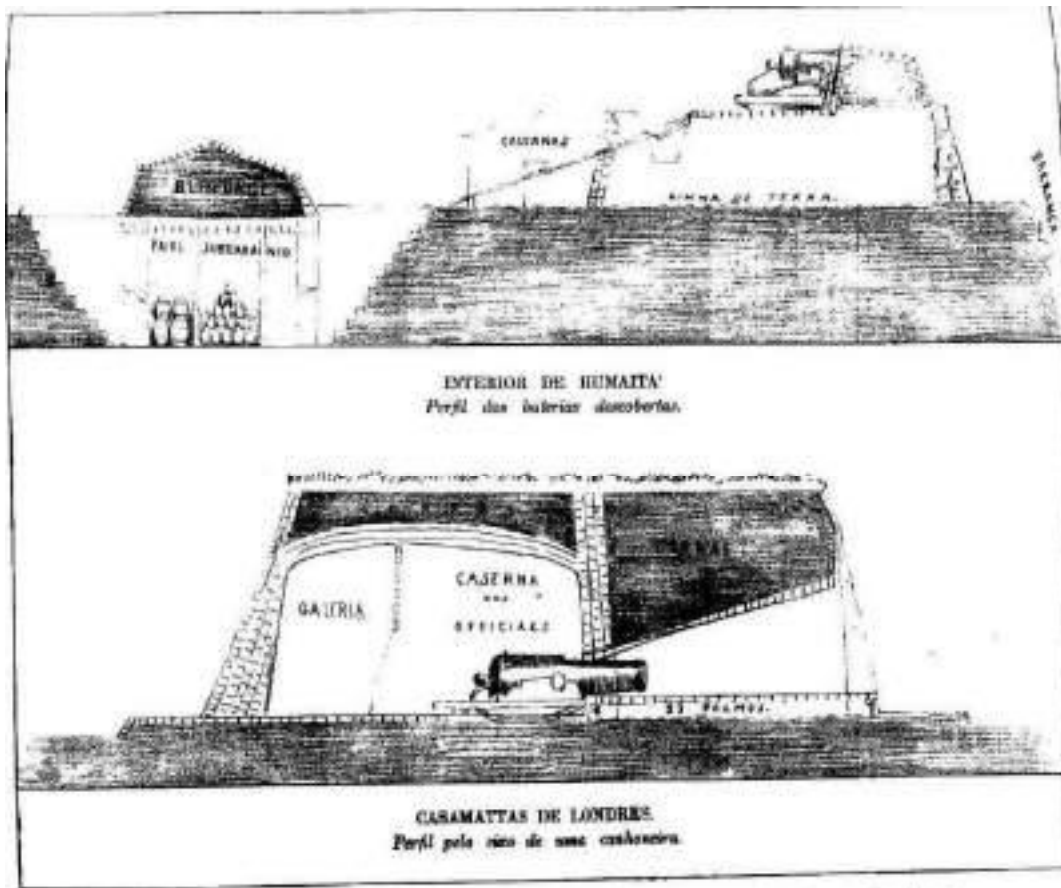
**Figura 232:** Vista de uma parte das baterias, fortificações e armazéns de Humaitá, tomada de bordo do encouraçado Lima Barros, no dia 5 de setembro de 1867. Vista das barrancas e fortificações do Curupaity, tomada de bordo do vapor *Princesa*. *A Vida Fluminense*, 21 de março de 1868, n. 12.

Meses após a publicação d'*A Vida Fluminense*, a *Semana Illustrada* também trata de apresentar dois esquemas (Figura 233). No entanto, traz as imagens internas da fortaleza de Humaitá, complementando o que havia sido apresentado pelo periódico concorrente. Na ocasião, apresenta a casa onde residia Solano López, bem como a parte exterior da bateria de Londres casamatada, que estava prestes a ser destruída pelo batalhão de engenheiros apresentado acima dela, por ordem de Caxias.



**Figura 233:** Interior de Humaitá. Estas vistas foram-nos obsequiosamente oferecidas pelo coronel José Joaquim da Lima e Silva. Casa do general Lopez. Bateria de Londres, casamatada. Em cima dela, o batalhão de engenheiros demolindo-a e arrasando por ordem do general em chefe. Tem 15 casamatas. *Semana Illustrada*, 13 de setembro de 1868, n. 405.

Por sua vez, um mês antes, fora apresentado um detalhado esquema também pelo periódico de Fleiuss e companhia, com ainda mais detalhes da parte interna das casamatas de Londres (Figura 234). Em um recorte lateral, o espectador consegue ter toda a dimensão de como a fortificação era internamente, apresentando o local das armas, a galeria, as casernas e todos os pontos que davam à fortaleza de Humaitá o devido status de intransponível.



Estas descrições foram levantadas pelo tenente-coronel Casarão da Silva Bittencourt e desenhadas e alinhadas a 45 graus (ilustração pelo Eng. Sr. marechal) Alexandre José Maria da Silva Bittencourt.

**Figura 234:** Interior de Humaitá, perfil das baterias descobertas. Casamatas de Londres, perfil pelo eixo de uma canhoneira. *Semana Illustrada*, 16 de agosto de 1868, n. 401.

Por conta do êxito da passagem de Humaitá, a *Semana Illustrada* apresenta uma gravura com duas alegorias, trazendo o deus grego Hermes (Figura 235), que traz em sua mão a notícia “grande vitória, passagem de Humaitá”, a entregando para uma alegoria da imprensa europeia, que recebe a notícia estupefata, com a *Revista dos Dous Mundos* (*Revue des Deux Mondes*, em francês), e o nome de Eliséé Reclus, colaborador do periódico francês. Ao lado dela, encontra-se um saco de moeda de cobres, com o nome de Solano López, acusado de financiar a campanha crítica contra o Brasil na França e em outros países europeus, sendo constantemente defendida a honra nacional pelo diplomata Paranhos Júnior, no jornal *L'Illustration*, em que também era informante, tendo inclusive divulgado alguns de seus croquis da guerra neste periódico. A imagem, intitulada como “Desmaio jornalístico”, tem em sua legenda a seguinte frase, “Que dirá ela (a imprensa europeia) quando lhe mandarmos, em vez de uma notícia o próprio Lopez?”, deixando claro que o Brasil e os aliados estavam chegando cada vez mais próximo de colocar um fim no conflito. Desta forma, podemos perceber que o Brasil não se curvava facilmente



às pressões advindas da imprensa do exterior, defendendo por diversas vezes as causas nacionais, como neste caso da *Semana Illustrada*.



**Figura 235:** Desmaio jornalístico. A imprensa europeia ao receber a notícia de Humaitá terá um desmaio e cai do seu trono. Todos os jornais publicaram um artigo assim: “Parece que o gabinete do Rio de Janeiro untou as mãos do telégrafo.” Que dirá ela quando lhe mandarmos, em vez de uma notícia o próprio Lopez? *Semana Illustrada*, 29 de março de 1868, n. 381.

Sendo cercada desde por via fluvial o dia 2 de novembro de setembro de 1867 e ultrapassada em 19 de fevereiro de 1868, finalmente chegava o momento da rendição, ocorrida no dia 25 de julho de 1868. E *A Vida Fluminense* ilustrava em sua capa (Figura 236) três homens flutuando, às 2 da manhã, ao receberem a notícia da queda de Humaitá, tendo dedicado também todo um editorial para o feito, que foi celebrado em toda a Corte, com cantos festivos, músicas, embandeiramentos, iluminações, em demonstração ao regozijo da população diante de tal fato, que era observado por muitos como o início do

fim do conflito. A então vida voltara ao normal no Rio de Janeiro, após três dias de intensas comemorações.



**Figura 236:** Às 2 horas da madrugada, comoção que sentiram os pacíficos habitantes da corte ao receberem a notícia da queda de Humaitá. *A Vida Fluminense*, 8 de agosto de 1868, n. 32.

Em um tom otimista, *A Vida Fluminense* alega que

pretendem alguns pessimistas, bem poucos! Que López pode ainda, por meio de guerrilhas, entreter por muito tempo a luta. Puerícia! Ou antes, cegueira! Franqueada a navegação do rio à nossa esquadra couraçada, senhores os aliados de todo o litoral, expulsos os invasores de raros pontos que ocupam na província de Mato-Grosso, que resta ao exército de López? Internar-se e estabelecer guerrilhas? Para destroça-las, lá está a cavalaria rio-grandense. E, se caso não bastasse ela, o exército aliado, marchando em duas colunas paralelas, em seis meses dará cabo do último soldado inimigo. Lembrem-se os pessimistas que o exército paraguaio, nesta tão longa guerra, foi desbaratado sempre que feriu batalha fora de suas altas trincheiras. Sempre! Reparem bem os pessimistas<sup>114</sup>.

Contudo, ao contrário do que pensavam os editores, a guerra perdurou ainda por quase dois anos, sem contar os trâmites da ocupação brasileira em território paraguaio e todas as questões diplomáticas e políticas. De fato, neste momento, a vitória em transpor a temida fortaleza por terra e água, trazia aos críticos brasileiros, preocupados com a longa pause de Caxias, uma lufada de esperança que, todavia, não se concretizou facilmente.

<sup>114</sup> *A Vida Fluminense*, 8 de agosto de 1868, n. 32.

Por fim, para não perder o hábito, *A Vida Fluminense* criticava o *Ba-ta-clan*, o vendo como infeliz pelo feito brasileiro, andando de “orelha baixa”, sobretudo por expor em diversos momentos, segundo o próprio artigo do periódico, que a fortaleza era impossível de ser ultrapassada, inexpugnável, “a sua Potosí”.

Já a *Semana Illustrada* anunciava em suas páginas do dia 9 de agosto de 1868<sup>115</sup>, a “Delenda, Humaitá”, divisa cunhada por este periódico e que dá título ao capítulo. Assim, parabenizava os soldados e o povo brasileiro por tal façanha, em tom mais ufanista do que o observado n’*A Vida Fluminense*. Ressaltava a queda do reputado inexpugnável lugar, “caindo como um corpo morto cai para nunca mais se levantar”. Saudava e honrava o marquês de Caxias e ao seu Leva-Arriba, o visconde de Inhaúma, e a todos os bravos do exército e da esquadra brasileira, que abandonavam as questões políticas para lutar em prol da nação. O otimismo também era nítido na perspectiva de Fleiuss e sua equipe.

Dias após o ocorrido, nova mensagem de Leva-Arriba é compartilhada pelo periódico, em 16 de agosto de 1868. Direcionando a carta ao Dr. Semana, Leva-Arriba fala dos feitos da esquadra e que Humaitá caiu mais facilmente, auxiliando o exército em seu tento, que seria muito mais árduo sem esta ajuda. De fato, o trabalho em equipe da esquadra e exército fizeram a diferença, transpondo a temida fortaleza, suas correntes e soldados. Alega a morte do soldado do capitão-tenente Antônio Joaquim, ferido com uma bala no pescoço.

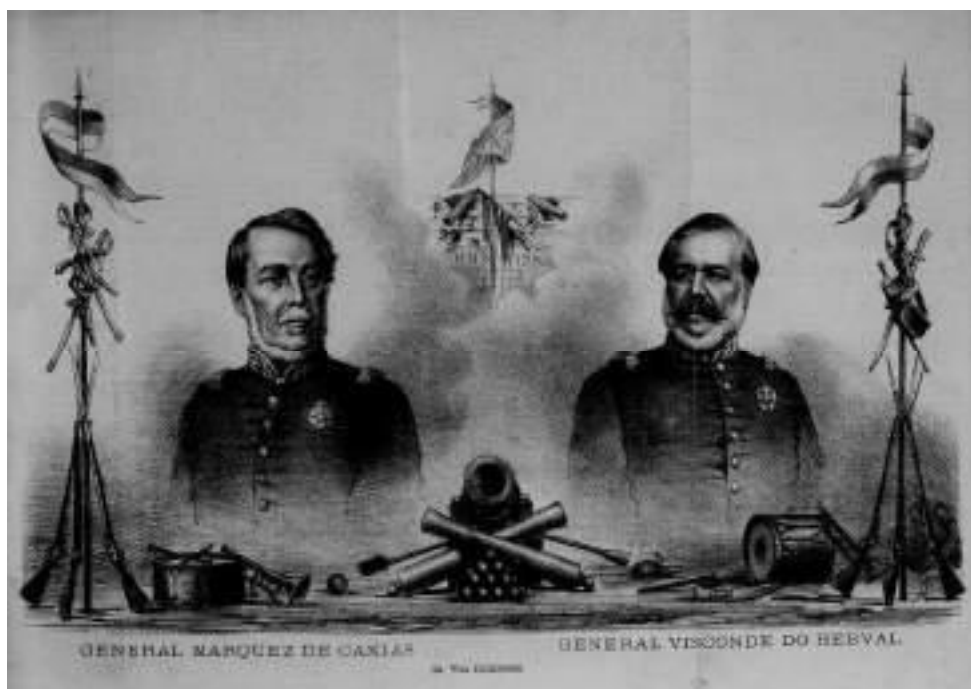
Em seu relato de mais de uma página, Inhaúma também conta uma série de detalhes da tomada da região e o que ocorreu posteriormente, como os acontecimentos com os prisioneiros inimigos, bem como os próximos passos a seguir da esquadra brasileira, que estava aguardando novas ordens para seguir adiante, rumo à capital, mas com os navios em disposição alterada. Por fim, alega que um dos irmãos aeronautas Allen havia perdido o nariz na ocasião, mas mantendo-se vivo. Por fim, conclui que encerrará a carta, que pode ter se tornado maçante aos leitores da *Semana*.

Por fim, *A Vida Fluminense* homenageava em suas páginas o tão criticado general marquês de Caxias e o general Osório (Figura 237). Ambos realmente tiveram uma participação extremamente relevante na passagem, mas é perceptível que, no momento em que a opinião pública se deleita com o êxito militar e seus líderes, o periódico logo trata de homenagear pessoas cujo eles em outros momentos foram extremamente críticos. A gravura então apresenta o busto de ambos os personagens, lado a lado, com a imagem

---

<sup>115</sup> *Semana Illustrada*, 9 de agosto de 1868, n. 400.

da fortaleza de Humaitá envolta em fumaça, com o pavilhão brasileiro hasteado, gesto que demonstra sua tomada. Nas laterais, temos armas e as lanças da cavalaria rio-grandense ornando a imagem, bem como instrumentos musicais e, por fim, canhões na região inferior da imagem. Essa disposição cria uma espécie de moldura para os personagens destacados, feitos em excelentes traços por Agostini.



**Figura 237:** Humaitá. General Marquês de Caxias e General Visconde do Herval. *A Vida Fluminense*, 15 de agosto de 1868, n. 33.

### **2.13. A morte de Venancio Flores, movimentações da esquadra brasileira e outras batalhas**

No mesmo período em que os brasileiros venciam Humaitá, outro acontecimento mudava os rumos dos Aliados na guerra. Em 19 de fevereiro de 1868, Venancio Flores havia sido assassinado, apenas quatro dias após o final do seu governo no Uruguai. E, até os dias atuais, ainda não se sabe quem o matou. Contudo, especula-se que o crime tenha sido cometido por conta da Guerra Civil Uruguaia, uma das causas do conflito contra o Paraguai, que colocou *blancos* e *colorados* em um conflito que durou menos de um ano.

Desta forma, tanto *A Vida Fluminense* e a *Semana Illustrada* trataram o assunto em suas páginas. A folha de Agostini (Figura 238) optou por trazer uma representação do momento da morte do ex-presidente uruguaio. Nela, é possível perceber Flores sendo retirado da charrete, sendo representado prestes a levar um tiro e uma facada. Ao seu redor, outros assassinos matam um cavalo e o guia do veículo, enquanto a população ao redor é surpreendida pelo acontecimento. A imagem, assinada por Agostini, conta com

um rico grau de detalhamento, sendo possível identificar a face de Venancio Flores na cena. Com um tom mais informativo, o desenhista não se preocupou em trazer uma homenagem, ao contrário do que fez a *Semana Illustrada*. O periódico de Fleiuss, mais uma vez, mostrou-se mais “protocolar” do que seu concorrente (Figura 239), trazendo na capa do dia 8 de março de 1868, uma gravura de Flores, envolto por duas figuras angelicais em feições tristes. Abaixo da gravura, há uma poesia exaltando as qualidades do político.



**Figura 238:** Assassinato do general D. Venancio Flores, nas ruas de Montevidéu no dia 19 de fevereiro próximo passado. (Copiado fielmente de um desenho feito em Montevidéu pelo correspondente da – *Vida Fluminense*). A *Vida Fluminense*, 7 de março de 1868, n. 10.



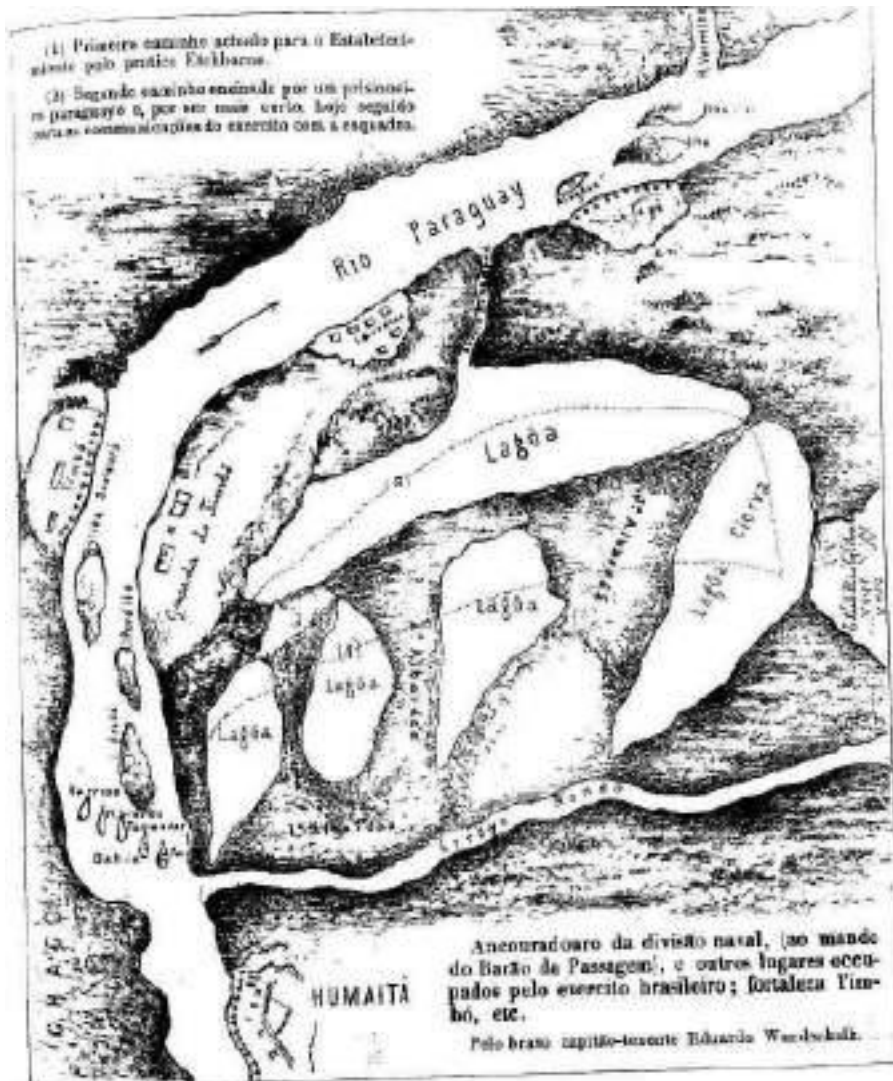
Se a puzida de panhas armada,  
Se a armadilha de bruto e sagaz ovelhoso  
Go vobiscum, vil, torpe, cinza,  
O'Artilha - de polvos e tomentos.

Mactes, heros de legendario voto,  
Fulmina em patria libicidulo  
Paraxalites no inessente cura  
De justis, imparial posteridade.

Vives, por, O' teugitico fustigante  
Gustis in combatastus sempre a gloria,  
N'is mactista. Attiado gevevante  
Fute e Falste, in pudera historia.

**Figura 239:** À memória de D. Venâncio Flores em 19 de fevereiro de 1868. *Semana Illustrada*, 8 de março de 1868, n. 378.

Após os conflitos ocorridos nas regiões de Curupaiti e Humaitá, o *Alagoas* ficou bastante avariado. Mesmo assim, a embarcação brasileira seguiu adiante pelo rio Paraguai, tentando encontrar o restante da frota. A *Semana Illustrada* apresentou uma planta do rio Paraguai (Figura 240), feita pelo capitão-tenente Eduardo Wandenkolk, o barão da Passagem, que ilustra diversas embarcações brasileiras dispostas ancoradas pela via fluvial, bem como algumas das localizações relevantes como Humaitá e Timbó. Vale ressaltar que, na altura, a fortaleza de Humaitá ainda não havia sido ocupada pelos brasileiros, que haviam feito apenas a passagem pela região.

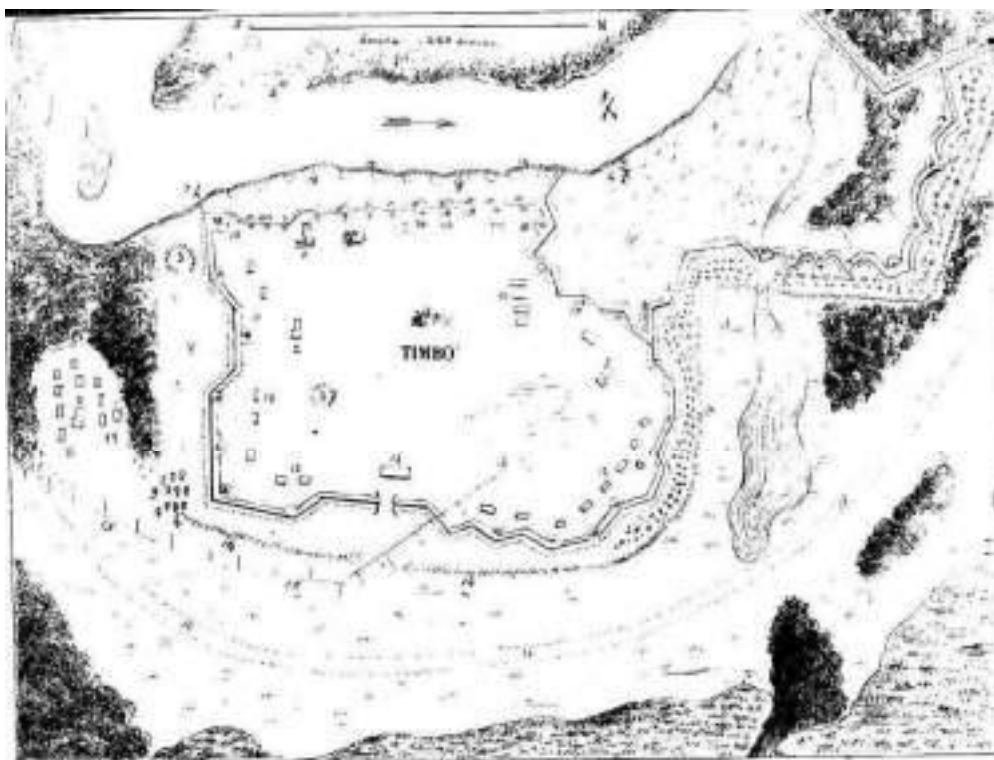


PLANTA DO RIO PARAGUAY.

**Figura 240:** Planta do Rio Paraguai. Ancoradouro da divisão naval, (ao mando do Barão da Passagem), e outros lugares ocupados pelo exército brasileiro; fortaleza Timbó, etc. Pelo bravo capitão-tenente Eduardo Wandenkolk. *Semana Illustrada*, 24 de maio de 1868, n. 389.

Meses depois, em 27 de setembro de 1868, um novo esboço da fortaleza do Timbó foi divulgado pela *Semana Illustrada*, desta vez com mais detalhes (Figura 241). Através

de sua legenda, é possível perceber detalhadamente onde se situavam as construções do local, as bocas de fogo, barrancas, dentre outros pontos relevantes. O desenho foi feito pelo Tenente-coronel Conrado da Silva Bitancourt e oferecido a *Semana Illustrada* pelo seu pai, o Marechal de exército José Maria da Silva Bitancourt.



ESBOÇO DA FORTALEZA DO TIMBÓ

1 - Casa do comandante do ponto. — 2 - Oficinas. — 3 - Currais. — 4 - Guindaste. — 5 - Casa da telegrafia. — 6 - Guarda do Timbó. — 7 - Lugar onde foi a pique a *Igurá*. — 8 - Lugar onde o Alagoas foi abordado. — 9 - Campo santo. — 10 - Bocas de fogo encontradas e tiradas pelo batalhão de engenheiros. — 11 - Acampamento. — 12 - Casas. — 13 - Quartéis. — 14 - Linhas de abatizes e bocas de lobo. — 15 - Fio telegráfico. — 16 - Estrada de comunicações. — 17 - Piquetes. — 18 - Lugar para bocas de fogo. — 19 - Barrancas. Esboço feito pelo Sr. Tenente-coronel Conrado da Silva Bitancourt e obsequiosamente oferecido a *Semana Illustrada* pelo Sr. Marechal de exército José Maria da Silva Bitancourt.

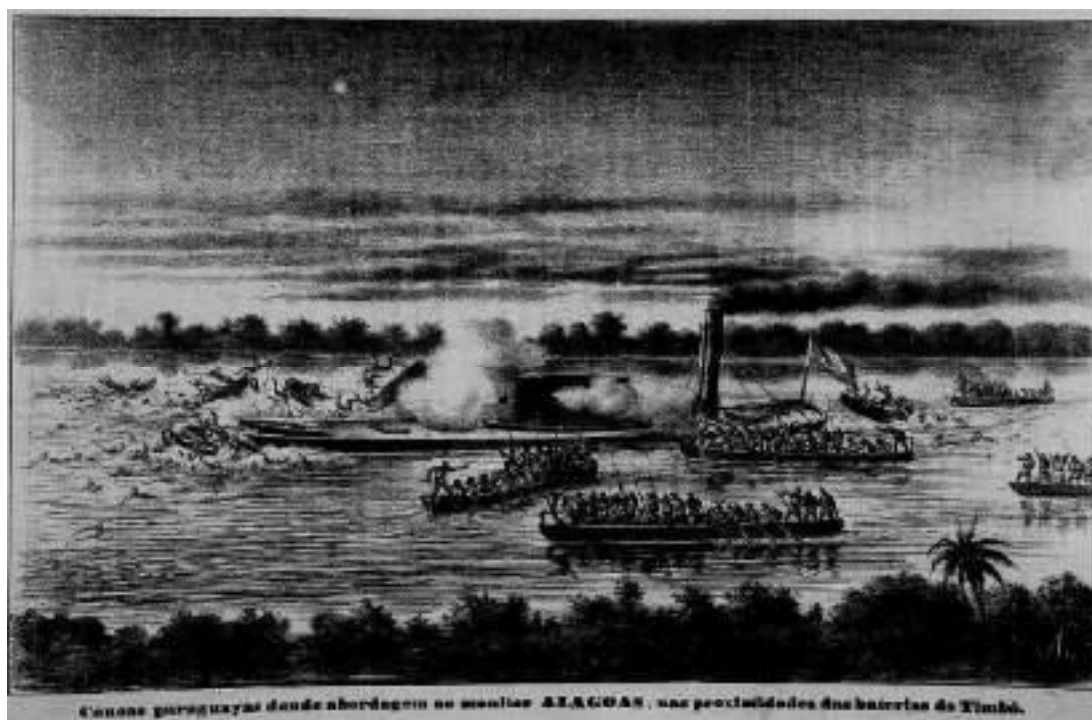
**Figura 241:** Esboço da Fortaleza do Timbó. 1 – Casa do comandante do ponto. 2 – Oficinas. 3 – Currais. 4 – Guindaste. 5 – Casa da telegrafia. 6 – Guarda do Timbó. 7 – Lugar onde foi a pique o *Igurá*. 8 – Lugar onde o Alagoas foi abordado. 9 – Campo santo. 10 – Bocas de fogo encontradas e tiradas pelo batalhão de engenheiros. 11 – Acampamento. 12 – Casas. 13 – Quartéis. 14 – Linhas de abatizes e bocas de lobo. 15 – Fio telegráfico. 16 – Estrada de comunicações. 17 – Piquetes. 18 – Lugar para bocas de fogo. 19 – Barrancas. Esboço feito pelo Sr. Tenente-coronel Conrado da Silva Bitancourt e obsequiosamente oferecido a *Semana Illustrada* pelo Sr. Marechal de exército José Maria da Silva Bitancourt. **Semana Illustrada**, 27 de setembro de 1868, n. 407.

O *Alagoas* teve de enfrentar outras provações após Humaitá e Curupaiti. Agora, a embarcação sofreria com a artilharia fixada na fortificação do Timbó (Martini, 2018, p. 114). A região estava municada com 14 peças de artilharia de grande calibre, que causaram muito mais dano do que os sofridos na passagem de Humaitá. Mesmo assim, o monitor brasileiro conseguiu forçar a passagem e, assim, destruir as baterias ainda no dia 19 de fevereiro (Thompson, 1869, p. 245-247), mesma data do evento em Humaitá.

Contudo, a ocasião ainda reservava mais dificuldades para o monitor brasileiro, que foi surpreendido por 40 canoas paraguaias, que tinham por objetivo a abordagem do



navio (Donato, 1996, p. 306). Os soldados inimigos estavam munidos de lanças e espadas (Costa, 1870, p. 492), mas não conseguiram atingir aos tripulantes, que estavam protegidos na parte interna, e tiveram liberdade de abrir fogo contra os agressores. Desta forma, 20 das 40 canoas foram derrotadas, e o restante se viu obrigado a recuar (Burton, 1870, p. 182). E *A Vida Fluminense* apresentou uma gravura sobre o ocorrido (Figura 242), demonstrando a embarcação centralizada, sendo atacada por todas as direções pelas canoas. Além disso, é possível de se perceber que não há nenhum tripulante no convés, como os próprios relatos e a historiografia apontam.



**Figura 242:** Canoas paraguaias dando abordagem ao monitor *Alagoas*, nas proximidades das baterias do Timbó. *A Vida Fluminense*, 14 de março de 1868, n. 11.

O *Alagoas* sofreu com cerca de 200 impactos das artilharias de Humaitá e Timbó, além desta tentativa de abordagem, resistindo sem perder nenhum marinheiro. No entanto, logo após os episódios do Timbó, o monitor foi encalhado para não afundar, e recuperado após diversos danos (Silva, 2018, p. 25). Desta forma, é possível de se perceber que o projeto da embarcação foi bem-sucedido não só por proteger os tripulantes, mas também por resistir a duas batalhas complexas.

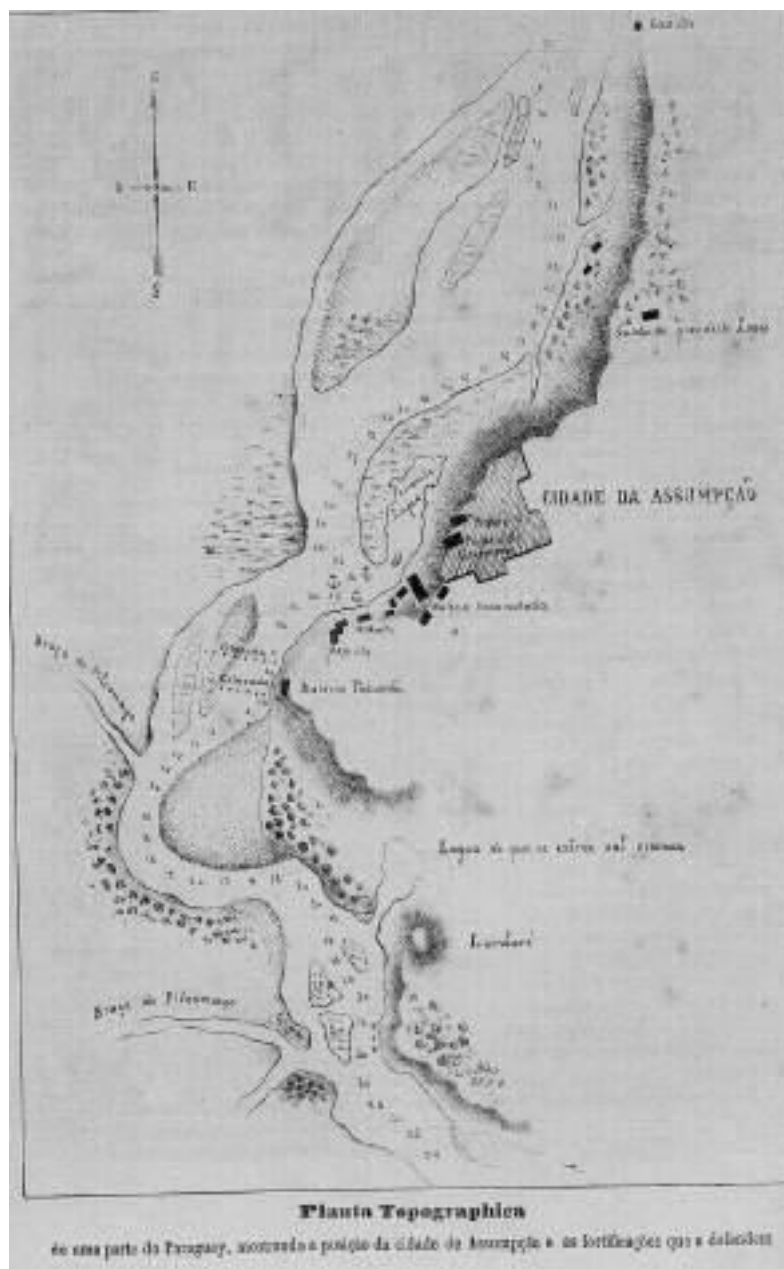
E, em meio a ofensiva brasileira, o periódico de Fleiuss tratou de homenagear os comandantes brasileiros, com uma gravura e a poesia *A glória*, de Rozendo Muniz Barreto. Na imagem (Figura 243), a alegoria da glória coroa Caxias e Inhaúma, respectivos responsáveis pelo exército e pela esquadra, como forma de ressaltar a importância de ambos os líderes para as ações bem-sucedidas até então.



A GLÓRIA.  
POESIA DE ROZENDO MUNIZ BARRETO.  
Distribuída como suplemento da *Semana Illustrada* na terça-feira passada.

**Figura 243:** A Glória. Poesia de Rozendo Muniz Barreto. Distribuída como suplemento da *Semana Illustrada* na terça-feira passada. *Semana Illustrada*, 15 de março de 1868, n. 379.

Após os êxitos brasileiros, a *Vida Fluminense* apresentou mais um esquema (Figura 244), desta vez mostrando um esquema de Assunção, capital paraguaia, e suas fortificações, esperando que, muito brevemente, os brasileiros chegassem até lá, o que de fato se concretizou. A planta topográfica apresenta alguns detalhes como nomes de localizações-chave, locais de ancoradouro e até mesmo a profundidade do rio em diferentes pontos.



**Figura 244:** Planta topográfica de uma parte do Paraguai, mostrando a posição da cidade de Assunção e as fortificações que a defendem. *A Vida Fluminense*, 28 de março de 1868, n. 13.

Diante da possibilidade de alcançar Assunção, tanto a *Semana Illustrada*, quanto *A Vida Fluminense* se questionavam: Onde estará López? O líder paraguaio seguia desaparecido, fugindo das forças aliadas sempre que possível. E isso fazia a população da Corte e de todo o império se questionarem quanto ao paradeiro do marechal. Na primeira gravura (Figura 245), podemos perceber diversos soldados, com lanternas em suas mãos, buscando o presidente paraguaio, que, escondido por uma pedra, se safou da captura.



Onde estará o Lopez?

**Figura 245:** Onde estará o Lopez? *Semana Illustrada*, 15 de março de 1868, n. 379.

Na narrativa desenhada por Angelo Agostini (Figura 246), temos diversos personagens, que apontam suas lunetas para o mapa paraguaio, procurando por López, algo que só se concretizaria em 1º de março de 1870. Indo além, o periódico apresentou um pequeno texto em uma de suas páginas, fazendo o mesmo questionamento, aproveitando para zombar do líder paraguaio, que encontrava-se foragido, vendo seu país cair ante os esforços brasileiros<sup>116</sup>:

Onde estará López?

Eis a pergunta que corre de boca em boca, em todos os recantos do Brasil e das repúblicas do Prata.

Dizem uns que está na Bolívia;

Outros no Tebicuary;

Outros em Assunção;

Outros em Vila-Rica;

Outros no Chaco;

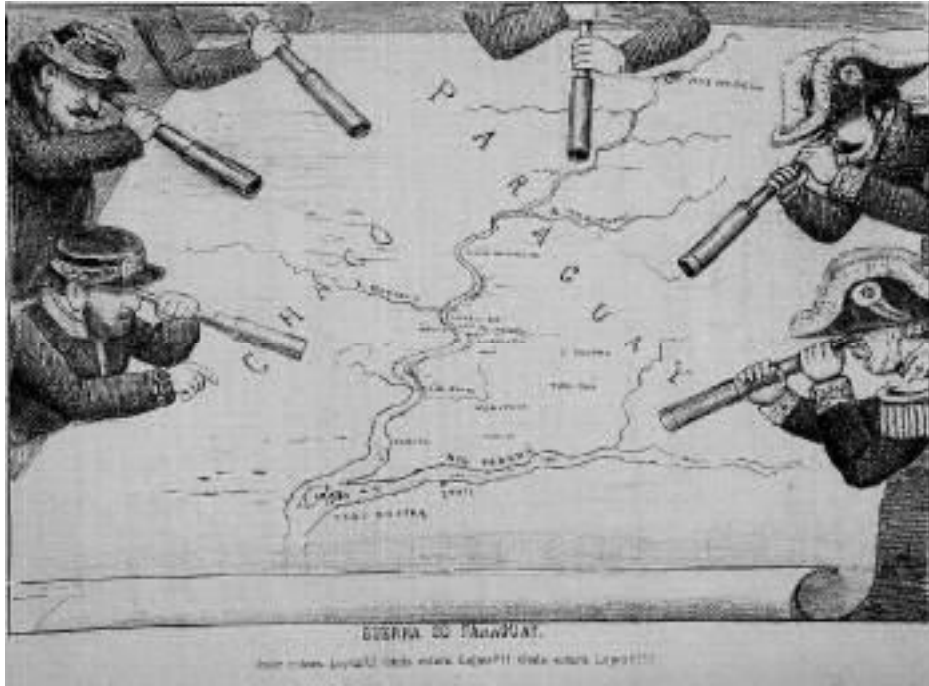
Outros escondido dentro de alguma peça de grosso calibre;

Outros escondido dentro de um vestido de Madame Lynch;

Outros...

Eu penso que ele está em... Calças Pardas, lugar onde não deve achar muito bom cômodo, dizem as más línguas.

<sup>116</sup> *A Vida Fluminense*, 11 de abril de 1868, n. 15.



**Figura 246:** Guerra do Paraguai. Onde estará Lopez?! Onde estará Lopez?! Onde estará Lopez?! A **Vida Fluminense**, 11 de abril de 1868, n. 15.

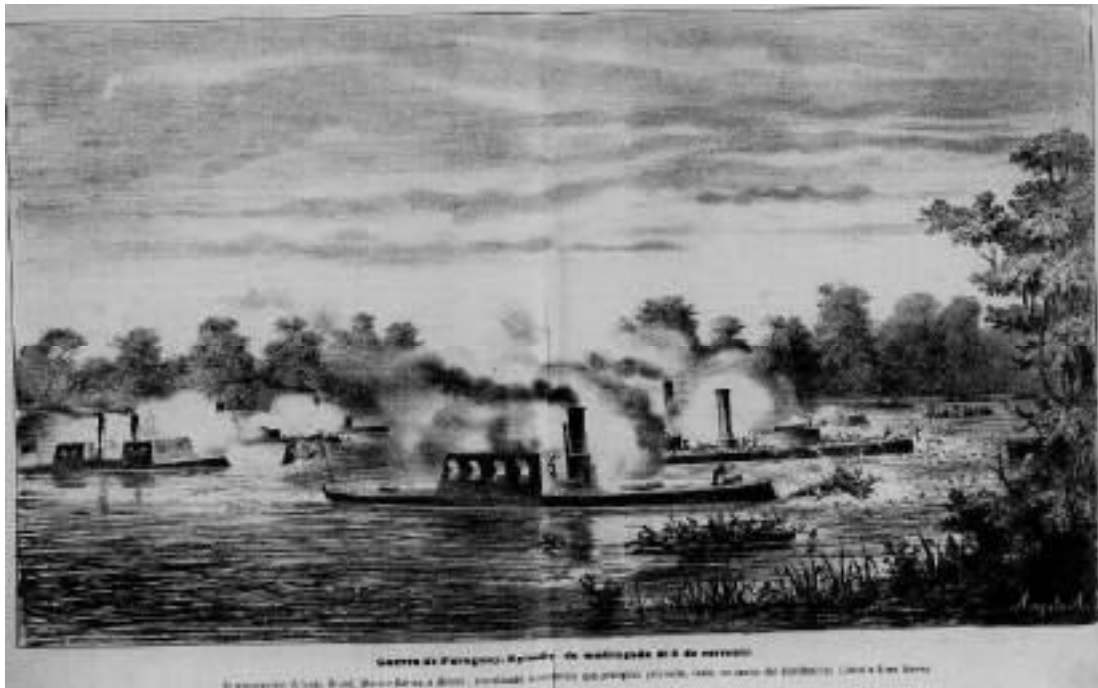
Seguindo adiante, as embarcações brasileiras sofreram com mais batalhas e tentativas de abordagem, que foram narradas por ambos os periódicos analisados nesta pesquisa. Uma delas foi a abordagem aos encouraçados *Lima Barros* e *Cabral*, ocorrida na madrugada do dia 2 de março de 1868. A manobra paraguaia foi executada por canoas com 50 soldados cada, disfarçadas por ramagens, que pegariam de surpresa os brasileiros, ao se aproveitarem também da escuridão da noite.

As canoas desceram o rio Paraguai, amarradas de duas em duas, sendo tripuladas pelo total de 1.500 soldados paraguaios, que portavam armas brancas, e miravam as duas embarcações citadas. Contudo, um escaler de ronda percebeu um dos falsos camalotes que desciam do rio, e deu o alarme, fazendo com que os inimigos mudassem o plano de ataque. Os paraguaios não tinham planos para essa situação e, desorientados, apenas 14 canoas conseguiram encostar-se no *Lima Barros*, e oito no *Cabral*. Imediatamente, os paraguaios tomaram conta de ambos os conveses (Donato, 1996, p. 539-540), travando batalha corpo a corpo com os tripulantes, que logo se guarneceram nas casamatas, resistindo aos inimigos com tiros<sup>117</sup>.

O combate durou até o amanhecer, quando os encouraçados *Mariz e Barros*, *Silvado*, *Brasil* e *Herval*, chegaram para socorrer seus patrícios. Desta forma, metralharam os paraguaios, que, mais uma vez, se viram obrigados a recuar, perdendo

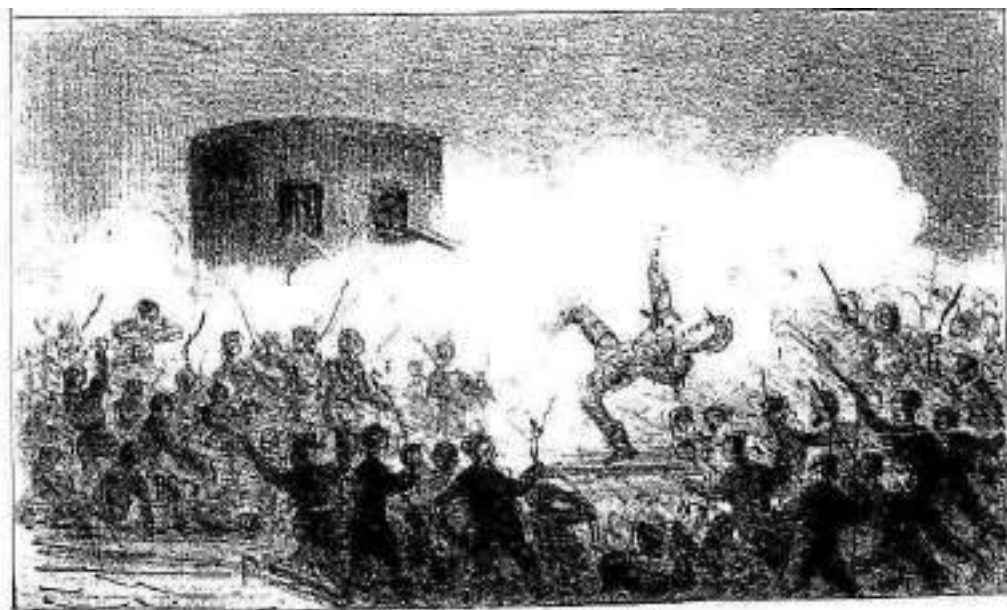
<sup>117</sup> **O Cruzeiro**, 25 de março de 1950, n. 23.

cerca de 400 homens e 14 canoas (Donato, 1996, p. 539-540). Em desenho assinado por Angelo Agostini, dessa vez como “Angelo A.”, é possível perceber exatamente este momento, em que as embarcações chegam metralhando os paraguaios (Figura 247). A superioridade brasileira é explícita na imagem, que, mesmo encoberta pela fumaça dos vapores, mostra que a chegada do reforço foi essencial para mais uma conquista da marinha brasileira.



**Figura 247:** Guerra do Paraguai, episódio da madrugada de 2 do corrente. Os encouraçados *Silvado*, *Brasil*, *Maris e Barros* e *Herval*, metralhando os paraguaios que, protegidos pela noite, vieram em canoas dar abordagem ao *Cabral* e *Lima Barros*. **A Vida Fluminense**, 28 de março de 1868, n. 13.

Já a *Semana Illustrada*, narrou a história de Bernardino Gustavino, “rei dos práticos”, que deu prova de sua bravura durante a abordagem (Figura 248). Nela, o personagem dialoga com um inimigo, em sua língua nativa, que o provoca, querendo saber se o prático era mesmo valente. E ele prontamente responde, matando o inimigo, e zombando a situação. Por conta de seus atos de bravura durante a guerra contra o Paraguai, Bernardino Gustavino se tornou nome de diversas ruas pelo Brasil.



BERNARDINO, REI DOS PRÁTICOS.

Episódio da guerra do Paraguay, passado a bordo do encouraçado—*Lima Barros*—na ocasião da abordagem do dia 2 de Março.

Um PARAGUAI.—Bernardino, eo se usted valiente? venga ahora para mí, salgá de la LINEA.  
O REI DOS PRÁTICOS.—Aguarda un instante. (Miente una espingarda á caso, dispara e cõtra a cabeça do PARAGUAI e a cartuchilla). Me desculpa usted por no haber sido la respuesta tan pronta como yo quise.

**Figura 248:** Bernardino, rei dos práticos. Episódio da guerra do Paraguai, passado a bordo do encouraçado *Lima Barros* na ocasião da abordagem do dia 2 de março. *Semana Ilustrada*, 5 de abril de 1868, n. 382.

Os brasileiros tiveram apenas oito mortos, estando entre as vítimas o capitão de mar e guerra Joaquim Rodrigues da Costa, bem como o 1<sup>a</sup> tenente João Gomensoro Wandenkolk<sup>118</sup>, conhecido por enviar informações, esboços e outros detalhes para as redações da *Semana Ilustrada* e d'*A Vida Fluminense*. E ambos os periódicos prestaram homenagens as vítimas desses conflitos, apresentando gravuras sobre eles. O primeiro (Figura 249), além das imagens, trouxe os detalhes de suas mortes, seus respectivos cargos e apresentou pequenos poemas como forma de homenagear Wandenkolk e Rodrigues da Costa.

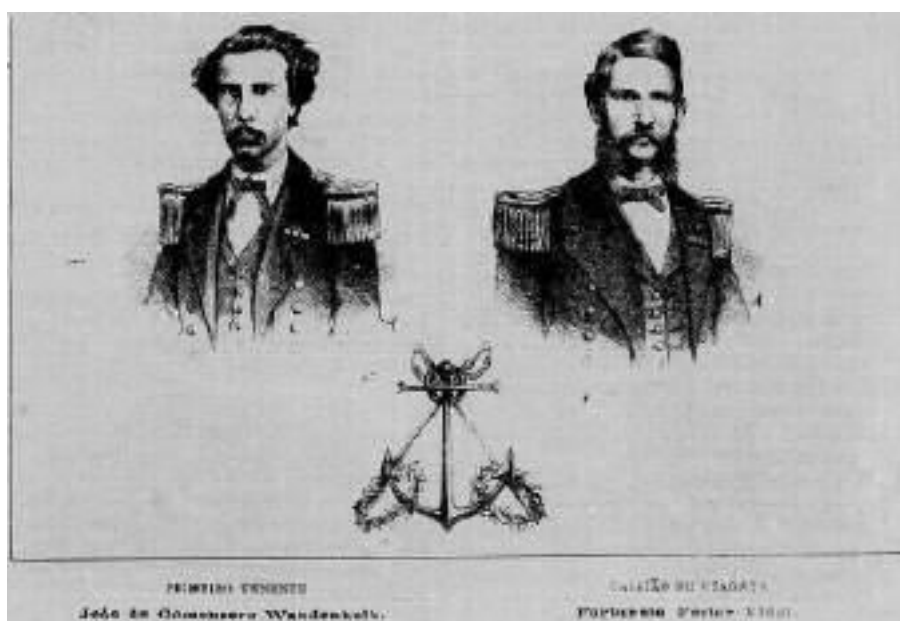
<sup>118</sup> *O Cruzeiro*, 25 de março de 1950, n. 23.





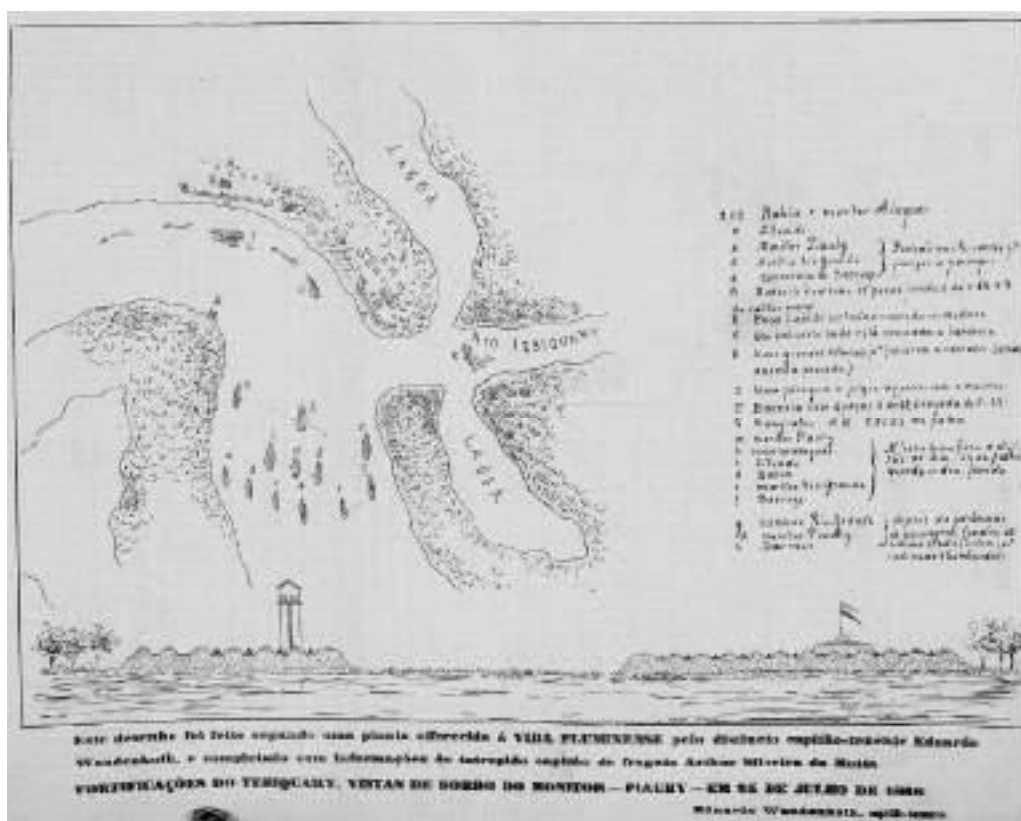
**Figura 249:** Joaquim Rodrigues da Costa, capitão de mar e guerra, comandante da 2ª divisão de encouraçados, morto em 2 de março de 1868, na abordagem do *Lima Barros*. João de Gomensoro Wandenkolk, falecido no dia 10 de março em consequência dos ferimentos recebidos na abordagem do *Cabral* em 2 do mesmo mês. *Semana Illustrada*, 5 de abril de 1868, n. 382.

Já o periódico de Agostini (Figura 250), os estampou em sua capa, no dia 9 de maio de 1868, Wandenkolk e o capitão de fragata Fortunato Foster Vital, dedicando um texto para ambos na mesma edição. No conteúdo, é possível perceber aspectos biográficos de Vital, explicando sua carreira. Na edição seguinte, foram abordados mais detalhes de Wandenkolk, que contribuiu com informações valiosas para ambos os periódicos. Tais homenagens e biografias eram costumeiramente abordadas pelos jornais, que traziam gravuras e explicações sobre mortos e feridos no conflito, como forma de homenageá-los. A *Vida Fluminense* iniciou assim, uma sessão chamada “Traços Biográficos”.

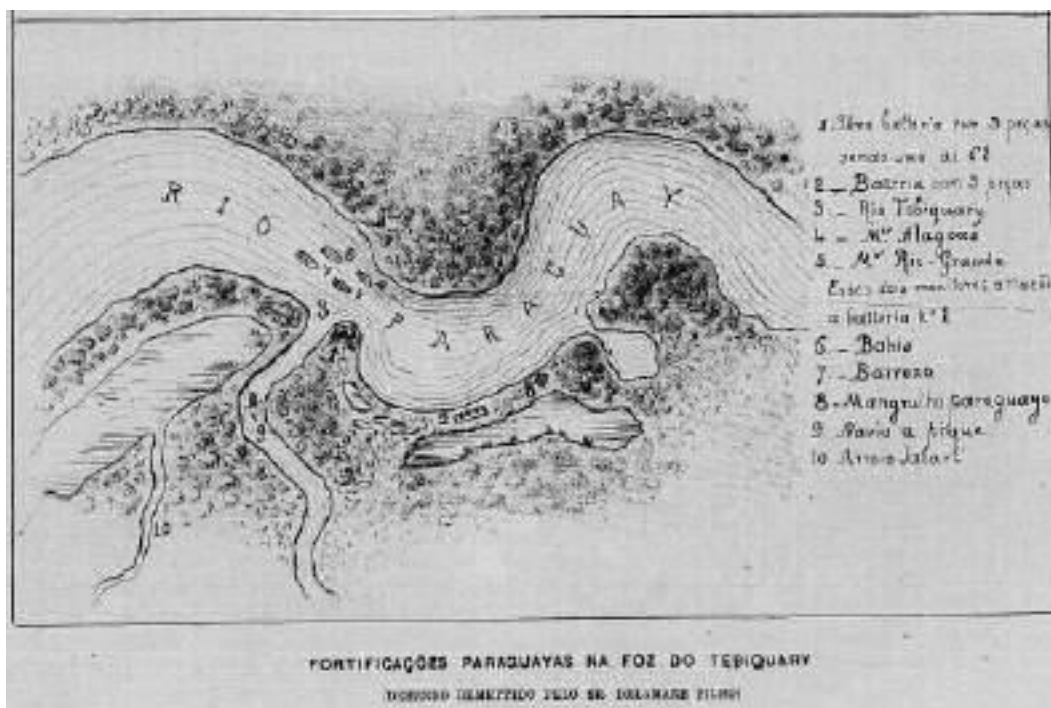


**Figura 250:** Primeiro tenente João de Gomensoro Wandenkolk. Capitão de fragata Fortunato Foster Vidal. (vide o texto). **A Vida Fluminense**, 9 de maio de 1868, n. 19.

Desta forma, após a morte de João de Gomensoro Wandenkolk, *A Vida Fluminense* divulgou o desenho de uma planta da região de Tebiquary, vista do vapor *Piauí*. A gravura (Figura 251) foi completada com algumas informações do capitão de fragata Arthur Silveira da Motta, apresentando a região que seria palco de outras pejeas da marinha brasileira. E, anteriormente, o mesmo periódico apresentou um desenho da mesma região, feito pelo Sr. Delamare Filho (Figura 252). Desta forma, é possível de se perceber que os olhares do momento estavam voltados para essa região, que continha algumas fortificações.



**Figura 251:** Este desenho foi feito segundo uma planta oferecida à *Vida Fluminense* pelo distinto capitão-tenente Eduardo Wandenkolk, e completada com informações do intrépido capitão de fragata Arthur Silveira da Motta. Fortificações do Tebiquary, vistas de bordo do monitor *Piauí*, em 25 de julho de 1868. **A Vida Fluminense**, 22 de agosto de 1868, n. 34.



**Figura 252:** Fortificações paraguayas na foz do Tebiquary (desenho remetido pelo Sr. Delamare Filho). A *Vida Fluminense*, 18 de julho de 1868, n. 29.

Na noite do dia 9 de julho de 1868, ocorreu um combate envolvendo o encouraçado *Barroso* e o monitor *Rio Grande*. Na ocasião, as embarcações foram atacadas pelos paraguayos. O evento também é conhecido como a abordagem aos encouraçados no Tagy. A ideia central do exército inimigo era a de tomar as embarcações brasileiras, vistas como grandes ameaças ao Paraguai. Ocorrida no final do dia, a manobra ocorreu próxima à barranca do Tagy, na margem esquerda do rio Paraguai. Por ter sido mal executada, devido a não simultaneidade do avanço paraguaio, as embarcações puderam se defender com suas peças de artilharia. Além disso, os infantes do exército imperial acampados na barranca, conseguiram auxiliar na defesa dos encouraçados. Mesmo bem armados, os bogavantes, nome dado às forças navais do Paraguai que abordavam os navios inimigos, não conseguiram dominar o convés de ambas as embarcações, sendo derrotados. Eles eram a última proteção da fortaleza de Humaitá, que ainda não havia sido tomada até então, apenas ultrapassada pelas embarcações.

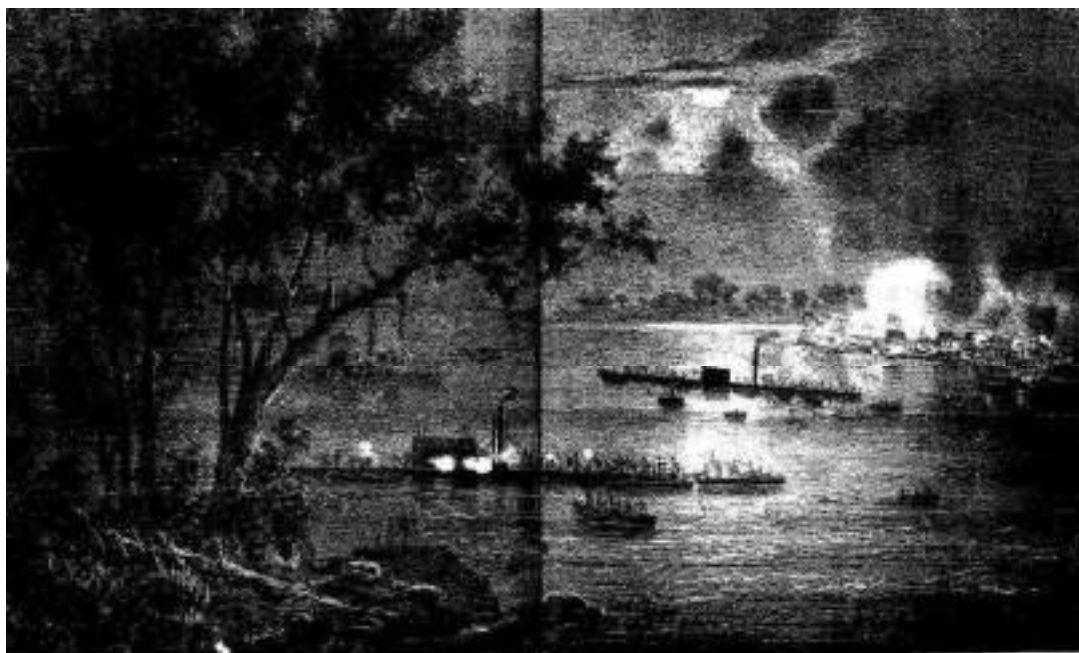
Com 270 homens divididos em duas divisões de 20 canoas cada, os paraguayos foram comandados pelo major Francisco Lino Cabriza. Nesta abordagem, repetiram a tática utilizada em outras, de disfarçarem as pequenas canoas com mato, camuflando-se sob a noite. E, como o rio estava em período de cheia, conseqüentemente mais ramagens desciam rio abaixo, dificultando a identificação dos inimigos (Barros, 2021, p. 103-104). Contudo, os marinheiros do *Barroso* avistaram a chegada dos inimigos, o que os fez não

serem pegos de surpresa. Isso aconteceu, pois o oficial Alfredo Pereira de Araújo Neves, suspeitou da possível movimentação inimiga (Gratz; Preston, 1999, p. 144). Ainda assim, os inimigos tiveram êxito em cercar o encouraçado, impedindo que sua âncora fosse içada e, conseqüentemente, a embarcação ficasse paralisada (Barros, 2021, p. 105).

Todavia, a guarnição do *Barroso* conseguiu se defender, sobretudo pela casamata do paquete ter uma estrutura defensiva conhecida como amurada, que guarneceu sete marinheiros durante toda a peleja. Protegidos, os brasileiros atiravam livremente nos inimigos, ao contrário dos que estavam dentro da casamata, que só podiam atirar pelas aberturas disponíveis, o que limitava o raio dos tiros (Barros, 2021, p. 105).

E, mesmo com os paraguaios decididos a lutar, o *Barroso* conseguiu se aproximar das baterias do exército no Tagy, além do monitor *Rio Grande*, que continha 43 homens e oficiais embarcados (Gratz, 1999, p. 154). Contudo, a embarcação não havia içado a âncora, movendo-se com extrema dificuldade. Por conta da aproximação com o *Rio Grande*, os bogavantes o colocaram como um novo alvo, dispersando suas forças para ambas as embarcações. Essa movimentação permitiu com que fosse possível matar ou capturar a maior parte dos inimigos que estavam no convés do monitor (Leuchars, 2002, p. 186). Portanto, os paraguaios falharam na incursão, com o brigadeiro João Manuel Mena Barreto e seus homens, do 40º corpo de Voluntários da Pátria, metralhando e perseguindo os paraguaios, que batiam em retirada (Barros, 2021, p. 107).

No suplemento feito pela *Semana Illustrada*, é possível perceber a cena desta abordagem noturna, com ambas as embarcações centralizadas, e a barranca do Tagy próxima (Figura 253). Dos encouraçados, é possível se perceber a fumaça da pólvora saída dos tiros, advindas da parte interna das casamatas. A sensação caótica da imagem capta de uma maneira interessante o acontecimento e, embora não seja e nem tenha a intenção de ser fidedigna aos acontecimentos, sobretudo pela perspectiva adotada, apresenta aos espectadores todo o horror do conflito.

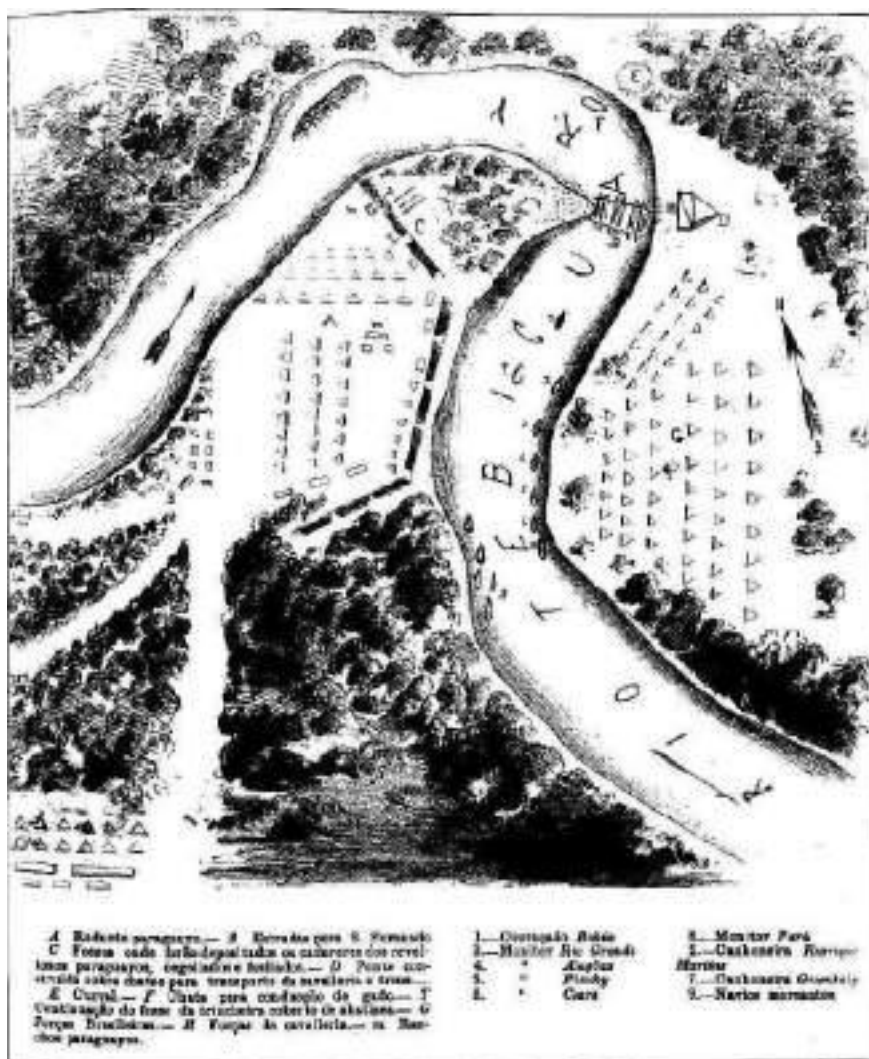


**Figura 253:** Glorioso combate dos encouraçados brasileiros *Barroso* e monitor *Rio Grande*, atacados pelos paraguaios na noite de 9 de julho de 1868. **Semana Ilustrada**, 2 de agosto de 1868, n. 399.

Com esta derrota, os aliados se prepararam para tomar a fortaleza de Humaitá, movimentando tropas na região do Chaco que, conseqüentemente, abriram caminho para a chegada de mais três navios. Além disso, um prisioneiro paraguaio feito durante a malsucedida abordagem, contou sobre as posições defensivas da região do Tebiquary, transpondo assim mais três encouraçados, que bombardearam a região. E, em 25 de julho, finalmente Humaitá era tomada pelas tropas do marquês de Caxias (Barros, 2021, p. 110).

E, na tarde do dia 23 de julho de 1868, os encouraçados *Silvado*, *Alagoas* e *Bahia* chegara à foz do Tebiquary, via fluvial que desagua no rio Paraguai. Na altura, a região era tomada por fortificações armadas para impedir a aproximação de embarcações brasileiras (Barros, 2016, p. 54-61). Para fazer a ultrapassagem da região, o *Alagoas* foi atracado ao *Bahia*, com o *Silvado* os seguindo a uma distância segura, para que o *Bahia* conseguisse manobrar sem riscos. Já os outros navios, *Piauí*, *Rio Grande* e *Barroso*, seguiram na retaguarda, para dar suporte (Barros, 2016, p. 58).

A gravura abaixo (Figura 254), veiculada pela *Semana Ilustrada*, traz mais detalhes da região e da curvatura do rio Tebiquary, que, de fato, era bem acentuada e dificultava a manobra em maior velocidade. Além disso, nela é possível perceber a disposição das construções da área, bem como os pontos em que as embarcações brasileiras estão fundeadas e outros detalhes relevantes.



PARTE DO RIO TEBICUARY por onde se effectuou a passagem do exercito desde 1 de Setembro (data em que foi o reduto abandonado) até 6 de Setembro.

Desenhada e remetida pelo guarda-marinha Affonso Augusto Rodrigues de Vasconcellos.

**Figura 254:** Parte do rio Tebicuary por onde se efetuou a passagem do exército desde 1 de setembro (data em que foi o reduto abandonado) até 6 de setembro. Desenhada e remetida pelo guarda-marinha Affonso Augusto Rodrigues de Vasconcellos. A. Reduto paraguaio. B. Estradas para S. Fernando. C. Fossos onde foram depositados os cadáveres dos revoltosos paraguayos, degolados e fuzilados. D. Ponte construída sobre chatas para transporte de cavalaria e trens. E. Curral. F. Chata para condução de gado. T. Continuação do fosso da trincheira coberto de abatizes. G. Forças Brasileiras. H. Forças de cavalaria. I. Ranchos paraguayos. 1. Couraçado *Bahia*. 3. Monitor *Rio Grande*. 4. Monitor *Alagoas*. 5. Monitor *Piauí*. 6. Monitor *Ceará*. 8. Monitor *Pará*. 2. Canhoneira *Henrique Martins*. 7. Canhoneira *Greenhalg*. 9. Navios Mercantes. **Semana Illustrada**, 15 de novembro de 1868, n. 414.

A travessia teve de ser feita de maneira lenta e gradual, para contornar a acentuada curva do rio, que os forçava a manobrar de maneira muito aproximada às baterias inimigas, que lhes causaram uma série de avarias. Contudo, os encouraçados conseguiram atravessar as defesas, chegando ao arroio Recado, um canal do rio Paraguai (Barros, 2016, p. 59-61).

Ao avançar, os encouraçados avistaram dois vapores paraguayos, fundeados em San Fernando. Segundo o tenente-coronel Antônio Luís von Hoonholtz, que comandava

o Bahia, o acampamento era grande (Barros, 2016, p. 61). Desta forma, *Bahia*, *Silvado* e *Alagoas* se posicionaram para atacar a região, navegando até um matagal, que os manteve temporariamente ocultos dos inimigos. Após essa manobra, ambos se posicionaram novamente para atingir as baterias do Tebiquary (Barros, 2016, p. 61-62).

Neste novo confronto, a situação foi mais violenta. Às 16 horas do dia 24 de julho, as embarcações novamente entraram em forma, dessa vez objetivando fazer a passagem. Nela, o *Silvado* sofreu diversas avarias em seu casco, ficando com algumas perfurações. E, mais uma vez, esquadra brasileira teve êxito em uma passagem (Barros, 2016, p. 62-63).

E, por conta desta ocasião, *A Vida Fluminense* apresentou em suas páginas o momento da passagem, detalhando as embarcações envolvidas, bem como os obstáculos paraguaios presentes no caminho brasileiro (Figura 255). E, corroborando com o que foi dito acima, estão presentes na vanguarda as embarcações encouraçadas *Bahia* e *Alagoas*, bem como o *Silvado*. Ao fundo, estão presentes o *Piauí*, *Rio Branco* e o encouraçado *Barroso*.



**Figura 255:** Divisão avançada da esquadra passando em frente das baterias do Tebiquary no dia 23 de julho de 1868, às 3 horas da tarde. Bateria com 3 peças de 68 e uma raiada de 32. Mangrullo. Encouraçado *Bahia* e monitor *Alagoas*. Encouraçado *Silvado*. Bateria com 8 peças de calibre 68 e 3 menores. Baluarte onde está a bandeira. Piragua metida a pique na foz do rio. Foz do Tebiquary. Monitor *Piauí*. Monitor *Rio Grande*. Duas grossas estacas, em que os paraguaios tentaram firmar uma corrente. Encouraçado *Barroso*. *A Vida Fluminense*, 22 de agosto de 1868, n. 34.

Desta forma, com as últimas movimentações bem-sucedidas na região e a tomada de Humaitá, *A Vida Fluminense* também comentou sobre a rendição de diversos



paraguaios no Chaco<sup>119</sup>. A notícia, trazida à corte pelo vapor *S. Paulo*, alegou que, dos 4.000 homens que saíram de Humaitá para o Chaco, apenas 1.200 se renderam, com o restante fugindo para o Timbó, se encaminhando para o Tebiquary. Sobre o boato de que 92 oficiais tinham se rendido, o periódico mostrou que isso não era verídico, simplesmente pelo fato de, entre 1.200 soldados, não haveriam tantos oficiais assim. Por fim, comentaram que muitos inimigos foram fuzilados no Chaco, em longas batalhas.

No dia 7 de setembro de 1868, segundo o periódico *O Despertador*<sup>120</sup>, o capitão de fragata José da Costa e Azevedo, comandante do encouraçado *Silvado*, avançou sobre um ponto de reconhecimento, em uma região terrena ao lado do Chaco, conhecida como Itapiru. Lá, ele foi surpreendido por fogo de quinze canhões, alguns de grosso calibre. Desta forma, as balas inimigas tocaram a embarcação, lhe fazendo alguns profundos buracos, que feriram o imediato e seus marinheiros. Diante da situação, o comandante manda que o navio siga adiante com toda a velocidade possível, atravessando assim a fortificação inimiga. Contudo, ele retorna e investe novamente contra a região.

Desta forma, o capitão de fragata Costa Azevedo, quase conseguiu capturar ou destruir três embarcações paraguaias. Segundo o relato, só não teve êxito, “porque a canhoneira americana *Wasp*, fundeada no centro do estreito canal, obrigou o *Silvado* a encostar-se para um lado e encalhar. Quando safou, tinham os vapores inimigos suspenso, e haviam desaparecido”. Desta forma, por conta de um navio de bandeira neutra, a manobra brasileira acabou fracassando. E o marquês de Caxias já havia falado em outras ocasiões sobre o risco de se permitir que outras embarcações neutras atravessassem o fogo cruzado, que poderiam atrapalhar as operações. E, de fato, isso aconteceu.

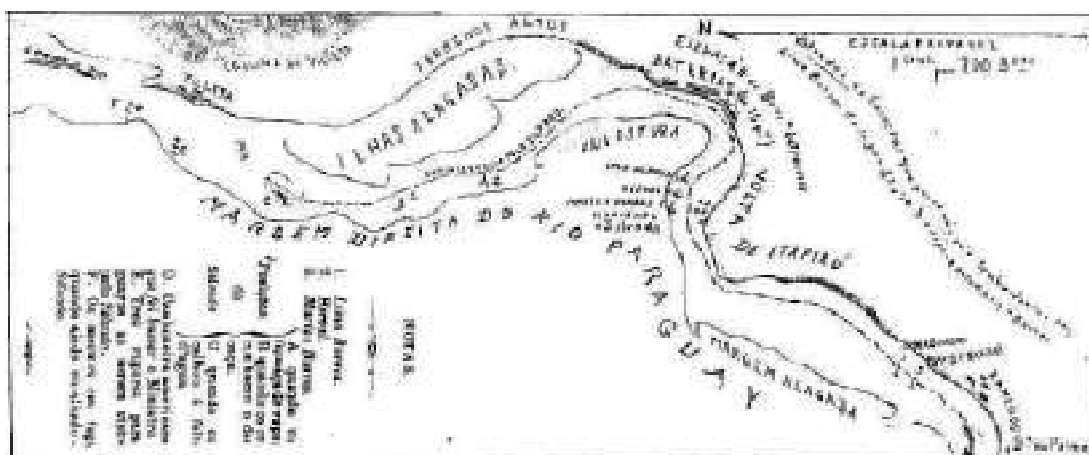
No entanto, a *Wasp* estava com a família do ministro americano Charles Washburn, bem como seus criados e bagagens. Ele havia abandonado o Paraguai, por ser acusado de conspirar contra Solano López (Doratioto, 2002, p. 569). A embarcação atravessou a região para buscar o americano. E, diante da situação, o ministro dirigiu uma “nota virulenta a López, declarando-o inimigo do gênero humano e por isso merecedor da guerra de todas as nações civilizadas da Europa e da América”. Além disso, o ministro norte-americano alegou a situação dos italianos residentes em Assunção, que estavam todos encarcerados, junto de todos os outros estrangeiros ali presentes.

---

<sup>119</sup> **A Vida Fluminense**, 22 de agosto de 1868, n. 34.

<sup>120</sup> **O Despertador**, 6 de outubro de 1868, n. 595.

O dia 7 de setembro de 1868 foi narrado através de dois esboços da região, feitos, respectivamente, pela *Semana Illustrada* e, posteriormente, pela *Vida Fluminense*. No primeiro (Figura 256), o relato acima é reforçado pela legenda, que mostra a margem direita do rio Paraguai, bem como as regiões adjacentes, como Angostura, Itapiru e Villeta. Além disso, é mostrado também o local das respectivas embarcações envolvidas no episódio, que perseguiram os paraguaios rio acima.



**Esboço do rio Paraguai**  
 em parte esboçado pelo 2º distrito (comandante Muzachi) no dia 7 de Setembro de 1868, em que o *Silvado*, sob o mando do capitão de fragata José da Costa Azevedo, escapou por duas vezes ao ataque paraguaio de Itapiru, fletendo a fumaça e desviando os vapores da república que fugiram rio acima.

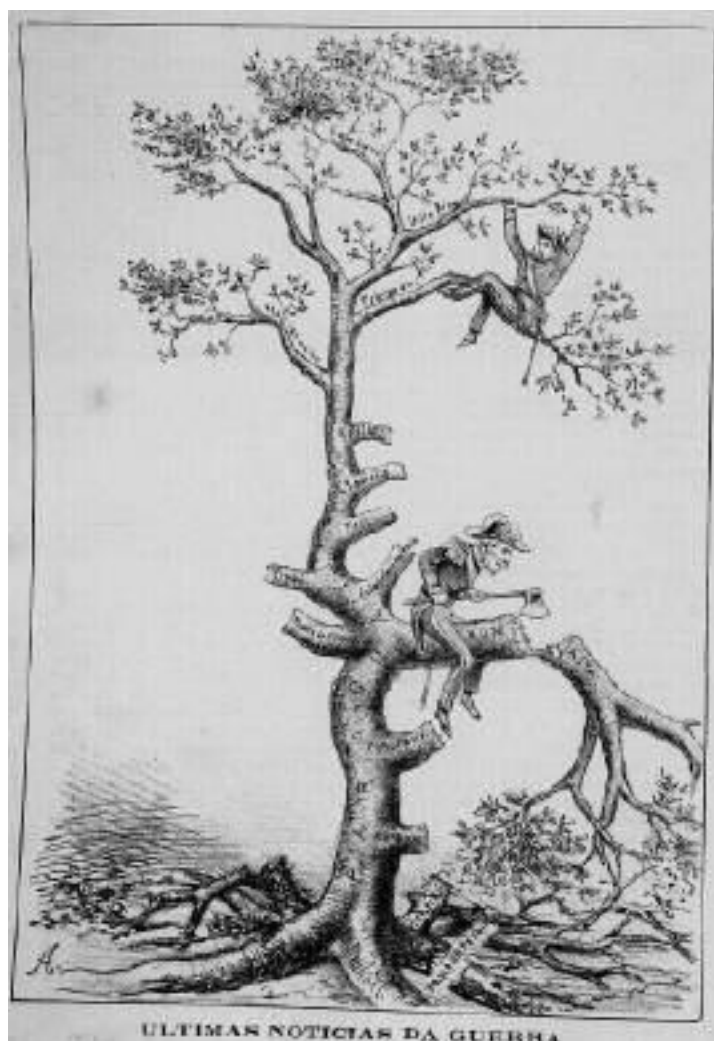
**Figura 256:** Esboço do Rio Paraguai. *Semana Illustrada*, 4 de outubro de 1868, n. 408.

Já o esboço do periódico de Agostini, traz traços mais claros e precisos, além de uma legenda mais enxuta (Figura 257). Nela, são mostrados o lugar onde o *Silvado* ia descer, e viu a fumaça dos inimigos adiante; o lugar onde a canhoneira *Wasp* estava encalhada, atrapalhando a manobra; o ponto em que o capitão de fragata José da Costa Azevedo teve de parar, por conta do baixo nível do rio; e, por último, os vapores inimigos fugindo do *Silvado*, que conseguiu se desencalhar. Segundo a legenda, o desenho foi cedido pelo próprio capitão da embarcação brasileira.



**Figura 257:** Esboço da parte do Rio Paraguai navegada pelo encouraçado *Silvado* no dia 7 de setembro de 1868 quando forçou as baterias do Itapirú. Rio Paraguai, parte do rio em que o encouraçado *Silvado*, tendo encontrado encailhada a canhoneira americana *Wasp*, não pode dar caça aos três vapores paraguaios: segundo o desenho do comandante do mesmo encouraçado. *A Vida Fluminense*, 17 de outubro de 1868, n. 42.

Após sucessivas vitórias brasileiras em território inimigo, *A Vida Fluminense* tratava de zombar a situação de Solano López, que, a cada dia que passava, se via mais cercado pelos inimigos (Figura 258). Em uma gravura, Agostini coloca o líder paraguaio em cima de uma grande árvore, cujo cada um de seus galhos tem o nome de uma localização paraguaia. Na parte mais baixa, está empoleirado o marquês de Caxias, que, com um machado na mão, corta uma a uma, chegando cada vez mais próximo do líder paraguaio.



**Figura 258:** Últimas notícias da guerra. *A Vida Fluminense*, 15 de agosto de 1868, n. 33.

Em outra ocasião, um mês após a gravura anterior, temos Solano López carregando em suas costas, Elisa Lynch, sua esposa, seus dois filhos e alguns animais (Figura 259). A ideia de “mudança” colocada na imagem diz respeito às constantes movimentações do paraguaio, que, por conta dos sucessivos ataques brasileiros, via-se na necessidade de mudar de lugar constantemente. Desta forma, ele fugia dos inimigos e levava consigo tudo o que lhe importava. E, na imagem, há um detalhe importante: ele carrega dois sacos de dinheiro em suas mãos, sendo esta uma das várias formas de retratar o paraguaio, como uma pessoa avarenta.



**Figura 259:** Mudança de... trastes. Últimas notícias do Paraguai. *A Vida Fluminense*, 19 de setembro de 1868, n. 38.

Por último, temos novamente Caxias e López sendo representados (Figura 260). O primeiro, é uma grande aranha, colocada em cima de uma teia feita por cima de todo o mapa paraguaio. Já o presidente do Paraguai é uma mosca agarrada, prestes a ser devorada. Mesmo não sendo totalmente favorável ao conflito e aos seus respectivos líderes, Agostini também sabia a hora certa de enfatizá-los em suas imagens, como é aqui o caso. Vale ressaltar também que a imagem mostra como ponto central desta grande teia, a região de Humaitá, que havia sido tomada meses antes pelos brasileiros.



**Figura 260:** À força de paciência e perseverança consegue sempre a aranha prender em sua teia o desvairado mosquito. **A Vida Fluminense**, 26 de setembro de 1868, n. 39.

Por fim, após uma série de sucessivos avanços brasileiros, a *Semana Illustrada* apresentou algumas vistas do Paraguai, oferecidas pelo capitão de mar e guerra Bernardo Alves de Moura (Figura 261). Nelas, é possível ver diferentes localizações, como a igreja de Tuyu-Cué, o comércio e a igreja do Tayi, no dia de Santo Antônio, o comércio de Itapirú, a estrada do comércio e o lado esquerdo da região comercial em Humaitá, além da igreja do Pilar. Provavelmente, essas vistas foram feitas baseadas em esboços ou, até mesmo, em fotografias tiradas. Essas regiões já haviam sido tomadas pelos aliados e, desta forma, tornava-se mais fácil a reprodução das diferentes localidades.



**Figura 261:** Vistas do Paraguai obsequiosamente oferecidas à *Semana Illustrada* pelo capitão de mar e guerra Bernardo Alves de Moura. **Semana Illustrada**, 25 de outubro de 1868, n. 411.

## 2.14. A Dezembrada

Em dezembro de 1868, aconteceram uma série de combates vencidos pela Tríplice Aliança, que ficou conhecido como “Dezembrada”. Neste período, foram destruídos o restante das unidades militares paraguaias, que resistiam sob as ordens de Solano López que, acuado, seguia fugindo para o norte do Paraguai.

Ela foi composta por uma série de batalhas que incluem: a batalha de Itororó, em 6 de dezembro; a batalha de Avaí, em 11 de dezembro; a batalha de Lomas Valentinas, de 21 a 27 de dezembro; e a rendição de Angostura, ocorrida a 30 de dezembro. Esse era o caminho feito pelas forças da Tríplice Aliança em busca de López e do restante de seu exército, que já estava completamente sem condições de lutar, mas seguia resistindo.

Logo em 5 de dezembro de 1868, juntamente com a Dezembrada, Agostini apresenta uma gravura dos “marechalitos” da Rua do Ouvidor (Figura 263), que se debruçam sobre um mapa do Paraguai, empregando algumas horas de ócio a imaginarem-se fazendo o percurso até aprisionar López e, assim, restaurar a paz e findar a guerra. Na imagem, observamos o caos, com diversos homens empunhando suas bengalas, vestindo chapéus feitos de jornal e se amontoando entre si. Contudo, a legenda da gravura critica a situação, dizendo que estes homes fazem tudo isso a “seiscentas léguas de distância e enquanto o diabo esfrega um olho!”. Por fim, há uma crítica a toda essa situação, com a seguinte frase: “E dizem que não temos gente!”. A frase em questão se dá por conta da dificuldade encontrada pelo Império em conseguir recrutar novos soldados para o conflito, o que parece totalmente inverídico diante desta crítica de Agostini.





**Figura 263:** Os marechalitos da Rua do Ouvidor, no intuito de bem empregarem algumas horas de ócio, abrem caminho pelo Chaco, atravessam lagoas e banhados a pé enxuto, sitiaram Angostura e tomam Villeta, aprisionam Lopez, passam a guarnição a fio... de língua e reestabelecem a paz! Isto a seiscentas léguas de distância e enquanto o diabo esfrega um olho! E dizem que não temos gente!... **A Vida Fluminense**, 5 de dezembro de 1868, n. 49.

Alguns dias depois, *A Vida Fluminense* apresenta um novo esquema o Rio Paraguai (Figura 264), apresentando pontos como Villeta, o Chaco, Angostura, da Ponta ou Volta de Itapirú, dentre outras regiões. Segundo a legenda, a gravura foi feita originalmente por um correspondente especial do *Diário do Rio de Janeiro*, com o intuito de servir de base para as últimas informações sobre a guerra.



**Figura 264:** Últimas notícias da guerra. Posições atuais dos exércitos beligerantes, segundo um desenho feito pelo correspondente especial do *Diário do Rio de Janeiro*. *A Vida Fluminense*, 19 de dezembro de 1868, n. 51.

A primeira das batalhas, ocorrida na ponte do rio Itoyoró a 6 de dezembro de 1868, teve como comandante o marquês de Caxias. Esta foi a primeira das batalhas que levava os aliados rumo a capital paraguaia, Assunção. O rio que dá nome a esta batalha é conhecido por ser fundo e extremamente agitado, sendo difícil de ser transposto, por isso o objetivo de cruzar a ponte, que ficava em um território acidentado, chegando a ter uma altura de 3 a 4 metros. Essa construção ficava às margens do rio Paraguai, na cidade de Santo Antônio. O conflito aconteceu nela justamente pelo fato de os aliados desejarem atravessar o rio, obrigando aos paraguaios a se retirarem para o interior, algo que aconteceu após diversas investidas, indo em direção ao rio Avaí, local onde aconteceu a próxima peleja entre aliados e paraguaios.

Durante a batalha do Itoyoró, que aconteceu em seis investidas, há uma passagem conhecida, em que o marquês de Caxias, ao investir contra diversos paraguaios entrenchados, brada aos seus compatriotas a célebre frase: “Sigam-me os que forem brasileiros!”. Em sua manobra ousada, Caxias levantou o moral das tropas, que conseguiram atacar com mais vigor, expulsando dali os paraguaios que ainda resistiam. Este feito foi endossado por Dionísio Cerqueira em suas lembranças da guerra, onde narra o ato de Caxias e o impacto na tropa:

Passou pela nossa frente animado, ereto no cavalo, o boné de capa branca com tapa-nuca, de pala levantada e preso ao queixo, pela jugular, a espada curva desembainhada, empunhada com vigor, e presa pelo fiador de outro, o velho general-chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte anos. Estava realmente belo. Perfilamo-nos como se uma centelha elétrica tivesse passado por todos nós (Cerqueira, 1980, p. 272).

Logo após os paraguaios fugirem, a cavalaria comandada por Osório, que tentava um ataque lateral, conseguiu perseguir os fugitivos. Nesta primeira batalha, há uma estimativa de que o Brasil tivera por volta de 1.800 homens fora de combate. Já os paraguaios tiveram cerca de 1.200 incapacitados. Esta batalha seguiu para além das histórias militares, penetrando também no folclore brasileiro. A cantiga “Tororó” ou “Itororó” é cantada em Santa Catarina da seguinte forma:

Eu fui lá no Tororó  
Beber água e não achei,  
Ver Moreno e Caballero,  
Já fui, já vi, já cheguei.

Doratioto (2002, p. 363) analisa esta letra ao explicar que o verso “beber água e não achei” é uma referência ao sangue que se espalhou pelo rio, que estava repleto de corpos. Ou seja, sua água estava totalmente tomada e imprópria para consumo. Moreno e Caballero foram os dois responsáveis pelo comando paraguaio ao longo da batalha. Por fim, “já fui, já vi, já voltei” é uma espécie de reminiscência da frase de Júlio César “*veni, vidi, vici*”, ou “vim, vi, venci”.

Com o final de dezembro chegando, *A Vida Fluminense* homenageava outro feito do Exército brasileiro no *front* (Figura 265). Na narrativa em questão, temos o próprio ano de 1868 escrevendo em um grande livro sobre o feito da Ponte do Itororó, tendo como espectador a alegoria da Morte ao seu lado. Ao fundo, acontece simultaneamente a batalha, que é observada atentamente pelos personagens.



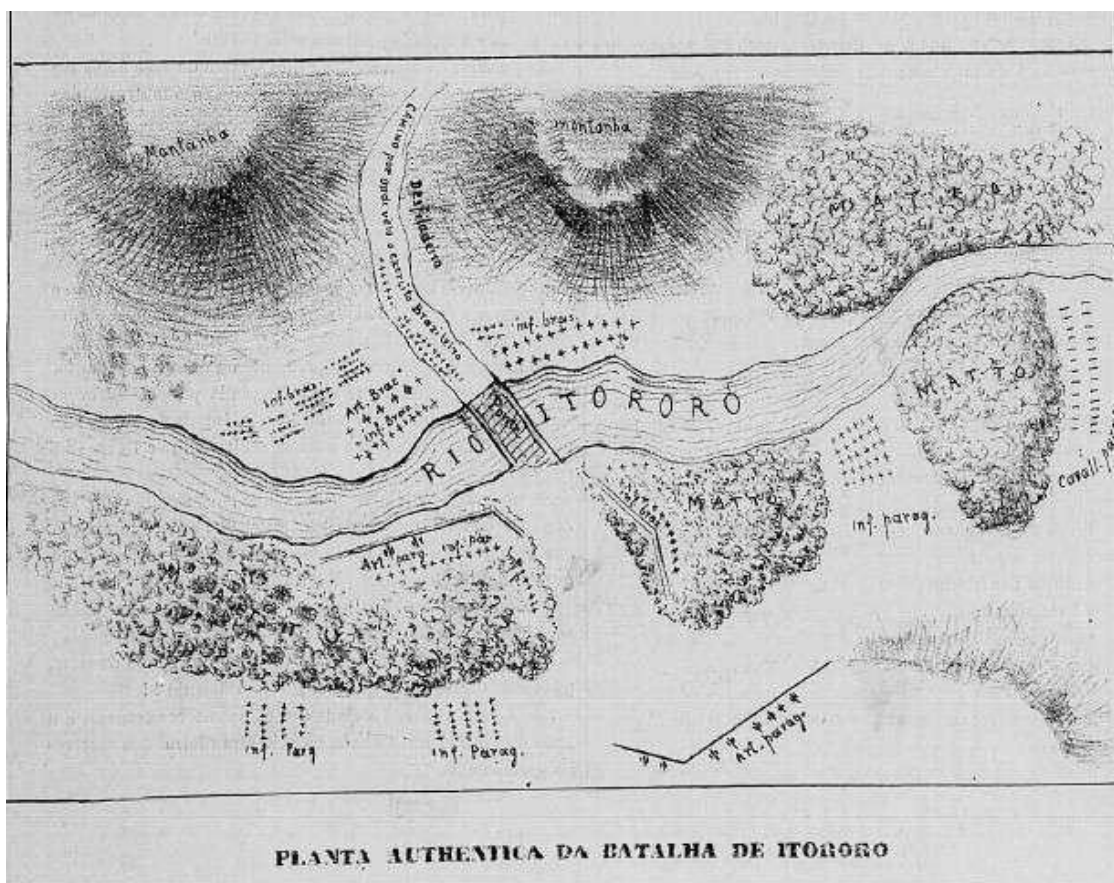
**Figura 265:** O ano de 1868 não quis retirar-se do mundo sem archivar mais um brilhante feito d'armas (Ponte de Itooró). *A Vida Fluminense*, 26 de dezembro de 1868, n. 52.

Em outra ocasião, agora com um grau de detalhamento maior na gravura, somos colocados em meio ao combate (Figura 266), que segue narrando a passagem e tomada da ponte presente no arroio Itooró. Nela, observamos os brasileiros varrendo as forças inimigas da região, ao passo em que diversos soldados estão mortos e feridos no chão. Na parte direita, temos ao fundo a ponte, em que os soldados aliados lutam para conquistar o importante território das mãos inimigas.



**Figura 266:** Episódio da passagem e tomada da ponte sobre o arroio Itororó, no dia 6 de dezembro de 1868. *A Vida Fluminense*, 2 de janeiro de 1869, n. 53.

Por fim, *A Vida Fluminense* conclui suas gravuras sobre o feito em Itororó ao apresentar um esquema da região do arroio, onde situava-se a ponte, tratado pela legenda como uma “planta autêntica”, embora não sinalize a sua autoria (Figura 267). Nela, somos convidados a observar a região em uma visão vertical, que retrata o Rio Itororó, a ponte, a topografia local, a vegetação, bem como as infantarias brasileiras e paraguaias, nos dando a entender como o conflito se desenrolou.



**Figura 267:** Planta autêntica da batalha de Itororó. *A Vida Fluminense*, 10 de abril de 1869, n. 67.

A batalha a seguir, ocorrida a 11 de setembro de 1868 no rio Avaí, é mais conhecida por ter sido narrada através do pincel de Pedro Américo, na *Batalha do Avaí*, quadro monumental de 600 centímetros de altura por 1100 centímetros de largura que atualmente se encontra no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Este conflito colocou aliados e paraguaios para lutar novamente. Os soldados paraguaios foram atacados pelo flanco de surpresa, destruindo assim toda a sua resistência. Segundo alguns relatos, apenas 100 soldados inimigos, juntamente do general Caballero, tiveram êxito na fuga.

Antes do conflito ocorrer, Caballero ocupou nova posição na região próxima ao rio Avaí, que corria no centro de um grande vale marcado por duas projeções de terra, recebendo um reforço de cavalaria e infantaria advindos da cidade de Villeta. Contando com quase 5600 homens e 18 peças de artilharia, o general paraguaio contava com certa vantagem estratégica, mas boa parte dos seus homens já estavam exaustos e sem os víveres necessários para seguir o conflito (Garmendía, 1890, p. 180-195).

Francisco Doratioto mostra através de relato de Caxias enviado ao Ministro da Guerra, que os soldados brasileiros tiveram uma série de “atos vergonhosos”, sendo necessário que ele abandonasse sua posição de general em Chefe, indo para a frente da batalha, conduzindo a fogo e a carga batalhões inteiros. Além disso, Caxias retratou que muitos perderam a vida por “indisciplina, tibieza dos Corpos que comandavam<sup>121</sup>”. Possivelmente, se Caxias fosse atingido ao longo de seu avanço em Itororó, tal como foram outros oficiais, o exército que estava sob seu comando poderia se perder ainda mais, tendo danos ainda maiores que os 1.800 homens citados anteriormente.

E buscando explicar as motivações que levaram aos homens a não combaterem da forma devida, ele elenca três: a primeira, ele fala da indisciplina dos escravizados nas fileiras, sendo “homens que não compreendem o que é pátria, sociedade e família, que se consideram ainda escravos, que apenas mudaram de senhor”. Outro fator apontado era longa duração da guerra, que fazia com que o moral e até a sanidade dos homens presentes no *front* se desgastassem radicalmente. Por fim, havia também a questão da falta de força no comando dos oficiais ante seus comandados, pois eles não utilizavam “aquela influência moral, germe dos excelentes resultados”. E, de certa maneira, ele estava certo. Afinal de contas, qual seria o motivo para que os ex-escravizados se sentissem identificados com um império que os privou de suas próprias liberdades? Todavia, este não era o único motivo, sendo claramente a longa duração da guerra a grande questão vivida na linha de frente, onde a falta de condições, em um ambiente totalmente hostil, tocava os soldados de todas as patentes, culminando também na questão da insubordinação e na própria apatia narrada por Caxias.

Em gravura apresentada em 3 de dezembro de 1869, a *Semana Illustrada* apresenta o momento em que o general Osório avança durante a Batalha do Avaí, logo após ter sido atingido por uma bala em seu maxilar, que está sangrando (Figura 268). Tal

---

<sup>121</sup> Carta de Caxias para Muritiba, of. conf. e rés., Villeta, 13/12/1868, AN, códice 924, vol. 5, pp. 136-7, Apud DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 366.

opção de narrativa também está presente no quadro monumental de Pedro Américo citado anteriormente, sendo esta uma escolha incomum para narrar um personagem que é colocado com herói em ambas as ocasiões. Contudo, ao observarmos o teor mais informativo dos periódicos, ao contrário da pintura histórica, ele busca trazer certa veracidade para suas narrativas. Já a pintura, ela visa exaltar os grandes feitos destes homens em guerra. Desta forma, acaba sendo uma escolha incomum colocar Osório ensanguentado durante a batalha. Contudo, Pedro Américo faz isso com certa sutileza, e o espectador só consegue perceber isso ao se aproximar bastante da tela. Já na gravura, somos informados disso logo em sua legenda, que automaticamente direciona nosso olhar ao rosto do personagem, que se encontra com a mão encobrindo a ferida.



**Episódio do dia 11 de Dezembro de 1868.**  
O bravo general Osório apesar de ferido no maxilar inferior esquerdo por uma bala de fuzil continua o frente de sua cavalaria na perseguição dos paraguaios fugitivos.

**Figura 268:** Episódio do dia 11 de dezembro de 1868. O bravo general Osório apesar de ferido no maxilar inferior esquerdo por uma bala de fuzil continua à frente de sua cavalaria na perseguição dos paraguaios fugitivos. *Semana Ilustrada*, 3 de janeiro de 1869, n. 421.

Posteriormente, há também um outro episódio sendo apresentado por uma gravura da *Semana Ilustrada* (Figura 269). Desta vez, a legenda facilita a compreensão do ocorrido, anunciando que o desenho em questão fala sobre a retomada de uma peça de 32, Withworth, tomada dos brasileiros em 3 de novembro, durante o confronto em Tuyuty. Além do armamento em questão, também são recuperados outros dois, perdidos em 2 de maio de 1866, ou seja, quase três anos antes. Desta forma, a gravura mostra os soldados brasileiros avançando sobre os paraguaios e puxando as armas das mãos inimigas de maneira brusca, em um avanço implacável, onde temos ao fundo da ação, uma bandeira do Império tremulando, em mais um ato narrado com o intuito de exaltar a



bravura dos homens brasileiros no conflito. Torna-se interessante também de se perceber como as informações sobre armas perdidas por anos foram lembradas, nos levando a crer que todo armamento perdido em batalha era documentado pelos oficiais.



EPISÓDIO DA GUERRA DO PARAGUAY (21 de Dezembro de 1868.)  
Retomada da peça de 32, Withworth, que nos foi arrebatada no combate de 3 de Novembro em Tuyuty e bem assim mais duas que perdemos em 2 de Maio de 1866, as quais chegaram outra vez ao nosso poder.

**Figura 269:** Episódio da guerra do Paraguai (21 de dezembro de 1868). Retomada da peça de 32, Withworth, que nos foi arrebatada no combate de 3 de novembro em Tuyuty e bem assim mais duas que perdemos em 2 de maio de 1866, as quais chegaram outra vez ao nosso poder. **Semana Ilustrada**, 17 de janeiro de 1869, n. 423.

Por último, a Dezembrada trouxe a batalha de Lomas Valentinas, também conhecida pelos paraguaios como batalha de Ita Ybate. Ela foi travada entre os dias 21 e 27 de setembro de 1868, tendo como líder do exército paraguaio o próprio Francisco Solano López (Hooker, 2008, p. 95-99). Após deixar Villeta com seus homens, Caxias buscou invadir as fortificações de Lomas Valentinas com duas colunas de infantaria, sendo uma delas comandadas pelo general Mena Barreto, que atacou as defesas ocidentais

da região de Ita Ybate. A outra estava sob o comando do general Jacinto Machado de Bittencourt, tendo o auxílio da cavalaria do general Andrade Neves, atacando as defesas do lado norte, em Loma Acosta (Hooker, 2008, p. 95-97).

Após tomar essas regiões e a colina Cumbarity, no dia 22 de dezembro, argentinos e uruguaios avançaram em direção a Lomas Valentinas, enquanto no dia 23, Caxias passava o dia a reorganizar os batalhões brasileiros. No dia seguinte, Caxias exigia a rendição de López, que foi recusada. Nos dias 25 e 26, os brasileiros seguiram os ataques, conseguindo derrubar as defesas inimigas no dia 27. Derrotado, Solano López foge da região escoltado pela cavalaria paraguaia. O general Resquín e Caballero também fugiram. Desta forma, a guerra continuava (Hooker, 2008, p. 95-99).

Lembrando que um dos termos assinados no Tratado da Tríplice Aliança exigia a prisão ou rendição de Solano López. Caso o líder paraguaio decidisse abandonar a peleja naquele momento, era bem provável que a guerra cessasse.

E, *A Vida Fluminense* apresentou em sua capa, datada do 30 de janeiro de 1869, Solano López catando pessoas com uma vara (Figura 270), objetivando preencher as fileiras de seu defasado exército, vendo-se cada vez mais isolado e, conseqüentemente, menos protegido, com o final não só da guerra, mas de boa parte da população paraguaia, ficando cada vez mais próximo. Sua “reorganização” do exército então começava a colocar no front, velhos, crianças e mulheres, demonstrando que suas decisões levaram o país a um cenário impossível de se reverter naquele momento.



**Figura 270:** Últimas notícias do Paraguai. Reorganização do exército “d’El Supremo”. *A Vida Fluminense*, 30 de janeiro de 1869, n. 57.

Passo final da Dezembrada, a rendição de Angostura ocorreu a 30 de dezembro de 1868, coroando esta campanha brasileira contra os paraguaios. Essa rendição acontecia sem um único tiro disparado, já que os soldados paraguaios ali guarnecidos não ofereceram nenhuma resistência. E, como dito anteriormente, o final de 1868 deixou bem nítida a ideia de que a vitória contra o Paraguai era iminente, e ela só não ocorreu por conta da fuga de López, que ainda acreditava em uma vitória contra os aliados.

López ainda acreditava na vitória por conta dos preparativos feitos em Lomas Valentinas, em que George Thompson, seu engenheiro, havia construído 9 quilômetros de trincheiras. Além disso, o forte de Angostura contava com 2.000 homens guarnecidos, além de 18 canhões. Neste forte, encontrava-se o maior canhão construído na América do Sul, *El Cristiano*, o *Canhão Cristiano*, como é conhecido no Brasil (Lima, 2016, p. 212-217), encontrando-se atualmente no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, e sendo inclusive motivo de problemas entre paraguaios e brasileiros, pois o bisneto de López, Miguel Solano López, recorreu recentemente que o troféu de guerra fosse levado de volta ao Paraguai<sup>122</sup>. Desta forma, a Dezembrada terminava, com a tomada de Angostura sendo a parte final da batalha de Lomas Valentinas.

E, com as constantes vitórias dos aliados no conflito, a *Semana Illustrada* apresentou esta notícia, que caía como uma “bomba” nos vários especuladores na Praça do Comércio (Figura 271), que acabavam por lucrar com a guerra ao trabalharem como agiotas, bem como vendendo produtos por valores acima do preço. Desta forma, a vitória brasileira praticamente derrubaria por terra esses negócios.

---

<sup>122</sup> WESTIN, Ricardo. Bisneto de Solano López pede ao Brasil que devolva canhão da Guerra do Paraguai. **Agência Senado**, 28/11/2014. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/11/28/bisneto-de-solano-lopez-pede-ao-brasil-que-devolva-canhao-paraguaio>.



A bomba, que o Marquês de Caxias dirigiu para Angostura, veio parar aqui na Praça do Comércio, onde os seus efeitos foram tão horríveis, como na Angostura.

**Figura 271:** A bomba, que o Marquês de Caxias dirigiu para Angostura, veio parar aqui na Praça do Comércio, onde os seus efeitos foram tão horríveis, como na Angostura. *Semana Illustrada*, 17 de janeiro de 1869, n. 423.

Com o Paraguai quase todo sitiado pelo exército imperial, e a queda de Angostura, a *Semana Illustrada* apresenta em uma gravura a alegoria da vitória triunfando sob a serpente paraguaia, que tem inserida em seu corpo as palavras “despotismo” e o lema “delenda, Paraguai”, com o forte de Angostura ao fundo (Figura 272). Assim, a própria imprensa brasileira já via que o final do conflito estava cada vez mais próximo, embora o paradeiro de Solano López ainda fosse desconhecido.



Tinha bastiões possantes,  
Muros por todas as partes;  
Tinha fêrreos baluartos,  
Soldados, bronzes canhões;

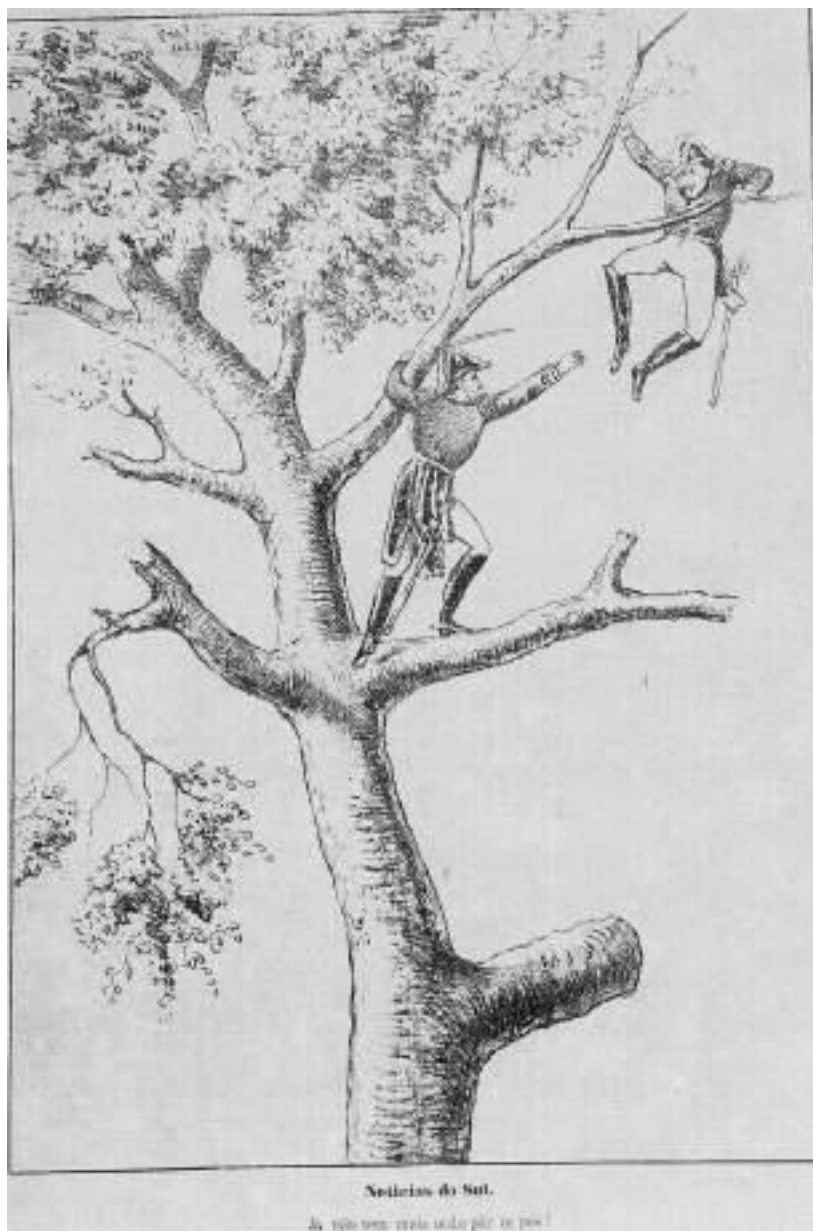
Mas já prostrado e vencido,  
Jaz o inimigo por terra;  
Vitória imensa que encerra  
A honra de tres nações!

**Figura 272:** Tinha bastiões possantes, muros por todas as partes; tinha fêrreos baluartes, soldados, bronzes canhões; mas já prostrado e vencido, jaz o inimigo por terra; vitória imensa que encerra, a honra de três nações. (Alegoria da vitória da Tríplice Aliança pisando em uma cobra com Angostura ao fundo).

**Semana Illustrada**, 24 de janeiro de 1869, n. 424.

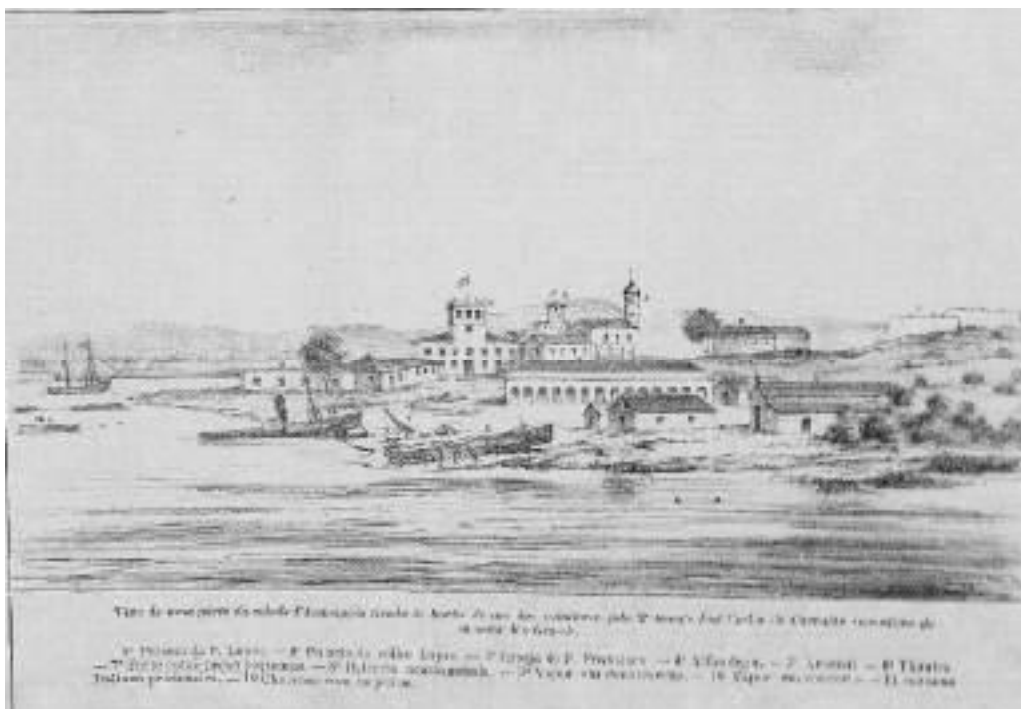
E, com isso, *A Vida Fluminense* também tratou de abordar as sucessivas vitórias brasileiras, que apertavam cada vez mais o cerco sobre López, que é retratado na imagem pendurado no alto de uma árvore, repleta de galhos cortados, representando as vitórias imperiais sobre o Paraguai (Figura 273). E, agarrado a um galho fixo, bem próximo ao caule da árvore, temos a figura do marquês de Caxias tentando puxar o presidente paraguaio para si, dizendo que ele já não tinha “mais onde pôr os pés”, estando bem próximo de cair. Esta imagem tem um estilo bem próximo ao da Figura 256<sup>123</sup>, que detalhava em cada um de seus galhos o nome de um local tomado pelas forças aliadas.

<sup>123</sup> **A Vida Fluminense**, 15 de agosto de 1868, n. 33.



**Figura 273:** Notícias do Sul. Já não tem mais onde pôr os pés! *A Vida Fluminense*, 16 de janeiro de 1869, n. 55.

Após a ocupação de Assunção, *A Vida Fluminense* publicou, no dia 9 de janeiro de 1869, uma vista da cidade, feita pelo 2º tenente José Carlos de Carvalho, que estava a bordo do monitor *Rio Grande* (Figura 274). Ali, é possível ver, identificados pela legenda, os palácios dos López, a igreja de S. Francisco, dentre outros pontos de interesse da cidade, que estava prestes a ser tomada.



**Figura 274:** Vista de uma parte da cidade de Assunção tirada de bordo de um dos monitores pelo 2º tenente José Carlos de Carvalho, imediato do monitor *Rio Grande*. 1. Palácio do P. López. 2. Palácio do velho López. 3. Igreja de S. Francisco. 4. Alfândega. 5. Arsenal. 6. Teatro. 7. Forte com 5 peças pequenas. 8. Bateria acasamatada. 9. Vapor em construção. 10. Vapor em conserto. 11. Escunas Italiana prisioneira. 12. Chalanas com torpedos. **Vida Fluminense**, 9 de janeiro de 1869, n. 54.

Dias depois, o periódico tratou a tomada da capital<sup>124</sup>, descrevendo-a como o final da guerra. No entanto, ela perduraria até que Solano López fosse encontrado. Em suas páginas, é possível perceber o otimismo da redação, que acreditava que o fim estava praticamente concretizado. “*Finis coronat opus*”, ou “O fim coroa a obra”, dizia uma das frases. Além disso, era enfatizado que “em toda a república paraguaia não há mais uma só trincheira, que possa embarcar a marcha do nosso exército vencedor”. Diante da situação, questionava a página: “Mas, não haverá mais nada a fazer? Poderão nossas tropas regressas ao solo natal para descansar de tão longas fadigas? Será Assunção para nós, o que Roma tem sido para os franceses?”. E a resposta veio logo a seguir, com a continuação do conflito, agora comandado pelo conde D’Eu.

Diante de mais uma derrota, *A Vida Fluminense* narra em sua capa, Solano López alistando cães e gatos, já que boa parte da população apta para a luta foi massacrada pelos exércitos aliados (Figura 275). E, mesmo assim, o *El Supremo* não se dava por vencido, abandonando a ideia de se render. Desta forma, a própria população da Corte já compreendia o cenário paraguaio, com o findar da guerra podendo acontecer a qualquer momento. Porém, o orgulho de López levou o conflito adiante, custando ainda mais vidas.

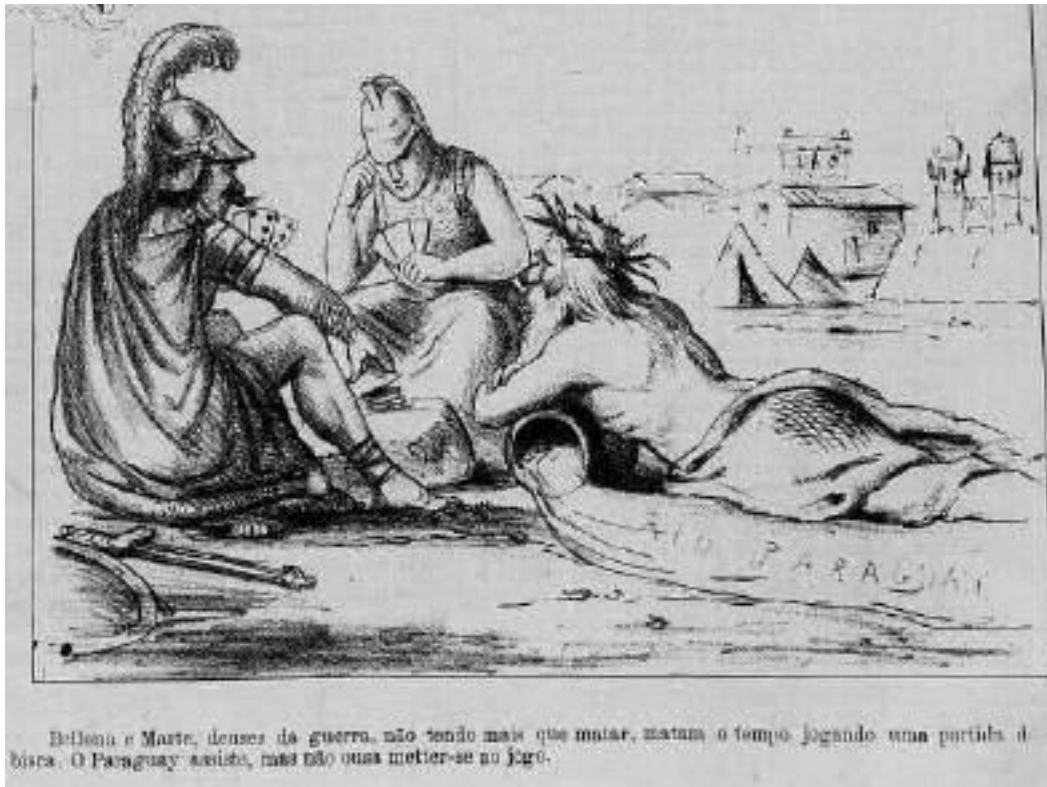
<sup>124</sup> **A Vida Fluminense**, 16 de janeiro de 1869, n. 55.





**Figura 275:** Notícias do Sul. Tendo dado cabo de tudo quanto havia de bípodes no Paraguai, o El Supremo, que tem muita paciência acha ainda meio de reorganizar um novo exército de quadrúpedes a quem faz a seguinte proclamação... (Por falta de espaço pedimos ao leitor que leia no Diário do Povo onde será publicada hoje) à qual os soldados entusiasmados respondem: Hau! Hau! Hau! Miau! Hau! Miau! **A Vida Fluminense**, 6 de fevereiro de 1869, n. 58.

Adiante, em 13 de março de 1869, *A Vida Fluminense* lança em sua capa Belona e Marte, deuses da guerra, a jogar uma partida de bisco, jogo de baralho, com o Paraguai a assistir, sem se meter. Ao fundo, encontra-se o que parece ser a capital paraguaia (Figura 276). A ideia passada aqui é que o jogo da guerra estava prestes a ser vencido, e o Paraguai apenas assiste, sem ter muito o que fazer, já que a capital já estava tomada, restando apenas a captura de López para a conclusão do conflito.



**Figura 276:** Bellona e Marte, deuses da guerra, não tendo mais que matar, matam o tempo jogando uma partida de bisca. O Paraguai assiste, mas não ousa meter-se no jogo. *A Vida Fluminense*, 13 de março de 1869, n. 63.

### 2.15. A entrada de conde d’Eu, o caminho até Assunção e a Campanha da Cordilheira

Após a saída do marquês de Caxias do comando brasileiro no Paraguai, fora colocado em seu lugar o conde d’Eu. Contudo, antes de explicarmos como se sucedeu a transição, abordaremos alguns aspectos deste personagem. Luís Filipe Maria Fernando Gastão, conhecido também como príncipe de Orléans e conde d’Eu, nasceu em Neuilly, França, em 28 de abril de 1842. Anos depois, seu tio, D. Fernando II de Portugal, o contatou apresentando a possibilidade de casamento com uma das duas filhas de D. Pedro II. O conde (Figura 277) aceitou a proposta, mas exigia apenas conhece-las antes de se decidir. Desta forma, desembarcou na cidade do Rio de Janeiro em 2 de setembro de 1864, acompanhado de Luís Augusto de Saxe-Coburgo-Gota, o duque de Saxe, chegando com alguma fama militar após a campanha no Marrocos, em 1860<sup>125</sup>.

---

<sup>125</sup> Ver mais em: BARMAN, Roderick J., *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: UNESP, 2005.



**Figura 277:** S. A. o Snr. Conde d'Eu. *A Vida Fluminense*, 7 de maio de 1870, n. 123.

O conde d'Eu recebeu meses após sua chegada a grã-cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro e, dias depois, foi proposto como presidente honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Vainfas, 2002). Seu casamento com a princesa Isabel, herdeira do trono, ocorreu em 15 de outubro de 1864, acontecimento que o colocou dentro do círculo político do Império, culminando posteriormente na sua nomeação para o comando das forças brasileiras no Paraguai. Contudo, seu desejo de participar do conflito ocorreu antes disso.

Logo quando eclodiu o conflito, com a invasão do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul, o conde e a princesa Isabel estavam em viagem de lua-de-mel pela Europa. Desta forma, em 1865, D. Pedro II entrava em contato com ambos para que retornassem ao Brasil, solicitando a presença de Gastão na cidade de Uruguaiana. Aceitando o pedido, foi para o sul do Brasil, encontrando lá o imperador e o duque de Saxe. Ao chegar, além de se vestir como voluntário, estudou a artilharia paraguaia e seus ataques. Neste momento, a cidade encontrava-se tomada pelos inimigos, mas sitiada pelas forças aliadas,

que esperavam a rendição ou a derrota das forças adversárias, que já estavam sofrendo com a falta de víveres.

O visconde de Taunay, em suas memórias, alegava que o conde d'Eu, ao estar no *front*,

patenteava, em todas as ocasiões, grande interesse pelas coisas do Brasil, observando, perguntando, tudo visitando e tratando de colher minuciosas e exatas informações, o outro Luís Augusto, duque de Saxe não mostrava se não desapego e indiferença (Borga, 2010, p. 210).

Desejoso de se envolver de maneira mais direta no conflito, como é possível de se perceber pelo trecho acima, o conde d'Eu insistiu várias vezes para que o imperador o colocasse nas fileiras do conflito, sendo seu desejo negado por duas vezes. Ao solicitar duas vezes por carta para participar do conflito, o conde d'Eu recebeu duas recusas. A primeira delas, foi votada pelo conselho de estado, que não desejavam que o príncipe fosse ao conflito, podendo parecer no exterior a possibilidade de desejar conquistar territórios alheios (Doratioto, 2002, p. 396-399); aliás, sua fama entre os brasileiros era complexa, sobretudo por ele ser francês. Na segunda recusa, o governo brasileiro não via com bons olhos que o esposo da herdeira do trono brasileiro fosse subordinado de um militar argentino, sendo ele Bartolomeu Mitre, presidente argentino e comandante em chefe das forças aliadas (Salles, 2017, p. 6-20). Contudo, em novembro de 1895, fora nomeado comandante geral da artilharia e, em 19 de novembro do mesmo ano, se tornou presidente da Comissão de Melhoramentos do Exército (Vainfas, 2002).

Apenas em 1869, o conde foi convocado para ir para o *front*, mas seu desejo havia mudado. O príncipe consorte talvez tenha mudado de ideia por ver que a campanha no Paraguai não teria glórias fáceis, exigindo ainda muito esforço, sobretudo pela pressão de ter de encontrar Solano López. Wenceslau Paunero<sup>126</sup> relata que o conde fez de tudo para não ir ao Paraguai. Um de seus argumentos era o de que não era honroso liderar um exército no final do conflito. Porém, ele viu-se obrigado a aceitar assumir a chefia das forças brasileiras (Doratioto, 2002, p. 398).

Considerando seu alto escalão e capacidades militares, ele foi chamado para ser comandante-em-chefe dos aliados, substituindo o marquês de Caxias, que havia se

---

<sup>126</sup> **Atas do Conselho de Estado de 13/10/1866 e de 18/3/1867**, BSF, microfilme 02/72; Zacarias, sessão do Senado de 7/7/1870, AS, 1870, vol. li, p. 36; Paunero para Sarmiento, Rio de Janeiro, 28/3/1869, AGNA, ex-Museo Histórico Nacional, maço 34, doe. 4129. Ver também Arthur de Gobineau para o marquês de La Valette, ministro de Negócios Estrangeiros da França, Rio de Janeiro, 29/3/1869, em Jean-François Raymond, Arthur de Gobineau et le Brésil: correspondance diplomatique du Ministre de France à Rio de Janeiro; 1869-1870, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1990, p. 80.

demitido da função por problemas de saúde e cansaço. Acrescenta-se a isto o fato de que Caxias não desejava mais seguir na guerra, a vendo como indigna e necessária, ocorrendo apenas para encontrar Solano López, algo que culminou em mais batalhas e, conseqüentemente, mortes em ambos os lados. Contudo, em 22 de março de 1869, Gastão foi nomeado para o cargo, tendo apenas 27 anos de idade (Doratioto, 2002, p. 396-399). Quando chegou ao território inimigo, tratou de seguir organizando o exército, demitindo diversos oficiais acusados de saques.

E, no decorrer da campanha comandada pelo conde d'Eu, uma notícia choca as forças brasileiras: a morte de Joaquim José Inácio, o visconde de Inhaúma (Figura 278). Doente desde 1868, Inhaúma foi enviado ao Paraguai em 3 de janeiro de 1869, ficando cada vez mais deprimido por conta dos rumos que o conflito tomava (Barros, 1870, p. 402). Segundo relato feito em seu diário particular, o militar relatava que o que estava acontecendo não poderia “ser chamado de uma guerra, mas a morte de pessoas, o extermínio da nação paraguaia” (Frota; Lima, 2008, p. 276), condenando os desejos de D. Pedro II e do próprio acordo firmado pela Tríplice Aliança em seguir perseguindo López.



Inhaúma! enquanto os mares  
Sulcar a nave guerreira,  
Enquanto aos ecos da história  
Falar a voz brasileira.

Tu nome será lembrado,  
Teus nobres feitos serão  
Para chefes e soldados,  
Um modelo e um braço!

**Figura 278:** Inhaúma! Enquanto os mares sulcar a nave guerreira, enquanto aos ecos da história falar a voz brasileira, teu nome será lembrado, teus nobres feitos serão para chefes e soldados, um modelo e um braço! **Semana Ilustrada**, 21 de março de 1869, n. 432.

Em 28 de janeiro, Inhaúma foi dispensado do posto e promovido a almirante, sendo a patente mais alta da armada (Barros, 1870, p. 415). Assim, retornou ao Rio de Janeiro em 8 de fevereiro de 1869 (Barros, 1870, p. 418), ainda mais debilitado do que antes, necessitando ser recepcionado nas docas do Rio de Janeiro pelo visconde de Taunay. Este, em suas memórias, alega que, por conta das declarações de Inhaúma, D. Pedro II se recusou a visitar seu mais novo almirante (Taunay, 2004, p. 405). Isto também provavelmente estava ligado ao artifício da doença, utilizado por vários oficiais para se retirarem da guerra. Contudo, Joaquim José Inácio realmente estava gravemente adoecido, o que fez o imperador requisitar informações diárias sobre o almirante (Barros,

1870, p. 438). Vale ressaltar que, mesmo doente, Inhaúma foi recebido pela população local “com as maiores demonstrações de entusiasmo”, sobretudo se levarmos em consideração seus feitos ao longo da campanha contra o Paraguai (Assis, 1894, p. 402).

Com dificuldades em se recuperar, o visconde de Inhaúma faleceu no dia 8 de março de 1869 (Barros, 1870, p. 438). O historiador Eugênio Vilhena de Moraes alega que a malária foi a causa de sua morte (Moraes, 1958, p. 285). Seu caixão foi transportado em uma carruagem reservada para os ritos fúnebres da Família Real, além de ser escoltado por três esquadrões de cavalaria e vários carros. A população também tratou de homenagear o almirante, lotando ambos os lados das ruas, por onde a procissão passara. O caixão foi carregado por personalidades como Joaquim Marques Lisboa, o visconde do Tamandaré (Barros, 1870, p. 441) e por Afonso Celso de Assis Figueiredo (Assis, 1894, p. 402), o futuro visconde de Ouro Preto. Seu corpo foi enterrado no Cemitério do Caju, no Rio de Janeiro.

Cabe ressaltar que o Senado brasileiro o reconheceu como “uma das maiores figuras da armada brasileira<sup>127</sup>”. Extremamente popular entre seus comandados, era carinhosamente chamado de “tio Joaquim” por parte de seus subordinados (Lacombe, 1993, p. 57). E, a título de curiosidade, a expressão “andar na Inácia”, usada pela marinha brasileira, que tinha como significado andar na linha, se comportar de maneira adequada, veio de seu nome (Frota; Lima, 2008, p. 15).

No dia 14 de março de 1869, a *Semana Illustrada* veiculava a notícia do falecimento de Inhaúma<sup>128</sup>. O anúncio enfatizava o envolvimento do personagem durante a guerra, com uma “vida marcada por grandes feitos e importantes serviços ao país”, “dedicado ao serviço público, apesar dos anos e das moléstias, zeloso pelo nome brasileiro”, percorrendo toda a hierarquia militar até chegar ao posto máximo de almirante. O lado político do membro do Partido Conservador também fora exaltado. “Partidário sincero, dedicado, extremoso, tinha além do mais essa virtude que coroa todas as virtudes políticas, a virtude da tolerância”. Assim, a folha homenageia Inhaúma, exaltando seus feitos e qualidades. O editor ressalta que ele “foi sempre um dos nossos mais dedicados amigos; cremos também que nunca lhe faltávamos com a retribuição de uma amizade que nos ensoberbecia”.

---

<sup>127</sup> **Anais do Senado do Império do Brasil**: primeira sessão em 1869 da décima quarta legislatura de 30 de julho a 30 de agosto. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário do Rio de Janeiro, 1869, p. 76.

<sup>128</sup> **Semana Illustrada**, 14 de março de 1869, n. 431.



A veiculação desta notícia mostra algo em suas entrelinhas: a aproximação da *Semana Illustrada* e, conseqüentemente, de Henrique Fleiuss, com o Partido Conservador, que tinha como objetivo principal centralizar o poder político na mão do imperador. É claro, esta inferência não seria feita por acaso, tendo ela perpassado por toda a produção da *Semana Illustrada*. Desta forma, torna-se inegável citar que Fleiuss tinha uma forte ligação com a monarquia, sendo a antítese do que Agostini pensava.

A *Semana Illustrada* anunciou em 20 de março de 1870, um ano após veicular o falecimento de Inhaúma em suas páginas, que se preparava para produzir a obra *A guerra do Paraguay e o almirante visconde de Inhaúma*, escrita por António José Vitorino de Barros<sup>129</sup>, sendo esta a primeira biografia feita sobre o personagem (Figura 279). Ressalta-se no anúncio que a obra contaria com “perfeita imparcialidade na apreciação dos sucessos políticos, internacionais, em uma palavra no retrospecto fiel de todas as alternativas e episódios da guerra contra o Paraguai”, sendo estes os “principais predicados do importante livro, escrito pelo irmão do ínclito visconde de Inhaúma”. Além do anúncio, o periódico apresentou uma gravura para ilustrar o tema.



**Figura 279:** O almirante visconde de Inhaúma e o seu biógrafo. – Está preenchido meu fim. Paguei devido tributo à memória de um dedicado servidor do Império, de um homem do mar completo, de um cidadão sem mácula na vasta série de serviços prestados ao Estado. (A. J. Vitorino de Barros). *Semana Illustrada*, 20 de março de 1870, n. 484.

<sup>129</sup> *Semana Illustrada*, 20 de março de 1870, n. 484.

Já *A Vida Fluminense*, para tratar a morte de Inhaúma, apresentou uma gravura feita por Agostini. Contudo, pouco se falou do personagem, não havendo cerimônias como observado anteriormente na *Semana Illustrada*. Na edição do dia 10 de abril de 1869<sup>130</sup>, o periódico anunciava a venda desta imagem, agora em formato de estampa, disponível na rua do Ouvidor, 52, endereço da Tipografia da Vida Fluminense (Figura 280). Uma semana depois, no entanto, já se iniciavam as críticas de Agostini e companhia sobre as pomposas homenagens feitas ao almirante<sup>131</sup>. “Apesar dos rigores episcopais, celebram as maçonarias da capital do Império, com a máxima pompa possível, as exéquias do finado visconde de Inhaúma”. E continuava: “A sala, que se achava armada com a riqueza e severidade necessárias, estava apinhada de gente. Um orador pronunciou um discurso que por si só vale mais do que todo um quadriênio de qualquer Assembleia Geral Legislativa”. Ainda que a notícia fosse veiculada com um certo teor crítico ao Império, ela não criticava especificamente o falecido Inhaúma, tendo a folha adotado um tom mais respeitoso para com o almirante.



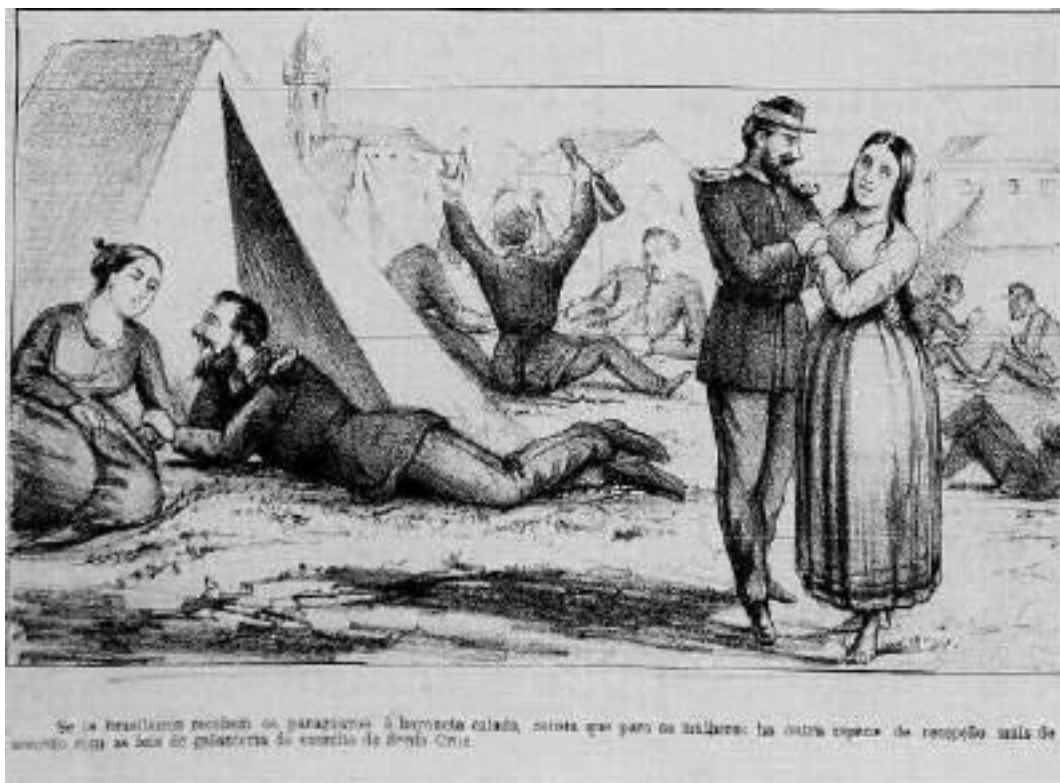
<sup>130</sup> *A Vida Fluminense*, 10 de abril de 1869, n. 67.

<sup>131</sup> *A Vida Fluminense*, 17 de abril de 1869, n. 68.

**Figura 280:** Visconde de Inhaúma. *A Vida Fluminense*, 20 de março de 1869, n. 64.

Continuando a saga do conde d'Eu rumo ao território inimigo, em 30 de março de 1869, Gastão embarcou no vapor *Alice*, chegando em Assunção no dia 14 de abril do mesmo ano. Os soldados brasileiros estavam majoritariamente acampados na cidade de Luque e arredores. Na cidade de Assunção estavam situados 2748 soldados, 1588 em Humaitá, 2044 em Rosário e 1300 no Aguapehy. Além disso, acrescentam-se 4 mil argentinos, 600 orientais contra apenas 500 paraguaios<sup>132</sup>.

Neste período, a *Vida Fluminense* criticava a situação do exército brasileiro através de uma gravura cujo os soldados brasileiros recebem as mulheres paraguaias de maneira mais calorosa, ao passo que os homens eram recebidos “à baioneta calada” (Figura 281). A imagem também demonstra os homens completamente fora da postura militar, deitados pelo chão do acampamento e flertando, ao passo que um deles encontra-se com uma garrafa e copo na mão, provavelmente de alguma bebida alcoólica. De qualquer maneira, temos abaixo uma crítica que nunca fora vista na *Semana Illustrada*, sendo este mais um caso de distinção entre os periódicos, onde o dito e o não-dito servem para que interpretemos as diferentes posturas e discursos adotados.



**Figura 281:** Se os brasileiros recebem os paraguaios à baioneta calada, consta que para as mulheres há outra espécie de recepção mais de acordo com as leis da galanteria do exército de Santa Cruz. *A Vida Fluminense*, 15 de maio de 1869, n. 72.

<sup>132</sup> Boa parte da Campanha da Cordilheira foi narrada pelo visconde de Taunay. Ver mais em: TAUNAY, Alfredo D'Escragnole (visconde de). *Campanha da Cordilheira*. São Paulo: Melhoramentos, 1926.

Na arte da guerra, o conde d'Eu utilizou-se de diversas táticas para enganar o exército inimigo. Segundo o visconde de Taunay (2008, p. 43), o conde tinha “grande habilidade estratégica, paciência de experimentado capitão, indiscutível coragem e sangue-frio”. Um dos feitos do conde d'Eu no Paraguai foi a extinção da escravidão. Segundo Josefina Plá, em *Hermano Negro: La Esclavitud en el Paraguai*<sup>133</sup>, Gastão decidiu findar este regime, que contava com cerca de 25 mil escravizados, muitos dos quais eram forçados a lutar na guerra.

A opinião sobre o comando-em-chefe do conde d'Eu era muito volátil. Se, em um primeiro momento, o príncipe consorte foi louvado por parte da população, em outros momentos houve desconfiança por conta de sua nacionalidade e até mesmo de algumas ações em batalha. Uma delas culminou na morte do general João Manuel Menna Barreto, que fora homenageado posteriormente pela *Semana Ilustrada* (Figura 282). O general salvou a vida do conde, ao impedir que uma granada o matasse, na batalha que culminou na conquista da região de Piribebuy. Esse acontecimento o fez sofrer críticas, sobretudo por Mena Barreto ser um personagem relevante na guerra e bem conhecido na Corte (Doratioto, 2002, p. 376). Após a tomada de Piribebuy, o conde d'Eu ordenou que o coronel Pablo Caballero e o chefe político desta vila, Patricio Marecos, fossem degolados.



**General João Manoel Menna Barreto**  
† gloriouosamente em 12 de Agosto de 1869, na batalha de Piribebuy, junto de Ascurra.

**Figura 282:** General João Manoel Menna Barreto, morto gloriosamente em 12 de agosto de 1869, na batalha de Piribebuy, junto de Ascurra. *Semana Ilustrada*, 5 de setembro de 1869, n. 456.

<sup>133</sup> Ver mais em: PLÁ, Josefina. *Hermano Negro: La Esclavitud en el Paraguai*. Madrid: Paraninfo, 1972.

Meses depois, fora divulgado pela *Semana Illustrada* um esquema demonstrando como ocorreu o ataque a Piribebuy, tendo o posicionamento das forças aliadas e suas respectivas movimentações para a tomada “a viva força” da praça local. O esboço (Figura 283) fora desenhado pelo coronel Conrado Maria da Silva Bitancourt, e oferecido pelo marechal de Exército Conselheiro José Maria da Silva Bitancourt. Há também um texto no mesmo número explicando detalhadamente o ocorrido. Porém, através das linhas traçadas, torna-se viável imaginar as devidas movimentações aliadas para o êxito militar.

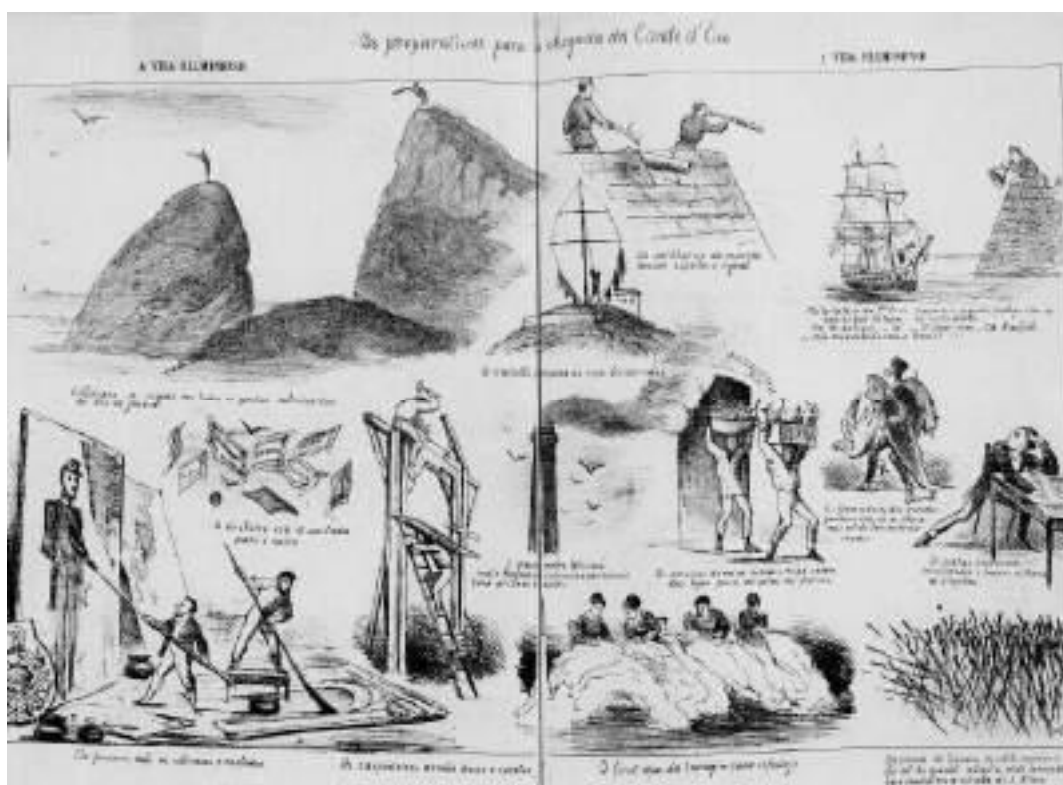


**Figura 283:** Esboço Memorial da Praça de Piribebuy atacada e tomada a viva força a 12 de agosto de 1869. Desenhado pelo coronel Conrado Maria da Silva Bitancourt e obsequiosamente oferecido pelo marechal de Exército Conselheiro José Maria da Silva Bitancourt (vide as explicações no texto). **Semana Illustrada**, 24 de outubro de 1869, n. 463.

Em setembro de 1869, o conde d’Eu estava totalmente frustrado com a falta de víveres e condições materiais do exército, algo que atrasava ainda mais a perseguição a Solano López. Desta forma, solicitou ao imperador findar a guerra naquele momento, tendo mais um pedido seu sendo recusado. E com o desgaste do conflito, o conde d’Eu entrou em depressão, se retirando gradativamente da condução dos aliados na guerra, que terminou apenas no dia 1º de março de 1870. Ao chegar no país, foi recebido como herói, sendo saudado pela população, além de se tornar conselheiro de Estado (Doratioto, 2002,

p. 396-399). Sua chegada foi coberta pela imprensa local, onde a *Semana Illustrada* e a *Vida Fluminense* trataram de divulgar o acontecimento desde os seus preparativos.

No primeiro relato, especificamente sobre os preparativos da chegada do conde, a *Vida Fluminense* retrata todos os detalhes que aguardavam o príncipe consorte (Figura 284). Vigias foram colocados em pontos altos da cidade do Rio de Janeiro, pinturas são feitas para homenagear o comandante-em-chefe da Tríplice Aliança, coretos e arcos são armados, diversos foguetes são preparados, poetas fazem estrofes, dentre várias outras coisas. Mas é interessante perceber que, em meio a essa narrativa, surge uma ligeira crítica, que pode passar imperceptível aos nossos olhos: “O dinheiro voa d’um lado para o outro”. O que quer Agostini dizer com isso? Ao que tudo indica, a crítica do desenhista consiste em justamente observar que os preparativos para a chegada do conde d’Eu contam com gastos exagerados por parte da Corte, que já se via completamente endividada devido aos longos anos de guerra e empréstimos tomados dos ingleses. Contudo, diferentemente de seus tempos em São Paulo, sua pena foi mais comedida, considerando que a guerra finalmente havia terminado.



**Figura 284:** Os preparativos para a chegada do Conde d’Eu. *A Vida Fluminense*, 30 de abril de 1870, n. 122.

No número anterior<sup>134</sup> d'*A Vida Fluminense*, A. de C., ou Augusto de Castro, questiona que há grande festa para a chegada dos últimos Voluntários e do próprio conde d'Eu, mas se incomoda com a população ignorando totalmente a chegada dos inválidos da guerra, “recebidos sem um viva, sem um foguete, sem um versinho”, tendo eles recebido apenas as mutilações das batalhas. Diante disso, Augusto de Castro indaga: “Serão mais credores de nossa gratidão os primeiros do que os segundos?”, respondendo logo em sequência que não, tendo ambos cumprindo seus objetivos com a pátria. Porém, “a única diferença que entre eles existe, consiste no fato de poderem os primeiros procurarem ainda meios para sua subsistência, e terem-se os segundos inutilizado completamente no serviço de guerra”. Sua crítica toca em um ponto sensível do pós-guerra, algo que não é observado na *Semana Illustrada*. No mesmo número, Augusto de Castro também se queixa da ausência de celebração dos seis encouraçados que foram responsáveis pela vitória da batalha do Riachuelo, por ultrapassarem as baterias de Cuevas e Mercedes, e passar Humaitá, estando eles em constante perigo, mas sendo também duramente ignorados.

Posteriormente, *A Vida Fluminense* narra a chegada do conde d'Eu, colocando escondido atrás da página uma caricatura de Agostini e um lápis vivo, que se recusa a desenhar as inúmeras homenagens feitas ao príncipe, alegando que “há tanta coisa a fazer, que o melhor é não fazer cousa alguma” (Figura 285). Contudo, como o desenhista não poderia furtar-se de cobrir os eventos, decide trazer os que julga ser os mais relevantes. Desta forma, narra em diversos quadrinhos cenas engraçadas como a Guarda Nacional com traços caricatos perfilada para ser revistada, ruas lotadas, atrapalhando a circulação na região do Passo, fanáticos na porta da Capela Imperial, pessoas com dificuldade de saber se era ou não o príncipe a chegar, a Família Imperial andando de carruagem pelas ruas da cidade, mas repleta de riquezas dentro, entre outros tantos causos.

A ideia de Agostini é justamente a de criticar não só todo o caos trazido pela chegada do conde d'Eu, mas também pela adulação advinda de parte da população e dos ministros, além de aproveitar a ocasião para admoestar os luxos da realeza, sendo esta uma pauta recorrente de sua obra, que tende a ficar ainda mais explícita com a aproximação da proclamação da República. Mas dias antes, a própria *Vida Fluminense* também enfatiza positivamente boa parte das homenagens, tratando um ponto que

---

<sup>134</sup> *A Vida Fluminense*, 23 de abril de 1870, n. 121.

converge com os anseios de Agostini e seus editores: com o final da guerra, diversos escravizados foram alforriados, sendo a libertação a maior característica civilizadora<sup>135</sup>.



**Figura 285:** A chegada a esta Capital de S. A. o Snr. Conde d'Eu. *A Vida Fluminense*, 7 de maio de 1870, n. 123.

Contudo, ao compreendermos a chegada do conde d'Eu na corte, logo após o conflito, torna-se necessário também entender seus feitos militares. Sua participação teve como parte a Campanha da Cordilheira, a última fase da guerra, ocorrida logo após a tomada de Assunção, em 1º de janeiro de 1869, ainda com as forças aliadas sob o comando do marquês de Caxias. Sua entrada, que ocorreria em 15 de abril do mesmo ano.

Nesta campanha, o conde d'Eu teve como objetivo derrotar as forças lealistas de Solano López e a sua captura, prevista nos termos da Tríplice Aliança como um dos pontos para o fim do conflito (Batista, 2008). Ela ocorreu entre julho de 1869 a 1 de março de 1870. López havia fugido para o interior do país com a tomada da capital. Até chegarem a ele, o exército paraguaio foi destruído em diversas batalhas, como a Batalha de Campo Grande e o Combate de Cerro Corá. Nestes últimos momentos da guerra, idosos e crianças foram vitimadas, sendo colocadas em guerra por seguirem López. No

<sup>135</sup> *A Vida Fluminense*, 9 de abril de 1870, n. 119.



entanto, sofriam com a falta de armas e alimentos, tendo milhares deles morrendo de fome<sup>136</sup>.

Em Piraju, diversas mulheres e crianças, em situação de fome, se apresentaram aos aliados, amontoando-se na igreja do povoado, “que espetáculo d’aqueles cadáveres ambulantes! (Taunay, 2008, p. 53)”, que foram mandadas para Assunção de trem. Isso ocorria pois López havia implementado uma tática de evacuação de territórios ameaçados pelas forças aliadas, evitando assim que eles conseguissem alimentos ou recursos variados. E, de fato, a ideia do Mariscal deu certo, tendo os aliados sofrido com problemas logísticos e até mesmo a fome. No entanto, o presidente paraguaio esquecera-se de que a população de sua nação também sofreria com tal tática, ficando privada de acessar qualquer recurso, sem nenhum amparo do governo. Assim, a participação das mulheres paraguaias era essencial para a sobrevivência dos seus, substituindo então os homens, executando funções no plantio e na colheita, no trato com os animais e também fiando tecidos e criando vestimentas para os soldados (Doratioto, 2002, p. 404-405).

Desta forma, parte dos destacamentos militares paraguaios buscavam conseguir recursos, sobretudo o gado, mas sem muito sucesso, pois os aliados conseguiram os privar desse e vários outros víveres necessários, evitando com que os inimigos se alimentassem ou conseguissem se movimentar entre diversos pontos. Doratioto alega que destacamentos aliados foram enviados às vilas de Rosário, San Pedro e Villa Rica, tendo o restante do gado paraguaio sido arrebanhado por toda parte (Doratioto, 2002, p. 402).

Após a tomada da capital paraguaia, *A Vida Fluminense* divulgou duas gravuras da cidade, apresentando edifícios diferentes (Figura 286). A primeira mostra a estação de trem local, baseada em uma fotografia enviada por Homem de Mello. Nesta edificação, ficou aquartelado o 46º corpo de Voluntários da Pátria, comandado pelo coronel Francisco Lourenço. E, no prédio ao lado, “estava aquartelado o batalhão de engenheiros, comandado pelo coronel Alencastre”.

---

<sup>136</sup> Ver mais em: DOURADO, Maria Teresa Garritano. **A história esquecida da Guerra do Paraguai: fome, doenças e penalidades.** Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2010.



**Figura 286:** Paraguai. Estação central da estrada de ferro em Assunção, segundo uma fotografia que nos foi obsequiosamente oferecida pelo Exm. Sr. Dr. Homem de Mello. Na estação se achava aquartelado o 46º de voluntários, sob o comando do coronel Francisco Lourenço. No sobrado, à direita, estava aquartelado o batalhão de engenheiros, comandado pelo coronel Alencastre. *A Vida Fluminense*, 26 de junho de 1869, n. 78.

Depois, o periódico de Agostini também apresentou o imponente palácio presidencial de Francisco Solano López (Figura 8=287), embora desta vez, o periódico não tenha explicitado a origem da imagem. No entanto, é possível ver a fachada da construção, que também foi tomada pelos brasileiros.



**Figura 287:** Paraguai, palácio de Lopez, em Assunção. *A Vida Fluminense*, 17 de julho de 1869, n. 81.

Uma das primeiras batalhas conhecidas de sua campanha foi a Batalha de Campo Grande, conhecida no Paraguai como a *Batalla de los Niños*, ou a Batalha das Crianças. Este nome remete ao grande número de crianças mortas em batalha, muitas delas disfarçadas de adultos, com barbas postiças. O visconde de Taunay narra um de seus encontros com as crianças soldado, ocorrido em Piribebuy e também nas batalhas posteriores:

Oh! a guerra, sobretudo a guerra do Paraguai! Quanta criança de dez anos, e menos ainda, morta quer de bala, quer lanceada junto às trincheiras que percorri a cavalo, contendo a custo as lágrimas! E naqueles rostos infantis uma expressão estereotipada ou de muita calma ou então de terror e agonia, que cortava o coração; essa mais frequente, como se os pobres coitadinhos houvessem expirado, compreendendo bem o horror da morte, quando toda a natureza lhes sorria em torno! Faziam-se prisioneiros, no momento em que eu passava; e entre parênteses, ainda se matava, bem inutilmente, aliás, salvei um dos desgraçados, que iam ser degolados, e ele se agarrou a mim não me deixando mais, por sinal que, alta noite, por tê-lo feito dormir num couro no mesmo quarto que fui ocupar, raspei não pequeno susto (Taunay, 2008, p. 57-58).

Dionísio Cerqueira (1980, p. 317) também tratou de relatar a mesma triste situação vivida por Taunay, encontrando crianças em campo de batalha e em total estado de fragilidade, sendo este um dos vários horrores vividos nesta maldita guerra:

Em poucos instantes, as nossas forças galgavam as trincheiras, invadiam o terrapleno e investiram, aos bandos, contra os paraguaios que se retiravam em debandada, mas ainda pelejando. Fez-me frente, com uma lança, um rapazinho que parecia forte; aparei o golpe, respondi e passei adiante. Logo depôs, um soldadinho paraguaio, que não podia ter mais de doze anos, corna rodo ensanguentado, para o meu lado, acochado por um soldado nosso que o perseguia e já o ia alcançar, quando ele se abraçou comigo, implorando que o salvasse. Mal tive tempo de conter o seu perseguidor. Nesse momento, passava por mim, a trote largo, a distinto camarada capitão Pedra, que gritou:

— Mata.

— Não — disse eu — É um prisioneiro, uma pobre criança e hei de defendê-lo.

— Queres brigar por um paraguaio.

— Por que não? É meu dever e farias o mesmo.

Dizia a verdade. O Pedra era digno oficial e incapaz de matar um prisioneiro. Esporeou o cavalo e seguiu a galope.

Conduzi o pobrezinho até a guarda dos prisioneiros. Na praça principal, junto à porta da igreja, estava uma mulher moça e formosa, apesar da palidez cadavérica, com um filhinho morto ao lado. Ambos tinham sido varados pela mesma bala.

Estes relatos mostram que alguns soldados brasileiros ainda tiveram compaixão, embora isso não freasse a matança no campo de batalha. É também perceptível a falta de controle psicológico no relato de Cerqueira ao falar do capitão Pedra que, tomado por um

sentimento de ódio, ameaçou matar a criança prisioneira, talvez como forma de sentir a vida de seus companheiros caídos sendo vingada. Neste mesmo relato, percebemos a dor de uma mãe com seu filho morto no colo, sendo ambos varados pela mesma bala, tal como uma *Pietà* à beira da morte. E mesmo assim, com o Paraguai em frangalhos, a guerra seguia, pois López ainda não havia sido capturado, sendo esta uma obsessão de D. Pedro II, conseqüentemente comandada pelo conde d’Eu.

Muito se questionava sobre o fim da guerra e, em 15 de agosto de 1869, o Moleque indaga ao Dr. Semana se a guerra não terá o tão aguardado fim (Figura 288). O doutor o responde: “Não há bem que sempre dure, nem mal que não acabe”, dando a entender que em algum momento o conflito acabaria. Indignado, o Moleque trata de observar que o dinheiro para a guerra já tinha acabado, levando o Brasil a adquirir dívidas cada vez maiores, a saída de um dos generais do *front*, dentre outros problemas, levantando mais dúvidas do que certezas.

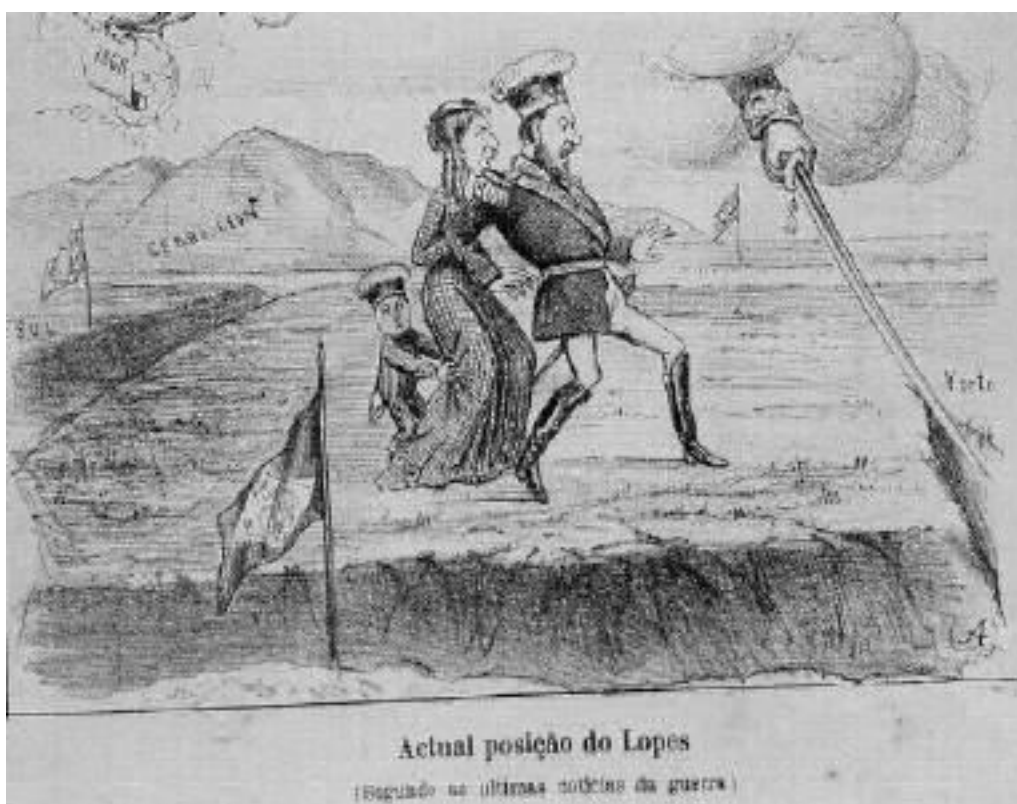


MOLEQUE: — Nhonhô, esta guerra não tem fim?  
 DR. SEMANA: — Não há bem que sempre dure, nem mal que não acabe.  
 MOLEQUE: — Mas Nhonhô, o dinheiro acabou-se, o financeiro quebrou, o general retirou-se, e o diplomata espichou-se...  
 DR. SEMANA: — Nesta terra ninguém quebra, ninguém se retira (volta um pouco apressado) e ninguém se espicha; há para todos uma reabilitação possível.  
 MOLEQUE: — Isto não acaba sem o nosso concurso.  
 Alguns cantos da la patrie  
 Le jour de gloire est arrivé.

**Figura 288:** Moleque: - Nhonhô, esta guerra não tem fim? Dr. Semana: - Não há bem que sempre dure, nem mal que não acabe. Moleque: - Mas Nhonhô, o dinheiro acabou-se, o financeiro quebrou, o general retirou-se, e o diplomata espichou-se... Dr. Semana: Nesta terra ninguém quebra, ninguém se retira (volta um pouco apressado) e ninguém se espicha; há para todos uma reabilitação possível. Moleque: - Isto não acaba sem o nosso concurso. *Allons enfants de la patrie. Le jour de gloire est arrivé* (trecho da Marselhesa). **Semana Illustrada**, 15 de agosto de 1869, n. 453.

O fim da guerra era citado, mas não por acaso. Dias depois, a capa d’*A Vida Fluminense* colocava Solano López, sua esposa e filho cercados por uma mão e uma

espada, que cortavam a terra ao redor dos três personagens, sendo esta charge uma forma de explicitar que López estava praticamente cercado, tendo a região de Cerro-Leon ao fundo (Figura 289). Essas gravuras, juntamente com as notícias veiculadas, traziam grande animosidade ao povo da Corte, que já estava exausto de tantos anos de guerra, vendo o Império se endividar cada vez mais, ao passo em que o conflito parecia não acabar nunca, mesmo com López cada vez mais cercado pelos brasileiros. Afinal, se alguns foram levados a crer que a guerra acabaria rápido, por qual motivo acreditariam em um possível fim cinco ou seis anos depois? A desconfiança da população era totalmente válida.



**Figura 289:** Atual posição do Lopes (segundo as últimas notícias da guerra). *A Vida Fluminense*, 28 de agosto de 1869, n. 87.

No dia 5 de setembro de 1869, a *Semana Illustrada* coloca o conde d'Eu em posição altiva no comando das forças aliadas nas batalhas de Pirebebuy e Caraguatay (Figura 290). Centralizado, tendo o avanço do exército como pano de fundo, o príncipe está virado para o espectador, ao passo em que sua espada aponta para frente, indicando a direção que deve ser tomada por seus comandados. Ironicamente, nesta gravura e até mesmo nos relatos dos periódicos, não se aborda a questão das crianças, mulheres e idosos mortos nestes conflitos.



O PRINCEPE CONDE D'EU  
comandando os exercitos aliados nas batalhas de Pirebebuy e Caraguatay.

**Figura 290:** O príncipe conde d'Eu comandando os exércitos aliados nas batalhas de Pirebebuy e Caraguatay. *Semana Ilustrada*, 5 de setembro de 1869, n. 456.

E com esse objetivo, o conde d'Eu pôs-se a marchar para o interior paraguaio, tendo este conflito ocorrido em 16 de agosto de 1869. As crianças foram utilizadas nesta batalha com o objetivo de atrasar as forças aliadas, possibilitando que Solano López pudesse se locomover para o interior do país, chegando a Cerro Corá, onde o *mariscal* estabeleceu acampamento em 8 de fevereiro de 1870 (Maestri, 2014, p. 355).

Nesta batalha, a proporção era de 5 soldados aliados para 1 paraguaio. O marechal Solano López enviou para a batalha 500 veteranos e 3.500 crianças usando barbas faldas, além de idosos que não tinham capacidade para segurar um rifle ou um fuzil. Também foram para o conflito as mães das crianças. Desta maneira, os 20.000 soldados aliados atacaram os paraguaios pensando que enfrentariam um exército profissional. Contudo, ao perceber se tratar de um exército formado por crianças, mulheres e idosos, o massacre já estava feito (Doratioto, 2002, p. 402-419). Esse tipo de atitude possivelmente aumentou o sentimento de ódio dos soldados brasileiros que presenciaram o ocorrido.

Uma das testemunhas oculares do conflito foi o já citado visconde de Taunay, que descreveu em suas memórias e no Diário do Exército a situação em que muitas crianças

lutaram e, quando vencidas, esperavam apenas pelo golpe das espadas (Taunay, 1926, p. 195-203). Uma das representações mais famosas sobre esta batalha, feita pelo pintor Pedro Américo<sup>137</sup>, tratou de ignorar tal massacre, por saber que comprometeria a honra e o heroísmo dos soldados brasileiros, sendo este um artifício comum da pintura histórica. O visconde de Taunay relatou mais detalhadamente alguns pontos do conflito, como a miséria latente e o estado cujo Solano López havia deixado o povo paraguaio:

(...), a batalha do Campo Grande como bom general tático, digno da confiança atendendo a tempo e hora a todas as peripécias da ação, que foi longa e bastante renhida. Do seguinte modo se travou aquela batalha: Às 6 horas e um quarto da manhã começamos a marcha encontrando de um lado e doutro da picada, um tanto estreita em que se metera o exército, inúmeras mulheres e crianças, no mais completo, ou antes, pavoroso estado de miséria, magreza e nudez. Todas nos saudavam com indiferença ou melancólica alegria, como que desenganadas de poderem ver o termo das imensas desgraças que, de há cinco anos, as acabrunhavam. Achava eu muita graça na invariável resposta que davam à pergunta: “Como vão?” “*Sin novedad, señores!*” elas, pobrezinhas! Que tinham vivido e ainda viviam no meio das maiores e mais horrorosas novidades da guerra! (Taunay, 1926, p. 195-203)

Já Dionísio Cerqueira (1980, p. 329) alega em suas *Reminiscências* os sentimentos dos soldados brasileiros ao ver as crianças lutando: “Que luta terrível aquela entre a piedade cristã e o dever militar! Os nossos soldados diziam que não dava gosto a gente brigar com tanta criança”. O exército encontrava-se perdido ante a tantos acontecimentos, mas os longos anos de conflito e o desejo de findar a guerra provavelmente falaram mais alto.

Conde d’Eu foi conhecido também por ter cometido diversos crimes de guerra durante o final da campanha. O comandante brasileiro chegou a ordenar que cadáveres com cólera fossem despejados no rio Paraná e, além disso, contaminava prisioneiros paraguaios com a bactéria da varíola e, em sequência, os enviava para contagiar os inimigos. Em casos extremos, o conde ordenava que soldados brasileiros contaminados fossem capturados pelas tropas paraguaias, com o intuito de proliferar essas doenças. Contudo, como já citado acima, na Batalha de Campo Grande, ordenou a seus homens que matassem crianças de 6 a 14 anos que lutaram e, quando as mães fossem recolher os corpos, deu ordens para que a área fosse incendiada (Batista, 2008). Contudo, faz-se interessante de se perceber este aspecto como algo “não-dito” pela imprensa e arte

---

<sup>137</sup> Pedro Américo. **Batalha de Campo Grande**, 1871. Óleo s/ tela, 332 x 530 cm. Museu Imperial de Petrópolis.

brasileira, que jamais tratou de divulgar tais crimes, sendo esta uma forma de não remover dos soldados os louros da vitória.

Em uma das gravuras veiculadas pela *Semana Illustrada*, somos apresentados ao Estado-Maior de conde d'Eu, posando na vila do Rosário em 13 de janeiro de 1870. Contudo, o desenho não apresenta uma legenda com a identificação dos personagens. Esta informação só foi encontrada em uma fotografia presente no Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora, que serviu como base não só para a produção da *Semana Illustrada*, mas também para uma gravura veiculada no periódico francês *L'Illustration*. Este tipo de transferência cultural de informações, gravuras e periódicos ultramar era cada vez mais comum, não sendo este um caso isolado. Contudo, para não perdermos o foco, utilizamos deste exemplo para apresentar não só essas transferências, mas também as próprias referências das gravuras produzidas, algo aprofundado por Joaquim Marçal Ferreira de Andrade<sup>138</sup>.

Ao redor da fotografia, é possível perceber o nome de todos os personagens que estão na imagem, bem como outros pontos relevantes, anotados diretamente no suporte de papel que recebe a fotografia:

Registro escrito no suporte da fotografia: “Vista fotográfica tirada na Villa do Rosário, em 13 de janeiro de 1870 – representando S. Alteza o Conde D’Eu e alguns oficiais do seu Estado-Maior, menos os números 6, 7 e 8. A Alteza e os números 2, 3, 4 e 8 acabavam de chegar de viagem; estão por isso sem distintivos militares.

1. Major Hilario Mariano da Silva, Mordomo de S. Alteza
2. Capitão Mayer, da Comissão de Engenheiros
3. Capitão Benedicto de Almeida Torres, ajudante d’ordens e secretário particular.
4. Capitão de mar e guerra João Mendes Salgado, Secretário Naval
5. Cirurgião d’ Esquadra de Comissão, Dr. João Ribeiro de Almeida, médico de Sua Alteza
6. Tenente Carlos de Andrade Neves, ajudante de campo
7. Sua Alteza o Senhor Conde d’Eu
8. Tenente Coronel João de Macedo Pimentel, ajudante d’ Orleans
9. Capitão Gama Costa, ajudante de Ordens
10. Tenente Fausto de Lima, ajudante de ordens
11. Conselheiro Dr. Bonifácio de Abaeje, cirurgião mor do Exército Interino
12. Capitão Argolo
13. Tenente Coronel Milciades de Azevedo Pedro, Membro da Junta de Justiça Militar

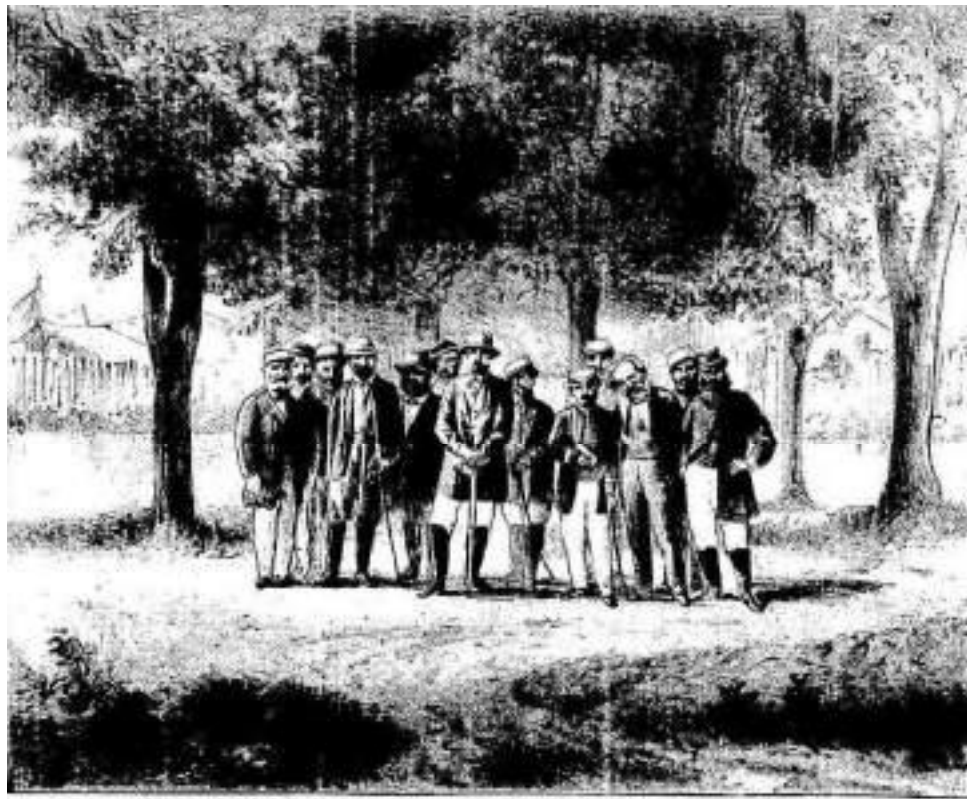
Através destes exemplos, é possível conjecturar como as informações circulavam naquele momento, sendo a fotografia uma base para a criação das respectivas gravuras,

---

<sup>138</sup> Ver mais em: ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **A Semana Illustrada e a guerra contra o Paraguai**: primórdios da fotorreportagem no Brasil. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2011.



que apresentam panos de fundos diferentes, mas conservam a ideia destes homens se encontrarem em meio ao mato, em um lugar rústico, sendo esta ideia mais bem explorada nas gravuras do que na fotografia (Figuras 291, 292 e 293).



SUA ALTEZA O SR. GASTON D'ORLEANS, CONDE D'EU  
E O SEU ESTADO-MAIOR  
Na villa do Rosario (Paraguay) em 13 de Janeiro de 1870.

**Figura 291:** Sua alteza o Sr. Gaston d'Orleans, conde d'Eu e o seu estado-maior na vila do Rosário (Paraguai) em 13 de janeiro de 1870. *Semana Illustrada*, 27 de fevereiro de 1870, n. 481.



**Figura 292:** Sua Alteza o Sr. Gaston D'Orleans, Conde D'Eu, e o seu estado-maior na Villa do Rosário (Paraguai), em 13 de janeiro de 1870. *L'Illustration: journal universel*, 4 de junho de 1870, Vol. LV, nº 1.423.



**Figura 293:** Conde D'Eu e oficiais do Estado na Vila do Rosário. 13 de janeiro de 1870. Carlos César/Trebbi/Meyerhoff. Fotografia em preto e branco, 15,7 cm x 11,8 cm. Museu Mariano Procópio.

Na próxima batalha, conhecida como a Batalha de Cerro Corá, Solano López estava celebrando no dia 1º março de 1870 o casamento de sua filha Rosita com o coronel Juan Crisóstomo Centurion. Contudo, as tropas brasileiras acharam o exército inimigo na região fronteira com o Brasil, que fica ao norte do Paraguai, colocando em combate 2600 brasileiros, que estavam bem armados, contra apenas 409 paraguaios (Mendoza, 2010). Tomando ciência do ataque, o marechal López solicita a sua esposa e filhos, para que fossem ao quartel general. Ele, seu filho Panchito e outras pessoas foram em direção ao rio Aquidabán, buscando fugir do conflito (Mendoza, 2010).

Com a situação do conflito se agravando cada vez mais para o marechal paraguaio, *A Vida Fluminense* veiculava em sua capa uma gravura abordando o atual palácio de López (Figura 294). E, como é possível de se perceber, o líder supremo paraguaio, sua esposa e filho encontram-se pendurados entre galhos de árvores, demonstrando assim que a cada dia que a guerra seguia, Solano López ficava cada vez mais encurralado.



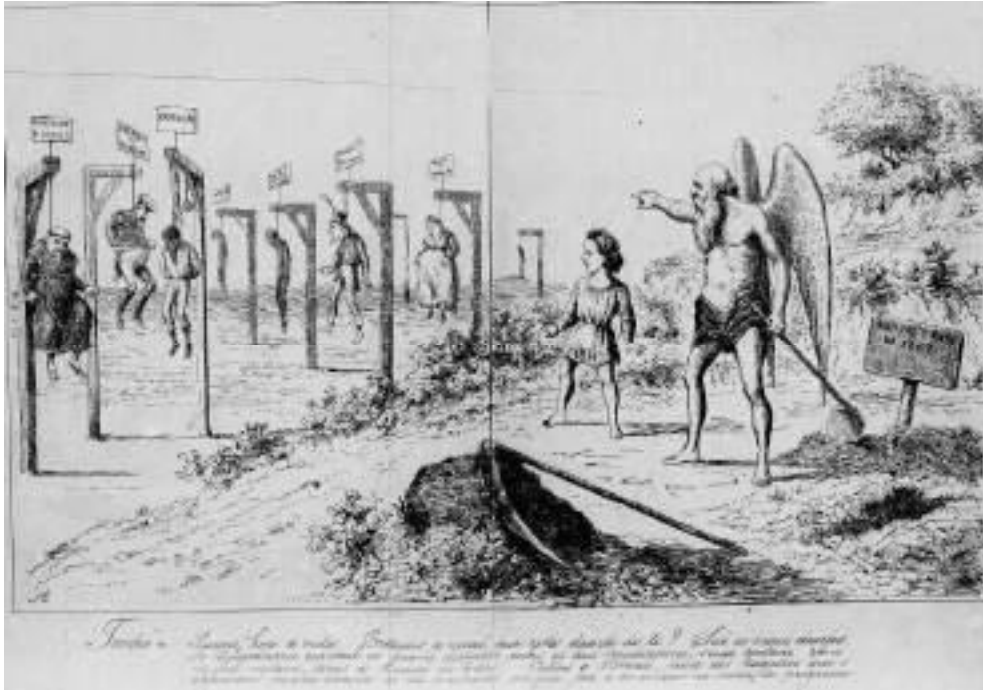
**Figura 294:** O atual palácio del Supremo Lopes nas cordilheiras. *A Vida Fluminense*, 13 de novembro de 1869, n. 98.

No primeiro número de 1870<sup>139</sup>, *A Vida Fluminense* apresentava em sua capa os desejos para o ano que se iniciaria (Figura 295). Nela, uma alegoria do tempo mostra para a criança, que representa 1870, os desejos que ele tem para ela, ao mesmo tempo que acaba de enterrar o ano anterior. O velho alado diz para o ano que se inicia que

se diligenciares cumpri-los, ficarás distinto, entre os teus predecessores, serás contado como época notável, terás a benção de todos. Então o Brasil, livre dos flagelos que o oprimem poderá levantar-se da prostração em que jaz e caminhar na senda do progresso.

A ideia é que o ano consiga atender os desejos do velho, que aponta para diversos corpos pendurados enforcados, sendo cada um deles detalhados por placas. Portanto, alguns dos desejos dos editores do periódico tratam de ver o fim de problemas como a escravidão, a guerra contra o Paraguai, abusos da Câmara Municipal, fanatismo religioso, sendo esta uma pauta pouco abordada por Agostini em suas produções na cidade do Rio de Janeiro, dentre outros anseios. E, de fato, 1870 foi o ano onde aconteceria o fim da guerra, como desejavam.

<sup>139</sup> *A Vida Fluminense*, 1 de janeiro de 1870, n. 105.



**Figura 295:** Tempo: Surges hoje a vida. Entendes a visão, que está diante de ti? São os meus desejos. Se diligenciarees cumpri-los, ficarás distinto, entre os teus predecessores, serás contado como época notável, terás a benção de todos. Então o Brasil, livre dos flagelos que o oprimem poderá levantar-se da prostração em que jaz e caminhar na senda do progresso. **A Vida Fluminense**, 1 de janeiro de 1870, n. 105.

Enquanto isso, *A Vida Fluminense* tratava de zombar das forças aliadas que demonstravam pouca efetividade na perseguição a Solano López. E, para ilustrar a situação (Figura 296), mostra soldados brasileiros descansando em baixo da copa de uma árvore, estando envoltos por teias de aranha, dando a entender que a situação no *front* era de total inércia, algo que atrasava cada vez mais o prosseguimento do fim da peleja contra os paraguaios e a possível captura de López. Contudo, as forças aliadas estavam em busca do líder paraguaio, encontrando dificuldades ao procura-lo em território totalmente desconhecido.



**Figura 296:** Paraguai. Nossos soldados continuam a perseguir tenazmente Lopes e seu destruído exército (extraído de todas as partes oficiais todos os telegramas e todos os jornais). *A Vida Fluminense*, 29 de janeiro de 1870, n. 109.

E, no mesmo número, o periódico de Agostini apresentava uma gravura com diversos prisioneiros paraguaios chegando ao acampamento do exército brasileiro. Na narrativa, dois soldados brasileiros repousando em uma tenda, comentam a cena, onde Agostini aproveita para zombar dos números inflados apresentados pela imprensa carioca:

- A este respeito dirão os jornais lá na corte: passaram-se mais cinco mil famílias.
- A contar-se os paraguaios que dizem terem morrido em nossos combates, e aqueles que se passaram para nossas fileiras até hoje, é de se supor que vai em perto de 10 milhões, e que não deve haver um só paraguaio com o Lopes.

E, ainda sobre a inércia dos militares em território inimigo, *A Vida Fluminense* mostra que até mesmo os soldados estão confusos com sua presença na região, acreditando que a Tríplice Aliança espera que, assim como vários paraguaios que se renderam ou foram capturados, Solano López faça o mesmo (Figura 297). E é óbvio, como o próprio marechal paraguaio alegou em outros momentos, ele jamais se renderia. E, assim, a guerra seguia.



**Figura 297:** O que dizem nossos soldados no Paraguai. – Lá vem mais cinco ou seis prisioneiros. – A este respeito dirão os jornais lá na corte: passaram-se mais cinco mil famílias. – A contar-se os paraguaios que dizem terem morrido em nossos combates, e aqueles que se passaram para nossas fileiras até hoje, é de se supor que vai em perto de 10 milhões, e que não deve haver um só paraguaio com o Lopes. – Mas então, o que diabo estamos fazendo aqui? – Esperamos que seguindo o exemplo de seu povo, o Lopes se passe para nosso exército. **A Vida Fluminense**, 29 de janeiro de 1870, n. 109.

Porém, poucos dias depois das diversas queixas d'*A Vida Fluminense*, chegava ali o fim da vida do presidente paraguaio, que se recusou a se render. Contudo, não há uma exatidão de como a morte do marechal ocorreu. Alguns relatos tratam do golpe de lança dado pelo cabo José Francisco Lacerda, conhecido como Chico Diabo, além de um golpe na altura da testa. Em outros, há também a questão de que López havia sido vitimado por um tiro advindo de algum soldado brasileiro não identificado (Pimentel, 1978, p. 172).

A gravura abaixo (Figura 298) foi veiculada nas páginas da *Semana Illustrada* para ilustrar o feito de Chico Diabo, baseado em um dos relatos da morte de Solano López. Percebe-se que o golpe fora dado de cima pra baixo, como narrado, mas a gravura busca mostrar ambos centralizados entre o conflito de brasileiros e paraguaios, com características similares as observadas nas pinturas históricas, embora com muito menos qualidade técnica em seus traços.





CHICO DIABO  
atravessando com uma lança o monstro mais bárbaro e hediondo, que tem visto o mundo – o execrando Francisco Solano Lopez, destruidor de sua própria pátria.  
Presidente Solano Lopez, destruidor de sua própria pátria.

**Figura 298:** Chico Diabo atravessando com uma lança o monstro mais bárbaro e hediondo, que tem visto o mundo – o execrando Francisco Solano Lopez, destruidor de sua própria pátria! *Semana Illustrada*, 27 de março de 1870, n. 485.

Em 10 de abril de 1870, a *Semana Illustrada*, ainda homenageando o feito de Chico Diabo, o coloca frente-a-frente com o próprio Diabo, que o agradece pelo feito (Figura 299). Ironicamente, o Brasil naquele período era um país completamente católico, sendo esta inclusive a religião oficial e, graças ao apelido do soldado responsável pela lançada em Solano López, que se tornou o grande marco do fim da guerra, sendo mais uma construção de um herói do que de fato um feito de heroísmo, o incomum apelido estava constantemente sendo citado na imprensa e, muito provavelmente, nos círculos sociais de todo o país. Desta forma, o agradecimento do próprio Diabo foi uma forma de simbolizar a antítese do ser na cultura católica, sobretudo por ter o Chico dado cabo do presidente paraguaio.



**Figura 299:** O Diabo ajuda os seus. – Meu Chico devo-te a reanimação, devo-te a vida... não sei como te hei de recompensar... *Semana Illustrada*, 10 de abril de 1870, n. 487.

Contudo, o coronel Silva Tavares solicitou um laudo médico para atestar quais foram os ferimentos sofridos por López. Desta forma, os cirurgiões Costa Lobo e Barbosa Lisboa foram os responsáveis pela tarefa, dando o resultado no dia 25 de março de 1870 (Câmara, 1970, p. 427), apresentando três feridas: uma na região frontal, de cerca de 7 centímetros, provavelmente feita com um golpe de acha; outro ferimento de 4 centímetro, possivelmente ocasionado por uma lança, dirigido de maneira oblíqua, de baixo pra cima, sendo fatal para López, comprometendo a bexiga, intestino e o peritônio; por fim, um ferimento de fuzil na dorsal, mas que ficou alojado na caixa torácica (Câmara, 1970, p.444; Fragoso, 1860, p. 184). Desta maneira, as versões se complementam, embora a origem do tiro ainda seja incerta.

Câmara, que também havia pedido um laudo para saber sobre os ferimentos de López, omitiu o tiro de seus registros. Mário Maestri (1870, p. 354-387), em seu artigo *Quem matou o mariscal?*, traz o relato de Silva Tavares:

Então o general (Câmara) apeou-se, entrou no mato, e não muito longe encontrou López recostado sobre o barranco do rio, com parte do corpo metido n'água, com a espada na mão atravessada sobre a cabeça, segurando a ponta da espada com a mão esquerda.

Ou seja, Silva Tavares crê que o marechal foi chamado a se render, respondendo: “Morro por minha pátria e com a espada na mão”. E, ao estar sendo desarmado, recebeu um tiro de fuzil, omitindo quem o disparara (Pimentel, 1978, p. 172). Tal versão é também defendida pelo visconde de Taunay, que explica que no instante em que o líder paraguaio estava sendo desarmado, um cavaleiro veio velozmente e descarregou-lhe um tiro à



queima-roupa, que provavelmente teria atingido o coração do *Mariscal* (Taunay, 1921, p. 143).

Após a morte de Solano López, o exército inimigo se dividiu, sendo que uma parte decidiu se render aos brasileiros na região de Panadero, no dia 4 de março de 1870, sendo duramente massacrados; a outra parte foi em busca de mantimentos e gado, mas alcançados pelos aliados próximos ao rio Apa, em 9 de março do mesmo ano (Doratioto, 2002, p. 218).

José Antônio Correia da Câmara, o segundo visconde de Pelotas, foi ferido durante o embate que levou López a morte. Herói da guerra, esteve presente na retomada de Uruguaiana, além de ter participado de algumas das batalhas mais importantes do conflito, como as de Curupaiti, Curuzu, Avaí e Campo Grande.

Ao lograr êxito na batalha de Avaí, foi promovido a brigadeiro. Posteriormente, suas tropas foram responsáveis pelo assalto final da guerra, em Cerro Corá, que culminou na morte do presidente paraguaio. O visconde de Pelotas foi também o responsável por bradar a ordem de rendição para López. E no final da guerra, foi promovido a marechal, além de ser agraciado com o título de visconde de Pelotas (Fertig, 2019). Por conta de toda sua trajetória e o ferimento sofrido, o visconde fora homenageado pela *Semana Ilustrada*, com uma gravura o exaltando (Figura 300).



O MARECHAL DE CAMPO  
JOSE ANTONIO CORRÊA DA CAMARA  
Visconde de Pelotas

Sob tujo comando feriu-se a última batalha, em que foi morto o tyrano FRANCISCO SOLANO LÓPEZ.

**Figura 300:** O marechal de campo José Antonio Corrêa da Camara, Visconde de Pelotas, sob cujo comando feriu-se a última batalha, em que foi morto o tirano Francisco Solano Lopez. *Semana Ilustrada*, 27 de março de 1870, n. 485.

Com a morte de Solano López e o fim do conflito, Marte, deus da guerra na mitologia romana e Belona, também deusa da guerra romana, mas com ênfase na fúria e na carnificina das batalhas, são apresentados pela *Vida Fluminense*, se despedindo do Paraguai (Figura 301). Agostini aproveita para fazer troça com a situação, colocando os dois a conversar, pensando que iriam ficar ali por tanto tempo, que morreriam de velhice. Belona aproveita para soltar um último foguete, artifício que estava sendo muito usado na Corte para comemorar o êxito brasileiro.



**Figura 301:** Marte e Bellona ao deixarem o Paraguai. – Irra! Depois de uma vida gloriosa durante milhares de anos, estávamos arriscados a morrer aqui de velhice. – Antes de deixarmos o terreno de nossas proezas, será bom atacar este foguetinho em sinal de regozijo. – É ato político, e que muito agradará ao Brasil onde o foguete goza da maior consideração. *A Vida Fluminense*, 21 de maio de 1870, n. 125.

## 2.16. O regresso dos soldados ao Brasil

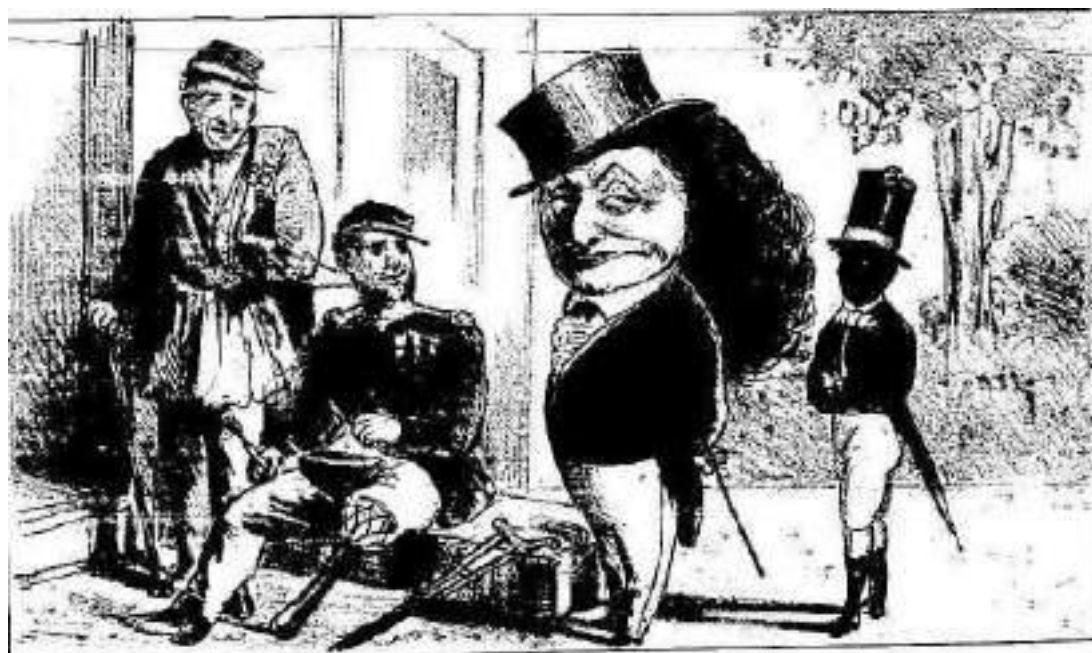
Em março de 1870 finalmente chegava ao fim o conflito contra o Paraguai. Durando cerca de cinco anos, a guerra teve sua conclusão bélica no dia 1º de março, quando o líder paraguaio foi morto em Cerro Corá. Mas, antes deste acontecimento,

alguns anúncios sobre o regresso dos soldados já haviam sido feitos pela imprensa de diversas províncias, mas sem de fato terem se concluído (Rodrigues, 2001, p. 123).

Agora, boa parte dos soldados poderia finalmente retornar ao Brasil. Afinal de contas, após um ano e meio de guerra, o Império havia assumido boa parte do custo humano e material da guerra, além de fomentar o recrutamento forçado, utilizando-se também de escravos para preencher as fileiras.

Portanto, era chegada a hora do regresso, e as diversas províncias se preparavam para receber os batalhões e seus heróis, responsáveis pelo êxito brasileiro ante o inimigo paraguaio. E as famílias, a sociedade em geral e o próprio governo, demonstravam, de certa forma, a ânsia de ter de volta seus filhos. Embora exista certa romantização neste regresso, é importante ressaltar que muitos voltaram combalidos e até mesmo aleijados, trazendo consigo as cicatrizes da guerra.

No entanto, alguns inválidos já haviam voltado do teatro de operações, sendo eles pouco retratados pela imprensa. Contudo, a *Semana Illustrada* trouxe um exemplo em sua capa (Figura 302). Em conversa com o Dr. Semana e o Moleque, os inválidos dizem que os 400 réis recebidos são suficientes, algo que os dois personagens não acreditam. Desta forma, eles acrescentam: “Temos casa de graça, o feijão também não é caro... pode-se até economizar ainda”. Diante da situação, que não é favorável aos soldados, o Dr. Semana comenta ao Moleque: “estes pobres infelizes são mais felizes, do que muitos ricos”, e, prontamente o menino responde: “Nhonhô, quer trocar com eles?”, dando o tom crítico da cena, que mostra o descaso com os soldados inválidos.



... É como lhe disse, 400 réis diários; é pouco?  
 Dr. Semana — Mas esta quantia chega para o necessário?  
 ... Oh! Se chega! Temos casa de graça, o feijão também não é caro... pode-se até economizar ainda.  
 Dr. Semana — Olha, Moleque, estes pobres infelizes são mais felizes, do que muitos ricos.  
 Moleque — Nhonhô quer trocar com eles?

**Figura 302:** ... É como lhe disse, 400 réis diários; é pouco? Dr. Semana – Mas esta quantia chega para o necessário? ... Oh! Se chega! Temos casa de graça, o feijão também não é caro... pode-se até economizar ainda. Dr. Semana – Olha, Moleque, estes pobres infelizes são mais felizes, do que muitos ricos. Moleque – Nhonhô quer trocar com eles? **Semana Illustrada**, 7 de março de 1869, n. 430.

E esse regresso foi amplamente coberto pela imprensa. *A Vida Fluminense* e a *Semana Illustrada* focaram-se em analisar as celebrações dos homens da guerra ao chegarem no Rio de Janeiro, sendo recebidos com festa e alegria pela população local. Afinal de contas, uma guerra cujo os populares imaginariam durar poucos anos, teve fim apenas em seu sexto ano, sendo motivo suficiente para comemorar. No entanto, muitos dos que foram ao conflito não voltaram, deixando para trás esposas, mães, filhos, amigos e familiares. Porém, esse tema praticamente não foi abordado. Afinal de contas, ambos os periódicos estavam mais preocupados em celebrar o fim da peleja.

Contudo, antes do final da guerra, *A Vida Fluminense* estava se queixando de uma informação que circulava na Corte<sup>140</sup>, através de uma nota no *Jornal do Commercio*. No dia 29 de janeiro de 1870, o periódico de Angelo Agostini falava da possibilidade do transporte de guerra *Leopoldina* sair de Assunção, trazendo contingentes de soldados de volta para o Brasil, tendo a capital da Corte, o Rio de Janeiro, iniciado os preparativos para recebe-los. Contudo, a própria matéria mostra que tal anúncio ainda era uma falácia criada pelo Sr. Itaborahy. Portanto, os guardas nacionais que retornaram ao Brasil tiveram

<sup>140</sup> *A Vida Fluminense*, 29 de janeiro de 1870, n. 109.

suas licenças cassadas por terem contraído febre amarela, tendo apenas eles a permissão de desembarcar na Corte. Ou seja, a imprensa naquele período acabava por contar histórias pela metade, confundindo em diversas ocasiões a opinião pública.

E, de formar extremamente crítica, o redator desta edição faz questão em apontar o erro do *Jornal do Commercio* e, além disso, explicar que achava imprudente chamar os guardas de volta para a pátria, sobretudo após “conseguirem escapar às epidemias, ao ferro inimigo e... à estratégia de alguns chefes de cá e de lá”, criticando também os erros de alguns militares da Tríplice Aliança ao lidar com seus homens, o que, de fato, custou a vida de diversos soldados.

E, praticamente um mês depois, foi a vez da *Semana Illustrada* comentar a recepção dos Voluntários da Pátria, que chegavam ao Rio de Janeiro no dia 23 de fevereiro de 1870<sup>141</sup>. Porém, a diferença na abordagem é bem diferente da folha de Agostini. Aqui, Fleiuss e seus companheiros tratam a questão de uma maneira muito mais gloriosa, enfatizando que o acontecimento “durará ainda muito tempo na memória deste povo aquela noite de entusiasmo e de glória”. No relato, o editor tratava a ocasião como algo grandioso, em que todos estavam vestindo seus trajes de gala, enchendo as ruas da cidade, repletas de bandeiras nacionais. Todos estavam ali para prestigiar o retorno dos homens que deram ao Brasil o caminho da vitória, sendo este “o primeiro punhado de heróis que voltava a seu país”.

E, durante a recepção, “agitavam-se lenços, choviam flores, retumbavam gritos e vivas aos bravos”, que parabenizavam aos homens que conseguiram regressar do maior conflito da história brasileira até então. Também foram enfatizados os estrangeiros que aqui residiam, tais como Henrique Fleiuss e Angelo Agostini, que se tornaram companheiros dos infortúnios vividos pelos brasileiros, que saudaram juntos o retorno dos voluntários. Por fim a nota é concluída reforçando as boas-vindas aos Voluntários da Pátria, que estampariam os jornais dos próximos dias.

No mesmo dia 23 de fevereiro, juntamente com celebração da chegada dos primeiros Voluntários da Pátria, Jesuino Lamego Costa, conselheiro de guerra e chefe de esquadra, mandou construir um arco triunfal para receber os homens que retornavam do *front*. A construção foi erguida ao lado do Arsenal da Marinha, tendo os seguintes dizeres: “Viva o Imperador do Brasil. A pátria agradecida. As falanges vencedoras”. E, na gravura (Figura 303) veiculada no dia 6 de março do mesmo ano, é possível perceber os soldados

---

<sup>141</sup> *Semana Illustrada*, 27 de fevereiro de 1870, n. 481.

perfilados abaixo do arco, sendo saudados pela população, que se amontoava para receber os heróis da guerra.



**Figura 303:** Arco Triunfal mandado erguer no arsenal da marinha da corte pelo Sr. conselheiro de guerra, chefe de esquadra Jesuino Lamego Costa, para recepção heroica da primeira brigada de Voluntários da Pátria, no dia 23 de fevereiro. *Semana Illustrada*, 6 de março de 1870, n. 482.

No dia 20 de março de 1870, finalmente é anunciado o final do conflito nas páginas dos periódicos da corte. A *Semana Illustrada* diz: “Brasileiros! Hosana! Hosana ao Deus dos exércitos!”, demonstrando a felicidade de ver finalmente a pátria livre de uma guerra que parecia inicialmente não durar os cinco anos que durou<sup>142</sup>. No anúncio, tratou de saudar a figura do Imperador, “cuja tenacidade, perseverança e robusta fé na santidade da causa que defendia, realizou o símbolo do Varão forte, que impávido veria despedaçar-se o mundo, sem demover-se do seu firme propósito”. Contudo, ignoram o fato de que o próprio D. Pedro II foi o responsável pela continuidade da guerra, levando à risca o Tratado da Tríplice Aliança, que enfatizava a captura ou rendição de Solano López, motivo pelo qual o confronto perdurou ainda mais, custando a vida de diversos brasileiros.

Seguindo a comemoração, o editor relembra do grito bradado de “Delenda Paraguai!”, que agora se tornaria “Deleta Paraguai”, demonstrando a satisfação de ver a

<sup>142</sup> *Semana Illustrada*, 20 de março de 1870, n. 484.

guerra acabar, algo compartilhado massivamente pela população da Corte, que viria a receber milhares de soldados nos dias seguintes, vivendo um período de constantes festividades. Por fim, a nota comemora a conclusão, citando a frase de D. Pedro II, que diz: “Fiquem certos de que a guerra se acha felizmente concluída!”.

*A Vida Fluminense* também fez questão de apresentar uma gravura bem detalhada sobre a chegada dos Voluntários da Pátria na tarde do dia 23 de fevereiro de 1870 (Figura 304). No entanto, o belíssimo desenho só circulou na edição do dia 26 de março do mesmo ano. Ou seja, mais de um mês após o ocorrido. No entanto, a ausência do tema foi explicada logo nas suas primeiras páginas, em que o editor foi acometido pela “epidemia da moda”, não identificada no texto em que, inclusive, o próprio escritor tira o foco de si, não sendo este o espaço. Contudo, achava justo explicar aos leitores sobre a sua ausência por três semanas.

Assim, o redator explica que “todos já sabem de cor a história da chegada, desembarque e recepção feita aos dois contingentes de Voluntários que primeiro regressaram ao torrão natal”, sendo tal fato já bem explorado pela imprensa, que descreveram de diversas formas o ocorrido, além de reproduzir poesias e discursos citados.

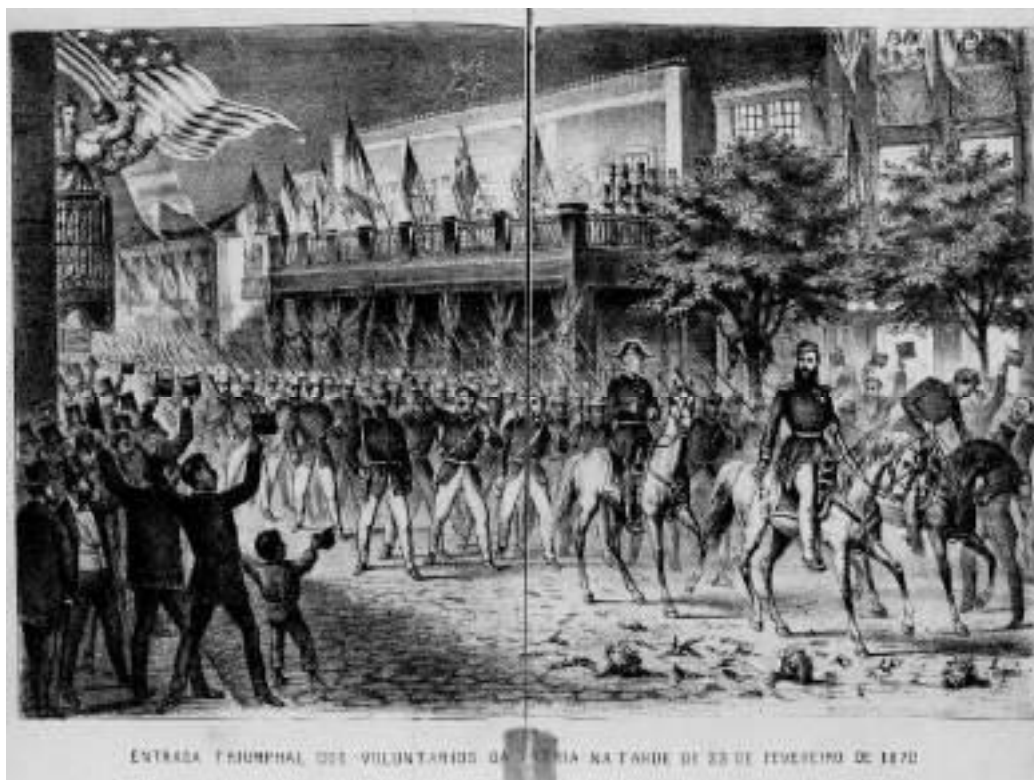
Na ocasião, aproveitou o evento para tecer críticas ao *Jornal do Commercio*, “o verdadeiro farol do progresso... de secos e molhados”, cujo o seu primeiro redator,

diverte-se a ir nas horas mortas da noite, com o rosto disfarçado por uma máscara (...) escrever também alguns libelos difamatórios no corpo deste Pasquino, que se intitula *Publicações a pedido*, como se todos não soubessem que são pagas à boca do cofre, o *Jornal do Commercio*, esse mais que nenhum, estendeu-se a valer<sup>143</sup>.

As críticas de Agostini sobre o *Jornal do Commercio* e seus redatores eram constantes, e o desenhista sempre que possível, tratava de criticar os feitos do periódico, denunciando inclusive acontecimentos como o narrado acima, em que seu redator se disfarçava para publicar sob o pseudônimo de XX, coisas que não poderia falar em seu nome, como ofensas a outras pessoas. Assim, o italiano aproveitava da situação para fomentar ainda mais essa rivalidade, ainda que as propostas de ambos os jornais sejam totalmente diferentes. Afinal, Agostini viu na polêmica, sobretudo visual, uma forma bem interessante para vender.

---

<sup>143</sup> *A Vida Fluminense*, 26 de março de 1870, n. 117.



**Figura 304:** Entrada triunfal dos Voluntários da Pátria na tarde de 23 de fevereiro de 1870. *A Vida Fluminense*, 26 de março de 1870, n. 117.

Por fim, seguindo a falar das celebrações, as páginas d'*A Vida Fluminense* trataram de falar sobre “os versos e a prosa com que foram metralhados os bravos defensores da honra nacional”. A primeira foi feita pelo Dr. Costa Ferraz, um dos oradores da Comissão Popular que recebeu os soldados na rua Direita. Logo após, o Dr. Varejão proferiu algumas frases aos homens que, no final, ergueram-se em vivas repetidos por cerca de oito mil pessoas. E, ao continuar, tais discursos se seguiram em momentos de exaltação da figura do general Osório, dentre tantos personagens. Assim, por todo o caminho das ruas da região central do Rio de Janeiro, esses homens tiveram a oportunidade de ouvir diferentes pregações. Portanto, a Comissão Popular recebia calorosamente os Voluntários da Pátria, ao contrário dos políticos do Senado.

E, satirizando esta situação, de incontáveis discursos, Agostini apresenta um desenho com causos da chegada dos soldados ao Rio de Janeiro, dividindo a cena em quatro partes. Em duas delas, as superiores, vemos dois personagens discursando, enquanto os soldados se vêm obrigados a ouvir ambos por mais de duas horas. Em um deles, um dos homens cogita tampar um ovo podre no orador, chamando o personagem de “pedante”, por pedir que diversas pessoas parem para ouvir “uma enxurrada d’asneiras, com o único fim de brilhar”. Na figura localizada na parte inferior esquerda da página, mais uma vez, temos um Voluntário se queixando dos longos discursos, alegando ser





**Figura 305:** – Parem! Heróis sublimes, deuses da vitória, filhos da glória e da terra de Santa Cruz. O tirano, o tigre, a onça jaz na terra banhada com o sangue, enfim morreu o Neves! Não, quero dizer, morreu o López! (e assim vai durante uma hora e meia pelo menos!!!) - Não seria um ato de filantropia atirar com um ovo podre num pedante desses? É preciso ter muita audácia e presunção para mandar parar um batalhão de 500 e tantas praças, e mais 3 ou 4 mil pessoas que o acompanharam para dizer uma enxurrada de asneiras com o único fim de brilhar. – Reflexões de um voluntário: – Eu lhes afianço que antes queria ver-me diante de uma peça a lançar metralha, do que aguentar um discurso de duas horas. – Os voluntários das ruas: – A polícia não achará um meio de impedir que esta sucia de capoeiras, malandros, escravos e vagabundos, a escória da sociedade, enfim, se meta em toda a parte diante dos batalhões, por entre as companhias, empurrando o povo fazendo desordem e tirando por esse modo o caráter sério e digno de uma manifestação popular? **A Vida Fluminense**, 9 de abril de 1870, n. 119.

Ainda observando de maneira bem crítica os excessos da recepção dos Voluntários da Pátria, *A Vida Fluminense* traz os soldados exaustos. Um deles alega estar “quase morto com as tais ovações”, ficando sem beber água por 12 horas (Figura 306). A partir disso, outro logo brada “o que vale é já estarmos acostumados”, comparando as celebrações a algo muito similar às duras penas vividas durante a campanha no *front*, em que ficaram por horas sem comida, alimentação e nenhum conforto. A situação parecia, de fato, deixar os homens cansados, sobretudo por já terem de encarar uma viagem longa do Sul do continente até o Rio de Janeiro e, ao pisar em solo brasileiro, ainda ter de marcharem armados e com suas mochilas.



**Figura 306:** Chegada dos Voluntários ao quartel: – Estou quase morto com as tais ovações! Se o povo soubesse o que é marchar com mochilas as costas... – E ficar 12 horas sem beber uma gota d’água?! O que vale é já estarmos acostumados! **A Vida Fluminense**, 9 de abril de 1870, n. 119.

Corroborando com a gravura acima, *A Vida Fluminense* apresentou uma crônica adotando a perspectiva de um soldado brasileiro após a chegada na Corte. Exausto, o personagem conta o drama vivido neste momento, que era pra ser de descanso e paz:

Estou morto!

Isto não é viver!  
 Tenho o corpo moído!  
 Minhas pernas estão tropegas como as de um peru que esteve dois dias preso debaixo de um cesto!  
 Cobrem-me os pés ampolas do tamanho de uma pratinha de quinhentos réis!  
 Meus olhos ofuscaram-se com tanta luz!  
 Os tímpanos dos meus ouvidos estalaram com o ribombo dos canhões e o estampido dos foguetes, como estalam as cordas de uma harpa tangidas pela manopla de um desses David que por aí andam forrados de veludo.  
 Minha cabeça ficou perdida, completamente perdida com tanto movimento, tanta iluminação, tanto viva, tanto repique, tanto foguete, tanta bandeira, tanta música, tanta flor, tanto entusiasmo, tanto discurso, tanta poesia, tanto tudo enfim!  
 Foram três dias de um verdadeiro delírio, três dias durante os quais ninguém parou em casa, três dias durante os quais ninguém abriu os olhos, senão para extasiar-se com a grandiosidade do espetáculo que apresentava a capital do Império, durante os quais ninguém escancarou a boca senão para estrugir os ares com frenéticas ovações!  
 E eu fiz como os outros.  
 Andei e gritei como um possesso, como um candidato em quadra de eleição, como o Dr. Pinto Junior no dia da chegada dos voluntários paulistas!  
 Como os outros, abri todas as válvulas do meu entusiasmo, dei expansão pleníssima ao meu contentamento, deixei sair em jorros, em catadupas, pelos lábios, o santo amor da pátria que me inundava o coração!  
 (...) Como os outros, fiz tudo quanto era humanamente possível fazer, tudo!  
 Mas... estou morto!  
 Isto não é viver!  
 Tenho o corpo moído!<sup>144</sup>

Desta forma, é possível perceber nesta crônica um soldado exausto de tantas festividades. Os excessivos discursos, feitos pelos “papagaios de janela”, novamente foram criticados, algo observável também na *Semana Illustrada*. Parando as brigadas a cada “oito ou nove passos”, esses monólogos tornaram-se uma espécie de tortura aos homens que regressavam ao Rio de Janeiro. Embora estivessem contentes e emocionados com o findar do conflito, os Voluntários não viam a hora de poder descansar, sobretudo se levarmos em consideração além da exaustão e os traumas da guerra, o próprio cansaço do trajeto de volta, em que se amontoavam em vapores, que desembarcavam aos montes no porto carioca. E tudo o que eles queriam era apenas o descanso.

Em outra ocasião, Agostini assina uma gravura abordando a reação do Senado com a chegada dos Voluntários (Figura 307). Na ocasião, são retratados três homens bem vestidos, com roupas similares as das representações de Napoleão Bonaparte, discutindo fervorosamente sobre uma questão que poderia ser facilmente resolvida, sendo esta a

---

<sup>144</sup> **A Vida Fluminense**, 7 de maio de 1870, n. 123.

crítica do desenhista na ocasião. Desta forma, os representados prendem-se a questões burocráticas e não compram as bandeiras das três nações da Tríplice Aliança por serem “muito caras para se comprar”. E, para isso, tratam de pedir emprestadas as bandeiras para órgãos como o Ministério da Marinha e o próprio Senado, esbarrando em uma série de questões burocráticas totalmente desnecessárias até mesmo para o período que, após duas resmas e meia de papéis preenchidos, conseguiram resolver a situação. Ou seja, a ideia trazida por Agostini nesta imagem é a de um certo descaso do Senado para preparar a recepção dos soldados que regressavam, ficando travados em burocracias e trâmites.



**Figura 307:** Reúne-se a respeitável mesa para discutir e resolver se o frontispício da Câmara vitalícia deve ou não... ser ornado com a bandeira nacional! Apoiados. Depois de maduríssima reflexão, animadíssima discussão, apartes discursos, apoiados e não apoiados, resolveu-se pedir emprestado (visto serem muito caras para se comprar) três bandeirinhas sendo uma nacional, uma argentina e outra oriental pelo que mandou-se logo uma mensagem para aqui, outra para ali. O que fez uma porção de escriturários

e amanuenses se puseram em movimento borrando pelo menos 2 ½ resmas de papel! Mas, conseguiu-se o grande *desiratium*. **A Vida Fluminense**, 5 de março de 1870, n. 114.

Agora, estampando a capa da edição de n. 115 d'*A Vida Fluminense*, temos um grupo de Voluntários em marcha, que comentam uma infeliz medida do Ministro da Guerra com eles, os alocando bem distantes da capital, quase nos limites da província de Minas (Figura 308). Desta forma, para chegarem em casa, deveriam andar uma grande distância que, segundo o diálogo, compreende mais de 40 léguas. Ou seja, os homens responsáveis por defenderem a honra nacional, eram obrigados a caminhar por mais de 193 quilômetros para chegar aos seus respectivos lares. Ironizando da situação, um dos soldados diz: “Naturalmente esta marcha forçada é para fazer-nos descansar das fadigas da guerra!”. Por boa vontade, o então presidente da União e Indústria colocou a disposição destes homens todos os carros da companhia, facilitando o processo de transporte deste grupo, que, embora a imagem não especifique, provavelmente regressava para Minas, já que a União e Indústria ligava Petrópolis a cidade de Juiz de Fora.



**Figura 308:** - O providente ministro da Guerra compreendeu generosamente os sacrificios que fizemos, e em recompensa manda-nos botar nos limites da província de Minas, o que nos obriga para chegar até casa, a galgar 30, 40 e mais léguas a pé! Naturalmente esta marcha forçada é para fazer-nos descansar das fadigas da guerra! (Felizmente para esses bravos, o Presidente da União e Indústria reparou a providência ministerial, pondo a disposição dos voluntários todos os carros da companhia). **A Vida Fluminense**, 12 de março de 1870, n. 115.

Seguindo suas críticas aos órgãos governamentais responsáveis pelos soldados no retorno do conflito contra os paraguaios, Agostini agora critica a postura do Ministro da Fazenda, José Joaquim Fernandes Torres, ao pagar diretamente o soldo dos homens que voltavam do conflito, algo prometido desde o início do conflito (Figura 309). E tal crítica é aproximada de outra gravura, veiculada no mesmo dia pela *Vida Fluminense*. Nela, estão diversos homens, dentre eles os responsáveis pelas pastas da Fazenda e da Guerra, além de dois outros ajudantes, extremamente exaustos, após pagar cerca de 1500 homens após recebe-los e festeja-los (Figura 310). A forma cujo Agostini trata essas figuras, com cabeças maiores que o normal, serve justamente para que os leitores consigam compreender quem são os personagens retratados. Isso também é reforçado por legendas e até mesmo outros objetos colocados nas imagens, como as pastas dos Negócios da Guerra e da Fazenda abaixo do braço de ambos.



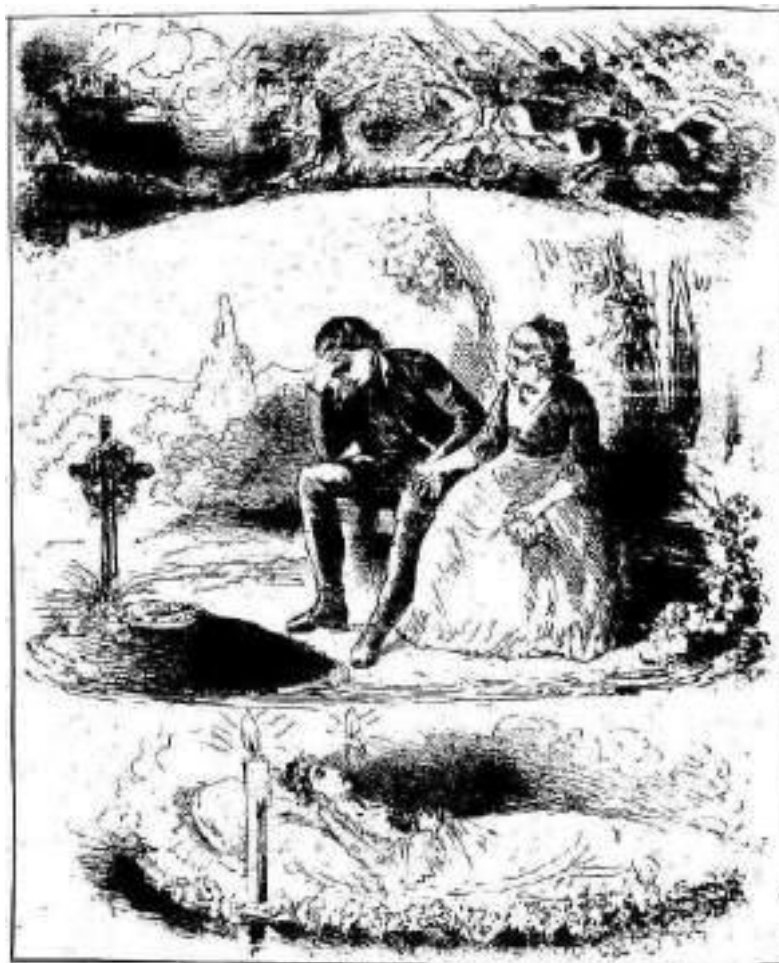
**Figura 309:** - Tomem lá o seu dinheiro e vão-se embora; (À parte) com esta gente não quero brincadeiras. **A Vida Fluminense**, 12 de março de 1870, n. 115.



**Figura 310:** Quase mortos de cansaço! Mas também é preciso considerar que em poucos dias receberam-se, festejaram-se, despacharam-se e pagaram-se 1500 homens!!! Parece impossível!!! **A Vida Fluminense**, 12 de março de 1870, n. 115.

A *Semana Illustrada* traz uma narrativa mais impactante, representando a volta de um Voluntário que, ao lutar a guerra, deixa sua mãe e noiva para trás (Figura 311). Após vencer as intempéries do conflito, e ter vingado a pátria, regressa ao Brasil, e busca por ambas as mulheres. Ao questionar a mãe sobre o paradeiro da noiva, ela o leva para vê-la. No entanto, a moça está morta, dormindo “a sombra desta cruz”. A imagem é dividida em três: na parte superior, está uma cena de guerra, como uma lembrança do passado recente do soldado; a segunda, centralizada, mostra o rapaz com a sua mãe ao lado, cabisbaixo, à frente do túmulo de sua prometida; por último, encontra-se sua noiva, descansando serena após a morte. Somadas, trazem uma dramaticidade que é perfeitamente traduzida na expressão do homem, que se encontra prostrado na parte central. Essa provavelmente foi a realidade de alguns personagens que foram à guerra, voltando à pátria e encontrando uma realidade completamente diferente.





**A volta de um voluntário.**

Ela pediu para a guerra,  
 deixando a noiva e a mãe;  
 e quando voltou da guerra,  
 corre aos braços da mãe.  
 Mas, quando voltou da guerra,  
 corre aos braços da mãe.  
 Ela pediu para a guerra,  
 deixando a noiva e a mãe;  
 e quando voltou da guerra,  
 corre aos braços da mãe.  
 Mas, quando voltou da guerra,  
 corre aos braços da mãe.

**Figura 311:** A volta de um voluntário. Ele partiu para a guerra, deixando a noiva: “Ai, adeus! Levem-me vozes da pátria; guarde-te e bênçãos dos céus”. E ele partiu para a guerra, deixando a mãe: “Vai, amor! Corre em defesa da pátria, emudeça minha dor”. E foi nos campos de morte vingar a pátria. Vingou! O nas páginas da história seu nome eterno gravou. Mas, quando voltou da guerra, corre aos braços maternos: “Minha mãe! Mudo a interroga. Vais vê-la, meu filho, vais”. Havia lágrimas tristes na promessa. A mãe conduz trêmulo o herói: “Ei-la, filho! Dorme à sombra dessa cruz”. **Semana Illustrada**, 10 de abril de 1870, n. 487.

A *Vida Fluminense* apresentou no dia 2 de abril de 1870, em duas de suas páginas, as “Notícias Diversas Illustradas” (Figura 312). Divididas em diversas gravuras, que narravam historietas diversas, é possível perceber questões do pós-guerra, sempre mantendo a ironia tradicional de Agostini, que desta vez assina como “Angelo”, e não apenas o seu característico “A.”. Em uma das gravuras, Agostini aproveita para zombar o novo sistema de telégrafo, que consiste em diversos homens espaçados, gritando entre si. Na gravura em especial, o desenhista critica duas coisas: o excesso de contingente após o conflito, que terá um gasto considerável nas receitas públicas e, além disso, observa a situação como uma forma de comprar os votos dos homens empregados nas eleições. Não



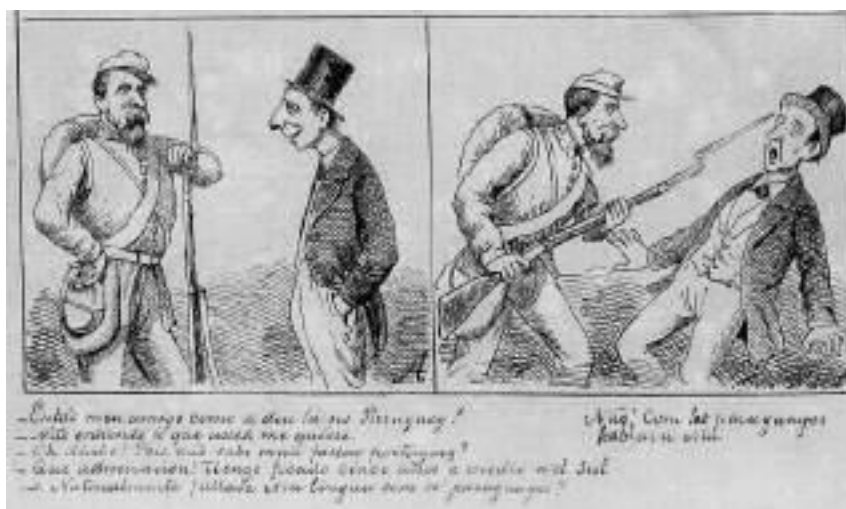




— Nhonhô, a semana santa não podia cair em melhor ocasião: agora que estão regressando os bravos defensores da honra nacional, é que se deve fazer a distribuição das palmas.  
 — A todos caberá uma palma, por que todos porfiaram em bem-merecer da pátria.

**Figura 313:** – Nhonhô, a semana santa não podia cair em melhor ocasião: agora que estão regressando os bravos defensores da honra nacional, é que se deve fazer a distribuição das palmas. – A todos caberá uma palma, por que todos porfiaram em bem-merecer da pátria. **Semana Illustrada**, 10 de abril de 1870, n. 487.

No dia 14 de maio de 1870, Agostini estampava nas folhas d'*A Vida Fluminense* um diálogo ilustrado entre um civil e um Voluntário recém-chegado ao Rio de Janeiro (Figura 314). No relato, o soldado é indagado sobre como foi o período no Paraguai, sendo respondido em espanhol, por conta da longa duração da guerra, ficando “cinco anos e meio no Sul”. O homem de cartola, por sua vez, questiona ao militar se ele falava assim com os paraguaios, sendo surpreendido pela resposta: “Não! Com los paraguaios hablava esta”, apontando a baioneta de sua arma de forma intimidadora.



**Figura 314:** – Então meu amigo como se deu lá no Paraguai? – Não entiendo lo que usted me quiere. – Oh diabo! Pois não sabe mais falar português? – Que admiracion! Tiengo ficado cinco ãnos e médio n’el Sul. – Naturalmente falava essa língua com os paraguaios? – Não! Com los paraguaios hablava esta. **A Vida Fluminense**, 14 de maio de 1870, n. 124.

Reforçando seu tom mais patriótico, a capa da *Semana Illustrada* do dia 22 de maio de 1870 traz o Dr. Semana e o Moleque a escrever em suas respectivas mesas, sendo possível perceber jornais estrangeiros espalhados pelo cenário (Figura 315). Ao observarmos a imagem, pouco temos dimensão do que se ocorre, sendo a legenda essencial para a compreensão da cena. E ela traz um diálogo entre os personagens, que enviam cartas para jornais ingleses, citando especificamente a cidade de Londres e alguns periódicos como o *Westminster Review*, *Pall-mail*, *Times* e *Saturday Review*, que certamente estavam criticando o Império brasileiro e suas posturas ante o conflito. Assim, o Dr. Semana e o Moleque decidem enviar cartas para cada um desses jornais, os respondendo de maneira ríspida.



— Vou escrever uma carta de agradecimento aos jornais de Londres, que tomaram parte no nosso regozijo pelo fim da guerra, principalmente ao redator do Westminster Review. — E eu, Nhonhô, vou escrever ao editor do Times, Pall-mail e Saturday Review nos seguintes termos: — “Mylords and Gentlemen. — Pensam Vmcs. Talvez que tem o rei na barriga, enganam-se; há muito tempo que conheço o John Bull, e sei como morre de amores por nós... God dam... Se Vmcs. Estivessem aqui, dar-lhes-ia em cada um uma cabeçada, que os punhos tontos, e a fugir gritando: — “Aqui d’El-Hei! E honni soit qui mal y pense!””. *Semana Illustrada*, 22 de maio de 1870, n. 493.

**Figura 315:** - Vou escrever uma carta de agradecimento aos jornais de Londres, que tomaram parte no nosso regozijo pelo fim da guerra, principalmente ao redator do Westminster Review. – E eu, Nhonhô, vou escrever ao editor do Times, Pall-mail e Saturday Review nos seguintes termos: – “Mylords and Gentlemen. – Pensam Vmcs. Talvez que tem o rei na barriga, enganam-se; há muito tempo que conheço o John Bull, e sei como morre de amores por nós... God dam... Se Vmcs. Estivessem aqui, dar-lhes-ia em cada um uma cabeçada, que os punhos tontos, e a fugir gritando: – “Aqui d’El-Hei! E honni soit qui mal y pense!””. *Semana Illustrada*, 22 de maio de 1870, n. 493.

Reconhecendo as dificuldades vividas pelo Brasil durante o período do conflito contra os paraguaios, a *Semana Illustrada* apresenta uma alegoria representando a pátria brasileira, na personagem Brasília, apresentando-a dois momentos diferentes (Figura 316): 1869, ainda com a guerra, em 1870, já com a morte de Solano López e a tomada do Paraguai. De um lado, temos a alegoria cabisbaixa, “sem forças, exaurida, as veias frouxas”, representando o desgaste não só dos soldados no *front*, mas da própria pátria. Na outra, completamente distinta, está Brasília coroadada, dançando e espalhando flores. O

sentimento de vitória da civilização ante a barbárie foi muito mais compartilhado pela folha de Henrique Fleiuss do que a de Angelo Agostini, que, embora comentasse positivamente o final da guerra, ainda insistia em criticar uma série de questões, algo que Fleiuss e sua equipe pouco faziam.



**Figura 316:** A Brasília. Em 1869: Da guerra o facho aceso em prol da honra, derrama o sangue seu, visando a glória; sem forças, exaurida, as veias frouxas, não cansa; que alcançar há de a vitória! Em 1870: Hoje, cheia de vida, esperançosa. As feridas esquece mal curadas. Dançando espalha flores, canta, e brinca. E alegre vai nos dando – arqui-pancadas! *Semana Illustrada*, 10 de julho de 1870, n. 500.

A *Semana Illustrada* homenageou a chegada do conde d’Eu, apresentando uma gravura provavelmente baseada em fotografia, ornada de querubins, que o coroam com louros e, além disso, carregam consigo guirlandas com os nomes de Ascurra e Piribebuy, batalhas em que o atual comandante em chefe esteve presente (Figura 317). Tendo todas as glórias como moldura, com querubins tocando suas trombetas, eles seguram um pano, que tem inscrito o seguinte texto: “Da pátria que adotou, vingando a afronta. Sereno lidador, só visa a glória. Esposa, sogro, povo, eia! Saudai-o! O jovem general bradou: Vitória!”. Desta forma, a folha de Henrique Fleiuss celebrou o regresso do líder brasileiro.



A' Volta de S. A. R. o Sr. CONDE D'EU.

**Figura 317:** A volta de S. A. R. o Sr. Conde d'Eu. Da pátria que adotou, vingando a afronta. Sereno lidador, só visa a glória. Esposa, sogro, povo, eia! Saudai-o! O jovem general bradou: Vitória! **Semana Ilustrada**, 24 de abril de 1870, n. 489.

Além da *Semana*, *A Vida Fluminense* também tratou de citar o regresso do príncipe à capital, apresentando em sua capa um menino conversando com a alegoria da cidade do Rio de Janeiro (Figura 318). Mas, diferentemente do periódico de Fleiuss, Agostini decidiu narrar o menino enfeitando a alegoria para receber o comandante em chefe, não sendo ele retratado na imagem. Contudo, é perceptível um discurso mais brando por parte do italiano, que acha digno que a cidade comemore a chegada do príncipe, o colocando como um dos grandes responsáveis pelo êxito brasileiro contra o “tirano do Paraguai”.



**Figura 318:** Trago-te flores para que festejes com o entusiasmo devido a entrada triunfal do Príncipe, que soube levar a fim vitorioso essa luta gigantesca travada pelo Brasil contra o tirano do Paraguai. **A Vida Fluminense**, 7 de maio de 1870, n. 123.

Uma semana após anunciar a chegada do conde d’Eu, desta vez *A Vida Fluminense* apresenta a chegada do príncipe, dividida na mesma página com o regresso do Dr. Francisco Pinheiro Guimarães, que ingressou no conflito como 2º cirurgião-médico da Armada Imperial, mas logo foi comissionado para o posto de coronel, tendo por objetivo a organização do 4º Batalhão de Voluntários da Pátria, que saiu da capital da Corte (Figura 319). E, novamente, Agostini enfatiza o problema com os excessivos discursos proferidos na ocasião, algo ressaltado pela própria gravura, em que diversos homens aparecem de suas janelas com folhas enormes, representando seus discursos exagerados. Já com o conde d’Eu, mostra como o príncipe foi recebido, estando presentes as “senhoras fluminenses, sociedades, corporações, clubes”, que se amontoavam para ver o membro da monarquia brasileira de volta ao país.



**Figura 319:** Recepção feita ao Coronel Dr. Pinheiro Guimarães. Não faltaram flores nem entusiasmo, mas os discursos foram tantos! Tantos! Tantos! Mesmo tantos! Que... Sítio em regra, que sofreu S. Alteza o Conde d'Eu desde que chegou até hoje, pelas senhoras fluminenses, sociedades, corporações, clubes. S. Alteza duvida ainda que a paz tenha sucedido a guerra. A **Vida Fluminense**, 14 de maio de 1870, n. 124.

Ambos os artistas optaram por apresentar a chegada dos soldados ao Rio de Janeiro de maneira a celebrá-los, ressaltando a importância dos Voluntários da Pátria pelo êxito brasileiro no conflito. Contudo, Fleiuss e Agostini também não deixaram passar batidos os excessos cometidos na Corte, sobretudo pelos discursos extremamente exagerados, algo que foi constantemente ressaltado por ambos os personagens. Desta forma, ambos acabam por estar mais aproximados nos seus modos de pensar a ocasião, diferentemente de vários outros momentos já abordados aqui. Muito provavelmente, isso se deve pelo respeito aos homens que foram ao *front*, e ainda tiveram de lidar com uma série de questões ao chegar na cidade do Rio de Janeiro, não tendo paz mesmo após o final da guerra.



## 2.17. As tecnologias implementadas no conflito

Ao longo da guerra contra o Paraguai, diversas mudanças tecnológicas chegavam aos países da América do Sul, advindas de países como Estados Unidos da América, França e Inglaterra, que foi a nação a ter mais lucro ao emprestar quantias de dinheiro e vender produtos e armamentos para quase todos os países envolvidos no conflito. No caso dos Estados Unidos da América, foram exportados trabalhadores técnicos como os irmãos aeronautas James e Ezra Allen. James Allen havia subido no balão em quatro ocasiões na região de Humaitá, enviando para *A Vida Fluminense*<sup>145</sup> dois desenhos: o da primeira ascensão, feita em acampamento brasileiro, e o outro uma vista geral do Paraguai, reproduzida posteriormente no suplemento abaixo.

A imagem abaixo, um dos poucos suplementos encontrados de *A Vida Fluminense*, mostra justamente esse processo (Figura 320). Contudo, os espectadores são convidados a ver não de dentro do balão, mas por fora dele, tal como um voo de pássaro. Assim, somos convidados a entender não só como era a perspectiva dos aeronautas, mas boa parte do processo. Logo abaixo do cesto do balão, percebemos três cordas que o sustentam de maneira mais firme no ar, sendo segurados por grupos de soldados. Chegando a altitudes acima dos 100 metros, os balões não eram atingidos por projéteis inimigos. E, em diversos relatos e até mesmo em trechos de jornais paraguaios, é possível observar que os soldados inimigos zombavam dos aeronautas, mostrando suas nádegas como forma de afrontar a tecnologia e seus rivais. Em outros casos, os soldados colocavam fogo em mato seco para que a fumaça não os deixasse ver as posições das tropas.

Outro ponto relevante da imagem é perceber o rio Paraguai centralizado, mostrando, do lado esquerdo, o território do Chaco, e na direita, as fortificações de Tuiuti, Humaitá, dentre outras. Ao levar este tipo de informação aos leitores e espectadores da Corte, os periódicos conseguiam aproxima-los cada vez mais do conflito e de suas novas tecnologias. O desenvolvimento e a guerra ocorriam agora diante dos olhos, nem que fosse através de gravuras e textos.

---

<sup>145</sup> *A Vida Fluminense*, 14 de março de 1868, n. 11.





**Figura 320:** Suplemento da *Semana Illustrada*. Vista geral do teatro da guerra: feita a voo de pássaro pelo aeronauta americano o sr. James Allen. *Semana Illustrada*, 27 de junho de 1868. n 26.

O Tenente-Brigadeiro RR Nelson Freire Lavenère-Wanderley (2017), escreveu *Os Balões de Observação na Guerra do Paraguai*, trabalho especificamente sobre todo o processo de implementação desta revolucionária forma de conhecimento de campo, que alçava balões aos céus para analisar o território de uma perspectiva mais ampla.

Em uma passagem da *Semana Illustrada*, o capitão de engenheiros Conrado de Niemeyer é homenageado (Figura 321). O membro da comissão de engenheiros do 2º corpo do exército auxiliou nos reconhecimentos militares feitos a partir destes tipos de balões, sendo representado com um balão ao fundo, além de ter um mapa em suas mãos.



**Figura 321:** O intrépido capitão d'engenheiros Conrado de Niemeyer. Membro da comissão d'engenheiros do 2º corpo de exército, destacado em serviço de sua profissão na vanguarda das forças brasileiras no Paraguai. Por diversas vezes foi encarregado de, por meio do balão, fazer reconhecimentos militares. **Semana Illustrada**, 3 de novembro de 1867, n. 360.

Abaixo, há um esquema feito por Conrado de Niemeyer através de um de seus voos, sendo ele impresso pelo Imperial Instituto Artístico, gerido por Fleiuss e seus sócios. Na gravura, somos apresentados a um mapa bem detalhado, com uma legenda bem detalhada da vista obtida pelo engenheiro, apresentando o percurso do rio Paraguai, bem como as localizações ao seu redor (Figura 322).

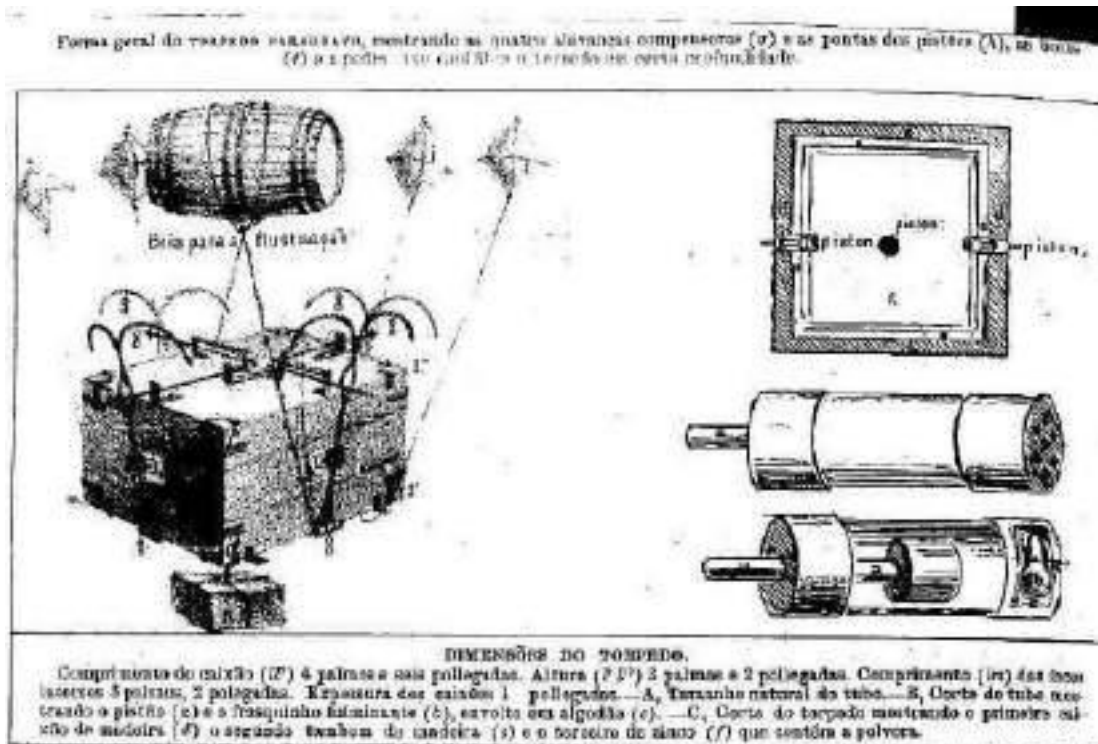


**Figura 322:** Uma ideia das posições que ocupam os beligerantes no Paraguai. Pelo Capitão D'Engenheiros Conrado de Niemeyer. **Imperial Instituto Artístico**, setembro de 1867.

Do ponto de vista tecnológico, a guerra teve outros aprimoramentos. Segundo Francisco Doratioto (2002, p. 237), o conflito incorporou um artefato explosivo, tal como minas submersas, conhecido como torpedos. Eles eram carregados pela correnteza do rio e tinham um poder explosivo capaz de afundar algumas embarcações. Em um dos relatos, quando Porto Alegre desembarca em Curuzú, uma dessas minas atinge o encouraçado *Rio de Janeiro*, que não tinha compartimentos estanques. A embarcação afundou em cerca de dez minutos, criando um redemoinho por conta da pressão do naufrágio. Juntamente disso, os inimigos metralhavam impiedosamente os soldados brasileiros, culminando estes dois pontos na morte de metade da tripulação. Desta forma, era comum ver esses torpedos descendo rio abaixo. Porém, de grande porte, apenas o *Rio de Janeiro* foi vítima.

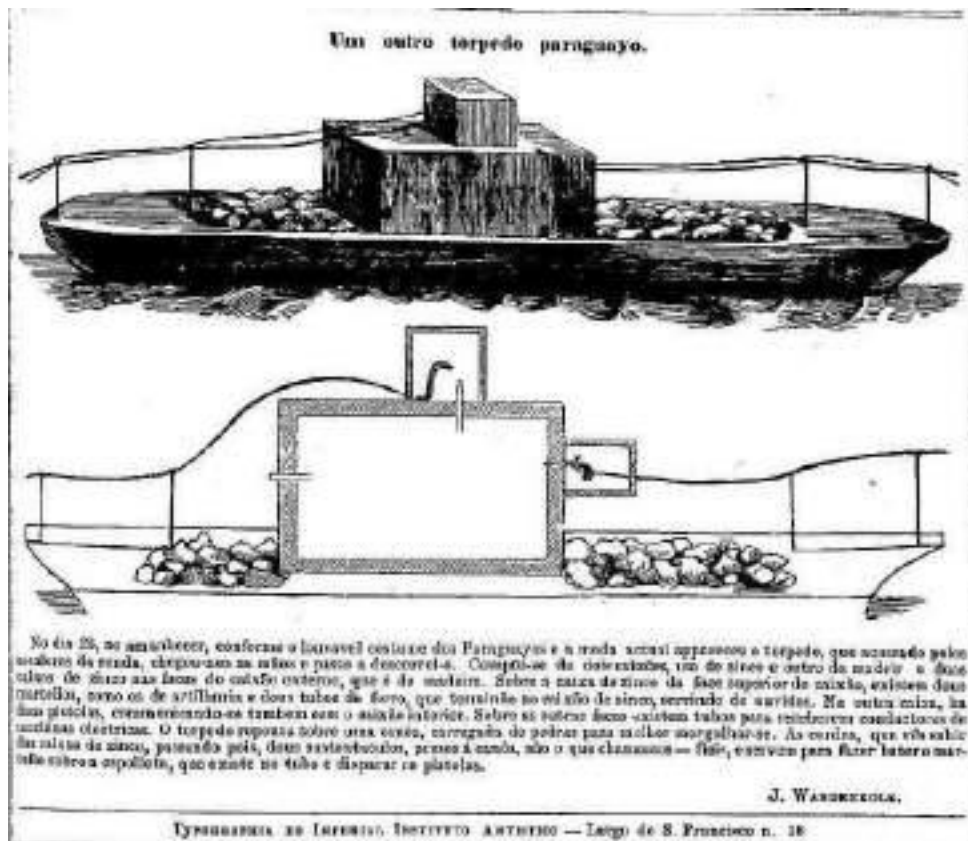
E, em pelo menos três oportunidades, a *Semana Illustrada* apresentou esquemas técnicos deste objeto explosivo (Figura 323). Em suma, os torpedos eram construídos com três caixas, sendo uma colocada dentro da outra. A última delas, feita de zinco, carregada com pólvora. Sua espoleta era uma cápsula de vidro preenchida com ácido sulfúrico e uma mistura de potássio e açúcar branco, coberta com lã e algodão para não explodir em qualquer impacto (Doratioto, 2002, p. 237). Na imagem abaixo, temos o esquema de um dos torpedos, explicando como ele funcionava, desde a maneira utilizada

para que ele boiasse, até o mecanismo que acionava sua explosão, corroborando com a versão apontada por Doratioto.



**Figura 323:** Forma geral do TORPEDO PARAGUAIO, mostrando as quatro alavancas compensadoras (g) e as pontas dos pistões (h), as boias (i) e a pedra que empilha o torpedo em certa profundidade. DIMENSÕES DO TORPEDO. Comprimento do caixão (D) 4 palmos e seis polegadas. Altura (D') 3 palmos e 2 polegadas. Comprimento (I) das faces laterais 3 palmos, 2 polegadas. Espessura dos caixões 1 polegada. – A, tamanho natural do tubo. – B, corte do tubo mostrando o pistão (a) e o frasco fulminante (b), envolto em algodão (c). – C, corte do torpedo mostrando o primeiro caixão de madeira (d) o segundo também de madeira (e) e o terceiro de zinco (f) que contém a pólvora. **Semana Ilustrada**, 15 de julho de 1866, n. 292.

No dia 29 de julho de 1866, surgia uma outra espécie de torpedo, que teve seu esboço enviado pelo almirante J. Wandenkolk, que pôde analisa-lo de perto (Figura 324). Baseado em cima de uma chata, segue a mesma dinâmica do torpedo normal, mas com pedras ao redor, que o deixam mais próximo ao nível do mar, dando o devido peso. Neste caso, o aparato também é equipado com uma pistola, que é presa a uma corda que também pode aciona-lo, funcionando como um outro estopim. Este torpedo é um mecanismo ousado para o período, embora não tenha surtido tantos impactos nas batalhas.



**Figura 324:** Um outro torpedo paraguayo. No dia 26, ao amanhecer, conforme o louvável costume dos paraguaios e a moda atual apareceu o torpedo, que acessado pelos escaleres da sonda, chegou-nos as mãos e passo a descreve-lo. Compõe-se de dois caixões, um de zinco e outro de madeira e duas caixas de zinco nas faces do caixão exterior, que é de madeira. Sobre a caixa de zinco da face superior do caixão, existem dois martelos, como os de artilharia e dois tubos de ferro, que terminam no caixão de zinco, servindo de ouvidos. Na outra caixa, há duas pistolas, comunicando-se também com o caixão interior. Sobre as outras faces existem tubos para receberem condutores de máquinas elétricas. O torpedo repousa sobre uma canoa, carregada de pedras para melhor mergulhar-se. As cordas, que vês sair das caixas de zinco, passando pois, dois sustentáculos, presos à canoa, são o que chamamos – fiéis, e servem para fazer bater o martelo sobre a espoleta, que existe no tubo e disparar as pistolas. J. Wandenkolk. **Semana Illustrada**, 29 de julho de 1866, n. 294.

Este insucesso dos torpedos paraguaios é satirizado pela *Semana Illustrada*, que coloca o Dr. Semana e o Moleque no rio Paraguai os pescando tal como se fossem peixes (Figura 325). Porém, aproveitam também para zombar do *Correio Mercantil*, sendo ele um dos torpedos pescados, nos mostrando como a rivalidade política e mercadológica ia se desatinando pelas páginas dos periódicos. De toda maneira, o debate sobre os torpedos chegava à Corte, mostrando o insucesso da invenção paraguaia.



Misericórdia... Nhonhô, cá está mais um.  
 Dr. Semana... Suspende-o moleque, e vai-te divertir nesta pescaria.  
 Misericórdia... Mas nhonhô, não vá algum arrebentar a barriga! Eu tenho meus receios.  
 Dr. Semana... Simplório! Esta sucia de torpedos há de ficar inutilizada; eles só fazem explosões longe de nós, mas havemos de ter o gostinho de pesca-los um por um.

**Figura 325:** Moleque: - Nhonhô, cá está mais um. Dr. Semana: - Suspende-o moleque, e vai-te divertindo nesta pescaria. Moleque: - Mas nhonhô, não vá algum arrebentar a barriga! Eu tenho meus receios. Dr. Semana: - Simplório! Esta sucia de torpedos há de ficar inutilizada; eles só fazem explosões longe de nós, mas havemos de ter o gostinho de pesca-los um por um. **Semana Illustrada**, 3 de novembro de 1867, n. 360.

Em 23 de dezembro de 1866, a *Semana Illustrada* celebra a apresentação de novos projetos de embarcações para a Marinha, feitas pelos construtores Napoleão Level e Carlos Braconot. Na imagem (Figura 326), os dois construtores apresentam cinco novas embarcações ao então Ministro da Marinha, Francisco de Paula da Silveira Lobo. Os projetos foram concluídos em 29 de outubro de 1867, sendo lançados o Alagoas, Ceará, Piauí, Santa Catarina e Rio Grande, lançados ao mar às 15:30, em cerimônia que contou com a presença de D. Pedro II, Duque de Saxe, e demais autoridades. Um fato inusitado é que, ainda carente de tecnologias, o Brasil não tinha prensas hidráulicas para facilitar os processos de dobrar as couraças. E o engenheiro Carlos Braconnot conseguiu um feito notável, as dobrando sem a prensa (Mendonça; Vasconcelos, 1959, p. 14-15).





Os beneméritos construtores LEVEL e BRACONNOT oferecem os planos de seis novos encouraçados ao Sr. ministro da Marinha, que por seu turno os oferece à pátria. Honra aos três distintos brasileiros!

**Figura 326:** Os beneméritos construtores LEVEL E BRACONNOT oferecem os planos de seis novos encouraçados ao Sr. Ministro da Marinha, que por seu turno os oferece à pátria. Honra aos três distintos brasileiros! **Semana Illustrada**, 23 de dezembro de 1866, n. 315.

### 3. Conclusões: uma guerra, várias perspectivas

Lidar com um grande número de imagens é desafiador, mas a ideia norteadora desta pesquisa, parece ter sido bem-sucedida, apresentando sistematicamente boa parte das gravuras produzidas no período por Henrique Fleiuss, Angelo Agostini e suas respectivas equipes.

Através de seis anos de produções iconográficas e, em paralelo, textuais, foi possível compreender as diferentes nuances entre ambos os personagens e seus companheiros de ofício. Durante os anos da guerra contra o Paraguai, seus *modi operandi* foram se modificando, não só para cobrir melhor o conflito, mas também para conseguir vender mais em seus respectivos periódicos, talvez um dos pontos mais necessários de se ressaltar, uma vez que a imprensa era parte cada vez mais presente de um mercado editorial. Essa situação torna-se parte do que Benedict Anderson define como “capitalismo editorial”, que surge a partir da combinação das capacidades do capitalismo com a tecnologia de imprensa, estabelecendo de forma marcante uma uniformidade na variedade das línguas humanas. Tal uniformidade sinaliza as fronteiras linguísticas e cognitivas que se firmariam como fundamentos para o aparecimento da nação moderna. E como podemos perceber, a imprensa ilustrada deste período busca justamente ter um papel definidor sobre o que é a nação brasileira.

O caso de Fleiuss difere-se totalmente do de Agostini, que tinha o hábito de transitar entre diferentes periódicos, e, com isso, explorar novos horizontes. Fleiuss teve a *Semana Illustrada* como foco por muitos anos, sendo ele um dos principais nomes da imprensa ilustrada do século XIX, ao contrário do que diversos pesquisadores alegam, dando este crédito ao desenhista italiano. Contudo, isso é dito não com o intuito de fornecer uma defesa ao artista prussiano, mas como forma de reconhecer seus anseios para com a imprensa ilustrada do Rio de Janeiro. Através do Instituto Artístico, criado por Henrique e seu irmão, Carlos Fleiuss, em parceria com Carlos Linde, teve a preocupação de ensinar o ofício da xilogravura a outras pessoas é louvável. Desta forma, o instituto recebeu o título de “Imperial”, tendo sido reconhecido pela monarquia brasileira.

E, talvez por isso e também pela sua proximidade com a realeza, além de suas produções muito mais favoráveis ao Império do que críticas, Fleiuss sofreu uma espécie de apagamento na história. No entanto, se nos atentarmos aos fatos e percebermos sua vasta produção, tendo ele coberto todo o período da guerra contra o Paraguai pela *Semana Illustrada*, percebemos o tamanho de sua relevância para a imprensa do século XIX. O



prussiano conseguiu criar uma rede de contatos com informantes no *front* e, com isso, ampliou o número de gravuras veiculadas pelo seu periódico. Além disso, como bem explicita Joaquim Marçal de Andrade (2011), Henrique Fleiuss foi um dos pioneiros no Brasil a utilizar-se de imagens produzidas por daguerreótipos, e traduzi-las para as páginas de seus jornais.

Além disso, Herman Lima (1963, p. 743-759), um dos grandes estudiosos do mundo da imprensa ilustrada e da caricatura brasileira, o considera o verdadeiro criador da imprensa ilustrada humorística do Brasil, enfatizando a importância da *Semana Ilustrada* para o cenário da época. O gênero não era uma exclusividade brasileira, tampouco os personagens que davam o tom do periódico. Contudo, ele soube, com maestria, traduzir essa tradição europeia para o Brasil, criando personagens dignos da época vivida. O historiador Max Fleiuss, filho de Henrique, reforça a importância da obra do pai para a imprensa da época, sendo sua vasta produção uma fonte rica da cidade do Rio de Janeiro e da época, algo que corroboramos:

A *Semana Ilustrada* era todo o microcosmo carioca, admirável repositório das coisas de antanho. É, portanto, uma publicação sui generis, digna de ser religiosamente arquivada e folheada em nossos dias, com carinho, como os preciosos livros de Rugendas e Debret, por todos os estudiosos da arqueologia da cidade, da evolução dos nossos costumes, instituições, aspectos, figuras e indumentária, tão caracteristicamente nossos (Leite, 1988, p. 197).

Portanto, reforçamos aqui a relevância social e cultural de Henrique Fleiuss para a história brasileira, tendo ele uma vasta produção sobre os acontecimentos, locais e costumes cariocas. E, além disso, tendo feito uma vasta cobertura do conflito contra os paraguaios, apresentando informações desde o pré-guerra, com a situação da Guerra Civil no Uruguai e o envolvimento do Império na região. Por um bom tempo, a vida e obra de Henrique Fleiuss ficaram relegadas a um quadro de editor e gravurista secundário na história da imprensa brasileira. No entanto, só a *Semana Ilustrada* perdurou por longos 16 anos, algo muito incomum de se acontecer na imprensa daquela época, que via abrir e fechar periódicos diariamente.

Já o caso de Angelo Agostini é ainda mais complexo e diversificado, tendo o artista italiano mudado de ares por diversas vezes. Em suas produções em São Paulo, no *Diabo Coxo* e no *Cabrião*, o artista tinha uma postura crítica muito mais ativa, enfatizando-se suas duras críticas ao alistamento forçado praticado nesta província, que via seus homens fugirem mata à dentro para não terem de servir o Brasil no Sul. Através de suas gravuras nesta época, é possível perceber sua ênfase em criticar autoridades

responsáveis por essa situação degradante, tendo ele narrado cenas variadas sobre o assunto. Em muitas delas, trazia à tona denúncias sobre corrupção, com diversos agentes do Estado brasileiro recebendo subornos de quem não queria servir à pátria. E, por ser extremamente crítico e atingir as bases políticas e até mesmo religiosas da província, viu-se obrigado a mudar de ares, colocando a sua própria vida em risco com o impacto fulminante de suas gravuras na opinião pública local.

E esta sua faceta mais politizada perdurou também no Rio de Janeiro, embora tenha se adequado ao mercado consumidor da Corte, que era bem distinto. Afinal de contas, ele estava lidando com o público da capital do Império. Na altura, São Paulo tinha cerca de 19.000 habitantes. Já o Rio de Janeiro, passava dos 200.000.

Portanto, foram notáveis as diferenças entre suas produções paulistas e cariocas. Em suas primeiras aparições, víamos um tímido Agostini. Contudo, o desenhista e suas gravuras logo trariam agitação para o cenário ilustrado. Ao trabalhar n'*A Vida Fluminense*, ele tratou de polemizar uma série de temas, sendo extremamente crítico ao império e aos políticos da região. Contudo, suas denúncias de temas como o alistamento forçado, feitas em São Paulo, cessaram, dando espaço para um lado muito mais polemista do artista. Inclusive, em diversas ocasiões, Agostini tratava de criticar periódicos concorrentes, sendo a *Semana Illustrada* um deles.

Ironicamente, ao lançar o *Cabrião*, ainda São Paulo, Agostini foi saudado por Henrique Fleiuss, através do Dr. Semana e o Moleque, que davam boas-vindas ao novo empreendimento de Agostini. Este, por sua vez, prontamente o respondeu, agradecendo a gentileza, veiculando uma gravura em que o Cabrião, o Dr. Semana e o Moleque, se cumprimentam cordialmente.

Porém, meses depois, observamos um novo Agostini, rivalizando com todo e qualquer potencial concorrente do crescente mercado da imprensa ilustrada carioca. Suas diferenças também vão além do estilo artístico, indo para o lado político. Agostini sempre se mostrou crítico ao Império e a boa parte das coisas que lhe diziam respeito. Foi extremamente crítico ao que ele acreditava ser a “inércia” de Caxias no conflito, tendo se dedicado ferrenhamente a criticar o membro do Partido Conservador.

Vale ressaltar que Agostini e Fleiuss tinham um ponto de vista em comum sobre a política da época, observando como as alternâncias entre os gabinetes Liberais e Conservadores impactavam diretamente nas decisões tomadas no *front*. Isso é corroborado pelo próprio exemplo de Caxias, que era um conservador ativo na política. Além dele, um outro exemplo é o do marechal Polidoro Jordão, que sofreu represálias de

Porto Alegre e Tamandaré, que eram ligados ao Partido Liberal, e colocaram o personagem em ostracismo, utilizando-se de suas influências políticas na época, para tirar Polidoro do *front* e, assim, tomarem as decisões que julgassem melhor para o conflito.

Sendo assim, temos um interessante ponto de inflexão entre Fleiuss e Agostini. E, mesmo que ambos tenham optado por abordar os seguintes assuntos de formas distintas, eles trouxeram à tona um problema relevante vivido no Rio de Janeiro e no teatro de operações, mostrando a seus leitores diferentes perspectivas sobre como a política se desenrolava dentro e fora do conflito.

Assim, é possível perceber que Angelo Agostini teve variações ao longo de sua trajetória durante os anos de conflito, tendo variado drasticamente suas produções de São Paulo e do Rio de Janeiro. Ao se tornar um polemista na Corte, o artista provavelmente buscava chamar a atenção dos leitores da região, ficando cada vez mais perceptível através das rugas fomentadas por ele a outros periódicos e personagem, que a polêmica de fato vendia. Não só isso, as notícias sobre a guerra também se constituíam em uma excelente maneira de trazer os olhares dos cariocas para *A Vida Fluminense*, algo que ficou explícito ao elaborarmos a dissertação *As litografias da coleção “Quadros históricos da guerra do Paraguai” na década de 1870: projeto editorial e imagens* (Cunha, 2019), em que tivemos uma aproximação com a produção de uma coleção de gravuras voltadas para a exaltação da vitória brasileira no conflito, em, que Agostini esteve inicialmente presente no projeto, tendo o material sido vendido para diversos ministérios do Império, algo que explicita a visão comercial do italiano naquela época. Mesmo sendo amplamente crítico à monarquia e ao monarca, ele viu no findar do conflito uma chance de conseguir vender, tendo êxito em sua empreitada, feita em sociedade com Antônio Pedro Marques de Almeida, seu padrastrado, e Augusto de Castro.

Aliás, torna-se necessário enfatizar que o cenário ilustrado da época representava um crescente mercado no Brasil, tendo a população um gradativo interesse em acompanhar as informações locais, nacionais e até mesmo internacionais, bem como assuntos variados, que iam de moda, notícias da guerra e até mesmo a recriação de casos criminais. Contudo, também é necessário explicar que o período foi demarcado pelo alto índice de analfabetismo na população, algo que reforça ainda mais os impactos das imagens, que se firmavam como uma nova linguagem no Brasil, algo que precisa ser reforçado, não sendo elas mero complemento textual. E a História da Arte é essencial para dar aos historiadores subsídios para se compreender a polissemia dessas imagens e dos diferentes discursos nelas inseridos, levando também em consideração aspectos do

passado e do presente, tão bem aprofundados pela historiografia geral do conflito e também do século XIX.

Assim, ao analisarmos as vastas produções de Henrique Fleiuss e Angelo Agostini sobre o conflito, buscamos nos atentar às suas diferentes nuances, que variavam de acordo com o tema e o período representado. Todavia, a ideia de analisar sistematicamente as gravuras, em paralelo com a historiografia, tão bem produzida por nomes como Francisco Doratioto, Ricardo Salles e tantos outros historiadores, foi possível não só entender as gravuras *per se*, mas também os acontecimentos que elas buscavam retratar. Diante disso, é interessante frisar também que elas tinham um papel informativo, algo constantemente ressaltado por ambos os artistas, que, por vezes, enfatizavam que os desenhos e esquemas eram baseados em informações advindas do teatro de operações, com o intuito de dar uma maior fidedignidade às suas produções. Mas, sabe-se também que, ao criar gravuras, ambos os desenhistas também preconizavam aspectos como o heroísmo dos soldados no conflito, críticas políticas demarcadas por seus posicionamentos distintos e outros vários fatores apresentados ao longo dos seis anos de guerra.

E, é claro, esta tese não tem o objetivo de encerrar os debates acerca das produções de Henrique Fleiuss e Angelo Agostini. Muito pelo contrário, através do grande trabalho de ambos os artistas, que foram, em boa parte, apresentados ao longo deste texto, uma das ideias era a de justamente apresentar a outros historiadores essa enorme variedade de fontes sobre o conflito, que nos fazem refletir um conflito tão complexo quanto a guerra contra o Paraguai e seus desdobramentos na história.

Porém, para manter o texto dentro de uma linha narrativa condizente com os objetivos propostos, foi necessário abrir mão de uma boa parte das imagens, encontradas em 874 periódicos. No total, o processo de pesquisa observou 781 gravuras. Todavia, achamos pertinente o uso de 323 delas, não por grau de importância maior ou menor, mas por dialogarem entre si e com a proposta de perceber como certos acontecimentos foram narrados por ambos os artistas e seus respectivos periódicos, além de apresentar peculiaridades em suas escolhas, que refletem parte de suas personalidades extremamente criativas e únicas.

E, ao apresentar essas fontes de uma maneira mais sistematizada, não necessariamente seguindo uma ordem cronológica de produção, mas do andamento da guerra em si, elencadas com base no próprio levantamento feito, que nos indicava determinados temas-chave, que culminaram nos capítulos da segunda parte. É claro, ainda há muito a ser dito sobre Henrique Fleiuss, Angelo Agostini e seus respectivos periódicos.

Mais ainda, há muito a ser observado na imprensa ilustrada do século XIX, uma fonte imensurável de informações para os estudiosos do período.

Portanto, as ideias desta tese ainda serão desenvolvidas em pesquisas posteriores, aprofundando ainda mais nas mais variadas interpretações das imagens e das mensagens trazidas por elas. Ao conseguir concatenar diferentes períodos da vida dos artistas aqui estudados, e, ao mesmo tempo, levar em consideração aspectos da imprensa ilustrada e da própria história daquele momento foram aspectos essenciais para se compreender como o cenário ilustrado no período se deu. Desta forma, foi interessante de se perceber como as redes de informação se formavam, muitas das vezes de forma completamente orgânica, através das sociabilidades advindas da própria vivência na Corte, ou também como forma dos próprios homens do *front* em levarem os feitos à vista do povo. Afinal de contas, esta era uma das maneiras possíveis de se entrar para os anais da história da guerra contra o Paraguai. E ambos os artistas e seus periódicos fizeram esse trabalho de recontar acontecimentos da guerra de uma maneira muito variada, além de homenagear diversos soldados mortos e feridos ao longo dos anos de conflito. Sobre este tema, trouxemos apenas alguns exemplos, pois uma considerável parte das gravuras encontradas tratava justamente dessa temática, e, para não virar um trabalho biográfico, optamos por enfatizar homenagens em momentos mais específicos.

Vale mencionar também que algumas das análises feitas sobre as imagens só foram possíveis por conta do trabalho enriquecedor de diversos estudiosos sobre o conflito e suas inúmeras perspectivas. Através da historiografia, diversas imagens puderam ser melhor interpretadas, sobretudo quando não haviam legendas ou textos sobre o assunto. No entanto, as análises feitas trazem algumas percepções fundamentadas não só no lado historiográfico, mas também no próprio ato de observar as imagens e seus aspectos iconográficos. E, é claro, o estudo das imagens tem, em sua natureza, ser polissêmico. Portanto, reforçamos novamente que uma das ideias deste trabalho não é a de esgotar as interpretações dessas fontes, mas sim de apresenta-las, trazê-las à luz, pois elas poderão ser úteis a outros investigadores.

E, neste ponto, vale também o reforço de que a perspectiva aqui estudada é a dos brasileiros e as suas percepções sobre si mesmos e sobre os inimigos paraguaios. Por isso, usamos a “guerra contra o Paraguai”, e não outro termo para falarmos do conflito em questão.

E, para muito além da dicotomia usada na época, entre “civilização” e “barbárie”, através destas gravuras e da imprensa no geral, também foi observável como este meio

de comunicação influenciou boa parte da opinião pública, através de suas gravuras e narrativas, que perduraram por muitos anos no imaginário popular, inclusive em alguns preconceitos contra o povo paraguaio, que, embora tenham uma outra forma de ser colocados na atualidade, ainda perdura.

Por fim, antes de findar este trabalho, precisamos citar a questão trazida pelos representantes do PARLASUR, que buscam reescrever a historiografia da guerra ao reunir todos os países participantes, além de criar uma comissão de verdade e justiça sobre os acontecimentos do conflito. Ainda que não seja possível regredir no tempo, observar tais aspectos de um ponto de vista mais amplo poderá ser algo grandioso para o Cone Sul e todo o seu conflituoso histórico.

É claro, isso não findará os problemas atuais, e, tampouco trarão as vítimas de volta à vida. A questão que envolve a guerra atualmente é política, e tem sido reaproveitada por diversas lideranças, que buscam regressar a um passado glorioso que nunca existiu, tanto no Brasil, quanto em qualquer um dos países envolvidos. A esse apelo ao passado, muito comum por parte da extrema-direita, observamos no Brasil, através das Forças Armadas e de grupos como o Brasil Paralelo, como a falta de uma análise crítica dos próprios erros do Império esvaziam a temática do conflito. Uma observação pertinente sobre a guerra contra o Paraguai é o seu esquecimento em livros didáticos e na própria formação básica do povo brasileiro. Compreender este conflito de maneira crítica pode ser uma das várias chaves utilizadas para compreendermos a contemporaneidade brasileira e vários de seus problemas.

Desta forma, cremos ser de extrema importância não só para a historiografia do conflito, mas para a própria formação dos Estados envolvidos nele, a revisão conjunta de todos os acontecimentos entre 1864 a 1870. De maneira problematizadora, existem muitos frutos a serem colhidos por todos os envolvidos.

Esta tese buscou apresentar as perspectivas de Henrique Fleiuss e Angelo Agostini, que, através da ótica brasileira, traduziram o conflito para as páginas de seus respectivos periódicos, mostrando que existem mil maneiras de se ver e narrar os vários acontecimentos da guerra. Através de suas experiências, posicionamentos políticos e interesses, a guerra foi levada aos lares de diversos brasileiros na época, tendo ambos uma importância ímpar para a formação da cultura visual brasileira.

E, uma das grandes certezas advindas deste trabalho é a de que ainda há muito a ser dito sobre este conflito, o maior da América do Sul, que vitimou diversas pessoas e mudou radicalmente a geopolítica do chamado Cone Sul.

## Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. **Práticas de Leituras: história e modalidades**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Campo Grande, 2001. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio6.html>.

AGOSTINI, Ângelo; CAMPOS, Américo de; REIS, Antônio Manuel dos. **Cabrião: semanário humorístico 1866-1867**. Introdução de Délio Freire dos Santos. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ALBUQUERQUE, Fernanda Deminicis de; LOUREIRO; Marcello José Gomes. “Não havia um coração que não fosse presa dos mais desencontrados sentimentos”: A Passagem de Humaitá, projetos de nação e representações da guerra. In: **Revista Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil**. Rio de Janeiro, V. 14, n. 27, 2018.

ALVES, J. V. Portella Ferreira. **Mallet, o Patrono da Artilharia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **A Semana Ilustrada e a guerra contra o Paraguai: primórdios da fotorreportagem no Brasil**. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2011.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ANDRÉA, Júlio. **A Marinha Brasileira: florões de glórias e de epopeias memoráveis**. Rio de Janeiro, SDGM, 1955.

ARGAN, Giulio Carlo. **Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

ASSIS, Afonso Celso, (Visconde de Ouro Preto). **A Marinha de outrora**. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1894.

BACZKO, Bronislaw. Imaginário Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. *Anthropos-Homem*, v. 5, Lisboa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1895.

BALABAN, Marcelo. **Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BARMAN, Roderick J.. **Citizen Emperor: Pedro II and the Making of Brazil, 1825–1891**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

BARROS, Aldeir Isael Faxina. A atuação da esquadra imperial brasileira contra a posição de fortín no Tebiquary. In: **Revista Brasileira de História Militar**. VII (20), 2016.

BARROS, Aldeir Isael Faxina. Abordagem aos Encouraçados no Tagy. In: **Revista Navigator**, n. 17 (33), 2021.

BARROS, Antônio José Vitorino de. **Guerra do Paraguai: O Almirante Visconde de Inhaúma**. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1870.

BARROSO, Encouraçado. **Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha**. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br.dphdm/files/BarrosoEncouracado1865-1881.pdf>. Acessado dia 20/02/2023.

BARROSO, Gustavo. **História Militar do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

BATISTA, Braz Vas. O Conde d'Eu e a Guerra do Paraguai: algumas considerações historiográficas. **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão** – ANPUH/SP. Disponível em: <http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Braz%20Batista%20Vas.pdf>. Acessado dia 08/12/2023.

BAXANDALL, Michael. **O Olhar Renascente: Pintura e Experiência Social na Itália**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BENÍTEZ, Luis G. **Breve historia de grandes hombres**. Assunção: Industrial Gráfica Comuneros, 1986. Disponível em: [https://www.portalguarani.com/1484\\_luis\\_g\\_benitez/14151\\_breve\\_historia\\_de\\_grandes\\_hombres\\_obra\\_de\\_luis\\_g\\_benitez\\_.html](https://www.portalguarani.com/1484_luis_g_benitez/14151_breve_historia_de_grandes_hombres_obra_de_luis_g_benitez_.html). Acessado dia 30/08/2023.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnole (visconde de). **Campanha da Cordilheira**. São Paulo: Melhoramentos, 1926.

BORGA, Ricardo Nunes. **Questões Do Prata - Guerra da Tríplice Aliança: o conflito que mudou a América do Sul**. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2015.

BORGA, Ricardo Nunes. **Questões do Prata**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2010.

BORMANN, José Bernardino. **A Campanha do Uruguay (1864–65)**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

BOURDIEU, P; DARBEL, A. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo: Edusp/Zouk, 2003.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia**. De Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BURTON, Sir Richard. **Letters From the Battle-Fields of Paraguay**. Londres: Tinsley Brothers, 1870.

CÂMARA, Rinaldo Pereira. **O marechal Câmara: sua vida militar**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.

CÂMARA, Rinaldo Pereira. **O marechal Câmara: sua vida militar**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 444 e FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da Guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai**, v. 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1860, p. 184.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida (dir). **Diabo Coxo**: São Paulo, 1864-1865. Ed. fac-similar. São Paulo: Edusp, 2005.



CAMPESTRINI, Hildebrando et al. **Enciclopédia das Águas de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS: IHGMS, 2014.

CAPARELLI, André. Capítulo – Identidade e alteridade nacionais: transferências culturais na imprensa brasileira do século XIX. In: GUIMARÃES, Valéria (org.). **Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012.

CAPDEVILA, Luc. **Una guerra total: Paraguai, 1864-1870**. Ensayo de historia del tiempo presente. Trad. de Ana Couchonnal. Assunção: Centro de Estudos Antropológicos da Universidade Católica de Buenos Aires, Sb, 2010.

CARDOSO, Rafael (org.). **O design brasileiro antes do design**. São Paulo: CosacNaify, 2005.

CARDOSO, Rafael. A Academia Imperial de Belas Artes e o Ensino Técnico. In: **180 Anos da Escola de Belas Artes**. Anais do Seminário EBA 180. 2. impr. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

CARDOSO, Rafael. **Impresso no Brasil, 1808-1930**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

CARVALHO, José Murilo de (org.). **A Construção Nacional: 1830-1889**. V. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos P. (orgs.). **Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Biblioteca do Exército: Rio de Janeiro, 1980.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai: 1865-1870**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1870.

CERVO, Amado Luiz Cervo; RAPOPORT, Mario (orgs.). **História do Cone Sul**. Revan: Rio de Janeiro e Editora UnB: Brasília, 1998.

CHIAVENATO, Júlio José. **Genocídio americano: a guerra do Paraguai**. Brasiliense: Brasília, 1988.

CHRISTO, Maraliz. **Pintura, história e heróis no século XIX: Pedro Americo e "Tiradentes Esquartejado"**. Tese (doutorado) IFCH/Unicamp, 2005.

COSTA, Francisco Felix Pereira da. **História da guerra do Brasil contra as Republicas do Uruguay e Paraguay**. Rio de Janeiro: Livraria de A.G. Guimarães & C., 1870.

COSTA, Wilma Pereira. **A espada de Dâmocles**. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 1996.

COSTA, Sergio Paulo Muniz. **Cinco Séculos de História Militar do Brasil: espaço, cultura, sociedade e nação**. Rio de Janeiro: IHGB, 2021.

CUNHA, Álvaro Saluan da. **As litografias da coleção "Quadros históricos da guerra do Paraguai" na década de 1870: projeto editorial e imagens**. Dissertação (História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM). **Revista Marítima Brasileira** (00142): 3347, 7 de agosto de 1941; **NOMAR - Notícias da Marinha, Rio de Janeiro**, SRPM, n.º 502, abr./mai/jun. 1985; n.º 686, jun. 1999. Consultado em 23 de dezembro de 2021.

DONATO, Hernâni. **Dicionário das batalhas brasileiras**. São Paulo: Editora Ibrasa, 1996.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**: Nova história da Guerra do Paraguai. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2022.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**: Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOURADO, Maria Teresa Garritan. História Social da Guerra do Paraguai: fome, doenças e penalidades. In: **Albuquerque**: Revista de História, Campo Grande, MS, v. 3, n.º 6, jul./dez. 2011.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **A história esquecida da Guerra do Paraguai**: fome, doenças e penalidades. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2010.

DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1983.

FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? **Educação Social**, vol. 23, n. 81, dez. 2012. Campinas: Unicamp.

FERRARO, Alceu Ravello. História quantitativa da alfabetização no Brasil. In RIBEIRO, V. M. (org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

FERTIG, André. De general a visconde: José Antônio Correa da Câmara na Campanha da Cordilheira e na caçada final a Solano López. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 12, n. 2, ago.-dez., 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/download/941/pdf/352353091>. Acessado dia 13/05/2023.

FIORAVANTI, Carlos. O terror das doenças na guerra do Paraguai. In: **FAPESP Pesquisa**. Ed. 309, novembro de 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-terror-das-doencas-na-guerra-do-paraguai/>. Acessada dia 10/03/2023.

FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1956.

FROTA, Guilherme de Andrea; LIMA, Marcos Vinicius Ribeiro. **Diário pessoal do Almirante Visconde de Inhaúma durante a Guerra da Tríplice Aliança**. Rio de Janeiro: G. de Andrea Frota, 2008.

GALVÃO, Rufino Eneias Gustavo. **Campanha do Paraguay** (1867 e 1868). Rio de Janeiro: Imprensa Militar Estado-Maior do Exército, 1922.

- GARMENDIA, José Ignacio. **Campaña de Corrientes y Río Grande**. Buenos Aires: Peuser, 1904.
- GAVIER, Mario Díaz. **En tres meses en Asunción**. Córdoba: Ed. del Boulevard, 2005.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GONÇALVES, Leandro José Clemente. **Tática do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai entre 1866 e 1868**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca: 2009.
- GRATZ, George A., PRESTON, Antony (orgs.). **The Brazilian Imperial Navy Ironclads, 1865-1874**. London: Conway Maritime Press, 1999.
- GREENHALG, Canhoneira. **Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha** Disponível em: [https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/Greenhalgh\\_Canhoneira1865-1884.pdf](https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/Greenhalgh_Canhoneira1865-1884.pdf). Acessado dia 10/02/2023.
- GREENHALG, Juvenal. Napoleão Level e Carlos Braconnot, construtores navais do Império. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 244, p. 318-340, jul./set. 1959.
- HEYNEMANN, Claudia Beatriz e MONTEIRO, Maria Elizabeth Brêa. Festa das Artes e da Indústria – Segunda Exposição Nacional, 1866. **Brasiliana**, 3 de abril de 2020. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=exposicao-nacional-de-1866>. Acessado dia 20/02/2023.
- HOOKER, Terry D.. **The Paraguayan War**. Nottingham: Foundry Books, 2008.
- HOOKER, Terry D. **Armies of the nineteenth century**. The Americas. Nottingham: Foundry Books, 2008.
- HUIZINGA, Johann. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- IPANEMA, Rogéria Moreira de. **A arte da imagem impressa: a construção da ordem autoral e a gravura no Brasil do século XIX**. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, 2007, pp. 2-3.
- JACEGUAY, A.; DE OLIVEIRA, Vidal. **Quatro Séculos de Actividade: Portugal e Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.
- KALIFA, Dominique. **L'encre et le sang – récits de crimes et société à la Belle Époque**. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1995.
- KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual**, 2006.
- KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta de. **Revistas Ilustradas: Modos de ler e ver no Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2011.

KOLINSKI, Charles J.. **Independence or Death!** The story of the Paraguayan War. Gainesville, Florida: University of Florida Press, 1965.

KRAAY, Hendrik. Os companheiros de Dom Obá: os zuavos baianos e outras companhias negras na Guerra do Paraguai. In: **Afro-Ásia**, n. 46, 13 de maio de 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/afro/a/B5B73fZKZZPscTWvb5YBkkb/?format=pdf&lang=pt>.

KREIS, Georg. **Mythos Rütli**. Geschichte eines Erinnerungsortes. Mit zwei Beiträgen von Josef Wiget. Zúriq: Orell Füssli Verlag, 2004.

LACOMBE, Américo Jacobina. **Ensaio histórico**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1993.

LAVENÈRE-WANDERLEY, Nelson Freire. **Os Balões de Observação na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, 2017. Disponível em: [https://www2.fab.mil.br/incaer/images/eventgallery/instituto/Opusculos/Textos/opusculo\\_os\\_baloes.pdf](https://www2.fab.mil.br/incaer/images/eventgallery/instituto/Opusculos/Textos/opusculo_os_baloes.pdf). Acessado dia 10/03/2023.

LEITE, José Roberto Teixeira. **Dicionário crítico da pintura no Brasil**. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988.

LEUCHARS, Chris. **To the Bitter End: Paraguay and the War of the Triple Alliance**. Col: Contributions in Military Studies. 223. Westport, CT: Greenwood Press, 2002.

LIMA BARROS, Fragata encouraçada. **Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha**. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/LimaBarrosFragataEncoura%C3%A7ada1886-1883.pdf>. Acessado dia 20/02/2023.

LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1963.

LIMA, Luiz Octávio de. **A Guerra do Paraguai**. São Paulo, São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

LYRA, Heitor. **História de d. Pedro II: 1825-70**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938, vol. I.

MAESTRI, Mário (2014). Quem Matou o Mariscal? Cerro Corá, 1º de Março de 1870: Entre a História e o Mito. **Revista Tempos Históricos**, nº 18, v. 1. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6800602.pdf>. Acessado dia 20/05/2023.

MAESTRI, Mário. **Guerra Sem Fim: A Tríplice Aliança contra o Paraguai - A Campanha Defensiva (1866-70)**. Porto Alegre: Clube de Autores, 2017.

MAESTRI, Mário. Quem Matou o Mariscal? Cerro Corá, 1º de Março de 1870: Entre a História e o Mito. In: **Revista Tempos Históricos**, n. 18 (1), 2014.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. **Suspiros Poéticos e Saudades**. Disponível em:

[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/suspiros\\_poeticos.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/suspiros_poeticos.pdf).

Acessado em 30/01/2023.

MAIA, Prado. **A Marinha de Guerra do Brasil na Colônia e no Império**. José Olympio Ed. Rio: 1965.

MALAN, Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

MARINGONI, Gilberto. **Angelo Agostini: A Imprensa Ilustrada da Corte à Capital Federal: 1864-1910**. São Paulo: Devir, 2011.

MARTINI, Fernando Ribas de. Monitores sob ataque: do Alagoas em Humaitá ao Pernambuco em Porto Esperança, a dura arte de aprender lições. In: **Revista Navigator**, n. 14, 2018.

MENDONÇA, Mário F. e VASCONCELOS, Alberto. **Repositório de Nomes dos Navios da Esquadra Brasileira**. Rio de Janeiro. SDGM, 1959.

MENDONÇA, Salvador de. **Apontamentos Biographicos para a historia das campanhas do Uruguay e Paraguay: desde MDCCCLXIV**. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança.

MENDOZA, Hugo. **La Guerra contra la Triple Alianza 1864 - 1870**. Assunção: El Lector, 2010.

MORAIS, Eugênio Vilhena de. Ata da sessão comemorativa do sesquicentenário do nascimento do Almirante Joaquim José Inácio, Visconde de Inhaúma. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1958.

MOREL, Marco, BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MORENO, Isidoro Ruiz. **Campañas militares argentinas**, Tomo IV. Buenos Aires: Ed. Emecé, 2008.

MOTTA, Artur Silveira da (Barão de Jaceguai). **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. Senado Federal: Brasília, 2011.

NABUCO, Joaquim. **Um estadista no Império: Nabuco de Araújo**. São Paulo: Progresso, s. d., vol. III.

NABUCO, Joaquim. **Um estadista no Império: Nabuco de Araújo**. V. 2. Rio de Janeiro: Garnier, 1899-1900. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/179441>. Acessado dia 31/01/2023.

OLIVEIRA, Raphael Braga de. **Mar calmo nunca fez bom pintor: as pinturas de marinha de Eduardo de Martino (1868-1876)**. Monografia em História. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2017.

PALLEJAS, León de. **Diario de campaña de las fuerzas aliadas contra el Paraguay**. Montevidéo: Imprenta de El Pueblo, 1865, tomo I.

PARNAÍBA, Corveta. **Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.** Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/ParnaibaCorveta1858-1868.pdf>. Acessado dia 10/02/2023.

PAULA, Edgley Pereira de. **Guerra na imprensa ou imprensa de guerra?** A imprensa brasileira nos campos de batalha da Guerra do Paraguai. São Paulo: Scotercci, 2020.

PEREIRA, Manoel Gomes (org.). **Barão do Rio Branco: 100 Anos de Memória.** FUNAG: Brasília, 2012, pp. 19-27. Disponível em: [http://funag.gov.br/loja/download/1007-Barao\\_do\\_Rio\\_Branco\\_-\\_100\\_anos\\_de\\_memoria.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/1007-Barao_do_Rio_Branco_-_100_anos_de_memoria.pdf). Acessado dia 04/02/2023.

PEREIRA, Walter Luiz. **Óleo Sobre Tela, Olhos Para a História.** 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, 2013.

PIMENTEL, Joaquim B. de Azevedo. **Episódios militares.** Rio de Janeiro: Biblex, 1978.

REGO, Antônio José de Souza. **Relatório da 2ª Exposição Nacional de 1866.** Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1869.

RESENDE, Luiz Marcelo. A migração da arte pictórica europeia para a imprensa brasileira no final do século XIX. **19&20**, Rio de Janeiro, v. XII, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/obras/lmr\\_imprensa.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/lmr_imprensa.htm).

RIBEIRO, José Iran. **Quando o Serviço nos Chama: Os Milicianos e os Guardas Nacionais Gaúchos (1825-1845).** Porto Alegre: PUCRS, 2001.

RODRIGUES, Marcelo Santos. **Os (in)Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai** (A participação da Bahia no conflito). Dissertação (História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.

SALLES, André Mendes. O lugar da Guerra do Paraguai em práticas curriculares de professores de História de escolas da educação básica no Brasil e no Paraguai. In: **SÆCULUM – Revista de História**, v.26, n.45. João Pessoa, jul./dez de 2021.

SALLES, Ricardo. **A Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. **D'O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense.** Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

SANTOS, Francisco Marques. **O leilão do paço imperial.** Anuário do Museu Imperial. Petrópolis: 1940, v. 1.

SANTOS, Ítalo Acássio Andrade dos. **A Influência do Desenvolvimento da Artilharia na Batalha de Tuiuti.** Trabalho de Conclusão de Curso. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2017. Disponível em:





TELLES, Angela Maria Cunha da Motta. **Desenhando a nação**: Revistas Ilustradas do Rio de Janeiro e Buenos Aires nas décadas de 1860-1870. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

THOMPSON, George. **The War in Paraguay**: With a Historical Sketch of the Country and Its People and Notes Upon the Military Engineering of the War. Londres: Longman's, Green and Co., 1869.

TORAL, André. **Imagens em desordem**. São Paulo: Humanitas, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VASCONCELLOS, Victor N.. **Resumen de Historia del Paraguay**. Delimitaciones Territoriales. Assunção, Paraguai: Industria Grafica Comuneros, 1970.

VAZ, Antonio Alvares Guedes; MENDONÇA, Salvador Furtado de. **Apontamentos biographicos para a historia das campanhas do Uruguay e Paraguay desde MDCCCLXIV**. Perseverança: Rio de Janeiro, 1866.

BARMAN, Roderick J., **Princesa Isabel do Brasil**: gênero e poder no século XIX. São Paulo: UNESP, 2005.

PLÁ, Josefina. **Hermano Negro**: La Esclavitud en el Paraguai. Madrid: Paraninfo, 1972.

WESTIN, Ricardo. Bisneto de Solano López pede ao Brasil que devolva canhão da Guerra do Paraguai. **Agência Senado**, 28/11/2014. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/11/28/bisneto-de-solano-lopez-pede-ao-brasil-que-devolva-canhao-paraguaio>.

WHIGHAM, Thomas L. **The Paraguayan War**: causes and early conduct. Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press, 2002.



## **Periódicos**

- A Vida Fluminense**, 10 de abril de 1869, n. 67.
- A Vida Fluminense**, 14 de março de 1868, n. 11.
- A Vida Fluminense**, 14 de março de 1868, n. 11.
- A Vida Fluminense**, 15 de agosto de 1868, n. 33.
- A Vida Fluminense**, 16 de janeiro de 1869, n. 55.
- A Vida Fluminense**, 17 de abril de 1869, n. 68.
- A Vida Fluminense**, 1 de abril de 1868, n. 15.
- A Vida Fluminense**, 22 de agosto de 1868, n. 34.
- A Vida Fluminense**, 23 de abril de 1870, n. 121.
- A Vida Fluminense**, 26 de março de 1870, n. 117.
- A Vida Fluminense**, 28 de março de 1868, n. 13.
- A Vida Fluminense**, 29 de janeiro de 1870, n. 109.
- A Vida Fluminense**, 4 de abril de 1868, n. 14.
- A Vida Fluminense**, 5 de novembro de 1868, n. 45.
- A Vida Fluminense**, 7 de maio de 1870, n. 123.
- A Vida Fluminense**, 8 de agosto de 1868, n. 32.
- A Vida Fluminense**, 9 de abril de 1870, n. 119.
- A Vida Fluminense**, de janeiro de 1870, n. 105.
- Correio Paulistano**, 30 de setembro de 1866, n. 3106.
- O Cabrião**, 16 de dezembro de 1866, n. 12.
- O Cabrião**, 16 de dezembro de 1866, n. 12.
- O Cabrião**, 1 de novembro de 1866, n. 7.
- O Cabrião**, 2 de dezembro de 1866, n. 10.
- O Cabrião**, 6 de janeiro de 1867, n. 14.
- O Cruzeiro**, 25 de março de 1950, n. 23.
- O Cruzeiro**, 25 de março de 1950, n. 23.
- O Despertador**, 6 de outubro de 1868, n. 595.
- O Universal (MG)**, 2 de novembro de 1831, nº 667.
- Semana Illustrada**, 12 de novembro de 1865, n. 257.

**Semana Ilustrada**, 14 de março de 1869, n. 431.  
**Semana Ilustrada**, 14 de outubro de 1866, n. 305.  
**Semana Ilustrada**, 15 de outubro de 1865, n. 253.  
**Semana Ilustrada**, 16 de julho de 1865, n. 240.  
**Semana Ilustrada**, 17 de junho de 1866, n. 288.  
**Semana Ilustrada**, 19 de janeiro de 1868, n. 371.  
**Semana Ilustrada**, 19 de novembro de 1865, n. 258.  
**Semana Ilustrada**, 2 de fevereiro de 1868, n. 373.  
**Semana Ilustrada**, 2 de julho de 1865, n. 238.  
**Semana Ilustrada**, 20 de agosto de 1865, n. 245.  
**Semana Ilustrada**, 20 de maio de 1866, n. 284.  
**Semana Ilustrada**, 20 de março de 1870, n. 484.  
**Semana Ilustrada**, 20 de março de 1870, n. 484.  
**Semana Ilustrada**, 23 de julho de 1865, n. 241.  
**Semana Ilustrada**, 23 de outubro de 1864, n. 202.  
**Semana Ilustrada**, 24 de março de 1867, n. 328.  
**Semana Ilustrada**, 24 de setembro de 1865, n. 250.  
**Semana Ilustrada**, 24 de setembro de 1865, n. 250.  
**Semana Ilustrada**, 25 de novembro de 1866, n. 311.  
**Semana Ilustrada**, 26 de fevereiro de 1865, n. 220.  
**Semana Ilustrada**, 27 de fevereiro de 1870, n. 481.  
**Semana Ilustrada**, 27 de maio de 1866, n. 285.  
**Semana Ilustrada**, 27 de novembro de 1865, n. 259.  
**Semana Ilustrada**, 28 de outubro de 1866, n. 307.  
**Semana Ilustrada**, 29 de abril de 1866, n. 281.  
**Semana Ilustrada**, 29 de abril de 1866, n. 281.  
**Semana Ilustrada**, 29 de janeiro de 1865, n. 216.  
**Semana Ilustrada**, 29 de janeiro de 1865, n. 216.  
**Semana Ilustrada**, 2 de outubro de 1866, n. 306.  
**Semana Ilustrada**, 30 de outubro de 1864, n. 203.

**Semana Ilustrada**, 3 de julho de 1864, n. 190.  
**Semana Ilustrada**, 5 de fevereiro de 1865, n. 217.  
**Semana Ilustrada**, 5 de março de 1865, n. 221.  
**Semana Ilustrada**, 6 de outubro de 1867, n. 356.  
**Semana Ilustrada**, 7 de outubro de 1866, n. 304  
**Semana Ilustrada**, 8 de janeiro de 1865, n. 213.  
**Semana Ilustrada**, 8 de janeiro de 1865, n. 213.  
**Semana Ilustrada**, 8 de março de 1868, n. 378.  
**Semana Ilustrada**, 8 de março de 1868, n. 378.  
**Semana Ilustrada**, 8 de outubro de 1865, n. 252.  
**Semana Ilustrada**, 9 de agosto de 1868, n. 400.  
**Semana Ilustrada**, 9 de dezembro de 1866, n. 313.  
**Semana Ilustrada**, 9 de fevereiro de 1868, n. 374.  
**Semana Ilustrada**, de janeiro de 1865, n. 212.  
**Semana Ilustrada**, de outubro de 1865, n. 251.  
**Semana Ilustrada**. 24 de dezembro de 1865, n. 263.  
**Semana Ilustrada**. 25 de dezembro de 1864, n. 211.  
**Semana Ilustrada**, 3 de maio de 1863, n. 129.

## Documentos e cartas

**Anais do Senado do Império do Brasil:** primeira sessão em 1869 da décima quarta legislatura de 30 de julho a 30 de agosto. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário do Rio de Janeiro, 1869.

**Arquivo do General Mitre,** 1911, Tomo IV, p. 43.

**Arquivo do General Mitre,** 1911, Tomo IV, p. 60.

**Arquivo do General Mitre,** 1911, Tomo IV, p. 61.

**Arquivo do General Mitre,** 1911, Tomo IV, pp. 43-44.

**Atas – Sessões da Presidência do Diretor 1882-1890.** [livro A.05; Museu D. João VI], p. 1, 6-8, 61.

**Atas do Conselho de Estado de 13/10/1866 e de 18/3/1867,** BSF, microfilme 02/72; Zacarias, sessão do Senado de 7/7/1870, AS, 1870, vol. li, p. 36; Paunero para Sarmiento, Rio de Janeiro, 28/3/1869, AGNA, ex-Museo Histórico Nacional, maço 34, doe. 4129. Ver também Arthur de Gobineau para o marquês de La Valette, ministro de Negócios Estrangeiros da França, Rio de Janeiro, 29/3/1869, em Jean-François Raymond, Arthur de Gobineau et le Brésil: correspondance diplomatique du Ministre de France à Rio de Janeiro; 1869-1870, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1990.

**Balanço da Receita e Despesa do Império.** Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875-1883.

Carta de Caxias para Muritiba, of. conf. e rés., Villeta, 13/12/1868, AN, códice 924, vol. 5, pp. 136-7, Apud DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra:** nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 366.

Carta de Joseph Nicolas Robert-Fleury à Adolphe Goupil, 30 de julho de 1878, no quadro do processo de oposição à família Delaroche-Vernet à Goupil, citado por P.-L. Renié, Delaroche por Goupil, retrato do pintor artista popular, em Nantes, Montpellier 1999-2000.

**Decreto nº 3.371, de 7 de janeiro de 1865.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3371-7-janeiro-1865-554492-publicacaooriginal-73111-pe.html>. Acessado dia 30/01/2023.

Decreto-lei nº 5.458, de 5 de maio de 1943. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5458-5-maio-1943-415508-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado dia 29/01/2023.

Decreto-lei nº 5.458, de 5 de maio de 1943. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5458-5-maio-1943-415508-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado dia 29/01/2023.

**Diário de São Paulo,** 3 de maio de 1867, n. 513.

**Jornal da Tarde (RJ),** n. 24, 28/01/1871, p. 2. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

**Lei nº 602 de 19 de setembro de 1850.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-602-19-setembro-1850-559843-publicacaooriginal-82255-pl.html#:~:text=Art.,das%20Pra%C3%A7as%2C%20Fronteiras%20e%20Costas.> Acessado dia 05/02/2023.

**Lei nº 602 de 19 de setembro de 1850.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-602-19-setembro-1850-559843-publicacaooriginal-82255-pl.html#:~:text=Art.,das%20Pra%C3%A7as%2C%20Fronteiras%20e%20Costas.> Acessado dia 05/02/2023.

**Mitre para Elizalde, Tuyuty**, 9 e 10/10/1866 [carta única]. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Departamento Editorial, 1960.

**Paranaguá para Caxias**, Rio de Janeiro, 27/10/1866, IHGB, Coleção Marquês de Paranaguá, lata 314, pasta 2.

**The day of action** [depoimento do engenheiro de bordo do *Marquês de Olinda*, o maquinista inglês George Gibson], [junho, 1865], ANA, Sección Historia, vol. 448, doc. 1.

**Tratado da Tríplice Aliança.** Disponível em: <http://www.saij.gob.ar/127-nacional-tratado-triple-alianza-lnt0002527-1865-05-24/123456789-0abc-defg-g72-52000tcanyel#>. Acessado em 30/01/2023.

## **Apêndice – Cronologia da guerra contra o Paraguai**

### **O período pré-guerra**

#### **1863**

Abril – O general Venâncio Flores e os colorados invadem o Uruguai, pelo território Argentino, apoiados por Mitre e pelos liberais dos brasileiros do Rio Grande do Sul.

Julho – Missão uruguaia na capital paraguaia, Assunção, buscando uma aliança contra a Argentina e o Brasil. López hesita.

Setembro/novembro – O Paraguai adverte que a independência uruguaia é condição para o equilíbrio das forças na região do Rio da Prata.

#### **1864**

Janeiro – Novo governo liberal-progressista no Brasil, com Zacarias Góis e Vasconcelos (substituído em 31 de agosto por Francisco José Furtado, outro liberal, que se manteve no poder até maio de 1865).

Fevereiro – Mobilização geral no Paraguai.

Março – Berro renuncia, transferindo o Poder Executivo no Uruguai para Atanásio Aguirre, presidente do Senado.

Maio – José Antônio Saraiva chega a Montevideú como chefe da missão diplomática brasileira (seguido pelo vice-almirante Tamandaré e pela esquadra brasileira)

18 de junho – Os enviados em missão do Brasil, Argentina e Inglaterra se reúnem para a mediação do fim da guerra civil no Uruguai, estando presente representantes tanto do governo oficial, de Atanásio Aguirre, quanto do chefe da rebelião, Venâncio Flores. Nenhum acordo é firmado e a guerra civil prossegue.

Junho/julho – Fracasso das representações de Saraiva, do chanceler argentino Rufino Elizalde e do ministro britânico em Buenos Aires Edward Thornton, junto ao governo uruguaio.

Agosto – Governo brasileiro ameaça intervir o Uruguai com forças militares caso o governo não tome medidas contra os responsáveis pela violência contra a população brasileira residente no país. Em nota enviada a diplomatas brasileiros, governo do Paraguai protesta contra qualquer invasão do território do Uruguai.

4 de agosto – Ultimato brasileiro aos uruguaiois: cumprimento das exigências ou retaliação.

30 de agosto – Ultimato paraguaio ao Brasil, advertindo contra a intervenção no Uruguai. Uruguai rompe relações com o Brasil.

16 de outubro – Tropas brasileiras invadem o Uruguai para apoiar Flores, e a marinha brasileira bloqueia Montevideú. Para os paraguaios, o *casus-belli*.

## **Início da Guerra**

### **1864**

12 de novembro – O Paraguai precipita a Guerra, apreendendo o vapor mercante brasileiro Marquês de Olinda – que trazia a bordo o presidente do Mato Grosso –, que zarpara de Assunção em direção a Corumbá.

Novembro – Rompem-se as relações diplomáticas entre o império brasileiro e a república paraguaia.

13 de dezembro – O Paraguai declara formalmente guerra ao Brasil e dá início à invasão do Mato Grosso.

27 e 28 de dezembro – Invasão paraguaia ao Forte de Coimbra, no Mato Grosso.

### **1865**

2 de janeiro – Segue a invasão paraguaia para Nioaque, no Mato Grosso.

4 de janeiro – Invasão de Corumbá, Mato Grosso.

7 de janeiro – Com o decreto nº 3.371, do Império do Brasil, criam-se os Corpos de Voluntários da Pátria. Como um contraponto, foram prometidas várias recompensas para quem se voluntariasse à luta.

12 de janeiro – Os paraguaios ocupam Miranda, também no Mato Grosso.

Janeiro – A Argentina recusa o pedido de permissão paraguaio para atravessar o território disputado das Missões, de maneira a atacar o Rio Grande do Sul e dar apoio aos *blancos* no Uruguai.

21 de janeiro – Decreto nº 3.383, feito pelo Império brasileiro convoca a Guarda Nacional para se juntar ao Exército. Ela era composta por cerca de 440 mil homens. Todavia, pouco mais de 40 mil participaram do conflito. Na época, ser alistado na Guarda tinha função de mostrar status social.

Fevereiro – Queda de Montevideú, com a vitória *colorada* na guerra civil uruguaia.

20 de fevereiro – Acordo de paz em na Villa de la Unión. Flores, antes presidente entre 1854 e 1855, é novamente nomeado presidente provisório do Uruguai, aguardando uma eleição (que não aconteceria). Seu governo durou entre fevereiro de 1865 a fevereiro de 1868.

18 de março – O Paraguai declara guerra à Argentina e dá início à invasão, pela província de Corrientes.

1º de maio – É firmado o *Tratado da Tríplice Aliança*, formada por Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai. Os objetivos levantados pela Tríplice são: o fim da ditadura de López; livre navegação no sistema fluvial; anexação do território reivindicado pelo Brasil, no nordeste do Paraguai, e pela Argentina, no leste e oeste do Paraguai (uma cláusula secreta).

Maio/junho – O exército paraguaio, sob o comando do coronel Antonio de la Cruz Estigarribia, invade Corriente e cruza Missões e tomando São Borja e Itaqui, no Rio Grande do Sul. A ordem de López era de que Estigarribia seguisse até Alegrete, sendo ela desrespeitada.

11 de junho – *Batalha do Riachuelo*: A marinha paraguaia investe contra a brasileira, às margens do Arroio Riachuelo, uma afluenta do rio Paraguai, na província argentina de Corrientes, mas é vencida e destruída em uma vitória decisiva para os aliados. Em meio aos tiros de canhoneiras estrategicamente posicionadas em chatas, os navios brasileiros são duramente atingidos. Na batalha, o almirante Tamandaré, surpreendido pelo ataque inimigo, ousa na estratégia. Ele usa a embarcação Amazonas como aríete, já que contava com rígido casco couraçado, batendo na estrutura do Jejuí e de uma chata. Neste momento, o navio Parnaíba, que se encontrava ocupado por paraguaios, iça novamente a bandeira brasileira. Novamente, a Amazonas faz o movimento, dessa vez contra o Salto e contra o também ocupado Marques de Olinda, tendo sucesso em ambos os casos. O Paraguai é bloqueado, mas o avanço aliado ao longo do rio Paraguai é detido pela artilharia da linha de Curupaiti e principalmente pela fortaleza fluvial de Humaitá. Contudo, a região dos rios da bacia platina até a fronteira paraguaia é de controle dos aliados, garantindo a logística às forças de terra e impedindo qualquer ajuda ou movimentação de López na região.

10 a 19 de junho – *Batalha de São Borja*. Mesmo com a derrota na *Batalha de Riachuelo*, os paraguaios seguiram seu avanço com o coronel Antonio de la Cruz Estigarribia pelo Rio Grande do Sul, atravessando o rio Paraná com algumas chatas cerca de 6 mil homens. Os paraguaios encontraram o 1º corpo de Voluntários da Pátria que, em número muito reduzido, cerca de 650, seguraram por dois dias a ofensiva inimiga para que a cidade fosse evacuada. Logo depois, no dia 12, os paraguaios a saqueariam por uma semana, seguindo no dia 19 para Uruguaiana.



26 de junho – *Combate do Butuí*, no riacho de mesmo nome, também conhecido por M'Butuí, entre São Borja e Itaqui. Segue-se o avanço de Estigarribia, que rumo para Uruguaiana, mesmo encontrando destacamentos brasileiros no caminho que o atrasassem. Todavia no dia 26, cerca de 500 paraguaios comandados pelo major José Lopez e 2 mil brasileiros liderados pelo coronel Fernandes Lima, se engajam em escaramuças, tendo os inimigos 236 baixas e os brasileiros 115. Os paraguaios sobreviventes se retiraram, retornando para a posição de Estigarribia.

16 de julho – Inicia-se o cerco de Uruguaiana pelas tropas paraguaias.

5 de agosto – Tropas paraguaias tomam a cidade de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul.

Agosto – Bartolomé Mitre torna-se comandante das forças aliadas.

11 de agosto – *Batalha de Paso de Mercedes* (ou Mercês), em Bella Vista, na província de Corrientes, Argentina. O conflito ocorreu em Bella Vista e à oeste de Mercedes, no rio Paraná. O conflito é ligado ao final da *Batalha do Riachuelo*, onde o comandante paraguaio José María Brugez muda seus homens e as baterias do major Aquino para Punta Mercedes, aproximadamente a 24 quilômetros ao norte de Corrientes, até o quilômetro 1157 do rio Paraná. Ele tinha como objetivo cortar o abastecimento aliado, colocando as baterias no alto de penhascos, disparando contra as embarcações inimigas. A frota brasileira consistia nos vapores *Amazonas* (navio-bandeira) e *Apa*; nas canhoneiras da corveta *Beberibe*, *Ipiranga*, *Mearim*, *Araguary*, *Ivahy* e *Iguatemy*; as corvetas *Belmonte*, *Parnaíba*, *Magé* e *Itajaí*. Estavam sendo lideradas pelo almirante Barroso, que fez a passagem com sucesso, continuando por quase 10 quilômetros, parando apenas à noite.

12 de agosto – *Batalha de Paso de Cuevas*, sequência do ocorrido na Batalha de Paso de Mercedes, durante a invasão paraguaia a Corrientes. Nela, Bruguez segue para Punta Cuevas, 25 quilômetros de Bella Vista, repetindo a sua ação anterior, também sem sucesso.

17 de agosto – Acontece a *Batalha de Jataí*, perto de Paso de los Libres, na região de Corrientes, Argentina. O conflito ficaria marcado como a primeira maior batalha em território paraguaio. A vitória aliada neste conflito foi marcada pelo aprisionamento de soldados uruguaios ligados ao Partido Blanco, executados por Flores como traidores da nação uruguia.

14 de setembro – Estigarribia rende-se a D. Pedro II, Mitre e Flores, em Uruguaiana. O episódio é conhecido como a *Rendição de Uruguaiana*.

Setembro – Brasil solicita empréstimo de 7 milhões de libras ao banco de Rothschild.

Setembro/novembro – O exército paraguaio recua, através do Paraná, retirando-se de todo o território aliado, exceto o Mato Grosso, que era utilizado para defender a fronteira sul.

## 1866

31 de janeiro – *Batalha do Pehuajó*, nomeada também como *Batalha de Corrales* ou *Batalha de Itati*, conflito no qual soldados paraguaios comandados pelo general Francisco Isidoro Resquín e o tenente Celestino Prieto surpreendem uruguaios e argentinos liderados por Bartolomé Mitre e o general Emilio Conesa. Porém, após uma série de insucessos e o fim da munição argentina, ao fim da noite, os Aliados forçam um ataque à carga de baionetas, posteriormente se retirando por ordem de Conesa. O combate serviu para Mitre repreender as tropas argentinas, ordenando maior cautela em ataques furtivos.

10 de abril – Ocorre o *Combate da Ilha da Redenção*, ilha também chamada de *Banco de Itapiru*, *Banco Purutué*, *Ilha Carayá*, *Ilha de Carvalho*, *Ilha do Cabrita* ou *Ilha da Vitória*. A região, quase no meio do rio Paraná, próxima ao forte de Itapirú, é uma espécie de banco de areia, coberto por vasto capinzal. Os brasileiros decidiram ocupar a região, sobretudo por sua posição estratégica, próxima ao acampamento e forte inimigo. Após isso, no dia 5 de abril, o tenente-coronel da engenharia José Carlos de Carvalho (um dos soldados que dão nome ao banco de areia) levou uma série de armas para defesa da posição, entre elas uma bateria La Hitte de 12 e 4 morteiros de 10 polegadas, além do material necessário para a cobertura. Lá ficaram 100 praças do Batalhão de Engenheiros, e os batalhões do 7º corpo de Voluntários da Pátria e 14º de linha, comandado pelo tenente-coronel João Carlos Villagran Cabrita. Antes do sol nascer, por volta das 4 horas da madrugada, forças paraguaias tentam invadir sorrateiramente na ilha, atravessando o trecho do rio com chatas disfarçadas com mato, aproveitando a escuridão. Embora tenham tido algum sucesso no início da invasão, foram logo repelidos pelos brasileiros, que contavam também com auxílio da esquadra, que teve de se afastar por conta dos bombardeios advindos da fortificação de Itapirú. Logo após o final da batalha, uma bomba vinda do forte inimigo atingiria Villagran Cabrita e alguns comandados, que estavam em uma chata com munições para a guarnição. O nome *Ilha da Cabrita* é dado em sua homenagem.

16 de abril – As forças aliadas cruzam o alto do Rio Paraná, dando início à invasão do Paraguai, estabelecendo-se na região do Tuiuti.

16 a 23 de abril – *Batalha do Passo da Pátria*: A aldeia paraguaia de mesmo nome, situada na margem direita do rio Paraná ficava em um ponto estratégico, ao norte da fortaleza de

Itapirú. O plano do almirante Tamandaré era o de bombardear com a esquadra brasileira, juntamente do exército, as posições paraguaias. Com isso, distraia os inimigos e permitia a passagem das embarcações brasileiras que transportavam em média 10 mil homens, entre eles o general Osório. Após a bem-sucedida passagem, os soldados do Império já em terra repeliram os paraguaios restantes, que recuaram para Laguna-Sirena, sofrendo novo ataque, agora de toda a Tríplice Aliança. Os paraguaios resistiram até o dia 23.

17 a 18 de abril – Durante os eventos da *Batalha do Passo da Pátria*, ocorria também a *Batalha de Itapirú*, travada nas proximidades da fortaleza de mesmo nome, marcando a sequência da invasão aliada ao território inimigo. As forças aliadas contavam com 10 mil homens, forçando Solano López a dar ordens para os paraguaios abandonarem a fortificação, ocupada no dia seguinte e servido de acampamento para a Tríplice Aliança. O sucesso das duas batalhas permitiu com que as forças aliadas adentrassem o Paraguai.

2 de maio – *Batalha de Estero Bellaco*: A região localizada na região de Ñeembucú, Paraguai, sediou um dos conflitos mais sangrentos da guerra da Tríplice Aliança. O ataque surpresa articulado pelo general paraguaio José E. Díaz ao acampamento aliado foi bem-sucedido no início. Mas sua ganância em querer continuar, anseando destruir o restante da tropa aliada acabou custando caro. Ao seguir o avanço sobre o acampamento, os paraguaios se depararam com um número muito maior de rivais, o que os forçou a recuar desordenados, levando algumas peças de artilharia inimiga dispostas no campo. Os inimigos perderam mais de 2 mil homens e tiveram ainda 300 feitos de prisioneiros pelos Aliados. O contra-ataque seria planejado pelo general Osório, que presenciou a ofensiva inimiga. Esse foi o primeiro teste dos Voluntários da Pátria, algo que mostrou ao Império que os soldados precisavam de melhores treinamentos.

24 de maio – *Primeira Batalha de Tuiuti*, ocorrida nas margens de lago do mesmo nome. Esse foi o primeiro grande teste de força, sendo considerada a mais sangrenta batalha da América do Sul, contando com mais de 50 mil homens. Luta difícil, onde o Paraguai fracassa na tentativa de desalojar os aliados, que não avançam em território inimigo até setembro. As tentativas inimigas de atacar em três partes não tiveram sucesso: buscavam avançar pelo centro e nas duas alas, contando cada uma com 9 mil homens, sendo superados numericamente por aliados. A vitória da Tríplice Aliança contou com 3011 divididas entre argentinos e brasileiros. Já os paraguaios tiveram mais de 6 mil baixas paraguaias, configurando um verdadeiro desastre.

10 e 11 de julho – *Batalha de Yatayti-Corá*. Nesse conflito, 2 mil e 500 paraguaios comandados pelo general Jose Diaz atacaram as posições argentinas no perímetro próximo a Tuiuti. Vitória dos argentinos.

16 de julho – *Batalha de Boquerón*. O general brasileiro Guilherme Souza conduziu os Aliados para atacar as trincheiras defendidas pelo coronel Elizardo Aquino, morto em combate após 16 horas de confrontos e quatro contra-ataques. Com 2 mil baixas do lado paraguaio e muitos feridos entre os brasileiros e argentinos, a batalha foi vencida pelos Aliados.

18 de julho – *Batalha de Sauce*. Em novo ataque contando com os três países aliados, o general Flores, ataca os inimigos comandados pelos generais José Luis Mena Barreto e Victorino J. C. Monteiro. Morreram cerca de 2 mil paraguaios nessa investida.

3 de agosto – Zacarias volta ao poder como chefe do novo gabinete liberal do Brasil.

1 a 3 de setembro – *Batalha do Curuzú*, onde o comandante Mitre aproveita para atacar o forte de Curuzú com milhares de homens trazidos pelo visconde de Porto Alegre. No dia 1º de setembro, logo pelo início da manhã, a esquadra brasileira se movimenta para a frente do forte com os encouraçados Barroso, Lima Barros, Bahia, Rio de Janeiro e Tamandaré, a canhoneira Magé fica próxima à ilha do Palmar, juntamente das embarcações de madeira Araguari, Belmonte, Beberibe, Greenhalg, Ipiranga, Ivaí e Parnaíba. Durante cerca de 4 horas as embarcações trocam tiros com o forte, ao passo em que os barcos de madeira desembarcam 800 soldados no chaco, para destruírem o forte. No segundo dia de conflito, a esquadra bombardeava o forte, durante o desembarque dos homens do visconde de Porto Alegre, que repeliram os inimigos. No último dia da batalha, o exército tomou o forte, que ainda contava com considerável resistência. Embora a Tríplice Aliança tenha saído vitoriosa, perdeu cerca de 8 mil e 300 homens. Os paraguaios que sobreviveram fugiram para Curupaiti.

12 de setembro – Encontro entre Mitre e López, em Yatayti-Corá, fracassa na tentativa de acabar com a Guerra.

22 de setembro – *Batalha do Curupaiti*. Após o sucesso na queda de Curuzú, a força aliada segue para o entrincheiramento de Curupaiti, sendo impedida de avançar. É considerada a pior derrota brasileira na guerra. Cessam-se os avanços, que retornam apenas em julho de 1867. Esse desastre teve impacto direto nos rumos da guerra. A opinião pública no Império culpava o insucesso por conta dos fracassos de Venancio Flores, que retornaria para Montevidéu; após a derrota também são reduzidas as forças argentinas e uruguaias no conflito. Porém, a aliança ainda seguia.

10 de outubro – O marechal Luís Alves de Lima e Silva, até então marquês de Caxias, é nomeado comandante-em-chefe das forças brasileiras terrestres e navais.

6 de novembro – Feito novo decreto, nº 3.725-A, do Império do Brasil, que tinha como objetivo libertar os escravos que servissem o exército contra os paraguaios.

Novembro – Levante *Montonero* contra Mitre e Guerra, em Cuyo, província da Argentina, comandado por Felipe Varela.

## 1867

8 de maio a 11 de junho – *Retirada da Laguna* pela força expedicionária brasileira, no Mato Grosso. O ainda território paraguaio, e hoje região do atual Mato Grosso do Sul, foi uma das localizações inicialmente alcançadas por uma coluna brasileira da força expedicionária. Ela teve início em 1865, com uma coluna partindo do Rio de Janeiro, posteriormente recebendo reforços de Uberaba, na província de Minas Gerais, percorrendo até Coxim, no Mato Grosso, localização já abandonada. Alcançaram posteriormente Miranda, em setembro de 1866, encontrando a cidade na mesma situação. Em 1867, a coluna encontra-se reduzida a 1680 homens, que decidem invadir o Paraguai, indo até Laguna, em abril. Por muito tempo, a tropa foi vítima de doenças como a cólera, beribéri e tifo, vindo-se obrigada a se retirar, sobretudo por se encontrar distante do Brasil, sendo atacada pela cavalaria paraguaia em várias ocasiões. Isso auxiliava a dizimar a coluna, que se retirou de Laguna, chegando a 11 de junho de 1868 com apenas 700 homens às margens do rio Aquidauana, no Mato Grosso.

22 de julho – As forças aliadas, sob o comando temporário de Caxias, iniciam o movimento de cerco a Humaitá.

2 de agosto – Ocupação aliada da posição norte da região do Humaitá.

3 de agosto – *Combate de Puru-Hué* (ou Peru-Huê), também identificado como *Combate de Penimbu* ou do *Arroio Hondo*. Na ocasião, o barão do Triunfo vence juntamente da cavalaria o ataque elaborado por uma coluna paraguaia.

15 de agosto – Navios de guerra brasileiros, sob o comando do almirante Joaquim José Inácio, investem contra as baterias de Curupaiti.

3 de novembro – *Segunda Batalha de Tuiuti*. As forças paraguaias atacam, mas fracassam na tentativa de deter o movimento do cerco de Humaitá.

21 de outubro – *A Batalha de Tatayibá*, travada pela cavalaria paraguaia, liderada por Bernardino Caballero, futuro presidente do Paraguai, contra a cavalaria brasileira, liderada pelo marquês de Caxias. Superando os inimigos em quase 3 a 2, a tropa aliada

sagrou-se vencedora. No caso, uma armadilha foi estabelecida pelos brasileiros, que observavam a saída a cavalaria inimiga percorrendo as matas. Essa artimanha aliada consistia em colocar poucos cavaleiros à vista dos paraguaios, que correriam atrás, encontrando o contingente brasileiro escondido na mata. Com isso, os rivais foram cercados em Tatayibá, tendo apenas alguns fugindo para Humaitá.

27 e 28 de outubro – A *Batalha de Potrero Obella* foi um episódio envolvendo apenas 300 paraguaios contra 5 mil brasileiros. Os primeiros, ainda que em número reduzido conseguiram matar 85 soldados e deixar 310 feridos. O general brasileiro Barreto, foi enviado de Villa del Pillar para capturar Tayi, nas margens do rio Paraguai e Potrero Obella, buscando bloquear as guarnições paraguaias, tendo sucesso na investida. Os inimigos sobreviventes foram pra Humaitá.

## **1868**

13 de janeiro – Mitre transmite a Caxias o comando do exército da Tríplice Aliança e regressa a Buenos Aires.

19 de fevereiro – Acontece a *Passagem de Humaitá*, onde a marinha brasileira passa pela artilharia do forte de Humaitá, pelo rio Paraguai, com seis embarcações. Na ocasião, o comandante-em-chefe da frota brasileira, o visconde de Inhaúma, autoriza a passagem à força pela fortificação, sem as embarcações sofrerem graves avarias.

19 de fevereiro – Abordagem do monitor Alagoas em frente a fortificação de Timbó, no rio Paraguai.

19 de fevereiro – Rebelião no Uruguai, liderada pelo ex-presidente Berro. Flores é assassinado. Mais tarde, no mesmo dia, Berro é capturado, preso e morto.

19 de fevereiro – *Tomada do Forte do Establecimiento* ou *Reduto Cierva* pelos aliados. Essa fortificação, junto com a de Humaitá selava o acesso por via fluvial da capital paraguaia. O ataque ocorre por conta da bem-sucedida *Passagem de Humaitá*, graças aos seis pequenos monitores couraçados comandados por Delfim Carlos de Carvalho, capitão-de-mar-e-guerra. Após quatro tentativas de assalto aliadas, o major paraguaio Olavarrieta ordenou a evacuação de seus homens para a fortificação de Humaitá, do outro lado do rio, já que estavam sem munição. Embora os aliados tenham tido sucesso na missão, tiveram entre mortos e feridos 1200 homens. Já os paraguaios, 150 homens e 9 peças de artilharia.

22 de fevereiro – A marinha brasileira aporta em Assunção.

2 de março – *Abordagem aos couraçados Lima Barros e Cabral* por canoas paraguaias disfarçadas de ramagens, aproveitando-se da escuridão da noite, mas sem sucesso.

3 de março – López abandona a fortaleza de Humaitá, armando novo quartel-general a 10 quilômetros, em San Fernando.

12 de junho – Eleições na Argentina. O chanceler Rufino Elizalde, herdeiro político de Mitre, vence Domingo Faustino Sarmiento, que defendia uma plataforma política contra a Guerra.

9 de julho - Abordagem do encouraçado Barroso e do monitor Rio Grande em frente a fortificação brasileira do Tagy, no rio Paraguai.

16 de julho – No Brasil, vence o gabinete conservador do visconde de Itaboraí.

18 de julho – *Batalha de Acayauazá*, ocorrida nos arredores do Reduto-Corá, contando com a vitória dos paraguaios, comandados pelo coronel Caballero, que armou uma armadilha contra os argentinos e brasileiros que sempre circulavam pela região, algo que os levou para uma emboscada. Morre no combate o coronel argentino Martínez de Hoz, e é tomado como prisioneiro o tenente-coronel argentino Gaspar Campos.

19 a 25 de julho – O coronel Martinez pede a Solano López permissão para evacuar a região do Humaitá, mas o general pede que fiquem por mais 5 dias. Todavia, a partir do dia 24, os soldados começam a evacuação, que se conclui no dia 25.

5 de agosto – *Ocupação de Humaitá* pelos aliados. O marquês de Caxias sugeria ao barão de Muritiba o final da guerra, julgando a ofensa de López aos aliados como quitada, mas se pondo à disposição do Império. Antes do episódio de Humaitá, Caxias já demonstrava interesse em deixar o conflito.

3 de novembro – *Segunda Batalha do Tuiuti*: Os paraguaios, atacando com 9 mil homens, liderados pelo general Vicente Barrios, tomaram rapidamente as trincheiras aliadas situadas na parte exterior, empurrando os aliados para a segunda linha, no campo de abastecimento. Os paraguaios começaram a efetuar saques no local, sendo posteriormente atacados pela artilharia da força aliada comandada pelo visconde de Porto Alegre, que contava com 1800 homens e 14 canhões. Na chegada da cavalaria paraguaia a Tuiuti, a infantaria recuou, entrava em combate o corpo de cavalaria argentina, contando com 800 homens vindos de Tuyucue, sob o comando do general Horno, dando fim ao combate às 21 horas.

Dezembro – Ocorrem uma série de ataques aliados às posições paraguaias, campanha conhecida como *Dezembrada*, indo em rumo a cidade de Assunção, capital paraguaia.

6 de dezembro – Acontece a *Batalha de Itororó*, comandada pelo então Marquês de Caxias. Para se chegar a ponte de Itororó, os brasileiros passaram pela cidade de Santo Antônio, em um caminho difícil de se percorrer. Ao chegar na ponte, o exército brasileiro iniciou a investida, sendo a sua retaguarda defendida pelo 1º Batalhão de Infantaria. O coronel Fernando Machado dava ordens para que as cavalarias, brigadas e bocas de fogo fosse para a frente auxiliar o combate. Os paraguaios, por sua vez, reforçaram a defesa do local, sabendo do iminente combate, colocando as tropas próximas à frente e uma boca de fogo estratégica que barraria qualquer inimigo que ultrapassasse a partir da outra margem. A campanha contou com seis investidas brasileiras. Nas primeiras, as tropas aliadas sentiram muita dificuldade para fazer a travessia. Os aliados conseguiram aos poucos infiltrar a partir da terceira investida. Na quarta, o coronel Fernando Machado morreria, sendo substituída a liderança da 5ª Brigada de Infantaria pelo tenente-coronel Oliveira Valporto. Além disso, chegavam reforços, sendo tomada a direção do combate pelo marechal-de-campo Alexandre Gomes Argolo Ferrão Filho, comandante do 2º Corpo do Exército. Na sexta e última investida, o exército imperial encontrava-se enfraquecido depois dos homens mortos e fora de combate. Com o atraso das tropas de Osório, Caxias viu-se obrigado a marchar em direção ao inimigo, dando vivas ao imperador, levando consigo seus homens para o “tudo ou nada”. As tropas vibravam ao mando de Caxias, algo que levantou o moral de forma com que tomassem de vez a posição. As baixas brasileiras chegaram a 285, 1356 feridos, 128 contusos e 95 praças extraviadas. Já do lado inimigo, estiveram 1600 paraguaios, mortos ou feridos.

11 de dezembro – No arroio de mesmo nome, acontece a *Batalha do Avaí*. Faz parte da *Dezembrada*, constando em mais uma vitória de Caxias. Osório também encontrava-se nesta batalha. Ao decorrer do conflito, a força paraguaia lutou firmemente, mas foi pega por um movimento de flanco, que a destruiu. Cerca de 100 paraguaios, incluindo o general Bernardino Caballero, tiveram êxito ao escapar. A tradição oral do povo paraguaio conta que centenas de mulheres participaram do combate.

21 e entre 27 a 30 de dezembro – A *Batalha de Lomas Valentinas* ou *Batalha de Ita Ybate*, na qual o exército paraguaio é finalmente aniquilado. Tendo o primeiro avanço contido no dia 21, o marquês de Caxias ordena nova investida a 27 de dezembro, tendo três dias de duração. Após o sucesso brasileiro, López foge para a cordilheira a leste de Assunção.

30 de dezembro – *Rendição de Angostura*: O coronel e engenheiro George Thompson rende-se na última fortificação fluvial paraguaia, situada em Angostura, com 1907 homens.



## 1869

1º a 4 de janeiro – *Ocupação e saque de Assunção* pelas tropas brasileiras. A cidade já estava evacuada, estando cercada por 30 mil soldados comandados pelo conde D’Eu, sendo saqueada. O próprio Arquivo Nacional do Paraguai foi apoderado por José da Silva Paranhos, fazendo parte do catálogo da coleção Rio Branco, presente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A guerra é considerada finalizada. Caxias ataca o teatro das operações paraguaias.

Janeiro/agosto – López forma novo exército paraguaio, retornando as operações de guerrilha.

Fevereiro – Missão de José Maria da Silva Paranhos, o futuro visconde do Rio Branco, em Buenos Aires e Assunção, com o intuito de se discutir sobre a formação de um governo provisório no Paraguai.

15 de abril – O conde d’Eu chega como novo comandante-em-chefe das forças aliadas.

5 de maio – Fundação de Ibicuí, onde eram produzidas as armas paraguaias, é destruída.

11 de junho – Estabelecido o governo provisório em Assunção.

12 de agosto – *Batalha de Piribebuy*: Assalto das forças aliadas, que tomam Peribebeu, capital provisória do Paraguai. Os defensores estavam mal armados e contavam com crianças entre eles. As tropas brasileiras, lideradas pelo conde d’Eu, ainda tentaram negociar duas rendições, sendo ambas recusadas pela cidade. Das 4 às 8 da manhã, a cidade foi bombardeada, e os aliados tiveram sucesso, com enorme superioridade numérica: 20 mil homens contra apenas 1600 paraguaios.

16 de agosto – *Batalha de Campo Grande*, também conhecida como *Batalha de Los Niños* ou *Acosta Ñu* pelos paraguaios, na região entre os arroios Piribebeu e Iuquiri. As tropas paraguaias foram duramente massacradas, sendo este o último grande confronto da guerra. López consegue escapar mais uma vez, recuando para o norte.

Setembro de 1869 – López é perseguido pelas forças aliadas.

## 1870

Março – Continuam as buscas por López em território paraguaio.

1º de março – *Batalha de Cerro Corá*. López é encurralado e morto em Cerro Corá, pelo soldado José Francisco Lacerda, conhecido como Chico Diabo, no extremo norte do Paraguai, sendo esta a sua última resistência e o início do fim do conflito.

## **O pós-guerra**

20 de julho – Tratado preliminar, assinado pelo governo provisório paraguaio, a Argentina e o Brasil, em Assunção; fim da guerra e livre navegação no sistema fluvial (questões territoriais são discutidas mais tarde).

Julho – Eleições para a Assembleia Constituinte paraguaia.

Novembro – Nova Constituição do Paraguai.

## **1870-1871**

As Conferências em Buenos Aires e Assunção fracassam na condução do tratado geral de paz. Negociações são feitas em separado.

## **1872**

9 de janeiro – Tratado de Paz entre Brasil e Paraguai. O Brasil garante o território reivindicado no nordeste do Paraguai, entre os rios Apa e Branco.

## **1876**

Fevereiro – Tratados de Paz entre a Argentina e o Paraguai são consolidados. A Argentina detém Missões, garante o Chaco central, entre os rios Bermejo e Pilcomayo, concorda em submeter à arbitragem dos Estados Unidos o território entre o rio Pilcomayo e Arroyo Verde e renuncia à reivindicação do norte do Chaco, também requerido pela Bolívia.

22 de junho – Última tropa brasileira deixa o Paraguai, cerca de seis anos depois do final da guerra.

Novembro – O presidente norte-americano Hayes concede ao Paraguai a área disputada pela Argentina.

## **1879**

Maior – Retirada da última tropa argentina do Paraguai.

## Anexo I – Projeto de Resolução – Pelo qual se cria uma Comissão de Verdade e Justiça no PARLASUR em relação à Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870)



### Proyecto de Resolución

#### **Por la cual se crea una Comisión de Verdad y Justicia en el PARLASUR en relación a la Guerra de la Triple Alianza (1864 – 1870)**

**Visto** que este año se ha cumplido un siglo y medio de finalizada la más sangrienta guerra que ha asolado a América del Sur, la denominada Guerra de la Triple Alianza (1864 – 1870), y que, hasta ahora, no se ha creado ningún tipo de Comisión de Verdad y Justicia, para todos los delitos de lesa humanidad involucrados en la misma, que no prescriben, pese al tiempo transcurrido; y,

**Considerando** que la citada guerra significó el genocidio del 90% de la población masculina adulta en condiciones de trabajar del Paraguay, así como de numerosos niños, mujeres y ancianos paraguayos, y también la esclavitud y el saqueo impune de todo el país, lo que nunca fue debidamente analizado en función a la verdad y la justicia por el Parlasur, pese a la evidencia de gravísimos delitos de lesa humanidad, incluso masivos asesinatos de indefensos niños y enfermos;

Que también se debe encontrar la verdad en el caso de los pueblos de los otros países, donde se asesinó y reprimió a quienes se oponían a la Guerra, como el caso del Uruguay, cuyo pueblo fue la primera víctima del conflicto, o a quienes no querían ser enrolados en la misma, como es bien conocido el caso de varias provincias de la Argentina y, también, en cuanto al Brasil, donde se forzó a los esclavos a alistarse como “carne de cañón”, bajo amenaza de muerte y con la promesa de ser liberados de la esclavitud al término de la Guerra; y,

Que causas también dramáticas de la humanidad, con heridas más recientes, como el apartheid en Sudáfrica, durante todo el siglo XX, o el Holocausto y los masivos asesinatos de nazi-fascismo, durante al Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), dieron lugar a Comisiones de Verdad y Justicia, o a Tribunales Especiales, como los de Nuremberg, buscando el esclarecimiento, lo que ayudó a la integración y pacificación de los pueblos involucrados.


Por consiguiente, el Parlamento del Mercosur adopta la siguiente:

### Resolución Parlasur N.º...

#### **Por la cual se crea una Comisión de Verdad y Justicia en el PARLASUR en relación a la Guerra de la Triple Alianza (1864 – 1870)**

**Artículo 1º.** Encomiéndase a la Comisión de Derechos Humanos del Parlasur constituir una Comisión Especial de Verdad y Justicia, en relación a la Guerra de la Triple Alianza (1864 – 1870), con el fin de indagar la verdad de los hechos ocurridos y buscar una justicia que repare los daños y perjuicios que sufrieron los pueblos de las repúblicas de Paraguay, Uruguay, Argentina y Brasil durante tal Guerra, que fue el peor conflicto armado de la región.

**Artículo 2º.** De forma.



Ricardo Canese  
Parlamentario del Mercosur